OS TRÊS IMPERADORES



Três primos, três impérios e o caminho para a Primeira Guerra Mundial

MIRANDA CARTER

"Uma obra de arte, uma das melhores biografias dos nossos tempos." — *Daily Telegraph*

OBJETIVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Miranda Carter

OS TRÊS IMPERADORES

Três primos, três impérios e o caminho para a Primeira Guerra Mundial

Tradução
Clóvis Marques



Copyright © Miranda Carter, 2009
Os direitos morais da autora foram assegurados.
Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
The Three Emperors

Capa
Adaptação de Pronto Design sobre design original de Nathan Burton

Imagens de capa
© Mary Evans Picture Library

Revisão
Ana Grillo
Fatima Fadel

Preparação
Diogo Henriques

Editoração eletrônica
Abreu’s System Ltda.





CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C345t
Carter, Miranda
Os três imperadores [recurso eletrônico]: três primos, três impérios e o caminho para a Primeira Guerra Mundial / Miranda Carter; tradução Clóvis Marques. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
recurso digital : il.

Tradução de: *The Three Emperors*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web

620p. ISBN 978-85-390-0497-3 (recurso eletrônico)

1. William II, Imperador da Alemanha, 1859-1941. 2. George V, Rei da Grã-Bretanha, 1865-1936. 3. Nicholas II, Imperador da Rússia, 1868-1918. 4. Guerra Mundial, 1914-1918 - Causas. 5. Alemanha - História. 6. Grã-Bretanha - História. 7. Rússia - História. 8. Europa - Política e governo - 1871-1918. 9. Livros eletrônicos. I. Título.

13-00986

CDD: 940
CDU: 94(4)

Para Finn e Jesse

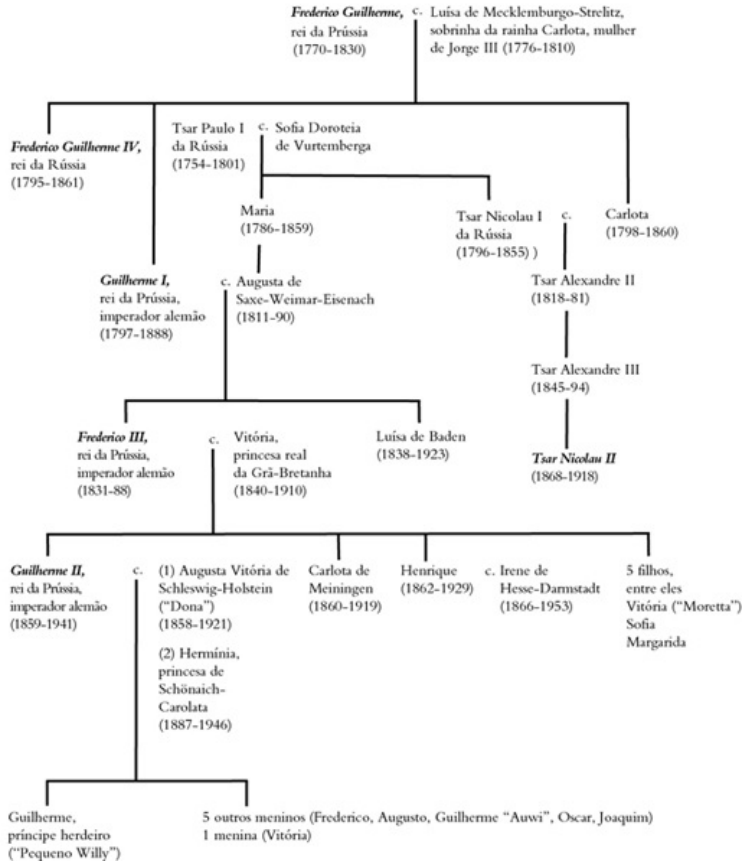
Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Árvores Genealógicas
Lista de ilustrações
Introdução
PARTE I - Três infâncias, três países
    1. Guilherme: uma experiência de perfeição (1859)
    2. Jorge: em segundo lugar (1865)
    3. Nicolau: uma torre de marfim cravejada de diamantes (1868)
PARTE II - Laços de família, disputas imperiais
    4. Guilherme imperador (1888-90)
    5. Jovens apaixonados (1891-4)
    6. Guilherme, o anglófilo (1891-5)
    7. A pérfida Moscóvia (1895-7)
    8. Por trás do muro (1893-1904)
    9. Imperativos imperiais (1898-1901)
PARTE III - Um promissor novo século
    10. O quarto imperador (1901-4)
    11. Consequências inesperadas (1904-5)
    12. Mudanças no continente (1906-8)
    13. Crise nos Bálcãs (1908-9)
    14. O manto de Eduardo (1910-11)
    15. Comemorações e advertências (1911-14)
    16. Julho de 1914
PARTE IV - Armagedom
    17. Uma guerra (1914-18)
Epílogo
Notas
Bibliografia

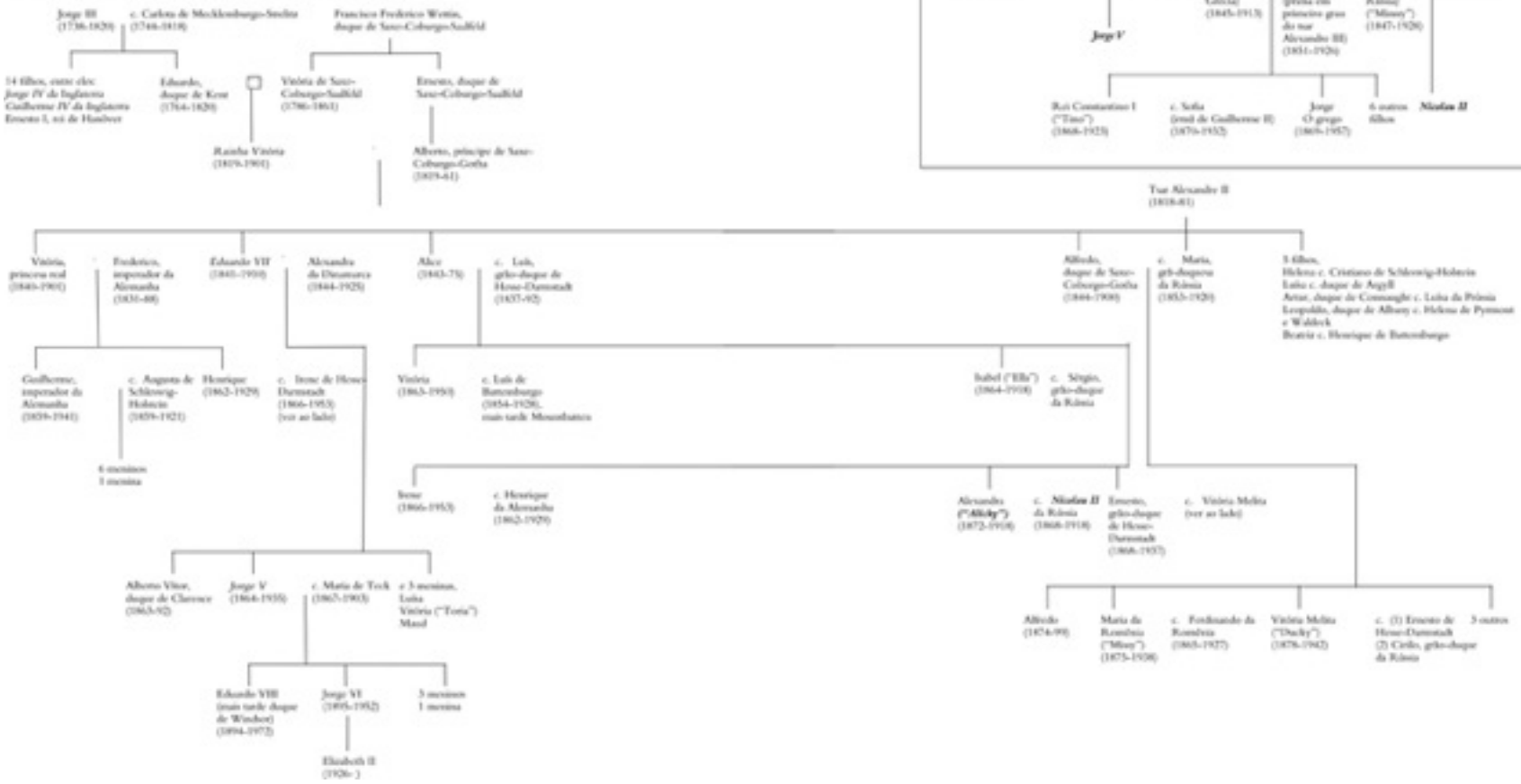
Agradecimentos
Caderno de fotos

Os Hohenzollern

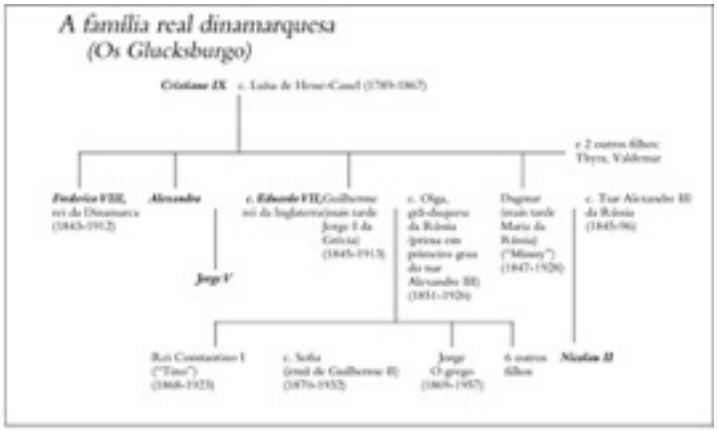
(e seu parentesco com os Romanov)



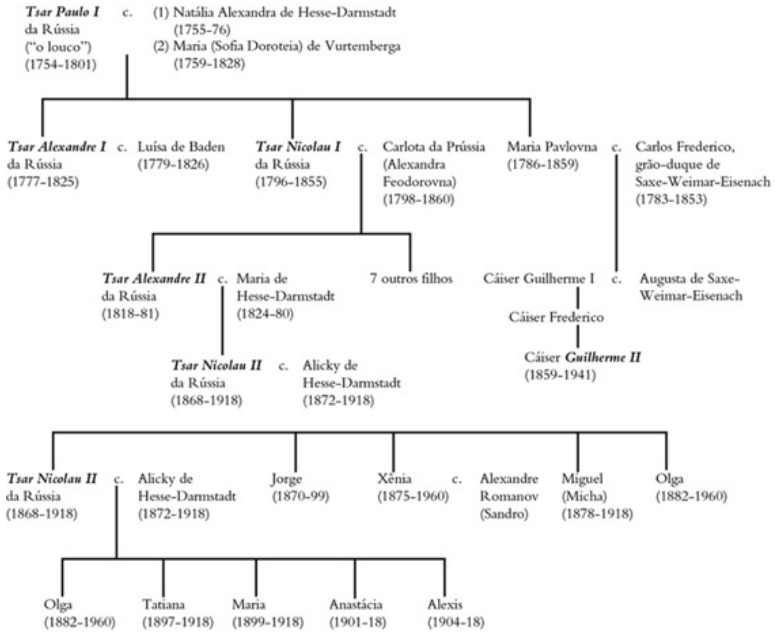
A rainha Vitória e a família real britânica



A família real dinamarquesa
(Os Glucksburgo)



Os Romanov


Tsar Paulo I da Rússia ("o louco") (1754-1801)
c. (1) Natália Alexandra de Hesse-Darmstadt (1755-76)
(2) Maria (Sofia Doroteia) de Vurtemberga (1759-1828)
Tsar Alexandre I da Rússia (1777-1825)
c. Luísa de Baden (1779-1826)
Tsar Nicolau I da Rússia (1796-1855)
c. Carlota da Prússia (Alexandra Feodorovna) (1798-1860)
Maria Pavlovna (1786-1859)
c. Carlos Frederico, grão-duque de Saxe-Weimar-Eisenach (1783-1853)
Tsar Alexandre II da Rússia (1818-81)
c. Maria de Hesse-Darmstadt (1824-80)
7 outros filhos
Cáiser Guilherme I
c. Augusta de Saxe-Weimar-Eisenach
Cáiser Frederico
Cáiser ***Guilherme II*** (1859-1941)
Tsar Nicolau II da Rússia (1868-1918)
c. Alicky de Hesse-Darmstadt (1872-1918)
Tsar Nicolau II da Rússia (1868-1918)
c. Alicky de Hesse-Darmstadt (1872-1918)
Jorge (1870-99)
Xénia (1875-1960)
c. Alexandre Romanov (Sandro)
Miguel (Micha) (1878-1918)
Olga (1882-1960)
Olga (1882-1960)
Tatiana (1897-1918)
Maria (1899-1918)
Anastácia (1901-18)
Alexis (1904-18)

Lista de ilustrações

1. Guilherme com a mãe e a irmã, 1860
2. Guilherme aos 4 anos
3. Guilherme na adolescência, com a mãe
4. Guilherme com o uniforme de cáiser, 1891
5. “Dispensando o piloto”, *Punch*, 2 de setembro de 1890
6. “Às ordens de Sua Majestade”
7. Augusta Vitória, conhecida como “Dona”, mulher de Guilherme
8. Guilherme e Dona na Inglaterra, 1899
9. “O treinamento dos jovens diplomatas”, *Simplicissimus*
10. Jorge, aos 3 anos, com a família
11. Jorge, aos 13 anos, com a mãe
12. Jorge e Nicolau na infância, na Dinamarca
13. Eduardo com a família, fim da década de 1870
14. Jorge e o irmão mais velho “Eddy”, fim da década de 1880
15. A rainha Vitória com Jorge e sua noiva, maio de 1893
16. Caricatura francesa da partilha da China, 1898
17. Jorge praticando tiro
18. Nicolau com as irmãs
19. O tsar Alexandre III com a família
20. Jorge e Nicky em Fredensborg, Dinamarca, 1889
21. Nicolau com o séquito na Índia, 1891
22. Nicolau e Jorge, julho de 1893
23. Alexandra aos 11 anos
24. Nicolau e Alexandra após o noivado, Coburgo, 1894
25. Fotografia de grupo em Coburgo, 1894
26. A rainha Vitória de charrete, Balmoral, 1896
27. Nicolau e Alexandra com a rainha Vitória e Eduardo, 1896
28. Nicolau e Alexandra em trajes tradicionais russos, 1903
29. Guilherme com o uniforme dos hussardos “cabeça da morte”
30. O salão do trem imperial de Guilherme
31. Filipe de Eulemburgo

32. Lorde Salisbury
33. Otto von Bismarck
34. Bernhard von Bülow
35. Guilherme a bordo do *Hohenzollern*, início da década de 1900
36. Eduardo, já feito rei, com os netos, 1903
37. Eduardo e Guilherme, c. 1901
38. Nicolau e Alexandra de férias em Hesse-Darmstadt
39. Nicolau no *boudoir* roxo de Alexandra
40. Nicolau e Alexandra com os filhos, c. 1910
41. Caricatura alemã da Entente Cordiale, 1906
42. Nicolau inaugura a primeira Duma, 1906
43. Nicolau recebendo Guilherme em Peterhof, c. 1912
44. Guilherme e Nicolau no iate imperial *Standart*, 1907
45. Navio de guerra britânico
46. Navios de guerra alemães
47. Guilherme e Nicolau numa caçada
48. Nicolau e Alexandra num parque de Moscou
49. Serguei Witte
50. Lloyd George
51. Bethmann-Hollweg
52. Grigori Rasputin
53. Nicolau e Jorge na ilha de Wight, julho de 1909
54. Nicolau e Jorge com as famílias, julho de 1909
55. Nove monarcas no funeral do rei Eduardo, 1910
56. Jorge e Maria depois da coroação
57. Nicolau e Guilherme em Berlim, 1913
58. Jorge e Guilherme, 1913
59. Jorge e Nicolau, 1913
60. Guilherme com Ludendorff e Hindenburg
61. Jorge com generais e o presidente da França
62. “Derrotem o cáiser e seus U-Boots”, cartaz dos Aliados na Primeira Guerra Mundial
63. Nicolau depois da abdicação
64. Nicolau com a família num telhado em Tobolsk

65. Jorge abrindo o parlamento, 1923
66. Guilherme em Haus Doom, 1938

Pela autorização para reproduzir as ilustrações, o autor e os editores agradecem a:

1, 3, 10, 34, 35, 37, 57, copyright Getty Images; 2, 8, 11, 15, 16, 27, 29, 32, 33, 36, 42, 52, 53, 54, 56, 59-66, copyright Corbis; 4, 6, 7, 12, 17, 20, 22, 23, 39, 55, 58, copyright The Royal Collection, 2009, Her Majesty Queen Elizabeth II; 9, copyright Bildarchiv Preussicher Kulturbesitz; 5, copyright Punch archive; 13, 14, 18, 21, 24, 25, 26, 28, 38, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, copyright arquivo de documentos fotográficos e cinematográficos do Estado russo, Krasnagorsk.

Introdução

Julho de 1917, o momento em que a Primeira Guerra Mundial chegava a um exaustivo terceiro ano, não foi um bom mês para os monarcas. Em Londres, Jorge V, rei da Inglaterra e imperador da Índia, decidiu mudar de nome. Mais ou menos um mês antes, ele oferecera um banquete no Palácio de Buckingham. A ocasião haveria de se revelar um pouco mais apagada e amarga que o habitual para um monarca europeu. Na tentativa de demonstrar seu comprometimento com o esforço de guerra, Jorge e sua mulher, Maria, haviam instituído um regime espartano no palácio: nada de aquecimento, luzes baixas, comida "simples" — carneiro em vez de cordeiro, manjar cor-de-rosa em vez de mousses e sorbets — e nada de álcool. O rei fizera promessa de abstinência, como exemplo à nação — um exemplo ao qual ela se mostrava visivelmente surda. Como não havia racionamento na Inglaterra, os aristocráticos convidados certamente teriam comido melhor em casa. E a conversa, muito provavelmente, não era o que se poderia chamar de brilhante. O rei e a rainha eram conhecidos por sua dedicação ao dever e sua retidão moral, mas não pelo brilho social: "O rei é mais chato que a rainha", rezava o refrão de um poemeto bem perverso do espirituoso escritor Max Beerbohm. Durante o banquete, lady Maud Warrender, eventualmente dama de companhia da rainha Maria e amiga de Edward Elgar e Henry James, deixou escapar uma referência aos boatos de que, por causa de seu nome de família — Saxe-Coburgo-Gotha —, o rei era considerado favorável aos alemães. Ao ouvir isto, Jorge "começou a ficar pálido".[1] Logo depois, levantou-se da mesa. Ele ficara abalado com a abdicação e a detenção, em março, de seu primo, o tsar da Rússia, Nicolau II; os novos boatos o levavam a temer mais uma vez por sua posição. Ele sempre se mostrara hipersensível a críticas e tinha uma certa tendência à autocomiseração, embora costumasse disfarçá-la com uma raiva vociferante. A guerra o havia consumido, embranquecendo-lhe a barba, gerando enormes bolsas sob os seus olhos e dando-lhe uma aparência cansada: os observadores comentavam que ele parecia uma velha moeda gasta.

As coisas iam pior ainda para o primo de Jorge, o cáiser Guilherme II, imperador da Alemanha. A guerra acabara de uma vez por todas com a ficção de que Guilherme — supostamente o vértice da autocracia alemã — seria capaz de

exercer uma liderança coerente. No início de julho, os dois mais graduados generais do cáiser, Ludendorff e Hindenburg, ameaçaram renunciar se Guilherme não demitisse seu chanceler. O gesto destinava-se a demonstrar e assegurar seu controle sobre o governo civil. Guilherme reclamou e se queixou, mas seu comprometido chanceler teve mesmo de renunciar. Os generais impuseram o substituto. Privando o cáiser do título de "supremo senhor da guerra", conferiram-no a Hindenburg. "Eu posso abdicar", resmungou Guilherme. Mas não o fez, permanecendo a fachada cada vez mais decorativa de uma ditadura militar. Na Alemanha, começou a ser chamado de "imperador-sombra". (Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, a propaganda de massa o apresentava como um monstro comedor de criancinhas, insuflando suas tropas a cometer atrocidades cada vez maiores.) Os mais próximos preocupavam-se com um grave "declínio da popularidade da ideia monárquica", suspirando ante a flagrante disposição de se iludir — Guilherme oscilava entre a depressão e "seu conhecido e impossível ânimo de vitória". Naqueles quentes dias de julho, praticamente prisioneiro do exército, ele percorria trincheiras nas frentes de batalha pespegando medalhas, para em seguida jantar na imponente propriedade de algum grande aristocrata: "Mais um suntuoso banquete e o mesmo bando de ociosos",[2] observaria um membro particularmente desiludido de seu séquito.

Mais a leste, nas imediações de Petrogrado, Rússia, no palácio de Alexandre em Tsarskoe Selo, "a aldeia do tsar", outro primo de Jorge, Nicolau Romanov, o antigo tsar — ao qual o rei sempre se dissera devotado —, cumpria seu quarto mês de prisão domiciliar desde a abdicação. Ao longo do mês de julho, Nicolau passava os dias lendo, cortando lenha e trabalhando em cerâmica na horta do palácio. Era um estilo de vida que sob muitos aspectos lhe convinha, e ele parecia encarar sua desgraça com um tranquilo estoicismo que até poderia ser confundido com alívio — mas a clareza nunca fora mesmo uma de suas virtudes. Nos dias quentes, seus filhos nadavam no lago, e o filho Alexis fazia projeções de filmes mudos em seu cinematógrafo. Longe de Tsarskoe Selo, os soldados russos se amotinavam na frente de guerra, e a 3 de julho operários, soldados e bolcheviques enfurecidos haviam descido às ruas de Petrogrado. O governo provisório moderado enfrentava combates ferozes para tentar manter-se no controle. A cidade fervilhava de boatos sobre uma iminente fuga do país dos odiados Romanov. Semanas antes, o ministro do Exterior do governo provisório

perguntara pela segunda vez ao embaixador britânico se a Grã-Bretanha poderia dar asilo ao antigo tsar e sua família. Profundamente constrangido, o embaixador declarou que seria impossível. No fim do mês, Aleksandr Kerenski, o novo primeiro-ministro, disse a Nicolau que a família teria de se afastar de Petrogrado para sua própria segurança, por alguns meses apenas. Eles deveriam estar de malas feitas e prontos para partir até 31 de julho. Seu destino seria Tobolsk, na Sibéria — o que, no fundo, parecia adequado: o velho regime mandara milhares de inimigos para a Sibéria. A mulher de Nicolau, Alexandra — talvez a mulher mais odiada da Rússia —, escreveu a uma amiga: "Quanto sofrimento esta nossa partida; tudo encaixotado, salas vazias — como dói."[3]

Na Inglaterra, Jorge encontrou um novo sobrenome a adotar: Windsor, de sonoridade irretocavelmente inglesa e completamente inventado. Isso estabeleceu a família real britânica de uma vez por todas como um produto algo fleumático, mas perfeitamente confiável dos Home Counties* ingleses. O que, naturalmente, não era verdade. Saxe-Coburgo-Gotha — como Windsor, não exatamente um sobrenome, mas uma indicação de origem — fora atribuído à avó de Jorge, a rainha Vitória (ela própria meio alemã), pelo avô dele, Alberto, o príncipe consorte, filho do duque de Coburgo, um alemão. Guardava um certo perfume das relações próximas e dos laços de sangue que uniam toda a realeza europeia, corroborados na Grã-Bretanha pelo fato de o cáiser Guilherme ser o neto mais velho da rainha Vitória. O pai de Jorge era tio de Guilherme; sua mãe era tia de Nicolau; Guilherme e Nicolau, por sua vez, eram ao mesmo tempo primos em segundo e terceiro graus, pelo casamento de uma tia-avó e um mesmo trisavô, o louco tsar Paulo da Rússia.

Ao tomar conhecimento de que Jorge mudara de nome, Guilherme fez aquela que terá sido praticamente sua única piada que chegou até nós: que estava louco para ver uma montagem cênica das Alegres Viúvas de Saxe-Coburgo-Gotha.

Cinquenta e tantos anos antes, esses três imperadores tinham nascido num mundo em que a monarquia hereditária parecia imutável, e os casamentos cruzados e o internacionalismo das dinastias reais, uma garantia de paz e boas relações internacionais. Como o mundo mudara! Este livro conta a história dessa mudança, através das vidas de Jorge, Guilherme, o último cáiser, e Nicolau, o último tsar, detendo-se na maneira como presidiram os últimos anos da velha Europa dinástica e o irromper da Primeira Guerra Mundial, o fato histórico que

daria início ao processo de transformação da Europa no mais violento continente da história mundial.

Ao longo da vida, Guilherme, Jorge e Nicolau se correspondiam e falavam de si em cartas e diários. A história de suas relações — assim como das relações com a avó de Jorge e Guilherme, a rainha Vitória, e seu filho Eduardo VII, que também reinou nessa época e cujas relações com os três foram cruciais (em certos momentos da redação deste livro, eu quase cheguei a considerar a possibilidade de dar-lhe o título de "Quatro imperadores e uma imperatriz") — é a saga de uma família ampliada e problemática, tendo como cenário um mundo minúsculo, reluzente, solipsista e altamente codificado. Mas essa história pessoal oculta também mostra de que maneira a Europa transitou de uma era imperial para uma era de democracia, autodeterminação e maior brutalidade.

Guilherme e Nicolau detinham um poder real, possivelmente mais poder do que deveria ser atribuído a qualquer indivíduo numa complexa sociedade moderna — e certamente a qualquer indivíduo não eleito. O que diziam e faziam tinha peso. O mesmo não se pode dizer a respeito de Jorge — embora nem ele nem seu pai nem sua avó se inclinassem a reconhecê-lo —, mas seu papel no funcionamento do governo estava imbricado na trama da política constitucional britânica e imperial, e havia momentos em que o monarca podia exercer influência.

Ao mesmo tempo, contudo, os três eram figuras anacrônicas, despreparadas pela educação e a personalidade para lidar com o mundo moderno, esquecidas pela história em posições cada vez mais fora de sintonia com sua época. O sistema em que se inseriam estava morrendo e as cortes europeias haviam deixado de ser vibrantes centros de iniciativa para se transformar em poças estagnadas de tradição e conservadorismo. O mundo as estava deixando para trás. Os grandes progressos e inovações técnicas, as grandes teorias científicas, as grandes obras-primas modernas das artes e das letras eram produzidos por homens — Tchekhov, Stravinski, Einstein, Freud, Planck, Yeats, Wilde, Picasso — que podiam ter nascido em monarquias, mas para os quais as cortes nada significavam. À medida que grandes movimentos de massas se apoderavam da Europa, as cortes e seus reis aferravam-se ao passado, erguiam muralhas de etiqueta para manter o mundo distante e se definiam pela forma, a indumentária e o direito de precedência. A corte de Berlim, por exemplo, ostentava nada

menos que 63 patentes militares. Na corte russa havia 287 camareiros e 309 cortesãos.

Apesar de ultrapassados pelo mundo, os três imperadores foram testemunhas da alta política nas décadas anteriores à guerra, beneficiando-se de uma proximidade negada a qualquer outro indivíduo — muito embora as conclusões que tiravam dos acontecimentos muitas vezes fossem erradas. O cáiser Guilherme e o tsar Nicolau conduziram seus países a um conflito que dilacerou as duas nações, acabou com a ilusão dos relacionamentos de suas respectivas famílias e levou a sua abdicação, exílio e morte. Jorge observava, em geral impotente. De vez em quando, todavia, apresentava-se uma ocasião em que suas decisões de fato tinham consequências. Por uma terrível ironia, 1917 — o ano em que ele mudou de nome — daria origem a um desses momentos, quando ele teve poder sobre o futuro do primo Nicolau. Sua decisão demonstraria de maneira eloquente o quanto a visão das relações reais sustentada pela rainha Vitória — e mesmo todo o edifício da monarquia europeia — estava irrevogavelmente falida.

Nota

Até 1918, as datas na Rússia seguiam o calendário juliano ou “antigo”, e não o gregoriano, que usamos atualmente. No século XIX, isso significava que as datas na Rússia estavam sempre 12 dias atrás das datas ocidentais e, no século XX, 13. Em minhas notas, usei a inicial “J” para indicar datas obedecendo ao calendário juliano.

Para os personagens cujos nomes apresentam tradução consagrada em português, foi observado o aportuguesamento: Nicolau em vez de Nikolai, Augusta Vitória em vez de Auguste Viktoria, e assim por diante.

* Os condados próximos de Londres. (N. do T.)

PARTE I

Três infâncias, três países

1. Guilherme: uma experiência de perfeição (1859)

Foi um parto terrível. O bebê estava em posição invertida, o que só foi percebido tarde demais. Aos 18 anos, a mãe sentia-se por demais constrangida para permitir que qualquer dos médicos da corte a examinasse ou mesmo lhe falasse sobre a gravidez — puritanismo que herdara da própria mãe. A experiência do parto haveria de curá-la. Para agravar a situação, uma urgente convocação ao mais eminente obstetra de Berlim perdeu-se no caminho. Depois de dez ou 11 horas de dor excruciante — a mãe implorava por clorofórmio, e recebeu um lenço para morder (seus gritos, escreveria mais tarde o marido, eram "horríveis"[1]) —, os médicos, um alemão e outro inglês, praticamente haviam desistido dela e do bebê. (Havia maus precedentes de médicos incumbidos de intervenções arriscadas em pacientes reais: quando a princesa Carlota, herdeira do trono britânico, morreu de parto em 1817, o médico que a atendia sentiu-se na obrigação de se matar com um tiro.) A criança só sobreviveu porque o famoso obstetra acabou recebendo a mensagem e chegou no último minuto. Com abundantes doses de clorofórmio e alguma dificuldade, o médico conseguiu retirar o bebê. Ele surgiu pálido, frágil, com um braço em torno do pescoço, fortemente contundido e sem conseguir respirar. A enfermeira teve de esfregá-lo e dar-lhe tapinhas repetidas vezes para fazê-lo chorar. Ao finalmente chegar, o som por ele produzido, escreveria o pai, "me atravessou como um choque elétrico"[2]. Todos choraram de alívio. Era o dia 27 de janeiro de 1859.

No momento do nascimento, dois fatores, ou talvez três, tiveram imediatamente um efeito definidor sobre a vida e o temperamento de Frederico Vítor Guilherme Alberto Hohenzollern — que logo ficaria conhecido como Willy, para diferenciá-lo, segundo afirmava o pai, da "legião de Fritz"[3] da família. Em primeiro lugar, o braço esquerdo do bebê foi danificado no parto — o que, em meio ao alívio e à empolgação que se seguiram ao nascimento, só seria notado três dias depois. Parece provável que, com a urgência de retirar o bebê antes que sufocasse, o obstetra o tenha puxado com violência e irremediavelmente esmagado os nervos do braço de Willy, tornando-o inerte e incapaz de crescer. Em segundo lugar, é possível, embora não se possa prová-lo, que esses primeiros minutos sem oxigênio tenham danificado o cérebro do bebê.

Willy haveria de se tornar hiperativo e emocionalmente instável; uma das possíveis causas seriam as lesões cerebrais sofridas no parto.

Em terceiro lugar, um acúmulo quase inviável de exigências e expectativas conflitantes desceu sobre Willy no momento em que nasceu. Pelo lado do pai, Frederico, um dos ubíquos Fritz, ele era herdeiro do trono da Prússia; sua mãe, Vicky, era a primogênita da rainha Vitória da Grã-Bretanha, e ele vinha a ser o primeiro neto da rainha britânica. Como herdeiro do trono da Prússia, maior e mais influente potência da confederação informal de 38 ducados, reinos e quatro cidades livres que levava o nome de Alemanha, ele era portador dos sonhos de futuro de sua família e de seu país. Nesses sonhos, a Prússia surgia como potência dominante numa Alemanha unificada, assumindo seu lugar como uma das grandes potências. Para a rainha Vitória, monarca do país mais rico e possivelmente mais influente do mundo, Willy era ao mesmo tempo um neto idolatrado — "uma bela criança gorda, com uma linda e macia pele branca"[4], diria ela ao finalmente botar os olhos nele vinte meses mais tarde — e o símbolo e veículo de um novo vínculo político e dinástico entre a Inglaterra e a Prússia, Estado que poderia ser levado pelo próprio futuro em várias diferentes direções, pelas quais a monarca britânica e seu marido nutriam intenso interesse. Três dias depois do nascimento, a rainha escreveu, encantada, à sua amiga Augusta da Prússia, a outra avó: "Nosso neto nos aproxima ainda mais, e a nossos dois países!"[5]

A rainha Vitória sentia profunda afinidade com a Alemanha. Sua mãe era alemã, assim como seu marido, Alberto, irmão menor do duque reinante no pequeno mas influente e central ducado alemão de Coburgo. Ela mantinha intensa correspondência com vários membros da realeza alemã, entre eles a mãe de Fritz, Augusta, e haveria de casar seis dos nove filhos com alemães. Embora a germanofilia da rainha fosse às vezes criticada na Inglaterra, os britânicos mostravam-se no mínimo menos hostis aos alemães do que à França e à Rússia, às vezes até evidenciando um sentimento de aprovação. Na batalha de Waterloo, Grã-Bretanha e Prússia lutaram lado a lado para derrotar Napoleão, e já bem entrada a década de 1850, em lembrança da velha aliança, ainda havia regimentos alemães estacionados no litoral sul britânico. Thomas Hardy considerava os hussardos alemães estacionados em Dorse na década de 1850 tão profundamente enraizados na cultura local que sua língua, com o passar dos

anos, se imiscuíra no dialeto local: "*Thou bist*" e "*Er war*" se haviam transformado em locuções habituais. A Alemanha — ou pelo menos sua parte norte — era a outra potência protestante da Europa. A cultura alemã era muito admirada. Por sua vez, os liberais da Alemanha viam na Grã-Bretanha o modelo de uma futura monarquia constitucional alemã, seus comerciantes admiravam as práticas britânicas e, na outra extremidade do espectro político, era para a Inglaterra que alguns dos integrantes mais reacionários da elite governante alemã — entre eles o avô alemão de Willy — haviam fugido durante as revoluções de 1848. Lá, ele e sua mulher, Augusta, haviam se tornado amigos — até certo ponto — da rainha e de seu marido, Alberto.

Alberto, o príncipe consorte, homem inteligente, enérgico e ponderado, mas desprovido de um papel público formal na Inglaterra, preocupava-se ainda mais que a mulher com a Alemanha, especialmente no que dizia respeito a seu futuro e ao da classe dirigente. Ele vira a realeza alemã abalada pelas revoluções de 1848, tendo sua própria existência questionada pela ascensão do republicanismo e dos movimentos democráticos. Passara a considerar que o futuro da Alemanha estava na unificação sob uma moderna monarquia constitucional liberal, como a da Inglaterra. A Prússia, como o maior e mais forte Estado da Alemanha, era o candidato mais óbvio.

Mas não seria necessariamente o candidato perfeito. A Prússia tinha um peculiar componente de hibridismo, como a própria Alemanha: em parte dinâmica e voltada para o futuro, em parte autocrática e atrasada. Por um lado, era um Estado rico, com um impressionante serviço público, um bom sistema educacional e uma região industrial em rápido crescimento na Renânia ocidental. Fora um dos primeiros Estados europeus a emancipar os judeus, e ostentava uma tradição de ativa cidadania, demonstrada sobretudo em 1813, quando o exército foi mobilizado para combater Napoleão por cidadãos decididos, e não pelo pusilânime rei. Depois de 1848, uma assembleia representativa, o Landtag, fora imposta ao monarca, e parecia verificar-se uma ascensão de políticos e pensadores liberais. Por outro lado, contudo, a Prússia continuava mergulhada no obscurantismo: era uma semiautocracia, com suas instituições governantes dominadas por uma pequena classe fundiária conservadora do interior tradicionalista da planície oriental do Elba, os junkers. Eles tinham fama de duros, austeros, incorruptíveis, terrivelmente reacionários, devotamente

protestantes, antissemitas, feudais em suas atitudes em relação aos trabalhadores, sua terra e suas mulheres, e resistentes a praticamente qualquer mudança — fosse a democratização, a urbanização ou a industrialização — que pudesse pôr em risco seus consideráveis privilégios. Entre estes, uma isenção quase completa de impostos. Eles dominavam a corte prussiana, a mais conservadora da Alemanha. Consideravam o vizinho mais próximo da Prússia, a Rússia — a grande rival mundial da Inglaterra —, um aliado natural, compartilhando com ele uma longa fronteira, a crença no governo autocrático e uma disseminada cultura militar.

O exército altamente profissionalizado da Prússia explica o domínio que o país exercia sobre a Alemanha, e sob muitos aspectos conferia coerência e identidade políticas a esse Estado. Há muito ele era dominado pelos junkers, e era o coração do conservadorismo prussiano. Quase todas as aristocracias europeias se identificavam com o exército, mas desde o século XVII a aristocracia prussiana, mais que qualquer outra, era estimulada pelos governantes a equiparar inteiramente sua condição de nobreza e seus privilégios a altas patentes militares. Não era incomum que meninos das classes dirigentes prussianas usassem uniforme militar desde os 6 anos de idade. A história mostrava que a guerra valia a pena: desde a Guerra dos Trinta Anos, no século XVII, a Prússia se havia beneficiado territorialmente de todos os conflitos militares ocorridos na Europa central. No século XVIII, Frederico, o Grande, duplicara o tamanho da Prússia graças a uma série de terríveis guerras na Europa central. A intervenção da Prússia nas Guerras Napoleônicas voltara a dobrar seu tamanho, transformando-a na potência dominante da Alemanha. Ao mesmo tempo, contudo, a cultura militar prussiana não decorria apenas da ambição de expansão e conquista, mas igualmente do fato de que a classe dominante se mostrava preocupada — e mesmo obcecada — com a vulnerabilidade do país na região central da Europa, sem contar com barreiras naturais, sempre na condição de vítima potencial das agressões territoriais de alguma potência maior. A expansão territorial alternava constantemente com a catástrofe e a ameaça de aniquilação. Durante a Guerra dos Trinta Anos, a doença, a fome e os combates haviam dizimado metade da população prussiana, e essa ferida ficara profundamente impressa na memória popular. Durante as Guerras Napoleônicas, a Prússia fora humilhada, invadida e ameaçada de desmembramento enquanto

franceses e russos acertavam contas. Desde então, mostrava-se hostil à França e adotava uma atitude de cuidadosa deferência em relação ao colosso russo bem ao lado. As dinastias governantes dos Hohenzollern e dos Romanov se aliavam pelo casamento e até desenvolveram autênticas amizades. A tia-avó prussiana de Willy, Carlota, casara-se com o tsar Nicolau I, e o avô de Willy, que viria a se tornar rei da Prússia e depois o cáiser Guilherme I da Alemanha, teve uma longa e estreita amizade com seu filho, o tsar Alexandre II.

As contradições da Prússia refletiam a extraordinária heterogeneidade da Alemanha e seus Estados como um todo. Dentro de suas fronteiras algo imprecisas, havia várias Alemanhas em conflito: a Alemanha que liderava o mundo na inovação científica e tecnológica, a Alemanha que era o Estado mais culto, alfabetizado e academicamente inovador da Europa — a Alemanha de Goethe, Leibniz, dos irmãos von Humboldt, Bach e Beethoven — andava par a par com a Alemanha decididamente grosseira dos junkers. A leste do Elba, cerne do território dos junkers, camponeses privados de direitos viviam em condições quase feudais, e no entanto a Alemanha era ao mesmo tempo a região mais industrializada da Europa, com as melhores condições de trabalho. Estavam na Alemanha alguns dos Estados mais hierarquizados e antidemocráticos da Europa, governados por uma infinidade de principetes cheios de si, mas ela também dera origem ao maior e mais organizado Partido Socialista do continente. Predominantemente católica, a Alemanha meridional convivia com a Alemanha protestante do norte. Parece perfeitamente concebível que Berlim, a capital da Prússia, com suas amplas avenidas, tivesse o aspecto de uma pista de parada militar, sendo ao mesmo tempo um centro de radicalismo político, erudição e de uma rica comunidade judaica.

O príncipe Alberto considerava que estava em curso uma batalha pela alma e o futuro político da Alemanha. “O alemão posiciona-se no centro, entre a Inglaterra e a Rússia”,[6] escreveu ele ao futuro genro Fritz, em 1856. “Sua elevada cultura e seu amor filosófico à verdade o aproximam da concepção inglesa, sua disciplina militar, sua admiração pela grandeza asiática (...) alcançada pela fusão do individual no todo o impulsiona na outra direção.” Alberto também achava que, depois de 1848, a monarquia estava ameaçada. Queria provar que o bom relacionamento entre as monarquias gerava paz entre os países. E chegara à conclusão de que os príncipes precisam justificar sua

posição através da superioridade moral e intelectual.

Um dos projetos de Alberto fora planejar um rigoroso regime acadêmico para os oito filhos, com o objetivo de transformá-los em príncipes muito bem preparados. Sua filha mais velha, Vicky — a favorita —, mostrou-se brilhante. Era inteligente, intelectualmente curiosa e entusiástica — qualidades nem sempre associadas à realeza. Seu irmão menor, Bertie — o futuro Eduardo VII —, sofrera terrivelmente sob o mesmo regime. Alberto considerava que, em circunstâncias adequadas, um casamento real entre a Grã-Bretanha e a Prússia poderia empurrar a Alemanha na boa direção, em direção à unificação, a uma monarquia constitucional e um futuro seguro para as famílias reais alemãs. Poderia até suscitar uma aliança com a Grã-Bretanha, aliança que poderia se tornar a pedra angular da paz na Europa. Alberto decidiu mobilizar sua talentosa filha pela salvação da Alemanha, casando Vicky com Frederico Guilherme Hohenzollern, sobrinho do rei da Prússia — Frederico Guilherme IV, sem herdeiros e cada vez mais alquebrado — e segundo na linha sucessória ao trono, depois do pai, então com 62 anos, e que já havia assumido boa parte das obrigações do irmão.

Fritz, como era chamado, era dez anos mais velho que Vicky, muito bem-apessoado, carismático e eficiente como oficial — de tal maneira encarnando o herói wagneriano que era conhecido na Alemanha como Siegfried. O casamento, ocorrido em janeiro de 1858, parecia bom no papel: o herdeiro do Estado protestante alemão em ascensão casava-se com a filha da potência mais rica e estável da Europa. Ao contrário da maioria dos casamentos reais arranjados, funcionou ainda melhor na realidade. De trato pessoal afável, sério e tendente à depressão — o que de certa forma ia de encontro ao rude ideal masculino do oficial prussiano —, Fritz, então com 27 anos, adorava sua inteligente esposa de 17, e ela o adorava. Também evidenciava, segundo constatavam Vitória e Alberto com aprovação, um certo apreço pela Inglaterra e admiráveis tendências liberais, absolutamente fora de sintonia com as do pai e da corte prussiana.

Na época, a ideia de enviar uma jovem completamente inexperiente de 17 anos para unificar a Alemanha talvez não parecesse tão extraordinária quanto hoje. As circunstâncias externas pareciam promissoras. Em 1858, o equilíbrio político da Prússia parecia estar nas mãos dos liberais, que acabavam de conquistar uma vitória esmagadora nas eleições para o Landtag. O rei da Prússia

já era idoso e estava em grande medida incapacitado por uma série de derrames, e o herdeiro, o pai de Fritz, estava com 62 anos. Fritz e Vicky não precisariam esperar muito para assumir o controle.

Era este o plano. Mas as coisas não se deram assim. Para começo de conversa, Alberto estivera afastado da Alemanha por longo tempo e não entendia o quanto a classe dominante prussiana desconfiava da anglofilia de Vicky e se sentia melindrada com a perspectiva de eventuais intervenções de potências maiores em seu país. "O fator 'inglês' é que não me agrada",[7] diria a um amigo o futuro chanceler Otto von Bismarck, "o 'casamento' pode ser muito bom (...) se a princesa deixar em casa a inglesa". Além disso, embora fosse extremamente inteligente, Vicky não tinha o menor talento para a política, era irremediavelmente desprovida de tato e se aferrava à sua ascendência inglesa. Em terceiro lugar, o pai de Fritz acabou tendo vida muito longa, designando como seu principal ministro Otto von Bismarck, o maior estadista conservador europeu do fim do século XIX.

As coisas acabaram dando errado muito depressa. A corte prussiana não se mostrava acolhedora, criticando os pontos de vista muito francos e a autoconfiança intelectual de Vicky. Das esposas prussianas, esperava-se que fossem caladas e submissas; não havia, como na Grã-Bretanha, espaço para que uma mulher inteligente e educada se destacasse. Comentava-se com desaprovação que Vicky dominava Fritz. Ela se encontrava com intelectuais e artistas, fossem ou não plebeus, o que ia de encontro às restrições sociais da etiqueta da corte: as princesas não abriam seus salões nem se misturavam com gente que não fosse da realeza. Perplexa e isolada, Vicky não sabia o que fazer. Reagiu com uma espécie de surdez social e uma total falta de tato estratégico, que haveria de se tornar uma de suas características. De maneira imperiosa e constante, queixava-se da grosseria, da rigidez e do tédio mortal da corte prussiana; dos tapetes puídos, dos pisos sujos e da falta de banheiros e privadas nos ancestrais castelos dos Hohenzollern;[**] das frequentes ausências de seu marido soldado. Pior ainda, tinha o insuportável hábito de dizer que tudo era melhor na Inglaterra, hábito que se tornou quase compulsivo com o passar do tempo. Isto parecia corroborar a suspeita dos prussianos de que ela pretendia submeter a Prússia à influência inglesa, embora na verdade se tratasse de uma expressão de solidão e saudades de sua terra. "Ela amava a Inglaterra e tudo que

fosse inglês com um fervor que às vezes provocava reações em seu meio prussiano”,[9] escreveria mais tarde uma de suas poucas aliadas, a dama de companhia Walpurga Hohenthal. “Eu era talvez a única que simpatizava inteiramente (...) mas era por demais jovem e inexperiente para entender que não seria de bom alvitre dar-lhes muito espaço.”

Na Inglaterra, seus pais não entendiam. A rainha tentava acompanhá-la muito de perto, às vezes mandando quatro cartas por semana e dizendo-lhe que não se aproximasse muito dos parentes prussianos. Alberto limitava-se a escrever uma vez por semana, mostrando-se mais cordato, mas à sua maneira igualmente insistente. Exigia ensaios sobre as questões internacionais e dizia-lhe que estudasse química e geometria — o que ela tratou de fazer. Os parentes da família do marido não se mostravam nada afáveis: o pai de Fritz, Guilherme, era um grosseiro arquitradicionalista que tinha o exército como mais profundo vínculo emocional. Exigia apenas que o filho e a nora comparecessem a todas as funções da corte e se mostrassem inteiramente obedientes à sua vontade. A mãe de Fritz, Augusta, que detestava o marido e despertava profunda aversão na corte, pelo menos em parte por ser uma mulher educada de pontos de vista liberais, era uma pessoa raivosa e difícil (o rei da Bélgica chamou-a de “o Dragão do Reno”[10]) e não fazia qualquer esforço para apoiar a nora. Os Hohenzollern eram sinônimo de família problemática. O pai de Frederico, o Grande (tetratio-avô de Guilherme), o havia encarcerado para obrigá-lo a assistir à execução do melhor amigo. Cada geração parecia mergulhada em conflitos edipianos.

Cerca de dois anos depois do nascimento de Willy, a “missão” de Vicky rolara por terra. “Não dá para imaginar como é doloroso estar permanentemente cercada de pessoas que consideram uma desgraça a sua existência”,[11] escreveu ela à mãe. Até que, pouco antes do terceiro aniversário de Willy, em 1861, Alberto morreu, deixando Vicky sem seu guia e herói. Nesse mesmo ano, Guilherme, o pai de Fritz, então com 64 anos, subiu ao trono, dando início a um reinado de 27 anos. Ele deixou claro que queria fortalecer as relações com a Rússia, anunciando na coroação que governava por direito divino, conceito abandonado pela coroa inglesa trezentos anos antes. Um ano mais tarde, no meio de uma batalha com o Landtag em torno da reforma militar, que todos esperavam terminar com a admissão pelo rei da diminuição constitucional de seus poderes,

ele nomeou Otto von Bismarck como seu ministro-presidente. Bismarck fechou o Landtag. Nos vinte anos subsequentes, ele transformaria a Alemanha no centro de força político da Europa continental, ao mesmo tempo alijando os liberais do poder e entregando os órgãos do governo nas mãos dos conservadores e dos proprietários fundiários, os junkers.

Vicky odiava Bismarck. “Esse maldito Bismarck (...) fez tudo que pôde para indispor o rei com Londres e lorde Palmerston e lorde Russell”, queixava-se ela em 1862. “Bismarck é um homem tão perverso que não lhe importa quantas mentiras conta para atender aos próprios objetivos, e é este o homem que vai governar o país.”[12] Para Bismarck, Vicky e Fritz eram um perigoso ímã para os ideais liberais. Ele deliberadamente tratou, então, de neutralizar o casal. Afastou o pai do filho e recorreu a todas as armas ao seu alcance, alimentando o moinho de boatos de Berlim e a imprensa alemã — em boa parte secretamente financiada por ele — com histórias comprometedoras, para caracterizar Vicky como uma sinistra representante das ambições britânicas na Alemanha e Fritz como seu joguete. Vicky se achava capaz de enfrentar Bismarck. “Eu gosto de entrar numa batalha”,[13] escreveu, otimista. Mas ela era uma amadora, dada a momentos de avaliação extremamente equivocada, e ele terá sido talvez o mais brilhante estrategista político do fim do século XIX. Como se não bastasse, a saúde de Vicky a deixava na mão: ela podia ficar semanas seguidas com crises de dores crônicas e febre, aparentemente sem possibilidade de cura, sintomas que certos historiadores hoje associam à porfiria,[14] a doença que havia provocado a loucura de Jorge III.

Não parecerá surpreendente, talvez, que a família e os filhos de Vicky tenham se transformado num de seus refúgios da hostilidade da corte, um lugar onde podia mostrar-se frustrada com sua situação, canalizando toda a energia da decepção. Eram ao todo oito filhos: Willy, sua irmã Carlota e seu irmão Henrique, de quem ele se sentia mais próximo; e mais cinco irmãos menores: Sigismundo, Vitória (conhecida como Moretta), Valdemar, Sofia e Margarida (ou Mossy), tendo os dois meninos morrido ainda na infância. A dinâmica familiar aparentemente era no essencial calorosa e amorosa. Quando Fritz caía numa de suas depressões, Vicky considerava que era possível dissipá-la com a companhia dos filhos. Ela os amava, especialmente o mais velho. “Você não imagina como essa criança é querida”,[15] escreveu à mãe quando ele tinha poucos meses ainda. “(...) Orgulho-

me tanto dele e fico tão feliz de andar por aí com ele.” Mas seu amor era complicado, especialmente no que dizia respeito aos três primeiros filhos, e sobretudo Guilherme. Ela oscilava entre ternura e amor e um brutal espírito crítico, expectativas excessivamente altas e ansiedade quando manifestavam alguma carência. Alberto lhe havia incutido a convicção de que o caráter podia ser criado e moldado pela educação, de que era possível alcançar a perfeição com trabalho árduo. “O bem-estar do mundo”,[16] dizia ele, dependia da “boa educação dos príncipes”. Com a ajuda da rainha, crítica incansável dos próprios filhos, ele também havia transformado a filha numa perfeccionista ansiosa, compulsivamente crítica de si mesma, e mais tarde dos filhos igualmente. Vicky decidira que o filho haveria de alçar-se ao nível do pai. Ela examinava atentamente cada gesto do menino — exatamente como os pais haviam feito com ela — e não raro encontrava falhas que não deixava de comunicar-lhe. Quando ele tinha 9 anos, ela escreveu à mãe: “Continuo louca por Willy e acho que ele promete muito. Ele nada tem de uma criança comum; se for possível eliminar ou minimizar o orgulho, a arrogância, o egoísmo e a preguiça (...) não falo tão abertamente dos nossos pequeninos senão a você.”[17] O que quer que ela dissesse à mãe, contudo, o fato é que não deixava de comunicar aos filhos sua insatisfação. Assinalava os erros de ortografia nas cartas que recebia de Guilherme e as mandava de volta. E não se mostrava menos perversa com o irmão, Henrique, referindo-se a “seu pobre e feio rosto”[18] e informando que ele se mostrava “terrivelmente negligente”[19] e “irremediavelmente preguiçoso”. A questão da perfeição (ou imperfeição) estava constantemente no ar, pois naturalmente Willy, com seu braço atrofiado, era visivelmente imperfeito.

Poucos meses depois do nascimento de Willy, estava claro que seu braço não se desenvolvia adequadamente. Ele não conseguia levantá-lo e os dedos se haviam enroscado, formando uma espécie de garra. Na Prússia, a realeza estava intimamente identificada com o exército e a bravura física. Ao nascer Willy, num gesto típico dos Hohenzollern, em sua total falta de tato, o pai de Fritz se perguntara em voz alta, na sua presença, se seria o caso de cumprimentá-lo pelo nascimento de um príncipe “defeituoso”.[20] Vicky estava permanentemente preocupada com a questão, perguntando-se se a nação toleraria um príncipe fisicamente incapacitado. “Nem posso dizer-lhe o quanto isto me preocupa, tenho vontade de chorar sempre que penso a respeito”,[21] escreveu ela ao pai

quando Willy tinha seis meses e começara a ser submetido a todo tipo de tratamentos estranhos para recuperar o braço. Ele era envolvido em compressas frias, espargido com água do mar, massageado e recebia semanalmente um “banho animal”, sendo colocado no interior da carcaça quente de uma lebre recém-abatida — experiência de que Willy parecia gostar muito, segundo observou a mãe. A rainha Vitória considerava a prática medieval, e efetivamente era: a ideia era que o calor do animal morto seria transmutado para o braço da criança. Mas pelo menos era algo inofensivo. O mesmo não se podia dizer do recurso que consistia em amarrar seu braço direito ao corpo, quando Willy começou a engatinhar, na tentativa de forçar o outro braço a funcionar. O menino ficava, assim, sem equilíbrio nas tentativas de aprender a andar. Mais perversos ainda eram os choques elétricos regularmente aplicados em seu braço a partir dos 14 meses de idade. “Ele fica tão impaciente, zangado, violento e agitado que às vezes eu fico muito nervosa”,[22] escreveu Vicky. Aos 4 anos, Willy estava com torcicolo: o lado direito de seu pescoço se havia contraído, levantando o ombro e fazendo-o parecer aleijado. (Um de seus biógrafos especulou que isto seria resultado de um desejo inconsciente de se desviar da afecção.) Para tentar corrigir o novo problema, ele era amarrado numa máquina para o alongamento dos músculos de seu lado direito. Vicky escrevia cartas cheias de dor e culpa à rainha Vitória, descrevendo e desenhando a engenhoca, que parecia um instrumento medieval de tortura. “Ele tem sido uma constante causa de preocupação desde que veio ao mundo. Nem posso dizer-lhe o quanto sofri quando o vi nessa máquina anteontem — fiz o possível para me impedir de chorar. Ver nosso filho sendo tratado como um deformado — é realmente muito duro. (...)”[23]

No fim das contas, o torcicolo foi corrigido com duas pequenas cirurgias para afastar os tendões que contorciam seu corpo. O braço jamais melhoraria, embora sempre houvesse a postos algum “especialista” com alguma “cura” milagrosa. Os choques elétricos e as máquinas de alongamento prosseguiram até a idade de 10 anos, quando os médicos começaram a perceber que os tratamentos o deixavam “nervoso e tenso”.[24] Guilherme afirmaria mais tarde que eles provocavam uma “dor intolerável”.[25] A única coisa que fazia alguma diferença era a prática de ginástica, que desenvolveu compensatoriamente grande força no braço direito de Willy.

Willy era um menino alegre, agitado e afetuoso. Aos 3 anos, segundo relato de Vicky, ele batia em seu rosto, dizendo: “Mamãezinha linda, você tem um rostinho lindo e eu quero beijá-la.”[26] Ele dormia em sua cama quando o pai estava ausente, com o exército, e ela ficava com ele com muito mais frequência que outros pais da realeza. “Willy é um menino muito querido, interessante e encantador”,[27] escreveu Vicky quando ele tinha 7 anos, “inteligente, divertido, sedutor, é impossível não mimá-lo um pouco. Ele está ficando muito bonito com a idade e seus olhos grandes têm de vez em quando uma expressão pensativa e sonhadora, mas logo voltam a brilhar de graça e prazer”. Mas ele também podia mostrar-se agressivo e difícil. Batia nas enfermeiras, por exemplo; depois de uma viagem à Inglaterra em 1864, sua avó queixou-se de que ele dava socos na tia Beatriz, que era apenas dois anos mais velha e tinha medo dele.[28] “Temos muita dificuldade para fazê-lo se comportar — ele sente tanto ciúme do Bebê”,[29] escreveu Vicky após o nascimento de sua irmã Carlota. Mais ou menos pelos 7 anos, na praia da ilha de Wight, ele teve um acesso de fúria e tentou chutar um distinto cavalheiro e atirar sua bengala no mar.[30] (O distinto cavalheiro, ex-secretário do príncipe Alberto, aplicou-lhe umas boas palmadas.) Em outra ocasião, no casamento de seu tio Eduardo na Inglaterra, em 1863, quando estava com 4 anos, ele ficou entediado, começou a esfregar as pernas dos tios Leopoldo e Arthur, para atrair sua atenção, atirou no coro a tira de couro usada na frente do saiote escocês e, ao ser advertido, mordeu um dos tios na perna.*** W. P. Frith, famoso pintor de cenas de multidão como as do *Derby Day* [dia de corrida de cavalos], que havia sido contratado para fixar o acontecimento num quadro, resmungou: “De todos os jovens turcos, ele é o pior.”[31] Aos nossos olhos hoje em dia, parece típico comportamento de criança mimada e indisciplinada, mas na época causava impressão ainda pior na mãe e nos parentes britânicos, embora isso talvez tivesse a ver com suas exageradas expectativas a respeito do comportamento desejável num jovem futuro monarca.

Para agravar as pressões e a confusão, havia as influências contraditórias de sua dupla ascendência inglesa e alemã. O conflito se traduzia em seu próprio nome: para a mãe e os parentes ingleses, ele era William, e para os parentes alemães e o país em geral, Wilhelm. Quanto mais Vicky se sentia alienada do ambiente alemão, mais denegria a ascendência alemã do filho. Um visitante de 10 anos relembraria as reprimendas endereçadas por ela aos filhos por molharem

o bolo no chá: “Não quero saber desses maus hábitos alemães na mesa!”[32] Ela estava decidida a extirpar pela raiz qualquer indício “desse terrível orgulho prussiano”,[33] e detestava a obsessão prussiana com o exército. Aos 10 anos, Willy escreveu à avó inglesa, queixando-se: “Houve recentemente duas paradas nas quais marchei em direção ao rei. Ele me disse que eu estava marchando bem, mas Mamãe disse que fui muito mal.”[34] Vicky disse à mãe que, em seu miniuniforme de Hohenzollern, ele ficava parecendo um “enfezado macaquinho de tocador de realejo”.[35]

Vicky deixava bem claro que tudo que fosse britânico era melhor. Dizia ao filho que a Marinha Real era a maior força de combate do mundo e o vestia de marinheiro aos 2 anos de idade, achando que era uma grande vitória fazê-lo antes que ele usasse um uniforme do exército prussiano.[36] “Ele gosta tanto de navios”,[37] disse à mãe quando ele tinha 5 anos, “e quero que seja estimulado ao máximo, como antídoto para a possibilidade de uma paixão militar por demais absorvente”. Em sua adolescência, escrevia-lhe exaltando a missão civilizatória imperial da Inglaterra e contrastando-a com as absurdas pretensões da Alemanha de assumir um papel protagonista na Europa.[38] Sempre que possível levava-o para visitar a rainha Vitória em Osborne House, sua casa de veraneio na ilha de Wight. Mesmo depois da Primeira Guerra Mundial, derrotado pelos britânicos e no exílio, as lembranças de Willy com relação a Osborne eram magníficas. “A casa de minha avó era absolutamente como uma segunda casa para mim, e a Inglaterra também poderia perfeitamente ter sido uma segunda pátria para mim”,[39] escreveu, saudoso. “Éramos tratados como filhos da casa.” Ele se lembrava de uma visita em 1871, quando tinha 12 anos, em que seu tio Arthur de Connaught o levou para um passeio em Londres. Ele ficou impressionado com a figura marcante de Arthur uniformizado; recordava-se de que sua tia favorita, Luísa, o deixava brincar em seus aposentos e lhe dava doces: lembrava-se de ter ido visitar o HMS *Victory* de Nelson em Portsmouth no vapor da rainha e de ter visto no caminho navios de combate britânicos ao largo de Spithead. Osborne, diria mais tarde, era “o cenário de minhas mais antigas recordações”. Contava-se na família que na primeira visita de Willy, em junho de 1861, quando tinha 2 anos e meio, Alberto o havia embalado numa toalha.

O príncipe consorte morreu seis meses depois, mas o vínculo continuou sendo importante para Willy e a avó. “Alberto”, escreveria ela um mês depois da morte

do marido, “amava essa criança tão querida com muito afeto, se preocupava muito com ele, estava convencido de que seria muito inteligente — de modo que meu amor por (...) essa doce criança (...) só pode ser ainda maior. Você sabe que ele é meu favorito”.[40] O fato de que Willy estivesse destinado a ser o monarca do mais poderoso Estado da Alemanha também chamava sua atenção. A rainha nunca fora muito apegada a bebês (“Não desgosto dos bebês”, escreveu, “mas sinto uma certa repulsa pelos muito pequenos”), e quando os netos começaram a surgir a um ritmo de três por ano reconheceu que representavam “um motivo de simples preocupação para meus próprios filhos” e “tampouco apresentam muito interesse”.[41] Mas Willy era o primeiro, e a rainha mostrava em relação a ele uma indulgência reservada a muito poucos. Ele a chamava de “pato” e ela o considerava “muito divertido e travesso, e na verdade muito impertinente, embora seja apesar de tudo muito afetuoso”.[42] Willy, por sua vez, era fascinado pela rainha. “Ela era uma avó de verdade”,[43] escreveu, agradecido. Os dois tinham um pelo outro um fraco que perduraria, apesar de tudo.

Para Vicky, naturalmente, era impossível manter o filho longe das influências prussianas. Como ele crescia em Berlim e Potsdam, muito adequadamente a capital ao mesmo tempo militar e de lazer da Prússia, os dois estavam cercados dos símbolos do poderio e da ambição militares prussianos — paradas e regimentos de treinamento — e viviam no vasto e algo frio Neues Palais, construído por Frederico, o Grande, como agressiva afirmação do poder prussiano (depois de construí-lo, ele decidiu que se tratava de uma obra de ostentação arquitetônica e se recusou a viver nele). Um palácio com centenas de compartimentos gigantescos e reverberantes, ele dava para um local de paradas militares. Quando Willy completou 10 anos, o avô, a essa altura o rei Guilherme da Prússia, começou a mostrar interesse pelo menino, exigindo que ele comparecesse a eventos militares e convidando-o a jantar em seus aposentos de ostentosa austeridade, nos quais dormia em sua velha cama de campanha, comia numa mesa de cartas e marcava o nível do vinho na garrafa para se certificar de que não seria roubado pelos criados. O rei, que podia ser extremamente encantador quando queria,[****] falava de suas campanhas napoleônicas e o neto ouvia, embevecido. As críticas e expectativas em casa tornavam o mundo do avô extremamente interessante para Willy. O rei tinha uma visão muito diferente dos deveres da realeza, absorto sem maiores complicações no exército, na dedicação

à causa prussiana, e para ele a realeza não precisava de maiores esforços educacionais para se revelar digna e importante: simplesmente o era.

O avô era um herói para o neto, tendo presidido — com alguma ajuda de Bismarck — a uma série de impressionantes êxitos militares na década de 1860, os primeiros anos de vida de Willy. Em 1871, mediante campanhas agressivas e manobras políticas, Bismarck aumentara dramaticamente a extensão territorial e a influência da Prússia. Em 1864, a Prússia tomou o Schleswig-Holstein à Dinamarca. Em 1866, expulsou a Áustria da Alemanha, durante a Guerra Austro-Prussiana, anexou mais Estados alemães e transformou o pai de Willy, Fritz, num autêntico herói militar, na batalha de Königgrätz. Em 1870, a Guerra Franco-Prussiana terminou com a derrota da França e a anexação pela Prússia da província da Alsácia-Lorena. Levou também à unificação da Alemanha sob a liderança da Prússia em 1871, ao mesmo tempo transformando a França em inimiga. A tensão entre os países seria um fato dominante da história europeia nos oitenta anos subsequentes; naquele momento, todavia, os prussianos saíam nitidamente triunfantes. Nove dias antes de Willy completar 12 anos, seu avô foi coroado cáiser de uma Alemanha unificada no Salão dos Espelhos de Versalhes, em uma assustadora encenação montada por Bismarck. Willy, naturalmente, acompanhou com avidez a campanha e o que se seguiu. Para seu grande e perene orgulho, foi autorizado a cavalgar atrás do pai em sua triunfal marcha pelo Portão de Brandemburgo.[44] Não surpreende, assim, que, não obstante seus esforços, Vicky constatasse no filho “uma certa receptividade aos pontos de vista grosseiros e tacanhos dos militares”.[45] Preocupava-a que o sogro e a corte estivessem estimulando em Willy “um orgulho equivocado, na suposição de que fosse patriótico”.[46] Preocupava-se com a admiração do filho por Bismarck. Ante a família inglesa, contudo, defendia acaloradamente as campanhas prussianas. Como observaria seu irmão Eduardo, não havia na Alemanha ninguém mais inglês e na Inglaterra não havia ninguém mais alemão.

Vicky estava decidida a impedir que o filho se transformasse ao crescer num estereótipo de oficial prussiano. Seguindo o exemplo do pai, queria que ele fosse um novo tipo de príncipe: educado, consciente, alguém que desconcertasse as forças do republicanismo. Encontrou para ele um grupo de companheiros de brincadeiras provenientes de meios não exclusivamente da aristocracia prussiana, filhos de embaixadores e empresários. Aos 7 anos, quando os

príncipes europeus tradicionalmente deixavam os cuidados maternos, Willy foi encaminhado a George Hinzpeter, um liberal calvinista extremamente sério, que planejava aplicar as ideias mais recentes em matéria de educação e mostrar a Willy e a seu irmão Henrique certas realidades da vida moderna, para que "não crescessem na ignorância das necessidades e interesses das classes mais baixas".[47] Não era importante mandá-lo para uma escola. Seria difícil exagerar o grau de distanciamento que semelhante opção apresentava em relação à educação padrão de um membro da realeza: em sua maioria, os príncipes europeus eram confiados a tutores militares, aos quais se subordinavam os tutores civis; quase todos eram mantidos em total isolamento do mundo. Era sob muitos aspectos um plano louvável, mas a combinação das expectativas de Vicky, da escolha de Hinzpeter e da personalidade de Willy, que começava a se manifestar, teria efeitos nefastos. Talvez tivesse igualmente um efeito negativo o contraste entre as expectativas da mãe e do tutor e o fato de todo mundo — os criados, a corte prussiana, lendária em sua atitude deferente — tratá-lo como um pequeno deus. Guilherme afirmaria mais tarde que desde os 7 anos fora forçado a se submeter a um regime de "constante renúncia".[48] Na verdade, os primeiros anos foram antes amenos: muitas viagens, música e desenhos, assim como inusitadas incursões em fábricas e residências de súditos da classe trabalhadora. Guilherme gostava de se jactar, já crescido, do fato de que ter tido contato com "a dura poesia"[49] da vida da classe trabalhadora permitira-lhe "aprender a entender o trabalhador alemão e sentir por sua condição a mais calorosa empatia".

Quando Willy chegou aos 11 anos, contudo, as coisas começaram a dar errado. As críticas de Vicky ganharam nova intensidade. "Ele é muito arrogante, extremamente resguardado e bastante voltado sobre si mesmo", escreveu ela a Fritz um mês antes de o filho completar 12 anos, em dezembro de 1870, "ofende-se com qualquer comentário, faz-se de vítima e não raro dá respostas desaforadas; além disso, é incrivelmente preguiçoso e desmazelado. (...) Por outro lado, mostra-se mais esperto e animado que *todos* os colegas e mais cuidadoso e agradável que o resto deles". Ele era, observava Vicky — e outros também o fariam —, rápido e curioso, mas não tinha resistência. Hinzpeter também se mostrava insatisfeito. Seus ensinamentos, avisava, especialmente as tentativas de moldar "o desenvolvimento interior da mente e do coração",

haviam fracassado redondamente até então. Em vez de reformular o plano, eles decidiram intensificar a pressão e a disciplina. O regime tornou-se mais rigoroso e duro. Referindo-se a Willy aos 14 anos, Hinzpeter falava de sua "nefasta autoadulação" e do "desagradável traço de arrogância (...) [que] reforça a indolência de que a natureza tão generosamente o dotou". Chamava-o de preguiçoso e presumido. "Entretanto, os indícios de boa vontade positiva em relação a qualquer pessoa são tão raros quanto se mostram frequentes os episódios de desapiedado egoísmo (...) um egoísmo de uma dureza quase comparável à do cristal (...) constitui o cerne mais profundo do seu ser."[50] Seria impossível dizer se os defeitos de Willy eram inatos ou apenas a reação raivosa de um adolescente aos padrões absurdamente elevados da mãe e do tutor, mas essas características haveriam de se manifestar gradualmente no Guilherme adulto. Ainda assim, seu tio inglês Bertie, encontrando-se pela primeira vez desde 1878 com Willy, então com 19 anos, e seu irmão, recordaria: "É impossível encontrar dois rapazes mais gentis que Guilherme e Henrique."[51]

Seja qual for a verdade, a pressão exercida pela mãe e Hinzpeter sobre Willy saiu terrivelmente pela culatra, e até Vicky teve de reconhecer que Hinzpeter talvez não fosse a pessoa mais indicada para cuidar da formação de um adolescente tão sensível e complicado. Depressivo, ele parece ter-se convencido de que fora apanhado numa luta maniqueísta para moldar o caráter de Willy, mas não se dava conta de que tudo que fazia apenas agravava as coisas. Como escreveria Guilherme, o plano consistia em "apoderar-se da alma do pupilo (...) 'moldá-la' à força". Em vez de admitir que pelo menos em parte a arrogância de Willy era uma tentativa de se aferrar a alguns farrapos de autoconfiança, frente ao constante assédio a seu temperamento, Hinzpeter considerava que o pupilo precisava na verdade de "humilhação".[52] Decidiu-se em 1874 que Willy, então com 15 anos, seria enviado a um ginásio, escola secundária para meninos. Externamente, isso representava uma tentativa inusitadamente moderna de dar-lhe a oportunidade de conviver com seus contemporâneos. Mas a intenção era outra: Vicky encarava a iniciativa como uma maneira de manter Willy longe da influência do cáiser; Hinzpeter, como uma forma de reprimi-lo o mais possível. O convívio com outros rapazes serviria para aniquilar "sua falsa estimativa da própria capacidade".[53] Ao mesmo tempo, Hinzpeter fazia um jogo de manipulação, criticando Vicky na frente de Willy, mas dizendo a ela e a Fritz que

não o apoiavam o suficiente. Vicky preocupava-se, mas, tendo dado semelhante passo em direção desconhecida, temia demitir o piloto.

A reação de Willy a tudo isso transparece em suas memórias, escritas quase cinquenta anos depois e contendo o famoso relato sobre como o ensinaram a cavalgar — apesar, naturalmente, de ter uso apenas de uma das mãos. Hinzpeter o colocou no dorso de um cavalo e deixou que caísse repetidas vezes, não obstante as lágrimas e súplicas do menino, até que recuperasse o equilíbrio. "Quando ninguém estava olhando, eu chorava",[54] escreveria Guilherme. Parece provável que isto não tenha de fato acontecido,[*****] mas é claro que as emoções assim sugeridas terão sido perfeitamente reais. "Esperava-se o impossível do pupilo, para obrigá-lo a alcançar o grau mais próximo da perfeição. Naturalmente, o objetivo impossível jamais seria alcançado; logicamente, assim, também estava excluída a possibilidade do elogio que assinala aprovação."[55] Esta poderia ser uma descrição de toda a sua infância. Ele começou a se retirar para uma realidade alternativa quando a vida não se mostrava à altura, hábito que haveria de se tornar pronunciado na vida adulta. Sob certos aspectos, contudo, ele tivera êxito espetacular: ao chegar à adolescência, mostrava-se tão destro com o braço comprometido que muitas vezes as pessoas não o notavam. Cavalgava e atirava, tinha uma compleição física robusta. Não conseguia vestir-se ou cortar a comida sem ajuda, mas muitos membros das realezas europeias eram mesmo absurdamente dependentes dos criados. Uma grã-duquesa russa reconheceu que antes da revolução não era capaz de abotoar as próprias botas.[56]

Willy não gostou dos dois anos e meio que passou no Lyceum Fredericianum, o ginásio da pequena e pitoresca cidade alemã de Cassel que frequentou com o irmão Henrique — o qual, por muitos considerado dócil e apagado, estava ali sobretudo para fazer companhia — sob a supervisão de Hinzpeter. O tutor o fazia trabalhar muito além do dia normal de escolarização, começando às cinco da manhã e terminando às oito da noite, seis dias por semana, ao mesmo tempo que fazia saber a todos, inclusive Willy, que não o considerava à altura do desafio. Na verdade, Guilherme saía-se muito bem em sala de aula e se dava com os outros meninos, mas não era estimulado a se aproximar muito. Hinzpeter insistia em que se dirigissem a ele com o tratamento formal de *Sie*, ao mesmo tempo que resmungava sobre o "isolamento do pobre rapaz".[57] E em virtude da etiqueta real, sempre que Guilherme entrava numa sala, comentaria um de seus

tutores, todos eram obrigados a guardar silêncio e ficar de pé, passando então a segui-lo a uma respeitosa distância. Apesar das tensões, Guilherme ainda se sentia mais feliz e à vontade na companhia da família. Para começo de conversa, parecia um tanto fixado na mãe: enviava-lhe cartas intensas contando sonhos nos quais as mãos dela o acariciavam e escreveu sobre "o que faremos na realidade quando estivermos sozinhos em nossos quartos, sem testemunhas".[58] As cartas tinham evidente e profunda conotação sexual, mas também eram pedidos de amor e apoio. Lisonjeada e confusa, Vicky tentava disfarçar com gracejos sobre sua "pobre e velha Mama", e não foi capaz de ir em seu auxílio.

Willy concluiu o curso em Cassel aos 18 anos, em 1877, ficando em décimo lugar numa turma de 16. Livre de Hinzpeter e da escola, ele imediatamente tratou de se distanciar o máximo possível da influência da mãe. Estimulado pelo avô, entrou para o I Regimento de Guardas de Infantaria, o mais pomposo e aristocrático regimento da Alemanha, e deixou a casa da família. A unidade não era apenas um campo de treinamento, mas também um clube social: os deveres eram leves, e os divertimentos, muitos. Willy viu-se cercado de jovens da mesma idade e classe, com pontos de vista nacionalistas de direita e um forte senso de direitos privilegiados, além de mergulhar numa cultura em que, como escreveria um observador berlinense, "era o ídolo reconhecido do jovem corpo militar, além de instrumento fácil de Bismarck (...) cercado por aduladores".[59] A cabeça de Willy virou. Ele adorava o I Regimento de Infantaria: as múltiplas atividades, a companhia masculina, a ação constante, as brincadeiras, sentir-se esplendidamente à frente da uma companhia — e gostava particularmente do fato de os colegas lhe prestarem deferência e o lisonjearem. Potsdam, dizia, era seu "el dorado".[60] Depois de tantos anos de dias de trabalho de 14 horas, ele não demorou a perder o interesse por qualquer coisa que o obrigasse a dedicação mais prolongada, para decepção dos pais. Na Universidade de Bonn, onde passou em seguida dois anos, ele passeava pela economia, pela física, pela química, pela história, pela filosofia e pelas artes governamentais, mas passava a maior parte do tempo no Borussia, o pomposo clube de duelos e bebidas da universidade, frequentado por filhos de grão-duques. Um de seus tutores universitários comentaria: "Como qualquer membro da realeza por demais adulado na juventude, o príncipe achava que sabia tudo, sem ter aprendido nada."[61] Hinzpeter chegou à conclusão de que todo o seu esforço fora "um total

fracasso”,[62] embora se dissesse com frequência que Willy adquirira com ele uma certa “frieza”.[63] Cinquenta anos depois, Guilherme ainda não sabia se era grato ao tutor ou se o odiava.

Não surpreende, assim, que Vicky visse sua identificação com o exército como um deliberado gesto de rejeição, como de fato era. “Antes de entrar para o regimento”,[64] diria ele a um amigo, “eu vivera muitos anos de medo ante a falta de reconhecimento da minha natureza, a ridicularização daquilo que era mais importante e sagrado para mim: a Prússia, o Exército e os deveres gratificantes que eu encontrava pela primeira vez nesse corpo de oficiais e que me proporcionaram na vida tanta alegria, felicidade e satisfação”. Quando seu irmão menor Valdemar morreu de difteria no ano seguinte, 1878, a família ficou muito abalada ao se dar conta de que Guilherme praticamente não parecia afetado. Vicky, segundo diria ele a um entrevistador décadas mais tarde, o encarava agora com “amarga decepção misturada a maternal solicitude”.[65] A ironia era que, tendo conseguido escapar — graças à mãe — aos anos de estrito treinamento militar que um Hohenzollern normalmente deveria esperar, Guilherme não apresentava os disciplinados hábitos mentais nem a experiência de um autêntico oficial prussiano. Ou, por outra, ele até que desempenhava o papel — impecável apresentação, hábitos alimentares e de bebida moderados, se não ascéticos —, mas não tinha a cultura da dedicação. Assim como fora um estudante diletante, era também um soldado diletante. Seu ajudante de ordens, Adolf von Bülow, o experiente soldado destacado para o seu serviço na vida militar, reconheceu que, depois de cinco anos no I Regimento de Infantaria, Guilherme revelara-se um total fracasso no aprendizado dos autênticos valores da soldadesca.[66]

A tentativa de Vicky de desafiar os estereótipos da criação real e do militarismo prussiano gerara um estranho híbrido. “Um menino sensível e cheio de animação, com um cérebro ágil e rápido, mas sem uma inteligência profunda”,[67] escreveria sobre Guilherme a glamorosa aristocrata inglesa Daisy Cornwallis, que se casou com um aristocrata alemão. “(...) Ele sempre achava que sabia tudo e ninguém ousava dizer-lhe que às vezes estava errado. Detestava ouvir a verdade e raramente, ou talvez nunca, perdoava os que insistiam em dizê-la.” A obsessiva aversão a qualquer crítica haveria de tornar-se uma das características mais marcantes de Guilherme. Os que queriam permanecer em suas graças rapidamente descobriram que a melhor maneira de ganhar influência

sobre ele era através da lisonja.

O que Guilherme efetivamente tinha era uma identidade, ou talvez um disfarce. No exército, apreciava particularmente as aparências: o cerimonial, o treinamento, o bater de calcanhares, as medalhas e sobretudo os uniformes. Depois dos 20 anos de idade, quase nunca vestiria outra coisa. Transformou-se numa caricatura de oficial prussiano, com um jeito pomposo, vigoroso e empertigado, uma confiança aparentemente ilimitada na própria capacidade, aparentemente impermeável a qualquer dúvida ou crítica, um novo bigode de pontas recurvadas e pontos de vista — opostos aos da mãe — devidamente combinando com tudo isto.

Em 1881, aos 22 anos, Willy casou-se com Augusta Vitória de Schleswig-Holstein-Sonderburgo-Glucksburgo-Augustemburgo, conhecida como Dona, mulher oposta a Vicky em seu jeito convencional, obediente e nada ameaçador, e passou a ocupar sua própria residência, o Palácio de Mármore de Potsdam, encantadoramente íntimo, pelos padrões prussianos. Submissa, devota e fértil, Dona haveria de revelar-se uma filha irretocavelmente correta do império alemão: imbuída de máximo respeito pelo marido, assim permaneceu, concordando com tudo que ele dizia, obedecendo a cada estipulação sua (chegando a tomar pílulas de dieta para manter-se magra e usando trajes por ele desenhados) e dando-lhe apoio constante e sem questionamentos. Mas ela também ostentava algumas limitações da nova Alemanha. Mostrava-se tacanha e xenófoba, detestando católicos, ateus, liberais e estrangeiros, especialmente os ingleses. Meses depois de se casar, mal dirigia a palavra a Vicky, que, com seu faro para desastres, escolhera Dona como noiva para Guilherme (muito embora o ramo prussiano da família não a julgasse suficientemente bem-nascida), na esperança de que esta a ajudasse a superar o fosso entre ela e o filho.

Passado um ano, Dona dera à luz um herdeiro, o “Pequeno Willy”, e se seguiram mais cinco robustos filhos de nomes magníficos — Eitel Frederico, Adalberto, Augusto Guilherme, Oscar e Joaquim — e uma filha, Vitória. Guilherme, contudo, passava muito pouco tempo com a mulher, pois a achava terrivelmente chata e provinciana. Mantinha-se fiel a ela, mais ou menos. Nos primeiros anos do casamento, teve em Viena e Estrasburgo um par de amantes, que tiveram de ser compensadas pelos Bismarck quando ele se mostrou notoriamente destituído de generosidade na hora de retribuir-lhes pelos serviços

prestados. Era evidente, contudo, que preferia a companhia dos homens, e sobretudo dos soldados, formando um séquito de oficiais do exército prussiano virulentamente anglofóbicos e passando tanto tempo quanto possível em seu regimento.

O apego de Guilherme ao exército não era apenas uma questão de política e masculinidade. Já feito cáiser, ele haveria de se cercar de jovens ajudantes de campo altos, bem-apessoados e empertigados, predileção que levaria um integrante de seu séquito a comentar, vinte anos mais tarde, que se tratava de "uma relação simplesmente religiosa".[68] Certamente havia um componente homoerótico na paixão militar de Guilherme, e é quase certo que ele tenha sido notado por Bismarck. Em 1886, Guilherme foi apresentado ao conde Filipe de Eulemburgo, diplomata e compositor amador 12 anos mais velho. Eulemburgo era reconhecidamente cativante, tinha um jeito informal e era o líder de um pequeno grupo de aristocratas alemães politicamente reacionários, anglofóbicos, "artísticos" e homossexuais conhecido como Círculo de Liebemburgo, do nome da propriedade onde se encontravam. Eles se correspondiam infindavelmente, queixando-se do horror da vida moderna, que os obrigava a esconder seu "verdadeiro eu", seu *Eigenart*. Bismarck, a quem Eulemburgo se reportava depois dos encontros, aparentemente esperava que o conde, rigidamente conservador, se revelasse uma influência útil sobre Guilherme. Em 1888, seu filho Herbert von Bismarck escreveu: "Há muito eu sei que SM ama Fili Eulemburgo mais que a qualquer outra pessoa viva."[69]

Eulemburgo apaixonou-se perdidamente por Guilherme, ou pelo menos uma versão idealizada dele, e Guilherme correspondeu a seu afeto e admiração perfeitamente palpáveis. Dona aparentemente oscilava entre considerar Eulemburgo como um amigo da família e um profundo sentimento de ciúme. A relação era cultivada em cartas e uma série de festas e viagens anuais, nas quais Eulemburgo e os amigos riam com aprovação de tudo que Guilherme dissesse. Aparentemente eles também se mostravam extraordinariamente cuidadosos no sentido de não demonstrar sua homossexualidade explicitamente perto de Guilherme (a quem se referiam em caráter privado com um devotado "der Liebchen",[70] "querido"), embora, naturalmente, o sentimento subjacente não estivesse muito longe. Ao longo de vinte anos, Guilherme jamais se permitiu reconhecer diretamente a homossexualidade de Eulemburgo.

Em 1882, começaram a circular na corte de Berlim histórias em que Guilherme não perdia uma oportunidade de manifestar sua aversão a tudo que fosse inglês, especialmente a própria mãe, e em que assumia atitudes politicamente antidemocráticas. “Apesar de jovem, o príncipe Guilherme é um rematado junker reacionário”,[71] informava em 1883 o herdeiro do trono austro-húngaro, Rodolfo. “Só se refere ao parlamento como ‘aquele chiqueiro’ e aos deputados da oposição como ‘cães que devem ser tratados no chicote’.” Um dos novos amigos de Guilherme, o arquiconservador general Waldersee, escreveu: “O príncipe tem um forte preconceito contra a Inglaterra, o que em certa medida vem a ser uma reação perfeitamente natural às tentativas da mãe de transformar os filhos em anglomaníacos.”[72] Em fevereiro de 1883, ele posou para uma foto em traje típico da região escocesa de Highland e mandou cópias para um seleto grupo de admiradores, com a frase assassina “Aguardo a minha vez” escrita — de maneira sinistra ou hilariante, conforme o ponto de vista — na parte inferior. O decano da fofoca em Berlim, Fritz Holstein, figura de destaque no Ministério do Exterior alemão, observou que o príncipe era considerado “voluntarioso, destituído de qualquer ternura; um soldado ardoroso, antidemocrático e anti-inglês. Ele compartilhava os pontos de vista do cáiser em todas as questões e nutria a maior admiração pelo chanceler”.[73] Bismarck, que ainda considerava Vicky e Fritz uma ameaça em potencial, rapidamente tratou de explorar o crescente desentendimento entre Guilherme e os pais. Ofereceu ao príncipe cargos nos comitês governamentais e encontrou uma posição para ele no Ministério do Exterior, coisas que eram negadas a Fritz. Seu filho Herbert, seu mais próximo intermediário político, aproximou-se de Guilherme. “Willy e Henrique são *absolutamente* leais à política de Bismarck e a consideram sublime. E assim cá estamos nós, *sozinhos* e *tristes*”,[74] escreveu Vicky à mãe.

Numa iniciativa particularmente lisonjeira, Bismarck enviou Guilherme à Rússia em 1884 para o 16º aniversário e a festa de maioridade do tsarévitch Nicolau, seu primo em segundo grau,****** como representante do cáiser. A diplomacia era considerada a mais alta forma de governo, reduto de monarcas e aristocratas. Willy levou uma carta pessoal de Bismarck ao tsar Alexandre III, propondo a renovação da Tripla Aliança formada pela Alemanha, a Áustria-Hungria e a Rússia, a *Dreikaiserbund*, frente às forças em ascensão da democracia liberal e da anarquia. A visita foi um impressionante sucesso.[75]

Apesar de sua lendária desconfiança de estrangeiros, Alexandre gostou do jeito franco e direto de Willy, então com 25 anos. O príncipe sabia ser encantador. Tinha uma vivacidade e energia que contrastavam com o formalismo e o apego à etiqueta que tolhiam a maioria dos membros da realeza, tornando-o cativante e surpreendente a uma primeira abordagem. Willy por sua vez sucumbiu à tentação do culto ao herói: muito alto, barbado, Alexandre parecia-lhe a própria encarnação do poder monárquico. Os ministros do Exterior de ambos os lados comentaram entusiasmados a química que ocorreu entre os dois; o tsar concordou em estudar a possibilidade da *Dreikaiserbund*, embora a coisa não desse em nada, pois a Áustria-Hungria e a Rússia tinham muitas rivalidades por resolver para conseguirem trabalhar juntas. Guilherme retornou à Alemanha envolto numa aura de glória, tendo em alta conta as próprias habilidades diplomáticas e imbuído de um novo gosto pela pompa, a ostentação e o alvoroço das visitas oficiais — adorara, por exemplo, ser recebido na estação ferroviária por toda a população de grão-duques uniformizados. Mais perigosa era a ideia totalmente irrealista que então adquiriu sobre os resultados que elas poderiam gerar.

Ao voltar a Berlim, Willy decidiu capitalizar seu êxito diplomático começando uma correspondência com o tsar. Mas não o disse a ninguém, nem mesmo aos Bismarck. Em sua primeira carta, apresentando-se como “um soldado rude, não afeito às artes da diplomacia”, ele prometia empenhar-se na defesa da Rússia frente aos complôs ingleses. “Poderia pedir-lhe um favor?”, arriscava então. “Não confie no Tio Inglês”, referência a seu tio Bertie, o futuro Eduardo VII, cunhado de Alexandre. Nas cartas enviadas no ano seguinte, Guilherme relatava uma série de conspirações inglesas contra a Rússia nos Bálcãs, todas lideradas pelo tio Bertie, “decorrência de seu caráter falso e intrigante”. Denunciava reiteradamente os próprios pais, que seriam “comandados pela rainha da Inglaterra”. Em 1885, parecendo já inevitável uma guerra entre a Rússia e a Grã-Bretanha, Guilherme enviou ao tsar uma série de anotações que fizera a respeito da movimentação de tropas inglesas na fronteira norte da Índia — informações que obtivera do adido militar britânico em Berlim, que tratara de lisonjear com uma amistosa aproximação.[76] Guilherme continuava admirando o tsar, mas também considerava que seria útil para a Alemanha que seus dois maiores rivais se atracassem, e o objetivo das cartas, segundo

confessaria mais tarde a Herbert von Bismarck, era provocar uma guerra entre a Rússia e a Grã-Bretanha: “Seria mesmo uma pena se não houvesse uma guerra.”[77] Na verdade, a guerra foi evitada, como diria o tsar a Guilherme duas semanas depois, em carta na qual lhe agradecia pela informação, “ao mesmo tempo interessante e útil”,[78] e pelo “vívido interesse” que manifestava pelas questões russas, acrescentando acreditar que “os tradicionais laços entre seus dois países [a Alemanha e a Rússia] seriam sempre a melhor garantia de seu sucesso e prosperidade”. Haveria aí uma leve insinuação de que Alexandre achava que o príncipe estaria exagerando, de que o relacionamento à boa e velha maneira era melhor? Se havia, não foi suficiente para dissuadir Guilherme de seu crescente gosto pela correspondência pessoal como forma de se insinuar junto a outros monarcas e manipulá-los, assim como da convicção de que tinha um especial talento para isso.

Da vez seguinte em que Guilherme se encontrou com o tsar, contudo, em setembro de 1886, durante manobras militares russas, Alexandre mostrou-se levemente mais frio, e a lisonjeira admiração de Willy por ele, segundo observaria um dos ministros do tsar, já parecia algo forçada e mesmo obsequiosa.[79] Durante a audiência privada, Guilherme disse várias vezes ao tsar que a Rússia tinha um “direito” sobre Constantinopla e os estreitos, praticamente exortando-o a invadir a Turquia, ponto de tensões geoestratégicas onde a Rússia e a Grã-Bretanha se enfrentavam. O tsar respondeu, talvez um pouco sumariamente, que se a Rússia quisesse Constantinopla não precisaria da autorização da Alemanha para tomá-la.[80] É possível que as canhestras tentativas de Guilherme de induzi-lo à ação militar já começassem a levantar as suspeitas de Alexandre.

Na Alemanha, a divisão cada vez mais amarga na família começara a chegar ao conhecimento público. Em 1884, Vicky decidira casar uma das filhas menores, Moretta, com Sandro de Battemburgo, um membro do segundo escalão da realeza alemã que acabava de ser entronizado rei da Bulgária pelo governo russo. Sandro logo tratara de cuspir no prato em que comera, colocando-se à frente do movimento independentista búlgaro, e agora era odiado pelos russos, que encaravam qualquer apoio a ele como uma tentativa deliberada de comprometer sua posição nos Bálcãs, por eles considerado o seu quintal. O cáiser e Bismarck opunham-se ao casamento, alegando que ele poria em risco as

relações da Alemanha com a Rússia. Na Inglaterra, a rainha Vitória posicionava-se entusiasticamente a favor: os dois irmãos de Sandro tinham se casado com uma filha e uma neta suas, e ela detestava a Rússia. Em público, Vicky recusava-se a reconhecer os aspectos políticos do matrimônio: em caráter privado, alimentava sonhos grandiosos de livrar os Bálcãs da influência russa. Guilherme alinhou-se com Bismarck. Convenceu-se de que a mãe e a avó estavam tramando uma conspiração inglesa para ganhar influência nos Bálcãs; insistia em que Sandro não tinha berço para um casamento na realeza: seu bisavô fora um criado. E certamente sentia ciúmes da declarada aprovação do belo Sandro pela mãe.

Isso enfureceu sua avó inglesa. “Mas que rapaz mais tonto, desobediente e — devo dizer — insensível. (...) Gostaria de lhe dar um bom *skelping*,******* como dizem os escoceses”,[81] escrevia a rainha Vitória, furiosa, em 1885. Ela também estava zangada por Guilherme ter atravessado tão alegremente a linha entre o público e o privado. A rainha acreditava na mística da realeza, mantivera os súditos a uma segura distância durante cinquenta anos. Eles sabiam muito pouco dela e era assim que ela queria. Mas Guilherme trouxera uma disputa familiar à plena luz do dia. Isto não se fazia. Nem mesmo Bertie, cujos pontos fracos eram periodicamente ventilados na imprensa, ainda que de maneira indireta, jamais chegara a discutir ou admitir seu comportamento em público. A questão se arrastou por quatro anos, até que Vicky finalmente a deu por encerrada. (Já agora deposto, Sandro acabou casando com uma atriz; Moretta viria a se casar com Adolfo de Schaumberg-Lippe.) A essa altura, a insistência de Vicky em levar adiante o casamento, frente a tanta resistência, já parecia vacilar, assim como a oposição de Guilherme, que disse estar disposto a “matar o Battemburgo de porrada”[82] se se casasse com sua irmã. “O sonho da minha vida”, escreveu Vicky em 1887, pouco antes do Jubileu de Ouro da mãe, “era ter um filho que se parecesse com nosso amado Papai — um autêntico neto dele na alma e no intelecto, um neto seu! (...) Mas devemos nos precaver de reprovar nossos filhos por não serem o que desejávamos e esperávamos, o que queríamos que fossem!”[83] Mas ela não conseguia perder completamente a esperança em Guilherme, e insistia em vê-lo como um instrumento de Bismarck. “Ele é uma *carta* nas mãos do partido do chanceler (...) ele não é mal-intencionado”,[84] dizia Vicky à mãe. “Ele a odeia [a Vicky] terrivelmente”,[85] comentava um berlinense

bem-informado com outro. “Sua amargura não conhece limites. Em que poderá dar tudo isto?”

Os sentimentos de Guilherme em relação à Inglaterra não pareciam menos violentos, mas eram contraditórios. Ele arquitetou um convite para as comemorações do jubileu da rainha Vitória em junho de 1887 — conseguindo ser nomeado representante oficial do avô, no lugar de Vicky e Fritz — “para provar a minha mãe e a todos os parentes ingleses que não preciso deles para ser amado na Inglaterra”.[86] Como a avó desse a entender que não gostaria de vê-lo, ele teve um ataque de fúria. “Já está mais que na hora de a velha morrer. (...) A Inglaterra nunca será suficientemente odiada”,[87] disse a Eulemburgo. “Pois a Inglaterra que se cuide quando eu tiver algo a dizer sobre alguma coisa. (...)” Depois do jubileu, ele se queixou amargamente de que fora tratado com “requintada frieza”. A intensidade de suas queixas causou mal-estar nos círculos diplomáticos tanto britânicos quanto alemães. Em novembro de 1887, o mal-estar transformou-se em angústia, quando ficou claro que não só o avô de Willy começava finalmente a decair, aos 90 anos, como seu pai, o príncipe herdeiro, com um diagnóstico de câncer na garganta, depois de meses de confusão e diagnósticos equivocados, também estava morrendo. Não demoraria para que o príncipe fosse coroado cáiser.

Em vez de unir a família, o terrível golpe simplesmente expôs a disputa edipiana ainda mais aos olhos do público. Guilherme de certa forma acusava a mãe de conspirar para matar o pai, retardando o diagnóstico de câncer e convencendo-o a não fazer a operação para removê-lo, o que poderia salvar sua vida, mas também se configurava como uma intervenção extremamente perigosa. Ele evidenciou uma inconveniente ansiedade por subir ao trono, fazendo com que aliados mais próximos sugerissem em público que o pai, doente, abdicasse de seu direito de sucessão, para que ele sucedesse diretamente ao avô. Fritz teria ficado “profundamente magoado por saber que o filho mal podia esperar seu fim”.[88] Vicky, recusando-se a enxergar as coisas e exasperantemente otimista, alienou potenciais simpatizantes, e Bismarck valeu-se dos jornais que manipulava para expô-la sob seus piores aspectos.

Pouco depois do diagnóstico de Fritz, o primeiro-ministro britânico, lorde Salisbury, alarmado com as informações sobre a anglofobia de Guilherme e sua admiração pela Rússia, disse ao Ministério do Exterior alemão que temia que os

estados de humor do príncipe viessem a determinar a política externa da Alemanha. Bismarck escreveu-lhe pessoalmente para assegurar o contrário. O que Salisbury não percebeu foi que Guilherme mostrava-se agora tão hostil à Rússia quanto à Inglaterra, e que sua relação especial com Alexandre estava em pandarecos. No outono de 1887, a mais surpreendente reviravolta ocorrera na Rússia e na Alemanha — assim como na cabeça de Guilherme. Ao chegar o inverno, os dois países estavam em pleno alarme de guerra. Os russos ameaçavam marchar sobre a Bulgária em rebelião, o que inevitavelmente arrastaria de roldão a Áustria-Hungria, sua rival nos Bálcãs e aliada da Alemanha. As circunstâncias não eram muito diferentes das que acabariam levando à Primeira Guerra Mundial, trinta anos depois.

Apesar de tantos anos de relações cordiais, os russos estavam agora convencidos de que a Alemanha de alguma forma entrara em conluio com a Bulgária e a Áustria-Hungria. Esta convicção era, subconscientemente, uma admissão de que a Alemanha passara a ser uma rival da Rússia, e não mais uma aliada menos poderosa. Embora não houvesse um motivo muito concreto — como observou o embaixador alemão em São Petersburgo, não havia "a mais leve razão possível" para uma guerra[89] —, a Alemanha, e especialmente a Prússia, sucumbiu ao alarme bélico. Moribundo o velho imperador e mortalmente doente seu filho, o país sentia-se vulnerável, e a agressão da Rússia revivia velhos temores quanto à vulnerabilidade geográfica do país. Apareciam na imprensa artigos antirrussos histéricos. Representantes do exército começaram a falar da necessidade de um ataque preventivo à Rússia. Guilherme concordava com eles, convencido pelo ambicioso general Alfred Von Waldersee, seu pretenso novo mentor, obcecado com a ideia de uma "guerra preventiva" contra a Rússia. Bismarck não queria uma guerra, embora fosse tão responsável quanto qualquer outro pelo clima de histeria na Alemanha, depois de insuflar reiteradamente, durante décadas, o medo de uma invasão estrangeira, para atender aos próprios interesses políticos. Para dificultar qualquer ação dos russos, ele vedou a bolsa de valores alemã aos investimentos russos (embora cuidasse de fazê-lo de uma forma que não indicasse ter a iniciativa partido dele). Foi um verdadeiro desastre para o governo russo, que dependia dos mercados alemães para obter empréstimos vultosos, fazendo com que o tsar, acompanhado de seu filho Nicolau, empreendesse uma visita de emergência a Berlim, em

meados de novembro de 1887. Bismarck disse que não poderia reabrir os mercados alemães, mas a visita dissipou o mal-estar. O chanceler passou uma carraspana no Reichstag, falou duro, mas de forma contemporizadora com a Rússia, e o alarme cedeu. Guilherme, todavia, não conseguiu o pretendido *tête-à-tête* com o tsar, tendo passado duas horas numa plataforma ferroviária, uniformizado da cabeça aos pés, à sua espera. A frieza de Alexandre o deixou irritado. “SM não me disse uma palavra sobre política, e portanto mantive-me calado”,90 relatava ele, ofendido, a Bismarck.

Em questão de semanas, a fofoca em São Petersburgo era que o príncipe Guilherme queria “a guerra com a Rússia e se mostrava de maneira geral extremamente antirrusso”. “Na Inglaterra”, comentou Bismarck, desanimado, “o oposto!”.91

** “Seria muito difícil descrever para os leitores ingleses as condições medievais em que viviam na Alemanha as pessoas de nossa condição”,8 escreveria uma sobrinha de Vicky, Maria Luísa, vinte anos depois, a respeito das condições de vida na Alemanha.

*** Não fica claro se a vítima foi Leopoldo ou Arthur.

**** Prima inglesa de Guilherme, a princesa Maria Luísa era uma das muitas mulheres que se encantavam com o avô alemão de Willy, embora ficasse perplexa com sua tentativa de disfarçar a calvície valendo-se de um velho pedaço de algodão sujo para prender a mecha passada de um lado a outro da cabeça.

***** John Röhl, o meticuloso biógrafo de Guilherme, demonstrou que ele já sabia montar anos antes de conhecer Hinzpeter.

****** Guilherme e o tsarévitch eram primos em terceiro grau pelo trisavô comum, o tsar Paulo, o Louco. Carlota, tia-avó de Guilherme, irmã de seu avô, o cáiser, casara-se com o tsar Nicolau I, bisavô de Nicolau, fazendo com que se tornassem também primos em segundo grau.

******* Umas boas chicotadas.

2. Jorge: em segundo lugar (1865)

Em 1865, quando Jorge Frederico Ernesto Alberto Saxe-Coburgo-Gotha nasceu, a Grã-Bretanha estava bem no alto, na condição de maior superpotência financeira e econômica do mundo, a maior das grandes potências. A Grã-Bretanha produzia dois terços do carvão do planeta, metade do ferro, bem mais que metade do aço, metade do algodão e estava envolvida em 40% do comércio internacional. Era o país mais urbanizado do mundo: Londres era o maior centro mundial de atividades bancárias, de seguros e comerciais. Sua marinha era a mais poderosa. Seu império de 6 milhões de quilômetros quadrados[1] — sempre em crescimento — era motivo de inveja para toda a Europa, proporcionando mercados lucrativos e um formidável esplendor. Apesar de certas áreas de terrível miséria, como o East End londrino e as cidades recém-industrializadas do Norte, a Grã-Bretanha tinha os salários mais altos e a comida mais barata da Europa. Não sem motivo, sentia-se satisfeita consigo mesma. Considerava-se o grande país da liberdade e da liberação, o elemento civilizador do mundo — pretensão que enfurecia o resto da Europa, que considerava pura hipocrisia as pretensões britânicas de superioridade moral.

A avó de Jorge, Vitória, rainha do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, a essa altura uma viúva reclusa, talvez ainda fosse, apesar disso, a mais vívida encarnação da Grã-Bretanha e seu império, além de figura dominante da família. A Grã-Bretanha se considerava ao mesmo tempo uma monarquia e uma democracia (o que não fazia sentido para os povos da Europa continental, onde parecia evidente a todos que as duas coisas não se misturavam e os democratas invariavelmente se alinhavam com os republicanos). Na realidade, ela não era exatamente nenhuma das duas. Ao longo de duzentos anos, a monarquia fora essencialmente privada de seus poderes, restando-lhe apenas elementos cada vez mais simbólicos; a democracia era mais uma oligarquia governada pela aristocracia fundiária que dominava o gabinete, o parlamento e os governos locais, e formava as fileiras dos dois principais partidos políticos, o Conservador e o Liberal, ambos rezando pela cartilha do livre comércio e da aversão a guerras dispendiosas contra outras potências (embora não conseguissem desvencilhar-se de uma constante sucessão de guerras coloniais). Do poder estavam investidos o

primeiro-ministro e seu gabinete, por sua vez dependentes da confiança das Casas do Parlamento, e o monarca era obrigado a seguir suas recomendações. Nesse sistema, o monarca desempenhava um papel necessário, mas inteiramente formal e cerimonial: os projetos de lei não podiam transformar-se em leis, os impostos não podiam ser cobrados, os ministros, juízes, sacerdotes, embaixadores e oficiais do exército não podiam ser designados, os títulos de nobreza e os indultos não podiam ser concedidos sem consentimento real. O monarca devia convocar e dissolver o parlamento e designar os primeiros-ministros, declarar guerra ou fazer a paz. Mas em hipótese alguma faria nada disso sem que fosse instruído nesse sentido por um ministro do governo. O que restava eram os "direitos" perfeitamente vagos do monarca de ser consultado, estimular ou advertir. O verdadeiro equilíbrio desse relacionamento era decorosamente camuflado pela tradição segundo a qual os políticos britânicos se dirigiam à soberana numa linguagem de lisonjeira subordinação e pelo cerimonial governamental, que deixava subentendido que a monarca era mais importante do que efetivamente era. No mundo da realeza, as aparências eram muito importantes, e os súditos da rainha e o resto do mundo continuavam acreditando que ela detinha poder.

Não surpreende que a rainha Vitória não gostasse muito da ideia de que não tinha qualquer função, além de funcionar como figura decorativa. Ressentia-se de ser apresentada como uma espécie de disfarce, como fez o constitucionalista Walter Bagehot em 1897, referindo-se a ela como uma "viúva reclusa", por trás de cujas saias "se havia insinuado" uma república.[2] Dentro dos limites de seu papel, ela forçava e manobrava as prerrogativas reais, seus "direitos", explorando quaisquer vantagens de que pudesse valer-se para fazer notar suas convicções. Tais vantagens não eram propriamente insignificantes. Apesar de destituída constitucionalmente de poderes, a rainha estava para se tornar a monarca mais proeminente do mundo, e sua dinastia (para desgosto de outras realezas), a família real de maior prestígio. Isto se devia basicamente, é claro, ao império e à posição de destaque da Grã-Bretanha no cenário mundial. Antes da chegada da rainha ao trono, a família real britânica estivera envolvida em boatos de loucura, escândalos sexuais, dissipação e administração incompetente. Mas 25 anos de cuidadoso investimento e exploração de suas vantagens haviam de certa forma reabilitado a própria monarquia britânica: sob Vitória, a família se

havia transformado num bastião de irretocável moralidade e valores familiares; suas joias podiam ser consideradas a essa altura (com uma ajudazinha das minas da Índia e da África do Sul) tão boas quanto os famosos diamantes dos Romanov, se não melhores; seus tesouros artísticos, tão bons quanto os dos Habsburgo, se não melhores; seus palácios talvez não fossem tão numerosos e vastos, mas eram mais confortáveis, suas propriedades, nem tão extensas, mas bem administradas, e suas rendas privadas, cuidadas com desvelo.

A outra arma secreta da rainha eram suas relações com outros monarcas, que em sua maioria detinham muito mais poder real que ela. Pelas tradições da diplomacia, eles lhe escreviam na qualidade de chefes de Estado, a respeito de questões das relações internacionais. Isto lhe conferia um peso e uma influência na política externa britânica que já não eram contemplados na constituição. A rainha tratou de ampliar e fortalecer esses laços através dos casamentos dos filhos — oito dentre os nove casaram-se com membros de casas reinantes europeias — e posteriormente dos netos. O que a tornaria uma autêntica matriarca da Europa real. Até o tsarévitch da Rússia viria a chamá-la de Vovó. De certa forma se justificava, assim, que ela fosse mantida a par, como insistia, das questões externas. Ela exigia e recebia cópias dos projetos de tratados, debatendo exaustivamente cada linha. Finalmente, havia também o fato de ser mulher e viúva, o que a fazia parecer inofensiva até mesmo quando passava carraspanas virulentas, dando-lhe considerável margem de manobra quando se tratava de intervir e dar aqueles “conselhos” que nenhum primeiro-ministro teria aceito de um monarca do sexo masculino.

Esperava-se que a monarca fosse neutra, mantendo-se distante e acima dos partidos políticos. A rainha tinha convicção de que estava certa e se mostrava abertamente partidária. Era também decidida e enérgica, cobrindo os primeiros-ministros de cartas e obrigando-os a responder-lhe de próprio punho. Podia ignorar, ou pelo menos questionar insistentemente, as recomendações do gabinete. Mostrava declarada aversão a certos ministros, ao mesmo tempo adorando abertamente outros. Às vezes trabalhava para desgastar o governo. Em 1881, queixou-se tão ruidosamente do discurso que o gabinete de William Gladstone redigira para que ela pronunciasse na abertura do parlamento, que tiveram de concordar em emendá-lo. Teria acaso uma influência tangível nas políticas governamentais? Ela não conseguia impedir seus gabinetes de fazer o

que estavam decididos a fazer, mas certamente era capaz de forçar adiamentos — como observaria mais de um de seus primeiros-ministros, lidar com ela era como ter de tratar com todo um departamento no governo —, e quando suas ideias estavam em sintonia com a opinião pública podia ser extraordinariamente difícil contê-la. Mas a história militava contra ela. A Grande Lei da Reforma de 1832 e sua sucessora em 1867 haviam ampliado os direitos de voto, começado a acabar com práticas eleitorais corruptas e arcaicas (pelas quais, por exemplo, o aristocrata local podia escolher, na prática, o representante local no parlamento) e iniciado o processo gradual mas inexorável de transferência do poder para a Câmara dos Comuns. E do ponto de vista de seus ministros, a monarca podia dar conselhos e às vezes mostrar-se admirável, mas não tinha real autoridade no governo.

O outro lado da equação de poder britânica era a aristocracia que dominava os escalões superiores do governo. A aristocracia britânica tinha de si mesma uma concepção pomposa, autorreferencial e profundamente arraigada, considerando-se ao mesmo tempo destinada a governar e obrigada a servir. Era a aristocracia menos militarizada e mais rica da Europa;[3] o militarismo prussiano era apenas a manifestação mais exagerada de uma tendência dos aristocratas do continente para se apresentarem basicamente como uma classe de soldados. O momento de suprema revelação da aristocracia britânica fora a Guerra Civil inglesa, na qual quase fora destruída pelas forças regulares dos *Roundheads*, o Novo Modelo de exército, os defensores do parlamento frente ao absolutismo monárquico. Desde então ela nutria profunda desconfiança de exércitos regulares como os mantidos na Rússia e na Alemanha, vendo-se forçada a reconquistar seu poder infiltrando-se no parlamento e na burocracia governamental, instituições nas quais a maioria das aristocracias europeias se recusava a sujar as mãos. Em consequência, o exército de voluntários britânico mantivera-se relativamente pequeno e ficara desde então sob controle parlamentar, e a marinha se havia transformado na ferramenta da expansão britânica. A prova de que o sistema funcionava era o gigantesco império conquistado. Mas ele não deixava de intrigar os políticos europeus, especialmente os alemães, que não entendiam exatamente como é que a Grã-Bretanha conseguia se manter sem um exército adequado.

A aristocracia britânica considerava o serviço governamental como a atividade profissional mais digna e elevada para um cavalheiro. O poder que

ainda detinha a tornava muito diferente, por exemplo, da aristocracia fundiária da Rússia, que se havia transformado, sob os auspícios de um regime tsarista ansioso por restringir seu poder, numa classe urbana eminentemente decorativa e distanciada da terra de onde extraía sua renda. A aplicação de políticas não necessariamente apoiadas pelos setores mais numerosos, mas menos bem representados da sociedade, era favorecida pela riqueza da Grã-Bretanha e ajudada pela cultura da deferência arraigada no país. Mas também funcionava porque o governo aristocrático sustentava um delicado equilíbrio com uma opinião pública que funcionava genuinamente, podia facilmente ser mobilizada e era sempre muito gabada, escorando-se na bem desenvolvida infraestrutura do país, com boas estradas, um sistema postal confiável e ferrovias, paralelamente a índices elevados de alfabetização e uma florescente cultura jornalística e de debates. A opinião pública, apesar de constituir um setor relativamente limitado do "público", existia de fato como uma força presente na Grã-Bretanha há quase um século; na maioria dos demais Estados europeus, mal começava a se mobilizar. Seus êxitos eram tangíveis; ela acabara por impor a um relutante parlamento a abolição da escravatura na Grã-Bretanha e a primeira Lei de Reforma, em 1832. Queria isto dizer que mesmo os setores da população privados do direito de voto ainda sentiam — o que às vezes podia ser uma ilusão — ter uma voz na democracia. Por enquanto, todavia, embora o eleitorado se expandisse, a aristocracia não dava muitos sinais de estar sendo desalojada de sua posição.

Como para festejar o sucesso das classes superiores britânicas, num gesto de triunfante imperialismo cultural, a imagem do cavalheiro inglês tornava-se a manifestação mais atraente de riqueza e status em toda a Europa, se não no mundo. Pela altura da década de 1890, aristocratas europeus, milionários silesianos e grão-duques austríacos e russos jogavam tênis ou golfe, caçavam raposas, praticavam tiro ao alvo, e encomendavam seus ternos na Savile Row e seus revólveres na Purdey. Os russos ricos aspiravam ao que Vladimir Nabokov, descendente de uma família aristocrática russa, chamaria de "confortáveis produtos da civilização anglo-saxônica":[4] sopa de peras, Golden Syrup, torta de frutas, biscoitos Huntley and Palmer, dentifrício, baralho de cartas, paletós esporte listrados, bolas de tênis e banheiras de borracha desmontáveis — aquisições a serem feitas na Druce, a loja de artigos ingleses montada na Nevsky

Prospekt.

O futuro Jorge V era seis anos mais moço que seu primo Guilherme e dificilmente poderia ser mais diferente. Enquanto Willy mostrava-se idiossincrático, ágil, assertivo e sempre decidido a chegar em primeiro lugar, Jorge resignava-se a passar despercebido. Ele era o segundo filho, destinado a viver à sombra do irmão, e o ambiente familiar parecia estimular uma espécie de confortável mediocridade; nenhum dos pais sentia-se habitado pela ideia de precisar provar o próprio valor, fosse em termos acadêmicos ou de alguma outra maneira. O pai de Jorge, Alberto Eduardo, o futuro Eduardo VII, conhecido na família como Bertie, reagira violentamente às expectativas educacionais do pai, ao passo que sua bela mãe dinamarquesa, Alexandra, era alegremente avessa a intelectualismos. Bertie admirava e amava a irmã mais velha, Vicky, mas a lição que extraíra da infância passada em sua companhia era diametralmente oposta. Ele odiava o rigoroso regime educativo do pai.

Desde os 3 anos de idade, cada passo de Bertie fora infundido de experiências enriquecedoras. “Eu não tive infância”,[5] diria muito mais tarde, e seus primeiros anos, pela avaliação de praticamente todo mundo, exceto os pais, foram terríveis. Bertie reagira com uma resistência empedernida e acessos de fúria histéricos; seria recompensado com ainda mais pressões e disciplina, punições mais duras e, pior que tudo, negação de afeto e isolamento de outras crianças. Sua rebeldia suscitou o que havia de pior nos pais: Alberto mostrou-se indiferente e inamovível; Vitória lastimava incansavelmente o “atraso” do filho, sua frivolidade e a incapacidade de ser como o pai. Quando completou 17 anos, ela enviou-lhe um memorando lembrando que “a vida é feita de deveres” e demitiu o tutor com quem, apesar de tudo, ele desenvolvera um relacionamento afetuoso. Aos 18 anos, em 1859, ele viria a revelar-se uma “decepção”, cheio de apetite — dos maiores — pela vida em seus aspectos menos sérios e mais hedonísticos: gostava de roupas, fumo, de atirar, da vida em sociedade, de jogar, de comida e garotas. Especialmente comida e garotas. “Seu intelecto é tão útil quanto uma pistola embrulhada no fundo de um baú quando se sofre um assalto nos Apeninos, com seus bandos de salteadores”,[6] disse a mãe. Em Oxford, apesar do empenho dos pais no sentido de cercá-lo de um bando de professores solteiros e mais velhos, ele deu um jeito de se misturar aos estudantes mais ricos, dissipados e perdulários. Dois anos depois, submetendo-se a treinamento militar

na Irlanda, ele conseguiu ter um caso com uma jovem da região, apesar de confinado no quartel. Quando a história chegou à Inglaterra, Alberto mandou a Bertie uma carta histérica, prevendo-lhe um futuro de chantagem e ações judiciais de paternidade, e morreu um mês depois, em dezembro de 1861. Embora as causas de sua morte fossem uma febre tifoide e pura e simples exaustão, Vitória culpou Bertie. “Oh, esse rapaz!”,[7] escreveu ela. “Por mais que me cause pena, jamais poderei pensar nele sem sentir um calafrio.” Em questão de poucos anos já percorria a Europa a fama de Bertie como o príncipe de Gales playboy, famoso por seus trajes imaculados, os escândalos em que se envolvia e a paixão por Paris e seu *demi-monde*, aparecendo no romance *Nana* (1879), de Emile Zola, mais ou menos disfarçado como o “Príncipe da Escócia”, que admira os incríveis seios da protagonista com “um ar de conhecedor”.[8]

Vitória decidiu casar rapidamente Bertie, então com 22 anos, e mobilizou Vicky para encontrar uma princesa à altura. Depois de percorrer as cortes alemãs sem êxito, ela veio com a princesa Alexandra, a bela filha daquele que dentro em pouco se tornaria o rei da Dinamarca. Seu pai, Cristiano, capitão da Real Guarda dinamarquesa, era afilhado do rei da Dinamarca, que decidira em 1852 designá-lo seu herdeiro. Os candidatos a membros da realeza tinham vivido em elegante pobreza em Copenhague a maior parte da infância de Alexandra — que compartilhava seu quarto com as irmãs Dagmar e Thyra e fazia as próprias roupas —, passando posteriormente por uma extraordinária mudança de status. Dois anos depois da ascensão de Cristiano ao trono em 1863, eles haviam conquistado a Europa da realeza. Alexandra casou-se com o herdeiro do trono britânico; sua irmã Dagmar, com o herdeiro do império russo. Seu irmão Guilherme, de 17 anos, foi convidado a tornar-se rei da Grécia pela assembleia nacional grega. Talvez por sua educação relativamente normal, os membros da família real dinamarquesa eram perfeitamente autênticos: um grupo de extrovertidos muito unidos, conhecidos por seu amor à vida ao ar livre, sua informalidade, a ausência de sofisticação pessoal e cultural: “A piada mais apreciada consistia em fazer ruídos estranhos e gritar se alguém fosse visto tentando escrever uma carta.”[9] O rei Cristiano não se interessava por livros, mas tinha lá suas ideias sobre exercícios e ensinava ginástica aos filhos. A rainha Vitória considerava os dinamarqueses barulhentos, exclusivistas e frívolos, mas invejava sua união: “Eles são extraordinariamente unidos e jamais sussurram

uma palavra que seja uns contra os outros, e as filhas continuam modestas e tão completamente Filhas do Lar quanto antes do casamento. Eu efetivamente admiro isto. (...)”[10] Alexandra era animada, cavalgava com elegância, gostava de ficar acordada até tarde e era bela. Bertie esteve com ela exatamente duas vezes antes de pedi-la em casamento. Eles se casaram em 1863. A rainha — ainda castigando o filho — insistiu em que fosse uma cerimônia privada, trajou-se de luto, como viúva, e não compareceu ao almoço da boda.

Seja como for, Alexandra foi um enorme sucesso na Grã-Bretanha, que sentia fome de espetáculo real desde que Vitória se isolara, após a morte de Alberto. Tennyson batizou-a de “a filha do rei do mar, vinda do outro lado do mar”. Quanto a Bertie, ficou completamente caído por sua beleza e ternura. E ela ficou completamente caída pela nova vida. Os dois eram gregários, espontâneos e irremediavelmente extravagantes — em questão de poucos anos, Bertie ultrapassava nas despesas sua renda anual de 20 mil libras —, e apesar das tentativas da rainha Vitória de determinar o que deviam fazer e com quem deviam encontrar-se — ela proibiu Alexandra, por exemplo, de cavalgar no Hyde Park —, eles rapidamente se transformaram no centro das atenções do grupo mais elegante de Londres, a turma de Marlborough House, do nome de sua mansão em Pall Mall. Suas atividades e as dos amigos começaram a ser entusiasticamente relatadas e até, eventualmente, fotografadas nas embrionárias colunas de sociedade e fofocas da imprensa britânica. Naturalmente, Vitória não aprovava. “Você já se deu conta de que Alix tem o menor cérebro jamais visto? Fico muito temerosa — com seu cérebro pequeno e vazio — pelos futuros filhos”,[11] escreveu ela a Vicky. “O que é mais melancólico”, escreveria sobre Bertie uma das damas de companhia de Alexandra, “é que nem ele nem a querida princesa jamais se dão o trabalho de abrir um livro”.[12]

Na verdade, Bertie não era nenhum estúpido. Nem tampouco meramente frívolo, muito embora a mãe conspirasse nesse sentido, recusando-lhe qualquer ocupação mais séria. Ele era uma estranha mistura: podia impressionar com sua visão, para em seguida mostrar-se absurdamente trivial. Era egoísta e era generoso; temia de tal maneira o tédio que não conseguia ficar sozinho ou desocupado por um minuto; era afetuoso, cortês e educado, e, não obstante as eternas críticas da mãe, extremamente paciente e polido com ela. Mostrava-se também tendente a súbitos e assustadores acessos de raiva pelas causas mais

banais — uma mancha de comida na camisa, uma chatice de criança. Eram manifestações de frustrações há muito recalcadas. Ele aprendia com rapidez, quando se dava o trabalho, e tinha excelente memória. Ao completar 6 anos, falava três línguas. Mas os tormentos na escola do pai o haviam afastado dos livros, da educação e da cultura; ele achava que não precisava de nada disso. Apesar dos claros olhos saltados e sem beleza típicos dos hanoverianos, ostentava um real encanto pessoal. "Ele sabia aproveitar a vida, o que é sempre atraente", observou um aristocrata britânico, "mais particularmente quando vem associado a um forte e positivo desejo de que todo mundo também possa aproveitá-la".[13] A combinação de uma infância oprimida com a constatação, ainda muito cedo, de que o encanto pessoal significa poder havia gerado um desejo nada real de agradar e tornar as pessoas como ele — qualidades para as quais seus pais, conhecidos justamente pela ausência de encantos, não viam grande utilidade. A realeza devia bastar, considerava a rainha Vitória, que dizia aos filhos que jamais deveriam ser vistos rindo em público.

O primeiro filho de Bertie e Alexandra, o herdeiro Alberto Vítor, nasceu em 1864. Jorge chegou 18 meses depois, à 1h30 da manhã de 3 de junho de 1865, um par de horas depois de uma recepção oferecida por Alexandra. "Muito pequeno e não muito belo",[14] comentou a rainha Vitória. Ela já havia superado o entusiasmo inicial com netos, achando-os agora "consternadoramente numerosos". Sua maior preocupação era assegurar-se de que todos os netos do sexo masculino fossem batizados de Alberto. Bertie e Alexandra montaram estratégias para esquivar-se à interferência da mãe dele. Alberto Vítor era conhecido por todos como "Eddy". Bertie insistiu em dar ao segundo filho o nome de "Jorge Frederico". "Não consigo admirar os nomes que você propõe", respondeu a rainha. "(...) Naturalmente, você acrescentará *Alberto* no fim."[15] Quatro outras crianças haveriam de se seguir nos seis anos subsequentes: três filhas — Luísa, Vitória e Maud — e um filho, que morreu pouco depois de nascer em 1871. A gestação dos filhos inevitavelmente diminuía o ritmo de Alexandra, ao passo que os apetites de Bertie em nada mudavam. Um ano depois do nascimento de Jorge começaram a circular boatos de que ele estava tendo encontros com uma atriz chamada Hortense Schneider, e de que, durante viagem a São Petersburgo, havia "admirado" várias mulheres. Até que, em 1867, quando dava à luz a primeira filha, Alexandra contraiu febre reumática. Durante várias

horas, considerou-se que estava à beira da morte. Bertie, tendo ficado até tarde nas corridas em Windsor, precisou ser chamado três vezes até consentir em acorrer a sua cabeceira. Sempre avesso ao tédio, sentia-se inquieto de ali permanecer. Alexandra levou meses para se recuperar, e uma das consequências da doença foi o início da surdez que lhe haveria de dificultar o convívio em grupos maiores — e também manter a sintonia com Bertie. De maneira elegante e discreta, ela se retirou para o convívio da própria família. A dignidade do seu silêncio em muito facilitou que a sociedade aceitasse a sucessão de ligações mais ou menos públicas de Bertie; sua tranquila vida de matriarca rural representaria um contraponto de impecável respeitabilidade ao envolvimento dele numa série de escândalos. Foi-se manifestando uma certa dinâmica não declarada: ela o punia com pequenas coisas, atrasando-se alegremente para todos os compromissos, ao passo que ele se mostrava obsessivo com a pontualidade (como mais tarde faria também o filho). Ele por sua vez mostrava-se ao mesmo tempo galanteador e negligente, jamais perdendo a compostura com ela, leal exceto no que dizia respeito às mulheres ou ao sexo.

Isso ficava particularmente evidente quando se tratava de lealdades estrangeiras, às vezes com consequências dramaticamente desagregadoras. Em 1864, mal tendo se passado um ano desde o casamento, a Prússia começou a pressionar a Dinamarca para que cedesse o ducado de Schleswig-Holstein, mobilizando seu exército na fronteira dinamarquesa. A imprensa liberal britânica exigiu uma intervenção naval em defesa da pequena e corajosa Dinamarca. Vitória e Vicky sentiam-se leais à Prússia. Bertie, que toda noite encontrava Alexandra chorando pela humilhação de seu país, pronunciou-se publicamente pela Dinamarca. Ofereceu-se então para servir de intermediário entre o sogro dinamarquês e a Inglaterra, cometendo a imprudência de entrar em contato com a oposição liberal para manifestar apoio, o que de tal maneira enfureceu a mãe, que se valia de toda a sua influência para impedir que a Grã-Bretanha interviesse, que ela usou o episódio como desculpa para privá-lo de qualquer experiência ou influência política nos vinte anos seguintes. “Oh! Se a mulher de Bertie fosse uma boa alemã, e não uma dinamarquesa! (...) É terrível que o pobre rapaz esteja do lado errado”,[16] escreveu ela a Vicky. A questão de Schleswig-Holstein por muito tempo deixou em Alexandra uma animosidade em relação à Prússia. “Como eu odeio os odiados alemães, e sobretudo os prussianos, que são

os menos dignos de confiança, as pessoas mais falsas e nojentas que existem",[17] escreveu ela à irmã Dagmar em 1864. Ela aproveitava a menor oportunidade para deixar claro seu ressentimento, destratando o embaixador prussiano e recusando-se a falar com o marido alemão de sua cunhada Helena em 1865;******** recusando-se a deixar seu vagão quando a rainha da Prússia chegou ao encontro do seu trem numa parada em Koblenz, em 1866; insultando o rei da Prússia em 1867, quando ele se ofereceu para visitar o casal em Wiesbaden. A rainha ficou furiosa e fez uma repreensão. Desde então, Alexandra mostrou-se mais recatada na expressão de seu desagrado.

Apesar da afeição por Vicky, a simpatia de Bertie pela Prússia de Bismarck era cada vez mais submetida a teste. Ele queria apoiar a mulher, e a imprensa prussiana o criticava regularmente. Era uma maneira útil, para Bismarck, de difamar Vicky e os liberais alemães que se inspiravam na democracia britânica, apresentando-os como perigosos e potencialmente traiçoeiros. O príncipe mostrava-se incrivelmente tranquilo quanto ao tratamento que lhe era dispensado em público; reconhecia que a Alemanha era um aliado tradicional e chegou a cultivar o ambicioso filho de Bismarck, Herbert. Mas no fundo se ressentia, e às vezes provocava críticas. Durante a Guerra Franco-Prussiana, torcendo Alexandra para que os franceses vencessem, Bertie cometeu a imprudência de dizer ao embaixador prussiano que esperava que a Prússia aprendesse uma lição; o embaixador apresentou uma queixa formal e Bertie viu-se obrigado, de maneira humilhante, a escrever ao primeiro-ministro britânico, Gladstone, para se explicar.

Em consequência da constante antipatia de Alexandra pela Prússia — e do fato de a rainha Vitória evitar receber mais de um grupo de netos de cada vez —, Jorge e os irmãos acabaram não conhecendo tão bem quanto poderiam os primos prussianos mais velhos, especialmente Willy. Quando Vicky começou a fazer visitas regulares com os filhos menores, Willy já estava frequentando a escola e provavelmente já se sentia importante demais para dar atenção aos primos menores. Maria da Romênia, prima em primeiro grau tanto de Jorge quanto de Guilherme, comentou, irritada, "a maneira rude e descuidada como [Guilherme] costumava nos tratar, como se não fôssemos realmente dignos de sua atenção".[18]

Em contraste, Alexandra estimulava ativamente a amizade entre seus filhos e os primos russos — filhos de sua irmã Dagmar, que passou a se chamar Maria,

mas era conhecida como Minny na família, e do herdeiro do trono russo, o tsarévitch Alexandre —, embora a Inglaterra e a Rússia fossem arquirrivais e se odiassem. Alexandra e Minny foram sempre muito próximas, mantinham correspondência regular e intensa e estavam decididas a aproximar suas famílias. Ambas sabiam equilibrar a vida de família e a ação política. Ambas se apresentavam como mulheres domésticas e desinteressadas da política. Mas em 1873, quando Minny, o tsarévitch e o filho de 5 anos do casal, Nicolau, chegaram a Londres, as irmãs tomaram complicadas providências para usar roupas idênticas durante toda a visita, gerando uma imagem impressionante que acabou sendo estampada nas primeiras páginas por toda parte. Em 1874, elas estimularam e conseguiram levar a efeito o improvável casamento entre a filha única do tsar, a grã-duquesa Maria, considerada a mulher mais rica do mundo, e o rude irmão menor de Bertie, Alfredo (conhecido, é claro, como Affie), na esperança de melhorar as relações entre a Grã-Bretanha e a Rússia. Mas isto não aconteceu. Elas também aproveitavam a menor oportunidade para se encontrar em visitas ao rei e à rainha da Dinamarca — conhecidos dos netos como "Apapa" e "Amama" — em suas propriedades dinamarquesas de Fredensborg e Bernstorff. Bertie, que considerava o lado dinamarquês da família insuportavelmente chato, tentava não ficar com ar de tédio. (Os cortesãos ingleses, pegando o mote dele, referiam-se à mãe de Alexandra, entre risinhos, como "*droning* [monótona] Luísa": *dronning* significa rainha em dinamarquês.) Ele também se esforçava por mostrar-se contemporizador com o cunhado russo, apesar da antipatia recíproca entre os dois países e do fato de ele quase nada ter em comum com o taciturno e ríspido Alexandre. Chegava a escrever regularmente[19] — embora num tom de banal domesticidade — à cunhada Minny. Jorge, enquanto isto, desenvolveu forte amizade com o primo mais velho, Nicolau, três anos mais moço que ele.

Apesar da enorme variedade dos interesses da avó e da vida social internacional do pai, a infância de Jorge e dos irmãos — ao contrário da infância do primo Guilherme — foi tranquila, isolada e nada mundana. Eles foram criados na distante propriedade de Sandringham, de 70 hectares, no norte de Norfolk, que Bertie havia adquirido em 1862 e modernizado a um enorme custo. Sandringham era o máximo do moderno conforto aristocrático britânico, e lá tudo era novo: os móveis, os quadros, os livros (em sua maioria "lixo",[20] segundo seu secretário

particular) e as trinta privadas com descarga encomendadas à Thomas Crapper and Co. Foi lá que Alexandra se estabeleceu, efetuando periodicamente longas viagens com os filhos às residências dos pais na Dinamarca, enquanto Bertie estava em Paris ou Londres. As crianças cresceram de maneira simples e relativamente informal — como acontecera com a própria Alexandra — sob o céu generoso da Ânglia Oriental, cercadas pela natureza, por muitos criados e um pequeno zoológico de cães, macacos, papagaios, cavalos, gado e ovelhas, mas muito distantes de outras crianças, do ambiente social do pai e dos acontecimentos nacionais. Não sabiam que a reclusão da avó e o tumultuado estilo de vida do pai, assim como suas enormes dívidas, haviam contribuído para a impopularidade da monarquia, suscitando no fim da década de 1860 e no início da de 1870 um breve surto de republicanismo (que no entanto seria em grande medida aplacado com a dramática e quase fatal crise de febre tifoide contraída por Bertie em 1871).

A rainha, que gostava de repetir que os netos não deviam tornar-se arrogantes ou pomposos — características que não se preocupava em reprimir em si mesma —, aprovava. “São crianças adoráveis e inteligentes e realmente despretensiosas, que nunca têm chance de bancar ‘grandes príncipes’, o que não poderia ser maior equívoco”,[21] escreveu ela a Vicky. Alexandra era uma mãe entusiástica, que, ao contrário da maioria dos pais aristocratas, gostava de participar das ruidosas brincadeiras dos filhos e, como tantos membros da realeza, achava muita graça quando pregavam peças nos outros. Esse hábito de pregar peças era muito disseminado na realeza europeia, talvez porque seus membros não fossem autorizados a rir alto em público e com base na noção em geral inconsciente de que aqueles que estavam abaixo na escala social não poderiam queixar-se. Não faltavam colchas presas durante a noite para impedir alguém de sair da cama ou garrafas de soda agitadas para aspergir os outros; Alexandra eventualmente até lhes permitia desaparecer debaixo da mesa do almoço para beliscar as pernas dos convidados — uma das vítimas foi Benjamin Disraeli. Mais tarde, quando teve início a educação das crianças, os pais gostavam de interromper as classes com inesperadas fugas da sala de aula. Em consequência, os galeses eram considerados na infância excessivamente travessos. Constance de Rothschild, prima de Nathan de Rothschild, amigo de Bertie, esteve com eles em Sandringham num Natal e recordaria seu apetite pelas “traquinagens” e as

brincadeiras de cabra-cega. “A princesa me disse: ‘Eles são terrivelmente selvagens. Mas eu tampouco era flor que se cheirasse.’”[22] Em 1872, quando Jorge tinha 7 anos, a rainha comentou: “São crianças tão malcriadas e despreparadas, não consigo aceitar.” Jorge era, na opinião geral, a mais fisicamente robusta e alegre das crianças galesas quando ainda pequenas: quando ele tinha 3 anos, a rainha observou que os filhos de Bertie pareciam “muito infelizes — exceto Jorge, sempre alegre e rosado”.[23] Corria a história de que, quando pequeno, depois de ser repreendido pela rainha por alguma arte sem maior importância durante o almoço, Jorge recebeu ordem de ficar sentado debaixo da mesa de castigo, e ao ser chamado de volta por ela apareceu completamente nu.[24] Constance de Rothschild relatava que ele tinha “um rostinho muito alegre” e “parecia ser o mais inteligente”.[25] Em comparação, Eddy, o herdeiro, mostrava-se frágil: ainda bebê, fora considerado pela rainha “vaporoso, plácido e melancólico”.[26] Mais preocupante ainda seria o fato de ser geralmente considerado, aos 6 anos, lânguido e apático.

Mas nem tudo era idílio campestre. “A casa de Hanôver, como os patos, produz maus pais”,[27] disse ao biógrafo de Jorge, Harold Nicolson, um cortesão que o conhecia muito bem. “Eles pisoteiam os filhotes.” (A observação não foi incluída na biografia.) Alexandra era uma mãe muito intensa e amorosa, mas também instável e egoísta. Por mais que aceitasse com elegância a infidelidade do marido, o comportamento de Bertie constituíra na verdade um terrível choque. (Anos mais tarde, ela reconheceria a Margot Asquith que havia sido totalmente apanhada de surpresa ao se ver suplantada. “E eu me achava tã-ã-ão linda”,[28] suspirou.) Mas o fato é que, amasse ou não Bertie, ela se viu privada da vida emocionante de que tanto gostava, assim como da atenção dele; e o aumento da surdez tornava muito mais difícil qualquer interação social.[********][29] Como se seguisse um manual, ela se voltou então para os filhos, para compensar. A surdez e o fato de se retirar para o convívio da família aparentemente frearam seu amadurecimento, mantendo-a para sempre com 22 anos — e com um rostinho eternamente juvenil, para combinar. Era uma menina encantadora, gentil, não particularmente autoconsciente, ligeiramente superficial, que nunca cresceu de fato — outro ponto em que ela e Bertie, que efetivamente alcançou certo grau de maturidade, se distanciaram. Ela passou a formar um grupo muito coeso com os filhos, uma espécie de sociedade de admiração recíproca,

resistente aos estranhos, tendo os filhos desenvolvido intensa dependência em relação a ela. Até mesmo o primeiro biógrafo de Jorge, tão correto, chegou à conclusão de que a intensidade das exigências de Alexandra acabou atrasando a evolução dos filhos para "a maturidade e a autoconfiança".[30] "Meu pequeno Jorge será sempre o mesmo, inalterado sob todos os aspectos",[31] insistia ela quando ele já tinha 19 anos, mandando-lhe "um enorme beijo nesse rostinho adorável" quando tinha 25.

Jorge a adorava. As cartas que lhe mandou foram de longe as mais expressivas e abertas que jamais escreveu, em grande medida, quem sabe, porque ela não era capaz de ouvir suas palavras. Mas Alexandra também causava ansiedade. As apaixonadas declarações de amor alternavam com períodos de negligência, que não contribuíram muito para a autoconfiança de Jorge. Pelos hábitos da época e do meio, suas ausências — em viagem ao Egito quando Jorge tinha 3 anos, por exemplo — talvez não fossem assim tão dignas de nota. Mas contrastavam com sua insistência em receber amor e atenção dos filhos. Em 1875, quando Jorge tinha 10 anos, ela visitou a Dinamarca com as filhas durante três meses, enquanto Bertie passava seis meses viajando pela Índia. Certa vez, deixou de escrever a Eddy e Jorge, e na noite em que retornou escreveu-lhes uma carta na defensiva:

> Meu querido Jorge,
>
> Mamãezinha querida ficou tão feliz de receber tantas cartinhas adoráveis dos seus menininhos, e certamente deveria ter respondido há muito tempo, mas você disse que eu não precisava, se não tivesse tempo — o que realmente aconteceu; fiquei muito emocionada pelo meu Jorge ter se lembrado de como a querida mamãe muitas vezes fica ocupada. (...) Acabo de receber sua última carta tão querida e eu também quase chorei por não poder ver meus queridos meninos esta noite, para lhes dar um beijo em cada um antes de ir para a cama.[32]

Um membro da casa real disse ao biógrafo de Jorge que Alexandra havia "intimidado a família inteira".[33] Foi ela certamente que impediu que a irmã de Jorge, Toria, se casasse, tornando-se, como observaria sua amiga e prima russa Olga (irmã do futuro Nicolau II), "não mais que uma esplêndida criada"[34] da mãe. "Mamãe", diria Jorge à mulher anos mais tarde, "como eu sempre disse, é uma das pessoas mais egoístas que conheço".[35]

Quanto a Bertie, amava os filhos (embora negligenciasse as filhas, tão sem graça), mas frequentemente estava ausente, e, quando presente, sua

personalidade tendia a tragar a deles. Jorge comportava-se com devoção quase servil em relação ao pai — muitas vezes se comentava que "constantemente ele subordinava não só suas preferências, mas toda a sua natureza à do pai"[36] —, buscando sua opinião e avaliação para as menores coisas. Os dois nunca discutiam. Jorge ocupava um lugar especial no afeto do pai. Lorde Esher, amigo de Bertie, observou que ele se referia a Jorge "com um abrandamento da voz e um olhar, meio sorridente, meio patético, que reservava àqueles que amava",[37] embora um sobrinho afirmasse que esse afeto decorria da disposição de Jorge de "ser seu escravo".[38]

Os sentimentos de Jorge em relação o pai, no entanto, não eram claros, por mais que assim o pretendesse. As cartas que escrevia a Bertie eram diametralmente opostas às que mandava à mãe, rígidas, corretas e reservadas; até seu biógrafo as considerava "pálidas e artificiais".[39] Na idade adulta, ele reconheceria abertamente que tinha medo do pai, acrescentando, em tom de aprovação, que seus filhos também deviam ter medo dele — o que de fato acontecia. Segundo o irônico e observador secretário do príncipe de Gales, Frederick Ponsonby, que gostava do chefe — considerando-o "cativante, caprichoso e humano"[40] —, todo mundo tinha medo de Bertie, exceto a mãe e a mulher. Luísa, a irmã de Jorge, certa vez desmaiou a caminho do palácio de Buckingham, onde ia ao seu encontro. Eddy disse a um amigo na universidade que "tinha um certo medo do pai, consciente de que não estava exatamente à altura do que era esperado dele".[41] Bertie não se considerava um pai que infundisse medo; recordando sua infância infeliz, escreveu: "Quando as crianças são tratadas com muita rigidez ou talvez severidade, ficam tímidas e conseguem apenas temer aqueles a quem deviam amar."[42] Mas ele podia mostrar-se insensível. Era capaz de "zombar" — provocar — um pouco demais, e mais ainda, e as vítimas não se sentiam capazes de reagir. A infância infeliz deixara como legado uma certa tendência para súbitos e imprevisíveis acessos de fúria, além de períodos de profunda depressão e momentos de rispidez, quando de repente vinha à tona um medo quase pânico do tédio. Sobre a relação entre pai e filho projetava-se a sombra da constante e declarada traição da adorada mãe de Jorge por Bertie, tema que jamais podia ser trazido à baila. Bertie chegava a escrever a Jorge sobre suas mulheres; numa carta de 1881,[43] ele fala ao filho adolescente da pretendida estreia no palco de sua amante Lillie Langtry. Seu

envolvimento em vários escândalos — geralmente em torno de mulheres ou jogo — era tudo que a formação moral de Jorge condenava.

Jorge ainda sofria outras pressões. Já muito pequeno ele sabia que sua principal função era de "reforço" de Eddy. Aos 7 anos, quando os príncipes europeus deixavam os cuidados maternos, Eddy foi confiado a um tutor, e o mesmo destino teve Jorge. John Neale Dalton era aos 32 anos um ambicioso sacerdote com uma voz ressonante, escolhido pela rainha para cuidar dos netos. Não muito tempo depois de ter os meninos entregues aos seus cuidados, Dalton disse a Bertie e Alexandra que Eddy apresentava uma "condição mental inusitadamente inerte".[44] Parecia incapaz de concentração, e Dalton suspeitava que talvez até tivesse "algum problema cerebral".[45] A solução, concluía o tutor, seria diminuir o ritmo dos ensinamentos, valendo-se de Jorge para apoiá-lo. A partir dos 6 ou 7 anos de idade, incutiu-se no espírito de Jorge, em quem Dalton distinguia uma certa tendência para o "nervosismo",[46] que seu papel consistia em proteger e servir de suporte ao irmão mais velho.

Ao chegar aos 12 anos, Jorge era um menino bem-comportado e um tanto cauteloso, qualidades particularmente evidentes em sua relação com a rainha. Enquanto Willy jamais se sentia intimidado por ela, Jorge, depois de deixar os cuidados maternos, passou a se aproximar de Vitória com medo e excessivo respeito. As cartas que lhe escrevia eram dóceis e impessoais. Ele esperava que a "Querida Vovó" estivesse "passando muito bem", informando-lhe que ele próprio "passava muito bem". (Em contraste, as cartas de Willy mostravam-se cheias de energia e idiossincrasias. "Fico com tanta pena que você esteja triste",[47] escreveu ele aos 10 anos. Queria ir ao seu encontro para confortá-la, "mas não pude, pois tinha muitas coisas a fazer". Ao ser por ela investido da Ordem da Jarreteira em 1877, quando tinha 18 anos, ele agradeceu-lhe por "me admitir na ilustre fraternidade dos Cavaleiros. Asseguro-lhe, querida Vovó, que fiquei mudo de espanto quando minha querida Mãe me disse que eu seria investido da mais alta ordem da Cristandade".[48]) Para os netos menores, Vitória devia parecer sobretudo uma dispensadora de sermões. Em dado momento, ela enviava a cada neto um relógio e uma exortação. Jorge recebeu os seus quando tinha 8 anos: "Seja muito pontual em tudo e muito cumpridor dos seus deveres",[49] dizia-lhe ela, "(...) espero que seja um menino bom, obediente e honesto, gentil com todos, humilde, dedicado e sempre preocupado em ser útil

aos outros! Acima de tudo, temente a Deus e sempre procurando fazer a Sua Vontade". Jorge de fato tentaria ser todas essas coisas, mas acima de tudo haveria de se mostrar obsessivamente pontual.

Aos 12 anos, em 1877, Jorge tornou-se o menor menino a jamais subir a bordo do HMS *Britannia*, espécie de escola pública para cadetes navais, ancorada ao largo da cidade de Dartmouth, em Devon. Eddy e Dalton também estavam presentes. A rainha Vitória sugerira que Eddy fosse para uma escola pública, ideia tão revolucionária na Inglaterra quanto fora na Alemanha, além de claramente inspirada pelo exemplo de Vicky. "Os bons meninos de qualquer origem", escrevia ela, "também devem ser autorizados a conviver com eles, para prevenir que desde cedo se instaure a ideia de orgulho e superioridade de posição, que é prejudicial aos jovens príncipes".[50] Dalton informaria que, não obstante seus esforços, Eddy não se mostrava à altura; os dois meninos estavam atrasados em relação aos colegas, e em sua opinião Eddy precisava apoiar-se em Jorge:

> O príncipe Alberto Vítor precisa do estímulo da companhia do príncipe Jorge para induzi-lo a estudar. (...) A influência recíproca dos temperamentos de ambos (...) é muito benéfica. (...) Por difícil que seja atualmente, a educação do príncipe Alberto Vítor o seria duas ou três vezes mais se o príncipe Jorge se afastasse dele. A animada presença do príncipe Jorge é seu principal esteio e o maior incentivo ao esforço; e também no caso do príncipe Jorge a presença do irmão mais velho é muito saudável para manter sob controle essa tendência à arrogância que às vezes se manifesta nele. Distante do irmão, seria grande o risco de ele ser endeusado e tratado como um favorito.[51]

Vitória considerava a vida na marinha "muito dura",[52] mas, ainda que relutante, acabou concordando com a "experiência" de Dalton. Não sabemos ao certo como Jorge se sentiu. Encontramos nesse período várias referências a brigas com Eddy e acusações contra ele; por outro lado, nenhum dos dois queria sair de casa, e pelo menos tinham um ao outro.

A rainha tinha alguns outros motivos de preocupação. Estava para se tornar imperatriz da Índia. Em 1876, convencera seu primeiro-ministro favorito, Benjamin Disraeli, a encaminhar ao parlamento uma lei conferindo-lhe esse título. Bertie achou a ideia "pomposa". "Eu jamais aceitaria que a palavra 'imperial' fosse acrescentada ao meu nome",[53] disse ele a Disraeli, em tom de reprovação. Comentava-se que a rainha sentia inveja da proliferação de imperadores no continente europeu — o imperador da Rússia, o Habsburgo e

agora o alemão — e decidira que também ela devia ser imperial, embora soubesse perfeitamente que os britânicos não aceitariam uma imperatriz em sua própria casa. Também se dava a entender, com menos bom humor, e nem só da parte da oposição liberal, que Disraeli estimulava na rainha, lisonjeando-a desavergonhadamente, uma concepção irrealista da própria posição. “Não haveria um certo risco”, perguntava-lhe gentilmente um colega de gabinete, “de estimular nela uma ideia por demais ampla do próprio poder pessoal, assim como uma excessiva indiferença do que o público espera? Estou apenas perguntando; cabe ao senhor avaliar”.[54] Um dos motivos de a medida ter sido aprovada pode ter sido o fato de se tratar de uma monarca do sexo feminino: seria difícil imaginar um parlamento britânico dispondo-se a transformar um rei em imperador de alguma coisa, o que pareceria por demais autocrático. Em troca do título, contudo, Disraeli conseguiu fazer aprovar — sem ter de enfrentar a intimidante obstinação que a rainha costumava demonstrar — uma série de inovadoras leis de caráter social, entre elas a Lei dos Sindicatos e a Lei de Saúde Pública. Não terá sido talvez por coincidência que a rainha aparentemente passasse a intervir menos na legislação doméstica depois de ser feita imperatriz, embora continuasse interferindo com frequência em questões militares, imperiais e de política externa.

Como Guilherme, Jorge não gostava da escola. “Nunca me fez bem ser príncipe, posso dizer-lhe, e muitas vezes desejei não sê-lo”,[55] queixava-se ele anos mais tarde, num tom de autocomiseração que viria a se tornar bem característico. “(...) Em vez de reconhecer nossas desvantagens, os outros meninos faziam questão de descontar em nós, alegando que mais tarde nunca poderiam fazê-lo.” Ele era pequeno para sua idade, e os meninos menores o forçavam a desafiar os mais velhos para brigas. “Muitas vezes eu tinha de me esconder.” Só mesmo depois de levar um soco feio no nariz é que ele se distanciou das brigas. Os meninos maiores o obrigavam a comprar balas para eles e levá-las a bordo, desobedecendo às normas. “Eu sempre era descoberto e enfrentava problemas, além de ver as balas confiscadas. E o pior de tudo é que era sempre com o *meu* dinheiro; eles nunca me pagavam.” Para esse tipo de pressão certamente contribuía o fato de Jorge gozar de certos privilégios. Em vez de se alojarem junto com os outros meninos, ele e Eddy tinham uma cabine própria, criados e Dalton, sob cuja supervisão Jorge se saía apenas mediocremente. Talvez a

mistura de sua ideia de realeza com a democracia da competição com outros meninos fosse desconfortável para ele, como havia sido para Willy. A família real gostava de falar de uma vida levada normalmente, de "humildade", mas não acreditava de fato nisso. Dalton, que realmente gostava de Jorge, não ajudava propriamente ao não estimular os meninos a se misturarem aos colegas, muito embora o HMS *Britannia* estivesse cheio de filhos de aristocratas britânicos. Jorge era instruído a manter distância dos outros, Dalton e Eddy eram o seu mundo. Isto haveria de se revelar particularmente duro para ele, pois se Eddy acabaria mostrando algo do encanto e do talento do pai para o convívio social, Jorge era tímido e nunca dominou com facilidade a arte de fazer amigos.

Ele deixou o *Britannia* aos 14 anos, para empreender um cruzeiro de três anos ao redor do mundo num navio de treinamento, o *Bacchante*. Ainda era baixo, com 1,46m de altura. "Vitória [sua avó] diz 'Tão crescido e tão pequeno!!!'", escreveu a mãe. "Meu Deus! Você terá de se apressar a crescer, ou então enfrentarei a desgraça de ser mãe de um anão!!!"[56] (Jorge nunca seria alto — 1,67m no máximo, a mesma altura de Willy e Nicolau.) E Eddy ainda o acompanhava. Alexandra fora informada por um dos comandantes de que seu período a bordo havia sido um total fracasso, mas se recusou a separar os meninos. Dalton também embarcou. Ele agora afirmava que as carências de Eddy ficariam ainda mais evidentes numa escola pública, e de qualquer maneira numa embarcação da marinha ele poderia manter os meninos distantes de "companhias nocivas".[57]

Nos três anos que passou no *Bacchante*, Jorge percorreu o Mediterrâneo, a América do Sul, a África do Sul, a Austrália, o Japão, a China, Cingapura, o Egito e a Terra Santa; abateu albatrozes, trocou fotografias com um chefe zulu e suas quatro esposas, quase foi apanhado na primeira Guerra dos Bôeres, viu avestruzes, percorreu as 12 estações da Cruz em Jerusalém, tatuou um dragão no braço em Tóquio, foi recebido pelo micado, quase naufragou ao largo do sul da Austrália, sentiu os cheiros das ruas de Pequim, desceu o Nilo em barcaças de ouro e adotou um filhote de canguru. Mas nada disso foi suficiente para lhe infundir alguma curiosidade ou real interesse pelo mundo. Mais dez anos na marinha, durante os quais tornou-se o príncipe britânico mais viajado de todos os tempos, deixaram-lhe apenas uma profunda aversão às viagens ao exterior. O mar o deixava enjoado, e ele sempre sentia falta da família. Ao dar início, aos 15

anos, a seu primeiro cruzeiro de dois anos, ele escrevera à mãe: “Enquanto entoávamos hinos, não pude me impedir de pensar em vocês. Essa última separação foi horrível, e creio que o que você disse era verdade, que a coisa ficou ainda pior por termos de esperar no saguão até que o querido Papai chegasse, pois nenhum de nós conseguia falar, já que estávamos chorando tanto.”[58] Aos 19 anos, ele tentou comunicar ao pai o desejo de deixar a marinha; a resposta foi que seria impossível, e Jorge aceitou seu destino.[59] Mas aos 21 anos a separação tornava-se muito dolorosa. “Sinto tanta falta de vocês e me senti tão mal ao ter de me despedir”,[60] escreveu ele, tendo perdido um aniversário em família. “Como gostaria de estar aí também, quase me dá vontade de chorar quando penso nisso. Fico imaginando quem estará naquele meu adorável quartinho; você deve ir vê-lo de vez em quando e ficar imaginando que o seu Jorge querido está morando nele.”

Retrospectivamente, parece óbvio que Dalton era um mau professor, com expectativas em relação aos pupilos que iam recuando com o passar dos anos. Anos depois, a bem-educada mulher de Jorge, a rainha Maria, reconheceria ser chocante que “o rei não tivesse aprendido mais” e que Dalton “nunca tivesse realmente tentado educar os príncipes”.[61] Como Hinzpeter, o tutor de Willy — embora de maneira menos sinistra —, ele sabia muito bem botar sua própria incapacidade na conta dos alunos. Quanto mais solenemente ele relatava as carências dos príncipes, mais a família parecia admirá-lo. “Que homem honesto e destemido!”,[62] registraria a rainha Vitória em seu diário em 1877, depois de mais uma notícia desabonadora sobre a educação dos rapazes. Outros mostravam-se menos caridosos. “Mas que diabos esse estúpido Dalton tem feito todos esses anos!?”, perguntava-se, incrédula, lady Geraldine Somerset, a dama de companhia da rainha, enquanto Maria, a tia russa de Jorge, mostrava-se “contundente”[63] a respeito de sua “ignorância”. Fosse ou não Eddy tão inadequado quanto alegava Dalton, depois de 12 anos de sua tutoria Jorge era considerado “deficiente até mesmo nas matérias mais elementares”,[64] entre elas ortografia e gramática. A geografia, observaria um primo, “não era seu ponto forte”,[65] e ele tampouco era capaz de conversar tranquilamente em francês ou alemão, o que representava o mínimo absolutamente básico de uma educação real. Dalton tentou disfarçar sua incompetência publicando um livro de 1.400 páginas em dois volumes, *O cruzeiro do Bacchante*, implausivelmente atribuído

aos dois príncipes mas inteiramente escrito por ele, cheio de citações em latim e relatos de ostentoso moralismo. Já adulto, Jorge reconheceria abertamente tratar-se de “um dos livros mais chatos jamais escritos”.[66]

É possível que Jorge fosse disléxico, disfunção totalmente ignorada no século XIX e hoje em dia provavelmente uma explicação abusivamente na moda para todo tipo de problemas de aprendizado. Mas seus problemas de ortografia, gramática e línguas, não obstante tantos anos de empenho, convergem para um diagnóstico como esse, assim como seus problemas de redação, que representaram uma verdadeira tortura para Jorge durante toda a vida. O historiador da arte sir Kenneth Clark, por ele designado Inspetor dos Quadros do Rei no início da década de 1930, reconheceu que nunca vira alguém com tanta dificuldade para o simples ato de escrever — um clássico problema de dislexia.[67] Sua prima Maria da Romênia, conhecida como Missy, recordaria sua “testa franzida”[68] enquanto “pelejava” com as cartas. A dislexia explicaria características que se tornaram perfeitamente evidentes em Jorge na idade adulta: ansiedade e falta de confiança, anseio pelo conhecido e uma incapacitante complexidade na expressão dos sentimentos. Em virtude da surdez de Alexandra, boa parte do que Jorge queria comunicar-lhe não podia ser expresso verbalmente. As cartas acabaram se transformando na maneira mais direta de se comunicar com ela, no veículo das emoções mais suaves de Jorge. Mais tarde, viriam a se tornar praticamente a única maneira através da qual ele se mostrava capaz de transmitir amor e intimidade à própria mulher. Ao mesmo tempo, como a escrita lhe era tão difícil, a expressão dos sentimentos — que já é tão difícil para tantos ingleses da classe alta — passou a ser associada a dificuldade e desconforto.

Um testemunho do senso de dever de Jorge é o fato de, não obstante a dificuldade do ato de escrever, ter começado um diário aos 13 anos, teimosamente se obrigando a fazer registros diários até o fim da vida, em 1936. Os volumes são quase sempre insuportáveis, o máximo da falta de interesse. “Meu Deus, como são chatos!”,[69] escreveu seu biógrafo Harold Nicolson em caráter privado. Neles, fica patente a evaporação da sua vivacidade infantil, e talvez também uma relutância de disléxico em ir além das formulações mais elementares. Em suas páginas, praticamente não encontramos sinais de vida interior, em meio a registros, dia após dia, sobre o tempo, o momento em que se

levantou, comeu e foi para a cama, além de aniversários importantes.

O fato é que a família contribuía para esse desenvolvimento insuficiente dos filhos. Alexandra não queria que crescessem e a deixassem, e nem mesmo Bertie desejava que se tornassem como ele. “Nosso maior desejo”, escreveria ele à mãe, “é mantê-los simples e puros e infantis enquanto for possível”.[70] Nenhum dos dois entendia realmente a necessidade de um esforço acadêmico. A rainha gostava em princípio da ideia de uma educação mais vigorosa e democrática, mas na prática seu sentimento de casta e tradição (assim como o medo de que as crianças se tornassem como Bertie) era por demais forte para superar o desejo de que as coisas continuassem sempre iguais, confiáveis ainda que decepcionantes. Ela considerava que a realeza era algo à parte — no mínimo, para poder manter-se intacta — e não devia aproximar-se dos plebeus. Até os aristocratas eram questionáveis. Só era possível relaxar realmente entre membros da realeza. E ela não estava nem de longe sozinha nessas convicções: quase sempre a educação dos membros da realeza era tão limitada e solitária quanto a de Jorge; na maioria das vezes, os filhos da realeza e da aristocracia eram ensinados a reprimir seus desejos e se manter nos estritos limites de suas circunstâncias, sem mostrar curiosidade nem questionar. A grã-duquesa Maria Romanov, prima russa do tsar Nicolau II, escrevendo sobre a própria educação — que, segundo ela, fora “estritamente de acordo com os padrões e regras que prevaleciam em quase todas as cortes da Europa no fim do século XIX”[71] —, dizia que “toda expressão de vontade ou independência era imediatamente reprimida”. Retrospectivamente, ela considerava que o sistema formava espíritos condicionados “para o banal e o convencional (...) de certa forma, a educação que recebíamos atrofiava nossa capacidade e limitava nossos horizontes”. Parece difícil deixar de achar que a educação de Jorge teve sobre ele exatamente este efeito.

Em 1883, Eddy foi mandado para Cambridge — “Como eu sinto sua falta em tudo, *o dia inteiro*”,[72] escreveria ele ao irmão — e Jorge, depois de vários meses no Atlântico Norte, entrou para o colégio naval de Greenwich. Aos 19 anos, continuou a ser “protegido” de qualquer experiência normal. Não podia deixar o colégio de forma alguma, exceto para praticar esportes, e, mesmo assim, acompanhado. Bailes e festas dançantes eram proibidos. Suas cartas eram lidas e respondidas por outras pessoas. Retornando certa noite ao colégio com seu tutor

militar, ele perguntou se podia pagar ao motorista da charrete — coisa que nunca fizera antes — e precisou tomar emprestado o valor. No seu aniversário de 20 anos, em junho de 1885, a rainha Vitória escreveu-lhe uma carta solenemente ameaçadora, exortando-o a

> Evitar as muitas tentações malignas que acometem os homens jovens, especialmente os príncipes. Cuidado com os aduladores, com um amor muito grande aos divertimentos, às corridas, às apostas e ao jogo alto. Ouço de todos os lados informações sobre como você é um menino bom e firme, merecedor de confiança. Ainda assim, deve estar sempre atento, sem temer o ridículo caso faça o que está certo (...) não faltam homens jovens e mais velhos que foram arruinados, partindo o coração dos pais e arrastando na lama nomes e títulos importantes.

No ano seguinte, Alexandra escreveu exortando-o a resistir à "tentação" — ou seja, ao sexo — e cumprimentando-o por tê-lo conseguido até então: "A maior prova que poderia me dar do quanto deseja agradar-me é o fato de tê-lo feito por mim e a promessa que me fez algumas noites antes de partir."[73] Só aos 23 anos Jorge registraria — com surpreendente descuido em seu diário — ter dormido com uma jovem em Southsea, e que havia uma outra que ele "dividia" com Eddy em St John's Wood, e que era "um pedaço".[74]

Em 1886, aos 21 anos, ele entrou realmente para a marinha, passando os quatro anos seguintes como oficial na esquadra mediterrânea, ancorada em Malta. A Marinha Real era o símbolo glorioso do poderio britânico, a força que cimentava o império. No fim do século XIX, os muitos anos de paz e inatividade (a última grande batalha naval de que participara fora a de Navarino, em 1827) a haviam tornado cada vez mais conservadora, obcecada com a tradição e as aparências. "O sucesso de um comandante", escreveu um historiador do império, "era avaliado basicamente pela aparência de seu navio, a brancura da pintura, o brilho dos metais e a excelência de seus consagrados treinos".[75] Jorge era de fato tudo aquilo que os pais e a avó esperavam que fosse: firme, persistente e dedicado. Deixou crescer uma barbicha de marinheiro e parou de sorrir nas fotografias, passando a encarar a câmera com um intenso olhar melancólico. Os marinheiros não sorriam no cumprimento do dever, afirmava.[76]

Suas licenças, com poucas exceções, eram passadas em Sandringham com a família, atirando — o tiro rapidamente se tornava sua maior paixão. Uma das exceções foram as comemorações em Londres, em junho de 1887, do Jubileu de Ouro da avó, que completava cinquenta anos no trono, ocasião em que ele tomou

seu lugar na procissão atrás da carruagem da rainha, em meio aos cinquenta membros da realeza — 32 dos quais diretamente aparentados a ela — que haviam se deslocado para homenageá-la. O Jubileu de Ouro era uma confiante afirmação da condição de Grande Potência da Grã-Bretanha e de seu crescente sucesso. Embora a Alemanha e os Estados Unidos pudessem vir logo atrás, ela ainda era o maior país industrializado do mundo, e seu império estendia-se a essa altura do Atlântico Sul até a Ásia e a Austrália, passando pela África. A rainha, praticamente pelo simples fato de estar no trono há tanto tempo e apesar de ser tão pouco conhecida pelos súditos, ou até por causa disto, havia se transformado num símbolo mais forte que nunca da nação e do império, e ainda por cima era extremamente popular. Embora a mais recente Lei da Reforma tivesse outra vez ampliado consideravelmente o eleitorado, em 1884, encontrando a rainha maior dificuldade para conduzir a política à sua maneira, quase meio milhão de pessoas acorreram para aclamá-la delirantemente enquanto ela desfilava através de Londres, trajando um vestido negro simples e um pequeno bonete branco. Segundo escreveria Jorge, que ao lado de Eddy fora nomeado ajudante de campo pessoal da rainha, cavalgando ao lado de sua carruagem, a procissão "era uma belíssima visão, e a aclamação era ensurdecedora".[77] Em certa medida, essa nova explosão de pompa real assinalava um retorno ao brilho das aparências, para compensar a perda de algo substancial.

No exterior, a rainha já não era encarada tão entusiasticamente. Um bem-informado integrante do governo alemão resumiu o que se comentava na corte prussiana: "Ela era uma pessoa baixinha, de largura quase equivalente à altura, parecendo uma cozinheira, tinha um rosto vermelho azulado e era meio retardada mental. Mas é muito rica. (...)"[78] Na Rússia, o primo de Jorge, o tsarévitch Nicolau, que acabara de iniciar seu treinamento militar, resmungava que "o festejado aniversário da rainha inglesa"[79] fizera com que vários membros importantes da família fossem a Londres, com isto encurtando sua permanência no campo; "Lamento isto."

Para a rainha, contudo, o jubileu tinha outro significado, como comemoração de seu domínio sobre uma família que se estendia através da Europa, além de uma forma especial de continuar exercendo certa influência política. Na véspera da procissão, Vitória ofereceu um banquete aos seus cinquenta "reais" (expressão de Jorge) — ou, como diria ela, "um grande jantar de família".[80] Ela

foi escoltada pelo rei Cristiano da Dinamarca. O filho dele, o rei Jorge dos Helenos, sentou-se ao seu lado. Em frente a ela estava o primo Leopoldo II, rei da Bélgica, que a essa altura transformava o Congo Belga numa pavorosa colônia de escravidão que haveria de torná-lo inacreditavelmente rico. Guilherme, queixando-se de ter sido ignorado e de maus bofes com a avó, sentou-se mais adiante à mesa. Jorge, cujo diário estava cheio de referências a almoços com o "Tio Fritz" e suas "primas prussianas" — a "pirralhinha" (Carlota) e "Vicky, Sophy e Mossy"[81] —, não fazia uma única referência a Guilherme.

A intimidade entre as monarquias, estava convencida a rainha, gerava amizade entre as nações. Era uma teoria que nem a história nem as relações familiares viriam a confirmar.

******** Cristiano de Schleswig-Holstein, cuja família se havia alinhado com a Prússia.

******** O grau de sua surdez pode ser depreendido do relato de uma visita feita por um grão-duque russo na década de 1880. Ele ficou impressionado pelo fato de todos precisarem gritar em sua presença: "Um estranho que entrasse de repente na sala de jantar do palácio ficaria achando que estava assistindo a uma briga de família."

3. Nicolau: uma torre de marfim cravejada de diamantes (1868)

Na realeza, todas as infâncias eram isoladas, mas a de Nicolau Romanov o foi particularmente, mesmo pelos padrões reais. E se a infância fechada de seu primo inglês Jorge contrastava com a crescente abertura da sociedade inglesa, a de Nicolau era um paradigma da estagnação e da natureza fechada da sociedade russa.

A Rússia imperial era um colosso preso a tradições superadas há cem anos. Com seus 22 milhões de quilômetros quadrados, o país ocupava quase um sexto da superfície do planeta, tinha uma população de 120 milhões de habitantes (o equivalente à soma das populações da Grã-Bretanha, França e Alemanha) e contava com um exército permanente de mais de um milhão de homens. Seus tsares levavam uma vida de luxo sem igual; suas grã-duquesas vergavam ao peso dos próprios diamantes, sua vida social era mais espetacular que qualquer outra coisa na Europa. Ao mesmo tempo, era uma sociedade agrária subdesenvolvida e miserável, menos densamente populosa que qualquer outra da Europa, mal chegando a constituir de fato uma nação, na verdadeira acepção da palavra. Tratava-se na verdade de uma coleção de oitenta e tantas nacionalidades não integradas, dos poloneses aos uzbeques, com poucas coisas em comum, à parte os diferentes graus de fidelidade ao tsar. Suas instituições eram arcaicas, a infraestrutura de comunicações, lamentável, a administração governamental, incapaz de dar conta do recado. As guerras externas quase haviam levado o país à bancarrota. Cinco sextos da população eram de camponeses, sobre os quais recaía o maior peso fiscal. Menos de 20% dos russos eram alfabetizados no fim do século XIX, em comparação com cerca de 95% dos britânicos.[1] Os russos educados, dos burocratas tsaristas à aristocracia, passando pela pequena classe profissional que surgia, detestavam que os vizinhos europeus considerassem seu país atrasado e “asiático” — palavra com conotações de tirania, decadência, corrupção e barbárie. Alguns, apresentando-se como livres-pensadores e socialmente progressistas, queriam que a Rússia fosse mais ocidentalizada e “civilizada”. Outros, considerando-se eslavófilos, sustentavam que a Rússia era diferente, especial, incompreensível para os europeus, com suas mentes

literalistas, e que os russos deviam aferrar-se orgulhosamente a suas tradições.

A família de Nicolau, os Romanov, governava a Rússia desde 1613; mas só com as Guerras Napoleônicas é que o país havia se transformado numa autêntica superpotência. Em 1814, depois de derrotar Napoleão, o tsar Alexandre I descera os Champs-Élysées a cavalo como árbitro da Europa. (Foi certamente em indireto reconhecimento desse momento de glória que Bismarck resolveu coroar seu imperador alemão em Versalhes, em 1871.) Os tsares russos baseavam seu status imperial — de maneira algo implausível — no fato de serem herdeiros do império bizantino. Após a queda de Constantinopla frente ao Islã em 1453, os autoproclamados Grandes Príncipes de Toda a Rússia haviam sido os governantes independentes mais poderosos ainda restantes na Igreja Bizantina, também conhecida como Ortodoxa Oriental. O príncipe Ivan, o Grande, casou-se com a sobrinha do último imperador bizantino, acrescentou a águia de duas cabeças bizantina a suas insígnias, adotou o ritual de corte bizantino e começou a se chamar de “tsar”. Com isto, ele mobilizava uma série de mitos messiânicos bastante úteis sobre a missão mundial da Rússia: reconquistar Constantinopla, ou Tsargrado, como era conhecida pelos russos, para a cristandade (e, de maneira ainda mais útil, obter acesso seguro à Europa e ao Mediterrâneo para seus cereais e sua marinha) e “proteger” os povos eslavos dos Bálcãs frente ao Império Otomano. Esta dupla missão fez com que sua autoridade ficasse sob fiança da Igreja Ortodoxa russa. O tsar transformou-se no grande defensor da ortodoxia; a Igreja, mais estreitamente vinculada ao Estado que em qualquer outro país da Europa, decretou que o tsar era o representante de Deus na Terra e que devia ser obedecido a qualquer custo.

Teoricamente, o poder do tsar era ilimitado: os Romanov gostavam de achar que a Rússia e seu império não passavam de uma enorme propriedade feudal em que tudo dependia deles. Mostravam-se obstinados em sua determinação de não abrir mão de uma única gota do poder. Com isto, todo aquele que tentasse empreender mudanças encontrava extraordinária dificuldade, pois qualquer mudança podia ser encarada como um desafio às prerrogativas do tsar, sendo por isso sumariamente reprimida. Não havia assembleias de representantes de qualquer natureza, e ninguém, nem mesmo os ministros e os legisladores — nomeados e demitidos ao bel-prazer do tsar —, podia tomar iniciativas de política, legislação ou de qualquer outra natureza na esfera pública sem a sua

participação. Tudo devia partir do tsar. Até os decretos de divórcio precisavam ser assinados por ele. Anton Tchekhov lembrava-se de um infeliz, em sua infância, que vegetara esquecido durante anos na masmorra da aldeia, depois de ter sido preso por recolher dinheiro sem permissão para construir uma igreja.[2] Qualquer europeu que lesse jornais sabia da brutalidade com que a Rússia havia esmagado o movimento separatista polonês, da maneira tácita como estimulava os pogroms judeus, da perseguição que promovia às pequenas seitas religiosas, embora, em virtude da censura à imprensa, nem todo mundo o soubesse na própria Rússia. O governo parecia particularmente empenhado em perseguir os maiores escritores do país, que não raro nada tinham de radicais. Turguêniev fora submetido a prisão domiciliar por publicar uma resenha favorável a Gógol; Dostoiévski foi condenado à morte (pena comutada em quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria) por integrar um inofensivo grupo de liberais utópicos. Os liberais europeus — especialmente na Inglaterra — odiavam no tsarismo o símbolo de tudo que era atrasado e antidemocrático. Os monarquistas — especialmente na Alemanha — viam nele um tranquilizador reduto do conservadorismo.

Em meados da década de 1850, contudo, a burocracia russa e seus ministérios começavam a emperrar, e o país ficava para trás, em termos comerciais e industriais. O principal motivo era a mão pesada do Estado. Um bom exemplo era a maneira como a sociedade russa continuava enfeixada na hierarquia quase feudal criada por Pedro, o Grande, cerca de 120 anos antes. A segregação de classe era imposta pelo governo: todo indivíduo era registrado em determinada camada social, e a camada a que cada um pertencia determinava a vestimenta, a educação a ser recebida, as profissões que podiam ser exercidas, os lugares para onde era possível viajar, os níveis de impostos a serem pagos — e os que ficavam mais baixo socialmente pagavam proporcionalmente mais. Não era mero acidente o fato de tantos grandes artistas e escritores russos do meado do século XIX serem aristocratas, como tampouco o fato de o país não se ter industrializado. O problema, para o governo, era que se a Rússia ficasse muito para trás da Europa perderia sua posição de grande potência. Manter o status de grande potência, no alto da pirâmide da política internacional — juntamente com a Inglaterra, a França, os Estados Unidos, a Áustria-Hungria e o mais novo membro, a Alemanha —, era vital para a identidade do governo tsarista e,

acreditava ele, para a própria existência do império. A questão era saber se o país seria capaz de se modernizar e desenvolver, e mesmo de se industrializar, sem que o tsar sacrificasse uma polegada que fosse do seu poder, ou mesmo o perdesse por inteiro. À altura do nascimento de Nicolau, em 1868, esse dilema é que havia levado seu avô, o tsar Alexandre II, a introduzir uma série de modestas reformas que viriam a render-lhe o título de "libertador": abolição da servidão, liberalização da imprensa, introdução dos primeiros elementos de uma mobilidade social e criação dos *zemstvos*, os conselhos rurais que conseguiram construir as estradas, escolas e hospitais que o Estado não era capaz de assegurar à população. Mas ao mesmo tempo uma série de tentativas de assassinato do tsar convenceu os conservadores do governo de que mesmo a mais modesta liberalização seria por demais perigosa para a Rússia.

Entre esses conservadores estava o pai Nicolau, Alexandre, o tsarévitch. Alexandre era um homem-montanha de áspera determinação. Como seu antepassado Pedro, o Grande, media bem mais que 1,80m e era incrivelmente forte, "com a compleição de um açougueiro",[3] conforme escreveria um jornalista britânico. Nas festas e reuniões, costumava empenar e desempenar garfos e facas, para intimidar dignitários estrangeiros e divertir os amigos dos filhos. Ao contrário de Pedro, o Grande, não era favorável à ocidentalização: "Ele procurava ser russo até nos mínimos detalhes de sua vida pessoal, e por isto é que sua atitude parecia menos aristocrática que a dos irmãos",[4] escreveria um cortesão. "Afirmava, talvez sem pensar efetivamente na questão, que um verdadeiro russo não deveria ter maneiras muito polidas, que deveria preservar algo de uma certa brutalidade." Alexandre fazia questão de se mostrar rude e deliberadamente provinciano. Usava uma longa barba — sinal de ostensiva eslavofilia, em forte contraste com os sofisticados e bem escanhoados irmãos — e camisas largas de estilo camponês russo, sendo conhecido pela rispidez, o jeito taciturno e a profunda desconfiança em relação a praticamente todo mundo. Era xenófobo, antissemita e criticava as reformas promovidas pelo pai. Desaprovava enfaticamente a extravagância e a sofisticação europeizada de São Petersburgo, detestando sua temporada social de inverno. Não tinha qualquer interesse pela arte ou a cultura, a alta culinária ou os bons vinhos. Mas gostava do interior: as lembranças mais vívidas que os filhos guardavam dele eram das caminhadas que faziam juntos, durante as quais ele os ensinava a acender uma fogueira, abrir

uma trilha, seguir o rastro de um animal. Ele não era particularmente inteligente, e, como seu sobrinho Jorge, tinha um irmão mais velho e sua educação fora negligenciada — sua visão de mundo se havia formado no exército. Mas era uma figura impressionante, inclusive por parecer totalmente isento de dúvidas e insegurança.

O irmão mais velho de Alexandre, Nicolau, o herdeiro, morrera de tuberculose em 1865. Segundo a lenda, em seu leito de morte Nicolau unira as mãos de sua noiva, Minny, filha do rei da Dinamarca, Cristiano, e irmã de Alexandra de Gales, com as do irmão, para manifestar o desejo de que se casassem. Na realidade, a pretendida de Alexandre estava banida no exterior, e ele foi praticamente conduzido à força a Copenhague para pedir em casamento a noiva do irmão, que graciosamente aceitou. Os dois se casaram em 1866. Minny parecia o oposto do marido: pequenina e de uma delicada beleza — embora não fosse, no dizer geral, tão bela quanto a irmã Alexandra —, ela também tinha um encanto especial. Mostrava-se também mais firme e inteligente que a irmã; sabia-se inclusive que lia livros e era pintora amadora.[5] Como Alexandra, era extravagante, gostava de belas roupas, joias suntuosas e festas — especialmente na temporada de São Petersburgo. E também era popular, o que não significava pouca coisa, sabendo-se o quanto a sociedade aristocrática russa era facciosa, competitiva e fofoqueira. Para surpresa geral, todavia, Minny e Sacha, como eram chamados em família, foram um grande sucesso. Ela encantava São Petersburgo, para que ele não precisasse fazê-lo. Ao contrário de tantos homens da família Romanov, ele se revelou extremamente dedicado à esposa. Os dois tinham uma fé religiosa simples e forte, gostavam da vida ao ar livre — tal como a irmã, Minny era uma bela amazona —, eram dedicados à família e demonstravam a mesma inclinação pelas brincadeiras de mau gosto. Em seu caso, as mais comuns consistiam em atirar bolinhas de pão num jantar e voltar mangueiras d'água contra vítimas incautas.

Seu primeiro filho, Nicolau, nasceu dois anos depois, a 6 de maio de 1868, que era, no calendário religioso, o dia de Jó, cujo estoico fatalismo parecia, no caso, adequado. A irmã de Minny, Alexandra, escreveu-lhe manifestando o desejo de enviar sua enfermeira, a sra. Clarke, lembrando o que havia acontecido ao filho de Vicky, "que nasceu defeituoso".[6] Alexandre assistiu ao parto, demonstrando em seu diário uma ternura — "Que alegria!", escreveu, "(...) eu

chorava como um bebê”[7] — que ia de encontro à sua imagem pública. Seguiram-se cinco outros filhos: um irmão que morreu ainda bebê, depois dois meninos e duas meninas: Jorge e Xênia e os bebês da família, Miguel e Olga.

Nicolau cresceu em uma série de palácios cobertos de neve nos baluartes setentrionais do império russo. Todas as circunstâncias de sua infância conspiravam para torná-lo inocente, ingênuo e jovem, apesar do correr dos anos. Alexandre amava os filhos, mas sua misantropia, o excesso de proteção e a insistência numa obediência total e absoluta não pareciam propriamente indicados para gerar personalidades fortes e confiantes — e foi o que de fato se viu. A rigidez de que se via cercada a realeza russa os isolava da vida moderna e das outras pessoas, mais ainda que no caso de outras realezas; a forte desconfiança demonstrada por Alexandre em relação a qualquer um que não fosse da família, o desapreço que tinha por São Petersburgo e suas preocupações com questões de segurança impediam Nicolau de desfrutar daquilo que a alta sociedade de São Petersburgo poderia oferecer-lhe: um pouco de cosmopolitismo, cultura e companhia. O contato com qualquer pessoa que não fosse seus irmãos, as irmãs e os criados era difícil e raro. “Criados, animais de estimação e parentes, nesta ordem”:[8] assim as crianças priorizavam seus relacionamentos com o mundo externo, vindo a corte e a sociedade muito atrás. O mais frequente companheiro de brincadeiras de Nicolau era seu irmão Jorge, três anos mais moço, cujas brincadeiras de mau gosto — ele vivia derrubando os criados e insuflando seu papagaio de estimação contra os tutores — e ditos espirituosos de tal maneira divertiam Nicky que ele os anotava, mantendo-os guardados numa caixa, de onde os retiraria anos depois para dar boas gargalhadas. Eventualmente ele encontrava primos grão-ducais como Alexandre Mikhailovich, conhecido como Sandro, e os filhos de Lili Vorontsova-Dachkova, amiga e dama de companhia de Minny. Uma das poucas crianças com as quais Nicky convivia, além destas, era o filho de sua governanta, Vladimir Ollogren, que passou a frequentar suas aulas, durante três anos, quando ele tinha 7 anos. Apesar do afeto existente na família, sua vida era inevitavelmente solitária.

Dizia-se que as crianças Romanov, como seus primos ingleses Eddy e Jorge, eram alegres e cheias de vida. Sandro, o primo de Nicky, que o conheceu em 1875, quando ele tinha 7 anos, lembrava-se de um menino ligeiramente frágil, de temperamento suave e sorridente, dotado de uma boa dose do encanto da mãe.

Vladimir Ollogren o considerava uma criança muito feliz, que adorava o jogo da amarelinha e pássaros, a mãe e os longos rituais teatrais da Igreja Ortodoxa, que ele gostava de representar. Sua religiosidade também seria lembrada pela irmã menor, Olga. Ollogren não conseguia se impedir de comparar o menino com o pai, tão grosseiro. Ao lado dele, o frágil e sossegado Nicolau parecia francamente "feminino". O tsar era lembrado por Ollogren como "um homem simples, extraordinariamente alegre";[9] várias pessoas observariam que Alexandre parecia preferir a companhia das crianças à dos adultos.

Nicolau tinha por ele um profundo e temeroso respeito. Ele parecia sobre-humano, tão grande e forte, tão absolutamente isento de dúvidas. Quando a família imperial se viu envolvida, em 1888, em Borki, num descarrilamento de trem no qual morreram vinte pessoas (nunca se chegou a saber se o acidente foi causado por uma bomba ou por um defeito nos trilhos), Alexandre levantou sozinho o teto do vagão no qual a família tinha ficado presa, salvando-a. Ele era extremamente amoroso com os filhos, mas se mostrava implacável com qualquer sinal de fraqueza, esperava obediência total e podia ser assustador. Um observador escreveu que, falando normalmente, ele podia às vezes "dar a impressão de estar a ponto de agredi-lo".[10] Vladimir Ollogren recordaria uma ocasião em que levou a culpa por algo que Nicky havia feito. "Você é uma menininha",[11] disse Alexandre ao filho brutalmente. Um membro da casa imperial comentaria que isto gerava um clima desconfortável de "dissimulação e contenção"[12] na família.

Minny não era menos poderosa. Podia mostrar-se extremamente imperiosa e levava muito a sério sua posição na sociedade. À exceção do primogênito, que a adorava, seus filhos a achavam ao mesmo tempo exigente e distante. Nicolau manteria em relação a ela uma atitude deferente até a idade adulta. "Espero que o meu Nicky tudo faça para mostrar-se amistoso e encantador com todo mundo e esteja disposto a cumprir seus deveres pessoais *mesmo* se forem às vezes *tediosos*",[13] escreveu-lhe ela quando ele percorria a Sibéria aos 22 anos, como se fosse um menininho numa festa em casa de amigos. A filha menor, Olga, que não gostava da mãe, achava que ela havia feito de tudo para acabar com o casamento da irmã Xênia, pois "minha mãe simplesmente não queria perder o controle sobre Xênia".[14]

Uma das peculiaridades da época era que, não obstante a anglofobia política

da Rússia, existia na sociedade russa uma forte corrente de anglofilia cultural. Tal como os primos Jorge e Willy, Nicolau e os irmãos passaram os primeiros anos de vida cercados de babás e enfermeiras inglesas, em meio aos banhos frios, às longas caminhadas e à alimentação simples — mingau e cozido de carneiro — típicos da criação inglesa. Na nobreza russa, como em muitas casas reais europeias, as babás inglesas estavam na moda, e uma das consequências disto era que muitos aristocratas russos aprenderam a ler e escrever em inglês antes do russo. Nicolau e os irmãos com toda certeza começaram a falar inglês bem muito cedo. O próprio tsar, apesar da xenofobia, era muito dedicado à sua velha babá inglesa, Kitty, que passou 46 anos no serviço imperial. Por trás das paredes de seu palácio preferido — Gatchina, apresentado como um palácio de pedra "ao estilo inglês", com direito a fosso —, a família real não vivia no esplendor dos grandes mármores, como os prussianos, nem no tradicional ambiente moscovita, mas em aposentos de proporções modestas em nítido estilo burguês inglês. Alexandre não gostava do estilo de vida público e palaciano dos antepassados, e a família viveu sempre em aposentos pequenos e abafados, cheios de móveis pesados e sofás excessivamente estofados cobertos de chintz inglês.

À parte os dispositivos domésticos, contudo, nada com os Romanov era feito em pequena escala: era tudo gigantesco. O Palácio de Gatchina, nas imediações de São Petersburgo, para onde a família se mudou quando Nicolau tinha 12 anos, contava com novecentos quartos, em sua maioria, à parte os aposentos reais, vazios, empoeirados e sujos. Chegou-se a estimar que o número de criados em todos os palácios dos Romanov chegaria a 15 mil.[15] A família real britânica nunca viveu em tais condições. No famoso Natal de luxo passado pelos pais de Jorge em Sandringham ("Dickens num ambiente Cartier",[16] na descrição do neto, o futuro Eduardo VIII), instalou-se uma enorme árvore de Natal, ao redor da qual se amontoavam presentes para os criados. Os Romanov tinham seis árvores só para a família, num salão muitas vezes maior que qualquer compartimento em Sandringham. O baile de Nicolau, o grande acontecimento da corte durante a temporada de São Petersburgo, recebia 3 mil convidados. Ao longo de todo o ano havia uma constante sucessão de procissões, recepções formais, apresentações e banquetes, sempre em escala grandiosa, envolvendo milhares de generais, clérigos, camareiros, damas e cavalheiros da corte. No

Palácio de Anichkov, na Nevsky Prospekt, onde a família passava os primeiros meses do ano, Nicolau via a mãe vestir-se toda noite, acompanhada de perto por cinco criadas e a chefe do guarda-roupa, com o pesado vestido de brocado prateado prescrito pela etiqueta imperial, mais um colar de pérolas de dez voltas em torno do pescoço — tão coberta de joias que mais parecia uma divindade oriental. Na primavera, a família ia para Peterhof, a enorme propriedade dos Romanov no golfo da Finlândia, instalando-se numa das muitas villas que ali mantinha. O verão era passado no iate real, fazendo-se talvez uma viagem à Dinamarca ou às propriedades da aprazível Livádia, na Crimeia. Cada movimento era um verdadeiro pesadelo logístico. Para uma viagem de três semanas à Dinamarca, a família era invariavelmente acompanhada por vinte vagões ferroviários com bagagem e um séquito de uma centena, para não falar do dispositivo de segurança ao seu redor. Desde a primeira tentativa de assassinato de Alexandre II, em 1866, a família real era cercada de uma muralha de segurança. Em suas viagens de trem de São Petersburgo a Moscou, os 650 quilômetros do percurso eram guardados por soldados, para protegê-lo de atos de sabotagem.

A vida de todos os membros das realezas europeias era cercada de rituais e etiqueta, mas os rituais e a etiqueta russos eram os mais intermináveis. Todo personagem real tinha de aprender a ficar de pé durante horas, mas eram os russos que ficavam de pé mais tempo. Na Páscoa, até as crianças menores eram trajadas com toda a pompa da corte e obrigadas a ficar de pé para acompanhar um serviço religioso de três horas, seguido de uma cerimônia de distribuição de ovos durante a qual o tsar cumprimentava pessoalmente os 5 mil homens dos regimentos da guarda imperial, oferecendo a cada um deles um ovo de porcelana. A coisa podia durar um dia inteiro. Depois de deixarem os cuidados maternos, as crianças eram perseguidas por toda parte pela etiqueta: no almoço e no jantar, muitas vezes comiam com o séquito de Alexandre. As refeições duravam exatamente cinquenta minutos,[17] os menores eram servidos por último e a irmã de Nicky, Olga, lembraria que as crianças muitas vezes mal tinham tempo para umas poucas garfadas, e tudo já terminara. Em certa ocasião, Nicky ficou com tanta fome que abriu à força sua cruz de ouro, contendo um fragmento da Cruz de Cristo envolto em cera, e comeu o conteúdo, com madeira e tudo. Segundo confidenciou a Olga, foi “imoralmente bom”.[18] Dali por diante, tudo

que fosse realmente delicioso era considerado “imoralmente bom”.

Havia certas compensações. Em Gatchina, as crianças tinham um zoológico, do qual faziam parte um corvo albino, um lobo e uma lebre domesticada, e um enorme playground interno. O salão Arsenal do palácio tinha uma mesa de bilhar, uma fortaleza cheia de soldados de brinquedo, uma minimontanha que podia ser escalada e uma maquete de cozinha que funcionava perfeitamente. Ao lado havia uma sala de animais empalhados e depois dela centenas de salas a serem exploradas, entre elas o salão dos contos de fadas, cheio de afrescos de ilustração das histórias de Púchkin. Lá fora, em todos aqueles hectares a perder de vista, havia um lago, uma gruta que produzia eco e passagens secretas levando de volta ao palácio.

Como Willy e Jorge, Nicky deixou os cuidados maternos ao completar 7 anos, juntamente com o irmão Jorge, para ser educado pela governanta, Alexandra Ollogren. Era uma iniciação muito mais suave que a de muitos de seus primos russos que eram forçados imediatamente a entrar numa vida de austera disciplina militar. Ele via os pais duas vezes por dia, às 11h para discutir seu dia e por um breve momento antes de se deitar, e às vezes era “instruído” a acompanhar o pai numa caminhada vesperal. Era inteligente, aprendia com rapidez, com aptidão para as línguas, e seu inglês era particularmente bom. Até que, aos 10 anos, em 1879, tendo sido aprovado com facilidade no exame de nível intermediário habitualmente feito pelos meninos de sua idade, ele foi confiado, como costumava acontecer com qualquer príncipe europeu, a um tutor militar, Grigori Danilovich, que passou a supervisionar tanto seu treinamento militar quanto o resto de sua educação. Mesmo na conservadora corte russa, Danilovich era considerado um caso perdido. “Aquele jesuíta caduco”,[19] seria ele chamado mais tarde por um integrante da casa Romanov. Nicky o chamava de “Cólera”, e seu primo Sandro considerava Danilovich “um simplório”.[20] A educação de Nicky tornou-se frugal: alguns rudimentos de história — que ele realmente apreciava —, um pouco de geografia e química, instrução em inglês, francês e alemão, na qual se mostrava muito bom. Ele também aprendeu a dançar, pois o tsar tinha de liderar a polonesa em todos os bailes imperiais. Como Bertie e Alexandra, o tsar e sua mulher não eram muito versados em questões de educação. Alexandre considerava que se saíra muito bem sem ela; Minny, como a irmã, achava que as boas maneiras, a educação religiosa e uma

noção básica de línguas eram perfeitamente suficientes. Nem eles nem Danilovich viam qualquer necessidade de dar muitos tratos à bola sobre a melhor maneira de preparar o herdeiro para futuramente governar. Danilovich disse a Nicky que "as forças misteriosas que emanam do sacramento de prestar juramento no dia da coroação forneciam todos os dados práticos necessários".[21]

O tutor preferido de Nicky era seu professor de inglês, Charles Heath. Muito popular quando fora diretor do Liceu Alexandre, a mais importante escola de São Petersburgo, Heath não ensinava apenas inglês, mas também os valores da escola pública inglesa: honestidade, justiça e as virtudes do autocontrole e das boas maneiras, supostas qualidades de um cavalheiro inglês. "Os aristocratas nascem aristocratas",[22] disse ele ao menino, "os cavalheiros se fazem". Foi uma lição que Nicky soube absorver; desde o fim da adolescência, sua grande cortesia e o senso quase britânico de polidez eram frequentemente comentados, e nem sempre elogiosamente. Um tal grau de controle "não era russo". Um dos ministros mais capazes do governo, o conde Witte, escreveria mais tarde, com certa amargura: "Raras vezes encontrei um rapaz tão bem-educado quanto Nicolau II. Sua boa formação encobre todas as carências."[23] Na verdade, a ideia de cavalheirismo de Heath foi praticamente o único conceito novo em toda a infância de Nicky.

Não surpreende, assim, que fosse extraordinariamente limitada, em Nicky, a ideia da vida fora de seu mundo minúsculo; e para isso tampouco contribuíam seus pais, que alimentavam o desejo — talvez compreensível — de proteger os filhos das duras realidades do mundo. O alcance da inexperiência das crianças pode ser resumido no fato de que, embora recebessem da mãe uma criação relativamente espartana, ela não tinha propriamente um contexto: muitos aristocratas europeus desprezavam o dinheiro, mas as crianças não tinham a menor ideia do valor do que quer que fosse. A etiqueta proibia que qualquer membro da família imperial pusesse os pés numa loja. Na adolescência, Xênia deu à mãe, como presente de Natal, uma garrafa de perfume prateada com incrustação de safiras que havia escolhido numa amostragem enviada à mãe pela Cartier; não passava pela cabeça de Xênia que ela valia muito mais que os presentinhos que ela mesma costurava. As crianças Romanov nada sabiam das reformas promovidas pelo avô. Era proibida a entrada de jornais em seu ambiente, pois Minny, como Alexandra, insistia em que a política fosse mantida

fora da educação dos meninos. Para eles, o general Cherevin, um oficial do comando da Okhrana, a brutal polícia secreta, era “cordial, generoso e humilde”, além de “muito popular em São Petersburgo”.[24]

Não que Nicolau não tivesse apreciado uma maior vivência do mundo. Quando estavam em São Petersburgo, seu passatempo favorito, assim como o de Xênia, era ficar de pé durante horas por trás das altas balaustradas que cercavam o Palácio de Anichkov, vendo as pessoas comuns descerem a Nevsky Prospekt.

Por trás de tudo isso havia uma fantasia profundamente idealizada a respeito do “russianismo” transmitido por Alexandre aos filhos, que no entanto era desmentido por quase tudo em sua criação. Praticamente nada nos Romanov podia ser considerado “russo”. Eles levavam uma vida de aristocratas ocidentalizados, a etiqueta de sua corte era alemã, os parques e palácios onde viviam eram neoclássicos, o conforto e os equipamentos domésticos, ingleses. Mesmo pelo sangue mal poderiam ser considerados russos, descendendo de infindáveis casamentos com as famílias reais alemãs. A mãe de Nicolau era dinamarquesa e sua avó paterna, alemã, tal como a bisavó paterna. Por isso talvez é que Nicolau se apegou tanto aos rituais da ortodoxia russa, a única “autêntica” experiência russa ao seu alcance. Ele e os irmãos praticamente nada sabiam sobre “a Rússia real”: nunca haviam visto a “terra negra” do coração do território russo, mal conheciam Moscou, a capital tradicional. Costumavam idealizar os camponeses russos, mas nunca encontraram nenhum. Diziam-lhes que as imitações de roupas camponesas usadas pelo pai eram um sinal de sua profunda compreensão da gente comum. Presumiam que os criados palacianos, que em muitos casos serviam à família há gerações, tendo tão pouca ligação com as comunas camponesas quanto eles próprios, representavam o camponês russo médio. Quando viam massas reunidas fora do palácio, eram invariavelmente soldados aclamando o pai em paradas ou casamentos. “O olhar de amor e devoção em todos aqueles rostos voltados para cima era inesquecível”, comentaria Olga, a irmã de Nicky, décadas mais tarde. “(...) Entre a coroa e o povo havia uma relação que dificilmente poderia ser compreendida no Ocidente. Essa relação nada tinha a ver com o governo ou o pequeno funcionalismo.”

Depois de verem suas vidas destruídas pela Revolução Russa, vários dos primos russos de Nicky escreveram memórias falando da terrível inadequação de sua infância, da repressão das manifestações da personalidade, do fato de terem

sido treinados para se envolver o mínimo possível com o mundo moderno e do verdadeiro desastre que isto se revelou. Sandro recordaria o absurdo isolamento e rigor, assim como a solidão que sentia. A grã-duquesa Maria, outra prima de Nicky, queixava-se do fechamento e da sensação de abandono por ele gerada: "Eles me mantinham deliberadamente na ignorância da situação em que eu nascera."[25]

Em março de 1881, quando Nicky tinha 12 anos, seu avô Alexandre II — que naquela mesma manhã promulgara uma nova constituição, estabelecendo as condições para uma forma muito limitada de governo representativo — foi mortalmente ferido num ataque terrorista a bomba. Sangrando muito, ele foi conduzido a seu gabinete no Palácio de Inverno. Nicky estava a caminho de uma pista de esqui com a mãe e o primo Sandro. Ouvindo as explosões, os dois meninos correram em direção ao palácio, seguindo a trilha de sangue deixada no piso de mármore até o gabinete do imperador. Os ferimentos do tsar eram terríveis: a perna direita estava dilacerada, a barriga, aberta, o rosto, coberto de sangue. "Seu rosto apresentava uma palidez mortal",[26] recordaria Nicolau anos depois. "Havia pequenos ferimentos por todo ele. Meu pai conduziu-me até a cama. 'Papai', disse ele, elevando a voz, 'sua luz do sol está aqui.'" Diante do neto e da família, o tsar sangrava mortalmente.

A morte de Alexandre II representava o fim da experiência de liberalização na Rússia. Seu filho, agora o tsar Alexandre III, rasgou a nova constituição e resolveu restabelecer a autocracia. Para se certificar de que suas intenções ficassem bem claras, anunciou em sua primeira proclamação: "Presidiremos com serenidade os destinos de Nosso Império, que a partir de agora serão discutidos exclusivamente entre Deus e Nós Mesmos."[27] O governo atribuiu-se poderes especiais de suspensão do estado de direito sempre que se sentisse ameaçado, situação que prevaleceu até 1917. Alexandre promoveu uma enorme quantidade de "contrarreformas", inclusive severa censura da imprensa, leis proibindo dar emprego a cidadãos considerados politicamente suspeitos, abolição da autonomia universitária e a rigorosa exclusão dos ginásios e universidades de indivíduos que não tivessem origem nobre ou profissional, para pôr fim à mobilidade social permitida pelas reformas de Alexandre II. A pretexto de reprimir os "distúrbios rurais", o poder dos novos *zemstvos*, que se haviam revelado um elemento tão importante do progresso, foi superado pelo dos novos

agentes governamentais, os “capitais da terra”, que podiam impor punições sem julgamento e descartar a seu bel-prazer decisões judiciais.

Alexandre estendeu brutalmente para além da Rússia a política não propriamente esclarecida de russificação adotada pelo pai, da Polônia e da Finlândia à região transcaucasiana muçulmana. As línguas regionais foram proibidas; os adeptos de religiões não ortodoxas, como os católicos, os muçulmanos e os protestantes, passaram a ser discriminados; os judeus, literalmente considerados por Alexandre “assassinos de Cristo”,[28] foram cruelmente perseguidos, sendo excluídos do sistema educacional, expulsos de suas próprias casas e submetidos a pogroms brutais e não raro de iniciativa da polícia. Em consequência, assistiu-se na década de 1880 à primeira onda de emigração em massa de judeus russos, criando o caldo de cultura ideal para o surgimento de uma geração de revolucionários furiosos. Na década de 1890, a falta de reconhecimento dos direitos das comunidades camponesas gerara intenso ressentimento, e as políticas de russificação contribuíram para que uma série de movimentos separatistas não menos enfurecidos se enraizasse em todo o império. Alexandre tampouco se mostrou capaz de reconduzir o gênio à garrafa, por mais que o quisesse: a Rússia mudava, lenta e dolorosamente.

Na época, contudo, Alexandre era considerado na Rússia um grande sucesso: um homem grande e forte para manter o império em segurança. A década de 1880 foi uma época de confiança no país. Um dos sobrinhos de Alexandre escreveu que parecia que a Rússia havia recobrado “um novo e orgulhoso ‘espírito imperial’”.[29] As classes educadas em grande medida aceitavam as novas leis de repressão de Alexandre como o preço a pagar pela segurança. A rapidez com que ele caçou e enforcou os assassinos do pai aparentemente sufocou no nascedouro o movimento revolucionário. Os que trabalhavam para ele ficavam impressionados com sua dureza e a ausência de qualquer hesitação. Até homens inteligentes e sofisticados como seu ministro das Finanças, Serguei Witte, sabendo que o tsar não era nenhum gênio e que seus pontos de vista eram simplistas, elogiava sua “nobre e notável personalidade”.[30] Ele até conseguia às vezes parecer progressista. Apoiou os planos de industrialização da Rússia propostos por Witte, embora a maneira como o capital foi levantado — pela exportação de cereais arrecadados da produção de camponeses que deles precisavam para a própria subsistência — acabasse contribuindo para um

arrasador surto de fome no início da década de 1890. E ele manteve a Rússia longe das onerosas guerras externas. Não que Alexandre nutrisse particular cordialidade por quem quer que fosse no exterior — na verdade, era exatamente o oposto que ocorria. “Temos apenas dois aliados neste mundo (...) nossos exércitos e nossa marinha. Qualquer outro haverá de se voltar contra nós em questão de segundos.”[31] Inveteradamente xenófobo, ele demonstrava aversão até mesmo à nova Alemanha, liderada pela Prússia, tradicional aliada da Rússia.

Os dois países tinham em comum não apenas uma longa fronteira, mas também complexos vínculos dinásticos, culturais e históricos. Como a realeza britânica, os tsares da Rússia haviam encontrado nos reinos alemães um conveniente celeiro de esposas, de tal maneira que tanto a casa real britânica quanto a russa eram mais germânicas que qualquer outra coisa. Haviam sido tão numerosos os casamentos com alemães que três dos ramos mais recentes da família Romanov eram formados por famílias alemãs naturalizadas: os Oldemburgo, os Leuchtemberg e os Mecklemburgo-Strelitz. E durante gerações, na ausência de uma classe profissional própria, o governo russo havia acolhido grande número de alemães inteligentes e ambiciosos em posições destacadas, de tal maneira que uma grande proporção dos principais estadistas russos era de origem alemã. Esse relacionamento sempre obedecera a um equilíbrio delicado. Até a unificação, os estados alemães sempre haviam sido o sócio menos importante, embora cultural e intelectualmente estivessem muito adiante. Para os russos educados, a Alemanha era o centro da cultura: a pátria de Goethe, Schiller, Kant, Bach, Mozart, do “sinfonismo alemão” e mais recentemente de Nietzsche e até Marx. O público russo abria os braços para todos eles. Mas o poderio russo é que havia expulsado Napoleão da Alemanha.

Mas sempre houvera brechas nesse relacionamento, e muitos russos se ressentiam do domínio cultural e intelectual da Alemanha. Por sua vez, muitos alemães desconfiavam do colosso que parecia ameaçar sua fronteira oriental. A ascensão da Alemanha no cenário internacional e a atitude implícita de que o país era um igual da Rússia, e não um sócio menor, gerou uma série de novas tensões e desconfianças. Em 1878, no Congresso de Berlim, a Rússia vira-se privada da maior parte dos despojos que acabava de conquistar na Guerra Russo-Turca, o que gerou em São Petersburgo o sentimento — justificável — de que o chanceler Bismarck não era exatamente o aliado fiel que dizia ser. E de fato,

embora Bismarck se preocupasse em adoçar a boca da Rússia, não estava disposto a apoiar incondicionalmente seus interesses. Também decidira que precisava manter-se em bons termos com a Áustria-Hungria, pela qual a maioria dos russos de todas as classes sentia um ódio quase instintivo, originado em sucessivas gerações de rivalidade nos Bálcãs. Também ficava cada vez mais incomodamente evidente que a Rússia havia se tornado vulnerável ao poderio financeiro alemão. A Alemanha se transformara na principal fonte de empréstimos para o governo russo, além de ser o maior mercado para o trigo da Rússia. Se Bismarck fechasse os mercados financeiros ou impusesse tarifas sobre os cereais — como acabaria fazendo no fim da década de 1880 —, a Rússia enfrentaria problemas. Era assustador constatar que a Rússia nem de longe tinha a mesma influência sobre a economia alemã.

A xenofobia se generalizava pela Europa, mas era particularmente virulenta nas classes russas educadas. Uma instintiva hostilidade contra as outras nações era inculcada, segundo Sandro, o primo de Nicky, pela Igreja Ortodoxa "e a monstruosa doutrina do patriotismo oficial":[32] sua classe odiava "poloneses, suecos, alemães, britânicos e franceses", mas reservava um ódio particular aos judeus, "a doutrina monstruosa". A partir da década de 1880, além disso, o crescente nacionalismo e as ambições expansionistas eram canalizadas no conceito de pan-eslavismo, apontando na Alemanha uma perigosa rival em potencial para suas ambições na Europa central. O pan-eslavismo começara como um excepcionalismo filosófico e romântico, uma crença de que a espiritualidade russa, a "alma russa unificadora", tinha uma capacidade única e uma missão especial de curar "a angústia da Europa". Rapidamente se havia transformado numa justificação chauvinista da "missão" russa de dominar os Bálcãs, acompanhada da visão de que seria inevitável que os teutônicos e os eslavos acabassem recorrendo à agressão.[33]

Era na família do novo tsar que mais vividamente se ilustrava a complexidade da relação russo-alemã. A mãe de Alexandre era-tia avó de Willy; sua avó era uma princesa de Hesse-Darmstadt. Ele tinha perfeitamente consciência do quanto a Rússia precisava da Alemanha. Mas sua eslavofilia o levou a combater a influência alemã na Rússia, e sua mulher tinha pela Alemanha e os "bárbaros prussianos",[34] como os chamava, uma virulenta aversão, tão forte quanto a da irmã. Embora ela nunca interferisse diretamente na política, o Ministério do

Exterior alemão a considerava uma preocupante influência antialemã.

A chegada de Alexandre ao trono forçou a família imperial a se isolar ainda mais. O novo tsar valeu-se do assassinato do pai para justificar o desejo de se mudar em caráter permanente de São Petersburgo para o interior do país, em Gatchina, 40 quilômetros a sudoeste da cidade. Minny detestava as reverberantes e melancólicas vastidões do palácio. “Frio, nojento e cheio de operários”,[35] eis como o descrevia para a mãe. “Esse enorme castelo desabitado no meio do inverno custou-me muitas lágrimas, lágrimas escondidas, pois Sacha está feliz de poder deixar a cidade.” Ele foi cercado por um novo cordão de soldados e membros da polícia secreta. As crianças não gostavam da polícia secreta, que as seguia até durante seus passeios pelo terreno. Nicky, que seria molestado por eles a vida inteira, referia-se aos policiais secretos como “naturalistas”,[36] pois estavam sempre surgindo de trás das árvores. As visitas a São Petersburgo tornaram-se raras. Mas o crescente isolamento não era necessariamente malvisto. As crianças tinham ficado angustiadas com a morte do avô. Desde então, Sandro, o primo de Nicky, ouvia “uma explosão em qualquer som suspeito”.[37]

Não surpreende que até o tsar se referisse às quase anuais visitas estivais da família à Dinamarca, às informais propriedades de acolhida do rei e da rainha da Dinamarca, como períodos de libertação da “prisão”.[38] Na Dinamarca, a família imperial sentia-se “em gloriosa liberdade”, como não era possível em casa. E lá passava meses seguidos. “Jamais esquecerei a emoção de caminhar pela primeira vez por uma rua. (...) Era mais que divertido! Era uma verdadeira educação!”,[39] recordaria Olga. Nicolau e os irmãos viram-se na inusitada situação de estar cercados de outras crianças ocupando a mesma posição que eles. As crianças Romanov periodicamente se encontravam com os primos ingleses na Dinamarca. Existe uma fotografia de grupo tirada no Palácio de Amalienborg, em Copenhague, em 1869, na qual Jorge aparece aos 4 anos, sentado ao lado de um Nicky de um ano, num carrinho de bebê. As famílias voltaram a se encontrar no ano seguinte durante a Guerra Franco-Prussiana, e mais uma vez quando Nicky, aos 5 anos, foi a Londres com os pais em 1873, hospedando-se em Marlborough House. Era uma relação estimulada por Alexandra e Minny. “Temo que o seu doce e querido Nicolas me tenha esquecido”, escreveu Alexandra quando Nicky tinha 8 anos, “o que me deixaria triste, pois eu amo essa criança angélica”.[40] Era uma grande quermesse familiar: os primos dinamarqueses; os Cumberland, o

herdeiro do trono de Hanôver, que foi dissolvido pela Prússia depois da guerra de 1866, e sua mulher, Thyra, a irmã menor de Minny e Alexandra; e os filhos de seu irmão Jorge dos Helenos, recentemente eleito rei da Grécia, com sua esposa russa, Olga, que era a prima preferida do tsar. Os primos russos, gregos e britânicos — cada um deles contando com seu próprio Jorge (o "Jorge, o Grego" era particularmente inquieto) — formavam um clube. A *língua franca* aparentemente era o inglês: os primos britânicos mostravam-se particularmente ruins com línguas e todos os demais eram fluentes. O tsar levava os filhos para pescar girinos ou furtar maçãs; deixava-os cavalgar seu joelho e puxar sua barba; para deleite das crianças, deu certa vez um banho de mangueira no rei da Suécia, "de quem ninguém gostava".[41] Jorge, tão intimidado pela própria avó, referia-se a Alexandre, não obstante sua fama aterrorizadora, como "o querido velhote gordinho"[42] ou "o querido tio Sacha".

Segundo Olga, Nicky e Jorge tornaram-se "amigos íntimos".[43] Jorge provocava as primas, obrigando Olga a disfarçar o riso nos lugares mais inadequados com uma velha piada sobre "vir rolar comigo no sofá" e chamando Xênia de "coruja". Os meninos tinham muita coisa em comum: ambos adoravam a vida ao ar livre; eram tímidos, pouco desenvolvidos para a idade e se sentiam à vontade sobretudo em casa, com a família; demonstravam preferência por "traquinagens" e brincadeiras de mau gosto; e tinham mães possessivas (às quais se dirigiam como "*Motherdear*"[44] [mãe querida], em inglês) e pais autoritários. Também eram incrivelmente parecidos, sendo constantemente confundidos pelos criados dinamarqueses. Na Dinamarca, em 1883, quando Jorge estava no mar e ele tinha 15 anos, Nicky apaixonou-se por Toria, a irmã menor favorita de Jorge. "Estou apaixonado por Vitória e ela parece estar por mim também", anotou ele em seu diário. "(...) À noite eu tentei ficar sozinho com ela e beijá-la. Ela é adorável."[45]

Apesar das semelhanças, os dois meninos estavam em lados opostos de uma acirrada rivalidade internacional. Não seria exagero dizer que a Rússia e a Grã-Bretanha eram arqui-inimigas, em polos ideológicos opostos e nutrindo uma rivalidade imperial. Foram os confrontos imperiais que deram força ao conflito, pois caso contrário teriam sido apenas dois países nas extremidades da Europa, cada um preocupado com suas questões. A partir do fim da década de 1870, contudo, a Grã-Bretanha e a Rússia, juntamente com as outras grandes potências

ocidentais, se haviam lançado numa violenta fase de aquisições territoriais, retalhando o mundo além da Europa em colônias e "esferas de influência". São complexos e conflitantes os argumentos para tentar explicar por que as potências ocidentais (em sua maioria) e desenvolvidas (relativamente) decidiram todas que precisavam de um império: a evolução natural da política internacional tornava inevitável que as poucas potências ricas, militarmente superiores e tecnologicamente desenvolvidas viessem a dominar e explorar os territórios mais fracos e "atrasados"; a necessidade, nos países industrializados, de matérias-primas e novos mercados para seus capitais; a feroz competição entre as grandes potências e a convicção de que novos territórios eram a melhor maneira de ganhar vantagens sobre os concorrentes. Todos esses aspectos desempenharam um papel. Os colonizadores consideravam que as colônias representavam oportunidades de riqueza e novos mercados: o império da Grã-Bretanha, tido como exemplar, a havia transformado no país mais influente e rico do mundo, permitindo-lhe alcançar muito além. De fato, na qualidade de maior potência imperial, ela se considerava o policial imperial do mundo, um controlador desinteressado das questões mundiais, em virtude de sua necessidade utilitária de preservar o status quo e a paz em nome do livre comércio — alegação que tinha certo fundo de verdade, mas não agradava às outras grandes potências. Essa frenética fase de conquistas territoriais teve início depois de 1882, o ano da discreta ocupação do Egito pela Grã-Bretanha, que convenceu as potências europeias — entre elas três pretendentes a caçadores de colônias, a Bélgica e os Estados recém-unificados da Itália e da Alemanha — de que, se não chegassem na frente, a Grã-Bretanha se apoderaria de toda a África. A chamada "disputa pela África" reativou a antiga antipatia anglo-francesa, com a França tentando impedir que a Grã-Bretanha se estabelecesse muito confortavelmente no Egito, e deu origem a um novo motivo para a conquista de colônias: elas talvez não contribuíssem necessariamente para a riqueza, mas sua simples existência representava status, servindo de prova do poderio das Grandes Potências. No caso da Grã-Bretanha, o advento de outros concorrentes imperiais aumentava o temor de que seu domínio, seus territórios e suas rotas em direção às colônias mais distantes se vissem ameaçados. Em meio à competição entre os impérios, estava montado o cenário para uma série infindável de pequenos e terríveis conflitos regionais.

Sob muitos aspectos, o império da Rússia era diferente. Tratava-se de uma contínua e extensa massa territorial que em décadas anteriores já havia absorvido a Crimeia, boa parte da Polônia, a Finlândia, o território asiático central na fronteira da Mongólia e toda a Sibéria, até o oceano Pacífico. A expansão nunca fora basicamente uma questão comercial ou de obtenção de mercados, antes dizendo respeito a certos mitos de conquista: a Rússia tinha um destino determinado por Deus, devendo levar adiante o legado do Império Bizantino para dominar os Bálcãs e a Ásia, chegando inclusive ao oceano Índico. Mas a nova febre imperial manifestou-se com a mesma intensidade que em qualquer outra parte do mundo. Para a elite russa, a expansão imperial representava uma bem-vinda distração dos insuperáveis problemas internos da Rússia e da necessidade de reformas domésticas. Ela fazia parte de uma equação simplista que servia para encobrir uma infinidade de fissuras: como os impérios faziam com que os países fossem poderosos, por que deixaria a Rússia de se posicionar na linha de frente, graças à expansão territorial? Afinal de contas, se uma coisa ela tinha em abundância, eram soldados. Enquanto isso, o rolo compressor imperial britânico passava a dispor de territórios e interesses na Ásia, e os dois países viam-se constantemente em conflito. “Um dos axiomas da política russa”, escreveu um experimentado observador britânico da Rússia, “reza que o constante, mais persistente e eficaz opositor da expansão russa é a Inglaterra”.[46] Um dos pontos de combustão estava em Constantinopla e no Bósforo. Os russos consideravam-se investidos de uma missão divina de tomar Constantinopla à cristandade e queriam apoderar-se do estreito canal do Bósforo, ligando o mar Negro ao Mediterrâneo. Era a rota pela qual escoava a maior parte do cereal russo, além da saída para a esquadra meridional da Rússia, que, pelos termos do Tratado de Berlim, de 1878, devia manter-se nos limites do mar Negro.

Os britânicos consideravam que não se podia permitir que a Rússia tomasse Constantinopla, em primeiro lugar porque isto ameaçaria a segurança de sua vital rota terrestre para a Índia; em segundo, porque a presença da Rússia na Turquia desestabilizaria o equilíbrio de poder de que eles dependiam na Europa oriental e nos Bálcãs; e em terceiro, porque daria à Rússia vantagem na vizinha Pérsia. Os dois países também competiam pelo controle desse país: a Rússia, porque estava na sua fronteira, e a Grã-Bretanha, porque por ele passava a rota terrestre para a Índia e por causa das reservas de petróleo de que supostamente

dispunha. O confronto com a Rússia levara a Grã-Bretanha a apoiar o decadente Império Otomano e a se envolver na Guerra da Crimeia na década de 1850, o que havia desencadeado uma feroz antipatia entre os dois países. Na Guerra Russo-Turca de meados da década de 1870, a Grã-Bretanha mantivera-se neutra, mas a opinião pública britânica exigira uma intervenção, sustentando, como uma canção da época, que os russos "não terão Constantinopla". Por sua vez, muitos russos acreditavam que a Grã-Bretanha tinha apoiado e ajudado os turcos secretamente. O outro ponto inflamável era o sempre ingovernável Afeganistão, espremido entre a fronteira noroeste da Índia britânica e o Turquestão controlado pelos russos. A ideia de que a Rússia estava para invadir a Índia a qualquer momento era um grande fantasma da política externa britânica, embora isto fosse praticamente impossível em virtude da logística de uma invasão da Índia — ou simplesmente da travessia do Himalaia. A Rússia, contudo, de fato forçava incansavelmente a expansão de suas fronteiras na Ásia central, e os britânicos periodicamente ficavam obcecados com a "segurança" do Afeganistão, lançando um olhar de cobiça na direção do Tibete. Os dois lados estavam convencidos de que o outro nada tinha a fazer por ali.

Os conflitos imperiais davam força às divisões ideológicas: para os britânicos, a Rússia era a encarnação da tirania. A opinião pública britânica se considerava particularmente bem-informada a este respeito, pois fora na Grã-Bretanha — com suas frouxas leis de censura — que escritores como Aleksandr Herzen e Tolstói haviam publicado suas denúncias do sistema russo. O governo russo ficava furioso com o que considerava uma insolente hipocrisia da parte da Grã-Bretanha, que lhe permitia dar acolhida a inimigos políticos do Estado russo em nome da liberdade, ao mesmo tempo expandindo-se agressivamente pelo planeta de todas as formas possíveis e explorando desavergonhadamente populações nativas, sob a alegação de que tinha a missão de levar ao mundo os benefícios da civilização. É bem verdade que as justificativas imperiais britânicas caracteristicamente conseguiam misturar dois argumentos opostos: a convicção de que o império filantropicamente assumira "o fardo do homem branco" de civilizar e melhorar a condição das raças inferiores (dava-se como certo que as raças colonizadas eram inferiores, embora também ficasse subentendido que não era de bom-tom falar muito explicitamente a respeito em boa sociedade); e a de que os países mais fortes inevitavelmente dominariam os mais fracos. Embora

também raramente se dissesse em público, os britânicos consideravam que os demais impérios tratavam seus nativos de maneira abominável. Às vezes tinham razão, como reconhecia Anton Tchekhov. Sabendo do que se passava no Egito ocupado pelos britânicos e na Crimeia explorada pelos russos, onde a população tártara era sistematicamente mantida em pobreza e tinha suas terras confiscadas, ele escreveu em 1890: “Sim, pensei eu, o inglês explora os chineses, os soldados indianos que servem no exército inglês, os hindus, mas lhes proporciona estradas, aquedutos, museus, cristianismo; você também explora, mas o que é que dá?”[47]

Entre as duas dinastias governantes, o conflito havia adquirido contornos pessoais. Tudo bem que o rei Cristiano proibisse debates políticos em Fredensborg,******** já que a anglofobia de Alexandre estava praticamente inscrita em seu DNA. A rainha Vitória detestava a Rússia. “Esses russos detestáveis”,[49] queixava-se ela, “eles sempre vão nos odiar e jamais poderemos confiar neles”. Com o passar dos anos, ela viria a acusar o governo russo de ser “perverso, abominável e desalmado”;[50] o tsar, de se mostrar “cheio de ódio (...) e tirania”; e o povo, de ser “horrível, enganador, cruel”.[51] Durante a Guerra Russo-Turca, ela tentou com tanta insistência forçar Disraeli a intervir que a mulher de um político observou que ela “perdeu o controle, fica atazanando os ministros e os insuflando para a guerra”. Alexandre II, por sua vez, também a detestava: “Ele disse que ela era uma velha mimada, sentimental e egoísta”, além de “má” e “intrometida”.[52] Os diplomatas alemães que visitavam o país sabiam que a melhor maneira de melhorar o humor do tsar era contar histórias maldosas sobre a família real britânica, especialmente a rainha.[53]

Minny e Alexandra, contudo, estavam decididas a fazer com que as relações pessoais não fossem meramente corteses. Para isto, haviam promovido em 1874 o casamento do irmão menor de Bertie, Affie, com a única irmã de Alexandre, Maria, união com a qual a rainha havia consentido de má vontade.******** Os maridos concordaram: Bertie, em parte, por lealdade a Alexandra, em parte, caberia supor, porque era de sua natureza tentar se entender com as pessoas e fazer com que gostassem dele; Alexandre porque a tranquila liberdade de Fredensborg era importante para ele. Os dois também acreditavam na ideia de fraternidade da realeza; Bertie referia-se a ela como “a firma” ou sua “profissão”; Alexandre gostava de falar do “princípio monárquico”, a ideia de

que a realeza estava ligada por um vínculo supranacional — filosofia que entrava em contradição com tudo mais em que acreditava. Segundo sua filha, ele respeitava Bertie, mas não gostava realmente dele. Por outro lado, as muito comentadas divergências de Bertie com a mãe — que mereciam amplo espaço na imprensa europeia — decididamente faziam com que os russos gostassem mais dele. Os Romanov decidiram distinguir muito cuidadosamente entre um relacionamento amistoso com a realeza britânica e a antipatia pela Grã-Bretanha. Deve ter sido difícil manter esse equilíbrio. "Eu amava o tio Bertie e Jorge e tantos outros", diria Olga a um jornalista décadas mais tarde, "eles fizeram tanto por mim. Mas é claro que nunca foi possível discutir com eles a política absolutamente odiosa dos sucessivos parlamentos britânicos. Eram quase todos antirrussos, e quase sempre sem o menor motivo. A política britânica é em grande parte totalmente contrária à própria tradição britânica de justiça e jogo limpo". Para Olga, a ambivalência do pai se traduzia numa incerteza quanto ao cheiro da família real britânica, que para ela oscilava entre uma evocativa fragrância de jardim de inverno e um odor de umidade e mofo: "A família real inglesa cheirava a fumaça e neblina (...) e nós cheirávamos a couro polido."[55]

A fragilidade da relação entre as duas famílias ficava exposta sempre que as relações internacionais tornavam-se tensas. Em 1884-5, uma crise no Afeganistão ameaçou evoluir para conflito armado declarado. "Não vejo como poderíamos desta vez evitar uma guerra com a Rússia", escreveu Bertie ao primeiro-ministro britânico, William Gladstone, na primavera de 1885, no auge da crise. Ele disse à mãe que as "promessas e garantias [da Rússia] (...) não têm o menor valor".[56] Na verdade, nenhum dos lados queria a guerra, e a Grã-Bretanha e a Rússia acabaram dando início a negociações que — para surpresa geral — resultaram numa solução das divergências de fronteira. Bertie encontrou-se com Alexandre em Fredensborg naquele outono, informando a Jorge que a visita fora "muito tranquila". (O romance entre Nicolau e Toria se havia transformado em amizade.) Mas havia outros motivos não menos amargos de conflito dinástico, notadamente a Bulgária, que, para indignação de Alexandre, se havia declarado independente da Rússia sob a liderança de Sandro de Battemburgo, o jovem príncipe que fora instalado pelos próprios russos. Estes consideravam que os Estados balcânicos recém-tornados independentes — alguns dos quais, como a Bulgária, se haviam libertado do Império Otomano

com sangue e dinheiro russos — deviam aceitar alegremente o domínio russo. Ao tomar conhecimento de que Vicky, a mãe de Guilherme, queria casar sua filha Moretta com Sandro de Battemburgo, Alexandre não pôde deixar de suspeitar que se tratava de uma conspiração para aumentar a influência anglo-germânica nos Bálcãs, o que o deixou enfurecido. Em meados de 1886, os russos sequestraram Battemburgo e o obrigaram a abdicar. Bertie e Alexandra não apareceram em Fredensborg nesse ano. Mas os casais se encontraram no verão de 1887, no exato momento em que a Rússia e a Alemanha se desentendiam gravemente. Herbert, o filho de Bismarck, estava convencido de que Bertie e Alexandra se haviam valido da visita para voltar o tsar contra Guilherme, com histórias sobre seu comportamento pouco filial.[57] É possível que o tsar e o príncipe de Gales tenham se aliado nesse verão em torno de comuns suspeitas e histórias sobre o futuro cáiser.[58]

Em 1885, quando Nicky tinha 17 anos, vários importantes ministros e acadêmicos foram convocados a Gatchina para instruir o tsarévitch sobre questões de direito internacional, química, ciência militar e finanças. Seriam dois anos de curso intensivo em questões governamentais, num tardio reconhecimento de que um dia ele de fato estaria à frente do império russo. Caberia questionar em que medida Nicky efetivamente se beneficiou. Um dos professores, Constantino Pobedonostsev, diria mais tarde que, tentando explicar a Nicky o funcionamento do Estado tsarista, "não pude deixar de observar que ele estava completamente absorto em limpar o nariz".[59] Mas Pobedonostsev seria uma influência importante na vida de Nicky. Destacado estadista e chefe da censura — a intelligentsia, que o detestava, o chamava de "grande inquisidor" —, ele era terrivelmente reacionário, desempenhando o papel de principal mentor político do pai de Nicolau. Passara a considerar que só a forma mais repressiva de autocracia podia "salvar" a Rússia e que as reformas de Alexandre II haviam sido um desastre. As massas, dizia, eram fracas, infantis e crédulas; tudo devia ser feito para impedir a invasão de ideias ocidentais como liberdade de imprensa e governo representativo. A Rússia de fato precisava estagnar, para que os Romanov se mantivessem no poder. Muita gente acreditava que Pobedonostsev era a força propulsora por trás da repressão interna na década de 1880.

Sua influência sobre Nicky, contudo, decorria de sua proximidade das ideias

do pai de Nicky. A influência mais forte e disseminada na vida de Nicky, como escreveu um cortesão, era a de Alexandre III, “que ele venerava e cujo exemplo seguia invariavelmente até nos menores detalhes da vida cotidiana”.[60] Mas Alexandre tinha 1,85m e era imune a dúvidas, ao passo que Nicolau, com algo entre 1,64m e 1,67m, era uma pessoa muito mais cordial, provavelmente mais inteligente e certamente mais realizada. No clima claustrofóbico e patriarcal da casa dos pais, todavia, pouco espaço houvera para desenvolver um espírito independente ou grande confiança em seus próprios julgamentos. A futura cunhada de Nicky, Vitória de Hesse-Darmstadt, observaria, com argúcia, que “a personalidade dominante [de Alexandre] havia atrofiado qualquer iniciativa em Nicky”.[61]

Pierre Gilliard, que trinta anos depois haveria de assumir as funções de tutor de Alexis, filho de Nicky, em circunstâncias semelhantes, acreditava que a criação de um filho num ambiente tão isolado era uma receita certa para o desastre. Uma criança nessas condições, concluiu, via-se

> privada de algo que desempenha função vital na formação do discernimento. Ela se vê privada do conhecimento adquirido fora da sala de aula, o conhecimento que vem da própria vida, independentemente do contato com outras crianças, das diferentes e às vezes conflitantes influências do ambiente, da observação direta e da simples experiência dos homens e dos negócios — numa palavra, tudo que ao longo dos anos desenvolve a faculdade crítica e o senso de realidade. Em tais circunstâncias, o indivíduo deve ser dotado de talentos excepcionais para enxergar as coisas tal como são, pensar com clareza e desejar a coisa certa. Ele está isolado da vida. Não é capaz de imaginar o que vai por trás da parede na qual imagens falsas são pintadas para seu divertimento ou distração.[62]

Nicky finalmente deixou o Palácio de Gatchina e a família no verão de 1887, no exato momento em que completava 19 anos e, em Londres, a rainha Vitória comemorava seu Jubileu de Ouro. Como Guilherme, ele entrou para o exército, passando a integrar um regimento de guardas de elite, os lendários Guardas de Preobrajenski. “Sinto *terrivelmente* sua falta, meu querido Nicky”,[63] escreveu-lhe a mãe. Ela também lembrava que se mostrasse “polido e cortês”, que se desse bem com todos, mas sem permitir “demasiada familiaridade ou intimidade”. “Devemos ter cuidado com todos desde o início”,[64] concordava Nicky, revelando-se no entanto empolgado com sua nova vida. “Sinto-me hoje mais feliz do que seria capaz de expressar por ter entrado para o exército, e todo dia me acostumo mais e mais à vida no acampamento.” Havia exercícios de

treinamento e práticas de tiro, seguidos de tardes e noites de jogo de cartas, bilhar e estacas. O que poderia ser melhor?

******** Mas Bismarck gostava de afirmar que se tratava de um reduto de antiprussianismo, referindo-se à cidade como “a galeria dos sussurros”.[48] A verdade é que não faltavam ali parentes alemães insatisfeitos da rainha dinamarquesa resmungando contra os arrivistas prussianos.

******** O casamento não foi um sucesso. Affie era um brutamontes bêbado que não parava de falar de si mesmo e infligia a todos inacreditáveis recitais de violino, e Maria detestava a Inglaterra. A rainha, com típica perversidade, decidiu que gostava da nora russa: “Formei excelente opinião a respeito dela. (...) Todos devem gostar dela, mas infelizmente ninguém gosta dele! Receio que isto nunca melhore!”[54]

PARTE II

Laços de família, disputas imperiais

4. Guilherme imperador (1888-90)

Na primavera de 1888, já estava claro que Guilherme logo seria feito imperador. Seu avô morrera em março de velhice. No momento em que chegou ao trono, coroado cáiser Frederico, Fritz estava morrendo de câncer na garganta, fora submetido a uma traqueotomia, não conseguia falar e ninguém esperava que ele ainda vivesse muito. Suas ordens, rabiscadas em pedacinhos de papel, eram simplesmente ignoradas. “As pessoas tendem a nos considerar meras sombras que passam, que logo serão substituídas pela *realidade*, na forma de Guilherme!!”,[1] escreveu Vicky, com amargura, à mãe. Ela exalava sua deslocada aflição com o obsessivo empenho no casamento da filha Moretta com Alexandre de Battemburgo, pelo qual o noivo há muito havia perdido o interesse. Guilherme, enquanto isso, dizia a Bismarck que Vicky “o odiava mais que qualquer outra coisa na Terra”[2] e estava matando o pai dele com suas cenas histéricas.

Guilherme estava ansioso por se tornar imperador. Moldara toda a sua personalidade com a preocupação de projetar a imagem do soldado-rei energicamente masculino, carismático e capaz que pretendia ser: o jeito rispidamente jocoso, a elocução *staccato*, a postura física decidida, a expressão deliberadamente rígida que ostentava em público. Gostava de se ver como um outro Frederico, o Grande: político, soldado, estrategista, filósofo, árbitro cultural; alguém que, pela pura e simples força de caráter, tornaria obsoleta a democracia. Para enfatizar sua semelhança com Frederico, chegara a adotar o hábito de rabiscar comentários à margem de memorandos e documentos oficiais: “Mentiras!”, “Absurdo!”, “Peixe podre”.

Alguns dos que o haviam conhecido como príncipe, todavia, preocupavam-se um pouco com o tipo de rei que ele poderia se tornar. “Deus do céu, que poderá acontecer se o príncipe Guilherme tornar-se cáiser tão cedo assim?”,[3] perguntara um importante general no ano anterior. “Ele acha que entende *de tudo*, até de construção naval.” Bismarck, enquanto isto, queixava-se da opinião inflada que Guilherme tinha da própria capacidade, dos “candidatos a bajuladores”[4] de que estava cercado e de sua minúscula capacidade de concentração: ele “dava uma espiada (...) nada aprendia direito e acabava achando que sabia tudo”. O

primeiro-ministro britânico, lorde Salisbury, julgava ter detectado algo de perigosamente precipitado no futuro cáiser, temendo que viesse a jogar a Alemanha nos braços da Rússia. O principal assessor de Bismarck no Ministério do Exterior alemão, Fritz Holstein, preocupava-se com a hostilidade de Guilherme em relação à Grã-Bretanha. Seis semanas antes da morte de Fritz, a rainha havia visitado Berlim, preparada para um confronto com o intransigente e desleal neto. Salisbury tentara contê-la. Segundo lhe disse, tanto ele quanto o Ministério do Exterior alemão estavam "com receio de que, se viesse à baila algum assunto espinhoso, o príncipe dissesse algo que não lhe fosse abonador; e que, se ele se comportasse de maneira a suscitar alguma censura de Vossa Majestade, pudesse levá-lo a mal, passando a remoer em seu espírito algum sentimento que viesse a comprometer as boas relações entre os dois países".[5] Ele lembrava que "os impulsos do príncipe Guilherme, por mais condenáveis ou irracionais, haverão de se transformar em causas políticas de grande força; e os dois países são tão necessários um ao outro que tudo que lhe é dito deve ser cuidadosamente pesado".

No fim das contas, tanto Guilherme quanto a rainha comportaram-se impecavelmente e as preocupações amainaram. Guilherme disse ao embaixador britânico que tinha ficado "encantado"[6] com a avó. Segundo observação de Fritz Holstein, a rainha, então com 69 anos, mostrara-se "extraordinariamente elegante"[7] com o neto, "e vice-versa. (...) Isto de certa forma contribuirá para abrandar o tolo ódio do príncipe pela Inglaterra". Em audiência privada com a rainha, Bismarck assegurou-lhe que a Alemanha não queria uma disputa com a Inglaterra. Vicky informaria que ele lhe havia dito que, não obstante a inexperiência de Guilherme, "'se atirá-lo na água, ele saberá nadar', pois não era destituído de inteligência".[8] Em banquete oficial nessa noite, o chanceler escolheu um grande "confeito"[9] decorado com o retrato da rainha em glacê e ostensivamente desabotoou a sobrecasaca para colocá-lo perto do coração. Em caráter privado, Bismarck estava confiante de que conseguiria lidar com Guilherme exatamente como havia lidado com o avô, mediante desavergonhada manipulação, lisonja e, quando necessário, uma certa pressão.

Fritz foi levado pelo câncer de garganta a 15 de junho. Governara por três meses. Bertie telegrafou a Jorge, que escreveu em seu diário: "O pobre e querido tio Fritz morreu (...) é terrivelmente triste."[10] Guilherme não manifestou igual

ternura. Momentos depois da morte do pai, ordenou que o Neues Palais fosse isolado por soldados e vasculhado, não se permitindo que ninguém saísse, especialmente sua mãe. Os soldados buscavam documentos — cartas de Vicky e diários de guerra de Fritz — que, segundo haviam dito a Guilherme, a mãe tentava subtrair secretamente do país. Mas era tarde demais; dias antes, ela conseguira mandar as caixas para a Inglaterra através da embaixada britânica.******** Era um gesto violento e destinado a humilhar e confundir, como se, segundo escreveria mais tarde o primeiro biógrafo de Guilherme, Emil Ludwig, "um monarca tivesse sido assassinado e seu sucessor hostil, há muito preparado, se tivesse apressado a lançar mão da autoridade recém-conquistada".11 Era igualmente um ato de fúria edipiana. Fritz foi enterrado três dias depois, sem a tradicional exposição do corpo. Nenhum dignitário estrangeiro foi convidado ao funeral e Bismarck manteve-se longe. Indo de encontro ao desejo manifestado pelo pai no leito de morte, Guilherme ordenou uma autópsia para confirmar que ele morrera de câncer, proibindo o casamento de Moretta e Battemburgo. Embora viesse mais tarde a se prodigalizar em protestos de amor e admiração pelo pai-herói morto, prestando numerosas homenagens a ele, o novo cáiser eximiu-se de mencionar Fritz em seu primeiro discurso no Reichstag, afirmando, pelo contrário, que haveria de "seguir o mesmo caminho através do qual meu falecido avô conquistou a confiança dos aliados, o amor do povo alemão e a boa vontade de países estrangeiros".12 Poucos na corte pareciam importar-se: os Hohenzollern eram famosos pelo ódio entre as gerações, a imperatriz Frederica, como agora era chamada, fora considerada um elemento perigoso e imprevisível cujo eclipse há muito já devia ter ocorrido e o cáiser pelo menos parecia vigoroso. Depois de décadas do titubeante Guilherme I e das incertezas dos meses anteriores, a Alemanha estava pronta para um carismático jovem governante. Era exatamente o que parecia Guilherme: moderno, enérgico, capaz de se comunicar com seu público. Quando ele percorreu os bairros pobres de Berlim semanas depois de subir ao trono, o povo gritava: "Salve o rei dos trabalhadores!"13 Ele parecia presente, próximo e rapidamente evidenciou uma paixão pelos discursos cheios de frases sonoras, prometendo uma nova era de grandeza para a Alemanha e manifestando propósito e autoconfiança.

Eduardo e Alexandra foram dos poucos que conseguiram chegar ao funeral de

Fritz. O príncipe de Gales, que regularmente fora ao encontro do cunhado acamado, encontrou a irmã alquebrada e isolada. Ela “chorava e soluçava como uma criança”,[14] informou ele. Alexandra escreveu a Jorge que, “em vez de servir de conforto e apoio a ela, Guilherme passou-se completamente para Bismarck e companhia, que a ignoram completamente e a oprimem. O que é absolutamente abominável”.[15] Herbert, o filho de Bismarck, a essa altura ministro do Exterior da Alemanha, disse a Eduardo que Fritz se havia revelado “incapaz de reinar”,[16] e o chanceler disse-lhe “que na verdade o imperador nunca fora capaz de reinar, por causa de sua doença, e que o país havia sido governado pela imperatriz, mas que lá não havia a lei sália”.[17] O casal ficou indignado e ofendido. Em sua audiência com Bismarck, os dois deixaram de lado as habituais amenidades diplomáticas e começaram a fazer perguntas incômodas. Que estava acontecendo com o reino de Hanôver, capturado e anexado pela Prússia durante as guerras da década de 1860? Seu herdeiro, o duque de Cumberland, era primo de Bertie, sua mulher era a irmã menor de Alexandra, Thyra, e há anos eles vinham em vão exigindo uma indenização. Era verdade que Fritz contemplava a possibilidade de devolver a Alsácia-Lorena aos franceses?, perguntava Eduardo — pergunta que mais tarde o secretário da rainha Vitória reconheceria ter ido talvez “além (...) do que seria prudente”.[18]

Bismarck não estava acostumado a ser interrogado e não gostou. Seus interlocutores não podiam saber, mas ele estava secretamente usando os rendimentos de Hanôver para financiar a manipulação da imprensa alemã, inclusive no que dizia respeito aos artigos que difamavam Vicky. Quanto à Alsácia-Lorena, vinha a ser um dos principais triunfos de sua carreira política. Mas os ditames da etiqueta diplomática o obrigavam a fazer declarações polidas e afirmativas. No dia seguinte, Eduardo enviou uma versão escrita das respostas de Bismarck a seu filho Herbert, solicitando a assinatura do chanceler para se certificar de que estavam corretas.[19] Bismarck ficou furioso — exatamente o que Eduardo pretendia. O governo alemão apresentou uma queixa formal ao governo britânico a respeito da “entrevista com Sua Alteza Real, quando se aproveitou uma visita de cerimônia para fazer-lhe perguntas que dificilmente poderiam ser respondidas no calor do momento”. As duas partes deixaram o episódio aborrecidas.

Os alemães estavam decididos a recuperar o que era seu. Logo estaria

correndo por Berlim o boato de que o príncipe de Gales *exigira* que a Alsácia-Lorena fosse devolvida à França, boato que se destinava a embaraçar Eduardo e provocar uma nova onda de antipatia contra Vicky. E quando Guilherme, do qual Eduardo se havia separado em bons termos, enviou um representante à avó para anunciar sua subida ao trono, escolheu deliberadamente um oficial conhecido por não gostar de sua mãe e de seu pai, que se eximiu de sequer mencionar o nome de Fritz. A rainha mostrou-se gelada. Guilherme queixou-se. "A rainha fica muito satisfeita de saber que o general Winterfeldt afirma que foi recebido com frieza, embora de maneira polida; pois esta era de fato sua *intenção*",[20] respondeu ela.

"Não gosto nada da maneira como as coisas se apresentam na Alemanha",[21] suspirava o primeiro-ministro britânico, lorde Salisbury, apenas duas semanas depois de Guilherme ter-se tornado cáiser. "É evidente que o jovem imperador nos detesta e ama a Rússia." Em seu diário, a rainha manifestava preocupação porque Guilherme estava se "inclinando para a Rússia", queixando-se de quão "desleal e desalmado" Bismarck se havia revelado.[22]

Robert Cecil, lorde Salisbury, chegando aos 60 anos, havia sido primeiro-ministro, secretário do Exterior e líder do Partido Conservador desde 1885, com uma breve interrupção, e era a personalidade mais importante da política britânica (com exceção de William Gladstone, que chegava ao fim de sua carreira). A rainha confiava nele e o respeitava, convidando-o a sentar em sua presença — seus joelhos já começavam a falhar —, privilégio que praticamente não concedia a ninguém. Com 1,92m de altura, cada vez mais avantajado, calvo e com uma barba impressionante, ele descendia de uma longa linhagem de estadistas aristocráticos; era também um misantropo, depressivo, um intelectual que gostava de se fazer passar por um bronco (passava as horas vagas debatendo teologia com a família e trabalhando em seu laboratório em Hatfield House, onde instalou o primeiro sistema de iluminação elétrica da Inglaterra) e tão míope e voltado sobre si mesmo que muitas vezes não reconhecia a própria família. Era um político eficiente, com especial talento para as relações internacionais, acumulando as funções de primeiro-ministro e secretário do Exterior, esta última invariavelmente desempenhada pelos mais importantes aristocratas. Embora comandasse aquela que se considerava a maior democracia liberal do mundo, seus pontos de vista políticos não estavam tão distantes assim

dos de Bismarck ou do mentor de Nicolau, Pobedonostsev. Conservador na acepção do termo, ele entrara na política para defender as classes proprietárias e governantes da devastação da democracia e de uma crescente ampliação dos direitos civis e políticos da cidadania. Para ele, as classes superiores representavam o melhor do esforço humano — origem, inteligência e cultura — e mereciam governar; a riqueza herdada, acreditava, fazia com que um indivíduo se mostrasse menos inclinado à corrupção. Ironicamente — embora não para ele, que não teria enxergado aí qualquer contradição —, Salisbury era descaradamente nepotista, promovendo com tal liberalidade os filhos e sobrinhos que sua última administração ficou conhecida como "Hotel Cecil". Encarava as massas com contundente desprezo, odiava o socialismo, a "paixão insana pela igualdade"[23] e a opinião pública. Desagradava-lhe particularmente a ideia de um governo consultivo, sob a alegação de que "até que tenha conseguido formar uma opinião a respeito, considero meramente preocupante a intrusão dos pensamentos de outros homens",[24] e podia mostrar-se absolutamente dissimulado, sobretudo quando se tratava de questões externas. Ele comandava o Ministério do Exterior como se fosse um feudo seu. Naturalmente pessimista, sustentava o seguinte credo político: "O que quer que aconteça, será para o pior, sendo portanto do nosso interesse que aconteça o mínimo possível."[25] Suas cautelosas e delicadas manobras como guardião da posição britânica no mundo, através da manutenção da paz na Europa, tinham ficado conhecidas, de maneira não inteiramente justificada, como "esplêndido isolamento".

Aparentemente Salisbury tinha da rainha uma visão de ambivalente combinação de respeito, condescendência e eventual exasperação. Ele era originário do minúsculo grupo de famílias da alta aristocracia que, como observou uma das mais inteligentes amantes de Bertie, "se acreditavam detentoras do direito inalienável de governar a Inglaterra exatamente como governavam suas propriedades".[26] Havia uma certa condescendência em sua atitude em relação à monarquia, mas ao mesmo tempo elas se deleitavam com as mesuras ritualísticas que deviam prestar-lhe. Salisbury dizia respeitar a rainha como um barômetro confiável da opinião pública. Para conseguir o que queria, ele tratava de seduzi-la, eventualmente atendê-la e às vezes deliberadamente enganá-la. Mas ao mesmo tempo parecia gostar de conversar com ela: entre as poucas pessoas com as quais regularmente discutia e debatia estavam as

mulheres de sua coesa família; os dois tinham visões de mundo muito semelhantes e um certo desencanto decorrente da experiência. Ela era uma aliada útil em meio ao turbilhão da política europeia, com décadas de experiência acumuladas, além de uma fonte valiosa de informações, graças a suas relações de parentesco. A respeito de seus parentes europeus (em contraste com as relações europeias), contudo, os dois discordavam. Jornalista na década de 1860, Salisbury escrevera um artigo criticando suas simpatias alemãs e concluindo: "Em última instância, a vontade nacional deve necessariamente ser suprema."[27] As relações pessoais entre monarcas podiam ser úteis, mas não deviam comprometer a política externa. Ele sutilmente lamentava que sua rainha fosse "absolutamente incontrolável em seu comportamento com os parentes; ela insiste em considerar Guilherme apenas como neto".[28]

Salisbury exortou a rainha a tentar normalizar as relações, escrevendo ao neto para cumprimentá-lo pela subida ao trono. Com relutância, ela concordou. "Deixe-me pedir-lhe também que tenha paciência com a pobre Mamãe se ela às vezes se mostra irritada e nervosa",[29] escreveu a monarca. "Não é sua intenção; pense nas muitas noites de fadiga e sem sono por que ela passou, e *não leve a mal*." Willy respondeu: "Estou me empenhando ao máximo para atender seus desejos."[30] O que não era verdade. Em público, ele se referia à mãe como "aquela pessoinha gorda e troncuda que busca influência";[31] estava decidido a afastá-la de Berlim e Potsdam e acabou por destinar-lhe uma pensão miserável. Foi com entusiasmo muito maior que disse à rainha que estava prestes a embarcar para São Petersburgo, ao encontro do imperador russo, "o que terá", dizia-lhe,

> um efeito bom para a paz na Europa e para o repouso e sossego dos meus aliados. Se pudesse, eu teria ido mais tarde; mas o interesse do Estado passa à frente dos sentimentos pessoais, e o destino que às vezes pende sobre as nações não espera que seja cumprida a etiqueta do luto numa corte. Espero e confio que um grande bem decorra do esperado encontro, pois considero necessário que os monarcas se encontrem com frequência e se entendam, para estar atentos aos perigos que ameaçam o princípio monárquico da parte de partidos democráticos e republicanos. (...) É muito melhor que nós, imperadores, nos mantenhamos unidos.[32]

A carta foi redigida em inglês, embora os dois pudessem perfeitamente ter-se correspondido em alemão. Entretanto, como Guilherme escrevia à avó em inglês desde a infância, parecia natural continuar, e ele se orgulhava da própria

fluência. O conteúdo da mensagem, todavia, parecia confirmar as preocupações de Salisbury e da rainha quanto ao entusiasmo de Guilherme pela Rússia. A rapidez da visita, mal se havia passado um mês do sepultamento do pai de Guilherme, também ofendeu Vitória. Para ela, prantear os mortos era quase uma religião; sempre vestida de negro, ela mantinha a corte britânica em eterno estado de "leve luto" por toda uma série de parentes que estavam sempre morrendo, de tal maneira que as cores mais alegres que as damas de companhia tinham autorização para trajar eram branco, cinza, púrpura e roxo. Ela escreveu uma carta de censura. Em suas memórias, nem sempre dignas de confiança, Guilherme alegava que Bismarck "cedeu a um violento acesso de raiva" ao lê-la. Ele próprio tratou de redigir uma resposta tranquila, "enfatizando a posição e o dever do imperador alemão e o fato de que sua avó devia deixar a seu cargo a questão de decidir de que maneira isto aconteceria. (...) A partir desse dia, minhas relações com a rainha, temida até pelos próprios filhos, tornaram-se as melhores possíveis".[33] Mas assim não parecia à rainha. "Como é revoltante ver Willy, menos de dois meses depois da morte de seu amado e nobre pai, frequentar banquetes e paradas!",[34] escreveu ela, contrariada, a Eduardo. "Confio em que haveremos de nos mostrar muito frios, apesar de corteses, em nossas comunicações com meu neto e príncipe Bismarck, que se mostra empenhado em retornar aos velhos tempos de governo",[35] disse ela a Salisbury.

Guilherme tampouco se mostrava amável. Em discurso pronunciado um mês depois, ele criticou "aqueles que têm a audácia de sustentar que meu pai se dispunha a separar-se do que (...) conquistou nos campos de batalha".[36] Tratava-se de uma referência à insinuação de Eduardo, no funeral do pai, de que Fritz contemplava a possibilidade de devolver a Alsácia-Lorena aos franceses. "Nós que o conhecíamos tão bem não podemos tolerar inermes, nem por um só momento, semelhante insulto à sua memória (...) preferiríamos sacrificar nossos 18 corpos de combate e nossos 42 milhões de habitantes no campo de batalha a ceder uma única pedra." Guilherme começava a ficar famoso por seus discursos inflamados.

De Berlim, o embaixador britânico, sir Edward Malet, informava que "o imperador" estaria se revelando cada vez mais "anti-inglês" e se inclinando "para a Rússia" — embora se comentasse que Bismarck revelava perfeita boa disposição em relação à Grã-Bretanha. "Estou ansioso por deixar registrado que

considero esta afirmação sem fundamento”,[37] acrescentava o embaixador. E ele estava perfeitamente certo. Bismarck é que havia sugerido a visita à Rússia. As disputas pessoais de Guilherme com os parentes ingleses podiam ser objeto de comentários nas cortes de Berlim e Londres, mas sua atitude em relação à Rússia era muito mais hostil. Apenas seis semanas antes da subida ao trono ele enviara ao chanceler um memorando propondo um ataque preventivo contra a Rússia. Ele vinha dando ouvidos a seu aliado político, o general Waldersee — o principal proponente de um ataque à Rússia, que vinha insuflando a questão com histórias sobre movimentos de tropas russas na fronteira e ataques russos contra a Bulgária —, e acabara por sucumbir aos velhos temores prussianos de invasão. Em sua longa e exasperada resposta, Bismarck advertia Guilherme de que se alguém descobrisse que aquele que logo haveria de se tornar cáiser estava propondo uma guerra contra a recomendação do próprio chanceler, iria por terra a confiança internacional no governo alemão. Um tanto envergonhado, Guilherme recuara. Mas ao se tornar cáiser ele promoveu Waldersee a comandante do estado-maior imperial, e Bismarck logo estaria recebendo relatórios segundo os quais os russos consideravam o novo cáiser antirrusso.

Bismarck sabia como praticamente ninguém que a Alemanha estava presa em situação difícil no meio do eterno triângulo com a Rússia e a Áustria-Hungria, seu outro vizinho imperial. Esses dois impérios eram rivais cada vez mais ferrenhos na Europa oriental; Bismarck estava convencido de que a Alemanha precisava manter-se em bons termos com ambos. Mas era como andar numa corda bamba. A Áustria-Hungria, governada pelo imperador Francisco José de Habsburgo, o último representante de uma das dinastias reais europeias que por mais tempo haviam reinado, era do ponto de vista territorial a força dominante na Europa central, um Estado com 50 milhões de habitantes de aproximadamente uma dúzia de nações e muitos diferentes grupos étnicos. Em termos de poderio, contudo, era considerada um império em decadência. Dentro de suas fronteiras, via-se ameaçada de dilaceramento por uma dúzia de movimentos nacionalistas recém-surgidos. O respeito pelo imperador Francisco José, impenetrável, irretocavelmente correto, dedicado e paciente, a essa altura no 40º ano de seu reinado, era cada vez mais considerado a única coisa que mantinha unidos os diferentes grupos, entre eles croatas, tchecos, poloneses, húngaros e ucranianos. Embora se apresentasse como um monarca autocrático,

com uma das cortes mais rigidamente hierarquizadas da Europa, Francisco José conseguira manter o império unido graças a uma série de acordos de pacificação, que o haviam transformado num monarca constitucional.

O império ficara ainda mais enfraquecido pela perda da Itália depois de 1848, e o próprio Bismarck cuidara de providenciar o seu eclipse, expulsando-o da Alemanha na Guerra Austro-Prussiana de 1866. Mas Bismarck — sempre sensível à vulnerabilidade geográfica da Alemanha — não deixava de considerar a Áustria uma importante aliada e sustentáculo frente à Rússia e a França, cujos políticos periodicamente exigiam vingança pela Alsácia-Lorena. Em 1879, a Alemanha e a Áustria se haviam comprometido numa aliança de defesa. Ao mesmo tempo, a Alemanha precisava manter uma relação amistosa com a Rússia por causa de sua proximidade, seu potencial como geradora de caos na Europa oriental e a absoluta necessidade de impedi-la de se aproximar da França, que Bismarck estava decidido a manter isolada. O problema era que a Áustria e a Rússia se haviam tornado rivais implacáveis na disputa de influência nos Bálcãs, e ficava cada vez mais difícil lidar com as duas, aliando-se à Áustria, aplacando a Rússia e tentando manter a paz na Europa central sem parecer estar fazendo nada disto. A essa altura, as histórias de ataque à Rússia no exército alemão começavam a ser apoiadas pelo movimento pan-germânico, cujos tradicionais argumentos pela unificação dos povos germânicos começavam a adquirir uma dimensão expansionista e racial, insistindo em que os alemães tinham direito divino de dominação sobre a Europa central e em que os eslavos — entre os quais a Rússia era de longe a maior nação — eram inimigos naturais dos alemães, e ainda por cima degenerados. Em 1887, na tentativa de aproximar os dois países, Bismarck assinara um tratado absolutamente secreto de garantias com a Rússia, pelo qual os dois países se comprometiam a uma posição de neutralidade benevolente caso o outro entrasse em guerra, enquanto a Alemanha prometia adicionalmente apoiar as reivindicações da Rússia na Bulgária e oferecer-lhe apoio caso “precisasse” tomar Constantinopla. Simultaneamente, contudo, Bismarck também negociara um acordo secreto entre a Áustria, a Inglaterra e a Itália, o qual teve como uma de suas consequências — sem qualquer sinal visível de estímulo alemão — que a Grã-Bretanha concordasse em mobilizar sua força naval para impedir que a Rússia obtivesse ganhos nos Bálcãs e no Império Otomano.

Apesar de sua hostilidade em relação à Rússia, Guilherme ficou empolgado com a ideia de visitar São Petersburgo. Era o local de seu grande triunfo diplomático quatro anos antes, quando havia impressionado o tsar e quase conseguira unir a Alemanha, a Rússia e a Áustria-Hungria. A diplomacia era considerada a mais importante e nobre das artes políticas — campo de atuação de reis e da mais alta aristocracia —, sendo levada a efeito por trás de portas fechadas. Guilherme achava que ela devia ser conduzida no relacionamento pessoal entre monarcas. Ele herdara da mãe a concepção de seu avô Alberto de que a solidariedade entre os monarcas era a melhor maneira de preservar laços fortes entre os países, e estava convencido de que esta seria uma triunfal justificativa da superioridade inata dos monarcas e do "princípio monárquico", que representava um repúdio às alegações de democratas e republicanos. Guilherme gostava de falar de um "vínculo mágico que o unia às outras cabeças ungidas. Era um sacramento sobrenatural e mítico (...) a camaradagem mística entre os monarcas tinha origem divina".[38] O problema era que, mais que nunca, os monarcas — entre eles Guilherme — precisavam cada vez mais contrapor os reclamos de seu exclusivo clube sobrenatural às reivindicações dos interesses nacionais de seus países.

Ele chegou a São Petersburgo no iate imperial *Hohenzollern* no fim de julho de 1888, acompanhado de Herbert von Bismarck, com instruções estritas de evitar qualquer controvérsia: a visita devia ser "amistosa, amável, politicamente desinteressada".[39] Ele compareceu a um jantar de família dos Romanov no qual o tsar e Nicolau atiraram toalhas molhadas um no outro; brindou a Alexandre em russo; os dois imperadores tiveram uma conversa privada. O tsar disse ao embaixador alemão que o "temperamento franco e sincero" de Guilherme e "sua simples presença dissipavam boa parte da desconfiança artificialmente criada contra ele".[40] Até a tsarina, considerada pela embaixada alemã incansável em sua hostilidade à Alemanha, havia se mostrado "encantadoramente natural".[41] Herbert von Bismarck ficou encantado com sua audiência informal com o tsar, que trajava uma velha jaqueta cinza. Alexandre propôs que os dois países colaborassem no combate às tendências revolucionárias, dizendo-lhe que ficara muito aliviado pelo fato de Guilherme, e não Fritz, encontrar-se no trono. Perguntou também como Guilherme se dava com a avó inglesa, embora os russos soubessem que eles não estavam em bons termos. Bismarck fizera

comentários explicitamente antibritânicos e o tsar achara muita graça.[42]

"Poucas vezes antes os anfitriões e visitantes apreciaram tanto a companhia uns dos outros",[43] escrevera o embaixador alemão, von Schweinitz, entusiástico, a Bismarck. A despedida dos imperadores fora um "momento inesquecivelmente triste para todos". "Os russos nunca foram tão conciliadores, tão humildes, tão aquiescentes",[44] escreveu um outro diplomata alemão a Fritz Holstein, o principal assessor de Bismarck no Ministério do Exterior.

Em questão de poucas semanas, seriam expressas avaliações mais sóbrias — e realistas. Os ministérios do Exterior de ambos os lados reconheciam discretamente que, em termos pessoais, o tsar e o cáiser "ainda não eram muito próximos",[45] aparentemente sem ter muito o que dizer um ao outro. Mas pelo menos a paz estava no ar.

No início de outubro, Eduardo deu-se conta de que ele e Guilherme estariam visitando Viena simultaneamente. Escreveu então a Guilherme para propor que se encontrassem. Mas não recebeu resposta, e ao chegar a Viena — levando, em homenagem ao sobrinho, seu uniforme dos hussardos da Pomerânia, que em nada favorecia sua aparência — foi informado por um ministro austríaco do Exterior excepcionalmente embaraçado que teria de deixar a cidade, pois o cáiser acabava de informar ao imperador Francisco José que preferia que não houvesse outros membros da realeza presentes durante sua visita.[46] Parecia terrivelmente flagrante que o gesto estava endereçado a Eduardo, uma grosseria fantasticamente calibrada para enfatizar que Guilherme era a essa altura a principal cabeça coroada, com isto ferindo a autoimagem de Bertie como convidado popular e conciliador da família. Ele achava que compreendia o sobrinho e vinha mandando à irmã recomendações sobre como lidar com ele. "Nada poderia ser melhor que seu comportamento em relação a mim (...)",[47] lembrava-se ele, incrédulo, do encontro com Guilherme no funeral de Fritz em Berlim. "Ao nos separarmos, éramos excelentes amigos." Eduardo ficou tão perplexo que não conseguia acreditar, e voltou a escrever ao sobrinho, providenciando para que a carta fosse entregue pelo adido militar britânico em Berlim, o coronel Swaine — aquele mesmo que, dois anos antes, fora induzido por Guilherme a revelar segredos militares britânicos, em seguida transmitidos aos russos. O cáiser recusou-se a receber Swaine, e no dia seguinte, quando o adido militar encontrou com Guilherme por acaso, o imperador deu-lhe as

costas. Swaine ficou tão abalado que imediatamente pediu transferência de Berlim. Eduardo foi levado para uma caçada na Romênia pelo arquiduque Rodolfo, filho e herdeiro de Francisco José, que detestava o comportamento insolente de Guilherme, sua visão autocrática, sua maneira ríspida de expressá-la, e que provavelmente também sentia inveja dele. São seus relatórios nada lisonjeiros encontrados nos arquivos do governo austríaco que nos falam das escapadas sexuais vienenses de Guilherme no início da década de 1880.******** O cáiser chegou a Viena e logo — segundo Rodolfo se apressaria a contar a Eduardo — dizia entre risadas aos amigos que de longe preferia os aposentos do tio (ou seja, a cidade de que se havia retirado) a sua companhia.[48]

A rainha Vitória imediatamente exigiu uma explicação do governo alemão. Bismarck respondeu com uma longa carta a Salisbury, tratando de cada um dos pontos um a um e acusando o príncipe de Gales de uma série de grosserias e passos em falso: principalmente, teria alegado que Fritz pretendia devolver Schleswig-Holstein e a Alsácia-Lorena, que se prevalecera da "amabilidade" do chanceler para "forçá-lo" a concordar com uma compensação ao duque de Cumberland e que havia ameaçado Guilherme, "como um tio ameaça o sobrinho, em vez de reconhecer que se tratava de um imperador".[49] Acrescentava que não fora apropriado que os dois se encontrassem em Viena, pois a Alemanha estava envolvida em delicadas negociações com a Rússia, cujo tsar teria ficado "irritado".

Com toda evidência, Guilherme ainda nutria sentimentos de raiva em relação à família real britânica, e essa raiva convergia com uma certa suscetibilidade alemã em relação a supostos sentimentos ingleses de superioridade e falta de respeito: a maneira como a família inglesa tratou o cáiser rapidamente se transformou numa espécie de mantra. "Os alemães todos dizem que a família real inglesa nunca trata o imperador Guilherme como um soberano, mas como um menininho",[50] escreveu em seu diário a mulher do embaixador britânico em Viena. Bismarck tratava de dar curso a essas queixas, que contribuíam para a impopularidade de Vicky, a mãe de Guilherme, na Alemanha e lembravam a ele que precisava manter-se em bons termos com a Rússia.

"Quanto ao fato de o príncipe não tratar o sobrinho como imperador", soltava a rainha, "é realmente demasiado vulgar e absurdo, além de inverídico, e *não* merece *crédito.* (...) Supor que ele deva ser tratado em privado e em público

como ‘Sua Majestade Imperial’ é completa *loucura*! (...) Se tem *tais* ideias na cabeça, é melhor que ele *nunca* venha aqui. A rainha não vai engolir semelhante afronta”.[51] Ela acrescentava ter obtido confirmação de suas próprias fontes de que Guilherme deliberadamente decidira provocar e humilhar Bertie, dizendo ao príncipe herdeiro Rodolfo que se o tio lhe escrevesse uma carta muito compreensiva “*ele talvez pudesse responder-lhe*! (...) Tudo isto evidencia um estado de espírito muito pernicioso e anormal; e é preciso que ele veja que a avó e o tio não admitirão semelhante insolência”. As relações entre os respectivos governos não deviam ser afetadas, reconhecia ela, mas “com um rapaz tão temperamental, presumido e equivocado, destituído de sentimentos, isto pode a QUALQUER momento tornar-se impossível”.

Salisbury mostrava-se cada vez mais exasperado com o que via como uma rixa de família fugindo ao controle. Disse ao embaixador alemão, o conde Hatzfeldt, que Guilherme não seria bem-vindo na Inglaterra, embora acrescentasse, enfático, que “discussões dessa natureza sobre questões pessoais, quaisquer que sejam nossos sentimentos a respeito, não afetariam a política dos dois países em geral”.[52] Hatzfeldt, diplomata experiente e respeitado — Bismarck referia-se a ele como “o melhor cavalo do estábulo diplomático” —, simplesmente não ousou transmitir a primeira parte da mensagem a seus superiores alemães. O que era menos inabitual do que pode parecer, especialmente na Alemanha, onde todos tinham medo de Bismarck. “Pelas indicações que ele dá”, dizia lorde Salisbury à rainha, com certo alívio, “(...) o jovem imperador revelou-se de trato muito difícil, o príncipe Bismarck ficou grandemente perplexo e seu temperamento tornou-se em consequência mais insuportável que de hábito”.[53] Mas ele também pedia à rainha que cancelasse a programada visita de Vicky à Inglaterra, num gesto de paz. “Seria impossível, desalmado e cruel impedir que minha pobre filha, já de coração partido, procurasse a mãe em busca de paz, proteção e conforto”,[54] protestou ela. Politicamente, teria sido um gesto sábio; do ponto de vista pessoal, era cruel. Vicky estava terrivelmente infeliz, abandonada pelos antigos aliados, que agora buscavam as graças de Guilherme, e continuava submetida à perversa campanha de boatos promovida por Bismarck.******** A rainha, contudo, não resistiu à tentação de transformar a visita da filha numa ostensiva afronta de retaliação ao cáiser. Tratou-a como um chefe de Estado em visita oficial: Eduardo foi ao seu

encontro no iate real; a corte inglesa e toda a equipe da embaixada alemã, inclusive Hatzfeldt, foram convocadas e apresentadas a ela. A rainha comunicou a Salisbury que não queria que fossem enviados a Guilherme e à corte alemã comunicados sobre esta ou qualquer outra questão real.

Não era uma boa notícia para Salisbury. Do ponto de vista político, a Grã-Bretanha precisava da boa vontade da Alemanha. A Alemanha constituía um apoio fundamental na polêmica ocupação britânica do Egito, numa época em que a França tentava mobilizar oposição internacional contra ela. Na tentativa de remediar possíveis consequências políticas da disputa de família, ele enviou navios de guerra britânicos para dar apoio ao bloqueio alemão do sultanato de Zanzibar,******** no litoral da África oriental. O motivo alegado para o bloqueio era impedir o tráfico ilegal de escravos e armas. Na realidade, tratava-se de pressionar o sultão para aceitar de volta a Companhia da África Oriental, empresa alemã que havia sido expulsa de Zanzibar depois de uma revolta contra os maus-tratos que infligia aos nativos. O Ministério do Exterior alemão pedira apoio, dando a entender que, se este não fosse providenciado, a Alemanha poderia rever sua posição a respeito do Egito. Salisbury considerava tratar-se de um gesto de amizade sem grande ônus, num momento em que se mostrava necessário. Mas as razões que apresentou à rainha eram um pouco diferentes. Disse-lhe que a Grã-Bretanha devia enviar navios por causa da "extrema deslealdade"[55] dos governos de Berlim e Roma (que também tinha interesses em Zanzibar). Ele sentia pena do sultão, prosseguia, porque os colonialistas alemães eram conhecidos por sua "brutalidade". No momento em que chegava ao fim o primeiro ano de reinado de Guilherme, a possibilidade de uma ameaça e a evidente hostilidade de Guilherme faziam com que Salisbury se sentisse nitidamente pessimista quanto ao futuro das relações anglo-alemãs.

Seria difícil identificar com precisão a origem da antipatia de Guilherme por Eduardo. Ele não era apenas um representante da rainha — que, é bem verdade, Guilherme não poderia insultar diretamente. Os sentimentos do cáiser remontavam pelo menos a 1884, quando havia acusado seu tio "falso e intrigante"[56] de tramas perversas e falsidade em suas cartas ao tsar Alexandre III. Na época, Eduardo fora a Berlim convencer o velho cáiser a permitir que Moretta, a irmã de Guilherme, se casasse com Sandro de Battemburgo, exatamente o casamento a que Guilherme tão ferozmente se opunha. Um ano

depois, ele convocara à Hungria um Guilherme enfurecido, para informar-lhe que a rainha Vitória se recusava a convidá-lo a ir à Inglaterra. Mas a coisa pode ter começado mais cedo ainda. O estilo de vida relativamente vulgar, descontraído, hedonista e civil de Eduardo parecia depravado em comparação com a identidade austera, puritana e marcial que Guilherme queria projetar. E no entanto ele sentia ciúme do tio, queria sua aprovação e se ressentia do fato. Achava que Eduardo, que se mostrava tão flagrantemente imperfeito, recebia sem problemas a aprovação da mãe. Invejava — embora jamais o admitisse — a enorme popularidade de Eduardo na Europa. Não era só em Paris que Eduardo fazia bela figura: até em Berlim, os rapazes na moda queriam copiar os ternos do príncipe de Gales. Guilherme ansiava exatamente por aquele tipo de aprovação que Bertie parecia obter sem qualquer esforço. Embora o mundo inteiro comentasse sua habilidade, sua autoridade, seu potencial, ele invejava a facilidade de Bertie. Ela lhe fazia sombra. Estava tudo ligado, naturalmente, ao fato de Eduardo ser britânico, o que provocava confusos sentimentos de inferioridade, desejo e raiva. Ele desejava que Bertie o aprovasse: anos depois, seu melhor amigo, Filipe de Eulemburgo, comentaria indignado que ele borboleteava “ao redor do gordo rei Eduardo como uma folha ao vento em torno de uma torre”.[57] Qualquer membro da realeza se preocupava com o próprio status, mas em Guilherme essa preocupação parecia maior. As desconsiderações — reais ou imaginárias — feriam um nervo que desencadeava violenta retaliação. Ele se queixava de que, à cabeceira do pai doente, a mãe o havia tratado como um cão; de que Eduardo não o tratava como um imperador; e poucos meses depois, se queixaria de que Bismarck o tratava como um escolar.

É possível que Eduardo tratasse o sobrinho de maneira sutilmente desabonadora. Ele ficara indignado com o comportamento nada filial de Guilherme, e parece possível que soubesse de suas cartas ao tsar.[58] Agora seu amor-próprio fora atingido. Autorizado a reconhecer o desentendimento, ele se apressou a demonstrar sua hostilidade, ridicularizando as novas e pomposas atitudes imperiais de Guilherme. Referia-se a ele como “meu ilustre sobrinho” e “ Guilherme, o Grande”. Disse a Vicky que o “comportamento dele em relação a você é simplesmente revoltante” e que lhe faltavam “os sentimentos e hábitos de um cavalheiro (...) poderá vir mais cedo do que ele espera o momento em que aprenderá que nem a Alemanha nem a Rússia suportarão um autocrata no fim do

século XIX”.[59] A antipatia era alimentada pelas duas esposas. Alexandra considerava Guilherme a própria encarnação do prussiano pretensioso. “Oh, ele é um asno louco e pretensioso”, escreveu ela a Jorge, dias depois do incidente em Viena, “que também afirma que Papai e Vovó não o tratam com o devido respeito como imperador da velha e poderosa Alemanha. Mas minha esperança é que um dia o orgulho ruirá por terra, e nós então nos regozijaremos”.[60] Dona achava Bertie revoltante e imoral. As duas mulheres tampouco se apreciavam: suas famílias reivindicavam o ducado de Schleswig-Holstein, mas haviam estado em lados opostos durante o enfrentamento prussiano-dinamarquês em torno dele em 1864, e a velha rivalidade ainda prevalecia.

No ano-novo de 1889, os alemães de repente começaram a se mostrar incrivelmente amistosos. Primeiro, Bismarck propôs uma aliança formal contra a França, inimiga dos dois países. Semanas depois, o cáiser enviou uma mensagem segundo a qual desejava muito visitar até o fim do ano sua querida avó — pela qual, conforme diria Herbert Bismarck ao embaixador britânico, sentia “grande afeto e veneração”.[61]

A mudança de atitude tinha vários motivos. Bismarck mais uma vez se sentia desconfortavelmente espremido entre a França e a Rússia. A imprensa russa passava mais uma vez por uma onda de antigermanismo. Na França, o general Boulanger, o profeta da revanche contra a Alemanha, parecia a ponto de lançar um golpe de Estado. Salisbury recusou a aliança — como aliás Bismarck devia esperar. O primeiro-ministro não via grande motivo para arranjar complicações na Europa continental. Não se sentia particularmente ameaçado pela França nem tinha confiança em que a Alemanha não o arrastasse a algum conflito europeu. Mas ficou profundamente aliviado com a abertura, e enfatizou que queria que a Grã-Bretanha e a Alemanha se tornassem “o mais amistosas possível, sem chegar a fazer uma aliança”.[62] Bismarck bem o poderia ter sugerido como forma de induzir a Rússia a um comportamento mais condescendente. Mas a dramática mudança de atitude de Guilherme parecia resultar do afastamento de sua mãe de Berlim. Aceitando o próprio eclipse político, ela mudara-se para Frankfurt, onde construiu uma residência. A anglofobia de Guilherme aparentemente desapareceu da noite para o dia. Herbert von Bismarck, por exemplo, sentiu-se quase traído por Guilherme ter amaldiçoado “tudo que fosse inglês, simplesmente para irritar a mãe: não havia outro motivo para sua anglofobia”.[63]

A rainha recusou-se a recebê-lo. “Guilherme não deve vir este ano”, escreveu ela a Bertie. “Você não pode encontrá-lo, nem eu poderia, depois de tudo que ele disse e fez.”[64] Mas a pressão para que a família britânica aceitasse Guilherme de volta era insistente tanto da parte de Berlim quanto de lorde Salisbury, e no fim de fevereiro Vitória já concordara, com relutância, em que Willy pudesse hospedar-se em Osborne durante a semana da regata de Cowes — desde que pedisse “desculpas de alguma forma” a Bertie por seu comportamento em Viena. Willy recusou-se a se desculpar. Durante um jantar na embaixada em março de 1889, estendendo-se num longo elogio à avó, ele olhou bem nos olhos do embaixador britânico, Malet, e declarou enfaticamente que, tal como a mãe, tinha correndo nas veias “aquele bom e teimoso sangue inglês que nunca cede”.[65] Mais ainda, negava já a essa altura que o episódio de Viena jamais tivesse ocorrido: “A afirmação de que o imperador não queria receber o príncipe de Gales é uma invenção. Proponho que se pergunte a sir Augustus Paget [o embaixador britânico em Viena] onde foi que ficou sabendo disso.”[66]

Ele alegou que jamais recebera a carta que Eduardo havia confiado ao coronel Swaine, e, pressionado a escrever “uma mensagem amistosa” lamentando que Eduardo se tivesse achado objeto de desconsideração, disse ao tio Cristiano de Schleswig-Holstein, que também vinha a ser cunhado de Eduardo e chegara a Berlim para tentar resolver a disputa, que “nada mais poderia fazer e, como jamais manifestara o suposto desejo, não podia lamentar algo que nunca dissera”.[67] No que lhe dizia respeito, a questão estava encerrada.

Era uma deslavada negação da verdade, e todo mundo sabia disso. A rainha, considerando não poder retirar o convite, fez também sua tentativa de obter um pedido de desculpas. A instâncias de Salisbury, ofereceu uma compensação a Guilherme, caso escrevesse para dizer o quanto se sentiria feliz por poder encontrar Bertie e o quanto lamentava o mal-entendido: faria dele almirante honorário da Marinha Real à sua chegada a Cowes, com direito ao uniforme branco e dourado. Em caráter privado, a rainha considerava vulgar o hábito, entre os europeus do continente, de conferir títulos militares honoríficos a outros membros da realeza. Até então, impedira que Bertie os aceitasse.

Guilherme agarrou-se ao novo título como se nada lhe tivesse dado tanto prazer na vida. “Imagine só, usar o mesmo uniforme que St Vincent e Nelson! É mesmo de me dar vertigem”,[68] escreveu ele a Malet, o embaixador britânico, que

lhe dera a notícia. “Sinto algo parecido com o que Macbeth deve ter sentido quando de repente foi recebido pelas feiticeiras.” Não que ele considerasse o embaixador uma feiticeira, acrescentava. Não, ele parecia mais uma boa fada... Mas ele ignorava completamente a compensação oferecida pela rainha. “Sua Majestade escreveu-me há dez dias que (...) considerava todo [o caso de Viena] *encerrado* e *terminado*, para sua satisfação. (...) De modo que, como pode ver, *está tudo bem*.”[69] Mais uma vez, simplesmente não era verdade. Mas a rainha, cansada da teimosia de Guilherme e pressionada por Salisbury, deixou a coisa de lado. Bertie, achando que o cáiser dava a entender que era ele o grosseiro e que tinha inventado tudo, queixou-se indignado de que fora “sacrificado por lorde Salisbury às conveniências políticas”,[70] mas que estava decidido a aceitar o inevitável. A culpa pelo incidente era tacitamente atribuída aos austríacos.

Guilherme chegou a Cowes a 2 de agosto de 1889, sentindo-se magnífico em seu novo uniforme de almirante a bordo do iate real *Hohenzollern*, acompanhado de uma escolta de 12 navios de guerra alemães. Chegar no próprio iate era o equivalente a chegar hoje em dia no próprio jatinho: a maioria das famílias reais europeias tinha dois, embora os iates reais não fossem exatamente aquilo que a maioria pode imaginar, tendo em muitos casos as dimensões de um navio de guerra. O britânico *Victoria and Albert* contava com uma tripulação de 120 homens, podendo transportar cinquenta convidados. Debaixo dos dourados, o *Hohenzollern*, a maior e mais poderosa embarcação real em uso, podia perfeitamente ser identificado como o navio de guerra que fora um dia.

A família britânica mostrou cortesia. Bertie foi receber Guilherme junto à embarcação, acompanhado dos dois filhos: Eddy, que estava em Cambridge, e Jorge, que — em flagrante contraste com a súbita elevação do primo à condição de almirante — acabava de ser promovido a capitão, depois de seis anos na marinha. Nenhum dos dois meninos estivera com Guilherme desde o jubileu de 1887 (e antes disso, desde o início da década de 1880), quando ele se mantivera distante dos parentes ingleses. Desde que Guilherme se tornara cáiser, Jorge começara a fazer pequenos comentários maldosos a seu respeito em cartas à mãe, chamando-o de “Guilherme, o Inquieto” e fingindo achar graça de sua constante agitação: “A essa altura, ele deve ter estado em praticamente todas as capitais da Europa, exceto Londres. (...) O que quer que pense a seu próprio respeito, ele está amedrontado demais para isto.”[71] A rainha estava perfeitamente

disposta a se mostrar gélida. Ela garantira a Vicky que não dirigiria a palavra aos membros do séquito de Guilherme que se haviam mostrado deliberadamente maus com ela[72] — promessa difícil de cumprir, pois todos tinham sido mais ou menos escolhidos a dedo pelo desapreço que evidenciavam em relação a sua mãe. Na companhia do neto, contudo, ela desarmou. Ele "me beijou afetuosamente",[73] observou ela, e "fez um lindo discurso". Diariamente ele tomava em sua companhia o desjejum, que em Osborne era servido ao ar livre, numa pequena tenda branca, qualquer que fosse o clima, e jantava com ela. Acompanhado de Eduardo, ele compareceu a uma revista naval e inspecionou os navios de guerra, fazendo uma série de sugestões sobre a melhor maneira de aperfeiçoar os canhões. Assistiu às corridas de iates em Cowes, adquirindo instantaneamente uma paixão pelo esporte, e Bertie o fez membro da Real Esquadra de Iates. Fazendo uma demonstração do passo de ganso, ou *Stechschritt*, como era conhecido na Prússia — seu séquito, segundo escreveu a rainha, desfilou "lindamente, embora daquele peculiar jeito prussiano, jogando as pernas para cima". Ele condecorou os dois primos com a Ordem da Águia Negra, disse a todo mundo o quanto gostava do tio Bertie, nomeou a avó coronel-comandante do seu I Regimento de Guardas de Cavalaria e ofereceu-lhe um retrato seu com capacete prussiano pontudo. Estimulada por Salisbury, a rainha condecorou Henrique, o irmão menor de Willy, sujeito esforçado e simpático muito apreciado pelos parentes ingleses, com a Ordem da Jarreteira, e enviou a Bismarck seu autorretrato.

As desavenças em família pareciam esquecidas. Os Bismarck se gabaram de que "nenhum soberano jamais foi tão festejado".[74] A rainha tratou discretamente de tranquilizar a filha: "Não foi em absoluto por si mesmo que Guilherme foi tão bem recebido. (...) Foi como filho seu e do querido Fritz, meu neto e soberano de um grande país, com o qual é cada vez mais importante que estejamos em bons termos."[75]

De volta à Alemanha, Guilherme foi tomado por uma nova e volúvel anglofilia. Os Bismarck não tinham a menor dúvida quanto à sua origem: o cáiser, observava enojado o chanceler, fora simplesmente escravizado por um uniforme de almirante britânico. Até Filipe de Eulemburgo comentou, decepcionado, que ele era "como uma criança"[76] nessa história. Guilherme disse a Herbert von Bismarck que seu título naval britânico significava que "ele teria o

direito, como almirante da Esquadra, de dar sua opinião em questões navais inglesas e oferecer conselhos de especialista à rainha. Eu reagi com surpresa, mas SM estava sendo absolutamente sério no que dizia". Era algo estranho, para dizer o mínimo. Os títulos honoríficos eram bugigangas chamativas trocadas entre monarcas como símbolos de amizade. Significavam que o retrato do homenageado podia ser visto no refeitório dos oficiais, que por sua vez bebiam à saúde dele e comemoravam seu aniversário. Ninguém levava a coisa a sério; mas Guilherme, sim. "Senti realmente um enorme prazer por poder agora me interessar por vossa esquadra, como se fosse a minha", disse ele à rainha após sua visita. "E com a maior simpatia haverei agora de acompanhar cada etapa de seu desenvolvimento, sabendo que as embarcações blindadas britânicas, juntamente com as minhas e o meu exército, constituem a mais forte garantia de paz. (...)"[77]

Em outubro, chegando ao litoral da Grécia a bordo do *Hohenzollern* para o casamento de sua irmã Sofia com o herdeiro do trono grego, Guilherme vestiu seu novo uniforme, empunhou a flâmula de almirante britânico e se convidou — como faria um almirante de verdade — a inspecionar a esquadra britânica ali ancorada. Os oficiais ficaram algo perplexos, mas ao mesmo tempo impressionados com seu conhecimento enciclopédico dos navios de guerra britânicos. Segundo diria à avó, foi "um grande prazer para mim e também uma fonte de completa satisfação".[78] Em dezembro, ele enviou-lhe um plano de reorganização da Marinha Real, juntamente com o que alegava ser o comentário geral sobre a esquadra do Mediterrâneo: "'Os franceses olham para a esquadra britânica do Mediterrâneo com desprezo e estão convencidos de que poderão despachá-la em pouco tempo após o início das hostilidades!' Imagine só! O que não diria lorde Nelson!"[79] Ele insistia em que o número de navios de combate no Mediterrâneo fosse "aumentado assim que for considerado conveniente" de cinco para 12. Em 1891, ele enviaria outras "humildes sugestões" — que segundo ele outros oficiais da Marinha Real se sentiam por demais respeitosos para fazer —, sendo a principal delas que, se a marinha não substituísse imediatamente seus canhões pesados, estaria "ameaçando seriamente o 'moral' dos homens".[80] A resposta seca do almirantado foi que os canhões já estavam sendo substituídos e que as outras sugestões do cáiser "não representariam aprimoramentos".[81]

É difícil saber o que Guilherme achava que estava fazendo com esse tipo de carta, mas o fato é que elas haveriam de se tornar uma pedra angular de sua "diplomacia pessoal": cartas combinando amabilidade e comicidade involuntária, aconselhamento presunçoso e histórias sobre a malignidade de algum outro país, não raro canhestras e às vezes até fabricadas. Até que ponto havia sinceridade, até que ponto um fundo de má-fé, provavelmente nem mesmo ele poderia dizer. Guilherme era capaz de ter ao mesmo tempo dois desejos exatamente opostos — o desejo de se aproximar politicamente da Inglaterra associado ao de vê-la em guerra com a França —, sem achar que houvesse aí qualquer contradição. Isto podia ser decorrência de sua própria personalidade mal resolvida. Evidenciava também o conflito essencial entre a maneira como os dirigentes dos Estados-nação europeus se consideravam em competição com os vizinhos e o conceito de que a amizade entre as diferentes dinastias reais era suscetível de superar as divisões nacionais. A cultura da diplomacia alemã, considerando de um admirável realismo a diplomacia implacavelmente manipuladora e extremamente bem-sucedida de Bismarck, assim como a visão hobbesiana do mundo que a informava, estimulava esta situação. Mas também levantava a questão de saber se o jovem cáiser — evidenciando não só uma tendência a negar redondamente algo que qualquer outra pessoa sabia ser verdade, como também uma determinação de enxergar o mundo um pouco demais da maneira como ele próprio desejava que fosse — não seria talvez um pouco louco e até perigoso.

Guilherme manifestava muitos sintomas de "distúrbio de personalidade narcisista": arrogância, monumental presunção, um gigantesco senso do próprio merecimento, fantasias de sucesso e poder ilimitados; a convicção do próprio brilho e singularidade; necessidade de infindável admiração e confirmação e ódio às críticas; uma certa tendência à inveja; inclinação para considerar os outros como meros instrumentos — em termos do que podiam fazer por ele, paralelamente a uma desalentadora falta de empatia. Por outro lado, tais atributos eram compartilhados por muitos membros da realeza. Era difícil não ter um sentimento inflado de singularidade e presunção, uma expectativa de constante deferência, um certo egoísmo cego e o pressuposto de que os outros estavam ali apenas para servi-lo, quando se era criado em meio a constante deferência. A rainha Vitória era incrivelmente egoísta. Muitos outros membros

da realeza eram de uma excentricidade militante. A família Habsburgo, por exemplo, contava com um belo plantel de animais excêntricos (embora isto se devesse em grande medida à sífilis endêmica e aos laços de consanguinidade): um certo arquiduque apresentava uma religiosidade tão obsessiva que morreu ao beber água do rio Jordão; vários outros se travestiam com entusiasmo. A imperatriz Isabel, mulher de Francisco José, irmã do rei louco Luís da Baviera, dedicou a vida inteira à preservação de uma cinturinha de 45 centímetros, com um regime de exercícios obsessivos, espartilhos de couro e uma dieta de carne crua e leite. Incapaz de suportar imperfeições e dobras do tecido, fazia questão de que as roupas fossem costuradas no corpo. Seria difícil dizer com certeza se os problemas de Guilherme decorriam de alguma patologia ou das excentricidades da linha de produção da realeza europeia.

Se a rainha recebia as missivas alegremente presunçosas do neto com ranger de dentes, sempre havia por perto lorde Salisbury para lembrar-lhe como as coisas agora estavam melhores que antes. “A atitude do imperador em relação a Vossa Majestade é atualmente muito satisfatória. Ele é hoje um homem diferente do que era 12 meses atrás”,[82] assegurava-lhe ele. Sob certos aspectos, ela e a marinha se saíram com facilidade. Guilherme considerava-se um especialista em muitas coisas e não se vexava de dizê-lo. Em anos posteriores, ele informaria pessoalmente ao compositor norueguês Edvard Grieg que estava regendo errado sua própria peça *Peer Gynt*, diria a Richard Strauss que a composição moderna era “detestável” e que ele era “um dos piores”;[83] e, contrariando o desejo dos juízes, retiraria o Prêmio Schiller do dramaturgo alemão Gerhart Hauptmann, ganhador do Prêmio Nobel, cujo realismo social, de ibseniano pessimismo, não lhe agradava. Cem anos antes, quando as cortes ainda eram centros de mecenato cultural, decisões assim podiam ser aceitas sem comentários; àquela altura, todavia, até mesmo na Alemanha o gosto do imperador era com frequência objeto de hilaridade.

A Bismarck não agradou a nova paixão de Guilherme pela Inglaterra, inclusive porque era concomitante a uma nova fase de hostilidade à Rússia. Desde a viagem de Guilherme a São Petersburgo em 1888, o tsar não demonstrara qualquer inclinação a fazer uma visita de retribuição a Berlim.[84] Guilherme sentiu-se rejeitado, e no início de 1889 estava novamente no campo antirrusso do general Waldersee, o que tampouco agradou a Bismarck — que sabia que

Waldersee estava de olho na própria chancelaria. O tsar, de sua parte, também decidira que não gostava de Guilherme. No ano-novo de 1889, pressionado pelos ministros a visitar Berlim, ele perdeu a paciência e chamou Guilherme de “pobre coitado” alemão e “jovem almofadinha acanalhado, que está sempre querendo se impor, se acha o máximo e imagina que os outros o adoram”.[85]

O chanceler e o cáiser também discordavam em questões de política interna. Na primavera de 1889, uma greve de mineiros, causada por salários baixos e jornadas de 12 horas de trabalho, havia se disseminado por toda a Alemanha industrializada, politizando amplos setores das classes trabalhadoras urbanas e ameaçando transformar-se em greve geral. Era uma manifestação de algumas das contradições não resolvidas da nova Alemanha. Bismarck não fizera qualquer tentativa de resolver as tensões e divergências; na verdade, preferira usá-las para jogar as facções políticas umas contra as outras e gradualmente impedir o acesso de grupos liberais ao poder político, deixando-o nas mãos da velha elite junker prussiana. Mas a Alemanha também tinha o maior e mais bem organizado partido socialista da Europa, ainda mais fortalecido pela privação de direitos civis das classes médias e trabalhadoras em emergência. Bismarck, que considerava as classes trabalhadoras como crianças graciosas que precisavam ser disciplinadas e coagidas, queria mandar o exército para esmagar as greves e em seguida recorrer a uma legislação draconiana para acabar com o Partido Socialista. O cáiser, contudo, tinha outras ideias. Estimulado por seu velho tutor, Hinzpeter, ele decidira que o governo precisava tentar atrair os trabalhadores da esfera socialista, mostrando que a monarquia podia ser sensível a suas necessidades e que ele não aprovava os empregadores inescrupulosos que exploravam. Convidou uma representação dos grevistas a encontrá-lo, acontecimento inédito na política alemã, e em seguida um grupo de donos de minas, passando-lhes um sermão sobre o bem-estar de seus trabalhadores. Encaminhou projetos de lei para regulamentar o trabalho aos domingos e diminuir as horas de trabalho de mulheres e crianças. Bismarck ficou horrorizado — assim como o tsar e a rainha Vitória.

O que estava realmente em jogo era saber quem dava as cartas. Guilherme subira ao trono decidido a governar, convencido de que poderia mostrar-se tão capaz na função quanto Bismarck. O chanceler presidia eficazmente aos destinos da Alemanha havia quase trinta anos, e não estava disposto a abrir mão disso.

Guilherme não se interessava pelas tarefas cotidianas do governo, mas nem de longe fora fácil cuidar dele. Em maio de 1889, ele dissera a um grupo de generais antirrussos: “Se Bismarck não nos acompanhar contra a Rússia, teremos de nos separar.”[86] Dissera ao imperador Francisco José que se a Áustria entrasse em guerra contra a Rússia, a Alemanha iria em seu socorro, gostasse Bismarck ou não. Quando Bismarck anunciou a intenção de reabrir os mercados alemães aos títulos russos, num gesto de boa vontade, Guilherme ordenou-lhe que não o fizesse. O chanceler foi em frente, sem nada dizer-lhe. Ao descobri-lo, Guilherme foi tomado de uma fúria incandescente. Queixou-se de que os Bismarck se mostravam autoritários e humilhavam o trono, mas se convenceu de que seria capaz de enfrentá-los.

Alexandre III finalmente foi a Berlim em outubro de 1889. Para alívio de Bismarck, Guilherme deixou de lado sua animosidade e juntou-se ao chanceler para oferecer garantias ao tsar de que a Alemanha não tinha a menor vontade de entrar em conflito com a Rússia. Em resposta, o tsar deu sua palavra de honra de que a Rússia não atacaria a Alemanha. Como penhor dessa nova intimidade, Guilherme saltou no interior do trem do tsar no momento em que partia, para “mais uma breve e animada conversa”.[87] Disse a Waldersee que ficara “muito satisfeito com a visita”, e semanas depois, quando vinte divisões russas foram transferidas para mais perto da fronteira alemã — em mais uma simulação no jogo de demonstração de força a que os Estados europeus orientais gostavam de se entregar —, Bismarck convenceu-o a não se alarmar.

A verdadeira história da visita, todavia, foi a evidente atenção que Bismarck mereceu do tsar, apesar de há anos ser objeto de desconfiança em São Petersburgo. Ele agora era considerado o melhor amigo da Rússia em Berlim. “Eu certamente tenho no senhor plena confiança”, teria dito o tsar, “mas infelizmente o seu cáiser dá ouvidos a outros, especialmente ao general Waldersee, que quer a guerra. Disso estamos absolutamente convencidos”.[88]

Com rumores de guerra espalhando-se por toda a Europa, era um momento auspicioso para que os monarcas se encontrassem e testassem a teoria de Alberto de que um relacionamento próximo entre as dinastias reais servia para promover a paz. A realeza europeia convergiu a Atenas para o casamento da irmã de Guilherme, Sofia, com o herdeiro do trono grego, o algo mortiço Constantino (“Um bom coração e um bom caráter”, dissera a seu respeito a rainha Vitória,

“(...) vão muito mais longe que uma grande inteligência”[89]), que vinha a ser primo em primeiro grau tanto de Jorge quanto de Nicolau e havia passado verões em sua companhia na Dinamarca. Esta foi uma das duas únicas ocasiões em que Guilherme, Jorge e Nicolau estiveram juntos no mesmo lugar. Jorge, seu irmão Eddy e Nicolau passavam o tempo conversando e provocando uns aos outros em seus quartos, na companhia do turbulento primo “Jorge, o Grego”.[90] Guilherme não tinha tempo para os primos menores, pois estava muito ocupado, com Dona, em ofender a família real grega. (O cáiser, que sabidamente gostava de viajar com um enorme séquito, havia “levado 67 cavalheiros com ele. Uma pena que não trouxesse alguns mais”,[91] observou Jorge, sarcástico.) Eles haviam expressado publicamente seu horror com o fato de que Sofia pudesse converter-se à Igreja Ortodoxa, ameaçando exilá-la da Alemanha se o fizesse. Também haviam levado um pastor de estrita observância luterana ao casamento para oficiar um serviço protestante, sem consultar o monarca grego. O rei Jorge dos Helenos ficou tão furioso que se recusou a receber Guilherme à entrada da embarcação — desfeita pela qual Guilherme jamais o perdoaria.********

Em dezembro de 1889, a antipatia de Guilherme pela Rússia havia retornado. Waldersee dissera-lhe que os russos encaravam sua cordialidade como sinal de fraqueza, e que o tsar comentara da seguinte maneira sua visita a Berlim: “Todos se deitaram diante de nós em decúbito ventral.”[93] Nos primeiros meses de 1890, o relacionamento entre Guilherme e Bismarck desintegrou-se completamente. Em janeiro, num conselho da coroa — encontro de ministros governamentais prussianos —, Guilherme ficou perplexo quando Bismarck atacou vigorosamente sua nova legislação social na presença dos outros ministros, que o apoiaram. A performance destinava-se a mostrar ao cáiser quem estava no comando. Mas Bismarck já não se mostrava ágil e onisciente como outrora. Estava com 75 anos e passava meses em suas propriedades no interior, enfrentando indigestões homéricas com as prodigiosas quantidades de *foie gras* que comia.

Em sua ausência, a oposição começou a comer o governo pelas bordas: cortesãos, príncipes e funcionários fartos de sua mania de dominar tudo; burocratas do Ministério do Exterior que se opunham à sua política para a Rússia; oficiais do exército loucos por uma guerra; políticos ambiciosos; membros do Reichstag que consideravam que sua legislação antissocialista ia

longe demais; e inclusive Eulemburgo, que passara a desaprovar as tentativas de Bismarck de dominar Guilherme. As leis antissocialistas foram derrotadas no Reichstag, e em fevereiro o bloco de apoio a Bismarck, o Kartell, foi esmagado nas eleições, enquanto os socialistas obtinham sua maior vitória, alcançando quase 1,5 milhão de votos. Sem maioria no Reichstag para fazer aprovar suas políticas, qualquer chanceler estava perdido. Guilherme agarrou a oportunidade. Bismarck ainda se aferrou furiosamente ao cargo por algumas semanas, tentando pressionar Guilherme para que se submetesse a ele, até que, em meados de março, o cáiser foi ao seu encontro para pedir sua renúncia. Houve uma discussão feia, durante a qual Bismarck mostrou ao cáiser uma carta do tsar referindo-se a ele como "louco, um menino malcriado e indigno de confiança",[94] insulto que surtiu o devido efeito. "O tsar Alexandre refere-se a mim nos termos mais depreciativos", disse Guilherme a Waldersee. "Teria afirmado que eu sou louco."

Dias depois, Bertie e Jorge chegaram a Berlim para uma visita oficial. Guilherme — todo sorrisos e trajando seu uniforme de almirante britânico — providenciara comemorações em grande escala, com banquetes de gala e inspeções militares. Bertie naturalmente adorou ser tratado "como um soberano", e prestou atenção quando Guilherme falou de seu desejo de manter-se "em bons termos com este país".[95] Mas havia muita ambiguidade no ar. Quando Guilherme manifestou a intenção de nomear Bertie almirante da marinha alemã, ele declinou — Alexandra insistira em que o fizesse —, embora Jorge aceitasse uma comissão de coronel num regimento prussiano de dragões. "Quer dizer então que o meu menino Jorge tornou-se um autêntico e desprezível soldado alemão de *Pickelhaube*[********] azul!!!",[96] escreveu Alexandra ao filho. "Bem, eu jamais imaginei que veria semelhante coisa! Mas não faz mal; como você disse, não podia ser evitado — foi desdita sua, e não culpa sua — e qualquer coisa seria melhor — até o sacrifício dos meus dois meninos!!! — que a transformação de papai em almirante alemão — a isto eu não poderia sobreviver — você teria de procurar pela sua pobre e velha mamãe querida no fundo do mar." Pai e filho assistiram à derradeira partida de Bismarck do Castelo de Berlim. A respeito do chanceler que tanto havia caluniado e ofendido sua família, Eduardo declarou: "'É um bravo homem. Gosto do seu espírito. Ainda haveremos de apelar para ele.' E era exatamente o que eu queria dizer",[97] diria

Jorge mais tarde. “Não creio que o imperador nos tenha jamais perdoado.” Guilherme dissera à rainha que o chanceler vinha tendo crises de choro e “certamente teria morrido de apoplexia”[98] se não o tivesse deixado partir. Haviam-se separado, insistia ele, “em meio a lágrimas, depois de um caloroso abraço”. “Conversamos com ele por algum tempo”, escreveu Jorge em seu diário. “Ele fala inglês perfeitamente.”[99] Bismarck disse-lhes que sempre achou que duraria apenas três anos com Guilherme; e havia errado por apenas um ano.

O resto da Europa observava fascinado a queda de Bismarck. Apesar de sua brutalidade, o chanceler, como Malet recordaria a lorde Salisbury, era universalmente considerado “uma garantia de manutenção da paz na Europa”.[100] O continente estava dividido quando se tratava de decidir se o jovem, impetuoso e enérgico cáiser era magnífico, ridículo ou assustador. Meses depois, o jornal britânico *Daily Chronicle* o saudaria como “a mais destacada personalidade da Europa”, um homem que projetava uma imagem de “indômita resolução e inesgotável energia”.[101] Mas a revista satírica britânica *Punch* zombava de sua pomposa falastronice, e, aproveitando seu gosto por metáforas navais, publicou uma caricatura, “Dispensando o piloto”, em que ele, de pé no convés, depois de demitir Bismarck, declamava solenemente que “a função de vigia no navio do Estado coube a mim”. Os russos, extremamente alarmados, de uma hora para outra quase chegavam à beira da bajulação. O tsar convocou o embaixador alemão para explicar o quanto eles queriam que fosse mantido em vigor o Tratado de Resseguro, que estava para ser renovado, e que ele tinha “absoluta confiança em nosso cáiser, especialmente como representante do princípio monárquico”.[102]

O Ministério do Exterior alemão deixou que o Tratado de Resseguro caducasse em junho. Os subordinados de Bismarck no ministério, aos quais ele não se havia dado o trabalho de explicar sua política, nunca haviam entendido sua utilidade. Para eles, o tratado não servira para melhorar as relações com a Rússia e constituía uma traição do tratado da Alemanha com a Áustria. Gratificado com o aparente desespero de Alexandre por se tornar amigo, Guilherme decidiu que seus próprios avanços diplomáticos seriam suficientes para manter os russos sob controle. Aparentemente, ninguém entendia o enorme significado simbólico do tratado na Rússia, como sinal da fundamental boa vontade do governo alemão. Era uma decisão que eles viriam a lamentar

profundamente.

Lorde Salisbury percebeu a ironia da queda de Bismarck: “É uma curiosa vingança sobre Bismarck. As mesmas qualidades que promoveu para se fortalecer (...) foram as qualidades através das quais veio a ser derrubado.”[103] Guilherme, contudo, o preocupava. Meses antes da subida do cáiser ao trono, em 1888, o primeiro-ministro fora informado pelo chefe da saúde pública britânico, John Erichsen, de que cerca de 15 anos antes, quando Guilherme tinha 14, um grupo de médicos alemães lhe havia enviado detalhados relatórios médicos a respeito do herdeiro, pedindo sua opinião sobre o estado de saúde do rapaz. Erichsen, que reconhecia estar rompendo a etiqueta do meio médico, mas achava que “as circunstâncias eram tão graves que justificavam esse rompimento”, concluíra que Guilherme nunca seria “normal”.[104] Ele estaria sujeito a “súbitos acessos de raiva”, durante os quais seria “incapaz de formar um julgamento razoável ou equilibrado sobre o tema em análise”, e embora “não fosse provável que de fato ficasse louco, certos atos seus provavelmente seriam os de um homem não totalmente são”.

O secretário particular de Salisbury diria a Jorge, anos mais tarde, que sempre que o primeiro-ministro se deparava com algum comportamento particularmente estranho de Guilherme, murmurava baixinho “Erichsen”.

******** Sua explicação para esse ato nada legal era que estava salvando os documentos de Bismarck, que já tentara minimizar o importante papel de Fritz no sentido de convencer o pai, inicialmente relutante, e outros príncipes alemães a aceitar a unificação.

******** Nem mesmo três meses depois, Rodolfo haveria de se suicidar com a amante em Mayerling, sendo as mortes inicialmente apresentadas como decorrência de um acidente.

******** Alegava-se que ela havia transmitido segredos de Estado a potências estrangeiras e tivera um caso com o camareiro da corte ainda em vida de Fritz.

******** Atualmente a Tanzânia.

******** Quando Sofia efetivamente se converteu em abril de 1891, Guilherme a baniu da Alemanha por três anos. “Mais um belo espécime de tirano doméstico!”[92], censurou a rainha Vitória.

******** O capacete de couro envernizado, com ponteira e guarnições metálicas, que passou a ser usado no século XIX pelos militares alemães e especialmente os prussianos. (N. do T.)

5. Jovens apaixonados (1891-4)

Nicolau amava o exército. Como na Alemanha, os refeitórios dos oficiais nos mais imponentes regimentos de guardas eram locais de reunião dos filhos das mais importantes famílias russas — “um alegre ajuntamento de jovens saudáveis falando de cavalos, bailarinas e as mais recentes canções francesas”,[1] no dizer de Sandro, primo de Nicolau. Certos dias de Nicolau eram integralmente ocupados pelos treinamentos. Mas em muito maior número eram passados em longas manhãs de preguiça na cama, esquiando com outros oficiais da guarda, almoçando com tios grão-duques e tomando o chá da tarde à inglesa com tias grã-duquesas.[2] Durante a temporada, as noites eram ocupadas com recepções, bailes e visitas ao balé. No quartel, não havia jantar sem bebedeiras homéricas de champanhe e vinho do Porto, seguindo-se incursões na neve para tirar a roupa e uivar como lobos. Em 1891, Nicolau chegou inclusive a se dotar desse acessório aristocrático obrigatório, uma amante bailarina — com ativa ajuda do pai, que armou um encontro para ele, no baile de graduação da Imperial Escola de Balé, com uma jovem dançarina chamada Mathilde Kschessinka. Até ser reinventado 15 anos mais tarde por Diaghilev, o balé era considerado antiquado pelo resto de São Petersburgo, tendo como principal função agradar à corte e fornecer amantes aos grão-duques. As moças eram ao mesmo tempo de origem respeitável e excitantemente *demi-mondaine*; eram também limpas, pois tinham a saúde constantemente fiscalizada, o que era importante numa cidade em que mais da metade dos anúncios classificados nos jornais ofereciam tratamentos para doenças venéreas.[3] Risonha e dada a flertes, a minúscula Kschessinska — com 1,49m, quase 15 centímetros mais baixa que Nicolau — fazia o gênero da frágil e irresistível ingênua. Mas era na verdade uma aventureira pragmática e nada sentimental decidida a agarrar suas oportunidades. Precisou de quase dois anos de quase assédio (perfeitamente decoroso) para convencer Nicolau, extraordinariamente tímido, a instalá-la como amante. E se passariam mais seis meses até que o caso efetivamente se consumasse.********

Nicolau também era apaixonado por uniformes e correção na indumentária. Possuía os uniformes de todos os regimentos do império, até o último ornamento dourado, e começava a colecionar patentes honoríficas de regimentos

estrangeiros. Também tinha vários trajes “camponeses” russos, que, tal como o pai, gostava de vestir de vez em quando: calças e uma camisa vermelho-vivo feita de uma seda que nenhum camponês russo jamais poderia comprar. Considerava-se frugal — tal como o pai, mandava cerzir rasgões, substituir punhos e colarinhos —, mas os uniformes e outros apetrechos haviam custado milhões de rublos. O apetite por uniformes e seus mais ínfimos detalhes tornara-se uma mania presente em todas as cortes europeias. A paixão de Guilherme era pior que a de Nicolau. Mesmo em sua própria corte, que podia ser considerada o máximo do conservadorismo na época, ele era visto como um homem “obcecado com a questão das roupas e da aparência”,[4] e estava constantemente reconfigurando os uniformes dos regimentos e da vida cortesã, tornando-se os capacetes cada vez mais wagnerianos; as plumas, maiores; e os cinturões, mais largos e reluzentes. Os uniformes eram um lembrete do controle exercido pela realeza e a aristocracia sobre os militares, mas também um símbolo de sua superioridade em relação às classes inferiores: segundo observação de uma grande dama russa, os fraques negros não bastavam para “diferençar um cavalheiro do seu lacaio”.[5] Em Berlim, comentaria um escritor, “os uniformes, deixando de ser mera libré de função, eram exibidos como ornamentos, para que o proprietário se pavoneasse e seduzisse”.[6]

Embora as classes superiores inglesas não compartilhassem a obsessão dos europeus continentais com os uniformes, Eduardo e Jorge mostravam-se tão obcecados com roupas quanto seus parentes europeus. Eduardo ditava a moda masculina desde a década de 1860, não obstante a cintura cada vez mais avantajada, e embora ficasse com uma aparência terrível de uniforme, era a própria quintessência do estilo cavalheiresco inglês e teve até um tecido de tweed axadrezado batizado com o seu nome. Nutria algo que até os mais próximos consideravam uma obsessão infantil com condecorações e “distintivos”. Uma medalha ostentada incorretamente e um par de calças que não combinava com o colete podiam deixá-lo no auge da irritação, em momentos nos quais as coisas mais superficiais levavam a melhor sobre as importantes. “É muito interessante, sir Henry”, interrompeu ele certa vez um ministro que relatava as mais recentes proezas do emir do Afeganistão, “mas não se deve nunca usar uma gravata colorida com uma sobrecasaca”.[7] Lorde Salisbury, que ficou conhecido pelo desleixo na indumentária, provocava-lhe verdadeira

histeria. Detendo real poder e sem o menor interesse pelo capricho nos trajes, Salisbury considerava Eduardo um tolo. Jorge não se mostrava menos obcecado: a mania das aparências na Marinha Real viria apenas agravar essa tendência. Ele nunca haveria de ditar a moda, mantendo-se na verdade teimosamente apegado ao passado. Como o pai, entretanto, invariavelmente se vestia de maneira impecável, com uma gardênia branca na lapela. Depois de subir ao trono, mandava bilhetinhos enfurecidos ao primeiro-ministro toda vez que algum ministro comparecia à Câmara dos Comuns envergando uma sobrecasaca inadequada.

Os complicados detalhes da indumentária eram uma expressão da arbitrariedade sem sentido e da desocupação vazia da vida na corte, que fora inventada no século XVIII por monarcas absolutistas para manter sob controle seus súditos mais importantes. Ironicamente, fora adotada por esses súditos como uma manifestação de sua condição especial e exclusiva e de sua isenção da necessidade de fazer o que quer que fosse de útil: quanto mais arbitrárias e sem sentido as regras, quanto mais complicados e pavoneantes os uniformes, mais diferenciados eles se sentiam do comum dos mortais. Já agora, pela altura da década de 1890, as cortes tornavam-se cada vez mais desvinculadas do resto da sociedade em todos os sentidos, ao passo que sua serpenteante inutilidade e a complicação de seus uniformes pareciam aumentar em proporção inversa. Na Rússia, como observou um historiador, "a ausência de iniciativa pública (...) era flagrantemente evidenciada pela prevalência dos uniformes".[8] Na corte russa, cada funcionário tinha quatro uniformes, adornados com penas de pavão e avestruz, águias e folhas de carvalho bordadas a ouro, punhos escarlate e galões — quanto mais ouro, milimetricamente medido, mais alta a posição.

A obsessão com as aparências ia além dos uniformes, chegando a uma insistência em certas regras e formas de comportamento e apresentando consequências mais sinistras que a mera trivialidade e falta de sentido. Ela praticamente assegurava que uma espécie de hipocrisia se incrustasse na cultura da corte e das classes superiores. Na Alemanha, o domínio do exército e o fascínio cultural em relação a ele impunham à corte de Berlim e à classe dominante uma caricatural hipermasculinidade. Na Inglaterra, a insistência da aristocracia em liderar a sociedade, por força da própria virtude, fazia com que se julgasse no dever de se mostrar sempre irreprochável. Havia expectativas

demais, proibições demais. O conflito acabaria se refletindo no próprio Guilherme: o imperativo de se mostrar másculo e militar o tempo todo o havia transformado numa caricatura, obrigando-o a refugiar-se em periódicos colapsos. No meio aristocrático de Eduardo, a exposição pública era a máxima sanção, mas era possível fazer praticamente tudo que a sociedade no sentido mais amplo condenava — ter amantes, jogar, entregar-se a um interesse absolutamente inadequado por animais ou meninos —, desde que não se fosse descoberto nem se revelasse publicamente esse universo; por exemplo, abandonando o cônjuge. Era um preço que a classe dominante pagava cada vez mais por reivindicar uma posição de superioridade social e poder com base em uma moralidade aparentemente irretocável e em aparências perfeitas. Talvez as aristocracias sempre tivessem vivido de aparências, mas com uma opinião pública cada vez mais atenta e exigente e uma imprensa sempre mais poderosa, quando o resto do mundo farejava algum escândalo por trás das portas fechadas da corte, os efeitos podiam ser devastadores, ao passo que aqueles que se mantinham inatacavelmente aferrados às regras não raro eram forçados a levar vidas de árida abnegação.

Ao longo de 1890 e 1891, Nicolau foi enviado para uma grande viagem de dez meses pela Ásia, do Oriente Próximo ao extremo oriental da Sibéria. Era ele o primeiro príncipe herdeiro Romanov a viajar tão longe nessa direção. Na infância, ele recebera da Mongólia notícias do explorador russo Prjevalski, enfático em suas garantias de que o povo da Ásia central simplesmente desejava ser súdito do tsar, e ele estava empolgado com a ideia de uma “missão” imperial da Rússia no domínio da Ásia. Em sua companhia viajava o príncipe Ukhtomski, um especialista em Ásia anglofóbico, que lhe disse que a estepe eurasiana era a pátria histórica da Rússia, e que, portanto, a expansão não significava exatamente uma conquista, mas uma volta para casa. Mas a viagem também serviu para deixar clara a irritante ubiquidade do império britânico, incluindo o Egito e a Índia, onde Nicolau abateu tigres a tiros e se queixou, mal-humorado, do “fato insuportável de estar cercado mais uma vez pelos ingleses e de ver seus casacos vermelhos por toda parte”.[9] De volta à Rússia, ele começou a receber documentos do governo e eventualmente a comparecer a reuniões do conselho governamental. A experiência o deixou absolutamente entediado. “Eu simplesmente não consigo entender como é possível ler tal volume de papéis em

uma semana", escreveu ele depois de receber a partida semanal de arquivos governamentais em 1891. "Eu sempre me restrinjo a um ou dois arquivos mais interessantes, ao passo que os demais vão diretamente para o fogo."[10] O pai não o estimulava a uma reação diferente. "Até 1893, ele sequer aceitaria que Nicky participasse do Conselho de Estado", recordaria Olga. "(...) meu pai não gostava da simples ideia de que questões de Estado se imiscuíssem em nossa vida de família."[11] Quando Serguei Witte, o ministro de Finanças do tsar, sugeriu que Nicolau, então com 23 anos, assumisse mais responsabilidades nas questões de Estado, Alexandre retrucou: "Ele não passa de uma criança. Seu discernimento é infantil. Como poderia presidir um comitê?"[12] Na verdade, havia realmente algo imaturo e ainda por se desenvolver no jovem tsarévitch. Mesmo nas fotografias de família, seu rosto ainda imberbe dificilmente se destacava; parecia submisso e nitidamente inseguro.

Teria sido um bom momento para começar a se interessar pela política. Longe do mundinho de Nicolau, um terrível surto de fome se abatia sobre as mais férteis regiões da Rússia europeia central. No fim de 1892, ela havia matado meio milhão de pessoas, deixando muitas mais em terrível pobreza. Sua situação foi ainda agravada pela flagrante incompetência do governo. Inicialmente, ele negou que houvesse fome, proibiu iniciativas privadas de socorro e não foi capaz por sua vez de fornecer ajuda adequada. Quando finalmente tomou a inédita atitude de mobilizar a opinião pública, a maciça resposta de voluntariado o deixou desmoralizado. Em sua esteira veio também um coro de críticas, que se tornaram ainda mais estridentes quando o governo tentou demonizar Liev Tolstói, que passara dois anos organizando iniciativas de socorro aos famintos e criticando ativamente o governo. Nicolau, já então ocupando um assento no inútil Comitê Especial de Socorro aos Famintos do governo, praticamente ignorava a situação. Guilherme, ainda se recuperando da rejeição do tsar, não. Ele escreveu à rainha Vitória com certo prazer maligno: "Uma grande catástrofe financeira ganha vulto como pano de fundo, e diariamente aumenta o cortejo de camponeses famintos (...) creio que por algum tempo esta temível calamidade haverá — com a ajuda de Deus — de impedir os russos de entrar em guerra contra seus inocentes vizinhos."[13]

Do outro lado do mundo, Jorge era a essa altura oficial da esquadra mediterrânea da Marinha Real. Sob muitos aspectos, era o equivalente naval de um regimento

de guardas europeu: poucas chances de entrar em combate, muitas festas, muito esporte, numa sucessão de cidades mediterrâneas: Barcelona, Atenas, Salônica. Sua agenda era limitada apenas pelas constantes intromissões dos pais, preocupados em que ele viesse a ser corrompido pelas dissipações de Malta, onde seu tio Affie, grande beberrão, mantinha corte como comandante em chefe da esquadra mediterrânea. Eduardo pedia a velhos contatos navais que mantivessem Jorge ocupado com exercícios, e os pais ficaram aliviados quando ele foi enviado ao Atlântico Norte como capitão de uma pequena canhoneira, que percorria o litoral canadense para cima e para baixo. Essas "dissipações" maltesas haviam sido na verdade bastante limitadas. Ele fumou um pouco, bebeu como um abstêmio, passou seu tempo livre jogando cricket e bilhar e conseguiu beijar uma vez a prima Missy, a linda e alegre filha de Affie, dez anos mais moça que ele, pela qual estava pelo menos um pouco apaixonado. Ao contrário dos primos, havia sido adequadamente treinado e suas promoções não eram meramente honoríficas. Ainda assim, não tinha amor pela marinha, sofria constantemente de enjoos, sentia falta de casa e encontrava dificuldade para fazer amigos.

Os dois rapazes ficariam marcados pela experiência militar. Nicolau admirava algo que no exército identificava como retidão e patriotismo, sentindo-se entre os privilegiados jovens oficiais tão à vontade como em poucos outros lugares além da família mais próxima. Depois de subir ao trono, demonstraria nítida preferência pela companhia e — nem sempre de maneira adequada — os conselhos de aristocratas formados no exército. Quanto a Jorge, aprendeu na marinha a devoção à estrita rotina, algo que seu filho mais tarde chamaria de "um senso quase fanático de pontualidade",[14] uma forte suspeita de complicações ou qualquer coisa que não fosse muito franca e direta, o respeito à hierarquia e a necessidade de obediência e um certo senso do que havia de britânico nele próprio, em contraste com as raízes cosmopolitas da família real. "Ele acreditava em Deus, na invencibilidade da Marinha Real e na essencial correção de tudo que fosse britânico." Como observou um historiador do império britânico, os oficiais navais britânicos "muitas vezes eram terrivelmente ignorantes do mundo e se interessavam apenas por sua amada marinha".[15] A Marinha Real não era o melhor lugar para que se abrissem os olhos de Jorge, nem era o que se pretendia. As forças que cercavam os dois rapazes não queriam

que enxergassem muito além das vidas que haviam sido planejadas para eles. O objetivo da grande viagem asiática de Nicolau era o oposto do que fora perseguido nos périplos europeus destinados a ampliar os horizontes de Pedro, o Grande: enfatizar o poderio e os direitos do império russo, e também que seu futuro estava no domínio da Ásia.

Em junho de 1891, Jorge voltou para casa em licença para caçar, a fim de se encontrar com o irmão Eddy, a essa altura major no 10º Regimento de Hussardos, regimento de cavalaria tradicionalmente conhecido como o do príncipe de Gales, e também para comparecer aos festejos do 50º aniversário do pai. Eddy, oficial um tanto negligente na Irlanda, era um rapaz de temperamento afável e agradável, ainda que superficial, que gostava de roupas — até o pai o chamava de "colarinho e punhos" — e se apaixonava um pouco facilmente demais. Havia se interessado por uma série de princesas e moças de sociedade nada adequadas.******** Os dois retornaram a Sandringham para o aniversário do pai em novembro, comemoração da qual a mãe manteve-se ostensivamente distante. Ela ficou furiosa com o envolvimento simultâneo de Eduardo em dois rumorosos escândalos. O chamado "escândalo do bacará" o levara de maneira humilhante ao banco das testemunhas num julgamento por difamação, tendo suscitado denúncias histéricas sobre seus hábitos de jogo na imprensa popular britânica, especialmente quando se descobriu que o príncipe tinha um jogo próprio de fichas com as insígnias reais. (Como comentaria o correspondente londrino do *New York Herald*, ficava-se imaginando que o príncipe havia "desrespeitado todos os Dez Mandamentos ao mesmo tempo e assassinado o arcebispo de Cantuária".)16 O outro escândalo, de caráter algo mais privado, envolvia a ameaça de seu antigo amigo sir Charles Beresford de divulgar o caso que Eduardo tivera durante dois anos com a bela e dispendiosa Frances Brooke, condessa de Warwick, ex-amante de Beresford. Alexandra, indignada com o comportamento do marido, recusara-se a voltar para casa de um período de férias na Dinamarca, levando as três filhas para ficar com o tsar e a tsarina na Crimeia.

Alguns dias após as comemorações em torno de Eduardo, Jorge foi acometido de febre tifoide. Alexandra voltou correndo da Crimeia — a viagem levava uma semana — e a família preparou-se para o pior. A doença havia matado o príncipe Alberto, quase fazendo o mesmo com Eduardo em 1872. Mas Jorge sobreviveu.

No fim de dezembro, já se havia recuperado o suficiente para ir passar o ano-novo em Sandringham. Até que, na segunda semana de janeiro, Eddy, que apenas sete semanas antes havia ficado noivo, contraiu gripe. Ela evoluiu para uma pneumonia, e em menos de uma semana ele estava morto. No fim do século XIX, os filhos dos ricos eram quase tão vulneráveis a essas doenças mortais quanto os dos pobres. Jorge perdera um irmão, no nascimento; Guilherme, dois, ambos muito mais jovens que ele: Sigismundo, com 2 anos, e Valdemar, com 15. Nicolau perdera um irmão ainda bebê, exatamente um ano antes de ser diagnosticada tuberculose em seu irmão menor Jorge, durante o grande périplo asiático de ambos. Mandado ao Cáucaso para tratar da saúde, Jorge morreria em 1899 num acesso de tosse, quando andava de bicicleta. Não surpreende, assim, que os vitorianos mais educados, tão conscientes dos progressos que haviam feito na domesticação do mundo e em sua conformação à própria vontade, fossem obcecados com a força e a dramaticidade da morte. “O único que talvez possa confortar é o Senhor, que está acima de todos nós e cujos caminhos nós, mortais, às vezes não podemos entender”,[17] escrevera Guilherme à rainha. Em seu diário, Nicky anotaria: “O pobre rapaz acabara de ficar noivo. Não sei o que pensar — estamos todos nas mãos do Senhor!”[18]

Eduardo e Alexandra ficaram arrasados. Deixaram Sandringham e só um ano depois teriam ânimo de voltar. Pouco se escreveu a respeito do efeito da morte de Eddy no príncipe de Gales, mas tudo indica que — de uma maneira torturada — foi este o acontecimento que realmente deu início a sua maturidade. Mais tarde nesse mesmo ano, a rainha finalmente haveria de lhe dar acesso aos documentos do governo e ele viria a desempenhar um papel importante no abrandamento das mal-humoradas objeções da soberana à vitória eleitoral do Partido Liberal nesse ano, convencendo um político de que ela gostava, lorde Rosebery, a aceitar um cargo no governo. Mas Jorge não foi menos afetado. “Não terá havido dois irmãos que se amassem mais que nós”, escreveu ele à rainha num momento de inusitada abertura emocional. “Infelizmente, só agora descubro quão profundamente o amava; recordo com dor praticamente cada palavra dura e cada pequena briga que tive com ele.”[19] À parte a mãe, Eddy era a pessoa de quem Jorge se sentia mais próximo, aquela que pelo simples fato de existir o protegia de um papel que não desejava desempenhar.

Enquanto o príncipe e a princesa estavam de luto, a rainha voltava sua

atenção para a tarefa prática de transformar Jorge num herdeiro adequado. Logo tratou de fazê-lo duque de York e mandou promovê-lo à respeitável patente de capitão naval antes de efetivamente deixar a marinha (o que nem de longe chegou a perturbá-lo. “Detesto essa coisa toda”, escreveu ele durante seus derradeiros exercícios navais ao largo do litoral irlandês, naquele verão. O mau tempo o havia deixado constantemente enjoado. “Espero nunca mais ter de participar de outras manobras”[20]). E decidiu-se a fazer com que ele casasse. Quando servia no Mediterrâneo, Jorge se apaixonara por sua glamorosa e expansiva prima Missy, uma das mais belas e ricas princesas da Europa.[21] Seus pais fizeram as sondagens iniciais, mas foram rechaçados pela mãe russa de Missy. Ao que tudo indica, Maria, que não fora feliz na Inglaterra, não suportava a ideia de que a filha viesse a ficar debaixo do tacão dominador da rainha Vitória. Tratou então de casar Missy com o apagado rei Ferdinando da Romênia. A rainha rapidamente voltou-se para a noiva de Eddy, a princesa Vitória Maria de Teck, conhecida como May. Ela dedicara considerável energia ao exame de princesas apropriadas para Eddy e não via qualquer motivo para que seu esforço fosse desperdiçado. Havia precedentes: o tsar havia se casado com a noiva do falecido irmão. Mas Jorge, ainda confuso, não queria pensar no assunto, considerando perturbadora a ideia de se casar com a noiva do irmão. A rainha, contudo, não desistia. “Encontrou-se com May e pensou mais na *possibilidade* ou *descobriu* quais poderiam ser os sentimentos dela?”,[22] escreveu-lhe dois meses depois da morte de Eddy.

May não era a preferência de ninguém como noiva para o segundo na linha de sucessão do trono. Não era bela, nem rica, nem mesmo, pelos padrões da maioria dos membros das realezas europeias, suficientemente “real”. Seu pai era filho de um casamento morganático, filho de uma casa reinante do grande reino alemão de Vurtemberga, mas sua mãe fora “apenas” uma condessa. Cerca de dois anos antes, quando se ventilara a possibilidade de que May viesse a casar com o irmão da caiserina, Vicky tratara de informar a mãe de que Dona havia se referido à ideia como uma terrível “*mésalliance*!!!”.[23] Pior que isto, os Teck eram ligeiramente embaraçosos. O pai de May, Francisco, tinha excelente gosto, mas também acessos temperamentais em público. Sua mãe, Maria Adelaide, neta de Jorge III, era uma pessoa agradável, egoísta, escandalosa e pesava 107 quilos. Na família, era conhecida como “Maria, a Gorda”, e Eduardo e Alexandra não a

suportavam. Tanto o pai como a mãe eram incorrigivelmente extravagantes e tinham sido obrigados a fugir do país para escapar aos credores quando May era adolescente, tendo contraído enormes dívidas. Quanto aos irmãos de May, um deles tinha dado um chute no diretor da escola de Wellington por trás de uma sebe. Certamente em consequência de tantos anos de embaraços causados pelos pais, May, aos 24 anos, era todavia um verdadeiro modelo de calma, dignidade e um autocontrole algo distante, qualidades que, como escreveria seu biógrafo, talvez de maneira pouco generosa, "tornavam improvável que a princesa May viesse algum dia a inspirar emoções violentas".[24] Mas a rainha, que não se importava com casamentos morganáticos e havia descartado uma série de outras princesas europeias por serem católicas, "feias, doentias e tolas",[25] decidiu que ela seria perfeita para Eddy, que em sua opinião precisava de uma mão firme e moralizadora. May também tinha outras qualidades; era mais bem-educada que Eddy ou Jorge e, talvez por se sentir uma parenta pobre ligeiramente afastada da mágica resplandecência da realeza, tinha profundo fascínio pela monarquia britânica e ficava encantada por ser parte dela.

Ninguém esperava propriamente fogos de artifício de emoção, mas durante as sete semanas do noivado de May e Eddy eles se entenderam muito melhor do que qualquer um teria imaginado. Mas Jorge e May, extremamente tímidos, não se deram bem logo, sentindo-se pouco à vontade um com o outro. Jorge não era tão tímido com outras mulheres. Não havia nenhuma falta de jeito com Missy, que o chamava de "Querido Camarada",[26] e na adolescência ele se havia apaixonado por Julie Stonor, órfã católica de uma das damas de companhia de sua mãe. Esta permitira que a amizade se desenvolvesse, embora deixasse claro, com certa crueldade, que não tinha futuro. Suas três primas alemãs — as irmãs menores de Guilherme, Sofia, Margarida (Mossy) e Moretta, que se haviam mantido próximas da mãe e conviviam mais com os primos ingleses — o achavam bem-humorado, alegre e cheio de energia. "Jorge é tão querido e tão terrivelmente divertido",[27] escreveu Sofia (que no entanto se casaria com o apagadíssimo Constantino). "Querido Jorge! Lindos lábios vermelhos e dentes brancos que sempre me encantam", escreveu Moretta. Quanto a Mossy, Vicky bem que esperava que viesse a se casar com ele.

Deve ter sido quase um alívio para Jorge fugir para a Europa. Em maio, ele e a mãe foram para Copenhague, onde encontraram Nicolau e a família russa —

encontro que parece ter renovado a amizade entre os dois rapazes.[28] Eles passavam horas conversando em seus respectivos quartos. No outono, Jorge foi mandado a Heidelberg, numa última tentativa de melhorar o seu alemão e fortalecer os laços com os parentes alemães. Passados dois meses, ele não demonstrava progressos palpáveis: “Decerto é arrasadoramente chato”,[29] confidenciaria a um amigo, louco para retornar a Sandringham para a caçada. Mas ainda visitou Guilherme em Potsdam, onde o cáiser — certamente porque ele se havia tornado um herdeiro direto — deu-lhe mais atenção que nunca: “Guilherme mostrou-se muito afável e gentil comigo. Nunca o vi tão atencioso.”[30]

De volta à Inglaterra, ficou evidente que não adiantava opor resistência. Na primavera de 1893, enquanto todos — exceto Alexandra — o exortavam a casar com May, Jorge fez um último passeio de férias com a mãe. Em Atenas, teve uma longa conversa com a rainha Olga da Grécia, que durante seus anos no Mediterrâneo o havia acompanhado de perto com interesse maternal e o chamava de “Queridinho”. Ela lhe disse que May seria uma boa esposa. Novamente em casa, indo parar no jardim de sua tia Luísa em Richmond, onde era quase vizinha dos Teck e onde May por acaso se encontrava, ele a pediu em casamento.

A história toda tinha um certo ar pragmático e nada emocionante. Lady Geraldine Somerset, a amarga dama de companhia da rainha, comentou que a noiva estaria “fartamente satisfeita, mas plácida e fria como sempre”, considerando Jorge “aparentemente descuidado e indiferente”.[31] “Muito feliz e satisfeito”,[32] comentou laconicamente a rainha, referindo-se a Jorge. O poeta anti-imperialista Wilfrid Scawen Blunt, observando-os numa festa um mês depois, registraria: “Ele é um rapaz bem-apessoado, mas ela, uma das moças menos atraentes, de feições grosseiras, com uma língua ferina e uma certa vulgaridade alemã, que será terrível aos 35.”[33] Os dois não estavam apaixonados e quase nada tinham em comum. May era o máximo que se poderia conceber na família real em matéria de intelectualidade, com um autêntico apetite por arte e livros. Jorge era indiferente às duas coisas e obcecado com caçadas e coleções de selos. Sua mãe continuava sendo a presença mais forte em sua vida, e estava decidida a ficar nessa posição. “É triste pensar que nunca mais poderemos ficar juntos e viajar como antes”, escreveu Alexandra depois do passeio pelo

Mediterrâneo. “Mas existe um vínculo amoroso entre nós, o de mãe e filho, que nada poderá enfraquecer ou tornar menos firme — e ninguém pode nem jamais poderá interpor-se entre mim e meu querido menino Jorge.”[34] Mas os dois eram muito bem treinados para o cumprimento do dever, e para May o casamento representava libertação de uma provável vida de solteirona, além de segurança financeira para os pais.

O tempo não diminuiria a timidez recíproca e às vezes torturante dos dois. Meses depois do casamento, eles ainda tinham dificuldade de conversar naturalmente, preferindo trocar cartas terrivelmente tímidas. “Lamento muito ser tão tímida com você”, escreveu ela. “Tentei não sê-lo dias atrás, mas infelizmente não consegui. (...) É um absurdo ficarmos assim tão rígidos quando juntos e realmente não há nada que eu não lhe contaria, exceto que o *amo* mais que ninguém neste mundo, e isto não consigo dizer-lhe, de modo que o escrevo para aliviar meus sentimentos.”

Ele respondeu: “Graças a Deus entendemos um ao outro, e realmente não acho necessário dizer-lhe como é profundo meu amor por você, querida, e sinto que ele se torna cada vez mais forte cada vez que a vejo, embora possa parecer tímido e frio.”[35]

Na Rússia, Nicolau ainda era um jovem em busca de uma esposa, e até agora suas expectativas matrimoniais tinham sido frustradas. Durante anos seu coração se voltara para Alexandra de Hesse-Darmstadt, mais uma dentre os numerosos netos da rainha Vitória. Eles haviam se conhecido em 1884, no casamento da irmã mais velha dela, Ella, com o tio dele, o grão-duque Sérgio.******** Ela tinha 12 anos, era bonitinha e trágica: sua mãe morrera quando ela tinha 6 anos; ele era um rapaz de 16. Depois de vários dias de “traquinagens”,[36] ele escreveu em seu diário que estavam apaixonados. Quatro anos depois, em 1889, Ella levou a irmã a São Petersburgo para a temporada, com a intenção deliberada de laçar o tsarévitch para ela. No fim da viagem, Nicky tinha sido apanhado de jeito. “Meu sonho”, escreveu ele em seu diário dois anos depois, em 1891, “é um dia casar com Alix H. Eu a amo há muito tempo, mas ainda mais profunda e fortemente desde 1889, quando ela passou seis semanas em Petersburgo”.[37]

Alix era a sexta cria de Alice, filha da rainha Vitória, que havia se casado com Luís de Hesse-Darmstadt. Darmstadt era um pequeno e encantador ducado alemão, mais conhecido como centro artístico e por sua família governante bem

relacionada mas sem recursos. A tia-avó de Alix casara com o tsar Alexandre II, relação que contribuíra para impedir que o ducado fosse absorvido pela Prússia, depois de ter apoiado o lado perdedor na Guerra Austro-Prussiana de 1866. A mãe de Alix morrera em 1878, cuidando de casos de difteria na família. Embora pudesse mostrar-se algo desdenhosa em relação à proliferação de netos, a rainha se interessara intensamente pelos seis netos órfãos de Hesse. Providenciou para eles governantas e tutores ingleses, dos quais exigia relatórios mensais. No outono, eles se hospedavam em Windsor e Osborne — "a melhor parte do ano", segundo Alix. Ela considerava a rainha "uma mistura de pessoa muito solene e Papai Noel",[38] o que parecia bem diferente da quase divindade que intimidava os netos ingleses. A rainha permitia às crianças de Hesse uma volubilidade que não autorizava a muitos dos demais netos. (Ela se comportava com terrível arrogância em relação ao pai deles, e quando ele secretamente se casou com a amante russa, um ano depois da morte de Alice, ela o intimidou até que o casamento fosse anulado.) Alix era visivelmente sua favorita. Era loura e bonita — pelo menos segundo a moda da época —, e a rainha Vitória, extremamente sensível à beleza, a considerava "a criança mais bela que eu jamais vi".[39]

Talvez para se sentir mais próxima da mãe que tão cedo perdera e da avó que a mimava, Alix insistia em se considerar antes inglesa que alemã, falando e escrevendo de preferência em inglês. Isto também traduzia um sentimento de intensa alienação das próprias circunstâncias. Tratava-se em certa medida de um ressentimento nada incomum em relação à dominação prussiana da Alemanha: Alix alegava que Hesse-Darmstadt tinha sido "completamente [separado] do resto da Alemanha, que ela encarava como a Prússia e um país diferente".[40] Mas era também uma questão pessoal. Sem a mãe, sem o pai, um aristocrata do exército que se ausentava com frequência, e tendo irmãos consideravelmente mais velhos, ela tivera uma infância solitária e crescera voltada sobre si mesma, tendente ao pessimismo e profundamente religiosa. Também se mostrava desconfiada e extremamente desconfortável com qualquer pessoa alheia ao seu círculo mais próximo. Comentando uma ocasião em que tivera de tocar piano na presença da avó e de outros convidados, ela disse que havia sido "uma das piores provações de sua vida". Até os parentes mais próximos a consideravam um tanto excessivamente dramática em sua melancolia. "Havia nela algo de uma curiosa fatalidade", escreveria sua prima inglesa Maria Luísa. "Certa vez eu disse: 'Alix,

você está sempre se fazendo passar por triste; um dia o Todo-Poderoso haverá de lhe mandar dores realmente terríveis, e então, o que você fará?’”[41] Sua tia Vicky não resistiu à tentação de comentar que a falta da mãe a havia tornado “um pouco vaidosa, convencida e afetada às vezes”. Mas com o tímido e suave Nicolau ela baixava a guarda. Ele ficou fascinado com sua intensidade e quis tomar conta dela; ela reagiu bem à sua gentileza, vulnerabilidade e afeto, e talvez também ao seu leve jeito de submissão.

Mas também havia obstáculos. A rainha Vitória posicionou-se implacavelmente contra o casamento da neta com um russo e também estava empenhada em “guardar Alicky [seu apelido na família britânica] para Eddy ou Jorge”.[42] Alix pusera a perder o plano deixando perfeitamente claro, quando foi convocada a Balmoral para ser avaliada, no verão de 1889, que não estava interessada. Eddy, diria com desprezo sua irmã mais velha, Ella (decidida a fazer com que Alix casasse com Nicolau), “não parece muito forte e é muito tolo”.[43] De sua parte, Eddy ficou completamente apaixonado por ela. Uma boa medida do afeto que a rainha tinha por ela pode ser depreendida do fato de, apesar de ferida pela rejeição, ela ter concluído que isso mostrava sua força de caráter.

O segundo problema era que os pais de Nicolau não gostavam de Alix, talvez se dando conta de que sua personalidade ardilosa não seria muito conveniente numa tsarina. Eles não o autorizaram a pedi-la em casamento. Ella, benquista no outro lado da família, esforçou-se muito para convencê-los. O terceiro obstáculo era muito mais difícil de superar. Quando Nicolau finalmente obteve a aprovação dos pais, em janeiro de 1893, viajando a Berlim para pedir a mão de Alix em outro casamento real — o da irmã menor de Guilherme, Mossy, com “Fischy” (Frederico Carlos) de Hesse-Cassel —, ela o rechaçou, afirmando que não poderia abrir mão de sua fé luterana e converter-se à ortodoxia russa.

Ainda precisando recuperar-se da rejeição, Nicolau foi encurralado por Guilherme. Desde que o Tratado de Resseguro caducara em 1890, as relações entre a Rússia e a Alemanha mantinham-se muito frias. Uma guerra em torno dos direitos de importação entre os dois países intensificara-se de tal maneira que os produtos industriais pesados alemães haviam sido praticamente excluídos dos mercados russos, e os cereais russos, da Alemanha, que representara seu principal mercado. As relações entre os imperadores não iam melhor. “Meu pai o achava um exibicionista e um estorvo”,[44] recordaria a filha do tsar. Guilherme

queixou-se amargamente com a rainha Vitória de que Alexandre o esnobava e evitava, e de que estaria mobilizando tropas na fronteira alemã. As duas coisas — o desprezo e a ameaça armada — pareciam igualmente ofensivas. Em retaliação, Guilherme dissera ao exército alemão que estabelecesse contato com o movimento separatista russo-polonês, aparentemente com o objetivo de estimular uma revolta, embora a iniciativa não tenha dado em nada.[45] Mais preocupante, contudo, foi o fato de que, meses antes, a Rússia tivesse feito o impensável, estabelecendo uma aliança defensiva com a França republicana e assim espremendo a Alemanha entre dois possíveis inimigos — situação desastrosa para a Alemanha, algo que Bismarck passara décadas tentando evitar.

A chegada de Nicky a Berlim reativou o apetite de Guilherme por uma "diplomacia pessoal". Ele decidiu promover um encontro frente a frente com o tsarévitch, como primeiro passo para melhorar as relações russo-alemãs. Entregou a Nicolau um documento em que argumentava que a Rússia devia aderir à Tríplice Aliança entre a Alemanha, a Áustria e a Itália. O tsarévitch sorriu e assentiu, e Guilherme convenceu-se de ter detectado nele uma pronunciada aversão à França — indicação de que a aliança com os franceses talvez não tivesse vida longa. "Nicky causou excelente impressão em todos nós, revelando-se sob todos os aspectos um rapaz encantador, agradável e querido", escreveu ele à rainha Vitória. "(...) ele revelou profundo discernimento e uma mente calma e tranquila, que entende as questões europeias muito melhor que a maioria de seus compatriotas e familiares"[46] — ligeira provocação na direção do tsar. Na verdade, contudo, Nicolau mostrava-se apenas receptivo. A política era a última de suas preocupações. Arrasado com a rejeição de Alix, ele registrou em seu diário que só pensava em voltar para casa.

A Alemanha e a Rússia efetivamente acabaram na mesa de negociações nesse ano, o que no entanto nada devia a Guilherme ou Nicolau. O chanceler alemão, Leo von Caprivi, sentindo a necessidade de um gesto dramático para fazer frente à nova aliança com os franceses, ofereceu ao governo russo um novo tratado de comércio em termos extremamente favoráveis. Sua aprovação, todavia, enfureceu os aliados junkers do governo, que contavam com tarifas elevadas para impedir que as importações da Rússia competissem com seus próprios cereais, mais caros. O tratado desempenharia um papel importante na queda de Caprivi, deixando evidentes — o que não acontecia pela primeira vez — as

grandes divisões da sociedade alemã.

De volta a São Petersburgo, Nicolau buscou consolo junto a Mathilde Kschessinska e finalmente consumou a relação. “Ainda estou sob seu encanto — a pena fica tremendo em minha mão!”,[47] anotou ele em seu diário.

O casamento de Jorge foi marcado para o início de julho de 1893. Foi o maior acontecimento da realeza na Grã-Bretanha desde o jubileu de 1887, e também o primeiro casamento real público em décadas. “Gostaria tanto que Nicky viesse, e ele nunca esteve na Inglaterra. Realmente espero que isto possa ser providenciado”,[48] pedia Jorge à avó. (Na verdade, Nicky fora à Inglaterra em 1873, quando tinha 5 anos, mas se lembrava apenas de que o xá da Pérsia, que também lá se encontrava, deixara todo mundo chocado com seus “hábitos bárbaros”.[49])******** Os Romanov aceitaram o convite, e Eduardo, que adorava organizar essas coisas, começou a fazer os preparativos para a visita do tsarévitch. Pode ser considerado um indício da proximidade dos dois (e talvez também do fato de Jorge ter muito poucos amigos próximos) que Nicolau se tivesse hospedado em Marlborough House, onde os dois passaram as últimas noites de solteiro de Jorge conversando até tarde em seus respectivos quartos. Para que ninguém ficasse pensando que tanta informalidade significava excesso de familiaridade, Eduardo ocupara cada momento da visita de Nicky com algum acontecimento, a começar por uma visita de seu alfaiate, de um sapateiro e de um chapeleiro. “Tio Bertie está muito bem-humorado e muito amigável, eu quase diria demais”, disse Nicky, que achava o tio algo excessivo, à mãe. “(...) No começo eu me senti meio tonto.”[50] Ele foi feito membro honorário do Clube de Marlborough; levado para assistir às partidas de polo; visitou os novos aposentos de Jorge no Palácio de St James, que segundo ele “parece uma prisão visto de fora”[51]; e levado a jantar com a mais importante anfitriã da sociedade londrina, lady Londonderry (“Nossa anfitriã foi maravilhosa, mas um flerte terrível”[52]). Compareceu duas vezes ao “Espetáculo Aquático Internacional do Capitão Boyton”. Ficou ofegante com o calor e maravilhado com os 1.500 presentes de casamento — entre eles uma vaca — recebidos pelo casal de todo o império. Apreciando os cavaleiros em Rotten Row, ele comentou: “Que pena que não tenhamos nada igual!”[53] Foi até o parlamento para ouvir um discurso do já ancião Gladstone. Embora fosse anátema para a direita europeia, Gladstone era mundialmente famoso como grande orador.******** “Estou encantado com

Londres, jamais pensei que fosse gostar tanto”,[54] escreveu Nicky.

O que Nicolau não apreciou foi que “todos encontrem grande semelhança entre Jorge e mim, estou cansado de ouvir isto sempre e sempre”.[55] É perfeitamente possível que ele tenha achado que a série de eventos — festas ao ar livre, jantares, almoços — nos quais a família real britânica tinha de se exibir para a população e mostrar-se atenciosa formava um exaustivo contraste com a vida na corte russa, na qual qualquer interação maior era ativamente desestimulada. A semelhança, contudo, era muito grande, e já a essa altura era frisada pelo fato de Nicolau cultivar uma barba à Van Dyck caprichosamente aparada, exatamente como Jorge. A situação, escreveria a rainha, levava “a uma infinidade de equívocos divertidos, sendo um tomado pelo outro”.[56] Numa festa ao ar livre, perguntaram a Jorge o que achava de Londres e Nicky foi cumprimentado por estar para se casar.

O resultado mais surpreendente da visita foi o efeito de Nicky sobre a rainha Vitória. A idade não havia diminuído sua forte aversão à Rússia, e os dois países se opunham duramente naquele momento por causa das tentativas da Rússia de ocupar o maciço de Pamir, na fronteira entre o Afeganistão e o norte da Índia. O secretário do Exterior britânico, lorde Rosebery, ameaçara recentemente enviar tropas para expulsar os soldados russos da região. A rainha recebeu Nicolau em Windsor, dando um jeito de se encontrar “no alto da escadaria”[57] quando ele chegasse, para em seguida descer bem devagar, supostamente demonstrando com isto que se quisesse podia deixar qualquer um esperando. Ela rememorou a “gritaria nada diplomática”[58] do bisavô do tsarévitch, Nicolau I, e declarou publicamente que não considerava o atual tsar verdadeiramente um cavalheiro. Mas Nicolau não era nem de longe o que ela esperava. Era tão polido, tão discreto, tão cavalheiresco (empenhado, naturalmente, em conquistar a aprovação da avó do objeto de seu amor). “‘Nicky’, como é sempre chamado” — quase podemos ouvi-la — “(...) é encantador e maravilhosamente parecido com Jorge”.[59] Melhor ainda, “sempre fala inglês & quase sem nenhum erro”, e era — o que ela realmente aprovava — “muito simples e natural”. Nicolau referiu-se a Vitória como “uma grande bola redonda sobre pernas vacilantes”, que se mostrou “extraordinariamente bondosa comigo (...) Ela então me conferiu a Ordem da Jarreteira, o que foi absolutamente inesperado”.[60]

O casamento foi celebrado a 6 de julho. Nicolau escreveu que May estava

“radiante” e “com muito melhor aparência que em sua fotografia”. Ela trajava um vestido de cetim branco, com bordado prateado de rosas, trevos e cardos. Alguns cortesãos queixaram-se muito maldosamente das pequenas mesuras rígidas que ela fez diante dos conhecidos. Alexandra, contudo, observaria Nicky, “parecia bem triste na igreja (...) Jorge e as irmãs também”.[61] Dias antes, Jorge escrevera solenemente sobre sua visita à igreja com mamãe querida, “pela última vez sozinho com ela”.[62] Enquanto Nicolau permanecia em Londres, Jorge e May partiram para Sandringham, para passar a lua de mel em sua nova residência, York Cottage, a poucos metros da mansão dos pais, respondendo a montanhas de correspondência. Três semanas depois foram a Osborne para a Semana Cowes, sendo recebidos com arcos ornamentados com flores, bandeiras e novecentos escolares saudando-os de carroças cobertas de ramos verdes. “Imagine só, euzinha sentada ao lado de Guilherme, no lugar de honra!!! Parecia tão estranho”,[63] escreveu ela à mãe. Guilherme — outro estranho na família — derramou-se de charme junto a ela, embora se tivesse mostrado tão desdenhoso de seus antecedentes morganáticos quanto sua mulher.

Chegava agora a vez de Nicolau ganhar uma noiva. Em março do ano seguinte, ele foi com relutância ao ducado de Coburgo para o casamento de Ernie de Hesse-Darmstadt, irmão de Alix, com “Ducky”, filha menor de Affie, segundo filho da rainha, que acabava de herdar o ducado de um tio sem filhos, e da princesa Maria da Rússia. A própria Vitória, além do cáiser e sua mãe, também foram convidados. Ninguém estava muito feliz com o casamento, exceto a rainha Vitória, que havia forçado o casal a aceitá-lo — e Alix era a mais descontente. Ernie era homossexual, mas, como não se cansava de lembrar-lhe a avó, precisava de um herdeiro, Ducky era muito jovem e rica, e os dois eram primos em primeiro grau.******** O pai de Alix morrera dois anos antes, ela era muito próxima de Ernie e agora estava a ponto de perder sua posição de chefe da casa. Desesperada, planejou uma viagem de três meses à Inglaterra, “pois só aqui estaria no caminho deles”.[64]

O drama do tsarévitch e da irmã do noivo fez sombra sobre o casamento. Todo mundo sabia que Alix rejeitara Nicky, todos especulavam sobre o que aconteceria quando se encontrassem. “Até a minha querida Mamãe achou que ela não o aceitaria, e se mostrou muito incisiva a esse respeito”,[65] escreveu Vicky. “Fiquei num estado de dolorosa ansiedade”, escreveu Nicolau à mãe, que

insistira em que ele estivesse presente. “Todos os parentes me perguntavam sobre ela, um após o outro.” Todos — com a possível exceção da rainha Vitória — queriam que Alix dissesse sim. A família achava que ela estava jogando fora uma magnífica oportunidade. Os ingleses esperavam que ela contribuísse para melhorar as relações anglo-russas. Guilherme contava que ela fizesse o mesmo em relação às russo-alemãs. Durante vários dias, os dois foram trancados juntos. “Ela chorava o tempo todo e se limitava a sussurrar de vez em quando: ‘Não, não posso!’”, Nicolau escreveu à mãe. “O imperador fez o que podia. Chegou a ter uma conversa com Alix.”[66] Willy, sempre disposto a se posicionar no centro dos acontecimentos, viria mais tarde a invocar para si o mérito de ter desempenhado “o papel de cupido” junto aos pombinhos. Em suas memórias, ele afirmava ter arrastado o acanhado pretendente até seu quarto, onde lhe entregou um sabre, botou em sua cabeça seu chapéu de pele e colocou em suas mãos um buquê de rosas. “Agora, vá e peça a mão de Alix”,[67] disse.

No último dia da festa de casamento, estando os grão-duques Vladimir e Sérgio, tios de Nicky, como vizinhos de porta de Guilherme, o casal foi mais uma vez fechado num compartimento. “Fomos deixados sozinhos”, diria Nicolau à mãe, “e já nas primeiras palavras ela consentiu. (...) Eu chorei como uma criança e ela também; mas sua expressão mudara; seu rosto estava iluminado por uma tranquila felicidade. (...) Ela mudou. Está alegre, divertida, falante e *terna.* (...) Guilherme estava no compartimento ao lado, esperando o fim de nossa conversa, com os tios e as tias. Levei Alix ao encontro da rainha e depois da tia Maria, e toda a família se abraçou muito”.[68]

A rainha ficou “absolutamente estupefata, e embora eu soubesse que Nicky desejava muito isso, achava que Alicky não estava muito segura. Estive com os dois. Alicky tinha lágrimas nos olhos, mas parecia resplandecente, e eu beijei os dois. (...) Todo mundo parecia bastante satisfeito com o noivado, que tem o inconveniente de ser a Rússia tão distante. (...) Mas como ela está decidida e os dois realmente se querem, talvez seja melhor assim.” Ela escreveu sobre Nicolau: “Ele é tão sensível e gentil, & manifestou a esperança de vir discretamente à Inglaterra para se encontrar com Alicky no fim de junho.”[69] Insistia em que Nicolau a chamasse de “Vovó”,[70] e durante todo o resto da visita os convocava para o café da manhã em seus aposentos, fazendo-os posar para fotografias — nas quais Alix decididamente recusava qualquer sorriso.

Vitória tinha em relação a Alix um profundo sentimento de posse. “Como ela não tem pais, sinto-me como a única pessoa que realmente pode ser responsável por ela”, disse a Nicky. “Todas as suas queridas irmãs (...) me tinham como sua segunda mãe.”[71] E também se preocupava com ela, bombardeando Nicolau com cartas ao longo da primavera e do verão de 1894 para falar da saúde e dos “nervos” de Alix. Desde a morte do pai, Alix vinha se queixando regularmente de exaustão e dores nas pernas. Parece ter passado por um período de depressão, possivelmente até por um colapso nervoso. Teria a rainha reconhecido o fato óbvio de que os “nervos” de Alix e seu desconforto quase patológico na companhia de pessoas que não conhecia a tornavam totalmente inapta para o papel de tsarina? Alix atribuía a ansiedade da rainha a um sentimento de possessividade. “Por favor não pense que meu casamento alterará meu amor pela senhora”, garantiu-lhe. “Certamente que não, e quando eu estiver muito longe gostarei de pensar que existe Alguém, a mais gentil e bondosa Mulher deste mundo, que me ama um pouquinho.”[72] Não eram muitos aqueles que ousavam referir-se à rainha como uma “Mulher”.

“Estou perfeitamente convencido de que ela será uma excelente esposa, e também é encantadora, adorável e muito bem-dotada”, escreveu Jorge a Nicolau — em inglês, naturalmente —, naquela que parece ter sido sua primeira carta ao primo, assinando “Seu muito amoroso primo Jorge”.[73]

“Meu bom e velho Jorge (...)” — respondeu Nicolau, escrevendo, como faria a todos os membros da família real britânica, em seu impecável inglês —, “bem pode avaliar minha alegria & o estado de felicidade em que me encontro. Estou encantado por me encontrar aqui em Coburgo & acho o lugar lindo. Apenas, o tempo é tão tomado pela família (como na Dinamarca) que acho até cruel ficar separado da minha amada Alix por algumas horas, pois preferiria passá-las com a minha noivinha!”.[74] Nascia uma correspondência afetuosa, ainda que sem grande motivação e um tanto irregular — uma ou duas vezes por ano no máximo.

Nicolau decidiu visitar Alix quando ela fazia sua viagem de três meses pela Inglaterra, chegando a bordo do novo iate branco do pai, o *Polar Star*, quase um ano depois da visita anterior, em meados de junho de 1894. Durante o mês que ali esteve, escreveria, encontrou uma “felicidade paradisíaca”.[75] Ele e Alix passaram vários dias em Henley com a irmã dela, Vitória, casada com Luís de

Battemburgo (irmão do malfadado Sandro que fazia uma bela carreira na Marinha Real), seguindo depois para Windsor (onde Nicolau ficou trancado "num certo lugar"[76] — vale dizer, no toalete — e só conseguiu sair meia hora depois, com a ajuda de Alix) e Osborne. Eles andaram de barco pelo Tâmisa, fizeram piquenique em Windsor e em Osborne envergaram trajes de banho modernos e "caminharam descalços como uma criança junto à água". Quando ele confessou seu caso a Alix, ela escreveu em seu diário: "Eu o amo ainda mais desde que me contou essa historinha, sua confiança em mim me sensibilizou, oh, tão profundamente. (...)" Ela se habituara a deixar pequenas anotações e citações em inglês no diário dele. "Meu docinho querido, tenha confiança e fé em sua querida menina, que o ama mais profundamente (...) do que seria capaz de expressar."[77] Quando o primeiro filho de Jorge e Maria, um menino chamado David, nasceu durante a visita, Nicolau viajou com a família até Richmond, para vê-lo e assumir o papel de padrinho. E se esforçou muito por conquistar a aprovação da rainha. Nicky "é muito afetuoso e atencioso comigo",[78] observou ela. "Ela gosta muito de você",[79] garantira-lhe Alix. Em seu íntimo, ele reagia à supervisão da "querida Vovó", a sua relutância a permitir que os dois saíssem sem uma acompanhante e a suas tentativas de encaixá-lo em eventos da corte: "Tenho de comparecer de fraque, colarinho e punhos vermelhos, calças curtas e sapatos decotados — um horror!"[80]

Fora do círculo familiar, Nicolau já não causava tanta impressão — era um "rapazola de aparência delicada"[81] em comparação com o pai, observou um cortesão; muito jovem, "muito acanhado", comentou um diplomata alemão na embaixada em Londres, resvalando às vezes para "uma puerilidade quase infantil, que no entanto podia ser enternecedora".[82]

O que deve ter impressionado muito Nicolau, como em sua viagem anterior, foi a maneira como a família inglesa — ou pelo menos Eduardo — se mostrava muito mais disponível que sua própria família russa. Mais para o fim da visita, ele foi passar alguns dias com Jorge e o irmão em Sandringham. A majestosa residência, enganadoramente modesta, mas (a ponto de tornar-se) moderna, era muito diferente dos imensos salões de malaquita cheios de correntes de ar dos enormes e gélidos castelos de São Petersburgo ou Berlim, um monumento à riqueza despreocupada, onde uma família real se dava o direito do lazer. Eduardo levou Nicolau a um leilão de cavalos ali perto, em King's Lynn, onde almoçaram

numa enorme tenda, separados dos demais convivas apenas pelo estrado sobre o qual repousava sua mesa, enquanto todo mundo “ficava mais embasbacado conosco do que com os cavalos”.[83] Na Rússia, um Romanov jamais comeria na companhia das classes inferiores, mas Eduardo decididamente gostava de ser visto. Mais inusitados ainda eram os convidados na residência de Eduardo. “Eram em sua maioria negociantes de cavalos, entre outros um certo barão Hirsch. Os primos bem que gostavam da situação e ficavam me provocando; mas eu tentei manter-me distante o máximo possível, sem falar.”[84]

O barão Maurice de Hirsch era judeu, provavelmente o primeiro jamais encontrado por Nicolau. Embora desde a década de 1840 os judeus tivessem na Europa mais ou menos os mesmos direitos que qualquer outro setor da população, na Rússia o antissemitismo ainda era vigorosamente inculcado pela Igreja, e eles constituíam a mais pobre e perseguida das minorias, vítimas de pogroms (a palavra deriva da expressão russa que significa “destruição”) e de toda uma série de leis restritivas e persecutórias. Hirsch era um empresário milionário e filantropo de origem alemã, conhecido na Rússia — embora com toda evidência Nicky nunca tivesse ouvido falar dele — por suas tentativas de melhorar a situação dos judeus russos e pelos milhões que gastava na instalação de emigrantes judeus russos nos Estados Unidos e na Argentina.

Se nenhum país era tão antissemita quanto a Rússia, a amizade de Eduardo com Hirsch representava um sinal de sua abertura de homem do mundo. Ele fazia questão de admitir em seu círculo social alguns judeus ricos e milionários feitos por conta própria, entre eles os irmãos Rothschild — Alfred, Nathan e Leopold —, que havia conhecido na universidade, o milionário do chá Thomas Lipton, originário de Glasgow, e o fabricante de móveis sir Blundell Maple. Em contraste, os Romanov falavam de “comércio” — ou seja, os novos ricos industriais da Rússia — com uma aversão só um pouco menos pronunciada que a que demonstravam pelos judeus ricos, e muitos membros das classes altas britânicas cultivavam um antissemitismo “de salão”, abrindo os braços para o dinheiro novo, mas torcendo-lhe o nariz pelas costas. A cordialidade de Eduardo certamente se devia em parte à disposição de seus amigos judeus de saldar suas dívidas — o que parecia ser o caso de Hirsch. Mas ele também ficava fascinado com a energia e o poder daqueles que faziam e manipulavam dinheiro, compreendendo melhor que seus contemporâneos da realeza europeia e da alta

aristocracia a importância dos novos-ricos. Os Rothschild, por exemplo, não eram apenas ricos: seu banco era a maior instituição financeira do mundo, e, como banqueiros do império britânico, eles haviam emprestado a Disraeli o capital que permitira a compra de ações do Canal de Suez e a Cecil Rhodes o dinheiro necessário para o lançamento da De Beers. Eduardo tinha uma visão simples das questões de classe e casta: havia a realeza e os demais. Isto podia manifestar-se tanto como uma agradável ausência de esnobismo e preconceito como na forma de grosseiro racismo. "O fato de um homem ter um rosto negro e uma religião diferente da nossa não significa que deva ser tratado como um selvagem",[85] comentou ele, referindo-se à maneira como as autoridades coloniais tratavam os indianos. "O selvagem pode ser um rei ou então um negro comum, e se não for um rei, por que estaria aqui?",[86] raciocinou, ao posicionar o rei do Havaí à frente do príncipe herdeiro da Alemanha, no Jubileu de Ouro de 1887.

No fim de agosto, Guilherme disse à rainha que o tsar estaria mortalmente doente.[87]

Alexandre estava morrendo de falência renal. Fora transferido para as propriedades da família imperial na Livádia, no mar Negro, na esperança de que o famoso clima "aveludado" da Crimeia lhe permitisse recuperar as forças. Os melhores médicos alemães haviam sido convocados, mas nada podia ser feito. Em meados de outubro, quando Alix chegou, a pedido de Nicolau, Alexandre estava quase cego e tão fraco que mal conseguiu erguer-se para beijá-la, embora insistisse em fazê-lo trajando uniforme completo. Minny mandou um telegrama implorando que Eduardo e Alexandra viessem. Lembrando-se acaso do reconforto que ela oferecera a Alexandra após a morte de Eddy, o príncipe e a princesa de Gales, acompanhados de um camarista, de uma dama de companhia e de um amigo dele, lorde Carrington, o lorde camareiro, imediatamente começaram a atravessar a Europa. Alexandre teve morte dolorosa dois dias antes de sua chegada, a 2 de novembro. Tinha 49 anos. "Senhor, Senhor, que dia!",[88] anotou Nicolau em seu diário. "Deus chamou a si nosso adorado, nosso querido, nosso terno Papai. Minha cabeça gira, não consigo acreditar (...) foi a morte de um santo!" Na tarde da morte do pai, ele prestou juramento solene no jardim do palácio, cercado de dezenas de cortesãos, parentes e criados, todos trajando dourado. No dia seguinte, tudo foi coberto de negro.

Ao chegarem, Eduardo e Alexandra encontraram a família em transe. Minny trancara-se em seus aposentos. Nicky parecia intimidado pelos altos e confiantes tios, os grão-duques Vladimir e Sérgio, e "assediado"[89] pelos ministros. A perspectiva de tornar-se tsar o horrorizava. Em particular, com a família, ele confessou choroso o seu terror. "Que devo fazer?",[90] perguntou a Sandro. "Que vai acontecer comigo, com você, com Xênia, com Alix, com mamãe, com toda a Rússia? Não estou preparado para ser tsar. Nunca quis ser um tsar. Não sei nada dessa história de governar." Olga recordaria: "Ele estava desesperado. Ficava dizendo que não sabia o que seria de todos nós. Que estava completamente despreparado para reinar. Mesmo na época, eu sentia instintivamente que a sensibilidade e a bondade não eram suficientes para um soberano."[91] Foi Bertie, segundo Olga, que "aos poucos começou a acalmar o tumulto com que eles se depararam ao chegar. (...) Os últimos dias na Livádia teriam sido impossíveis de suportar para qualquer um se não fosse a presença do príncipe de Gales". Alexandra cuidou da irmã; durante um mês, acompanhou-a por toda parte, chegando a dormir em seu quarto. Bertie incumbiu-se das providências para o funeral, incansavelmente interrogando o organizador, o ministro da corte imperial (e causando-lhe talvez uma ligeira exasperação), e se aproximou de Nicky para encorajá-lo. "Nem posso dizer-lhe os terríveis dias de provação por que estamos passando", escreveu Nicky à "Vovó". "(...) A querida tia Alix e o tio Bertie estão aqui — o que também ajuda nossa querida Mamãe em sua dor."[92] "Fico me perguntando o que a velha e enervante mãe dele teria dito se visse todo mundo aceitando a autoridade do tio Bertie, e logo na Rússia",[93] observaria Olga.

Era a quarta visita de Eduardo à Rússia. Desde seu casamento, ele fizera questão de manter-se em bons termos com os contraparentes russos, e nos últimos anos se empenhara em encontrá-los na Dinamarca — ainda que brevemente — quase todo ano. Apesar das desconfianças em relação à Rússia, gostava da ideia de interceder pela melhora das relações entre os dois países, e não resta dúvida de que o entusiasmo de Alexandra desempenhou um papel. Ele fora a São Petersburgo pela primeira vez em 1866, quando Minny lhe pedira que aumentasse a representação de sua família em seu casamento. Tendo quase declarado falência com o dote de 60 mil coroas, a família dinamarquesa pôde enviar apenas o príncipe herdeiro, Freddi. A rainha desaprovava sua inveterada

perambulação e achava que ele devia ficar mais em casa. Mas o governo britânico havia estimulado a viagem, vendo nela uma oportunidade de limpar algumas das cicatrizes deixadas pela Guerra da Crimeia. Eduardo logo tratara de agarrar a oportunidade: “Para mim seria mais interessante que qualquer coisa conhecer a Rússia. (...) Ficaria extremamente feliz em servir de alguma forma como veículo para a promoção da *Entente Cordiale* entre a Rússia e o nosso país. (...) Sou um excelente viajante, de modo que de maneira alguma me importaria com a duração da viagem.”[94] Ele havia deixado boa impressão e retornara em 1881 para o funeral de Alexandre II e mais tarde para a coroação de Alexandre III, mas os reiterados confrontos imperiais haviam impedido que as relações diplomáticas realmente prosperassem nos 18 anos desde aquela primeira visita. Um funcionário da embaixada britânica em São Petersburgo informara em julho de 1894 — no momento em que Nicolau descia de barco o Tâmisa — que “a opinião popular na Rússia é fortemente adversa à Inglaterra”.[95]

Os britânicos não se mostraram menos inamistosos. Em maio, o secretário britânico do Exterior, lorde Rosebery, advertira que a Marinha Real rechaçaria com determinação qualquer tentativa da esquadra russa do mar Negro de se aventurar pelo Mediterrâneo, e o grande best-seller do ano foi *A grande guerra na Inglaterra*, do popular espião e escritor William Tufnell Le Queux, uma fantasia sobre uma invasão russa (“Por todo o território, as hordas cinzentas do tsar branco se espalhavam como gafanhotos”), revelando medo e aversão quase histérica ao inimigo. No governo, contudo, começava a surgir o sentimento de que a tradicional inimizade com a Rússia era dispendiosa e pouco prática. Os estrategistas navais britânicos começavam a admitir que a Marinha Real não seria necessariamente capaz de rechaçar a esquadra do mar Negro se ela quisesse entrar no Mediterrâneo. Os ministros britânicos começavam a reconhecer que as chances de a Rússia invadir a Índia eram extremamente remotas, embora o governo indiano não concordasse com eles. E agora que a Grã-Bretanha ocupava o Egito e controlava o canal de Suez, a rota terrestre para a Índia já não importava tanto. Eduardo — instruído por lorde Rosebery, que acabava de suceder a Gladstone como primeiro-ministro — fez planos de causar uma impressão forte e duradoura no novo tsar, na esperança de que isso pudesse assinalar o início de um degelo.

Quando o corpo do tsar fez sua viagem de 17 dias até a catedral de Kazan, em São Petersburgo, Eduardo e seu séquito acompanharam. Eles mandaram suas observações para a rainha Vitória, que exigia descrições. ("Aquela velha enervante do Castelo de Windsor manda telegramas (...) pedindo mais cartas",[96] resmungava o camarista do príncipe, sir Arthur Ellis.) Ficaram profundamente impressionados com a Rússia. Tudo parecia exagerado: as dezenas de milhares de soldados que se perfilavam ao longo da ferrovia, da Crimeia a Moscou e São Petersburgo, as multidões de camponeses em prantos, os enormes palácios aquecidos de maneira sufocante e o esplendoroso, interminável e torturantemente lento ritual. Em todos os 17 dias, a família do tsar, seus acompanhantes e Eduardo — decidido a demonstrar seu apoio — e seu séquito compareceram a dois serviços em uniforme de representação, ajoelhando-se durante horas para em seguida beijar o ícone a essa altura preso rigidamente entre os dedos do cadáver. Tudo aquilo era extraordinariamente desconfortável, entediante e logo também repulsivo, pois "o querido Papai" estava "infelizmente começando a se decompor muito rapidamente".[97] O embalsamamento não resolveu o problema, e quando finalmente Alexandre foi enterrado, seu rosto começava a apodrecer. Segundo o ritual, ele não podia ser coberto, e os visitantes ingleses não puderam deixar de se horrorizar com "esse costume bárbaro e inadequado".[98]

O funeral foi impressionante e interminável. Sessenta e um membros da realeza europeia foram a São Petersburgo para tomar parte dele, transformando-o no maior evento real jamais assistido pelos russos. Jorge — convocado pelo pai porque "a oportunidade de conhecer a grande capital da Rússia não pode ser perdida"[99] — foi um dos que carregaram o caixão.******** Foram necessárias quatro horas para que o cortejo fúnebre chegasse à catedral de Kazan, "o que foi muito cansativo para os que caminhavam na procissão".[100] Jorge ficou observando o gelo se formar nas águas do Neva. No interior de igreja, "a multidão era tão grande que o mestre de cerimônias mal conseguiu abrir passagem para que a imperatriz entrasse, e três senhoras desmaiaram".[101] Na Igreja Ortodoxa russa não havia bancos, de modo que todos permaneceram de pé. Ao longo de toda a cerimônia e dos rituais, Bertie manteve-se ao lado de Nicky, e assim como os Romanov beijou os lábios do monarca falecido, embora "o cheiro fosse terrível".[102]

Uma semana depois do funeral, Nicolau casou-se. Em Windsor, a rainha escreveu, sombria: “Amanhã de manhã, o destino da pobre e querida Alicky será selado. Nunca houve duas pessoas mais dedicadas uma à outra, e este é meu único consolo, pois à parte isto os riscos e responsabilidades me enchem de angústia.” Nicky passou a noite anterior ao casamento tranquilamente na companhia de Jorge, de Jorge, o Grego, e de um primo dinamarquês, Valdemar. Jorge diria à avó:

> A querida Alicky estava encantadora no casamento (...) mostrou o tempo todo muito recato, mas estava também tão graciosa e digna que certamente causou excelente impressão. (...) Acho realmente que Nicky é um homem de muita sorte por ter encontrado uma esposa tão adorável e encantadora. (...) Devo dizer que nunca [vi] duas pessoas mais apaixonadas nem mais felizes que eles. Ao deixarem o Palácio de Inverno depois do casamento, receberam da multidão nas ruas uma recepção e uma ovação incríveis, a aclamação foi muito forte e autêntica e me lembrou a Inglaterra.[103]

Mas ninguém mais estava assim tão entusiasmado, nem mesmo os noivos. Nicolau parecia “terrivelmente pálido e cansado”,[104] tendo confessado que parecia “o casamento de outra pessoa, e não o meu”.[105] Alix mal conseguia mover-se com o peso do vestido de noiva tradicional dos Romanov, com seus brocados de prata e o tecido de ouro incrustado de diamantes e com debrum de arminho, necessitando de oito pajens para simplesmente erguer a cauda. Mais tarde, ela comentaria, sombria: “Nosso casamento me pareceu uma simples continuação das missas de mortos, com a diferença de que agora eu estava usando um vestido branco, e não negro.”[106] Nas fotos do casamento, ela mostrava os lábios contraídos e o cenho franzido. Era palpável o seu mal-estar e desconforto, em comparação com os convidados. “Nem mesmo nesse momento supremo parecia haver nela qualquer alegria ou sequer orgulho”,[107] escreveu sua prima Maria da Romênia, que não gostava dela. “Distante, enigmática, ela era a própria dignidade, mas sem nenhum calor”, comentou Arthur Ellis, o camarista de Eduardo. “Tudo ficou envolto num certo ar forçado de comemoração simulada. O luto era deixado de lado e se fazia esforço para parecer alegre — o que era manifestamente *fingido* (...) uma sombra de tristeza parece pairar sobre a cerimônia.”[108] Nas ruas de São Petersburgo, 40 mil soldados tiraram simultaneamente o quepe. Quando eles se dirigiram em sua carruagem aos aposentos em que Nicolau passara a infância no Palácio de Anichkov, Olga

pensou: “Eles pareciam tão solitários, como dois pássaros numa gaiola de ouro.”[109]

“Eu visitava a Rússia pela primeira vez, e certamente tive uma excelente impressão do povo e do país”, disse Jorge à rainha. “(...) Nicky não podia ter sido mais gentil comigo, continua sendo aquele mesmo menino querido, conversando comigo abertamente sobre qualquer assunto (...) faz tudo com tanta discrição, gentileza e naturalidade; todo mundo fica impressionado, e ele já é muito querido.”[110] Na verdade, Jorge não se sentia bem em São Petersburgo. Sentia-se confinado e saía para caminhar pela cidade, o que “causava grande estorvo aos policiais encarregados de sua segurança”,[111] além de causar perplexidade na corte. O camarista do príncipe de Gales observaria: “O duque de York está bem entediado aqui, louco para voltar à caçada.”[112] Nas duas semanas que durou a viagem, ele escreveu vinte cartas a May, em todas elas perguntando o que estava acontecendo em casa.

Apesar do clima sombrio, o casamento assinalou uma nova empolgação no resto do contingente britânico. O novo reinado parecia promissor, e de uma hora para outra a imprensa russa era toda elogios ao príncipe de Gales. “Não podemos deixar de ficar impressionados com a gratidão demonstrada por todos ante a manifestação de simpatia pelos ingleses”, escreveu Arthur Ellis. “Nós *não éramos* queridos e de repente quase que éramos *amados*. Isto se deve sobretudo a duas coisas: a maneira como o príncipe e a princesa de Gales demonstraram a mais franca simpatia pelos parentes e o reconhecimento de que a nova e bela imperatriz quase pode ser considerada uma inglesa (o que não dizemos aos do Hesse).”[113] Eles começaram a se empolgar demais com a suposição de que o novo e gentil tsar pudesse revelar-se muito mais liberal que o pai. Circulou a história de que, depois da cerimônia de casamento, Nicolau descera à rua para dizer às tropas que se retirassem, para poder caminhar pela multidão sem a habitual muralha de proteção. Em Londres, o *Daily Telegraph* referiu-se ao episódio como “um ato de liberalidade inédito na Rússia”.[114] Era quase impossível deixar de fazer comparações com “um outro jovem imperador a *sua* mãe — em circunstâncias que se revelariam mais tarde semelhantes —, para considerável vantagem do tsar”.[115] O próprio Eduardo achou que “o temperamento e a personalidade do novo tsar nos dão garantias dos benefícios a serem extraídos de uma aliança entre a Inglaterra e a Rússia”.[116]

Eduardo foi recebido de volta na Inglaterra com uma chuva de elogios. Disse-lhe o primeiro-ministro: “Creio sinceramente que nossas relações com a Rússia são hoje mais cordiais que em qualquer outro período desde a guerra com a Alemanha.”[117] A imprensa britânica — mais acostumada a vilipendiar os atos de imprudência do príncipe — entoou loas a seu “tato sem igual, sua dignidade e sensibilidade. Ele se revelou praticamente o embaixador especial deste país, incumbido de uma missão que só poderia ser levada a cabo por alguém muito próximo do trono”,[118] festejou o *Times*. “Não seria propriamente um exagero dizer”, exagerava o *Standard* londrino, “que seu relacionamento pessoal com o novo tsar surtiu mais efeito em poucas semanas de que seria capaz de alcançar a mais penosa e sagaz diplomacia em uma década (...) a influência do Trono na determinação das relações entre as Potências Europeias nunca foi posta em questão por aqueles que têm alguma familiaridade com a política moderna, mas é às vezes esquecida ou ignorada pelas correntes mais impertinentes dos democratas”.[119]

“Nem posso dizer-lhe, meu querido Nicky”, escrevia Jorge de Sandringham, “como fiquei feliz de vê-lo nesses poucos dias em Petersburgo, embora fosse tudo tão terrivelmente triste (...) você sempre foi tão gentil e amável comigo; desde que nos conhecemos, eu o considero, se me permite, como um de meus mais velhos e melhores amigos”.[120]

******** Kschessinska acabaria se tornando uma das estrelas do Balé Imperial e conseguiu afinal um grão-duque como marido.

******** Os boatos de que teria sido apanhado num escândalo envolvendo o bordel masculino de Cleveland Street foram descartados de maneira convincente por seu biógrafo Andrew Cook. Mas ao que parece ele conseguiu contrair gonorreia.

******** Foi mais um casamento real infeliz: Sérgio era um homossexual insensível e autoritário que não tinha a menor ideia sobre como se comunicar com a mulher. Ella, contudo, tornou-se muito popular entre o resto da família Romanov.

******** O que era verdade. O xá gritava com os criados, cuspia a comida, arrotava em público, bolinava as mulheres e recomendou a Bertie (que se divertiu muito) que executasse o duque de Sutherland por ser rico demais.

******** Segundo o embaixador britânico em São Petersburgo, Gladstone ao que parece se tornara curiosamente popular na Rússia por ter dito que o tratamento dispensado pelo governo russo aos prisioneiros na Sibéria não era pior que o fato de os britânicos terem abatido a tiros três arrendatários irlandeses de terras agrícolas, no chamado “massacre de Michelstown”, em 1887.

******** Os dois se separariam vários anos mais tarde, quando Ducky fugiu com o grão-duque Cirilo, primo de Nicolau, que por isto foi por ele exilado da Rússia.

******** Ele viajara de trem com Henrique, o irmão de Guilherme, levando o mais recente best-seller britânico, *O prisioneiro de Zenda*, romance de aventura com personagens europeus orientais românticos, mas nada dignos de confiança.

6. Guilherme, o anglófilo (1891-5)

Nos meses que se seguiram à demissão de Bismarck, ficou evidente que Guilherme não estava para se lançar em nenhuma guerra cataclísmica e que queria a Inglaterra como aliada. Em vez de nomear como novo chanceler o general Waldersee, com sua alarmante linha-dura, ele optou por um general liberal do exército. Leo von Caprivi era um militar surpreendentemente radical, respeitado ainda que politicamente inexperiente, que fizera excelente trabalho à frente do almirantado alemão. O novo regime, conhecido como "Nova Rota", parecia abrir-se para a possibilidade de um governo mais abrangente, menos dependente da elite junker direitista em que se escorava Bismarck, e de uma série de reformas sociais e educacionais baseadas nas ideias de Guilherme, paralelamente a medidas antiprotecionistas para melhorar as tumultuadas relações da Alemanha com os quase vizinhos. A par dessa virada liberal, surgia uma nova orientação de política externa em relação à Inglaterra. Comentava-se nas embaixadas de Berlim e Viena que Guilherme pretendia ser "seu próprio ministro do Exterior",[1] embora tivesse nomeado um ministro do Exterior anglófilo, o barão Adolf Marschall von Bieberstein, que além do mais vinha do estado católico de Baden, e não da Prússia, vendo nele "uma espécie de subsecretário para executar as ordens".

Três meses depois do afastamento de Bismarck, a Grã-Bretanha e a Alemanha haviam assinado um acordo, o Tratado de Helgoland, pelo qual os britânicos cediam a minúscula ilha rochosa de Helgoland, no mar do Norte, e reconheciam o domínio alemão no sudoeste africano, enquanto a Alemanha reconhecia Zanzibar, no leste da África, como protetorado britânico, abrindo mão das pretensões sobre outros territórios africanos que vinham sendo disputados por candidatos a colonizadores alemães e britânicos, entre eles Uganda. Guilherme ficou encantado. Ele decidira que Helgoland era o perfeito ancoradouro marítimo para uma futura marinha alemã, e esperava que o novo tratado fosse o primeiro passo rumo a um relacionamento mais próximo entre os dois países, levando a Grã-Bretanha a apoiar a busca de colônias por parte da Alemanha e, eventualmente, a aderir à Tríplice Aliança com a Alemanha, a Itália e a Áustria. O tratado, todavia, não foi muito bem recebido na Alemanha. Cada vez mais

indócil, o movimento colonialista alemão não via com bons olhos qualquer renúncia a reivindicações sobre territórios africanos, e até mesmo os observadores neutros o interpretavam como uma indicação do ponto até onde o novo regime alemão se dispunha a chegar para conquistar a amizade britânica. Na corte de Berlim, além disso, e também na tradicional elite governante e no exército, não faltavam aqueles que lastimavam a virada liberal de Guilherme.

Ainda assim, o jovem cáiser certamente constituía uma presença vibrante, e era popular. Ele se mostrava extremamente ativo na vida pública, constantemente viajando e sendo visto — pois era a todo momento fotografado. Lá estava ele à frente de uma coluna de imaculados soldados alemães, eterno oficial do exército; ou visitando uma fábrica, arrojadamente moderno e enérgico; ou então carinhosamente cercado pelos seis altos e saudáveis filhos, verdadeiro pai da pátria. Até seu bigode — retorcido na forma de um amplo "w" voltado para cima — ficou tão famoso que ganhou nome: *Er ist erreicht!* ["Consumou-se!"]. Manipulado com a ajuda do moderno milagre da pomada — tendo como principal ingrediente um admirável novo produto, a geleia de petróleo —, ele era o próprio modelo do bigode dos novos tempos, uma resposta mais regulada às grandes e bastas barbas bíblicas e patriarcais e às costeletas da geração anterior.********

O cáiser estava constantemente se dirigindo à opinião pública da Alemanha e de outros países. Os discursos, às centenas, eram exaustivamente relatados na imprensa, atingindo um público maior que qualquer outro monarca até então. Às vezes mostravam-se alarmantemente belicosos, às vezes se investiam de uma missão divina, sempre cheios de confiança, revelando um homem igualmente à vontade com a tradição e a pulsação dos novos tempos. Ele era, segundo disse a uma plateia em Düsseldorf em maio de 1891, "um instrumento do Senhor, indiferente aos pontos de vista e opiniões do momento";[2] numa conferência de professores em 1890, contudo, declarou: "Creio ter entendido corretamente os objetivos do novo espírito e do século que agora chega ao fim."[3] Não havia na Europa outro monarca com tal instinto da publicidade, da imagem e da apresentação. E a imagem prometia muito: que ele poderia reinventar a monarquia para o século XX; que, como diria uma revista britânica, era "pelo menos (...) um homem de temperamento forte, possivelmente com um toque de autêntico gênio";[4] que haveria de unir um país que ainda não havia resolvido

suas muitas divergências internas; que conduziria a Alemanha ao pináculo das potências mundiais.

A Prússia tinha uma tradição de austeridade e simplicidade. Guilherme queria acabar com isso. Sua monarquia seria pródiga, generosa, extravagante e pública. Ele, Dona e os filhos mudaram-se para o amplo e barroco Neues Palais em Potsdam e o Castelo de Berlim, com seus 650 aposentos. Milhões de marcos foram gastos em reformas e ampliações; instalaram-se banheiros, iluminação elétrica e aquecimento. Somas gigantescas foram despendidas no novo trem imperial, dotado de 11 vagões dourados, um dos quais contendo uma mesa para 24 pessoas; e num novo iate real, o *Hohenzollern*, nas cores creme e dourado. Era a maior embarcação real privada nos mares, podendo receber oitenta pessoas, entre tripulação e convidados. E havia também os iates de corrida, todos batizados de *Meteor*, sem limites de despesas e concebidos para serem mais velozes que os de Bertie. Um trem de vida tão oneroso tinha seus inconvenientes: no Castelo de Berlim, as salas de refeição ficavam tão longe das cozinhas (quase um quilômetro e meio) que a comida invariavelmente já estava fria antes de chegar à mesa, embora Guilherme não se importasse realmente com o que comia. Os apartamentos reais, em contraste com os aposentos privados das famílias reais russa e britânica, eram amplos, imponentes e cobertos de dourados — como se Guilherme não se interessasse pela vida privada ou a intimidade familiar, o que efetivamente era o caso.

Ele não passava muito tempo com a família. Logo depois de subir ao trono, acostumou-se a viajar quase incessantemente, quase sempre sem Dona. Mesmo quando ele estava em casa, ela muitas vezes ficava decepcionada por vê-lo apenas no café da manhã e talvez numa cavalgada após o almoço. Forçado a permanecer em Berlim com ela e seu séquito, ele se queixava do insuportável tédio, enquanto ela ansiava por sua companhia. Ele tampouco tinha um relacionamento próximo com os filhos. Eles mais pareciam pretextos para posar para fotos do que realmente parte de uma família unida. Só sua filha menor, Vitória, como escreveria mais tarde “Pequeno Willy”, o príncipe herdeiro, “conseguiu da infância em diante conquistar um lugar em seu coração”.[5] Dos meninos, ele esperava total obediência; para falar com ele, precisavam primeiro pedir autorização dos tutores ou governadores militares. Aos 10 anos de idade, entravam para o exército ou a marinha e eram mandados para a escola de cadetes

em Plön, perto da fronteira com a Dinamarca — onde não havia nada das influências civis de que a mãe os havia cercado. O príncipe herdeiro ressentia-se particularmente da distância e do rigor do pai. Desde os 20 e poucos anos, ele se empenhava ao máximo em se rebelar contra o pai. Coube a Dona nutrir emocionalmente os meninos — ela era amorosa e dedicada, mas absurdamente tradicionalista — e dar-lhes uma visão de mundo. Lastimando os momentos de anglofilia de Guilherme, ela tomara providências, segundo diria anos mais tarde a um dos ministros dele, "para que seus filhos pensassem de maneira diferente".[6] O relacionamento de Dona com Vicky melhorou depois que Guilherme tornou-se cáiser, mas ela tomava o cuidado de jamais permitir que os filhos ficassem sozinhos com a sogra, por medo de se impregnarem de seus perigosos impulsos liberais. Dos seis, três viriam mais tarde a flertar — ou mais — com o nazismo.

O jovem "Siegfried" veio à Inglaterra em sua primeira visita oficial propriamente dita em julho de 1891. As ruas de Londres foram decoradas com guirlandas e estandartes com os dizeres "Inglaterra e Alemanha; a paz da Europa". Multidões se juntaram em frente ao Palácio de Buckingham para ver de relance o jovem e glamoroso imperador com seu bigode mundialmente famoso. A imprensa britânica mostrou-se quase unanimemente entusiástica em seus comentários sobre a visita. "A importância da visita do imperador à Inglaterra (...) é ao mesmo tempo um consolo para o presente e uma esperança para o futuro",[7] escreveu o *Standard* londrino. "Ele poderá julgar por si mesmo (...) como é forte e entusiástica a simpatia que une os dois grandes ramos europeus da raça teutônica, e como eles não são capazes de se separar um do outro",[8] entoou o *Times*. (Só divergiram o jornal de esquerda *Justice*, que via nos assertivos pronunciamentos de Guilherme "o velho tacão do junkerismo"[9] e um perigoso apetite de autocracia, e revistas satíricas como *Punch*, que desde o início não resistira à tentação de ridicularizar a grandiloquência wagneriana do cáiser.) Ele quase fez a casa vir abaixo num enorme banquete em Guildhall, ao dizer a uma plateia que o aclamava, formada pela nata dos importantes e influentes: "Eu sempre me senti à vontade neste país adorável, sendo neto de uma rainha cujo nome será para sempre lembrado pelo mais nobre caráter (...) e cujo reinado trouxe bênçãos perenes à Inglaterra. Além disso, o mesmo sangue corre nas veias inglesas e alemãs. (...) Haverei sempre, enquanto estiver em meu poder, de preservar a amizade histórica entre nossos dois países. (...) Meu

objetivo é acima de tudo a manutenção da paz.”[10]

Não surpreende, assim, que os britânicos ficassem extremamente curiosos com esse verdadeiro modelo de perfeição. Numa recepção oferecida por lady Londonderry, o intelectual e político liberal John Morley o observou bem de perto:

> Ele pode ser considerado baixo; pálido, mas queimado de sol; tem uma bela postura; entra numa sala com o passo rígido de um soldado prussiano; fala com intensa e enérgica gesticulação, não como um francês, mas *staccato*: a voz forte mas agradável, os olhos brilhantes, claros e firmes; a boca decidida, a expressão facial grave ou quase severa quando em repouso, mas ao se sentar entre essas duas belas mulheres (...) ele se encheu de alegria, animando-se com uma risada cordial. Energia, rapidez, inquietação a todo momento, das breves e rápidas inclinações da cabeça às plantas dos pés.[11]

Tudo nele falava de propósito, mas o perceptivo Morley também especulava: “Eu me inclinaria fortemente a duvidar se tudo isto pode ser considerado sólido, firme e resultado de uma (...) organização adequadamente coordenada.” Arthur Balfour, o inteligente e elegante sobrinho de lorde Salisbury, ficou impressionado com a “extraordinária energia, a autoconfiança e a preocupação com os detalhes” de Guilherme, e também com sua convicção de que “foi incumbido pelo Céu de uma missão”. Isto, especulava Balfour, poderia mandá-lo e a seu país “no fim das contas para o Inferno”, mas também “pode levá-lo a realizar consideráveis proezas enquanto não chega lá”.[12]

A visita de Guilherme não era esperada com tanta satisfação na corte. “Estão todos muito entediados com a visita do imperador da Alemanha, temendo o que ele poderá dizer e fazer”, escreveu em seu diário a nova dama de companhia da rainha, Marie Mallet. “Quanto mais ouço a seu respeito, mais desgosto dele, deve ser um grande déspota e terrivelmente vaidoso. Entretanto, pobre coitado, tem a mais insípida e tediosa das mulheres, com a qual não se importa e da qual trata de fugir trotando pelos quatro cantos do mundo.”[13] A rainha ficara enfurecida com cartas frequentes de Vicky queixando-se da mais recente proeza de Guilherme, que banira sua irmã Sofia da Alemanha por se ter convertido à Igreja Ortodoxa grega. Ela também ficou indignada por ele ter ignorado seu pedido de adiar em várias semanas a visita, enquanto ela atuava como anfitriã do casamento (que ela própria maquinara) de outra neta, Maria Luísa,******** com o príncipe Ariberto, do pequeno ducado alemão de Anhalt. Ela lhe dissera que sua

presença faria sombra aos pais do noivo, mas ele insistira de qualquer maneira em estar presente. Eduardo estava aborrecido porque menos de um mês antes o cáiser lhe mandara uma carta de censura sobre seu envolvimento no caso Tranby Croft, o escândalo de jogo no qual Eduardo havia sido apanhado, ficando exposto a uma chuva de críticas na imprensa britânica. Guilherme disse a Eduardo que não estava certo se poderia continuar colaborando com ele. A carta era na realidade um lembrete, em momento maliciosamente aproveitado, de que o cáiser podia impor sua vontade sempre que quisesse.

Entretanto, como observaria a nora russa de Vitória, Maria, em conversa com Carlota, a irmã de Guilherme, por mais que em sua ausência a rainha criticasse "esse terrível tirano do Guilherme, que sempre leva as coisas tão a mal e provoca brigas por causa de tudo", quando ele chegou "tudo desapareceu".[14] A cada vez ele parecia capaz de envolvê-la em seu encanto — mas também é verdade que sua admiração por ela sempre foi palpável; ele disse por exemplo ao amigo Filipe de Eulemburgo: "Como amo minha avó, nem posso descrevê-lo! Ela reúne tudo que é nobre, bom e inteligente. Com ela e meus sentimentos por ela, a Inglaterra está inextricavelmente ligada."[15] Com toda certeza, quando o cáiser chegou, a rainha cedeu — pelo menos um pouco. Ele se comportou da melhor maneira possível e sentia grande prazer em estar na Inglaterra. Ela escreveu em seu diário que estava feliz com a entusiástica acolhida que ele teve em Londres, mas achava suas visitas cansativas, inclusive porque ele sempre trazia um séquito tão grande — dessa vez, cem pessoas —, que era espremido nas hospedarias e hotéis de Windsor.[16] (Todo mundo achava Guilherme exaustivo, até Eulemburgo, que passava a maior parte do tempo longe de Berlim, em missões diplomáticas.)

Na verdade, foi Dona quem causou má impressão. Incapaz de esconder sua anglofobia ou mesmo sua desconfiança de qualquer estrangeiro, ela ostentava o que Missy, a prima de Jorge, chamava de "uma afabilidade estereotipada que se parecia demais com condescendência para ser realmente agradável".[17] Comportava-se com "rigidez, grosseria e arrogância",[18] no dizer de um diplomata alemão. Guilherme pode tê-la censurado em particular. Ele sempre se referia desdenhosamente, em público, ao que chamava de provincianismo da mulher, afirmando que qualquer um podia ver que "ela não foi criada em Windsor, mas em Primkenau".[19] Ela trataria mais adiante de tomar cuidado,

durante viagens ao exterior, em se mostrar cortês, embora eventualmente sua hostilidade viesse à tona.

De Windsor, Guilherme seguiu para a ilha de Wight. O cáiser fez questão de demonstrar seu amor por Osborne, a residência da avó na ilha. “Contarei [as horas] até o momento em que puder novamente divisar Osborne surgindo das águas azuis do estreito de Solent”,[20] disse ele à avó em janeiro de 1893. Suas memórias da região na infância e seus dois grandes retratos pendurados nas paredes da casa da avó davam-lhe um reconfortante sentimento de inclusão na família inglesa, algo que precisava às vezes esforçar-se por conter. Mas seu próprio entusiasmo era um lembrete de sua enorme diferença em relação ao resto da família. Osborne podia ter sido divertida, outrora, para as crianças, mas na década de 1890 ninguém mais gostava do lugar, exceto a rainha. Havia se transformado num mausoléu dos mortos, desde Alberto até o mais recente cão da rainha, e Vitória exercia ali sua ascendência de maneira cada vez mais egoísta. “Mesmo na infância fiquei impressionado com a feiura”,[21] recordaria mais tarde o irmão mais velho de Jorge. Estranha mistura de palazzo italiano e mansão inglesa por fora, decorado interiormente com tecidos Stuart axadrezados e móveis de chifre, era um lugar frio, opressivo e mortalmente silencioso, pois a rainha fazia questão de absoluta tranquilidade. Ela passava dias inteiros em seus aposentos, enquanto os criados reais ficavam sussurrando pelos corredores, sem permissão para sair até que ela o fizesse. Quando ela efetivamente saía do prédio, todo mundo fazia o mesmo, mas fugindo em todas as direções, pois “seria um enorme crime encontrá-la nos jardins”. Quando isto acontecia, recordaria um secretário particular, “nós nos escondíamos por trás dos arbustos”.[22] Essas normas, naturalmente, não se aplicavam ao cáiser.

Para Guilherme, Osborne era particularmente atraente no mês de julho por causa da Semana Cowes, o mais glamoroso acontecimento social e esportivo internacional do ano, quando os muito ricos e a alta sociedade inglesa — o que nem sempre era a mesma coisa — convergiam em seus iates para competir. O evento confirmava a Inglaterra como capital mundial do glamour e do estilo. Era tão chique que os russos gostavam de se referir a Ialta, o balneário do mar Negro, como “Cowes da Crimeia”. Depois de sua primeira visita em 1889, para horror de austeros tradicionalistas prussianos como Waldersee, Guilherme gastara 4,5 milhões de marcos na compra e adaptação de seu iate de corridas, o

Meteor. Em 1895, ele chegou a criar uma versão própria de Cowes, a regata de Kiel, com direito a um Iate Clube Imperial. Cowes reunia todas as coisas que Guilherme admirava na Inglaterra: não as tradições culturais e democráticas que a mãe tentara inculcar-lhe, mas o luxo, o sentimento de um país que se considerava acima dos demais e satisfeito consigo mesmo, com a nata de sua sociedade confiante e cosmopolita. Ele era fascinado com as classes altas inglesas, e gostava particularmente, como observaria alguém no meio naval, de "uma conversa desinibida com membros ilustres da sociedade inglesa, coisa que aprecia muito e em vão tenta encontrar na Alemanha, pois aqui a grande maioria se curva diante do cáiser como um campo de trigo diante da tempestade que se aproxima; ele encontra em Cowes uma troca de opiniões desinteressada com temperamentos e personalidades independentes e fortes".[23] Em casa, "conversa desinibida" não era muito do gosto do cáiser; ele não admitia oposição, e a aristocracia prussiana estava acostumada a uma solene deferência. Por alguns dias, entretanto, os ares de despreocupação da sociedade britânica eram mesmo estimulantes, embora não fosse exatamente assim que o cáiser explicasse as coisas. "O velho e poderoso princípio monárquico mostrava-se em todo o seu vigor na atitude das pessoas, onde quer que estivessem", disse mais tarde à rainha. "Evidenciava (...) o desejo de me fazer sentir perfeitamente em casa entre eles, já que em grande medida sou também um inglês."[24]

A visita parecia transcorrer tão bem que se dava como praticamente certo que a Inglaterra contemplava a possibilidade de aderir à Tríplice Aliança. O que não deixou propriamente felizes os franceses e os russos. Mal se havia passado uma semana após o retorno de Guilherme da Inglaterra, em agosto de 1891, e a marinha francesa visitou a base naval russa de Kronstadt, nas imediações de São Petersburgo, e o grande autocrata Alexandre III ergueu-se de cabeça descoberta para ouvir o hino republicano, a "Marselhesa" — canção anteriormente proibida na Rússia. A Europa ficou perplexa. Com toda evidência, a república e a autocracia preparavam-se para uma aproximação.

Embora se mostrasse invariavelmente polido com os alemães e preocupado em parecer amistoso, lorde Salisbury não via motivo para fazer uma aliança formal e renegar o tradicional distanciamento britânico em relação ao resto da Europa, distanciamento que em sua opinião conferia ao país considerável margem de manobra. A Alemanha tampouco poderia ajudar a Grã-Bretanha onde

ela se mostrava vulnerável, na Ásia; e ele não via motivo para fazer qualquer concessão aos alemães nas colônias, considerando que eles eram brutais como colonizadores.[25] De qualquer maneira, não confiava em Guilherme. Nem Guilherme nem o seu Ministério do Exterior captaram a mensagem. O cáiser, com sua perene dificuldade em diferençar entre a rainha e o governo britânico, continuou escrevendo cartas lisonjeiras à avó, dizendo que ela era o "Nestor" e a "Sibila" da Europa, "reverenciada por todos e temida apenas pelos maus".[26] Ele tentava agradá-la devolvendo aos duques de Cumberland — pretendentes ao reino de Hanôver — dinheiro confiscado por Bismarck. Conseguiu até manter a compostura quando ela inaugurou uma estátua do seu pai, deixando de convidá-lo para a cerimônia. Em março de 1892, ele se propôs a "visitá-la em caráter privado em Osborne neste verão",[27] solicitação com a qual ela concordou com relutância, embora o momento não fosse dos melhores, pois Eddy acabara de morrer. Talvez tenha sido porque ela ouvira dizer que Guilherme não estava bem. A versão oficial era que ele tinha sido acometido de uma infecção no ouvido. Em Londres, circulavam boatos de que ele sofrera um "colapso nervoso".[28] Na corte da Alemanha, ouviam-se rumores mais alarmantes, segundo os quais certos médicos comentavam que Guilherme podia estar louco.[29]

O cáiser ficara acamado durante duas semanas. Ele disse à avó que estivera "por demais assoberbado de trabalho",[30] o que teria provocado risinhos entre seus ministros. A verdade era que, considerando-se o salvador da Alemanha e o homem mais brilhante da Europa, Guilherme revelara-se totalmente incapaz de cumprir a promessa, tendo ficado exposto após o afastamento de Bismarck. Embora dissesse a Caprivi que, como chanceler, teria apenas uma função temporária, até que ele estivesse preparado para tomar as rédeas do governo, o fato é que não tinha realmente perseverança. "As distrações", comentava Waldersee com crescente amargura, "— sejam joguinhos com seu exército ou a marinha, viagens ou caçadas — representam tudo para ele. (...) Ele lê muito pouco, à parte os recortes de jornais, dificilmente escreve algo a não ser comentários marginais aos relatórios recebidos e mostra nítida preferência pelas conversas rápidas e logo concluídas".[31] Guilherme era só fachada. Ocupara seus primeiros anos como cáiser com uma série de cerimônias, procissões, paradas e comemorações relembrando personagens Hohenzollern há muito esquecidos e

acontecimentos históricos. Estava constantemente se exibindo para o seu povo e viajava sem parar — na verdade, encontrava-se tão raramente em Berlim que ganhou o apelido de *der Reisekaiser*, "o cáiser viajante". Passados quatro anos, ele ainda estava perambulando, as cerimônias continuavam igualmente frequentes, mas, fora isto, muito pouco havia que se pudesse mostrar. Guilherme parecia incapaz de distinguir o trivial do importante; passava horas contemplando fotografias de navios de guerra ou mudando de posição as chaminés de um novo cruzador, em vez de ler os relatórios governamentais. Não tinha a menor ideia de como poderia concretizar todas as grandes coisas que prometera. Para ele, a condição de monarca era algo vago, envolvendo ideias de ter poder, ser importante e amado. Pior ainda, Guilherme vacilava terrivelmente, mudando de opinião com tal frequência — tantas vezes influenciado pelo interlocutor mais recente e constantemente em busca de popularidade — que enlouquecia os ministros, fazendo com que o governo parecesse indeciso e confuso. O chanceler Caprivi elogiava o costume de Guilherme de "estar constantemente conversando com todos os tipos de pessoas", mas observou, desiludido, que "ele muitas vezes contradizia seus anúncios oficiais, o que provocava mal-entendidos".[32] Seu colega Marschall, o ministro do Exterior, era mais direto: "É insuportável. Hoje uma coisa, amanhã outra e dias depois outra coisa completamente diferente."[33]

Embora o governo conseguisse aprovar sua legislação social, as inclinações liberais de Guilherme e sua vontade de posar de "Rei dos Trabalhadores" não duraram muito tempo, apenas o suficiente, na verdade, para que ele se desse conta de que os trabalhadores alemães não haveriam de trocar o Partido Socialista por ele. Ele tomou como uma ofensa pessoal a "traição" das classes trabalhadoras, denunciando sua "ingratidão". Ansiava por unir a nação ao seu redor e ao mesmo tempo ficava preocupado em incorrer no desagrado de sua clientela tradicional, a corte, o meio militar, os partidos de direita no Reichstag, dos quais o governo dependia para fazer aprovar seus projetos de lei. E havia também seu hábito de fazer súbitas intervenções de risco, começando a improvisar num discurso e anunciando uma nova lei que entrava em total contradição com a política adotada pelo governo, escrevendo a monarcas estrangeiros sem comunicar ao Ministério do Exterior ou ainda nomeando alguém totalmente inadequado para um cargo no governo — e lhe agradava em

particular o poder de escolher e demitir ministros. (Caprivi recebeu certa vez um certo capitão Natzmer que dizia que o cáiser o havia nomeado governador de Camarões na noite anterior, ao encontrá-lo numa recepção imperial.) Também se ressentia facilmente de qualquer um que não julgasse suficientemente inclinado a apoiá-lo. Logo estaria se queixando de Caprivi, que "nunca pensa em fazer algo *simplesmente* porque eu pedi. (...) Não posso considerar que tal comportamento demonstre que *tem confiança em mim*".[34]

Ao redor de Guilherme havia um campo magnético de aprovação. Eram poucos os membros de seu círculo — os gabinetes civil e militar, os ministros e até os amigos — capazes de contradizê-lo. As pessoas ao seu redor tendiam a concordar com sua versão da realidade, em detrimento da que efetivamente existia fora da sua cabeça, em parte pelo hábito da deferência à dinastia, por obsequiosidade e para se manter em suas boas graças, mas também porque seria exaustivo deixar de fazê-lo. Segundo o relato de Anne Topham, uma governanta inglesa que mais tarde seria professora da filha do cáiser, o seu entourage vivia

> em estado de constante apagamento, pois a única coisa que seu senhor não podia tolerar era que alguém discordasse dele, que tivesse uma opinião diferente da sua. O que ele parecia buscar em seu meio era um coro de aprovação de pessoas que tivessem sufocado a própria personalidade, tratando de submergi-la provisoriamente, para desempenhar o papel de ouvintes. Inicialmente eu menosprezava essa atitude complacente de cortesão, mas insensivelmente também cedia a ela, vendo-me em busca de pontos de concordância com o imperador, em vez de correr o risco de desagradá-lo com uma argumentação polida.[35]

Até Filipe de Eulemburgo, que tantas vezes tentou fazê-lo entender os próprios erros, cuidava de envolver suas críticas em complicadas fórmulas de lisonja. "Guilherme II quer brilhar (...) para tomar todas as decisões", dizia ele a um político em ascensão. "Mas o que ele quer fazer muitas vezes dá errado. Ele aprecia a glória; é ambicioso e ciumento. Para conseguir que aceite uma ideia, é preciso fazer como se a ideia fosse sua."[36] No trato com o cáiser, ele recomendava acima de tudo: "Não esqueçam o açúcar." O preço profissional da falta desse cuidado era óbvio. Em 1890, o general Waldersee — não mais conseguindo, depois de uma década de bajulação, continuar mordendo a língua — dissera ao cáiser que sua participação nas manobras militares e a insistência em vencer, apesar dos erros cometidos, estavam comprometendo a própria finalidade dos exercícios. Guilherme o demitiu.

Talvez isto não importasse tanto se Guilherme não acreditasse na própria propaganda nem fosse tão zeloso do próprio poder, recusando-se a entregar o governo a profissionais. Do jeito que as coisas eram levadas, ele ficava bem na linha de fogo quando algo dava errado. No início de 1892, deu-se uma violenta reação protestante no governo e na imprensa liberal e conservadora contra um projeto de lei destinado a liberalizar o ensino religioso e, especificamente, permitir que os católicos abrissem e gerissem suas próprias escolas. Os católicos eram uma minoria importante na Alemanha, especialmente no sul, sendo representados politicamente pelo Partido do Centro, formação de tendência liberal à qual Caprivi tivera de recorrer para fazer aprovar boa parte de sua legislação social. A desconfiança em relação ao catolicismo e à obediência dos católicos a Roma, contudo, ainda era um preconceito muito arraigado na elite tradicionalista prussiana, que estava à frente do governo, assim como dos partidos de direita, o Conservador e o Liberal — sendo que este nada tinha na realidade de liberal. Guilherme, que se considerava esclarecido a respeito do catolicismo, entrou em pânico, inicialmente apoiando em público o projeto, em seguida parecendo criticá-lo, mais adiante condenando os “resmungões” e finalmente pondo-o a perder com a proposta de que fosse emendado para levar em conta as críticas dos protestantes. O honrado Caprivi, que lutava por equilibrar os diferentes grupos de interesse e se sentiu publicamente abandonado por Guilherme, ofereceu sua renúncia. Não seria a última vez: ele renunciou dez vezes em quatro anos, geralmente porque era a única maneira de chamar Guilherme à ordem. A crise foi uma cabal demonstração de quão politicamente fissurada e mesmo fracionada estava a Alemanha, de como era difícil para qualquer um fazer uma convocação popular em meio às diferentes lealdades partidárias. Ela também deixou claro que, para endereçar à nação o tipo de apelo popular desejado por Guilherme, era necessário que ele se desvinculasse da política, como fizera o imperador Francisco José na Áustria. Mas isto significaria abrir mão também do exercício do poder pessoal, o que ele se recusava a fazer.

As críticas a Guilherme e a seu regime vinham de todos os lados. De seu retiro, Bismarck começara a se vingar, orquestrando uma bem articulada campanha de imprensa de constantes ataques às políticas do governo. Um dos efeitos fora suscitar críticas de outros setores da direita, por exemplo a recém-

formada Liga Pangermânica, que — inspirada pela revolta contra o Tratado de Helgoland, graças ao qual "a esperança de um grande império colonial alemão ficou arruinada!"[37] — fora criada para montar uma campanha contra a política governamental, que "enfraquecia" a Alemanha. O próprio Guilherme começara a atrair uma torrente de críticas pessoais, por uma série de gafes em público. Em 1891, visitando Munique, ele ofendera todo o sul da Alemanha ao escrever *Suprema lex regis voluntas*, "A vontade do rei é a lei suprema", no livro "de ouro" da municipalidade. Pode ter sido uma piada, mas foi interpretada como grosseira afirmação de poderio prussiano. Ele havia chocado a nação num discurso a um grupo de novos recrutas do exército, no qual disse que, caso ordenasse, eles teriam de "abater a tiros" suas próprias famílias, "sem murmurar". Em outra ocasião, denunciou o Partido Socialista alemão como "inimigo da Pátria" e disse que pretendia "esmagá-lo".[38] Embora coisas assim pudessem funcionar no coração prussiano da região rural de Brandemburgo, não eram aceitáveis nos centros urbanos sofisticados da Alemanha. August Bebel, o líder do Partido Socialista, declarou que toda vez que o cáiser fazia um discurso, o partido conquistava mais 100 mil votos. Um discurso no Landtag da província de Brandemburgo, em fevereiro de 1892, tivera efeito particularmente contundente, levando a comentários de que o cáiser sofria de megalomania — ou "cesaromania", como gostavam de dizer os contemporâneos. Ele se referira de maneira um pouco enfática demais ao fato de ter sido "designado por uma autoridade lá em cima, à qual terei mais tarde de prestar contas de meus atos", dizendo ainda à plateia: "Haverei de conduzi-los por caminhos cada vez mais esplêndidos. Estou no rumo certo e irei em frente a todo vapor."[39]

Quatro anos antes, palavras assim teriam sido melhor recebidas, mas agora a lua de mel ficara para trás. "O mundo", comentaria Waldersee com maligna satisfação depois de demitido, em março de 1892, "que inicialmente se mostrava entusiástico a seu respeito, está agora completamente desiludido".[40] Sua avó inglesa, enquanto isso, perguntava-se se alguém não podia "simplesmente implorar-lhe que não fizesse tantos discursos".[41] A ironia era que a agressiva retórica absolutista de Guilherme quase nunca era acompanhada de atos. Como sabia ele perfeitamente, entretanto, nas questões públicas as aparências contavam.

A mistura das críticas com a renúncia de Caprivi levou Guilherme aos seus

limites. Em março de 1892, ele caiu de cama por duas semanas, com um "colapso nervoso". Não era a última vez que ele seria obrigado a reconhecer a enorme distância entre a maneira como pretendia enxergar o mundo e a sua realidade, e que ele não era propriamente uma mistura bem-sucedida de Siegfried e Bismarck. O colapso era a sua resposta, seu mecanismo de adaptação. Era sua maneira de processar o fracasso e a decepção sem precisar realmente fazer nada a respeito. Por trás das portas de seu quarto, ele recalibrava a realidade com a visão que tinha de si mesmo. Podia então dar a volta por cima, pronto para reconquistar de novo o mundo.

A crise foi controlada. Como seriam futuras crises. Embora amplos setores do país continuassem a se sentir desvinculados da corte e do governo — os operários industriais, a esquerda, os liberais progressistas, amplos setores do Sul, os católicos — e partissem de todo o espectro político ondas periódicas de críticas às políticas do governo, o fato é que a Alemanha era rica, e a riqueza era um considerável emoliente político. O boom que tivera início nos anos imediatamente posteriores à unificação continuava sem parar; o país era inundado de dinheiro. Havia também uma grande massa das classes médias inferiores em ascensão — que na Inglaterra teriam equivalência nos "funcionários" que liam o *Daily Mail*, abraçando seu imperialismo patriótico — para a qual Guilherme continuaria sendo o líder heroico, não obstante suas idiossincrasias e gafes. Os pangermanistas radicais podiam opor-se às políticas do governo, mas ainda assim sentiam-se leais ao cáiser. Estranhamente, além disso, Guilherme de fato encarnava a Alemanha, o que era reconhecido até por seus detratores. Era quase como se sua personalidade — a suscetibilidade, a imprevisibilidade, a inquietação, a falta de resolução — tivesse ressonância especial num país jovem que, com apenas 17 anos de existência quando ele subiu ao trono, vivia sua própria crise de adolescência: hipersensível a qualquer desfeita, superexcitado com a ideia de exercitar os músculos, sujeito a súbitas mudanças de humor, ansioso por não parecer fraco, necessitado de reconhecimento. Era algo que tocava os contemporâneos. Guilherme, concluiria em 1926 o intelectual judeu Egon Friedell, "quase sempre era a expressão da esmagadora maioria de seus súditos, o campeão e executor de suas ideias, o representante de sua visão da vida. Em sua maioria, os alemães não passavam de edições de bolso, versões reduzidas ou cópias em miniatura do cáiser

Guilherme”.[42] Heinrich Mann escreveria um romance — *Der Untertan* [O homem de palha] — exatamente sobre uma figura assim, um submisso admirador do cáiser.

Assim, em abril de 1892, um mês depois de seu colapso nervoso, Guilherme montou um assédio à rainha quando ela retornava de uma visita à Itália, tentando convencê-la a visitar Berlim. Lorde Salisbury, que considerava a rainha uma das poucas pessoas capazes de lidar com o cáiser, ponderou que “seria muito bom se Sua Majestade pudesse encontrá-lo e acalmá-lo”.[43] A rainha não conseguia aceitar a ideia: “Não, não, eu realmente não estou aqui para ficar mantendo todo mundo em seu devido lugar”,[44] protestou, aproveitando a oportunidade para se queixar ao secretário particular de sua prevista visita no verão. “A rainha *não convidou o imperador* (...) ela ficaria muito grata se ele de fato *não* viesse.”[45] Ela pediu que sir Edward Malet, o embaixador inglês em Berlim, “desse a entender que essas visitas anuais regulares não são muito desejáveis”,[46] mensagem que Malet — como tantos dos que tinham de lidar com Guilherme — nunca conseguiu realmente transmitir.

Quando efetivamente veio a fazer sua visita, todavia, Guilherme comportou-se à perfeição, respeitando os sentimentos da família com a terrível perda recente de Eddy. “Nem um pouco pomposo, muito tranquilo e perfeitamente afável sob todos os aspectos”,[47] escreveu Eduardo a Jorge. A rainha determinara que ele ficasse hospedado em sua própria embarcação, recusando a banda de música por ele oferecida com entusiasmo. Guilherme, contudo, aproveitou “imensamente”, escreveu o secretário particular de Bertie, sir Edward Knollys. “De tal maneira, na verdade, que temo que ele fique tentado a repetir sua visita com muita frequência.”[48]

Não se verificou, contudo, qualquer movimento na frente diplomática. Em 1893, constatava-se no Ministério do Exterior alemão uma palpável decepção com a aparente ausência de qualquer resultado de três anos de um comportamento explicitamente amistoso em relação à Grã-Bretanha: nenhuma aliança, nada de colônias. A vitória dos liberais nas eleições gerais britânicas de 1892 não representou qualquer mudança de atitude. Embora se acreditasse que os dois países estivessem em excelentes termos, o Ministério do Exterior alemão começou a dar mostra de forte irritação com algo que interpretava como uma certa condescendência britânica e uma atitude obstrucionista. Sentia-se lesado e

insatisfeito com a relutância britânica em falar de uma aliança, pois a Rússia — rejeitada pela Alemanha — e a França tinham feito o impensável, selando uma secreta aliança defensiva (da qual qualquer político europeu tinha conhecimento) e espremendo a Alemanha entre dois inimigos em potencial — exatamente o pior dos pesadelos de Bismarck. Ao mesmo tempo, a Grã-Bretanha e a Alemanha entravam em disputas em torno de reivindicações coloniais em Fiji, na Nova Guiné, no Congo, no Sudoeste africano e em Samoa.

A mudança crucial estava no fato de o governo alemão ter começado a perseguir resolutamente um império colonial. Bismarck encarava as colônias como um oneroso fator de dispersão. Dando-se conta de que a riqueza da Alemanha provinha em grande medida das vendas de produtos manufaturados a outros países desenvolvidos, só eventualmente ele estimulava as pretensões de candidatos alemães a colonizadores, como uma maneira de agradar a direita, inclinando-se mais a considerar a disputa imperial como uma maneira de semear a dissensão entre a França e a Grã-Bretanha. O que fez com grande êxito, particularmente na Conferência de Berlim de 1884, na qual se decidiu que a África seria dividida em esferas de influência, sendo as divisões decididas por quem ocupasse determinado território mais decididamente, ou agressivamente — o que era receita infalível para constantes confrontos. Após o afastamento de Bismarck, contudo, Guilherme se apegara à ideia de criar um grande império colonial, vendo aí a realização que demonstraria sua superioridade sobre o chanceler, unindo a Alemanha ao seu redor. Afinal, sua mãe lhe havia inculcado na infância a ideia da grandeza do império britânico, como elemento unificador e civilizatório gerando riqueza e posição para o país.

Um império parecia oferecer muitos atrativos: riqueza, comércio e — talvez mais importante que tudo — status. Muitos alemães educados achavam cada vez mais difícil entender que um país com tanto dinamismo e poderio dispusesse apenas de umas poucas colônias. Além disso, não faltavam aqueles que, como Filipe de Eulemburgo, consideravam que a expansão imperial seria uma boa maneira de desviar internamente a insatisfação das massas, levando-as a se identificar com o Estado num empolgante projeto imperial no exterior. Tendo perdido o entusiasmo pelas reformas sociais, Guilherme, ao que parece, considerava particularmente interessante esta proposta. Por outro lado, a direita alemã — que o governo queria cada vez mais agradar — tinha em suas fileiras

um lobby colonial assertivo e bem organizado. O problema era que os alemães chegavam atrasados à corrida imperial. Aonde quer que fossem, já encontravam a Grã-Bretanha. Os britânicos se opunham a cada incursão alemã. O que parecia particularmente pouco generoso aos alemães, pois o império britânico já se aproximava a essa altura de um quarto da massa terrestre do planeta.[49] Que poderiam representar para ele alguns milhares de quilômetros quadrados africanos ou um pequeno arquipélago no Pacífico? Eram fortes as críticas à Grã-Bretanha na imprensa alemã e da parte dos tradicionais aliados do governo alemão no Partido Liberal Nacional, onde era mais acentuado o entusiasmo colonial. Fritz Holstein, um destacado conselheiro do Ministério do Exterior alemão, defensor entusiástico de uma competição alemã com a Inglaterra, comentaria indignado: "Nós ajudamos a Inglaterra todos os dias — até mesmo ficando parados — simplesmente estando presentes. A Inglaterra nos tem ajudado pouquíssimo até agora (...) é sempre *non possumus*."[50]

Fritz Holstein era o agente político mais influente no Ministério do Exterior alemão, apesar de se afirmar que em todo o período que ali passou — ele viria a se aposentar em 1906 — tenha encontrado Guilherme apenas uma vez. Fosse ou não literalmente verdade, pode-se ter como certo que ele instintivamente não gostava das luzes da ribalta, não tendo muito boa impressão de Guilherme, deliberadamente tratando de se manter fora do seu caminho e preferindo recorrer a outros, sobretudo Filipe de Eulemburgo, para vender suas ideias. Esse esgueirar-se pelos cantos, associado a seu desinteresse pelo torvelinho social da diplomacia e seu desleixo com a aparência — em Berlim, ele era conhecido pelo chapéu puído, o casaco surrado, a barba desgrenhada e o passo curto, recurvado e decidido —, contribuiu para alimentar o mito de um indivíduo dado ao segredo, à conspiração e à ubiquidade de uma maneira sinistra e agressiva. Na realidade, Holstein era um burocrata *workaholic*, rude e capaz, extremamente dedicado ao trabalho no Ministério do Exterior, com um cortante senso de humor e um apetite insaciável pelas fofocas e as questões internacionais, alimentado por um hábito obsessivo da correspondência. Muito pouco mais merecia sua atenção — exceto talvez o *schnitzel* com ovo frito a que deu seu nome. Mas ele também tinha uma perigosa tendência a se ofender com facilidade e a sofrer pessoalmente com os reveses políticos. Juntamente com Eulemburgo, envolvera-se em manipulações de bastidores destinadas, do seu ponto de vista, a manter o

cáiser na linha e preservar uma certa coerência na política alemã. A aliança, tal como se apresentava, era um casamento de conveniência. Holstein sabia que Eulemburgo tinha acesso ao imperador; Eulemburgo não gostava da política pró-britânica. Embora Holstein começasse a achar que era preciso conter Guilherme, Eulemburgo insistia em pensar o contrário, mas valorizava a visão política e diplomática de Holstein, assim como sua influência, e tratava por isto de dosar devidamente o que lhe dizia.

Holstein continuava querendo uma aliança, mas chegou à conclusão de que a Grã-Bretanha precisava aprender uma lição a respeito do apoio alemão e a Alemanha devia mostrar-se mais decidida na promoção dos próprios interesses. Assim foi que, no início de 1893, o Ministério do Exterior alemão comunicou ao governo britânico que devia abrir mão e permitir que a Alemanha se dotasse de uma concessão ferroviária que os dois países vinham disputando na Turquia. Se isto não acontecesse, a Alemanha retiraria seu vital apoio à ocupação britânica do Egito. Os britânicos ficaram perplexos com a contundência da exigência, mas aquiesceram. Nesse momento, estavam precisando do apoio alemão, mais que nunca em algumas décadas. A expansão das fronteiras do império finalmente os levara a entrar em conflito com todas as outras potências imperiais no mesmo momento: os Estados Unidos na Venezuela, os franceses na África, os russos na Ásia. O novo secretário do Exterior, lorde Rosebery, um liberal, começou a se perguntar se a Grã-Bretanha não podia estar precisando de um autêntico aliado.

Em julho de 1893, quando o cáiser visitou Cowes, Rosebery fez questão de deixar claro que a Grã-Bretanha estava interessada em se aproximar muito mais da Alemanha. Durante a primeira noite do cáiser na ilha de Wight, deflagrou-se uma crise entre a Grã-Bretanha e a França, em torno de uma antiga rivalidade pelo domínio do reino de Sião. Durante algumas horas, chegou-se a pensar na possibilidade de uma guerra. Rosebery telegrafou à rainha, solicitando que o cáiser fosse informado e sondado sobre uma eventual disposição de apoiar a Grã-Bretanha, se houvesse um conflito. Nesse momento, Guilherme trajava seu uniforme de almirante britânico, oferecendo um jantar a Eduardo e seu irmão menor, Arthur de Connaught, em seu iate. Ele “manifestou satisfação”[51] com o desenrolar dos acontecimentos, declarou-se encantado em ajudar e passou o resto da noite provocando agressivamente o tio Bertie, dizendo que logo poderia entrar em serviço ativo na Índia — um ponto sensível, pois o príncipe sempre se

sentira envergonhado pelo fato de a mãe não permitir que servisse ao exército britânico.

Após a saída dos convidados, todavia, a enfurecida confiança de Guilherme ruiu por terra. Sozinho — à parte alguns membros de seu séquito e Eulemburgo —, ele ficou ansioso e aflito, queixando-se da incapacidade da Alemanha (ou talvez sua) de entrar em guerra. Se houvesse uma guerra, disse, a Alemanha teria de participar, para deixar clara sua posição como potência mundial; mas e se a Rússia se aliasse à França? A Marinha Real não teria como derrotar ao mesmo tempo as marinhas da França e da Rússia, e a Alemanha perderia uma guerra em duas frentes. "Quem não é uma potência mundial não é nada", disse ele. "Eu realmente nunca o vi tão acabrunhado", escreveu Eulemburgo, "e tive de me concentrar ao máximo para encontrar argumentos razoáveis que pudessem acalmá-lo".[52] Sob o decidido senhor da guerra prussiano, havia em Guilherme um homem profundamente vulnerável e temeroso, cuja fragilidade era outro motivo pelo qual seu entourage e seu círculo tanto evitavam perturbá-lo com notícias desagradáveis. O industrial e intelectual judeu Walter Rathenau, que talvez encontrasse o cáiser uma vez por ano, observou como era visível, de perto, o contraste entre o homem que Guilherme queria ser e aquele que era efetivamente — com suas pequenas mãos brancas, o cabelo macio e os dentinhos brancos. Rathenau ficou sensibilizado com um homem "continuamente lutando consigo mesmo, tratando de superar a própria natureza para encontrar energia, domínio (...) uma natureza voltada contra si mesma, desarmada".[53] A fragilidade de Guilherme estava no próprio cerne de sua amizade com Eulemburgo, talvez seu único amigo verdadeiro.

Sob muitos aspectos, Eulemburgo era o pai ansioso, indulgente e acrítico que o cáiser nunca tivera. Era também hipocondríaco, volúvel em sua emotividade e "artístico", e em sua companhia Guilherme podia mostrar-se ao mesmo tempo dominante e seguro, mas também livrar-se da exaustiva persona hipermachista que tantas vezes se sentia na obrigação de adotar. Por isso, Eulemburgo era uma das poucas pessoas que Guilherme ouvia, e por sua vez ele se empenhava em amainar os muitos problemas encontrados pelo imperador. Inevitavelmente, envolveu-se nas incessantes intrigas endêmicas no governo alemão, sendo levado por seu radical monarquismo a estimular Guilherme a ignorar ou demitir ministros, ao passo que sua influência granjeava para outros membros do

chamado Círculo de Liebemburgo cargos influentes que os tornavam profundamente impopulares. Mas ele também era um pragmático e praticamente a única pessoa capaz de moderar o comportamento mais radical e excessivo de Guilherme.

Na manhã seguinte, a crise fora esvaziada. A Grã-Bretanha e a França chegaram a um acordo, Guilherme recobrou o sangue-frio e foi velejar, deixando Eulemburgo com "o gordo e pesado"[54] Eduardo, que viu com repugnância "fazendo o desjejum sem parar das dez às quatro". Como quase todos os membros do círculo de Guilherme, em sua maioria soldados prussianos com uma instintiva desconfiança dos britânicos, Eulemburgo não tinha muito apreço pela Inglaterra (ele se queixava de que a cerveja tinha gosto de "capa de chuva de borracha"[55]) e temia seu efeito sobre o cáiser. Desconfiava profundamente de Eduardo, considerando-o "um homem capaz e agradável, mas muito ardiloso, com um olhar absolutamente sinistro — *não propriamente* um amigo". Bertie, escreveria mais tarde, fazia comentários divertidos e hostis a respeito de Guilherme, dizendo-se confuso diante de seu "jogo colonial" e manifestando preocupação com o interesse do sobrinho fisicamente deficiente pelas embarcações: "Não podemos deixar de temer que ele venha a se machucar."[56]

Dois dias depois, houve uma grande discussão em família, porque Guilherme se recusou a abreviar uma corrida entre seu iate *Meteor* e o *Britannia* de Bertie, quando ficou claro que a corrida não terminaria a tempo para um jantar de gala organizado pela rainha em sua homenagem. Nitidamente irritado, Bertie percebeu que não poderia deixar Guilherme correndo sozinho, apesar de plenamente consciente de que isto deixaria a rainha furiosa. "Alarmada e contrariada ao tomar conhecimento só depois das oito horas de que Guilherme e Bertie não poderiam comparecer ao jantar", escreveu ela em seu diário. "Jorge [que acabava de retornar da lua de mel] estava muito exaltado e tudo teve de ser reorganizado. Foi extremamente irritante."[57] É possível que secretamente Eduardo quisesse concluir a corrida: ele derrotou o cáiser, que gastara uma fortuna tentando dotar-se de um iate mais rápido que o do tio. Os dois só chegariam a Osborne às 22h30, no momento em que a rainha se retirava furiosa do salão de jantar. Um observador alemão, nem sempre totalmente digno de confiança, descreveria assim a cena: enquanto Guilherme se desculpava, Bertie escondeu-se por trás de uma coluna por um momento, para se recompor e

arrumar as sobrancelhas, e em seguida também foi pedir desculpas à mãe, que ostentava uma expressão pétrea, para então recolher-se de novo por trás da coluna.[58]

Houve consenso, afinal, em que a viagem constituiu um grande sucesso.

Ao longo do outono e do inverno de 1893, lorde Rosebery fez gestos cada vez mais amistosos em direção da Alemanha. No Ano-Novo de 1894, ele deixou claro que estava disposto a efetivamente entrar em negociações com a Tríplice Aliança. Guilherme congratulou-se pelo "novo recuo" de Rosebery, afirmando que decorria "de minha iniciativa", pois tinha, segundo alegava, enviado ao secretário britânico do Exterior uma mensagem sem rodeios dizendo que a Alemanha só aceitaria uma "total honestidade".[59]

Mas em vez de fazer um movimento equivalente em direção da Grã-Bretanha, o governo alemão rejeitou a oferta, embora se tratasse exatamente daquilo que vinha buscando desde 1890. A frieza assim demonstrada foi, no dizer de um historiador, "quase incompreensível".[60] Tudo indica que os alemães ficaram muito preocupados, entre a desconfiança de que os britânicos pretendiam atraí-los para alguma armadilha que não haviam previsto e a suposição de que, se precisavam deles, seria um bom momento para extrair concessões. Assumiram uma atitude agressiva numa série de disputas coloniais que se arrastavam. Em abril de 1894, no momento em que Guilherme e a rainha Vitória comemoravam o noivado de Nicky e Alix em Coburgo, o Ministério do Exterior alemão exigiu a posse exclusiva do arquipélago de Samoa, em torno do qual os dois países vinham se engalfinhando desde 1889. Os britânicos, extremamente irritados, recusaram-se a ir adiante. O embaixador alemão, Hatzfeldt, foi exortado pelos superiores a romper o impasse. Hatzfeldt era um servidor consciencioso que há muito considerava ser o seu papel atrair a Grã-Bretanha para a Tríplice Aliança. Ao mesmo tempo, ele observara que desde 1890 seu governo ficava cada vez mais obcecado com o desejo de ter colônias. Escreveu então um longo memorando ao chanceler, no qual observava que se a Alemanha pressionasse o império colonial britânico, poderia ao mesmo tempo "demonstrar as desvantagens de nossa hostilidade"[61] e obrigar os britânicos a se mostrarem mais receptivos na questão de Samoa. A ironia estava em que o próprio Hatzfeldt não acreditava em pressões políticas, considerando-as contraproducentes. Disse com melancolia a um colega que se os alemães pelo menos conseguissem ser

pacientes, “pombas voariam para suas bocas, mas suas hesitações significavam que estavam sempre se autossabotando”.[62]

O cáiser ficou absolutamente entusiasmado com a nova ideia. “Esplêndido, corresponde perfeitamente ao meu ponto de vista e nossa política deverá ser conduzida como recomendado aqui.”[63] Anos mais tarde, ele diria a um dos primos ingleses: “Devemos fazer uma aliança com a Inglaterra, e se ela não quiser, teremos de atemorizá-la para isto.”[64] O plano de Hatzfeldt era quase assustadoramente semelhante a suas próprias tentativas, algo intimidantes, de forçar os parentes ingleses a lhe dar atenção. Embora se acreditasse que a relação entre os dois países prosperava, Guilherme ostensivamente deixara de comparecer a uma homenagem póstuma a Eddy em Berlim, recusando-se a permitir que seu irmão Henrique fosse à Inglaterra para o funeral. Ao ser informado pela rainha de que não seria convidado para o casamento de Jorge, ele tampouco permitira que Henrique, efetivamente convidado, comparecesse. Eduardo suspeitava de que se tratasse de rancor. Pediu à rainha que exigisse uma explicação, e Guilherme então alegou que sua intenção sempre fora permitir que o irmão comparecesse. O cáiser suspeitava de que os britânicos preferiam Henrique a ele, o que o magoava. Não estava totalmente equivocado. Henrique era muito mais tranquilo e amistoso que ele. Desde seu casamento com Irene de Hesse, uma das irmãs mais velhas de Alix, ele se tornara um entusiástico e frequente visitante da Inglaterra. Conhecera Jorge, a quem mandava eventualmente cartas sem maiores pretensões, notáveis pela agradável cordialidade e muito diferentes das escritas pelo próprio Guilherme: sua mãe, dizia ele a Jorge numa dessas cartas, de tal maneira elogiara Henrique que ele quase se sentia com ciúmes. “Não dê importância, Jorge”, acrescentava. “Creio que você tem todo o direito a uma fama de bom temperamento!”[65]

A nova política logo seria posta em prática. Na primavera de 1894, os britânicos tentavam negociar acordos com vários agentes imperiais em torno do Congo, como parte de uma velha rivalidade com a França no norte da África. O governo alemão recusou-se a entrar em acordo. Essa recusa saiu pela culatra, pois os britânicos negociaram um tratado com os belgas, mais condescendentes. O Ministério do Exterior alemão, indignado, denunciou o tratado como “vergonhoso”,[66] pois ignorava pretensões alemãs na região. E quando os britânicos propuseram que o tratado fosse emendado, os alemães insistiram em

que ele fosse descartado completamente.

Guilherme estava numa posição delicada. Na Alemanha, dizia-se furioso com o Tratado do Congo e o ardil montado pelos britânicos. Quase simultaneamente, todavia, a rainha acabava de nomeá-lo coronel comandante do Primeiro Regimento dos Dragões Reais. Era um gesto e tanto: a primeira vez que um monarca estrangeiro entrava para o exército britânico. Há meses Guilherme vinha implorando por uma patente do exército britânico — de preferência num regimento escocês, pois gostava do saiote —, e muito perspicazmente conseguira que Eduardo fizesse campanha em seu favor, oferecendo-lhe em troca um título honorário no regimento alemão da rainha. Vitória não aprovou: "Essa pescaria de uniformes dos dois lados é lamentável", e além disso, "a rainha considera que ele já está por demais mimado".[67] E se ele começasse a interferir na política do exército? Rosebery inicialmente concordou com ela. Ele começava a achar o tom meio ríspido dos alemães "decididamente insuportável",[68] considerando que o título ficaria parecendo um aval dessa rispidez. Lorde Salisbury, com quem Rosebery às vezes se aconselhava, frisou contudo que esta seria uma maneira fácil de manter o cáiser na linha. A rainha cedeu e Guilherme mostrou-se como sempre exagerado: "nas nuvens" e "comovido, profundamente comovido ante a ideia de que agora também posso usar, além do uniforme naval, a tradicional 'jaqueta vermelha' britânica".[69] Ele disse ao embaixador britânico que lamentava profundamente a condenável atitude do Ministério do Exterior alemão no Congo, dando a entender que nada tinha a ver com ela.[70] Em Cowes, nesse verão, ele era todo sorrisos, envergando seu novo uniforme dos Dragões Reais para "graciosamente agradecer a calorosa aclamação".[71] Foi mesmo uma pena que os britânicos, geralmente tão impecáveis na organização, por algum motivo esquecessem de lembrar a seu novo regimento que mandasse um destacamento para saudá-lo.

As ameaças da Alemanha de tal maneira preocupavam seus aliados austríacos e italianos — que percebiam que sua segurança dependia do compromisso da Marinha Real de defender o Mediterrâneo oriental frente à Rússia — que eles trataram discretamente de insistir em que o governo alemão aceitasse o Tratado do Congo com as emendas propostas. Mas o mal estava feito, e ninguém saía ganhando. E ao longo do outono e do inverno de 1894 novos confrontos imperiais entre os dois países se deram no Marrocos, no Sudão, no Transvaal e

mais uma vez em Samoa, onde no fim do ano a Alemanha e a Grã-Bretanha de tal maneira desconfiavam uma da outra que lá trataram de estacionar navios de guerra, apesar do início da temporada de furacões. O sucesso do príncipe de Gales em São Petersburgo gerou iradas queixas na imprensa alemã,[72] e até o embaixador Hatzfeldt, geralmente fleumático, queixou-se de que, depois de tantos anos sendo rechaçado pela Inglaterra, seu governo encarava com enorme decepção a aproximação britânica da Rússia. Da próxima vez que a Inglaterra quisesse alguma coisa da Alemanha, teria de pagar um preço muito alto.[73]

O plano de forçar os britânicos a uma amizade mais próxima muitas vezes mal podia ser distinguido de pura e simples hostilidade. “O áspero e grosseiro autoritarismo dos atos alemães”, escreveu um secretário britânico do Exterior, “(...) causou-me desagradável impressão (...) o método adotado pela Alemanha neste caso não foi o de um amigo”.[74] Treze anos mais tarde, este mesmo indivíduo, sir Edward Grey, seria nomeado secretário do Exterior, com uma desconfiança profundamente enraizada da política de poder alemã. Quanto a Rosebery, o único estadista britânico que poderia contemplar a hipótese de uma aliança, era na verdade um entusiástico imperialista, muito sensível a acusações de que o Partido Liberal não se mostrava tão comprometido com o império e sua defesa quanto os conservadores. Quanto mais os alemães pressionavam na questão das colônias, mais ele recorria a técnicas de obstrução. No fim de 1894, chegara à conclusão de que uma aliança seria impossível. O que o Ministério do Exterior britânico não conseguiu entender foi por que os alemães se mostravam tão gratuitamente agressivos. “É difícil compreender que vantagens esperam ganhar com semelhante política”, escreveria o novo secretário do Exterior, lorde Kimberley (Rosebery tornara-se primeiro-ministro), “(...) não me arriscaria a dizer que entendo a charada”.[75]

O fato é que o governo alemão tampouco estava lá muito certo de quais seriam seus objetivos; ou pelo menos havia divergência de propostas. Marschall, o ministro do Exterior, convencera-se de que Samoa era a questão-chave e de que a Alemanha devia assumir seu controle de qualquer maneira, para demonstrar a um público interno crítico que a política externa do governo era eficaz. Holstein, indignado com a atitude nada cooperativa dos britânicos, continuou comprometido com as pressões para induzir a Inglaterra a uma aliança. “A Inglaterra só seria para nós um aliado digno de confiança”, disse ele

a um amigo em 1896, “(...) se deixássemos perfeitamente claro para ela que simplesmente a entregaríamos à própria sorte se não firmasse uma aliança formal conosco”.[76] Eulemburgo, que representava os sentimentos de muitos na elite prussiana, sempre achara que essa atitude hostil da Alemanha em relação à Grã-Bretanha era um erro. “Não posso negar que essa nova ação contra Albion me aquece o coração. O cerne do nosso futuro está no comércio internacional, e nesse campo o nosso inimigo mortal é a Inglaterra.”[77] Quanto a Guilherme, reunia em si todas as contradições: queria uma aliança, queria golpear a Grã-Bretanha, queria um império e queria ser popular em seu país.

Uma coisa que aparentemente merecia consenso quase generalizado no Ministério do Exterior alemão, contudo, era a necessidade de falar sem rodeios, de passar ao largo dos floreados absurdos da linguagem diplomática internacional, de promover uma política externa explicitamente agressiva e em interesse próprio e de se mostrar absolutamente transparente a respeito — ao contrário dos britânicos, que enfeitavam sua cobiça com mitos a respeito da pesada missão civilizadora do homem branco. O que parecia encaixar-se na contundente tradição de *Realpolitik* de Bismarck, de quem, passados quatro anos, o Ministério do Exterior alemão começava a sentir certa saudade. Em 1895, Salisbury disse ao novo embaixador britânico em Berlim que “a dureza das comunicações alemãs [tinha] aumentado muito desde a época de Bismarck”, atribuindo-a “ao desejo de homens menores de preservar as tradições do Grande Chanceler”.[78] Talvez tenha sido também uma tentativa subconsciente de imitar os admirados valores militares do exército alemão, perseguindo agressivamente as próprias metas sem desvios nem esmorecimento. Na verdade, essa política era tosca e confusa, tendo mais a ver com a necessidade de aliviar sentimentos e fazer pose do que de obter resultados. Os britânicos nem de longe eram os únicos a notá-lo. Um diplomata britânico em Viena informava em novembro de 1894 que os austríacos se queixavam de que a política externa alemã era determinada por “impulsos súbitos”. Havia “uma total falta de princípio orientador na política externa de Berlim”[79] e uma “completa confusão no Ministério”.

A falta de foco e até o caos tornavam-se característicos da política alemã. O que podia ser constatado até mesmo pelos que militavam no sistema. Holstein queixava-se em particular de que às vezes parecia estar trabalhando num

“governo de opereta”.

O problema estava em que, ao conceber a constituição alemã de 1871, Bismarck deixara grandes buracos e contradições, deliberadamente eximindo-se de definir os poderes precisos e as relações entre os organismos e instituições do comando governamental. Isto lhe permitia exercer um inédito controle de todos os setores do governo. Por exemplo, o exato equilíbrio de poder entre o imperador, o chanceler e o conselho de príncipes nunca fora definido; e havia de fato dois governos centrais — o alemão, com sua assembleia representativa de poder incontrastável, o Reichstag, e o prussiano, dominado por uma facção junker conservadora, com sua própria assembleia, o Landtag, na qual os próprios junkers tinham poder absoluto. O que faltava era um organismo ou um processo profissional sistematizado e abrangente no alto, para coordenar as políticas e o processo decisório, tal como na Grã-Bretanha. O próprio Bismarck cumprira essa função, e Guilherme simplesmente não era competente para seguir seu caminho. “Considerando-se a ausência de uma personalidade dominadora à qual os chefes de departamento (...) ficassem totalmente subordinados, as mais contraditórias opiniões são atualmente propostas nos níveis altos e no mais alto deles”,[80] observou um diplomata alemão um ano após a partida de Bismarck. Provavelmente ninguém teria sido capaz de cumprir essa tarefa — todo ano as funções governamentais se multiplicavam, tornando-se mais complicadas —, mas Guilherme, com sua insistência em que estava no comando, sua instabilidade, sua suscetibilidade a lisonjas e sua aversão a qualquer crítica, agravava a situação. Com a partida de Bismarck, grassava uma “guerra hobbesiana de todos os agentes do governo contra todos os demais”.[81]

O problema não estava apenas no governo, era também uma questão no exército. Praticamente o primeiro ato de Guilherme como cáiser fora dirigir-se ao exército. “O exército e eu nascemos um para o outro”, declarou ele em sua primeira proclamação, “e para sempre estaremos juntos, seja na paz ou na guerra, pela vontade de Deus”.[82] Ele constantemente expressava sua paixão e admiração pelas forças armadas e se identificava estreitamente com elas, passando boa parte da semana em Potsdam, inspecionando os regimentos, redesenhando seus uniformes, participando de manobras de guerra — que invariavelmente deixavam que vencesse. De acordo com a Constituição alemã, ele era o comandante supremo do exército, que se reportava exclusivamente a

ele, e não à nação ou ao governo. Era um poder que Guilherme de bom grado abraçou. Quando se aborrecia, costumava resmungar sobre a possibilidade de usar o exército para dar um golpe de Estado e se livrar do Reichstag. Quando se sentia marcial, descrevia como haveria de conduzi-lo numa batalha. Por trás do pano, os chefes de estado-maior expressavam sua exasperação e achavam graça de suas atitudes. Ninguém no corpo de oficiais tinha qualquer ilusão de que Guilherme pudesse "liderar três soldados numa trincheira",[83] como gostava de dizer seu decepcionado ex-mentor, o general Waldersee. E, tal como se dava em sua relação com o governo, ele era incapaz de apresentar um panorama e uma visão coerentes do planejamento e das políticas militares, e tampouco permitia que alguém o fizesse, rechaçando qualquer tentativa — Caprivi, que era general, fez várias — de submeter o exército ao controle e inspeção do governo. Fora do exército, ninguém, nem mesmo o chanceler, tinha autoridade para ser informado dos planos e intenções dos chefes de estado-maior. Em vez de comprometer sua eficácia — como acontecia no caso do governo, o efeito era tornar os militares alemães ainda mais independentes e assertivos. Isso também estimulava uma cultura introspectiva e solipsista, insuficientemente mediada pelo contato com a Alemanha civil, além de uma série de pressuposições não muito diferentes das encontradas em outros exércitos, porém mais radicais. No corpo de oficiais alemães, a guerra seria cada vez mais considerada inevitável e necessária, sendo traçados planos sem qualquer consideração das realidades políticas ou diplomáticas. Os elementos de tais tendências existiam muito antes de Guilherme. O exército era um dos símbolos mais visíveis e impressionantes da nova Alemanha, e o papel central por ele representado em sua criação gerara em todas as regiões e classes um culto acrítico, cheio de admiração por seus métodos e costumes, que por sua vez também teria efeitos danosos. Mas a identificação de Guilherme com ele, o fato de estimular sua independência e de não reconhecer que isto podia não ser muito sábio exacerbariam tais tendências.

O fim de 1894 assinalou o fim da fase liberal de Guilherme, assim como da explícita tentativa da Alemanha de transformar a Grã-Bretanha em aliada. Caprivi renunciou pela última vez em outubro de 1894, exausto. O governo adernou novamente para a direita. Guilherme movimentou-se para promulgar uma lei de proibição do Partido Social-Democrata — exatamente como Bismarck fizera quatro anos antes —, além de exigir grandes aumentos nos

gastos militares e no serviço militar. O substituto de Caprivi, encontrado por Eulemburgo, foi o príncipe Chlodwig Hohenhole de Schillingfurst, de 75 anos, antigo diplomata e parente distante de Guilherme, com propriedades e simpatias na Rússia, escolhido porque Eulemburgo sabia que estava velho e cansado, inclinando-se por isto a fazer o que lhe diziam. O Reichstag, contudo, manteve-se inarredável como sempre. Os partidos de centro e de esquerda, com os quais Guilherme (e seus assessores) se recusava a lidar, votaram contra o governo. Os principais partidos de direita, os conservadores e os liberais nacionais, que Guilherme esperava aderissem a seus movimentos contra a esquerda, exigiam concessões a seus próprios programas, especialmente os privilégios e o protecionismo que mantinham a classe dos junkers tão influente. Agora, o governo era muitas vezes obrigado a ir mais longe do que realmente pretendia; seus ministros faziam discursos agressivos contra qualquer país que os partidos estivessem detestando no momento e mantinham tarifas elevadas sobre cereais importados — o que encarecia os alimentos para os pobres — a fim de preservar a competitividade dos produtores domésticos. E o tempo todo só aumentava o apoio ao Partido Socialista. Nas eleições de 1893 para o Reichstag, ele obtivera 25% dos votos. As velhas divisões pareciam mais arraigadas que nunca, e o governo de Guilherme, incapaz de tentar resolvê-las e relutante em fazê-lo.

Durante a visita de Guilherme a Cowes em 1895, ficou patente que as relações anglo-alemãs tinham passado da fase da lua de mel. Eduardo queixou-se de que Guilherme agora ficava se pavoneando como se fosse o “chefão de Cowes”,[84] e quando o *Meteor* de Guilherme finalmente venceu o *Britannia* no ano seguinte, ele vendeu seu iate. Guilherme, enquanto isso, sofria porque a família inglesa não se mostrara entusiástica com sua primeira semana de regatas em Kiel. No fim das contas, Jorge acabou comparecendo com relutância às comemorações absurdamente dispendiosas (uma ilha foi construída no meio de um lago nas proximidades de Hamburgo, por apenas uma semana, para o banquete de gala que Guilherme ofereceu a seiscentas pessoas), mas anunciou sem rodeios que não poderia aceitar títulos honoríficos. Guilherme tomou isto como uma desfeita e acusou Alexandra de ter conspirado nesse sentido.[85]

Em Cowes, os integrantes de seu entourage viam insultos britânicos por toda parte. “O velho e gordo Gales mostrou-se de novo inacreditavelmente grosseiro com SM”,[86] escreveu um deles a Holstein. O próprio Guilherme estava longe de

ser um modelo de tato. Durante um coquetel a bordo do *Hohenzollern*, cheio de convidados ingleses importantes, ele teria chamado Bertie de “velho pavão”.[87] Levou uma banda de trinta músicos que, sem ser convidada, se apresentava nas menores oportunidades, e dois novos e impressionantes navios de guerra alemães, que bloquearam a passagem do iate e dispararam uma salva de 21 tiros de canhão, conferindo à visita um caráter oficial que não deveria ter. No aniversário da vitória prussiana sobre os franceses em 1870, ele fez em discurso o elogio da supremacia do exército alemão. A imprensa britânica mostrou-se duramente crítica. Até então pró-alemão, o *Standard* sugeriu que o cáiser voltasse para casa antes de insultar mais alguém, comentário de que Guilherme ainda se lembraria cinco meses depois, quando disse à rainha que o jornal havia sido “muito indelicado”[88] com ele.

Para agravar as coisas, lorde Salisbury, recentemente reeleito primeiro-ministro, deixou de cumprir a própria recomendação de que o cáiser fosse tratado “como uma mulher ciumenta que insiste na devoção exclusiva de todos os admiradores”.[89] Chegou duas horas atrasado para um encontro com ele. A audiência fora arranjada para que discutissem a Questão Oriental, o aparente colapso iminente do Império Otomano e como impedir que ele provocasse o caos na Europa oriental. Salisbury tinha um plano para a partilha de seus territórios. Guilherme — entre furiosas piadinhas sobre a impontualidade do primeiro-ministro — mostrou-se desdenhoso. Salisbury, taciturno e impenetrável. No dia seguinte, o cáiser decidiu que queria discutir novamente a questão. Salisbury não apareceu. Alegaria mais tarde, em meio a muitas desculpas, que tivera naquele momento um encontro com a rainha, não recebera a mensagem e fora apanhado pela chuva. Guilherme voltou a convocá-lo. Dessa vez, ele não apareceu sob a alegação de que tinha de estar em Londres mais cedo. Ninguém acreditou inteiramente nele, especialmente o cáiser.[90] Um dos menos devotados membros do séquito de Guilherme disse a Holstein que achava que o primeiro-ministro simplesmente não suportaria encontrar-se novamente com o cáiser.[91]

Ainda assim, o séquito e os ministros de Guilherme continuaram a se preocupar com a suscetibilidade do chefe com a Inglaterra. “Espero sinceramente que Sua Majestade logo retorne (...) pois temo seriamente a influência inglesa”,[92] escreveu um dos membros do séquito a Holstein.

******** O bigode ficou tão famoso que uma espécie de macaco sul-americano dotado de abundantes costeletas foi batizado de “sagui-imperador” em sua homenagem, embora, estranhamente, suas costeletas se enroscassem para baixo.

******** Filha da filha mais moça de Vitória, Helena, e de Cristiano de Schleswig-Holstein. O casamento foi um desastre: Ariberto a tratava de maneira chocante e quase certamente era homossexual. Os dois se separaram em 1900.

7. A pérfida Moscóvia (1895-7)

Todo mundo ficou empolgado com a subida de Nicolau II ao trono. Os russos mais educados ansiavam por uma liberalização. As tentativas do governo de impedir mudanças sociais e a incompetente indiferença com que lidou com a terrível fome do início da década de 1890 o haviam desacreditado terrivelmente, e as políticas de russificação de Alexandre haviam desencadeado furiosos movimentos separatistas nas regiões mais remotas do império. Fora da Rússia, no entanto, as expectativas eram ainda maiores. Tanto a rainha Vitória quanto o cáiser esperavam que o jovem tsar se inclinasse para eles, convencidos de que a chave da questão estaria nas relações entre as famílias reais. Os britânicos — inspirados pela triunfal visita de Eduardo à Rússia — achavam até estar diante das sementes de uma autêntica liberalização. "Os primeiros atos do novo reinado apontam para medidas liberais", informara à rainha o camarista do príncipe de Gales, Arthur Ellis, "suspensão da censura aos telegramas (...) para desalento e perplexidade dos ultraconservadores".[1] O tsar dissera a uma delegação da muito perseguida Polônia que "todos os seus súditos eram iguais e equivalentes aos seus olhos". "Como deixar de admirá-lo", escrevia em seu diário seu primo em segundo grau Constantino Romanov, "tanta simplicidade, tanta calma, o recato em que se percebe tanta majestade e particularmente aquele olhar claro, profundo e expressivo não podem deixar de encantar e cativar".[2] A verdade era que Nicolau de tal forma se apresentava como uma tela em branco, tão desconhecido, exceto pelos muitos admirados encanto e gentileza pessoais, que era fácil projetar nele todas as fantasias e desejos.

Na Rússia, a ilusão não durou muito. Em fevereiro de 1895, uma polida delegação do *zemstvo* da província de Tver solicitou ao tsar que "a expressão das necessidades e do pensamento não só da administração, mas também de todo o povo russo possa chegar às alturas do trono". O embaixador britânico em São Petersburgo observou que suas palavras haviam sido "vazadas na mais leal linguagem, expressando apenas a esperança de que o *zemstvo* pudesse revelar-se o meio de comunicação direta entre Sua Majestade e o povo".[3] Mas o ministro do Interior dissera ao tsar que se tratava de um desrespeito a suas prerrogativas, além de uma crítica implícita às políticas do seu pai. Nicolau decidiu que se

tratava de um perigoso precedente, uma tentativa de participar do governo. Respondendo à petição do *zemstvo*, ele disse que eram "sonhos absurdos". "Preservarei o princípio da autocracia com a mesma firmeza e determinação, como se fosse preservada por meu inesquecível pai", acrescentou. Nos círculos governamentais, acreditava-se que o discurso fora escrito pelo assessor mais reacionário de Alexandre III, Pobedonostsev. "O discurso causou uma impressão muito desfavorável",[4] escreveu o embaixador britânico; "a impressão mais inquietante",[5] reforçava um diplomata russo. O fato era que, ao longo dos séculos, a chegada de um novo tsar sempre gerava fantasias de liberalização e reforma, invariavelmente decepcionadas.

Seja como for, o tsar continuou a manifestar especial apreço pelos "parentes ingleses", dizendo ao embaixador britânico que queria muito manter "relações cordiais com a Inglaterra"[6] e que, como já não havia qualquer divergência de opinião entre os dois países, eles deviam atuar "em perfeita harmonia" para resolver os problemas mundiais. No ano-novo de 1895, ele escreveu entusiasticamente a Eduardo a respeito da delegação do regimento dos Scots Grey Guards que lhe levou seu novo uniforme: "Eu os acho tão simpáticos. (...) Nem posso dizer como fiquei orgulhoso e satisfeito."[7] Não muito depois, a Rússia e a Grã-Bretanha iniciaram negociações para resolver suas disputas em torno das fronteiras do maciço do Pamir, no Himalaia. Para deixar bem clara essa nova proximidade, um retrato da rainha foi pendurado sobre a lareira da sala de estar privada da tsarina. Alix e a rainha se correspondiam com frequência,******** e a rainha passou a escrever regularmente à "Queridíssima Vicky", assinando "Vovó", perguntando sobre a saúde da "pobre e querida Alicky" e oferecendo migalhas de fofocas da família. Quando nasceu sua primeira filha, Olga, em novembro de 1895, o casal imperial pediu à rainha que fosse sua madrinha. O *Daily Telegraph* escreveu que o nascimento "seria recebido com muito interesse amigável em nosso país, onde tudo que diga respeito ao presente e ao futuro da Rússia é objeto de uma apreciação inteligente e cheia de simpatia".[8] Parecia perfeitamente natural que essa cordialidade levasse a uma nova atitude nas relações anglo-russas.

Nesse espírito de esperançosa cooperação, o governo britânico começou a convidar os russos a trabalhar com ele. Pediu-lhes que pressionassem o governo otomano, que em 1894 e 1895 se havia envolvido numa série de massacres de

armênios, um grupo étnico cristão em campanha pela autodeterminação no interior do império turco. Os russos declinaram. No início de 1895, Londres pediu-lhes que apoiassem a proposta de um armistício no Extremo Oriente, onde os chineses, tendo provocado uma guerra com o Japão, haviam sido fragorosamente derrotados e imploravam ajuda às Grandes Potências. Os russos foram evasivos; na verdade, era impossível conseguir uma resposta. Os pedidos não eram absurdos: a Rússia há muito se apresentava como defensora dos cristãos no Império Otomano. Quanto ao Extremo Oriente, não era do interesse de nenhuma potência ocidental permitir que o Japão estabelecesse uma cabeça de ponte na China, a última grande ameixa por descaroçar no mundo colonial, e que também ficava às portas da Rússia. Os britânicos ficaram decepcionados. Em seguida, os dois países discutiram em abril de 1895, quando os russos — subitamente se dando conta de que os japoneses planejavam anexar a província chinesa setentrional da Manchúria, que também cobiçavam — exigiram que os britânicos apoiassem sua campanha para expulsá-los. Dessa vez, os britânicos se recusaram. Não viam motivo para alienar a nova potência *de facto* em ascensão no Extremo Oriente, considerando que os interesses britânicos não eram diretamente ameaçados.[9] Lorde Rosebery tomou o cuidado, contudo, de dizer não com "grande delicadeza", evitando "bater a porta com estrondo". Os russos não ficaram propriamente sensibilizados. O embaixador em Londres, o barão Georges de Staal, figura bem estabelecida na cena social da capital, habituado a jogar cartas com o príncipe de Gales, queixou-se, irritado, de que Rosebery estava apenas dando força ao partido antibritânico russo, que "agora exclamaria: ‘Exatamente o que sempre dissemos, que a Inglaterra nos deixaria no desamparo ao menor incômodo’". A imprensa russa criticou a Grã-Bretanha e sua recusa de ajudar na expulsão dos japoneses: típica hipocrisia, dizia-se.

A rainha Vitória escreveu a Nicolau, assegurando-lhe que "eu & meu governo lamentamos profundamente não ter podido participar da Representação da Rússia e das 2 outras Potências ao Japão, mas o sentimento era tão forte em nosso País que parecia impossível".[10] Mas ela não conseguiu resistir a se queixar de

> Alguns dos mais violentos e ofensivos artigos contra a Inglaterra nos jornais russos, *assinados* (...) pelo cavalheiro (cujo nome eu não consigo me lembrar no momento [o príncipe expansionista russo Aleksandr Ukhtomsky]), mas que o ajudou na redação do relato de sua viagem pela Índia. Esses

> [artigos] foram traduzidos para os jornais ingleses e nem preciso dizer que suscitaram um sentimento de raiva. Mas o pior de tudo é que dizem que ele é *seu amigo* e goza da *sua confiança*, e o que eu mais anseio é que seja *divulgado* que *o senhor nada sabe* desses artigos e os *desaprova*, e estou certa de que não se importará por lhe escrever tão francamente.

"Devo dizer que não posso impedir que as pessoas publiquem abertamente suas opiniões nos jornais",[11] respondeu Nicolau. Na verdade, a imprensa russa era a mais controlada pelo Estado e a mais rigorosamente censurada do mundo. "Quantas vezes não me preocupei por ler nas gazetas inglesas afirmações bastante injustas em relação ao meu país! Até livros constantemente me são enviados de Londres, interpretando mal nossos atos na Ásia, nossa política interior etc. Estou convencido", concluía ele, com severidade, "de que há uma pequena hostilidade deliberada nesses textos, assim como nos acima mencionados". Era verdade que certos setores da imprensa britânica regularmente atacavam o regime russo. Em outubro de 1895, o *Times* publicou o relato de Liev Tolstói sobre a brutal perseguição contra a seita pacifista Dukhobor, que vira membros seus serem espancados e passarem fome por se recusarem a prestar o serviço militar. Como tantos em Estados autocráticos, Nicolau estava convencido de que, não obstante a insistência britânica em contrário, o governo britânico controlava a imprensa e as queixas da rainha eram hipócritas. A hostilidade da imprensa russa contra a Grã-Bretanha em nada mudou. Em novembro, o mesmo mês em que a rainha tornou-se madrinha da filha do tsar, o embaixador britânico de saída do cargo, sir Francis Lascelles, disse ao tsar, em sua última audiência, que os britânicos achavam tudo isto "desalentador", acrescentando, com habilidade, que tais artigos "não seriam escritos se não fossem agradáveis à maioria das pessoas" — referindo-se àqueles que controlavam a imprensa, ou seja, o governo. O imperador limitou-se a dizer que "a imprensa tinha muito pouca importância na Rússia".[12]

No outono, poucos meses depois de terem os dois países assinado um acordo sobre o Pamir, o Ministério do Exterior britânico recebeu relatórios dando conta de que tropas russas tinham sido avistadas na fronteira com o Tibete. Seguiram-se boatos — constantemente negados pelo ministro do Exterior russo, o príncipe Lobanov-Rostovski, um aristocrata dos mais solenes, inteligente e algo arrogante, originário de uma família rica de São Petersburgo, mas confirmados por fontes chinesas — de que eles tinham feito um "empréstimo" secreto de 8

milhões de libras aos chineses, que enfrentavam dificuldades de caixa e que, tendo perdido o conflito com o Japão, deviam pagar uma enorme indenização de guerra. Em troca, os russos exigiam concessões comerciais e o direito de estender a ferrovia Transiberiana pela Manchúria, a grande província setentrional chinesa que adentrava profundamente pela Sibéria. Os britânicos detestavam a ideia da Rússia farejando em volta da China, onde tinham ganhado muito dinheiro estimulando o governo imperial com seus próprios empréstimos, vendendo produtos britânicos aos chineses (especialmente ópio) e em troca dos empréstimos assumindo o controle da alfândega chinesa. Eles temiam que uma partilha ou uma corrida colonialista como a da África comprometesse sua posição na região. Decidiram que o suave e irritantemente evasivo príncipe Lobanov era "no fundo inamistoso".[13] Depois de um ano de negociações, o embaixador britânico afirmava que ele ostentava "uma desconfiança quase doentia da Inglaterra e das maquinações britânicas".[14] Em 1896, os britânicos descobriram que a Rússia estava, no dizer da rainha, "insuflando a França contra nós a respeito do Egito".[15] Parecia que apesar dos calorosos protestos de amizade da Rússia, nada mudara realmente. Quando a rainha encontrou-se com a mãe de Nicolau, Minny, em sua viagem anual ao sul da França, em abril, disse-lhe que estava "muito infeliz" por ver que as coisas pareciam piores então do que na época de Alexandre, e "implorou-lhe que não o mencionasse a Nicky".[16]

Para sermos honestos, era difícil saber o que estava acontecendo no governo russo. Um dos motivos era o fato de o funcionamento da administração ser caótico. De maneira não muito diferente da Alemanha, a política governamental não era coordenada por nenhum órgão; os ministros se reportavam individualmente ao tsar, agiam unilateralmente e não raro em contradição uns com os outros. A intriga campeava. Outro motivo era que, como tantas autocracias, o regime não sentia grande necessidade de se explicar aos súditos — ou a quem quer que fosse. A imprensa, estritamente controlada pelo governo, reproduzia propaganda oficial ou não era digna de crédito. Não tinha nem de longe a autoridade da imprensa britânica, que cobria e analisava as questões governamentais, os debates e as políticas oficiais. Em sua comunicação com as potências estrangeiras, o governo russo jamais revelava discordâncias internas ou os motivos de alguma demora, aparentemente não se sentindo na obrigação de ser claro e objetivo. O presidente americano Theodore Roosevelt diria,

cansado, que se tratava de "um governo que elevou a mendacidade à condição de ciência".[17] Quando o embaixador alemão em São Petersburgo queixou-se de que um ministro russo jamais fora honesto com ele, Guilherme anotou no relatório: "Nada de exigências impossíveis! Nenhum russo jamais o fez!"[18]

Outro motivo para a falta de transparência russa era o fato de o próprio Nicolau ser extraordinariamente inacessível — ao contrário de Guilherme, cujas intermináveis opiniões eram reproduzidas na imprensa e que dava uma passada na embaixada britânica para aliviar a pressão sempre que julgava necessário. Desde o início, o novo tsar recuou diante da atenção pública. Era extremamente difícil saber até que ponto se mostrava ativo no governo — se estava tomando as decisões ou se deixava o governo nas mãos de um grupo de ministros — e quais eram suas posições a respeito de toda uma série de questões políticas. Seu verdadeiro jeito de ser não parecia menos misterioso. O boato de que "o tsar bebe", segundo informava o embaixador alemão Holstein em novembro de 1895, era "uma pista falsa. Transpirou que ele se desentendera com o irmão, que bebia muito (...)".[19] Na verdade, Nicolau era um mistério até para seus ministros. Raramente perdia a paciência, falava com calma, evitava o confronto e os temas difíceis e quase nunca discordava diretamente ou contradizia alguém com quem estivesse conversando, ainda que discordasse completamente. Era, segundo escreveria seu ministro das Finanças, Serguei Witte, "exasperantemente polido".[20] Ele "dominava no mais alto grau", observou um diplomata russo, "a arte de concordar com o interlocutor de maneira a fazê-lo acreditar que ficara muito impressionado e perfeitamente convencido de que ouvira — um tipo de lisonja extremamente delicado".[21] Muitas vezes era o contrário que ocorria. Olga, a irmã de Nicolau, considerava que essa impenetrável cortesia se transformara num escudo para ocultar a constante "tensão nervosa" e a angústia que ele sentia por sua inadequação para a função. "A grã-duquesa considerava que a apatia do imperador era uma máscara que ele usava para esconder seus sentimentos; [ela disse] ‘(...) nenhum deles [os próximos] sabia que seu tsar sentia tudo tão profundamente que tinha medo de sofrer um colapso em público (...) talvez só Alicky e eu soubéssemos como ele sofria profundamente e vivia preocupado’.[22]" Naturalmente, essa atitude o distanciava ainda mais das pessoas com quem lidava, como se ele tivesse integrado a sua individualidade às barreiras físicas antepostas ao mundo em sua infância, tratando de erigir outras

ainda. Não surpreendia, assim, que os diplomatas recorressem às fofocas, sondando correspondentes estrangeiros e avaliando os resmungos dos ministros em relação aos próprios programas. "Nada aqui permanece em segredo por muito tempo", escreveu um veterano diplomata britânico, "a dificuldade aqui é distinguir a verdade das mentiras".[23]

A verdade é que Lobanov de fato nutria uma tradicional hostilidade russa em relação aos britânicos e os russos efetivamente tentavam insinuar-se junto à China. Lobanov recusara-se a cooperar com os britânicos na questão dos massacres de armênios por estar convencido de que a Grã-Bretanha queria insuflar a tensão na Europa Oriental e esperava apoderar-se de uma considerável parte da Turquia se o Império Otomano ruísse por si só. Os britânicos tinham o mau hábito de mobilizar suas tropas por questões morais para em seguida acidentalmente invadir — como haviam feito no Egito em 1882. Acontece também que os russos tinham em seu território uma comunidade armênia e não desejavam insuflar exigências de autodeterminação em casa estimulando os armênios da Turquia. Além disso, apesar das palavras de Nicolau sobre o fato de os dois países não terem de fato áreas de conflito, o governo russo estava ansioso por promover uma política expansionista na Ásia e no Extremo Oriente, onde a Grã-Bretanha era o principal rival imperial da Rússia. Só não o fazia por falta de recursos. O ministro das Finanças russo, Serguei Witte, talvez o funcionário mais inteligente do governo de Nicolau, havia contudo analisado a maneira como os britânicos adquiriram suas colônias e mercados sem exércitos e no barato — através da "penetração pacífica" — e estava seguindo seu modelo, com empréstimos e ferrovias. Ele se considerava um novo imperialista econômico, ao contrário da maioria dos membros da elite governante russa, que encaravam o império basicamente em termos de exércitos, status e territórios. Havia uma certa ironia no fato de que, para fazer empréstimos aos chineses, ele por sua vez precisava tomar gigantescos empréstimos aos franceses. Tal como os britânicos, Guilherme alimentava esperanças de quebrar o gelo entre a Rússia e a Alemanha. Em meados de 1894, a Alemanha assinara com a Rússia um tratado de comércio que reduzia as tarifas alemãs sobre os cereais russos. (Uma de suas consequências fora enfurecer os partidos junkers, mas isto, por enquanto, era uma outra história.) Guilherme planejava dar prosseguimento ao degelo com uma nova amizade com o "encantador, agradável e querido" Nicolau.[24] "Posso

apenas reiterar a expressão de absoluta confiança em você e a certeza de que sempre cultivarei as velhas relações de amizade mútua com a sua Casa, na qual fui criado por meu avô",[25] escrevera ele ao jovem tsar uma semana depois da morte de Alexandre, que ele não pranteara. Guilherme estava convencido de que, se conseguisse apelar para os instintos monárquicos de Nicky, encantá-lo com sua personalidade e seu jeito afirmativo numa discussão, as naturais simpatias alemãs do tsar viriam à superfície. Ele deixaria de lado a aliança com os franceses, pararia de flertar com os britânicos e se atiraria nos braços da Alemanha. Guilherme decidiu que o melhor veículo para sua nova diplomacia seria uma correspondência secreta — imperador a imperador —, na linha das cartas que mandara inicialmente a Alexandre III. Nem mesmo Eulemburgo ficaria sabendo. (Logo, no entanto, o amigo do cáiser deu-se conta de que algo estava acontecendo. "Nossas relações com o novo tsar não me agradam nem um pouco, e venho observando com real preocupação a política da família de SM",[26] escreveu.) Embora tivesse escrito a Alexandre em francês, a língua tradicional da diplomacia russa (os embaixadores russos ainda redigiam seus relatórios em francês) e um legado da admiração tsarista pela França pré-revolucionária, Guilherme escrevia a Nicolau em inglês. O motivo, à primeira vista, não parece muito claro. Nicolau certamente era fluente em alemão. É possível que Guilherme tivesse rejeitado o francês para demonstrar seu desprezo por tudo que se referisse à França, tendo optado pelo inglês por ser território neutro para ambos.

Assim como tentara voltar Alexandre contra os britânicos, em sua primeira carta, de fevereiro de 1895, Guilherme denunciava a mais recente administração francesa por "abrir as portas para os piores malfeitores que o povo com dificuldade conseguira botar na prisão". Ele cumprimentava Nicolau por sua atitude dura com o *zemstvo* de Tver: "Fico tão feliz de saber do decisivo discurso que fez outro dia a delegação, em resposta a certas reivindicações de Reforma!" Queixava-se de que o Reichstag se comportava "da pior maneira possível, oscilando para trás e para a frente entre os socialistas insuflados pelos judeus e os católicos ultramontanos; ambos partidos que logo deverão ter todos os seus membros enforcados, até onde posso ver". E considerava que o governo liberal britânico entrara em colapso, "em meio ao escárnio geral! Em suma, por toda parte o ‘principe de la Monarchie’ é chamado a mostrar sua determinação".[27]

Nem de longe o cáiser era o único alemão que acreditava que a Alemanha poderia e deveria separar a Rússia da França. "Tenho grande esperança, por sinal, de que as simpatias alemãs pelo tsar venham à tona (...)", escrevia o embaixador alemão em Paris a Holstein. "O caso de amor perfeitamente antinatural entre a República [França] e o tsar absoluto é como o filho bastardo de uma leoa e de um tigre, não sendo produto do amor, mas do mal."[28]

Enquanto os britânicos se recusavam a aderir à campanha da Rússia para expulsar os japoneses da Manchúria, a Alemanha a apoiava ostensivamente. Mais que isto, Guilherme exortou Nicolau a um esforço maior no Extremo Oriente: assumir "a grande missão", "cultivar o continente asiático e defender a Europa das incursões da grande raça amarela".[29] O segundo objetivo de sua correspondência diplomática, segundo informava ao Ministério do Exterior, era "prender a Rússia na Ásia oriental, para que ela preste menos atenção na Europa e no Oriente próximo".[30] Ele disse a Nicolau que faria "tudo que estiver ao meu alcance para manter a Europa tranquila e também para proteger a retaguarda da Rússia, para que ninguém comprometa sua iniciativa". Propôs que se encontrassem naquele verão em seus iates para "ter uma conversinha tranquila entre nós dois (...) seria tão agradável".[31] Reiterou a várias personalidades russas em visita sua oferta de defender a frente ocidental da Rússia se houvesse uma guerra no Oriente, eximindo-se no entanto de informar a qualquer de seus ministros que o havia feito. Essa promessa era extraordinariamente grave, pois presumivelmente contemplava a possibilidade de enfrentar a Áustria, se necessário. Ao finalmente descobrir, Eulemburgo ficou horrorizado. "Sua Majestade *comprometeu-se então — sem Hohenlohe*. Isto gera ainda mais problemas para eu resolver, o que me enche de *apreensão*! (...) Se Hohenlohe tomar conhecimento da carta por alguém *que não seja eu*, ele se irá [renunciará] imediatamente. E no entanto ele *deve* ser informado a respeito!"[32]

As promessas e juras de intimidade de Guilherme, contudo, nada aportaram de concreto da parte dos russos, apenas a incansável polidez de Nicolau. Ele se derramava em gentilezas com todos os alemães, inclusive o chanceler, enviado por Guilherme para prestar suas homenagens, e se queixava, com satisfação, da deslealdade dos ingleses.[33] Mas não houve qualquer afastamento em relação à França. Na verdade, Lobanov fez, em setembro de 1895, uma visita de grande aparato a Paris, da qual Guilherme se queixou longamente, entre outros, com o

próprio ministro do Exterior, e também, repetidas vezes, com o tsar. A visita de Lobanov estimulara aqueles "malditos patifes",[34] os franceses, a começar a movimentar tropas perto da fronteira, queixava-se uma carta. "Um belo dia, meu querido Nicky, você haverá de se ver *nolens volens* envolvido subitamente na mais terrível das guerras jamais vista na Europa! E as massas e a história haverão de identificar em você a causa dela", escreveu ele, dias depois. "(...) Pense na terrível responsabilidade pelo chocante derramamento de sangue!" A carta era acompanhada de um desenho alegórico, "Contra o perigo amarelo", feito por Guilherme (ele fora na verdade "esboçado" por ele e "concluído" pelo pintor Hermann Kanckfuss), no qual a Alemanha, de espada e escudo em punho, preparava-se para defender a Rússia — uma linda mulher, recostada nos braços da Alemanha —, enquanto a Inglaterra e a França recuavam, confundidas pela fumaça e as chamas provenientes de uma vasta planície mais abaixo, onde massas sem rosto sustentavam no alto um buda e um dragão chinês. Poucas semanas depois ele enviou um ajudante de campo a São Petersburgo para reiterar sua advertência, juntamente com mais uma carta advertindo Nicolau sobre "os riscos apresentados ao nosso Princípio do Monarquismo pela elevação da República num pedestal, de um jeito que demonstre amizade. (...) Nicky, ouça o que estou dizendo, a maldição de Deus se abateu sobre o Povo para sempre!".********[35]

Nicolau continuava sorrindo. Em novembro, Guilherme começava a perder a paciência. "SM começa a ficar muito irritada com o tsar", escreveu Holstein ao novo embaixador alemão em São Petersburgo, o príncipe Radolin, "por causa das frias e reiteradas recusas (...)".[37]

A verdade era que o governo russo não queria alienar os alemães, mas tampouco desejava abandonar a aliança com os franceses. Estes se haviam revelado úteis. Podiam ser horripilantemente republicanos (que era como o regime russo os encarava), mas isto vinha a ser compensado por sua disposição de fornecer os gigantescos empréstimos de que o Estado russo dependia, quando Bismarck se recusou. Eles tinham a mesma desconfiança dos russos em relação à Grã-Bretanha, e sobretudo sua antipatia pelos alemães fazia com que a Rússia contasse com um aliado confiável para contrabalançar a Alemanha na Europa. A eslavofilia conquistava terreno no governo e na corte, onde influentes personalidades conservadoras como o grão-duque Sérgio, tio e cunhado de

Nicolau, que outrora teria encarado a Alemanha como uma aliada ideológica, a considerava agora como uma rival política, territorial e ideológica.

Quanto aos encantos pessoais de Guilherme, Nicolau sabia perfeitamente da desconfiança dos próprios pais em relação ao cáiser. A aversão de Minny certamente desempenhara um papel, mas o próprio Nicky ficava irritado com as tentativas de manipulação do cáiser, insistentes e não raro brutalmente óbvias. Achava-o arrogante. "Recebi Moltke, o ajudante de campo, que me trouxe uma carta e um desenho do irritante Monsieur Guilherme",[38] anotou ele em seu diário depois de mais uma das urgentes missivas de Guilherme, em setembro de 1895. Ele diria a lorde Salisbury que considerava Guilherme nervoso e excitável, e "como um homem tranquilo (...) não suportava homens nervosos. Não aguentava uma conversa longa com o imperador Guilherme, pois nunca sabia o que ele faria ou diria. Creio tê-lo ouvido dizer que as maneiras do imperador Guilherme eram condenáveis; que gostaria de esmurrá-lo nas costelas e bater-lhe nas costas, como um escolar".[39] Alix tampouco tinha algo de bom a dizer sobre Guilherme. Embora Guilherme gostasse de assumir o crédito por ter propiciado sua união com Nicolau, ela tinha, de suas visitas a Hesse-Darmstadt na infância, a lembrança de que ele se mostrava rude e mandão.[40] Ele fora grosseiro com o pai dela, uma das poucas personalidades da vida pública que se haviam posicionado ao lado de Vicky após a morte do pai dele, assim como com seu irmão Ernie; e ela não o perdoava e a Dona por terem publicamente chamado sua irmã Ella (pela qual Guilherme tivera na infância uma paixonite) de "traidora da própria fé e da Pátria",[41] por se converter à ortodoxia russa.

Havia em Nicky, contudo, uma parte suscetível a Guilherme. Este era uma das poucas pessoas que entendiam como era ser imperador, mostrando uma estranha capacidade de se concentrar nas preocupações e vulnerabilidades das pessoas. O "princípio monárquico" era uma das poucas ideias supranacionais que interessavam a Nicky. Como tantos russos das classes superiores, ele se sentia mal com a aliança com a França republicana e instintivamente desconfiava dos britânicos. Havia momentos em que as iniciativas de Guilherme feriam uma nota e nos quais Nicolau se sentia inclinado a abrir o coração com o imperador alemão. "Concordo perfeitamente com o que diz sobre os britânicos no fim de sua carta", respondia Guilherme a uma queixa de Nicky. "Suas fanfarronadas contra nós os tornam supremamente ridículos."[42] E tampouco seria impensável

um movimento em direção da Alemanha. Entre as muitas facções no interior do governo russo havia uma pró-alemã da qual faziam parte homens como o grão-duque Vladimir, o tio germanófilo de Nicky, assim como o ministro da Corte do tsar, o conde Fredericks, que considerava a Alemanha "o último reduto da ideia monárquica; precisamos dela exatamente como ela precisa de nós".[43] O ministro das Finanças, Serguei Witte, considerava que a Rússia devia manter-se em bons termos com a vizinha, no mínimo para diminuir as vastas somas gastas na defesa da fronteira com a Alemanha desde o fim do Tratado de Resseguro em 1890.

Em 1896, tanto os alemães quanto os britânicos sentiam-se frustrados por não terem conseguido progressos com os russos. Em vez de culpar o tsar, eles atribuíam a responsabilidade a seus ministros, especificamente o do Exterior, Lobanov. Guilherme e Holstein chegaram à conclusão de que o tsar era "indiferente" à política[44] e de que Lobanov é que geria a política externa; eles o consideravam um protegido da imperatriz, vendo-a como notoriamente antialemã. Mas a verdade era que as opiniões de Nicolau não podiam ser separadas das de seu ministro do Exterior, e ele gostava de Lobanov, reconhecidamente inteligente e divertido. Os dois compartilhavam a xenofobia algo distraída que parecia caracterizar a corte russa e o Ministério do Exterior. O tsar chamava os japoneses de macacos amarelos e conseguia perfeitamente distinguir seus sentimentos em relação aos primos ingleses da instintiva desconfiança da Inglaterra — e da Alemanha. Quando a Rússia fez seu empréstimo ao governo chinês em 1895, Nicolau ficou encantado, queixando-se apenas, em seu diário, de que tivesse sido retardado pelas "intrigas dos britânicos e dos alemães contra Pequim".[45]

Mas os britânicos e os alemães preferiram ver o tsar como queriam que fosse: um homem bom, basicamente favorável a eles. Até o mais destacado especialista em Rússia da Grã-Bretanha, Donald Mackenzie Wallace, considerava Nicolau um homem de "fortes simpatias humanitárias"[46] e sentimentos de calorosa cordialidade em relação à Grã-Bretanha, que não gostava de Lobanov mas acabara cedendo com relutância a sua "grande experiência diplomática e sua reputação mundial". Guilherme, enquanto isso, considerava Nicolau um inocente que precisava ser defendido das manipulações de seus ministros e da família.

Os alemães descobriam que o problema de terem chegado atrasados ao banquete colonial era que todo mundo já tinha fincado suas bandeiras, especialmente na

África. Manter-se ao largo seria resignar-se a umas poucas colônias sem importância, ir em frente significava entrar em conflito com outros construtores de impérios; os conflitos coloniais tinham se tornado o tema de praticamente todas as disputas com a Grã-Bretanha. Em novembro de 1895, numa caçada de despedida, o embaixador britânico que se retirava de Berlim, sir Edward Malet, disse ao ministro do Exterior alemão, Marschall von Bieberstein, que estava satisfeito com o curso geral das relações anglo-alemãs (deixando de lado, naturalmente, a questão proibida da desastrosa visita de Guilherme a Cowes naquele verão). Mas havia, arriscou, um único "ponto negro": a rivalidade dos dois países na África do Sul, especificamente no Transvaal, o enclave ali administrado pelos bôeres, descendentes dos colonos holandeses brancos. O império britânico, através da Companhia Britânica da África do Sul, de Cecil Rhodes, controlava o resto da África do Sul. A república dos bôeres parecia uma irritante anomalia a construtores de impérios como Rhodes. O fato de ter sido encontrado ouro em seu território também a tornava alvo de cobiça. Mas os alemães também tinham seus interesses. Eram um dos maiores investidores no minúsculo Estado, conhecidos por sua simpatia pelos bôeres; haviam-lhes oferecido apoio diplomático e econômico; Krupp também lhes vendia armas. Sua principal colônia, a África do Sudoeste, não ficava distante. Com o estímulo dos próprios bôeres, sabedores de que o poderio alemão poderia ajudá-los frente a um governo colonial britânico cada vez mais intimidante, falava-se da transformação do Transvaal em protetorado alemão. A ideia de uma rica cabeça de ponte na África do Sul excitava Guilherme e o lobby colonial alemão. Os britânicos, nem é preciso dizer, detestavam a ideia. Malet disse a Marschall que se sentia na obrigação de assinalar que poderia haver "sérias consequências"[47] se a ajuda alemã tivesse prosseguimento. Marschall respondeu que os alemães não podiam fazer nada se os bôeres detestavam os britânicos.

A conversa aparentemente ficou por aí, mas quando Guilherme recebeu um relatório a respeito, ficou furioso. Disse a Nicolau que o embaixador dera um ultimato à Alemanha e fora "antidiplomático a ponto de pronunciar a palavra ‘guerra’".[48] Era um momento em que nada parecia dar certo, e Guilherme mostrava-se particularmente suscetível. O Reichstag rejeitara um projeto de lei com o qual ele se havia publicamente comprometido; seus ministros — cansados de suas interferências erráticas — tinham para variar decidido agir coletivamente

e ameaçavam renunciar para conseguir o que queriam; parecia possível que o obrigassem a adotar limites constitucionais. Seus frequentes acessos de fúria tinham levado Eulemburgo a temer por sua sanidade mental, e pelo menos um ministro se perguntava em voz alta se ele seria "inteiramente normal".[49] Convocando o coronel Swaine, o adido militar britânico,******** Guilherme queixou-se amargamente de que, depois de rejeitar sua amizade, a Grã-Bretanha agora o ameaçava. As "assombrosas acusações" de Malet, disse, eram a última gota. "Por causa de alguns quilômetros quadrados cheios de negros e palmeiras, a Inglaterra ameaçou declarar guerra a seu único verdadeiro amigo, o imperador alemão", afirmaria ele próprio ter dito. Completamente apanhado de surpresa, Swaine garantiu-lhe que devia haver algum mal-entendido. Não, insistiu Guilherme, aquilo estava perfeitamente coerente com a maneira como "a imprensa governamental" britânica se havia "comportado de maneira absolutamente injustificável em relação a mim. A Alemanha e a Tríplice Aliança eram constantemente caluniadas e provocadas". Mas era a Inglaterra que estava cometendo um erro. A Inglaterra se havia isolado completamente com "seu egoísmo e suas intimidações". Mais cedo ou mais tarde, a Grã-Bretanha teria de escolher: a Alemanha e a Tríplice Aliança ou o outro lado. "O coronel pareceu profundamente abalado e afetado",[50] concluía Guilherme seu relato da conversa.

Alertado sobre a indignação de Guilherme, Salisbury enviou uma mensagem afirmando que as palavras de Malet, quaisquer que fossem, não tinham valor oficial. O cáiser, acalmado, ficou achando que sua habilidade diplomática e sua eloquência tinham sido capazes de arrancar um pedido de desculpas. A conclusão era desmentida pelas instruções transmitidas por Salisbury ao novo embaixador britânico em Berlim, sir Francis Lascelles, que acabava de chegar a São Petersburgo. "O comportamento do imperador alemão é muito misterioso e difícil de explicar", dizia ele. "Existe o risco de que ele perca completamente a cabeça. (...) Em questões comerciais e coloniais, a Alemanha mostrou-se extremamente desagradável, sua exigência da margem esquerda do Volta era absurda, de tal maneira que lorde Salisbury pensou que devia ser uma ideia do próprio imperador, pois nenhum estadista responsável poderia tê-la externado."[51]

Como para confirmar os prognósticos de Salisbury, Guilherme estava a ponto de iniciar uma série de intervenções perigosamente incoerentes nas relações internacionais, o que teria confirmado para seus ministros — estivessem eles

informados a respeito — que suas intrusões na política podiam ser risivelmente ineptas, quando não positivamente arriscadas. Desde o início de 1895, dava-se geralmente como certo que o Império Otomano estava para ruir. Seu governo em Constantinopla parecia mergulhado num estado de constante e progressivo caos, e seu colapso ameaçava desencadear uma perigosa e generalizada disputa na Europa oriental e no Levante.******** A questão de saber o que aconteceria a Constantinopla e aos estreitos do mar Negro — a Questão Oriental, como se costumava dizer — preocupava os britânicos, os russos e a Áustria, que temia particularmente a possibilidade de navios de guerra russos no Mediterrâneo. "Declaro sem rodeios que me posicionarei ao lado da Áustria-Hungria com todas as forças ao meu dispor",[52] disse Guilherme ao embaixador austríaco, cerca de três dias depois de fazer exatamente a mesma oferta a Nicolau. O ministro do Exterior austríaco disse que era a mais calorosa manifestação de amizade alemã em todos os anos da aliança austro-alemã. Pela altura do Natal, Guilherme disse a mesma coisa ao desafortunado coronel Swaine,[53] que havia convocado para que ouvisse um outro discurso, no qual acusava os britânicos de provocar deliberadamente uma crise em torno do futuro do Império Otomano — para em seguida dar a entender que tomassem a capital da Turquia. A revelação das ofertas do cáiser deixou em pânico o geralmente calmo e desencantado Fritz Holstein. "Que poderá acontecer agora se Salisbury, que foi profundamente ofendido por SM, transmitir o conteúdo dessa conversa a São Petersburgo?",[54] perguntava ele a Eulemburgo. No fim das contas, contudo, nenhuma das potências se resolveu a tomar Constantinopla, e as ofertas de Guilherme ficaram em segredo.

Paradoxalmente, enquanto essa arriscada intervenção era mantida em sigilo, Guilherme viu-se no início de 1896 mergulhado numa onda de indignação internacional por algo relativamente banal e que não era inteiramente culpa sua. No último dia de 1895, seiscentos homens armados — alguns dos quais seriam oficiais do exército britânico, mas todos eles britânicos —, liderados pelo dr. Leander Jameson, colaborador próximo de Cecil Rhodes, o homem mais poderoso da África do Sul, fundador da De Beers e autoproclamado construtor de impérios britânicos, atravessaram a fronteira para o Transvaal, numa tentativa de derrubar o governo bôer.

Ao receber a notícia, Guilherme teria ficado "possesso"[55] de raiva. "A

república do Transvaal foi atacada da maneira mais vil", escreveu ele a Nicolau a 2 de janeiro de 1896, "ao que parece não sem o conhecimento da Inglaterra. Empreguei uma linguagem muito severa em Londres, e iniciamos comunicações com Paris em busca de uma defesa comum de nossos interesses ameaçados. (...) Jamais permitirei que os britânicos esmaguem o Transvaal!"[56] Ele não estava sozinho; a Europa inteira condenou sem rodeios a investida de Jameson, sob suspeita generalizada de ter sido apoiada ou mesmo lançada pelos britânicos, embora o ministro das Colônias, Joseph Chamberlain, rapidamente tratasse de condená-la, negando que o governo de alguma forma estivesse envolvido. (Na verdade, o governo britânico estava enfiado até o pescoço na incursão de Jameson. Ela fora planejada com o estímulo explícito de Chamberlain, cujo envolvimento era agora zelosamente acobertado.)[57] A condenação foi particularmente estridente na Alemanha. Mais tarde, nesse mesmo dia, chegou a notícia de que os bôeres tinham aniquilado os invasores. Apesar disso, a 3 de janeiro Guilherme adentrou uma reunião com os ministros exigindo forças de invasão e navios de guerra. A Europa teria de dar uma lição na Inglaterra. Os ministros o dissuadiram de recorrer à força, mas não estavam menos indignados que ele. (Marschall já enviara a Salisbury uma nota formal de ameaça — geralmente tida como o primeiro passo num caminho para a guerra —, protestando contra a "invasão".[58] Num momento que beirou a farsa teatral, Hatzfeldt, informado do fracasso de Jameson, mal teve tempo de subtraí-la da escrivaninha de Salisbury antes que ele pudesse vê-la.) Chegou-se finalmente ao consenso de que Guilherme devia enviar um telegrama pessoal de apoio ao líder bôer, Paul Kruger.

Hoje, o texto parece simplesmente banal: "Manifesto meus sinceros cumprimentos pelo fato de o senhor e o seu povo terem conseguido, por suas ações enérgicas e sem recorrer à ajuda de potências amigas, restabelecer a ordem contra as hordas armadas que invadiram seu país como perturbadoras da paz, salvaguardando a independência do seu país frente a um ataque externo."[59]

Na Grã-Bretanha, o "telegrama Kruger" provocou uma súbita e violenta efusão de raiva histérica, numa confusa mistura de atitude defensiva, afirmação de direitos e agressividade. "A Nação jamais esquecerá esse telegrama, e o terá sempre em mente no futuro na orientação de suas políticas",[60] esbravejava o *Morning Post*. O cáiser não era criticado apenas na imprensa, mas nos clubes de

cavalheiros; damas da sociedade lhe enviavam cartas acusadoras. As lojas de alemães tinham suas vitrines quebradas. Retrospectivamente, essa reação da opinião pública parece desproporcional aos fatos. O telegrama sequer mencionava a Grã-Bretanha, o resto da Europa mostrou-se igualmente enfático na condenação e o governo britânico havia ele próprio denunciado a investida, negando seu envolvimento. A reação decorria de uma mistura de pressupostos confusos: de que as relações pessoais deviam sobrepor-se às políticas, e o cáiser, sendo meio inglês, não deveria questionar ações britânicas. Coisas assim podiam ser esperadas dos franceses, mas a Alemanha supostamente era uma amiga da Grã-Bretanha. Mas também havia um novo sentimento de direta hostilidade à Alemanha, considerando-se que ela poderia ser uma séria rival na corrida colonial e precisava ser mantida no devido lugar. Envolvendo tudo isto, um furioso sentimento de direitos feridos e atitude defensiva, manifestação de um novo e agressivo espírito imperialista segundo o qual, uma vez que a Grã-Bretanha era especial, uma vez que podia considerar-se a maior promotora de valores civilizatórios jamais vista na história mundial, não só tinha o direito de impor suas próprias regras sobre os outros como podia ignorar as regras habituais. Ninguém tinha o direito de criticar seus atos.

Os parentes ingleses de Guilherme não ficaram menos indignados. A rainha considerou o telegrama "ultrajante e muito inamistoso conosco".[61] Eduardo viu nele "um ato dos mais gratuitos de inimizade", e, dando rédea solta ao desapreço que tinha pelo sobrinho, prosseguiu: "Ele mostrou, além disso, o pior gosto e os piores sentimentos possíveis ao congratular os bôeres por sua vitória sobre um corpo (...) constituído exclusivamente de súditos da rainha. Independentemente disso, contudo, o príncipe de Gales gostaria de saber com que autoridade o imperador podia mandar alguma mensagem."[62] Durante anos, ele haveria de se referir ao telegrama Kruger como o acontecimento que revelou os "verdadeiros sentimentos"[63] de Guilherme a respeito da Inglaterra. Até Jorge "elevou a voz e invectivou o imperador alemão, sem se preocupar com o que dizia",[64] observaria uma das damas de companhia da rainha.

A rainha dirigiu uma solene reprimenda de avó ao neto alemão:

> Como sua avó (...) sinto que não posso me eximir de lamentar profundamente o telegrama que enviou ao presidente Kruger. (...) Ele é considerado extremamente inamistoso em relação a este país, o que estou certa não era a intenção, e causou, devo dizer, impressão das mais dolorosas. (...)

> A iniciativa do dr. Jameson, naturalmente, era por completo errada e totalmente injustificada; entretanto, considerando a posição muito peculiar que o Transvaal ocupa em relação à Grã-Bretanha, creio que teria sido muito melhor não dizer nada. (...) Nosso maior desejo sempre foi manter-nos nos melhores termos possíveis com a Alemanha, tentando agir em conjunto, mas receio que os seus agentes nas Colônias façam exatamente o oposto, o que nos enche de pesar.

Absolutamente perplexo com o unânime coro de críticas, Guilherme cedeu imediatamente, escrevendo uma resposta abjeta: "Fiquei tão indignado com a ideia de suas ordens terem sido desobedecidas e a Paz, assim (...) posta em risco, que considerei necessário demonstrá-lo publicamente. (...) Eu estava me posicionando pela lei, a ordem e a obediência a uma Soberana que reverencio e adoro."[65] Posteriormente, ele culparia seus ministros pelo telegrama. Vitória considerou a carta inepta e ilógica, mas Salisbury recomendou-lhe que "aceitasse plenamente suas explicações, sem inquirir muito estritamente sobre sua verdade".[66]

Em Pretória, o presidente Kruger disse ao cônsul alemão: "A velha apenas espirrou e vocês saíram correndo."[67]

Guilherme, voltando a se encontrar no Ministério do Exterior alemão com Fritz Holstein, tão preocupado com a reação dos britânicos que achava que a Inglaterra poderia cair nos braços da França, embarcou imediatamente numa ofensiva de charme para voltar a cair nas graças dos britânicos. Antes do fim de janeiro, Hatzfeldt já oferecera a Salisbury uma aliança formal, como sempre polidamente recusada pelo primeiro-ministro. Em fevereiro, quando o sobrinho da rainha, Henrique de Battemburgo, morreu de malária nas guerras com as tribos africanas achântis, o cáiser mandou uma enorme delegação ao funeral. Nesse mesmo mês, aposentando-se o adido militar britânico, o coronel Swaine, Guilherme o cobriu de condecorações, declarando-o um amigo pessoal. Em março, mal se contendo no habitual impulso de angustiar aqueles cuja intimidade buscava, disse a sir Francis Lascelles, o novo embaixador britânico, que não obstante o pavoroso tratamento que merecia da imprensa britânica, queria que a Inglaterra soubesse que os russos pretendiam "destruir a Inglaterra" e anexar os Bálcãs, enquanto a França planejava sabotar a rota do canal de Suez para a Índia.[68] (Na verdade, os russos vinham estimulando os franceses a criarem problemas para os britânicos na África, tendo convidado os alemães a apoiá-los.)[69] Tais planos, insistia, haviam sido aprovados pelo próprio Nicolau.[70] O tiro saiu pela culatra. Hatzfeldt informaria, desalentado, que lorde Salisbury ficara

"literalmente horrorizado"[71] com a advertência do cáiser, mal tendo começado, àquela altura, a relaxar novamente em seus encontros.

E tampouco foram aplacados os parentes ingleses. Em abril, num casamento da família em Coburgo,******** Jorge comunicou a Guilherme que não seria bem-vindo em Cowes nesse ano. Guilherme, informaria ele a Nicolau, "parecia mais excitável que nunca, praticamente não falou comigo, o que foi uma boa coisa".[72] Quanto à opinião pública britânica, Hatzfeldt disse ao cáiser que se fosse à Inglaterra nesse ano certamente seria vaiado.[73] Essas reações serviram apenas para que Guilherme redobrasse seus esforços. Em agosto, ele convidou para jantar toda a equipe da embaixada britânica, recebendo-a com seu uniforme dos Dragões Reais. No outono, fez uma sugestão incrível a Lascelles: poderia ceder as colônias africanas da Alemanha à Grã-Bretanha em troca de uma indenização — ideia que levaria a direita alemã a querer o seu sangue, se tomasse conhecimento dela.[74]

O curioso é que na Alemanha — e mesmo em toda a Europa — o telegrama Kruger propiciara a Guilherme aquilo que mais buscava: generalizada aprovação. A incursão armada causara uma onda de intenso sentimento antibritânico na Alemanha, em grande parte voltado contra a rainha Vitória, símbolo do império. Um jornalista britânico informava que uma senhora de idade alemã dissera considerar uma pena que a rainha "fosse uma soberana tão indigna". Era sabido que ela estava "constantemente embriagada e se servia de uísque num bule de chá".[75] Os diplomatas prussianos se referiam a ela, entre si, como a "avó beberrona" do cáiser e "a mascate".[76] Considerava-se que Guilherme havia enfrentado a hipócrita e intimidadora Grã-Bretanha, apoiando os corajosos bôeres. Mas ele mal parecia dar-se conta disso. Cerca de dois anos antes, Waldersee observara, irritado, que os britânicos tinham descoberto exatamente como manipular o cáiser: bastava tratá-lo mal.[77]

Apesar da ausência de sinais tangíveis de uma mudança da política russa em relação à Grã-Bretanha, a rainha Vitória insistia em acreditar que poderia conquistar o tsar. Como Guilherme, que aprendera a lição com Vicky, ela acreditava que o trato pessoal podia sobrepor-se às relações internacionais ou orientá-las. Sua neta favorita era tsarina e ela decidira que o gentil e encantador Nicolau fazia parte da família, muito embora, em abril de 1896, descobrisse que a Rússia também vinha fomentando intrigas contra a Grã-Bretanha na África,

insuflando os franceses a causar problemas no Egito.

Para deixar bem claro que nada havia mudado na Rússia, a coroação de Nicolau, em maio de 1896, ficou comprometida pelo tipo de tragédia humana que parecia inseparável das questões russas. Jorge esperava comparecer à cerimônia, mas a rainha enviou em seu lugar seu tio Arthur. "Devo dizer que fiquei furioso", disse ele a Nicky, "mas nada podia ser feito".[78] Pois foi melhor assim. No dia seguinte à coroação, o tsar tradicionalmente oferecia à população de Moscou uma recepção ao ar livre no campo de Khodinka, ao norte da cidade. Em meio às comemorações, circulou o boato de que a comida estava acabando, a multidão de meio milhão de pessoas começou a correr e milhares morreram esmagados. O grão-duque Sérgio, tio e cunhado do tsar, foi em grande parte responsável pela tragédia. Havia negligenciado os preparativos, mais interessado em acertar contas com outro funcionário da corte, cuja autoridade no evento entrava em confronto com a sua. Medidas elementares de preenchimento de poços existentes no terreno não foram concluídas, a presença policial era irrisória e o caos se espraiou. A gravidade da catástrofe aparentemente foi de início ocultada a Nicolau — em Windsor, dizia-se que os corpos eram amontoados embaixo do palanque onde ele se encontrava, para que não os visse.[79] Mas em momento algum ele parece ter chegado a entender a dimensão do que acontecera. Na noite da tragédia, foi a um baile na embaixada francesa, em vez ficar em casa, em sinal de respeito pelos mortos. A visão do tsar bebendo champanhe enquanto seus súditos estavam de luto ficaria como uma mancha perene em sua imagem pessoal. Em contraste, a rainha Vitória recebeu 17 relatórios de primeira mão do campo de Khodinka, descrevendo detalhadamente o que acontecera, os milhares de corpos mutilados que se acumulavam do outro lado do vasto campo, assim como a indignação e o clamor de vingança suscitados.[80] Pior ainda, Nicolau eximiu-se de punir quem quer que fosse. Era de consenso na corte imperial que o grão-duque Sérgio, impondo-se ao pequeno e retraído sobrinho, o pressionara a encerrar uma investigação sobre a tragédia, ameaçando boicotar a corte. Ele foi recompensado com uma promoção a comandante em chefe de Moscou. Até na família Romanov se faziam comentários. "Como pode ser tão cruel!",[81] escreveu Constantino Romanov, primo em segundo grau de Nicolau, referindo-se a Sérgio em seu diário. "(...) Se pelo menos o imperador se mostrasse mais severo e decidido!" O governo ficava

parecendo indiferente e corrompido, e Nicolau, fraco. O campo de Khodinka lançava uma pesada sombra de mau agouro sobre o novo reinado.

Em Windsor, a simpatia da rainha estava com o seu clã, solidária com os novos contraparentes e pares da realeza. Seu primeiro pensamento fora que "o pobre Serguei", casado com a irmã mais velha de Alix, Ella, "pudesse ser responsabilizado".[82] Veio em seguida a preocupação com o casal imperial, que, segundo lhe assegurava o embaixador britânico, cometera "uma violência contra os próprios sentimentos"[83] ao comparecer ao baile francês enquanto os súditos jaziam mortos e feridos. A rainha jamais teria manifestado a mesma simpatia pelo pai de Nicolau: ter-se-ia queixado da barbárie russa. Enquanto Guilherme tentava em vão ser convidado a Cowes, Nicolau e Alexandra foram chamados a Balmoral no fim de setembro.

Balmoral era a grande e distante propriedade das Terras Altas da Escócia onde a rainha passava os meses de agosto a novembro. Ela adorava o lugar, onde se sentia livre. Gostava tanto, na verdade, que decidira que *era* de fato escocesa. Ao atravessar a fronteira, sua entonação adquiria uma peculiar semelhança com o sotaque escocês.[84] Todo mundo achava Balmoral desalentadoramente distante, incrivelmente chata e terrivelmente fria — a rainha nunca sentia frio, proibindo que se acendesse fogo —, além de excessivamente decorada com tecido axadrezado. Lorde Rosebery declarou considerar a sala de estar de Osborne a mais feia do mundo[85] — até que viu a de Balmoral. Salisbury chamava a propriedade de "Sibéria",[86] comparecendo o mais raramente possível.

No dia 22 de setembro de 1896, o casal imperial e seu bebê, Olga — juntamente com um séquito de centenas de pessoas, entre elas os agentes secretos à paisana, mais 24 policiais e quatro sargentos da Polícia Metropolitana —, chegaram ensopados, depois de atravessar Edimburgo numa carruagem aberta debaixo de chuva torrencial, e enjoados por causa das violentas sacudidelas do trem real. Foram recebidos com fogueiras e tochas. A rainha mostrou-se entusiástica, Eduardo usava um uniforme russo — chapéu de astracã, calças curtas, jaqueta Norfolk, sobretudo vermelho. Ele nunca ficava com sua melhor aparência de uniforme, pois era invariavelmente apertado. Jorge usava o saiote escocês. "Ela é incrivelmente boa e amável conosco, encantada de ver nossa filhinha!",[87] disse Nicky à mãe. "Nossos queridos Nicky e Alicky são perfeitamente modestos e não mudaram nada, queridos e simples e bondosos

como sempre. Ele está bastante magro e pálido e atormentado, mas a doce Alicky está muito bela e radiante",[88] escreveu a rainha a Vicky.

O entourage da rainha referia-se à visita como "a ocupação russa", por causa da enormidade do cortejo do tsar; as criadas de Balmoral tinham de dormir em grupos de quatro em cada cama. Jorge e May ficaram hospedados mais adiante. Nicolau, observaria o entourage, parecia absurdamente jovem, mas Alicky revelava-se "indiscutivelmente adorável (...) deixa todo mundo em êxtase". Os dois pareciam inicialmente um tanto distantes. Eduardo chegara a cuidados extremos para entreter o sobrinho, mostrando-se invariavelmente "alegre".[89] Nicolau, como já acontecera antes, achou Eduardo cansativo. "Desde o primeiro dia meus tios se ocuparam de mim. Parece que acham necessário levar-me o dia inteiro para caçar com os cavalheiros. O clima é terrível, chove e venta todo dia, e ainda por cima não tive nenhuma sorte — ainda não consegui abater nenhum veado. Fico ainda menos em companhia de Alix aqui do que em casa." A tsarina foi sequestrada pelas damas de companhia da rainha, merecendo a acolhida invariavelmente entusiástica que raras vezes recebia na Rússia. Nicolau ficou aliviado quando Bertie foi a Newmarket para uma corrida de cavalos. "Pelo menos eu podia fazer o que queria, *não sendo* obrigado a sair para caçar todo dia, no frio e na chuva."[90] "Felizmente Jorge também vai caçar — podemos assim conversar sobre os bons momentos que acabamos de passar na Dinamarca."********[91]

"Tive uma conversa com o querido Nicky", foi o máximo de expansividade que Jorge manifestou. "Continua o mesmo garoto adorável que sempre foi."[92] À sua maneira, Jorge estava certo, Nicky queria continuar sendo o mesmo garoto adorável, e com Jorge podia sê-lo. Jorge não se interessava por conversas sobre política e nada exigia dele, senão que se mostrasse próximo.

A rainha via as coisas de outra maneira. Os laços de família deviam ter uso prático. Começou a trabalhar o tsar no dia seguinte à sua chegada. Algo precisava ser feito sobre a desintegração da Turquia e os massacres de armênios, anunciou. "Observei que, se a Inglaterra e a Rússia se unissem, haveria paz, e algo precisava ser feito para propiciá-lo."[93] Nicky assentiu, como sempre fazia quando acuado, mas disse que seria difícil. "O imperador mostra-se extremamente bem-intencionado e está ansioso para pôr fim às iniquidades do sultão",[94] disse ela a lorde Salisbury, que chegou no dia seguinte.

Depois de anos apoiando a Turquia, que agora considerava ter sido "o cavalo errado", Salisbury chegara à conclusão, tal como Rosebery anteriormente, de que tudo recomendava uma acomodação com a Rússia — embora quase todos os colegas de ministério considerassem absolutamente remota a possibilidade de que a Rússia concordasse e os britânicos ainda odiassem esse país. Com o controle do canal de Suez, contudo, a Grã-Bretanha já não tinha uma necessidade urgente de manter a Rússia longe da Turquia. Na verdade, a Marinha Real concluíra recentemente que já não tinha meios de defender Constantinopla da Rússia, perspectiva que Salisbury aparentemente aceitava sem entusiasmo. Ele também considerava que os russos poderiam ser convencidos a trabalhar com a Grã-Bretanha para forçar um acerto ou resolução sobre o Império Otomano, talvez até uma mudança de regime, antes que o muito esperado colapso provocasse ainda maior instabilidade internacional. O primeiro-ministro estava suficientemente comprometido com essa ideia para fazer uma de suas raras visitas a Balmoral, para se encontrar pessoalmente com o tsar — embora também tivesse instruído seu secretário particular a comunicar ao secretário particular da rainha que a visita seria extremamente perigosa para ele, a menos que seu quarto fosse aquecido a uma temperatura mínima de 16 graus centígrados. Uma dádiva adicional era o fato de o ardiloso ministro do Exterior de Nicolau, Lobanov, ter morrido subitamente de apoplexia em agosto, no momento em que o cortejo imperial iniciava uma visita à Áustria — de modo que o tsar estaria por conta própria.

"Tive duas conversas muito sérias com [lorde Salisbury]", informava Nicolau à mãe. "Pelo menos é bom para ele tomar conhecimento diretamente da fonte sobre as opiniões e pontos de vista da Rússia."[95] A fonte, contudo, nem sempre parecia inteiramente clara nessas opiniões. O primeiro encontro transcorreu bem. O tsar garantiu ao primeiro-ministro que a Rússia não tinha pretensões na Índia: sua própria visita em 1891 o havia convencido "do absurdo que seria a Rússia jamais tentar algo nesse sentido (...) nenhum imperador russo em plena posse de suas faculdades jamais sonharia com isto". Salisbury propôs que a Rússia e a Grã-Bretanha agissem em conjunto para estabilizar o Império Otomano. Semanas antes, ocorrera um outro massacre na Armênia, e Salisbury disse ao tsar que o Ministério do Exterior britânico estava debaixo de uma chuva de petições e cartas exigindo alguma iniciativa. Havia uma certa ironia no fato de o

primeiro-ministro invocar a opinião pública, já que a desprezava, embora as exigências coincidissem com sua própria convicção pragmática de que a Turquia precisava ser controlada. Outra ironia estava no fato de ele apelar para a Rússia numa questão moral e humanitária, já que se tratava de um país que havia autorizado pogroms, reprimindo implacavelmente direitos democráticos elementares. Nicolau não parecia em absoluto avesso a que se exercesse pressão sobre o sultão, e ficou decididamente animado quando Salisbury deu a entender que a Grã-Bretanha não mais se oporia a que a Rússia assumisse o controle de Constantinopla e do Bósforo, embora não gostasse da ideia de facultar suas águas a todos os navios, pois assim haveria a possibilidade de que navios de guerra estrangeiros entrassem no mar Negro, e não apenas de que a esquadra russa pudesse sair. Os estreitos que conduziam ao mar Negro, disse ele ao primeiro-ministro, eram "a porta do quarto em que vivíamos", e ele precisava da chave — expressão que se havia transformado num clichê, na Rússia, para tratar da questão de Constantinopla. Como Salisbury assinalasse que a Áustria e os países dos Bálcãs talvez não pensassem da mesma maneira e precisassem ser compensados, Nicolau pareceu surpreso. O primeiro-ministro deve ter ficado perplexo com sua ingenuidade.

O tsar, observaria Salisbury, também "se expressou em termos nada amistosos em relação ao imperador da Alemanha".[96] Duas semanas antes, Nicolau, de passagem, tivera um encontro noturno com Guilherme em Breslau. "Fiquei extremamente satisfeito com minha entrevista com o imperador Nicolau",[97] regozijara-se Guilherme depois do encontro. "Ele se mostrou natural, aberto, comunicativo e sincero, como sempre foi comigo. Concordamos inteiramente em todas as questões." Nicolau disse a Salisbury que não suportava a companhia de Guilherme por muito tempo, acrescentando que o cáiser lhe dissera que a Inglaterra estava tentando criar um "sultanato rival" na Arábia — ou seja, tentando gerar problemas no Império Otomano para tirar vantagens próprias. O primeiro-ministro respondeu ao tsar que "se tratava de um comportamento extremamente desleal, pois ele ao mesmo tempo nos dizia que a Rússia se preparava para nos atacar na questão do Egito".[98] Salisbury ficou satisfeito com o encontro e disse à rainha que havia ficado "muito impressionado com a grande franqueza [do tsar] e seu desejo de se manter nos melhores termos conosco".[99] Também ficou registrado seu comentário, em conversa com o príncipe de Gales,

de que o tsar era "muito diferente do outro imperador!".[100]

Ao se encontrarem novamente dois dias depois, todavia, Nicolau mudara de tom. Ficou evidente que alguém, com quase toda a certeza o embaixador russo, de Staal, tivera acesso a ele. Ele se mostrava agora "nitidamente contrário, a essa altura, a qualquer tentativa de destronar o sultão", preocupando-se com os riscos de uma "interferência nas questões de outros povos". Quando se passou a falar do Egito, ele pareceu a ponto de declarar que não fazia objeção a uma ocupação britânica, "mas de repente se deteve e mudou de conversa, como se sentisse que estava cometendo uma imprudência".[101]

A rainha não se deixou desconcertar pela impermeabilidade de Nicolau. Em sua última noite, convocou-o a seus aposentos antes do jantar, perguntando sem rodeios o que achava de uma deposição do sultão. Nicky respondeu que "considerava que seria um grande risco, podendo levar a perigosas complicações". Ela prosseguiu, perguntando-lhe sobre a "amizade" entre a Rússia e a França e sua visita a Paris, para onde ele viajaria no dia seguinte. Nicky explicou que "era um acordo puramente militar", suscitado pela exclusão dos dois países da Tríplice Aliança. "Nicky aparentemente não gostava nem um pouco dos franceses, lamentando a visita a Paris, que era inevitável", relataria ela, otimista. "Eu disse que era muito importante que a Rússia e a Inglaterra caminhassem juntas, pois eram os impérios mais poderosos, e assim o mundo ficaria em paz."[102]

O séquito russo partiu no dia seguinte para a França. O imperador deixou para os empregados uma gorjeta estonteante de 1.000 libras,[103] e a imperatriz, um rastro de broches de diamantes e pérolas para as damas de companhia. A rainha seguiu Nicolau até Paris com uma carta, pedindo-lhe — com uma persistência que Salisbury não poderia ter empregado e uma confiança no poder das relações de família que ele não compartilhava — que "tenha a bondade de se valer de sua influência e fazer entender aos franceses que não pretende apoiá-los em sua constante inimizade em relação à Inglaterra, que nos causa muitos aborrecimentos e dificuldades, entre outros temas no Egito". E, tentando mostrar-se acomodatícia, acrescentava: "Eu não teria escrito isto se não me tivesse dito que o acordo, ou aliança, ou como quer que se chame, seria *apenas* de natureza militar."[104]

De Paris — onde, para sua grande surpresa e eventual prazer, o casal imperial

recebeu autênticos banhos de multidão e foi aclamado por toda parte —, Nicolau mostrou-se mais direto. Ele disse a Vitória que não havia tratado da hostilidade à Inglaterra com os franceses, e que, "quanto ao Egito, devo reconhecer, querida Vovó, que a questão é de natureza muito séria". Os russos pensavam o mesmo que os franceses a respeito; queriam que a Grã-Bretanha saísse do Egito, pois seu controle sobre o canal de Suez representava uma "ameaça à nossa rota marítima para o Extremo Oriente. (...) A política, infelizmente, não é a mesma coisa que as questões privadas ou domésticas, não sendo determinada por sentimentos pessoais ou de relacionamento. A história é nosso real e positivo mestre nessas questões e também para mim, pessoalmente, com a ressalva de que sempre tive o sagrado exemplo de meu amado pai e também o resultado e a comprovação de todos os seus feitos!".[105] Entre Estados-nação em competição, dizia Nicolau à vovó com toda a suavidade, o peso da família pouco ou nada valia — avaliação mais realista das questões internacionais que a da rainha.

A resposta deve ter sido um golpe para Vitória. Não terá sido por mero acidente que a torrente de loquazes cartas de família dela para Nicolau reduzia-se agora a um mero gotejamento. Salisbury, contudo, persistiu. Fez novas aberturas na direção dos russos no outono de 1896, mas a reação não foi propriamente entusiástica. Só para ilustrar o distanciamento dos russos, no fim de dezembro, Nicolau — contrariando tudo que havia dito a Salisbury em Balmoral — foi convencido a dar sinal verde a um plano secreto extraordinariamente imprudente para resolver a Questão Oriental com um golpe de Estado apoiado pelos russos, em Constantinopla, a fim de depor o sultão. O Plano Nelidov, do nome do embaixador russo que o propôs, teria alienado todas as Grandes Potências e muito possivelmente daria início a uma guerra na região. Como escreveria mais tarde, em suas memórias, um importante diplomata russo, ele "inquestionavelmente teria provocado um desastre para a Rússia".[106] Foi cancelado por Serguei Witte e os franceses, horrorizados. Mas mostrou que Nicolau era suscetível a arriscadas aventuras imperialistas.

A tentativa de Guilherme de se aproximar de Nicolau tampouco deu em qualquer coisa. Observando os progressos do tsar pela Europa, ele se sentia cada vez menos convencido de que seu encontro com ele em Breslau tivesse de fato causado a impressão duradoura que esperava. O Ministério do Exterior alemão informou que, entre Breslau e Balmoral, Nicolau se encontrara com a mãe em

Copenhague,[107] e que ela o havia dissuadido da boa impressão por ele manifestada a respeito de Guilherme; e depois tinham ocorrido todas aquelas aclamações em Paris. Em pânico, o cáiser se convidou a Hesse-Darmstadt, onde o tsar se demorava com o cunhado Ernie antes de voltar para casa. Foi uma enorme mancada. Nicolau considerava suas estadas em Hesse-Darmstadt como férias privadas, nas quais podia relaxar das obrigações das viagens oficiais. Ele e Alix conseguiam descansar ali como em nenhum outro lugar. A presença de Guilherme não era bem-vinda. Além disso, a visita à França tinha mudado a visão de Nicolau sobre a Alemanha. Atravessando a fronteira para a Alemanha, ele comentou que tudo de repente parecia "negro, escuro e tedioso!".[108] Defrontando-se com um Nicolau absolutamente inamistoso, Guilherme achou por bem pôr a culpa de seu fracasso no grão-duque Sérgio, o intimidante tio antialemão do tsar. "Em sua presença, o imperador mostra-se extraordinariamente desajeitado e reservado. (...) Sérgio é o demônio maligno do imperador e nosso mais vigoroso inimigo."[109] Mas era difícil atribuir toda a culpa a Sérgio. Ao retornar a São Petersburgo, Nicolau pediu a Guilherme que deixasse de escrever-lhe em caráter pessoal, apresentando como motivo a preocupação de que o chanceler Hohenlohe não tivesse conhecimento das cartas. Guilherme ignorou o pedido. O novo ministro do Exterior russo — nomeado somente cinco meses depois da morte de Lobanov em Viena — foi outra decepção. O conde Mikhail Muraviev era tranquilo e cortês, um entusiástico imperialista russo, grande apreciador de champanhe e considerado radicalmente hostil à Alemanha — inclusive porque, alguns anos antes, Guilherme impedira pessoalmente sua nomeação para um cargo em Berlim. O informante de Fritz Holstein em Moscou o chamava de "porco"[110] e capacho. Do lado positivo, observava o contato de Holstein, ele não podia ser considerado "um amigo da França (...) ele acha os ingleses repugnantes e tem um ódio fanático dos poloneses". Holstein concluía que as intervenções pessoais de Guilherme tinham saído pela culatra. "Sem Breslau e sem Darmstadt, talvez as coisas estivessem melhores. Não resta dúvida de que o tsar não tinha o menor desejo de voltar a se encontrar com o cáiser, e realmente é deplorável que este fique correndo o tempo todo atrás dele."[111]

As mensagens que chegavam da Rússia, contudo, eram contraditórias. Exatamente no momento em que Nicolau nomeava Muraviev, considerado pelos

britânicos "convencido e vaidoso como uma mulher",[112] o ministro das Finanças, Serguei Witte, já a essa altura tido como seu assessor mais destacado e influente, deu a entender ao mais recente embaixador britânico, sir Nicholas O'Conor, que o governo russo podia afinal estar interessado em chegar a uma solução com a Grã-Bretanha. No ano-novo de 1897, Witte disse ao embaixador: "A Rússia não quer nem mais uma polegada de territórios, já dispõe de mais terras do que seria capaz de desenvolver nos próximos duzentos anos. Ela quer paz; para fomentar o comércio e a indústria e melhorar as condições da população. A velha escola que pretendia ampliar a Rússia até o Bósforo está morta."[113] Como demonstrava o Plano Nelidov, talvez fosse assim que Witte pensava, mas havia muitos políticos e comandantes militares da "velha escola" que pensavam exatamente o contrário. Entretanto, tiveram início, entre a Inglaterra e a Rússia, negociações um tanto vagas em torno das respectivas políticas na China, e por trás do pano, e não obstante a simpatia da opinião pública britânica pelos dissidentes russos, o Serviço Secreto começou a cooperar com a polícia secreta russa, a Okhrana, na vigilância dos grupos anarquistas e terroristas russos baseados em Londres.[114]

No início de janeiro de 1897, quase exatamente um ano depois de ter mandado o telegrama Kruger, Guilherme escreveu à avó, cheio de expectativa: "Tem planos ou algum desejo no que diz respeito à nossa ida ou não para o seu Jubileu, e se alguns de nossos filhos devem nos acompanhar ou não?"[115] O Jubileu de Diamante da rainha, comemorando seu 60º ano no trono, estava planejado para junho. Sua resposta foi direto ao ponto: ele não podia vir; como o Jubileu seria uma comemoração do império, não seriam convidadas cabeças coroadas estrangeiras. Em vez disso, dizia-lhe a rainha, seu irmão Henrique poderia comparecer "como um de seus netos". "E eu sou seu neto mais velho",[116] rabiscava Guilherme, desamparado, na carta. Decidido a fazê-la mudar de ideia, ele lhe escreveu em abril uma esplêndida carta, comparando-se a um cavalo:

> Sinto-me como um cavalo de batalha no estábulo, ouvindo a corneta tocar e batendo os cascos e mordendo o freio por não poder seguir seu regimento. Tinha a esperança de liderar os reais desfilando perante a Soberana como seu coronel, se não como seu Escorte, juntando-me aos vivas para saudar a Rainha na exuberância de seu leal orgulho (...) na grande investida final teria ostentado orgulhosamente minha espada no ponto de saudação, à frente desse magnífico regimento. (...) Mas tudo não passou de um sonho em vão! Mas sonhos assim são difíceis de esquecer, para um

soldado apaixonado![117]

A rainha não cedeu, e qualquer que tenha sido a justificativa, seria difícil deixar de considerá-la uma punição pela posição de Guilherme a respeito dos bôeres. Ela voltou a ficar indignada com ele um mês depois, quando teve início uma breve guerra entre a Grécia e a Turquia. Guilherme se alinhava com os turcos, enquanto ela se sentia na obrigação de apoiar a família real grega. Ela atribuiu a oposição dele a seu "ódio pessoal da Grécia e sua inimizade ao rei e a toda a família real".[118] Não estava totalmente errada, pois havia ressentimentos entre Guilherme e a família real da Grécia desde o casamento de sua irmã com o herdeiro grego; mas ele também tinha motivos políticos para se alinhar com os turcos, que vinha cortejando, como um possível aliado, desde que os britânicos deixaram de ser seus grandes defensores na Europa. A posição da rainha é que era determinada por sentimentos pessoais: os gregos haviam provocado a guerra ao desembarcar um exército na ilha de Creta, sob controle turco. A corte britânica não se importou nem um pouco. "O imperador alemão está com má fama em toda parte", escreveu Marie Mallet, dama de companhia da rainha, "e o golpe de misericórdia foi o fato de ter aceitado seis canhões gregos presenteados pelo sultão. Ele devia ser chutado; minha única satisfação é que ele está simplesmente furioso por não vir para o Jubileu e com vontade de matar o pobre irmão por ousar aceitar o convite da rainha".[119]

O Jubileu foi uma afirmação do direito moral da Grã-Bretanha de dominar e expandir-se pelo planeta, uma declaração de sua condição de mandachuva no mundo de competição implacável da política internacional e uma reafirmação da autossuficiência da Grã-Bretanha e do império. Demonstrava que o Império Britânico era, como observava ao mesmo tempo com admiração e inveja o *Kreuzzeitung*, principal jornal do establishment prussiano, "absolutamente inexpugnável".[120] Ele ocupava a essa altura 25% da massa terrestre do planeta,[121] para não falar da influência informal que exercia sobre as economias de vários países sul-americanos, como a Argentina e o Brasil, e tinha sob seu guarda-chuva 444 milhões de pessoas.

Do ponto de vista do espetáculo, o Jubileu foi tão magnífico quanto o antecessor. E mesmo mais. No dia propriamente da comemoração, 21 de junho, a longa e reluzente parada de soldados de todas as partes do império seguiu a carruagem da rainha pelas ruas de Londres até a catedral de St. Paul, onde ela

compareceu a um serviço religioso de ação de graças. Jorge falaria da "mais maravilhosa multidão que eu jamais vi, em perfeita ordem e sem incidentes, 12 quilômetros de ruas nós percorremos, jamais tinha ouvido algo parecido com essa aclamação, as ornamentações belíssimas, alegres e de bom gosto".[122] Os eventos, festas ao ar livre, desfiles e comemorações de rua prosseguiram até julho. Em Spithead, o príncipe de Gales passou em revista a maior esquadra de reluzentes navios de guerra jamais reunida num mesmo lugar: 773 embarcações alinhadas ao longo de 11 quilômetros. A marinha afirmou que nenhum navio fora retirado de portos estrangeiros para o evento. Como todos sabiam, a marinha é que, no dizer do *Times*, havia transformado "um frouxo conglomerado de Estados"[123] num império.

Mas uma nota de desalento e supersticiosa incerteza parecia persistir na penumbra das comemorações. O *Times* publicou o novo poema de Rudyard Kipling, "Recessional",******** comentário curiosamente melancólico sobre o triunfo do império, uma espécie de *memento mori* advertindo para o excesso de complacência e orgulho vão, "ostentação frenética e verbo insensato", lembrando aos leitores que os impérios caíam depois de subir:

toda a nossa pompa de ontem
É a mesma de Nínive e Tiro!

Em adendo ao poema, lia-se o seguinte comentário: "A mais perigosa e desmoralizante têmpera em que um Estado pode cair é a do orgulho jactancioso."[124] O reverso da orgulhosa e confiante afirmação de poder, riqueza e autossuficiência do Jubileu era o temor de que o império houvesse chegado ao apogeu, de que agora viria a inevitável descida, e a preocupação de que a Grã-Bretanha talvez *tivesse* mesmo de ser autossuficiente por estar cercada de países que a odiavam. O telegrama Kruger mostrara aos britânicos que o resto da Europa se ressentia de sua influência e poder. No fim de 1896, Salisbury, cujas tentativas de coordenar as grandes potências em torno das questões envolvendo a Turquia, a China e a guerra grega tinham sido persistentemente rechaçadas, comentara que a única grande potência "que não nos odeia"[125] era a Áustria (que também era a única potência sem interesse por um império colonial). A rainha, enquanto isso, ficara "muito abatida com a notícia de que somos tão vigorosamente odiados por outros países. Ela evoca com frequência o tema e diz que não entende por quê".[126]

No exato momento em que tinham início as comemorações do Jubileu, o lado mais horripilante do império se fazia visível no cenário internacional.[127] A Índia estava mergulhada num terrível surto de fome, agravado — se não causado — por um governo colonial obcecado com a lógica do livre mercado e que continuava a exportar cereais excedentes para a Inglaterra, enquanto os indianos passavam fome. Fotografias apavorantes das vítimas famintas — cortesia das novas câmeras Kodak portáteis — percorriam o mundo, embora brilhassem pela ausência nos jornais britânicos, perfeitamente imbuídos, nessa matéria, dos rigores da autocensura. Longe do escrutínio público, o governo colonial da África do Sul discretamente importava mão de obra chinesa em regime de servidão — na verdade, escravidão — para trabalhar nas minas e assim deprimir os salários locais.

Quando Guilherme fez uma visita oficial a São Petersburgo depois do Jubileu de Diamante da rainha, em agosto, seu novo ministro do Exterior, Bernhard von Bülow, informou com evidente prazer que "o imperador Nicolau, o conde Murawiew******** e o sr. Witte não perderam a oportunidade de manifestar desconfiança e tensão em relação à Inglaterra".[128] Nicolau disse acreditar que os ingleses estavam tentando provocar uma guerra na Europa.[129] Na verdade, o tsar tinha pessoalmente pelo cáiser o mesmo entusiasmo que demonstrava politicamente pelos britânicos. "Graças a Deus chegou ao fim a visita dos alemães", escreveu ele à mãe. "(...) Guilherme revelou-se em geral muito alegre, calmo e cortês, enquanto ela [Dona] tentava mostrar-se amável, parecendo muito feia em roupas caras sem o menor gosto; os chapéus que usava à noite (...) eram particularmente impossíveis." (Ninguém ignorava que Guilherme desenhava as roupas de Dona e a obrigava a seguir uma dieta para manter a linha.) Nicolau acrescentava que se vira obrigado a conferir a Guilherme o título de almirante russo honorário, por ter aceito uma patente equivalente na marinha alemã no ano anterior, e a simples ideia — *C'est à vomir!* — lhe causava náuseas.[130]

Poucos meses depois, em meados de novembro de 1897, outra intervenção colonial alemã desencadeou na Rússia acessos de raiva não menos intensos e bastante semelhantes à reação britânica ao telegrama Kruger. Guilherme enviou uma esquadra naval para ocupar o porto de Kiaochow, no nordeste da China. O motivo — o pretexto — era o assassinato de dois missionários alemães. "Precisamos (...) mostrar-lhes com a mais impiedosa brutalidade que com o

cáiser alemão não se brinca",[131] disse ele ao Ministério do Exterior alemão. A verdade era que, com a intensa corrida colonial na África, a Alemanha — tal como a Rússia — começara a voltar sua atenção para a China. Nutria o sonho de adquirir uma província e um porto a partir do qual pudesse reabastecer seus navios no Pacífico e de onde pudesse reivindicar algumas ilhas do Pacífico. Kiaochow ainda não estava dominada por outras influências estrangeiras, era de acesso fácil, com um porto bem protegido. Depois de ocupar a cidade, o governo alemão contratou com o governo chinês, no ano-novo de 1898, um arrendamento que também incluía a região circundante.

Os russos ficaram furiosos. Achavam que os alemães tinham se apossado do porto bem debaixo dos seus narizes. Há muito sonhavam com Kiaochow, que ficava na Manchúria, a província chinesa fronteiriça da Sibéria, como um porto de águas quentes para sua marinha. Exigiram então oficialmente que a Alemanha se retirasse, chegando a ameaçar com uma guerra. Em resposta, Guilherme alegou que o tsar estava perfeitamente informado a respeito. Ele havia mencionado seu interesse por Kiaochow no encontro que haviam tido no verão, disse, e Nicolau não fizera qualquer objeção. O que era verdade. Em sua visita no verão, o cáiser perguntara a Nicolau se tinha alguma pretensão em relação a Kiaochow. Nicolau respondera vagamente que não se opunha a que a esquadra alemã fizesse uso do porto, desde que primeiro pedisse autorização.[132] Guilherme concluiu que isto redundava num formal "acordo com o imperador em pessoa"[133] e em mais uma vitória de sua diplomacia pessoal. Nicolau, que com toda a evidência não esperava que os alemães plantassem um território avançado na China, sentiu-se enganado e trapaceado.

O governo russo reconheceu intramuros que não poderia realmente recorrer a uma ação militar contra a Alemanha. O novo ministro do Exterior, Muraviev, propôs que a Rússia então enviasse navios de guerra para tomar o porto chinês adjacente de Port Arthur. Witte opôs-se à ideia; o envio de navios e tropas ia de encontro a seus planos de criar uma esfera de influência na Manchúria, prometendo empréstimos e um amistoso apoio diplomático. Uma iniciativa dessa natureza faria com que seus anteriores gestos de aproximação ficassem parecendo desonestos, seria onerosa e imediatamente avisaria os britânicos sobre as intenções da Rússia. Inicialmente, Nicolau ouviu Witte. Mas Muraviev passou por cima de Witte, pediu uma audiência privada e convenceu o imperador a

enviar navios, pois as "raças amarelas" só eram capazes de entender a força. Semanas depois, os russos entravam em Port Arthur. "Graças a Deus conseguimos ocupar Port Arthur (...) sem derramamento de sangue, tranquila e quase amistosamente!", escreveu Nicolau ao irmão Jorge. "Naturalmente, foi muito arriscado, mas se tivéssemos perdido essas docas agora, seria impossível, mais tarde, expulsar os ingleses ou os japoneses sem uma guerra. Sim, é preciso estar atento, lá no oceano Pacífico está o futuro desenvolvimento da Rússia e finalmente dispomos de um porto totalmente aberto de águas quentes. (...) Que achou dos artigos nos jornais ingleses? Patifes gananciosos! — nunca estão satisfeitos! Que o diabo os carregue!"[134]

Era agora a vez de os britânicos ficarem furiosos. A última coisa que queriam era uma corrida à China.[135] Além disso, os russos estavam constantemente mentindo sobre suas intenções. Tinham começado por expulsar os navios britânicos de Port Arthur, insistindo em que precisavam dele para estacionar seus navios de guerra no inverno; em seguida, garantiram aos britânicos que a ocupação seria temporária, ao mesmo tempo arrendando Port Arthur em troca da quitação da indenização da China ao Japão. Finalmente, prometeram que navios estrangeiros teriam acesso a Port Arthur, mas Muraviev, convidado a botar suas promessas no papel, admitiu que os russos não tinham intenção de torná-lo um porto aberto. Enquanto isso, ele vinha tentando abrandar as próprias recusas com eventuais menções de um acordo anglo-russo. Conseguiu até que o tsar seduzisse o embaixador britânico, O’Conor, no baile do Palácio de Inverno, murmurando de maneira encorajadora sobre as relações anglo-russas.

Na África, já se dava como certo que se uma grande potência conquistasse uma ampla extensão territorial, outras potências, com interesses concorrentes, podiam sentir-se no direito de alguma compensação. Assim foi que os britânicos, com alguma relutância, pois preferiam o antigo acerto, menos formal, exigiram também um porto na China, conseguindo, em compensação, o porto próximo de Weihaiwei.

A Alemanha agora é que ficava insatisfeita. O país ficara quase histericamente eufórico com a aquisição de Kiaochow, mas quase imediatamente se veria eclipsado pelos russos e britânicos. E quando Guilherme escreveu a Nicky no Ano-Novo de 1898, jactando-se do sucesso alemão — "Seguimos no cumprimento da missão que nos foi confiada pelo Senhor de todos os Senhores

(...) com a promoção da civilização, ou seja, do cristianismo, no Extremo Oriente!"[136] —, a resposta do tsar foi "fria e reservada".[137] Durante três anos, ele deliberadamente evitaria Berlim e o cáiser. Em 1899, um diplomata alemão informaria que a hostilidade de Nicolau em relação a Guilherme era tão forte que já se tornara um obstáculo para a manutenção de boas relações, e que a indiscrição do próprio cáiser a estava agravando. À margem do relatório, Guilherme anotou: "Eu nunca digo nada a seu respeito na presença de estranhos."[138] Mas na verdade não se eximia de se referir a Nicky como um "bobalhão" e um "chorão", e menos de um ano depois diria ao secretário do Exterior britânico que o tsar "servia apenas para viver numa casa de campo e cultivar nabos".[139] Embora os russos tivessem deixado claro que as relações pessoais calorosas não poderiam afetar a política, ficava evidente que o mesmo não se aplicava às relações de atrito.

******** Alix destruiria a correspondência após a morte da rainha.

******** A rainha Vitória não se sentia menos antirrepublicana. Quando o presidente francês Felix Faure foi ao sul da França em 1898 prestar-lhe homenagem, ela disse a Eduardo que ele era um plebeu e não poderia ser tratado como um igual. Eduardo tinha de manter-se no topo da escada quando ele chegasse, obrigando o presidente a subir ao seu encontro. Faure, perfeitamente cônscio da ofensa, ficou muito insultado.[36]

******** Swaine era o homem de quem Guilherme obtivera informações militares em seguida transmitidas ao tsar Alexandre III. O adido militar continuara adotando uma posição de coerente defesa do fundo de simpatia por sua pátria que enxergava em Guilherme.

******** Na verdade, os boatos sobre o colapso do Império Otomano haveriam de se revelar prematuros, pois ele se arrastaria até a Primeira Guerra Mundial.

******** O casamento de Alexandra, prima de Guilherme e Jorge (e filha menor de Affie, a essa altura duque de Coburgo, e de Maria da Rússia), com o diplomata alemão príncipe Ernesto de Hohenlohe-Languemburgo.

******** Nicolau e Jorge acabavam de passar alguns dias com os avós na Dinamarca.

******** Na liturgia anglicana, hino cantado no fim do ofício religioso, quando os oficiantes e a congregação se retiram. (N. do T.)

******** O novo ministro do Exterior russo, cujo nome geralmente é grafado como Muraviev.

8. Por trás do muro (1893-1904)

Até pessoas que não aprovavam Nicolau referiam-se a seus "olhos bondosos".[1] O jornalista britânico W. T. Stead, que dele obteve em 1898 várias audiências, o que podia ser considerado raríssimo, informava transportado aos leitores que o tsar era "encantador, simpático, alerta, lúcido, modesto".[2] Como homem, Nicolau tinha uma visão sedutoramente moderna do casamento: mostrava-se um marido muito mais dedicado, fiel e confiável que a maioria dos homens — ou monarcas — de sua geração. Eram de todo momento, em seu diário, as anotações queixando-se do tempo que tinha de passar distante da mulher e dos filhos. "Depois do chá", escreveu ele dias antes do nascimento da primeira filha, Olga, no fim de outubro de 1895, "eu li e tratei de redigir uma resposta a Guilherme. Coisa das mais irritantes a ser feita quando temos tantas coisas a fazer, tão mais importantes!".[3] Sua rotina diária era organizada de maneira a permitir que ele levasse as filhas — que eram três em 1899 — e os cães — pastores ingleses — para um passeio diário, ou, no inverno, um percurso de trenó às 11 horas, fazendo as refeições com a família. À noite, a menos que tivesse de ir à ópera ou ao balé, gostava de retirar-se no *boudoir* da mulher. Alix criara um ninho acolhedor e *gemütlich* em meio à reverberante grandiosidade imperial dos palácios Romanov. O mundo, e com ele a própria casa real, ficava lá fora. "Jamais imaginei que poderia haver tanta felicidade neste mundo",[4] escrevera ela no diário de Nicolau após a noite de núpcias. "Sou indescritivelmente feliz", acrescentaria ele semanas depois. Chamavam-se, em inglês, de "hubby", maridinho, e "wifey", esposinha. "Meu doce querido, muitos beijos, sua esposinha o ama tão forte e profundamente! Você é meu tudo",[5] escreveu ela no diário dele. Os dois conversavam em inglês, alemão ou francês; ele lia para ela Púchkin, Tolstói ou o romance inglês ou francês da moda; podiam também dedicar-se a colar fotos suas num álbum — álbuns que ainda hoje nos transmitem uma vívida imagem de idílio familiar na virada do século.

A única coisa que atrapalhava era a saúde cronicamente fraca de Alix e a impossibilidade de terem um filho. Desde o início do casamento, ela vivia num constante estado de exaustão e semi-invalidez. É possível que os sintomas fossem psicossomáticos; era aparentemente o que pensava o médico da corte,

Eugene Botkin. Mas também é possível que, paralelamente ao gene da hemofilia que viria a se manifestar no filho do casal, Alexis, a rainha Vitória tivesse transmitido a Alix a porfiria, a doença que enlouqueceu Jorge III, mas que também apresentava toda uma série de sintomas físicos crônicos mais comuns.******** No fim da noite, os dois iam deitar-se na mesma cama, ao contrário da maioria dos membros contemporâneos da realeza.

O problema estava em que Nicolau não era um simples homem de família que pudesse isolar-se do mundo. Desde o início do reinado, ficou claro que a vida doméstica tinha para ele muito maior importância que qualquer coisa que tivesse a ver com a função pública. Até os membros mais reacionários da corte reconheciam que havia aí um problema e que o tsar estava isolado. O chefe de sua chancelaria, A. A. Mossolov, chegou a cunhar um nome para a situação, referindo-se ao "sredostenie", o "muro" que cercava Nicolau, impedindo-o de ter contato com "novas ideias" e "informação confiável". Como outros elementos conservadores da corte, Mossolov considerava que o muro era formado pela burocracia e os ministros, a intelligentsia e a imprensa. Os ministros deliberadamente tornavam obscuras as informações passadas ao tsar, cometendo todo tipo de perversidade em seu nome; a intelligentsia se agitava contra o regime; a imprensa "distorcia" a imagem do tsar e de sua relação com o povo. Na verdade, o muro era formado pela tradição, a etiqueta e o temperamento retirado de Nicolau, assim como sua recusa de aceitar a necessidade de mudança. A Rússia estava às voltas com grandes mudanças sociais e econômicas, e o governo se revelava cada vez mais incapaz de enfrentá-las, enquanto o tsar por sua vez acreditava piamente ser o único homem capaz de governá-la. Mas se isolava. "Recebo apenas informações positivas sobre o Nº 1",6 dizia o príncipe Radolin, o diplomata alemão, a seu amigo Fritz Holstein, no fim de 1895. "Só lamento que ele se isole e encontre apenas Lobanov e Witte, que não gostam um do outro. As pessoas acham que esse isolamento acabará depois da coroação."

No inverno de 1895, contudo, o casal deixou definitivamente São Petersburgo, indo para o Palácio de Alexandre em Tsarskoe Selo, "a aldeia do tsar", 24 quilômetros a leste dali. Tsarskoe Selo era uma elegante cidade de província, embora não houvesse na Rússia nada parecido. Construída por Catarina, a Grande, era uma espécie de estranho parque temático real em miniatura: dois palácios reais e as residências de veraneio da mais alta aristocracia, numa

extensão de 8 hectares de jardins e sebes talhados à perfeição, guardados por uma cerca elevada e guardas cossacos e cuidados por milhares de criados e uma guarnição permanente de 5 mil homens. Dentro de suas fronteiras encontravam-se o único sistema elétrico urbano do país, a primeira ferrovia, uma estação de telégrafo e rádio e o mais avançado sistema de esgoto e abastecimento de água de toda a Rússia. Em sua maioria, as aldeias russas não tinham água corrente nem encanamentos de esgoto.

Ali, em meio a esse vasto esplendor neoclássico e cercados pela etiqueta imperial, eles levavam uma vida de quase constrangida moderação burguesa. Nicolau usava suas roupas até ficarem puídas. As refeições eram simples: Alix não se importava e, no caso dele, a digestão não ajudava. Os aposentos da família eram mais confortáveis que majestosos. Alix, segundo observaria sua dama de companhia Sophy Buxhoeveden, "adorava uma casa acolhedora, com crianças e cães circulando". Cuidara-se de tornar os quartos mais íntimos e "aconchegantes", com balcões de madeira escura polida e almofadas no estilo Jugendstil (o art nouveau alemão) apreciado pelo irmão de Alix, Ernesto de Hesse-Darmstadt. Eles eram decorados com chintz inglês — "exatamente como numa confortável casa inglesa"[7] — e tinham as paredes cobertas de pequenas fotografias emolduradas, quinquilharias, estantes de livros e ícones. Só que as quinquilharias tinham a assinatura Fabergé e os ícones eram de valor inestimável. A comida era servida em bandejas de prata, o chefe de cozinha do palácio era um dos maiores da sua geração e Alexandra sentava-se à mesa do jantar coberta de diamantes.

A casa imperial e a corte imperial reuniam 16.500 pessoas, em sua maioria criados. Entre eles estavam quatro enormes negros, conhecidos no palácio como os "etíopes" (embora pelo menos um deles fosse americano), trajados com uma espécie de *fantaisie* setentrional dos trajes de um harém turco — turbantes brancos, jaquetas bordadas a ouro, sapatilhas com a ponta recurvada — e cuja única função era postar-se de pé à porta do gabinete do tsar, prontos para abri-la silenciosamente. Os funcionários da corte eram centenas: 287 camaristas, 309 cavalheiros de companhia titulares, 103 comissários, 40 cavalheiros do quarto de dormir, 22 clérigos e, na suíte imperial, centenas de funcionários, de generais a ajudantes. Os integrantes da corte eram tão numerosos que o próprio gabinete encarregado de sua gestão requeria uma equipe de 1.300 pessoas.

E havia também os palácios: além do Palácio de Alexandre em Tsarskoe Selo, com sua centena de aposentos, havia o Palácio de Catarina, maior, o Palácio de Inverno em São Petersburgo, as muitas villas de veraneio em Peterhof, os vários pavilhões de caça — inclusive três na Polônia —, as propriedades na Livádia, na Crimeia, e um punhado de outros palácios reais ocupados por diferentes parentes, como os Anichkov e os Pavlovsk. E também havia os iates, dos quais o mais majestoso, o *Standart*, elegantemente negro, com uma faixa dourada descendo pelas laterais e uma dupla águia de ouro na popa, tinha o tamanho de um navio de guerra e pesava 4.500 toneladas, acomodando oitenta pessoas para jantar e uma orquestra inteira de balalaicas. Tudo era financiado por um depósito único que Nicolau recebia anualmente, a 1º de janeiro, e que também cobria, entre outras coisas, o suntuoso trem de vida de seus parentes Romanov, as pensões do pessoal da corte e todos os diferentes teatros e balés e iniciativas que o tsar patrocinava. Já era um truísmo, frequentemente invocado entre os Romanov, que o pobre Nicolau muitas vezes já estava "quebrado" no outono, o que tornava a frugalidade tanto mais equiparável à de Maria Antonieta e fora de esquadro com a realidade.

A mudança para Tsarskoe Selo representava mais que um simples distanciamento geográfico da elite aristocrática e governamental de São Petersburgo. Na época do pai, a antipatia do tsar por São Petersburgo fora moderada pela mãe, que funcionava como ponte entre o imperador, a corte e a sociedade. Nicolau herdara a desconfiança do pai em relação à cidade e o desejo de estar no campo, preferindo a intimidade do lar ao convívio em sociedade. Alix rapidamente adquirira uma intensa aversão a São Petersburgo, mostrando-se quase histericamente tímida e desconfortável em público: "Ela queria desaparecer debaixo da terra",[8] diria a amiga Sophy Buxhoeveden, "seu francês evaporava e a conversa morria; ela ficava ruborizada e parecia pouco à vontade". Catapultada ao papel de imperatriz, ela não tivera tempo para se aclimatar à estranheza da Rússia, e sua timidez tendia a se manifestar como distanciamento, suscetibilidade e uma instintiva desconfiança de estranhos. Até seus maiores defensores reconheciam que ela era "hipersensível e de certa forma obcecada com a ideia de que não era popular nem amada".[9] Como tantas elites voltadas sobre si mesmas, a frívola e fofoqueira São Petersburgo não se mostrava particularmente aberta nem generosa. "Se Alicky sorria, diziam que era deboche.

Se parecia séria, diziam que estava zangada",[10] recordaria sua cunhada Olga. Os que se aventuravam a uma aproximação muitas vezes achavam que suas boas intenções se deparavam com "respostas cortantes".[11] Ela demonstrava sua desaprovação da frivolidade da sociedade repreendendo publicamente,[12] nos bailes imperiais, as senhoras cujos vestidos considerava por demais reveladores, chegando às vezes a mandá-las para casa. As senhoras de São Petersburgo reagiram usando na cabeça plumas longas demais, que espanavam seu rosto quando elas se inclinavam em mesura, fazendo-a espirrar. De nada adiantavam para sua reputação os projetos filantrópicos e caritativos, os hospitais e os círculos de costura em que se envolvia; e o mesmo quanto a seus crônicos problemas de saúde: "Iria de encontro à etiqueta da corte russa sequer mencionar a saúde do soberano ou de sua esposa."[13] Sua doença, contudo, serviu como mais uma desculpa para sua presença menos frequente (e também do marido) fora de Tsarskoe Selo.

Em Tsarskoe Selo, apesar de contar com um séquito de seiscentos indivíduos, podendo dispor de duzentas damas de companhia, Alix restringia seu convívio à família e a um pequeno e coeso círculo de mulheres. Encarava o resto do mundo com forte desconfiança e, segundo recordaria Mossolov, "demonstrava ciúme de tudo que a privasse da companhia do marido"[14] — inclusive as questões de Estado. Quando se queixou certa vez de que ela e o tsar viam muito poucas pessoas, um cortesão deu a entender que talvez devessem fazê-lo mais. "Por quê? Para ficar ouvindo ainda mais mentiras?",[15] respondeu ela. Nicolau, que ainda solteiro gostava de frequentar festas e bailes, facilmente se inclinava a acompanhá-la. "Nem o tsar nem a imperatriz tinham o menor desejo de ampliar o círculo de pessoas admitidas em sua presença",[16] escreveu Mossolov. Em meados de 1897, um diplomata alemão baseado na Rússia manifestou ao chanceler alemão a preocupação de que o tsar, "tão reservado e isolado, acabe perdendo contato com as forças vivas do seu povo".[17]

Como tantas outras coisas na vida de Nicolau, as origens desse retraimento em relação à aristocracia o antecediam. Sempre houvera uma defasagem entre o imperador e a aristocracia, tão sujeita aos caprichos do tsar, pelas leis da autocracia, quanto qualquer outro segmento da população. Outros imperadores se tinham mostrado desconfiados em relação à frivolidade e à tendência para a intriga em São Petersburgo, mas isso não importava tanto enquanto o tsar tinha

os pés fincados na cidade e no mundo. O deliberado e determinado isolamento de Nicolau e Alexandra abriu uma brecha que alienaria até mesmo a elite.

Nicolau e Alix se diziam entediados com a etiqueta da corte, mas estavam mergulhados até o pescoço nos processos que os mantinham separados do mundo. "Os próprios soberanos sempre disseram que o que mais valorizavam nas pessoas eram a simplicidade e a sinceridade (...) mas sempre apreciavam as pessoas quase exclusivamente em função da atenção que davam aos ditames exteriores e não raro absurdos da etiqueta",[18] escreveu Gleb Botkin, filho do médico da família imperial, que cresceu em sua órbita. Nas viagens de 1896, o pessoal do palácio de Balmoral os achou inicialmente reservados e "metidos em sua magistral dignidade";[19] e na França fora notado que o casal imperial só se dirigia aos mais importantes generais e figuras do governo. Fora da corte e das obrigações governamentais, Nicolau praticamente não via ninguém nem se interessava pelas novas elites russas: a sociedade judaica e os novos milionários industriais de Moscou — em contraste com seu tio Bertie na Inglaterra. "Nenhum dos dois [grupos] nos interessava",[20] escreveu uma das damas de companhia de Alix. A distância mantida por Nicolau em relação a esses setores e à elite de São Petersburgo fazia com que — embora ele e Alix fossem mais cultos que seus primos ingleses e alemães e embora ele tivesse conhecimento do grande retratista russo Ilya Repin, porque pintava os membros da corte, e tivesse visto algumas peças de Tchekhov, a essa altura mundialmente famoso — não tivesse muita noção do extraordinário florescimento artístico que ocorria em seu país. Os antepassados de Nicolau tinham sido os grandes construtores e colecionadores da Rússia, mas embora ele financiasse alguns dos teatros e salas de concerto onde havia apresentações de música, ópera e balé, Nicolau muito pouco se envolvia diretamente no patrocínio das artes.

Outrora, o caráter excludente da corte russa representara uma maneira de manter o monarca no controle e a aristocracia sob controle; agora, servia apenas para manter a corte distante do resto do mundo. Era este o padrão em todas as cortes europeias, todas tentando desesperadamente manter à distância novas forças — o comércio, a burguesia, a indústria, a democracia — que viam como ameaças à sua posição e influência, mas a única arma com que contavam, à parte as barricadas, era um desesperado apego ao passado. Elas já não constituíam o ponto de convergência na busca de riqueza, o ambiente onde a arte era originada

e os debates políticos ocorriam, como acontecia no século XVIII, mostrando-se estranguladas pela hierarquia e uma infinidade de regrinhas, tão melhores quanto mais arbitrárias. Mas sobretudo eram insuportavelmente tediosas — até o tsar o admitia —, e quase todas as suas atividades serviam para manter todo mundo ocupado, mas não tinham o menor sentido. Na Rússia, a preocupação de Nicolau com a própria família e o fato de não poder acolher alguém que não fosse nobre transformara sua corte numa espécie de enorme e ampliado ambiente doméstico, cheio de gente obsessivamente preocupada em comparar passamanarias douradas. Os famosos bailes da corte na temporada de inverno, considerados os mais majestosos e luxuosos do mundo, também obedeciam a uma interminável lista de exigências formais. Para a maioria das pessoas, significavam postar-se de pé num salão repartido por castas (sem a menor chance de a bela filha de uma família da pequena aristocracia ser enlaçada de uma hora para outra pelo belo príncipe) e esperar por horas a chegada do imperador para poder fazer a mesura. Até o chefe da chancelaria de Nicolau reconhecia ficar "com um tédio real".[21]

O mesmo acontecia na Inglaterra. Há muito a corte britânica abrira mão de qualquer pretensão de ser um eixo de poder e influência, consistindo apenas, a essa altura, no ambiente doméstico da rainha e numa série de compromissos sociais anuais. O retraimento de Vitória a transformara num plácido lago de tédio submetido a seus caprichos, onde raramente o mundo exterior se intrometia. A rainha desaparecia em seus apartamentos por dias seguidos, enquanto os cortesãos percorriam entediados os corredores, sem possibilidade de deixarem o prédio enquanto ela não o fizesse, ou de fumar, ou sequer de se aquecer, pois ela não considerava as lareiras saudáveis.

Pior ainda era em Berlim. O puritanismo de Dona — que proibira danças modernas como a polca e o *two-step* — e a prepotência de Guilherme tornavam a corte tão aborrecida que muitos aristocratas se ausentavam completamente. As maiores preocupações da corte eram a essa altura as questões de precedência, o rígido cerimonial, a preservação de infindáveis regrinhas arbitrárias e, naturalmente, a completa obediência ao soberano. "Era quase como viver numa prisão",[22] escreveu Ethel Howard, governanta inglesa dos filhos de Guilherme. A corte era famosa pela dureza de seu protocolo e pela ausência de senso de humor. Guilherme gostava de dizer que não promovia bailes como divertimento, mas lições de conduta.[23] "Seria difícil imaginar (...) algo mais rígido e

cansativo",[24] observou um adido britânico. Os membros da corte não eram autorizados a usar transportes públicos nem a usar óculos, pois não era permitido olhar para os monarcas através de vidros,******** e a todo momento cada um era lembrado de sua posição na hierarquia. Todos eram classificados com salvo-condutos de diferentes cores; em função deles é que sabiam, entre outras coisas, em que salão ficariam durante o baile e a dimensão do presente de Natal a ser recebido do casal imperial. Até o tamanho das árvores de Natal montadas para membros da família imperial no Castelo de Berlim era determinado pelo lugar ocupado na escala hierárquica.

Fazer parte do entourage do cáiser aparentemente era em grande parte uma questão de ser forte e ficar de pé: ninguém podia sentar-se em sua presença nem ir se deitar antes dele. À noite, ele fazia questão de ler — com admoestações — ou discorrer durante horas, enquanto os outros faziam força para ficar acordados. "Os generais mais velhos do séquito do cáiser eram dignos de pena",[25] observou uma governanta inglesa. "Ostentavam quase sempre um sorriso de paciente sofrimento, pois Guilherme não mostrava muita consideração com sua idade e suas enfermidades. (...) Via de regra, extraía cada gota de serviço que alguém fosse capaz de prestar — de uma forma agradável e afável, é bem verdade. Às vezes eles pareciam mortalmente cansados, esses cavalheiros, entediados com as incessantes trivialidades da função, entediados com a conversa de Guilherme, que pouco lhes dava oportunidade de expressar os próprios pensamentos." Era tão terrível passar o tempo no entourage do cáiser que um auxiliar, Gustav von Neumann-Cosel, particularmente conhecido pela obsequiosidade e o entusiasmo com que beijava as mãos de Guilherme, voltava para casa depois de cumprir seu horário na corte, trancava-se em seu quarto, praguejava em voz alta e dormia por 24 horas.[26]

Como Nicolau e Alexandra estavam isolados com a corte, sua experiência das outras classes era mínima. Embora pudessem imitar os valores e hábitos de recato das classes médias, na verdade as consideravam potenciais adversárias problemáticas cujas aspirações representavam direto desafio às estruturas da hierarquia russa e à autoridade do tsar. As classes médias educadas, em particular, que formavam a questionadora oposição liberal, a "intelligentsia" — uma expressão russa —, eram detestadas por Nicolau. Serguei Witte recordava que, "certo dia, à mesa, alguém usou a palavra ‘intelectual’", ao que o tsar

respondeu: "Como detesto esta palavra." E acrescentou que "deveria ordenar à Academia de Ciências que a elimine do dicionário russo".[27] Quanto aos mais pobres e aos trabalhadores, Nicolau os via fora da sua carruagem, aclamando-o, ou então encontrava um ou outro camponês em cavalgadas que dava fora de Tsarskoe Selo (naturalmente, cercado de membros da polícia secreta) e perguntava como ia a colheita, totalmente desinformado da terrível situação em que viviam. Sua atitude em relação a eles era como a atitude dos colonialistas britânicos sentimentais em relação aos selvagens que estavam "civilizando". Ele era o paizinho deles, eles eram crianças honestas e inocentes, suscetíveis a influências más, das quais deviam ser protegidos. Depois do massacre do Palácio de Inverno em 1905, quando tropas governamentais atiraram contra uma multidão pacífica, Alix escreveu: "Os pobres trabalhadores que haviam sido tão terrivelmente enganados tiveram de sofrer, e os organizadores como de hábito se esconderam por trás deles. (...) Eu amo meu novo país. Ele é tão jovem, forte e tem muita coisa boa, apenas é profundamente desequilibrado e infantil."[28]

Nesse sentido, a família real russa era mais isolada que qualquer das contemporâneas. Até na Alemanha, Guilherme rompera algumas regras da estrita etiqueta da Prússia para se encontrar com magnatas judeus dos setores bancário e de navegação, visitar iates de milionários americanos, mostrar-se amistoso com o herdeiro do império Krupp, a maior empresa da Europa. Mais significativo ainda era o fato de, em seus discursos e no uso que fazia da imprensa, Guilherme ter se tornado acessível à população não aristocrática alfabetizada da Alemanha, setor comparável aos novos leitores do *Daily Mail* na Inglaterra — nacionalistas, patrióticos, ambiciosos, urbanos —, como nenhum monarca fizera antes. Embora ele encontrasse oposição no governo ou no Reichstag, essas novas classes cada vez mais formavam a base de seu apoio nacional. Mas ao passo que Guilherme só se sentia efetivamente vivo e sintonizado quando se expunha ao mundo, os acontecimentos em público ainda deixavam Nicolau doente de ansiedade. "Eu me senti verde e tremi todo",[29] disse ele à mãe, depois de falar à corte vienense em 1896. A família real britânica, enquanto isso, era obrigada a ir ao encontro de plebeus influentes — até políticos radicais em ascensão como Joseph Chamberlain e David Lloyd George — por força de sua posição constitucional.

A verdade era que Nicolau não tinha a menor ideia — nem queria saber —

das mudanças que vinham ocorrendo na Rússia; de que o Estado já não era a única força organizadora, revelando-se os *zemstvos* cada vez mais os fornecedores mais eficazes de serviços do país de que as reformas promovidas pelo avô, não obstante o empenho do pai, tinham começado a romper os velhos e rígidos fatores determinantes de classe — os servos tornavam-se comerciantes, os filhos de comerciantes tornavam-se professores, engenheiros e médicos; de que a vida no campo estava empobrecida e em crise e a classe trabalhadora urbana vivia na miséria. Como seria possível processar as mudanças trazidas pelo mundo moderno se se estava convencido, como Nicolau e Alexandra, de que o protocolo e a etiqueta de tal modo deviam prevalecer que não seria possível, como diria a amiga mais íntima de Alix, Anna Virubova, "alterar um único detalhe mortal da rotina da Corte russa"[30] e de que até o chá da tarde era imutável? "Os mesmos pratos para o pão torrado com manteiga, na mesma mesa de chá, eram tradições que remontavam a Catarina, a Grande." Nicolau não via motivos para que isso fosse mudado: o país precisava continuar como sempre fora. Era como se tivesse tornado estruturalmente impossível para si mesmo aprender com a experiência — exatamente como Guilherme, que, por motivos diferentes, não conseguia aprender com os próprios erros —, como se se estivesse sistematicamente desqualificando da possibilidade de participar do mundo moderno.

Escreveria o filho do dr. Botkin, o médico imperial: "O encantado mundinho de conto de fadas de Tsarskoe Selo dormitava tranquilamente à beira de um abismo, ninado pelos doces acalantos de sereias barbudas cantarolando suavemente ‘Deus salve o tsar’."[31]

Nicolau era cada vez mais intensamente atirado nos braços da família pelo próprio medo, desconforto e aversão em relação a seu novo papel como imperador. Ele levava profundamente a sério sua herança, mas não tinha ideias, à parte aferrar-se aos truísmos do pai: só a autocracia poderia salvar a Rússia; as reformas liberais e a imprensa livre eram receitas certas para o desastre; os parentes próximos eram as únicas pessoas que mereciam confiança; a Rússia precisava ser preservada em salmoura. Ele logo ganhou fama de um homem bom, mas nem tão firme nem tão coerente quanto seria de desejar. Era por demais suscetível às intimidações dos tios e à última pessoa com quem havia conversado. "Nosso jovem monarca muda de ideia com assustadora rapidez",[32]

suspirava um veterano burocrata do Ministério do Exterior em 1896. "Com demasiada frequência está sob pressão, e portanto sob a influência das últimas palavras que ouviu",[33] concordavam em 1897 seus primos Sandro e Constantino. "O imperador é influenciado pelos argumentos do assessor com quem conversou por último",[34] informava um embaixador britânico. "A reputação da monarquia tem sido prejudicada (...)",[35] dizia o embaixador alemão ao chanceler em 1898. "Como um caniço ao vento, o tsar Nicolau oscila entre os ministros e os grão-duques e, por último mas não menos importante, a própria mãe."

Guilherme, como se sabe, fora acusado da mesma coisa. "É insuportável. Hoje uma coisa, amanhã outra e dias depois outra coisa completamente diferente",[36] escrevera, farto, um ministro. As origens pessoais da inconstância de cada um eram diferentes — a maníaca inquietação de Guilherme, a insegurança de Nicolau —, mas em ambos os casos refletiam uma subjacente incapacidade de lidar com as exigências cada vez mais amplas do governo moderno, além de um profundo desejo de não confiar em qualquer pessoa que pudesse minar seu poder.

Nicolau compensava o ansioso sentimento de inadequação e falta de preparo agarrando-se com pertinácia à crença em seu direito divino. No momento em que a coroa pousou sobre sua cabeça, ele se havia transformado em veículo do propósito de Deus, magicamente absorvendo uma espécie de superioridade espiritual que o tornava, quaisquer que fossem suas inadequações, mais capaz que qualquer ministro de saber do que a Rússia precisava. Era uma ideia mística muito mais literal que os pronunciamentos de Guilherme sobre sua relação com Deus, que lhe haviam rendido tanto escárnio na Europa, e em Nicolau ela estimulava uma espécie de fatalismo que nas crises haveria de torná-lo estranhamente passivo. Ela também o tornou extremamente possessivo da própria autoridade, além de suscetível a qualquer coisa que pudesse ser interpretada como interferência. Enquanto Nicolau, o homem de família, era gentil e afável, Nicolau, o imperador, muitas vezes se mostrava melindroso, desconfiado e teimoso.

Com o passar dos anos, esse sentimento de destinação e mágica capacidade passou a representar um precário contrapeso à falta de confiança. Embora nas questões individuais continuasse suscetível às opiniões deste ou daquele ministro e mesmo de membros da família, Nicolau se ressentia cada vez mais de tudo que

considerasse interferência em sua autoridade ou contradição, especialmente de integrantes da própria casa imperial, que podiam ser rejeitados por mencionar questões políticas ou do mundo exterior — especialmente se subentendessem críticas ao sistema. No entourage de Nicolau, segundo A. A. Mossolov, a ênfase era numa escrupulosa polidez e obediência, "o lema era ‘mantenha-se discreto’ e ‘nada faça por iniciativa própria’". Apesar das montanhas de papelada, Nicolau recusava-se a ter sequer uma secretária ou a permitir que alguém selasse suas cartas ou molhasse os selos — "Teria sido necessário envolver uma terceira pessoa em questão de confiança, e o tsar detestava confiar suas ideias a quem quer que fosse".[37] Ele insistia em ver a Rússia como uma grande propriedade privada que podia administrar como um proprietário fundiário paternalista. Sem uma secretária, montanhas de coisas secundárias caíam em sua escrivaninha. O tsar era a única pessoa do império que podia conceder um divórcio ou sancionar uma mudança de nome; os ministros eram obrigados a consultá-lo a respeito das mais insignificantes mudanças de pessoal. O fato de se concentrar nas coisas triviais o levava a imaginar que estava de fato administrando o país.

Quanto ao governo, Nicolau aparentemente tinha desconfiança e desapreço intrínsecos pelos ministros, embora fossem praticamente sua única fonte de informação sobre o mundo exterior. Em certa medida, isto tinha a ver com questões de classe e códigos de conduta. Na Rússia, a aristocracia fundiária — em contraste com o que acontecia na Grã-Bretanha — colocava-se acima da não tão elevada nobreza "burocrática", que sujava as mãos no governo. Como Jorge, Nicolau absorvera um código militar aristocrático através do qual o mundo era visto em preto e branco, mostrando-se avesso às complexidades, ambiguidades e áreas cinzentas da política. Do ponto de vista da corte, a classe burocrática — por sua vez composta de nobres, naturalmente, mas de patamar inferior — era constituída de carreiristas que intrigavam e deliberadamente induziam o tsar em erro para alcançar os próprios fins. "A burocracia está interessada (...) em manter o tsar na ignorância do que acontece; é dessa maneira que ela se torna cada vez mais indispensável",[38] escreveu o vice-ministro da corte de Nicolau. O tsar também mostrava certa tendência para se voltar para os primos e tios em grande medida inúteis e egoístas do clã Romanov e a depender deles, deixando-se levar por esquemas fantasiosos a ele apresentados por antigos oficiais da guarda aristocráticos e totalmente inexperientes, com cuja companhia e visão de mundo

se identificava mais. Foi exatamente um plano desses que acabou levando a Rússia a sua desastrosa guerra com o Japão.

E era verdade que o governo russo vivia mergulhado num ambiente de traição, intriga e lama, um estado de coisas que se originara porque, na ausência do que quer que pudesse representar alguma forma de coordenação política, cada ministro e departamento acabava enfrentando os demais pelo que era seu. Nicolau supostamente seria a figura incumbida de controlar e coordenar as políticas governamentais, assumindo um papel de supervisão. Como Guilherme, todavia, ele se mostrava completamente incapaz de fazê-lo, e o país era tão grande, e o governo tão primitivo e caótico, que ninguém provavelmente teria condições de administrar a Rússia por conta própria. Na ausência de prioridades políticas bem estabelecidas, os ministros e departamentos disputavam predomínio. Os ministros se entrevistavam individualmente com o tsar, sem que fossem redigidas atas desses encontros. As decisões tomadas numa reunião muitas vezes eram descartadas na seguinte. As ordens que entravam em contradição não eram resolvidas. Relatórios longos e cuidadosamente pesquisados deixavam de ser lidos, por falta de tempo e impaciência da parte do tsar. Como os primos, Nicolau ficava irritado com tudo que lhe parecesse complexo demais. Relatórios anotados desapareciam. Seu hábito de mudar de ideia complicava tudo, levando os ministros a tentativas cada vez mais esdrúxulas e manipuladoras de mantê-lo na linha, o que por sua vez servia apenas para alienálo ainda mais.[39] Na década de 1900, fizeram-se duas ou três tentativas de reunir todos os ministros ao redor de uma mesa para um encontro semanal com o imperador. Nicolau recusava-se a entender o interesse da iniciativa. Além disso, mostrava-se extremamente incompetente na condução de uma reunião, entediando-se e ficando facilmente irritado. Talvez fosse o fato de tanto detestar qualquer forma de confronto, talvez a aversão cada vez maior a qualquer refutação. Com toda a certeza ele relutava em aceitar que a discussão e o debate pudessem levar a algo útil. "A simples ideia de uma discussão era totalmente alheia à natureza de Nicolau II",[40] escreveu Mossolov, chefe de sua chancelaria — o departamento que organizava as questões governamentais que requeriam a atenção pessoal do tsar, mas que estava sobrecarregado de papéis e trivialidades. Ele não parecia capaz de encarar as políticas oficiais num contexto mais amplo. "Ele só entende o significado de um fato isoladamente, sem sua

relação com os outros fatos",[41] escreveria desdenhosamente seu velho tutor Pobedonotsev em 1900. "Acontecimentos, tendências (...) ideias genéricas desenvolvidas por troca de ideias, argumentos ou discussão estão completamente ausentes."

O ministro mais capaz de Nicolau, Serguei Witte, o irritava particularmente. Witte era o homem que havia supervisionado e conduzido a industrialização da Rússia, de tal maneira que a economia russa a essa altura crescia com rapidez quase comparável à da Alemanha. A produção de ferro, aço e carvão triplicou entre 1890 e 1900, embora o custo humano desse crescimento tivesse sido devastador em certos lugares.[42] A fome do início da década de 1890 fora exacerbada, se não causada, pela insistência de Witte em exportar trigo em troca de capital estrangeiro. Witte era muito alto — 1,97m, ao que se dizia —, ao contrário do baixo tsar, e tão agressivamente desinteressado dos requintes da etiqueta e da cortesia quanto Nicolau se mostrava preocupado com eles. Exalava uma espécie de força bruta, mostrava-se abertamente ambicioso e implacável na perseguição dos seus fins e convencido da correção de suas políticas. Considerava que, para elevar a posição da Rússia no mundo, seu governo tinha de melhorar a economia através do desenvolvimento industrial, das ferrovias e de novos mercados. Nada havia nele de suave ou cortês, ele se mostrava cínico, manipulador e não raro rude. Certa vez, gritou tão furiosamente com outro ministro na presença do imperador que Nicolau deixou a sala. Nicolau detestava essas coisas. Reconhecia a capacidade de Witte mas não confiava nele, e, conscientemente ou não, sentia-se ameaçado pela autoconfiança e a capacidade de seu principal ministro. Preferia o reconhecidamente medíocre e indiferente Goremikin, que se comportava "como um mordomo, levando instruções aos outros criados".[43] Nicolau e Alexandra alimentavam a fantasia de que, além dos ministros, havia bons e honestos conselheiros com cujas recomendações ele seria capaz de resolver tudo. "Ele não tem ninguém com quem possa realmente contar e que possa verdadeiramente ajudá-lo",[44] escreveu Alix no auge da crise revolucionária de 1905. "(...) Ele tenta com tanto afinco, trabalha com tanta perseverança, mas a falta do que eu chamo de homens ‘de verdade’ é grande. (...) Os maus sempre estão por perto; os outros, por falsa humildade, se mantêm na retaguarda."

Não que o tsar manifestasse abertamente seus sentimentos. Como em seus

contatos no exterior, ele estava sempre calmo, jamais se alterava e com frequência parecia inteiramente receptivo ao que lhe era dito. Sorria, assentia e fazia algo completamente diferente, erguendo uma muralha ao redor das próprias emoções e reações. Em suas memórias, Witte relatou como foi demitido por Nicolau: "Conversamos durante duas longas horas. Ele apertou minha mão. Abraçou-me. Desejou-me toda a sorte do mundo. Voltei para casa mal cabendo em mim de felicidade e encontrei sobre a escrivaninha a ordem oficial de minha demissão."[45] Essas demissões não eram incidentes isolados. Nicolau disse a Guilherme que nunca nomeava ninguém sem ter um substituto, caso quisesse demitir o escolhido.

Ao mesmo tempo, Nicolau estava totalmente envolvido nos mais imprudentes excessos do regime. Ele sabia que havia uma crescente crise agrícola e tinha conhecimento da situação financeira cada vez mais perigosa da Rússia. Sabia das medidas brutais que seu governo tomara em nome da segurança nacional, estimulava gastos extravagantes com a esquadra russa e o emprego de enormes somas na conquista de territórios da China. Apoiou a mão pesada e agressiva com que foi promovida a russificação do pacífico e independente ducado da Finlândia, que começou em 1898 com a designação do brutal general Bobrikov como governador-geral. Em 1904, a Finlândia estava à beira de uma revolta e Bobrikov fora assassinado. Em 1902, a mãe de Nicolau, numa carta de inédito teor crítico, escreveu-lhe: "Para mim é um completo enigma como é que *você*, meu bom e querido Nicky, cujo senso de *justiça* sempre foi tão forte, decide agora ser orientado e enganado por um mentiroso como Bobrikov! (...) O povo estava perfeitamente feliz e satisfeito, agora tudo foi *posto a perder*, tudo mudou, campeiam a desordem e o ódio. (...) Tudo que foi feito e está sendo feito na Finlândia baseia-se em *mentiras* e *trapaças*, levando direto à revolução."[46] Nicky discordava. Era necessário tomar decisões duras, dizia. Seu pai havia russificado os países bálticos: "Uma mão forte e firme proporcionou completa conciliação, e agora todos os problemas estão perfeitamente esquecidos."[47] (Na verdade, os bálticos germânicos emigrados se haviam convertido nos mais ruidosos propagandistas antirrussos da Alemanha, na vanguarda de um pangermanismo antieslavo.) O tsar acrescentava que acabava de sofrer "uma pesadíssima perda pessoal": seu cão favorito havia morrido e ele chorara o dia inteiro. Talvez a justaposição seja injusta, mas foi Nicolau que a fez.

Como Nicolau, Jorge também fazia questão de se manter o mais distante possível da atenção pública, recolhendo-se numa vida doméstica tranquila e rural. Depois de seu casamento com May em 1894, o casal mudou-se para York Cottage, uma "melancólica pequena mansão"[48] na propriedade de Sandringham, a algumas centenas de metros da imponente residência do pai e da mãe. Ele gostava dali porque Sandringham era o lugar do mundo em que mais se sentia à vontade, porque havia 300 hectares para caçar e porque a residência era por demais pequena para que ele pudesse receber, representando sua barreira pessoal frente ao mundo externo. Ela era, na avaliação geral — à parte a de Jorge —, escura, sombria e apertada: "um lugar pequeno e inconveniente, arquitetonicamente repulsivo e sempre tomado pelo cheiro da cozinha",[49] escreveria sua prima, a princesa Alice. "Jorge a adorava, mas ele ocupava o único quarto confortável da casa, que era chamado de ‘biblioteca’, embora contivesse muito poucos livros (...) a sala de estar ficava pequena quando ocupada por dois adultos — mas depois do chá, quando a eles se somavam cinco crianças, tornava-se um verdadeiro pandemônio." Era recoberta de reboco, decorada com falsas vigas Tudor e ficava eternamente à sombra de árvores elevadas, dando para um lago escuro onde "um pesado pelicano de metal contemplava com tristeza os bambus e nenúfares".[50] No interior, o tecido vermelho utilizado nas calças do exército francês "entristecia", no dizer de um observador, as paredes. Durante o dia, York Cottage recebia damas de companhia, os camaristas e secretários particulares, diferentes enfermeiras, amas-secas, criadas, dez lacaios, três *sommeliers*, um valete e um chefe de cozinha — um séquito pequeno, pelos padrões reais, embora a casa estivesse superlotada. Jorge ali permaneceu, apesar das tentativas de desalojá-lo, até 1910, e mesmo depois, já feito rei, recusou-se a se transferir para a residência principal de Sandringham até a morte da mãe.

Ali ele levava uma vida de cavalheiro rural de Norfolk, mas um cavalheiro rural extremamente rico, com uma renda que depois de 1901 equivalia a 100 mil libras por ano (40 mil do parlamento, 60 mil do ducado da Cornualha). Seus gostos eram simples mas caros. Seus ternos eram confeccionados na Savile Row e as armas, fabricadas na Purdey, sendo os cartuchos incrustados com pequenas coroas vermelhas. Tendo praticamente deixado a marinha, ele a rigor não tinha obrigações, à parte algum muito eventual compromisso público. (Seus

compromissos em 1895 foram receber a condecoração da Liberdade da Cidade de Londres e fazer um discurso de agradecimento; navegar até a Alemanha para a inauguração do Canal de Kiel, onde jantou com Guilherme no *Hohenzollern*; ver o cavalo de lorde Rosebery correr no Derby; ir a Goodwood para mais corridas de cavalos e a Cowes para competições de iatismo; caçar faisões nas propriedades de vários amigos; visitar Balmoral e em seguida retornar a Sandringham.)[51] A equipe de seu pai administrava a propriedade. "Durante 17 anos", escreveria, exasperado, seu biógrafo Harold Nicolson, "ele nada fez senão matar animais e colar selos".[52]

Caçar e colecionar selos eram as paixões de Jorge. O interesse pelos selos começara ao receber de presente a coleção de seu tio Affie, comprada para ele pelo pai no início da década de 1890. Atraído pelo caráter solitário e metodicamente ordeiro do passatempo, ele passava várias tardes por semana arrumando e voltando a arrumar seus selos, examinando catálogos e eventualmente empatando vastas somas na aquisição de edições raras. No fim da vida, formara a maior coleção do mundo: 325 álbuns cheios. Depois de 1910, quando subiu ao trono, passou a colecionar apenas selos reproduzindo seu próprio rosto. Quanto às caçadas, era a única coisa que Jorge fazia excepcionalmente bem. No fim da década de 1890, era geralmente considerado um dos dois ou três melhores atiradores do país. As caçadas eram um dos maiores símbolos de uma vida aristocrática abastada. A caçada aristocrática — com direito a milhares de animais disponibilizados no mato, além de batedores, incumbidos de carregar as armas e as refeições — podia ser feita apenas em vastas propriedades sem cultivo. Como tantos hábitos de lazer da vida aristocrática britânica, tinha se tornado incrivelmente popular no exterior, entre os europeus muito ricos. Nicolau e Guilherme eram verdadeiramente obcecados com as caçadas. Ainda tsarévitch, Nicolau passava cinco ou seis horas por dia atirando, no auge do inverno: "667 animais mortos para 1.596 tiros disparados",[53] registrou ele num dia de 1893. Guilherme, que atirava apoiado nos ombros de um criado, mantinha uma relação de tudo que já abatera: em 1897, ela totalizava 33.967 animais, começando com "dois auroques, sete alces" e terminando com "694 garças e cormorões e 581 animais não especificados".[54] Jorge era capaz de abater mil faisões num único dia. Em Sandringham, as quantidades de caça abatida eram decididamente obscenas. Quando Jorge já era

rei, o político lorde Crewe não conseguiu eximir-se de comentar: "É uma lástima que uma personalidade pública tenha um gosto desenvolvido com tanta simplicidade quanto a mania da caçada em nosso amado monarca. (...) Sua perspectiva do que pode ser considerado adequado parece quase destruída."[55]

Jorge não queria se envolver com o mundo em geral. Como observaria seu tio, o duque de Cambridge, ele não conseguia "suportar Londres e as saídas, e detesta a Sociedade".[56] Apesar da devoção ao pai, ele não se integrava à sociedade elegante. Como registrou com delicadeza um observador, as companhias de Jorge não eram escolhidas "pelo brilho social, pela inteligência ou centelha ou novidade oferecida por sua hospitalidade, mas por qualidades mais sólidas, baseadas em velhas tradições".[57] Ele se incluía entre aqueles que o liberal radical Arthur Ponsonby — o irmão rebelde do secretário real Fritz Ponsonby e autor de *O declínio da aristocracia* — considerava a parte "reacionária" e "chata" da classe superior, que deplorava o mundo moderno ao mesmo tempo que desfrutava de suas conveniências, sentia saudade do passado e esperava "deferência ilimitada" dos que estavam em posição inferior na hierarquia social.[58] Detestava viajar ao exterior, muito embora, graças aos esforços da avó, estivesse agora ligado por sangue ou casamento a todas as vinte monarquias reinantes da Europa ocidental. As viagens o deixavam com saudades de casa, os percursos marítimos lhe causavam enjoo e expunham sua incapacidade de falar qualquer língua estrangeira. Ele tinha horror de fazer discursos em público e, em geral, de ser obrigado a deixar sua zona de conforto. Sequer tinha informações sobre a propriedade de Sandringham em que vivia. Ao herdá-la em 1910, não tinha a menor ideia de que seus trabalhadores agrícolas estavam entre os mais mal pagos de Norfolk.

Seu casamento fora considerado um grande sucesso. Em apenas um ano, May gerou um herdeiro — David, o futuro Eduardo VIII. O casal logo se transformou numa referência de domesticidade respeitável e satisfeita. "Toda vez que os vejo, eu os amo e aprecio mais e os respeito imensamente",[59] escreveu a rainha Vitória em 1897. "Graças a Deus! Jorge conseguiu uma esposa excelente, útil e boa." Considerava-se na corte que May tinha contribuído para fortalecer a timidez de Jorge, conferindo à parceria uma dignidade pública de um esplendor algo rígido e severo. Ela mostrava especial propensão para se cobrir de diamantes e joias caras. Embora não fosse extrovertida, gostava das obrigações públicas da

realeza.

Jorge amava May, até onde era capaz. "A essa altura você já sabe",[60] escreveu-lhe, meses depois do casamento,

> que nunca faço nada pela metade, quando a pedi em casamento estava muito afeiçoado a você, mas não muito apaixonado, mas vi em você a pessoa que eu era capaz de amar mais profundamente, se correspondesse a esse amor. (...) Tentei entendê-la e conhecê-la, com o feliz resultado de que hoje sei que a amo, querida menina, com todo o *coração*, e me sinto simplesmente *devotado* a você. (...) *Eu a adoro, doce May*. Meu amor por você se torna mais forte a cada dia, misturado com admiração, e agradeço a Deus diariamente por me ter dado uma esposa tão querida e dedicada como você. Deus a abençoe, meu doce anjo May, que eu sei estará sempre ao meu lado, pois hoje preciso mais que nunca do nosso amor e ajuda.

No papel, Jorge vibrava com os mais ternos sentimentos em relação à mulher, dizendo-lhe que não poderia viver sem ela. Em São Petersburgo, no casamento de Nicolau em 1894, ele lhe escreveu vinte cartas em duas semanas. Frente a frente, contudo, continuava perfeitamente incapaz de expressar seus sentimentos. "Sei que você entendeu o que eu sentia & como foi terrível ter de partir",[61] escreveu ele depois de viajar para a Rússia em 1894; e depois da viagem que fez com ela pela Comunidade Britânica em 1901: "Não sei por quê, não consigo dizê-lo, de modo que aproveito a primeira oportunidade de escrever para dizer como lhe sou profundamente agradecido, querida, pela esplêndida maneira como me apoiou e ajudou em nossa longa viagem. Foi você que fez dela um sucesso."

A relação era complicada. Jorge continuava muito próximo das irmãs e da mãe, que viviam a minutos de distância. Elas eram extremamente possessivas em relação a ele e não raro insensíveis e hostis com May. A irmã mais próxima de Jorge, Toria, que não se casara porque Alexandra queria companhia e considerava May uma intrusa, pouco se esforçava para esconder sua antipatia. "Faça um esforço para conversar com May no jantar", disse ela a um convidado pouco depois do casamento, "embora todos saibam que ela é mortalmente chata".[62] Alexandra nunca entrou em confronto aberto com a nora, tratando-a com sua habitual e alegre cordialidade. Mas não restava dúvida de que sentia "ciúme da nora", de acordo com a mais antiga amiga de May, Mabell, condessa de Airlie.[63] Alexandra fazia questão de deixar bem claro seu poder sobre o filho, aparecendo na casa sempre que lhe dava vontade, mudando os móveis de lugar na ausência da nora, "o que certamente lhe dá muito mais espaço, e em minha opinião fica mais bonito",[64] escreveu Jorge a May, sem o menor tato.

"Naturalmente, se você não gostar (...) podemos restabelecer tudo em um minuto." Alexandra nunca deixava passar qualquer coisa feita por May que pudesse ser interpretada como a mais ínfima negligência em relação ao marido: "E o meu pobre Jorge perdeu a sua May, que fugiu para Londres para cuidar dos óculos."[65] Quanto ao sogro, May achava as troças de Eduardo embaraçosas, reprovando seu estilo de vida. Sua família, entusiasticamente pró-germânica, tampouco apreciava as "terríveis inclinações russas"[66] dele. Mas Jorge ainda vivia à sombra do pai, consultando o rei a respeito de tudo, até a cor do uniforme de seus lacaios.

Jorge aparentemente esquecia a maneira como a família tratava sua mulher, assim como a monotonia e o tédio que Sandringham e sua vida esportiva deviam representar para ela. As caçadas e as corridas de cavalo eram para ela um aborrecimento, e os passeios de iate a deixavam enjoada. Mas se esperava que as esposas de classe alta se alinhassem com os objetivos dos maridos, e assim ela acompanhava os caçadores, dia após dia, sorrindo com entusiasmo. Ele não tinha tempo para os interesses dela — literatura e arte —, cedendo ao desprezo bem característico das classes altas inglesas por pessoas consideradas inteligentes demais, às quais se referia como "sobrancelhas". "Por vezes", reconheceria o primeiro biógrafo autorizado de Jorge, "a vida intelectual da duquesa pode ter sofrido, sendo suas energias atrofiadas nesses primeiros anos".[67] Tampouco aceitava ele a hipótese de se mudar para uma residência mais ampla e mais distante da família. Em 1901, quando ela propôs que se mudassem para Houghton Hall, uma propriedade próxima, em Norfolk, ele rechaçou a ideia, insuflado pela mãe.

May nunca se queixava. Ela se comprometera decididamente a contemporizar com o marido e futuro rei, fortalecer sua autoconfiança e demonstrar sua dedicação à monarquia. Era mais ou menos o que se esperava. Como escreveria um biógrafo de uma princesa inglesa mais recente — Diana —, as mulheres de sua casta eram preparadas para "uma vida de expectativas emocionais baixas e maridos que não se preocupavam em se mostrar atentos".[68] May "sacrificou tudo às necessidades dele e à preservação de sua paz de espírito, pensando nele antes de pensar em qualquer outra pessoa, inclusive os filhos e, naturalmente, ela mesma", escreveu seu biógrafo James Pope-Hennessy.[69] "(...) Ela considerava que todos deviam atender ao menor desejo do rei, e transformou-se num

exemplo vivo dessa convicção. (...) Intimamente, era necessário para isto um constante e dramático exercício de imaginação, previsão e autocontrole." Sua dedicação e submissão e a insistência em que todos na casa agissem da mesma maneira de fato fortaleceram a confiança de Jorge.

Também estimulou um hábito real já bem estabelecido de se comportar como um autocrata na própria casa. Em York Cottage, todos os relógios eram adiantados meia hora, por causa da obsessão de Jorge com a pontualidade. O chefe da casa não podia ser contrariado, questionado nem criticado. "O rei Jorge V detestava qualquer manifestação de insinceridade e lisonja, mas com o tempo ficou tão acostumado com o fato de as pessoas concordarem com ele que se ofendia com comentários amistosos francos",[70] recordaria Fritz Ponsonby, um dos secretários particulares que por mais tempo serviram à família real, cuja franqueza era aceita — embora com certa irritação — tanto pela rainha quanto por Eduardo. "Ninguém jamais o refuta; são ventilados apenas aqueles temas que eles [os membros da realeza] escolhem, e os mais banais lugares-comuns provenientes dos lábios reais são ouvidos como se fossem palavras de um oráculo",[71] observaria o escritor Augustus Hare ao encontrar Jorge em meados da década de 1890. Ele se perguntava como é que Jorge conseguia aguentar a chatice da conversa. Jorge começou a expressar suas opiniões e pontos de vista políticos — a visão de um aristocrata rural tóri de Norfolk — alto e bom som para quem quisesse ouvir. "Um pouquinho franco demais",[72] observaria o secretário do vice-rei da Índia ao se encontrar com Jorge em 1905. Jorge adquirira forte aversão ao seu antecessor, lorde Curzon, e não se eximia de dizê-lo a todos.

A submissão de May também estimulava Jorge a tratá-la mal. "Aqui entre nós", disse o duque de Windsor ao biógrafo da mãe, "meu pai tinha um temperamento terrível. Era insuportavelmente rude com minha mãe. Pois eu não a via deixar a mesa por ser tratada com grosseria? E nós, os filhos, a acompanhávamos".[73] Em seu castelo, Jorge se enfurecia com facilidade. A propensão para gritar e com frequência manifestar exasperação tornou-se uma de suas características mais salientes. A raiva podia decorrer de sua dificuldade de expressar os sentimentos mais ternos; e talvez viesse também do fato de pairar sobre sua vida uma constante camada de angústia, incerteza e medo do futuro — de que um dia teria de ser rei. Isto alimentava um certo sentimento latente de

autopiedade. E quem sabe não expressaria também uma pequena e secreta pontada de decepção com o casamento? Uma sensação de que sua esposa, irretocavelmente correta, absolutamente controlada e admiravelmente dedicada, era algo inatingível e mesmo fria; de que seu mais profundo compromisso era com a própria monarquia, mais que com ele? Conscientemente, Jorge acreditava profundamente na própria dedicação à esposa. Em dezembro de 1901, veio a notícia chocante de que sua prima Vitória Melita, a "Ducky", deixara o irmão de Alix, Ernesto — pondo fim a uma união à qual tinham sido forçados pela rainha —, por Cirilo, o primo de Nicolau. Jorge escreveu a Nicolau: "Não achava que eles fossem felizes juntos, mas jamais imaginei que chegasse a isso; lamento muito, pois gostava dos dois. Você e eu, graças a Deus, somos tão felizes com nossas esposas e nossos filhos que não conseguimos entender esse tipo de coisa."[74]

Sobre May, o casamento tinha um efeito coercitivo. Três anos depois da boda, Marie Mallet, a dama de companhia da rainha, escreveu em seu diário que esperava que "a princesa May não fique muito intimidada de falar comigo.[75] Ela parece pálida e magra, como se precisasse de solidariedade, mas não ousasse buscá-la". Um ano depois, ela observaria: "A princesa May anda muito esquisita. Estou convencida de que ela quer ser simpática, mas em seu caso muitas vezes é necessário adivinhar seus desejos."[76] Mabell, condessa de Airlie, a velha amiga de May, considerava que uma "dura camada de inibição (...)" se havia "gradualmente fechado sobre ela, ocultando a cordialidade e a ternura de sua personalidade".[77] Longe de Jorge, David considerava que "ela era uma pessoa diferente".[78]

A autocracia de Jorge também se manifestava no tratamento dos seis filhos: cinco meninos — sendo o menor, João, uma criança epiléptica, que morreu aos 13 anos — e uma menina, Maria, todos nascidos entre 1894 e 1905. O mais velho, David, o futuro Eduardo VIII, nasceu durante a visita de Nicolau à Inglaterra em 1894, e o tsar se tornou seu padrinho. O segundo, Alberto, o futuro Jorge VI, viria um ano depois. Prejudicado pela indulgente negligência dos pais, Jorge tratou por sua vez de prejudicar os próprios filhos. Era rigoroso, intimidador e impaciente. Tinha tanta dificuldade de mostrar ternura em relação a eles quanto em relação à mulher. "Ele tinha sempre uma atitude de rispidez em relação a todas as situações humanas", escreveria o filho mais velho, David.

"Muitas vezes achei que, apesar de seu indubitável afeto por todos nós, meu pai preferia as crianças como abstração." Ele esperava que se comportassem como adultos — ou antes, como bem treinados marinheiros: pontuais, limpos e sempre obedientes —, ao mesmo tempo que lhes proporcionava uma educação de segunda classe quase idêntica à sua. E, tal como o pai, os assustava; qualquer convocação à biblioteca por motivo de atraso, mãos sujas, fazer barulho ou inquietação na igreja era um verdadeiro terror. "Nada que eu jamais viesse a ouvir na vida poderia ser tão perturbador",[79] recordaria David. Alberto adquiriu uma gagueira que não era melhorada pelo hábito do pai de gritar "Desembucha"[80] quando ele pelejava por falar. Existe algo de realmente triste na afirmação de Jorge de que seu livro favorito era *Wrong on Both Sides* [Errado dos dois lados], considerado por seu biógrafo Harold Nicolson uma "revoltante"[81] história sobre um severo pai aristocrata e seu filho, que se amam mas não conseguem expressá-lo por simples orgulho. "É um livro lindo, eu sempre choro ao lê-lo", escreveu Jorge.

May também tinha dificuldade de se relacionar com os filhos, pelo menos quando pequenos. Quando David nasceu, ela parecia hesitar em tomá-lo nos braços e não muito tempo depois partiu para St Moritz, enquanto Jorge seguia para Cowes. Talvez fosse a sua natural reserva ou alguma depressão pós-parto, ou ainda a insistência em que Jorge sempre viesse primeiro, ou talvez os hábitos aristocráticos da época, pelos quais as crianças eram confiadas a babás e amas-secas e raramente estavam com os seus, mas ela encontrava dificuldades para se aproximar dos filhos e detestava ficar grávida. Levou três anos para se dar conta de que uma das babás constantemente abusava dos dois filhos mais velhos. "A tragédia era que nenhum dos dois tinha qualquer compreensão da mente de uma criança",[82] reconheceria a amiga de May, Mabell, condessa de Airlie. "Eles não conseguiram fazer os filhos felizes." Não surpreende, assim, que, para as crianças, viajar ao encontro dos avós Eduardo e Alexandra — que pareciam "perpetuamente banhados na luz do sol"[83] e os mimavam na casa-grande — era como "um abre-te sésamo para um mundo completamente diferente".

João, o menor, epiléptico e provavelmente autista, acabaria vivendo separadamente com uma equipe própria na propriedade de Wood Farm, em Sandringham. Crianças como ele muitas vezes eram consideradas uma vergonha para a família, embora sua vida talvez tenha sido muito mais livre que a dos

irmãos. A rainha certificou-se de que o caçula fosse cuidado por uma dedicada enfermeira; ele tinha espaço, brinquedos maravilhosos e crianças da região com as quais brincar. Em seu diário transparece uma certa ternura pelo neto, mas, à parte ela, a família parece ter-se afastado dele. Jorge nunca se referia ao caçula, embora fosse presidente da Sociedade Nacional para a Promoção do Emprego de Epilépticos. Durante muito tempo, João não constou das árvores genealógicas dos Windsor, e quando ele morreu em 1919, com 13 anos de idade, David disse a sua amante na época, Frida Dudley Ward, que lamentava muito ter de ficar de luto: "Ele era mais um animal que qualquer outra coisa."[84]

Havia entre Jorge e Nicolau mais semelhanças que a simples aparência. Ambos eram tímidos que adoravam a vida da aristocracia rural, e se sentiam felizes sobretudo massacrando alguns milhares de pássaros por semana em gigantescas propriedades. Ficavam à vontade especialmente com os simples códigos militares da caserna; como Nicolau, Jorge tinha uma instintiva aversão às ambiguidades e zonas cinzentas da Realpolitik. Os dois preferiam a família e a vida doméstica ao convívio da corte. Eram esteticamente cegos, embora nada nas residências de Nicolau realmente se comparasse à pura e simples feiura de York Cottage. Os dois eram apegados à rotina: Nicolau chegava para o chá exatamente no mesmo momento todos os dias; Jorge gostava de saber exatamente o que tinha de fazer a cada momento do dia, e detestava qualquer perturbação em seu cronograma. Ambos se sentiam extremamente desconfortáveis com mudanças de praticamente qualquer natureza. Até na política não ficavam muito distantes: Jorge enveredou depois de 1900 por ruidosas e violentas críticas aos socialistas, ao Partido Liberal e particularmente ao liberal radical David Lloyd George, cuja plataforma política se baseava na melhoria das condições de vida dos mais pobres e no combate aos privilégios herdados e sem sentido. Na medida em que chegava a pensar no sistema tsarista, Jorge parecia solidarizar-se com o primo, que, segundo disse ao embaixador alemão em 1900, "era digno de confiança, mas seu poder estava constantemente sendo solapado por forças subversivas".[85] Os dois se sentiam profundamente angustiados com seu papel no mundo e tentavam aplacar essa preocupação com coisas familiares e rotineiras. Sob muitos aspectos, mostravam-se lamentavelmente desconectados do mundo ao seu redor. E eram incapazes de enxergar além das demonstrações públicas de lealdade e das palavras de lisonja.

Em setembro de 1897, quando Jorge fez uma rara visita oficial à Irlanda em nome da avó — a primeira de um membro da família real em mais de oitenta anos —, foi recebido por multidões que o aclamavam ordeiramente, mesmo nas áreas católicas de Londonderry. A visita toda havia sido cuidadosamente organizada. Jorge não chegou a ver, por exemplo, os bairros mais pobres de Dublin, onde ficavam algumas das piores favelas da Grã-Bretanha. Ouvia constantemente que a visita fora "um notável sucesso".[86] "A devoção à vossa pessoa que haveis inspirado não só é um resultado que vos seja gratificante", disse-lhe lorde Salisbury, cujo partido estava decidido a não conceder autonomia à Irlanda, "(...) como terá um valiosíssimo efeito no sentimento público na Irlanda, podendo contribuir em muito para restabelecer a lealdade tão abalada em muitos bairros no último meio século". A visita não teve absolutamente qualquer efeito político na Irlanda. Deixou em Jorge, no entanto, uma falsa impressão da situação na Irlanda e uma equivocada confiança na importância das aclamações, no poder do aparato real e na magia de sua presença pessoal. Da mesma forma, Nicolau podia convencer-se de que alguns minutos de histérica aclamação dos súditos diziam mais de sua lealdade e do estado da nação do que qualquer relatório ministerial. No caso de Guilherme, a dependência ao sentimento de confiança proporcionado por multidões em aclamação aplacava sua insaciável sede de afirmação e popularidade, além de induzi-lo a dizer qualquer coisa que lhe viesse à cabeça.

Mas o mundo moderno batia à porta dos monarcas, abalando com insistência e de forma cada vez mais direta as muralhas que haviam construído ao seu redor, especialmente através da imprensa e da opinião pública. Em meados da década de 1890, jornais de toda a Europa pareciam de uma hora para outra mais politizados, mais envolvidos com as questões internacionais, mais conscientes do próprio poder como órgãos da opinião pública e muito mais agressivos. A mudança decorria em parte do barateamento dos processos de produção, o que significava jornais mais baratos; em parte do reconhecimento, por parte dos governos, do poder que a imprensa e a opinião pública detinham; e em parte também do aumento dos níveis de alfabetização. Até a rainha Vitória prestava atenção. Há muito os jornais britânicos vinham salivando em função do envolvimento de seu filho mais velho numa série de escândalos (embora tomassem o cuidado de jamais mencionar explicitamente suas amantes). Em

1895, a rainha ficara perturbada com a hostilidade da imprensa russa; em 1896, escreveu a respeito do telegrama Kruger: "Gostaria que os jornais dos dois países pudessem ser impedidos de escrever com tanta amargura e violência."[87] A leitura da imprensa internacional a levava agora a se perguntar por que "somos tão odiados por outros países".[88]

Nicolau e Guilherme tentaram negar o crescente poder da opinião pública e da imprensa, mas eram cada vez mais forçados a admiti-lo. Guilherme gostava de considerar-se imune à opinião pública; na verdade, era obcecado com ela e extremamente suscetível a seus influxos. Uma notícia de teor crítico podia deixá-lo enfurecido ou mergulhá-lo em depressão. Um artigo lisonjeiro a seu respeito nos jornais ingleses inspirava uma onda de amor pela "velha e querida" Inglaterra e entusiásticas visitas ao embaixador britânico à meia-noite. O entourage de Guilherme e seus chanceleres exploravam sua suscetibilidade à imprensa, assim como seu hábito de jamais ler um jornal inteiro. Uns e outros o mantinham longe de coisas que o desagradassem, apresentando-lhe um coquetel de recortes selecionados das publicações nacionais e do exterior. Nicolau, cujo pai se referia a editores de jornais como "porcos" e "estúpidos",[89] insistia em que a imprensa russa não tinha a menor importância e ficava irritado com referências à opinião pública russa.[90] Admitia, contudo, ler diariamente um jornal alemão, um francês, um inglês e um russo, muito embora dissesse não acreditar no que lia, pois sabia "como eles são feitos.[91] Algum judeu ou alguém mais fica lá sentado achando que deve insuflar paixões de diferentes povos uns contra os outros, e a população, que em sua maioria não tem opinião política própria, se deixa levar pelo que lê".

Mas os três monarcas estavam convencidos de que o que os jornais estrangeiros diziam sobre um deles representava uma boa medida da maneira como cada um era visto no exterior. O crescente nacionalismo e chauvinismo em toda a Europa significava que a cobertura era com frequência inamistosa. Outra questão era saber em nome de quem a imprensa se manifestava. Para Guilherme e Nicolau, era evidente que a imprensa era a porta-voz do governo do respectivo país. Era assim, afinal, que a imprensa funcionava em seus países. A imprensa russa — tal como se apresentava (Serguei Witte disse a um diplomata britânico em 1897 que "duvidava que chegassem a 100 mil as pessoas em toda a Rússia que liam os jornais e se importavam com o que escreviam"[92]) — era a mais

controlada e censurada do mundo. Nicolau disse a um visitante alemão em 1895 que "jamais darei liberdade à imprensa russa enquanto viver.[93] A imprensa russa escreverá apenas o que eu quiser (...) e só a minha vontade prevalecerá em todo o país". O controle da imprensa pelo governo alemão já era proverbial. Em 1899, Joseph Chamberlain disse ao chanceler alemão, Bernhard von Bülow, "que na Alemanha não existe opinião pública. O povo alemão tinha apenas as emoções que seu governo queria que tivesse".[94] Boa parte da imprensa era controlada ou financiada pelo governo. O *Kölnische Zeitung* refletia os pontos de vista do Ministério do Exterior alemão; o *Norddeutsche Allgemeine Zeitung* era uma criatura do governo e do cáiser. Muitos outros jornais recebiam subsídios e publicavam artigos a eles fornecidos pelo governo, chegando a imprimir as versões censuradas dos discursos do cáiser enviadas pelo governo ou a eliminar eles próprios os trechos embaraçosos. (Muito embora, de maneira ainda mais embaraçosa, as partes omitidas muitas vezes fossem publicadas nos jornais austríacos.) O efeito podia ser considerável. Duas semanas antes de uma visita de Eduardo, em 1902, Guilherme exigiu que a imprensa alemã publicasse apenas artigos favoráveis à Inglaterra, e foi exatamente o que aconteceu.

Na Grã-Bretanha era diferente. A imprensa independente tinha uma história muito mais antiga, e os níveis de alfabetização eram elevados. Na década de 1890, os jornais britânicos mais bem-sucedidos[95] tinham circulação muito maior que os equivalentes europeus, o suficiente para que não precisassem de subsídios governamentais nem os quisessem, e eram muito cônscios da própria importância como pedra angular da democracia liberal. Por mais que os estadistas britânicos garantissem a estrangeiros que não controlavam a imprensa, quando os jornais britânicos atacavam a Alemanha ou a Rússia considerava-se que funcionavam como correia de transmissão da antipatia do governo. O *Times*, quase universalmente considerado no exterior o órgão semioficial do governo, muitas vezes divergia de maneira embaraçosa da linha oficial. O Ministério do Exterior britânico ficava arrepiado com seus relatos sobre a brutalidade russa na Manchúria e frequentemente pedia ao jornal que abrandasse sua cobertura. Ele quase invariavelmente se recusava, ou então trocava um editorial por uma reportagem não menos crítica. Guilherme levava a título pessoal as críticas da imprensa britânica à Alemanha, e não resistia à tentação de ver aí o dedo dos parentes ingleses — sobretudo o tio —, constantemente exagerando a influência

da família real britânica. Um sinal de que a rainha de fato passara a ser vista como uma força desinteressada na política britânica foi o fato de, em 1898, ter conseguido convencer os editores dos principais jornais a abrandar a cobertura antialemã. Ainda assim, sua intervenção durou apenas alguns meses. Em 1900, um tabloide recém-lançado, o *Daily Mail*, com inédita tiragem de um milhão de exemplares diários, trazia uma mensagem descaradamente populista, emotiva, agressivamente imperialista e até xenófoba — e perfeitamente fora do controle de qualquer governo. Ele identificaria a Alemanha como principal inimiga da Grã-Bretanha muito antes que o governo britânico o fizesse. Salisbury, que o detestava, apesar de sua tendência conservadora — referindo-se a ele como o jornal "dos que sabem ler, mas não pensar"[96] —, percebia que ele falava com firmeza em nome de uma nova, estridente e às vezes repugnante corrente da opinião pública e a ela se dirigia.

Na Alemanha e mesmo na Rússia, depois de 1905, a imprensa e a opinião pública desenvolviam uma voz ou vozes vigorosamente diferentes do governo. A relação do governo alemão com a imprensa do país tornava-se cada vez mais simbiótica, sem que ele se desse conta. Os jornais alemães representavam toda uma gama de interesses: grupos novos poderosos, como a Liga Pangermânica e os grupos de pressão dos agricultores e industriais, altamente críticos da desconversa do governo, além da muitas vezes esquecida imprensa de esquerda, que pregava uma mensagem totalmente diferente de internacionalismo e cooperação. Guilherme poderia dizer a Eduardo: "Sou o único responsável pelas políticas na Alemanha, e meu país deve seguir-me aonde quer que eu vá."[97] Mas seu chanceler, Bernhard von Bülow, escreveu: "Mesmo na Alemanha, a opinião pública[98] tinha de ser levada em consideração por todos os governos e também pelo cáiser, se não quisesse sofrer contrariedades." Tanto Guilherme quanto Bülow sentiam-se cada vez mais compelidos a jogar para a opinião pública — pelo menos os pontos de vista da direita — e nervosos com sua força e capacidade de comprometê-los. Na verdade, ambos sentiam que para tudo dependiam da aprovação da imprensa, e Bülow mostrava-se tão suscetível e vaidoso quanto o cáiser a respeito da cobertura de que era objeto nos jornais. Ele se valia da assessoria de imprensa do Ministério do Exterior alemão para fornecer aos jornais histórias ao estilo revista de fofocas sobre os lugares onde passava as férias e seu grau de intimidade com o cáiser. No anseio de vender sua

imagem ao país, chegou a escrever o próprio material de divulgação junto à imprensa: "Provavelmente em nenhuma outra questão eu poderia ter evidenciado mais critério, serenidade e cautela",[99] rezava um desses autoelogios. Tentava faturar simpatias no exterior enviando às respectivas embaixadas matérias que havia plantado na imprensa alemã com conteúdo favorável a determinado país. Na Rússia, mesmo antes que o Manifesto de Outubro estabelecesse em 1905 a liberdade de imprensa, certos elementos do governo de Nicolau identificaram a formação de uma opinião pública nas classes educadas, na imprensa e na burocracia, sustentando pontos de vista enérgicos e às vezes diversos, sobretudo na política externa — para saber se o futuro estaria nos Bálcãs ou no Oriente, se a Alemanha era amiga ou inimiga. A essa altura, todavia, "todas as correntes estavam de acordo em que a Grã-Bretanha era o arqui-inimigo (...) bloqueando o caminho de nosso avanço".[100]

Por enquanto, os governos podiam exercer influência sobre a imprensa dos respectivos países, mas com o aumento do poder da opinião pública já era questionável por quanto tempo um monarca poderia continuar resistindo de maneira absolutista a suas exigências.

********* Para mais informações sobre essa doença genética, ver John Röhl et al., *Purple Secret*. Röhl e os coautores do estudo sustentam com credibilidade a tese de que Carlota, a irmã de Guilherme, teria porfiria, sugerindo que outros descendentes da rainha Vitória, entre eles Vicky e Alix, também sofriam da moléstia.

********* E talvez também porque os óculos significavam fraqueza física nos homens; entre os oficiais do exército alemão, os monóculos eram a alternativa aceita.

9. Imperativos imperiais (1898-1901)

"Os sentimentos ruins entre a Inglaterra e a Alemanha representam de fato um grande sofrimento e angústia para mim — como para você e muitos outros",[1] escrevia a rainha a Vicky no verão de 1897. "Tenho confiança em que a situação gradualmente passará se Guilherme não a ficar insuflando com discursos e loucuras coloniais. A paz mais uma vez é dificultada por ele, o que parece incrível. E essas invectivas de que você tem falado com tanta frequência certamente têm algo a ver com isso." Também no governo britânico a maioria considerava que a situação com a Alemanha era reversível. Sir Thomas Sanderson,[2] o principal servidor civil de Salisbury no Ministério do Exterior, por exemplo, considerava que embora a rispidez e a hostilidade da Alemanha pudessem ser irritantes, a Grã-Bretanha devia dar algum desconto pelo desejo do Estado adolescente — compreensível, ainda que afirmado de maneira desajeitada — de ter um reconhecimento internacional, e com isto as coisas voltariam ao normal.

Mas eles estavam errados. Verificara-se uma tangível mudança para a hostilidade em relação à Grã-Bretanha nos escalões mais altos do governo alemão — uma hostilidade que outrora podia ser percebida apenas em certas partes da Alemanha —, e em certa medida, embora de modo algum inteiramente, ela se devia a Guilherme. Os arquitetos dessa nova posição eram dois homens por ele nomeados no verão de 1897, depois de expurgado o mais recente grupo de ministros a desagradá-lo: seu novo favorito, Bernhard von Bülow, o novo secretário de Estado para relações internacionais, que Guilherme planejava um dia nomear chanceler, e o almirante Alfred von Tirpitz, que assumia a chefia do Ministério da Marinha.

Bülow era uma pura e fascinante manifestação da maneira como os humores de Guilherme e sua relutância quase patológica em ouvir críticas haviam afetado o governo. Antigo diplomata, ele era um oportunista inteligente e um grande conversador (os quatro volumes de suas memórias, não totalmente dignos de confiança, ainda fazem barulho), com uma capacidade incrivelmente óbvia e extravagante, mas bem-sucedida, de agradar para conquistar favores.

Entre os que ele havia cultivado em sua ascensão estava Fritz Holstein, que

diria — anos depois, quando todo mundo já tinha apunhalado todo mundo pelas costas — que Bülow havia "lido mais Maquiavel do que era capaz de digerir",[3] e Eulemburgo, que vinha zelosamente lisonjeando desde a década de 1880. Mas acima de tudo ele bajulava Guilherme. "Ele é tão impressionante!",[4] disse a Eulemburgo. "Ele é, ao lado do Grande Rei e do Grande Eleitor, o Hohenzollern mais impressionante que jamais houve. De um jeito que nunca vi antes, ele associa gênio — o gênio mais autêntico e original — ao mais claro bom-senso. Tem aquele tipo de fantasia que me alça em asas de águia sobre todas as trivialidades. (...) E além do mais, quanta energia! Que rapidez e segurança na conceituação." Ele convenceu Eulemburgo de que era o homem indicado para transformar as ideias e intenções do cáiser — até então interpretadas tão imperfeitamente — em realidade, revelando-o como o grande monarca que prometia ser. Se fosse nomeado chanceler, dizia a Eulemburgo, "o governo pessoal, no bom sentido", teria início. Não fazia o menor sentido, mas era o que Eulemburgo e Guilherme queriam ouvir. A grande ideia de Bülow era a "Weltpolitik" — nome propositalmente inventado para evocar a "Realpolitik" de Bismarck —, a agressiva busca daquilo que Bülow chamava de "lugar ao sol" para a Alemanha, em outras palavras, o império colonial que tão evidentemente merecia. Isto seria alcançado mediante uma implacável política oportunista de exploração das fraquezas de outros países, ao mesmo tempo mantendo a Alemanha desvinculada de quaisquer outras alianças formais, para que ela se impusesse como o fiel da balança na Europa. Era na realidade uma ideia bastante vaga, e nem tão diferente do que o Ministério do Exterior alemão vinha fazendo há alguns anos, mas parecia maravilhosa e o público alemão adorou.

O outro indicado com Bülow, Alfred Tirpitz (ele receberia um "von" em 1900), era um oficial naval com um plano para transformar a marinha alemã na segunda maior do mundo. A construção de uma verdadeira marinha era um sonho nutrido há muitos anos por Guilherme, desde que sua mãe o encantara com as maravilhas da Marinha Real, quando criança. Ele fora reforçado pela leitura de *A influência do poderio marítimo na história*, do historiador naval americano Alfred Mahan, livro segundo o qual o poderio naval era a chave do prestígio, do poder e da riqueza nacionais — e das colônias, a essa altura consideradas o principal indicador de status no mundo. Guilherme com toda a evidência não fora capaz de convencer disto o Reichstag, que não via sentido

numa grande marinha, quando a Alemanha tinha o mais poderoso exército de terra da Europa e um minúsculo litoral. Tirpitz, contudo, prometeu construir essa marinha, e o fez, lançando uma bem-sucedida cruzada de propaganda para convencer o país de que ela seria absolutamente necessária para que a Alemanha conseguisse seu império colonial. Ele teve enorme êxito na obtenção de dinheiro do Reichstag, ao mesmo tempo que geria e manipulava Guilherme com mais sucesso que ninguém, percebendo já no primeiro encontro que ele "não vive no mundo real".[5] Tirpitz era incrivelmente obstinado e decidido, o que fascinava Guilherme. Mais perigoso era o fato de estar imbuído da visão de mundo militarista da Alemanha, segundo a qual a estratégia militar era quase um fim em si mesma, mostrando-se incapaz ou relutante em considerar importantes outras considerações nas formulações de política nacional, como a necessidade de chegar a compromissos com os vizinhos no interesse da paz.

A nomeação dos dois assinalou uma virada: Guilherme e Bülow gostavam de identificar aí o início do "governo pessoal" de Guilherme. Foi uma virada para a direita, e com ela veio também uma guinada para a hostilidade institucionalizada à Grã-Bretanha. Paradoxalmente, os dois, tal como o imperador, eram fascinados pela Grã-Bretanha. Tirpitz encomendava seus ternos na Savile Row, falava inglês em casa e mandou a filha estudar no Colégio Feminino de Cheltenham; Bülow adorava as classes superiores britânicas e copiou seu estilo no Reichstag do jeito displicente do político tóri e estrela parlamentar Arthur Balfour, praticando diante do espelho seu maneirismo de segurar a lapela da casaca para parecer interessante.[6] A Inglaterra, gostava de dizer Bülow, com certa ironia, era "o país governado com mais sabedoria e êxito".[7]

Mas os dois também consideravam a Grã-Bretanha o maior obstáculo para o destino imperial da Alemanha. No fim de 1897, Bülow disse ao cáiser que já não era possível contemplar uma "aliança anglo-alemã realmente honesta e digna de confiança".[8] Ele tinha a tradicional desconfiança do aristocrata prussiano em relação à Grã-Bretanha, associada a um novo sentimento de rivalidade direta. Afirmava que os britânicos olhavam para a Alemanha "com indiferença e mesmo, aqui e ali, desprezo e às vezes uma intolerável arrogância",[9] mostrando-se enciumados de seu sucesso econômico. Instintivamente, inclinava-se para a Rússia; considerando-se um bismarckiano, era da opinião de que tudo começara a dar errado com o fim do Tratado de Resseguro com a Rússia, em 1890. Além

do mais, não fazia sentido estar em maus termos com um vizinho dotado de um exército de um milhão de homens. Ele considerava que se a Alemanha se aproximasse demais da Grã-Bretanha, "definitivamente perderíamos a amizade da Rússia, e a Rússia é mais valiosa para nós que a Inglaterra".[10] Por outro lado, a hostilidade em relação à Inglaterra e a retórica imperial aumentaram sua popularidade entre os partidos de direita que ele precisava cultivar no Reichstag para fazer passar os projetos de lei. Quanto a Tirpitz, diria a Guilherme em seu primeiro memorando, em junho de 1897: "Para a Alemanha, o inimigo mais perigoso no momento é a Inglaterra. É também o inimigo contra o qual precisamos urgentemente mobilizar certo grau de força naval, como fator de poderio político."[11]

A ideia de que os países tinham inevitavelmente de entrar em confronto e lutar pelo domínio tornara-se um truísmo na década de 1890, tendo ganhado uma credibilidade pseudocientífica graças às teorias do darwinismo social, que interpretavam a expressão "sobrevivência do mais apto", cunhada por Darwin, como sobrevivência do mais agressivo, e não do mais adaptado. Por extensão, já era também um clichê que um império que não se expandisse acabaria sendo dilacerado por outros predadores imperiais ao redor. No momento em que a Alemanha começava a se emparelhar com a Inglaterra em produção industrial e comércio, ganhava terreno no país a ideia de que esta última chegara ao auge e de que, como diria o historiador nacionalista alemão Heinrich von Treitschke, o cetro inevitavelmente estava sendo passado das mãos britânicas para as alemãs. Tirpitz considerava que a marinha alemã era o veículo através do qual a Pax Britannica seria substituída pela Pax Germanica. Se a Alemanha conseguisse construir a segunda maior marinha do mundo, tão poderosa que num conflito seus navios pudessem infligir danos suficientes para ameaçar o domínio da Marinha Real, a Grã-Bretanha optaria por recuar, para manter sua superioridade naval, permitindo que a Alemanha se tornasse a potência mundial que devia mesmo ser.

Mas essa nova linha não foi explicitada. O motivo da expansão da marinha era mantido deliberadamente vago, para não alertar os britânicos nem gerar oposição na Alemanha. No exterior, a justificativa de Bülow era que se tratava de proteger a crescente marinha mercante alemã e as colônias do país; jogando para seu público no Reichstag, ele apresentou a nova política como antibritânica.

Nem mesmo os funcionários mais graduados do governo, como Holstein, mostravam clareza quanto à exata posição da Alemanha. E havia Guilherme, interferindo e mudando de ideia o tempo todo. O cáiser podia ter nomeado Bülow e Tirpitz, e certamente tinha momentos em que ficava furioso com a Inglaterra, fantasiando com ideias de puni-la ou se convencendo de uma hora para outra de que a Grã-Bretanha estava planejando um ataque contra a Alemanha. Mas havia outros momentos em que amava a Inglaterra e sentia saudades; ou nos quais encarava sua marinha como algo para impressionar os britânicos; ou como uma máquina de amor apache, aquilo que haveria de obrigá-la a levá-lo a sério e juntar-se a ele.

Na verdade, sua tendência a sucumbir a momentos de carinho pela Grã-Bretanha levava outros membros antibritânicos de seu séquito a medidas extremas para tentar mantê-lo na hostilidade. Em fevereiro de 1898, o chefe de seu gabinete naval, o almirante Senden-Bibran, um falcão anglófobo, retornou de Londres alegando que Eduardo deliberadamente o isolara em sua visita a Marlborough House. A queixa levou Guilherme enfurecido à embaixada britânica, declarando que o comportamento de Eduardo teria graves consequências internacionais.[12] Eduardo negou a acusação: "Ninguém está mais ansioso por relações amistosas com o imperador do que eu — embora em mais de uma oportunidade tenha sido ‘fortemente testado’. (...) Creio ter em meu temperamento o hábito da cortesia com todo mundo." Ele frisava que cuidara pessoalmente para que Senden-Bibran se integrasse à esquadra do iate real. Ao ouvir a leitura da carta pelo embaixador britânico, Guilherme resmungou que Eduardo sempre o considerara um "menino bobo".[13] Os diplomatas britânicos estavam convencidos de que Senden-Bibran armara a situação para criar mal-estar entre Guilherme e a família inglesa.

Talvez fosse então um momento algo inoportuno para Joseph Chamberlain, o secretário britânico das colônias — prevalecendo-se do fato de Salisbury ter sucumbido a uma gripe —, providenciar no fim de março de 1898 um encontro particular com o embaixador alemão, Hatzfeldt, no qual, sem consultar o primeiro-ministro, aparentemente propôs uma plena aliança defensiva entre os dois países. A resposta alemã foi um tanto confusa.

Chamberlain era uma personalidade única, que não podia ser ignorada na política britânica. Industrial que se fizera por conta própria em Birmingham,

originário de uma família de classe média baixa — o que por si só já o tornava diferente —, ele passara a primeira metade de sua carreira política como uma espécie de herói popular do Partido Liberal, em campanha por uma revolução nas condições de vida dos trabalhadores. Depois de se desligar dos liberais por causa da questão da autonomia irlandesa, entrara para o Partido Conservador e agora tratava de temas como imperialismo, a grandeza britânica e maneiras de unificar e ampliar o império. Era o político mais popular do país, alguém de quem os conservadores precisavam na nova era democrática, embora Salisbury e os outros mandachuvas tóris não gostassem de admiti-lo. (Ao convidar Chamberlain a passar o fim de semana em sua propriedade em Chatsworth, a então duquesa de Devonshire disse ter ficado receosa de que "ele comesse ervilhas com a faca".[14]) Enquanto Salisbury parecia cada vez mais cansado e distante, Chamberlain era carismático, dinâmico e indiscutivelmente moderno. Explorava uma nova tendência da política britânica com a qual Salisbury não tinha qualquer ligação: populista e popular, mas também nacionalista radical, agressiva, suscetível e ansiosa. Ele ficara furioso com a ocupação de Port Arthur pela Rússia e se mostrava favorável a uma declaração de guerra, de que Salisbury o havia dissuadido. Preocupava-se com o isolamento da Grã-Bretanha e convencera Arthur Balfour, o sobrinho e vice de Salisbury, assim como outros ministros, de que o país devia se aproximar da Alemanha, usando fórmulas na moda sobre raça e destino e falando dos vínculos naturais entre os anglo-saxônicos britânicos e os teutônicos alemães. Mas sua paixão pela pirataria, a facilidade com que entrava em antagonismo e seu domínio insuficiente das questões mundiais (o que não era ajudado pelo hábito de Salisbury de manter em segredo boa parte do que o Ministério do Exterior fazia) o transformavam numa bala perdida nas relações internacionais. Salisbury queixava-se de que Chamberlain queria "entrar em guerra com qualquer potência do mundo e só pensa em imperialismo".[15]

Reassumindo Salisbury suas funções, Chamberlain botou o rabo entre as pernas a respeito das próprias iniciativas, alegando que haviam todas partido do lado alemão — embora as apoiasse. A confusão não contribuiu para o êxito das negociações, que Salisbury e Bülow, por motivos diferentes, se esforçaram por encerrar. Bülow — declarando publicamente o quanto estava ansioso por um entendimento com a Grã-Bretanha — parece ter estimulado o Ministério do

Exterior alemão a fazer exigências excessivas que sabia seriam rejeitadas pelos britânicos. Calculando que os britânicos estavam desesperados pela amizade alemã, o ministério apresentou uma lista absurda de exigências, como pré-requisito para as negociações, o que foi recusado por Salisbury. Ele não via motivo para entregar colônias sem qualquer vantagem evidente e não estava desejoso de uma aliança com a Alemanha. As conversações se arrastaram até maio. Nenhum dos lados queria ser visto como suplicante. Como observaria Balfour, o inteligente sobrinho de Salisbury, os dois países queriam ser "aquele que ofereceu a face, e não o que deu o beijo".16

Enquanto isso, uma versão mutilada da proposta original de Chamberlain e das negociações subsequentes de Salisbury chegava ao conhecimento da família real britânica. No fim de maio, Vicky — com um recente diagnóstico de câncer e convencida de que se tratava de sua última chance de levar a efeito a aliança com que há tanto sonhava — escreveu uma carta emotiva a Guilherme, exortando-o a agarrar essa "ideia que pode salvar o mundo".17 A Alemanha, acrescentava, "nunca mais precisará temer os russos e os franceses. (...) Parece-me que, se quiser, você poderá ter nas mãos essa fruta madura de inestimável valor, bastando para isto agarrá-la!". Infelizmente, com sua típica falta de tato, Vicky também deixava escapar que o próprio Salisbury provavelmente representava o maior obstáculo para uma aliança. A notícia confirmava as suspeitas de Guilherme de que Salisbury se voltara contra ele. Ele mandou à mãe uma longa queixa contra o primeiro-ministro e a Grã-Bretanha. "Nos últimos três anos, tenho sido ofendido, maltratado e servido de alvo a toda piada de mau gosto que qualquer cantor de cabaré ou vendedor de peixe ou jornalista queira lançar contra mim!"18 Agora os britânicos acenavam com a possibilidade de uma aliança, mas queriam que ele entrasse pela porta dos fundos, "como um ladrão noturno que ninguém quer apresentar aos amigos mais ricos". Em contraste, o tsar de bom grado lhe havia concedido um posto de abastecimento de carvão na China. (Na verdade, ele e Nicolau praticamente ainda não se falavam.)

Seja como for, a carta de Vicky convenceu Guilherme de que, à parte Salisbury, o resto do governo britânico queria uma aliança. Embora Bülow tentasse lembrar-lhe que "precisamos nos manter independentes entre os dois [a Rússia e a Grã-Bretanha] e servir de fiel da balança, e não de pêndulo oscilando para a frente e para trás",19 ele e o Ministério do Exterior alemão estabeleceram

uma lista ainda mais longa das colônias que queriam da Grã-Bretanha. Mais uma vez Salisbury recusou. No fim de julho, o primeiro-ministro disse a Hatzfeldt que não poderia haver acordo porque a Alemanha estava pedindo demais. "Patife descarado!",[20] rabiscou Guilherme no relatório sobre a declaração de Salisbury. "Decididamente jesuítico, monstruoso e insolente!" Bülow, enquanto isso, insuflava Guilherme com histórias de que "a princesa Beatriz",[21] sua tia menos favorita, juntamente com "toda a primalhada anglo-battemburgo-hessiano-dinamarquesa etc., vem discretamente conspirando contra Vossa Majestade". Furioso, Guilherme expediu um telegrama à mãe, que a essa altura se hospedava com a rainha em Windsor, queixando-se de que suas ofertas de uma aliança tinham sido recebidas com "algo entre gracejos e desdém".[22] Tal como ele esperava, Vicky transmitiu suas queixas. A rainha pediu explicações ao primeiro-ministro. Salisbury jurou que não tinha a menor ideia do "desdém" a que se referia Guilherme. Disse à rainha que a divergência dizia respeito apenas às colônias, que não podiam ser entregues à Alemanha por causa da opinião pública.[23]

Na esperança de ressuscitar a ideia de uma aliança, Vicky pediu ao cáiser que recebesse o embaixador britânico, sir Francis Lascelles, na casa dela, o Castelo Frisdrischshof, perto de Frankfurt, em meados de agosto. Lascelles era sob muitos aspectos o embaixador perfeito para Guilherme. Diplomata da velha escola que havia servido anteriormente em São Petersburgo, era escrupulosamente polido e agradável, considerando que sua principal missão consistia em estabelecer as melhores relações possíveis com o cáiser. Observou que o cáiser prestava atenção realmente em apenas quatro embaixadores: o italiano, o austríaco, o russo e ele próprio.[24] Também se convencera de que, por baixo de todo aquele som e fúria, Guilherme sinceramente gostava da Inglaterra, e em consequência o embaixador tratou de se fazer um ouvido sempre disponível e um filtro cheio de tato entre o cáiser e o governo britânico. Anos mais tarde, ele diria a Filipe de Eulemburgo que se tivesse relatado tudo que Guilherme lhe dissera nos 12 anos passados em Berlim, a Inglaterra e a Alemanha teriam entrado em guerra vinte vezes.[25] O cáiser constantemente enchia os ouvidos de Lascelles com infindáveis tiradas de entusiasmo ou fúria, a qualquer momento do dia ou da noite. Outros membros da equipe da embaixada já não mostravam o mesmo entusiasmo. Pouco depois do telegrama Kruger, no início de 1906,

Guilherme apareceu às dez horas da noite e ficou até uma e meia, servindo-se de uísque e charutos e falando durante horas "sobre Vovó e Cowes e lorde Dunraven e sua viagem a Cumberland",[26] enquanto a equipe da embaixada ouvia de pé, ansiando pela hora em que ele se fosse.

Embora Bülow tentasse lembrá-lo da necessidade de se manter calmo e controlado, em questão de minutos Guilherme lançou-se numa tirada sobre a "pouca consideração" da Grã-Bretanha e a "seca rejeição com que seus pedidos geralmente se deparavam". Lascelles tentou explicar que os britânicos tinham considerado "exorbitantes" as reivindicações alemãs relativas a territórios da África. Mas acrescentou, cauteloso, que *talvez* houvesse na Inglaterra quem apoiasse uma aliança estritamente defensiva, que entrasse em vigor *apenas* se um dos dois lados fosse atacado simultaneamente por duas outras potências. O problema de dizer coisas assim a Guilherme era que ele ouvia o que queria ouvir. No dia seguinte, mandou a Lascelles um telegrama agradecendo sua "enérgica intercessão" e contemplando uma "conclusão favorável". Passado mais um dia, foi mandado mais um telegrama entusiástico, informando ao perplexo Lascelles que haviam sido dadas "instruções" a Londres e Berlim.[27] Feito isto, Guilherme partiu numa viagem pela Terra Santa, culminando com uma entrada triunfal em Jerusalém.

Ele voltou à Europa no outono, encontrando a Grã-Bretanha em pé de guerra com a França por causa de um poeirento fortezinho perdido no meio do nada, num lugar chamado Fashoda, no leste do Sudão. Fashoda era o lugar onde os planos franceses de dominar a África de leste a oeste, de Dacar a Djibuti, cruzavam com os planos britânicos de ligar a África do Sul ao Cairo. Um exército francês ocupava o forte, um exército britânico o assediava — com a maior polidez.******** Na Europa, contudo, as opiniões públicas francesa e britânica estavam histéricas com a ameaça do outro lado, evidenciando a que níveis de intensidade havia chegado a competição imperial. Até que, no início de novembro, o governo francês se viu engolfado no mais recente desdobramento do caso Dreyfus e recuou, com relutância. Embora a crise tivesse passado, Guilherme escreveu à mãe — esperando que ela encaminhasse a carta à rainha, como efetivamente fez — estimulando os britânicos a entrar em guerra com a França. "O momento — falando em termos militares — é propício, pois ninguém sonharia em ajudar a França.[28] (...) Eu, naturalmente, em caráter privado, como

neto da Vovó, rezaria pelo sucesso de suas armas com todo o coração. (...) Oficialmente, como chefe do Império alemão, guardaria uma estrita e benevolente neutralidade. Se uma segunda potência resolvesse atacar a Inglaterra pela retaguarda, enquanto ela está em combate, eu agiria de acordo com os acertos que fizemos com sir Francis Lascelles."

Pobre sir Frank. Mas que "acertos"?, quiseram saber a rainha e Salisbury. Lascelles tentou resolver o mal-entendido, mas não com amplo sucesso. Num jantar em meados de dezembro, Guilherme disse-lhe inicialmente que a Grã-Bretanha estava para entrar em guerra com a França, pronunciamento que "eu tentei, embora tema que em vão, combater". Em seguida, como Lascelles desse a entender que talvez Guilherme tivesse "atribuído excessiva importância ao que eu disse na ocasião" do encontro de agosto, o cáiser explicou que o acordo era que "se algum de nossos dois países fosse atacado por duas potências ao mesmo tempo, o outro viria em sua ajuda, e que ele estaria preparado para agir de acordo". Tentando não parecer completamente estupefato, Lascelles disse com todo o cuidado que, embora este talvez fosse um possível ponto de partida para negociações, ele naturalmente não tinha autoridade para fechar semelhante acordo. Guilherme disse que compreendia, mas naturalmente, se a Inglaterra estivesse em perigo, ele "certamente acorreria em sua ajuda". Lascelles lembrou a Guilherme que o embaixador alemão dissera recentemente que os alemães consideravam que "não era necessário nenhum acordo formal entre a Inglaterra e a Alemanha" porque, se houvesse uma guerra, tais acertos podiam ser feitos "em 24 horas". "Meia hora", corrigiu Guilherme.[29] Dias depois, ele escreveu à mãe que, em consequência de seu "entendimento" com Lascelles, estava em posição de informar ao embaixador russo que a Inglaterra estava para atacar a França, mas que a Alemanha e a Rússia não precisariam se envolver, pois o confronto se daria na água.

Lascelles não era o único que considerava exaustivo lidar com o cáiser. Bülow constatou que o trato com ele era muito mais difícil e demorado do que esperava — especialmente quando se tratava da Grã-Bretanha. "Você não pode ter a mais leve ideia do que eu consegui evitar", resmungou com Eulemburgo, "e de quanto do meu tempo preciso dedicar ao restabelecimento da ordem nos lugares onde nosso Supremo Mestre gerou o caos". Ao mesmo tempo, a intriga endêmica na corte alemã fazia com que Bülow precisasse se esforçar muito para

continuar nas boas graças do chefe. "Ninguém", comentaria um membro do entourage de Guilherme, "podia deixar de admirar — ainda que isto abalasse a própria confiança — a habilidade inconcebível com que ele quase imperceptivelmente mudava de direção sempre que inadvertidamente manifestava uma opinião não exatamente bem recebida pelo imperador, tratando de mudar de direção para o seu lado".[30] Ele chegava a trocar as calças se Guilherme manifestasse algum desagrado com sua tonalidade de cinza. Mas nem sempre ficava claro quem estava manipulando e quem era manipulado.

Meses depois da guerra com a França que não se materializou, Guilherme ainda dizia a quem quisesse ouvir que a Grã-Bretanha perdera uma perfeita oportunidade de acabar com a França. O motivo, alegava, era que a Vovó não queria abrir mão de suas férias anuais no sul da França.[31]

No fim de agosto de 1898, Nicolau espantou o mundo ao propor uma conferência internacional para discutir o desarmamento e a "paz universal". Em sua carta aberta, ele dizia que as nações estavam "construindo terríveis máquinas de destruição" que estavam "transformando a paz armada num fardo esmagador que recai sobre todas as nações e que, se for prolongado, de modo inevitável levará exatamente à catástrofe que pretenderia evitar".[32] Para divulgar seu projeto, Nicolau teve a inédita iniciativa de conceder nada menos que três audiências ao mais famoso jornalista do mundo de fala inglesa, W. T. Stead, o homem que havia promovido uma campanha contra a escravidão no Congo, denunciado a prostituição infantil em Londres e transformado o general Gordon de Cartum num santo. O volátil Stead ficou completamente fascinado. Entoou loas à argúcia de Nicolau, a sua modéstia, suas ideias sobre o desarmamento, seu desejo de se manter em bons termos com a Inglaterra e sua convicção de que a rainha Vitória era "o maior estadista vivo", dizendo-se "agradecido a Deus pelo fato de um homem assim estar sentado no trono da Rússia".[33]

Nicolau foi inspirado pelos escritos de um banqueiro e empresário ferroviário polonês chamado Ivan Bloch, cuja obra em seis volumes *La Guerre Future* [A futura guerra] — traduzida na Inglaterra como *Is War Now Impossible?* [Seria a guerra hoje impossível?] — pintava uma paisagem sombria das consequências de um conflito europeu em grande escala, mostrava como os gastos de defesa se tornavam onerosos para os Estados europeus e sustentava que a guerra devia tornar-se impossível. Bloch conseguiu ser recebido pelo tsar — apesar de ser

judeu — e Nicolau ficara horrorizado, não tanto com as baixas previstas, mas com as previsões perfeitamente convincentes de colapso social e revolução feitas pelo autor. O governo russo sabia perfeitamente como os gastos de defesa podiam causar impacto numa economia. Seus enormes gastos na fronteira ocidental com a Alemanha, por exemplo, vinham reduzindo diretamente o dinheiro disponível para o desenvolvimento interno.

Por toda a Europa, a reação do público e da imprensa foi extraordinariamente positiva. O que Bloch e Nicolau descreviam parecia assustadoramente verdadeiro: países estavam atracados uns com os outros; os maiores e mais ricos fabricantes da Europa eram agora as empresas de armas: a alemã Krupp, a britânica Vickers Maxim e a francesa Schneider-Creusot. Não foi por mero acidente que, em 1898, H. G. Wells publicou o pai de todos os romances alarmistas de invasão, *A guerra dos mundos*, com seus devastadores raios da morte e sua destruição em massa. Sob certos aspectos, o futuro não podia parecer mais assustador. A elite política, todavia, mostrava-se mais cínica e resistente. Vicky, que via algum mérito na ideia, comentou com a mãe: "Nicky é contrário a constituições e liberdade para a Rússia (...) a paz não parece propriamente de acordo com a opressão e o sofrimento de uma raça ainda governada pelo despotismo."[34] Eduardo estava convencido de que se tratava de um "ardil" montado pelo inescrupuloso ministro do Exterior, Muraviev: "É a maior besteira, o maior absurdo que eu já ouvi (...) a coisa é simplesmente impossível (...) a França jamais consentiria com isto — nem nós."[35] Quando Nicolau encontrou Jorge no funeral da avó dinamarquesa de ambos, Amama, em setembro, tentando convencê-lo a tomar a frente da campanha na Grã-Bretanha (algo paradoxal, já que Nicolau sempre apreciara em Jorge justamente o fato de não lhe fazer exigências políticas), Eduardo recusou-se em rodeios. Quanto a Guilherme, estava enojado. "Imagine só!", repreendeu Nicolau. "Um monarca dissolvendo seus regimentos sagrados com um século de história para entregá-los a anarquistas e à democracia!"[36]

O cinismo não era inteiramente deslocado. O principal motivo do governo russo para comprar a ideia era o fato de ter descoberto que o exército austríaco estava para adotar uma nova geração de canhões de combate de tiro rápido, o que a Rússia, na época rearmando sua infantaria, simplesmente não teria como pagar. E cerca de dois meses antes do início da conferência de paz de Haia, em

maio de 1899, quando o embaixador britânico em São Petersburgo levantou a questão dos quatro novos navios de guerra que a Rússia encomendara, Nicolau respondeu que não era o momento certo para "troca de pontos de vista sobre uma redução recíproca dos programas navais".[37] A essa altura, o entusiasmo do tsar arrefecera por ter ele tomado conhecimento, segundo o especialista britânico em Rússia Donald Mackenzie Wallace, de que a alternativa proposta à guerra — uma corte de arbitragem — solaparia a intrínseca superioridade das grandes potências, já que os países pequenos teriam o mesmo peso que os grandes;[38] e de que havia trinta pequenas disputas pendentes com outras potências asiáticas que quase certamente seriam perdidas pela Rússia numa arbitragem. E ele tampouco gostou de ser saudado como um herói pelos socialistas europeus.

Todos os grandes países europeus e os Estados Unidos se sentiram na obrigação de enviar delegações à conferência de Haia, mas a maioria dos delegados governamentais eram pró-guerra e as propostas seriam infindavelmente diluídas. O desarmamento desapareceu da agenda e a modesta sugestão de congelar os níveis de armas encontrou oposição quase universal. A delegação alemã mostrou-se particularmente obstrucionista, opondo-se radicalmente até mesmo à ideia de arbitragem, considerada por Guilherme uma infração de seu direito divino.******** Passados seis meses da conferência, a Rússia mandava grandes contingentes armados para a Manchúria e a Grã-Bretanha estava em guerra com a África do Sul, em dois episódios que haveriam de se revelar terrivelmente dispendiosos em todos os sentidos. Não obstante a terrível veracidade dos argumentos de Bloch, nenhum governo europeu aceitava a ideia da redução de arsenais. Escrevendo no *Contemporary Review* em 1901, ele atribuiu seu fracasso ao fato de suas ideias irem de encontro aos "interesses e direitos adquiridos da mais poderosa classe da comunidade" e à "resolução com que a casta militar se aferra à memória de um estado de coisas que já ficou para trás".

A verdade era que havia vozes altamente influentes na elite política internacional proclamando a inevitabilidade e mesmo a moralidade da guerra. Não era apenas o historiador alemão chauvinista Treitschke — leitura obrigatória para todos os oficiais do exército e funcionários governamentais da Alemanha — que insistia em que os Estados viviam num constante estado de conflito hobbesiano, a guerra servia para purificar e unir, enobrecer e revigorar, e que paz

em excesso levava à decadência. Em todos os Estados coloniais e nos que aspiravam a essa condição, a guerra passara a ser legitimada como um teste da aptidão racial nacional, sendo considerada inevitável como um modo vital de seleção natural pela ideia do darwinismo social — que por sua vez, não por mera coincidência, legitimava a dominação das raças "atrasadas" e "inferiores" pelas "avançadas" e "superiores". Theodore Roosevelt dissera em 1897 à Escola de Guerra Naval americana: "Nenhum triunfo da paz é tão grande quanto os supremos triunfos da guerra (...) a partir do momento em que uma raça perde as duras virtudes do combate, então (...) ela terá perdido seu orgulhoso direito de se apresentar como igual aos melhores",[39] e o resto do país aplaudira. E num artigo implicitamente crítico da conferência de paz, o admirado historiador naval Alfred Mahan, cujo único voto na conferência de Haia teria impedido a proibição do "gás asfixiante", considerava a guerra uma "colisão honesta" entre nações, uma "ideia heroica" e uma "lei do progresso".[40]

Isto não quer dizer que todos os que acreditavam na inevitabilidade da guerra a quisessem imediatamente. A rainha Vitória começava a se dar conta, por exemplo, de que o neto alemão demonstrava preocupante propensão para gerar conflito onde não era desejado. Em março de 1899, ela escreveu a Nicolau advertindo que Guilherme aproveitava

> a menor oportunidade para fazer ver a sir F. Lascelles que a Rússia faz tudo que está ao seu alcance para agir contra nós; que oferece alianças a outras potências e firmou uma com o emir do Afeganistão contra nós. Nem preciso dizer que não acredito numa só palavra disto, como tampouco lorde Salisbury ou sir F. Lascelles. Mas receio que Guilherme possa ir dizer-lhe coisas contra nós, tal como nos diz a seu respeito. Nesse caso, rogo que me diga aberta e confidencialmente. É muito importante que nos entendamos e que se ponha fim a esses comportamentos tortuosos e prejudiciais. Você é tão honesto consigo mesmo que estou convencida de que ficará chocado com isto.[41]

Era realmente algo extraordinário, considerando-se a já proverbial antipatia da rainha pela Rússia e sua identificação com a Alemanha. Mas Guilherme esgotara sua paciência. Vinha recentemente mandando-lhe mensagens de que a Rússia estaria para atacar o norte da Índia. Nem Salisbury nem ela acreditavam, tudo não passava, segundo escreveu a soberana, de mais uma tentativa "de voltar [a Rússia] contra nós".[42]

A resposta de Nicolau confirmou as suspeitas da rainha:

> Estou muito feliz por me ter falado tão abertamente a respeito de Guilherme. Agora entendo perfeitamente o que ele pretende; ele está jogando um perigoso jogo duplo. Ouvi exatamente a mesma coisa do conde Osten Sacken, de Berlim, a respeito das políticas inglesas, tal como o que a senhora e lorde Salisbury devem ter ficado sabendo a nosso respeito por sir F. Lascelles. Fico muito feliz de saber que a senhora não acreditou na história da suposta aliança entre nós e o emir do Afeganistão, pois não existe nela nem uma única sílaba de verdade. Como sabe, querida Vovó, tudo que busco no momento é o mais longo prolongamento possível da paz neste mundo.[43]

As relações anglo-russas tampouco vinham tomando um rumo muito feliz. O Ministério do Exterior britânico sabia que os russos tinham oferecido ajuda aos militares franceses durante o episódio de Fashoda,[44] e os dois lados ainda estavam se enfrentando numa furiosa rivalidade em torno da China, mas tinham concordado em tentar negociar um acordo, dividindo a China numa esfera de influência russa, ao norte da Grande Muralha, e outra britânica, ao sul. Os britânicos não o desejavam realmente, mas pelo menos o acerto podia conter a expansão russa. "Tudo que a Rússia quer", dizia Nicolau à rainha, "é ser deixada em paz para desenvolver sua posição na esfera de interesses que diz respeito ao fato de estar tão próxima da Sibéria".[45] As negociações tinham sido tortuosas. "Mouravieff é um terrível trapaceiro, e sempre se sai com alguma desculpa para postergar a reunião final",[46] comentava um ministro britânico. Pelo menos em parte o atraso se devia a uma luta interna de poder entre Muraviev, que considerava que a Rússia precisava de um hiato para se estabelecer na Manchúria sem uma constante hostilidade internacional, e Witte, que se opunha terminantemente a qualquer limitação da expansão ferroviária e financeira da Rússia na China. O acordo, um acontecimento histórico entre a Inglaterra e a Rússia, foi assinado — depois de ter o Ministério do Exterior britânico dado um ríspido e irritado ultimato — em abril de 1899.

Guilherme, enquanto isso, continuava na lista negra da rainha. Não se tratava apenas dos movimentos que fazia pelas suas costas e das ineptas tentativas de indispô-la com a Rússia. Os dois também tinham discutido quando o filho único de Affie suicidou-se no início de 1899,******** deixando o ducado de Coburgo sem um herdeiro direto do sexo masculino. A rainha ficou exasperada com o comportamento indiferente de Guilherme e os dois entraram em confronto a respeito de quem deveria ser designado herdeiro. Ela queria que o ducado ficasse com outro de seus filhos, Arthur de Connaught ou Leopoldo, ou os filhos deles. Guilherme ameaçou fazer aprovar uma lei para impedir um estrangeiro na

sucessão. A rainha retaliou deixando de convidá-lo para as comemorações de seu 80º aniversário em maio. Guilherme viu aí um gesto de rejeição pessoal, o que desencadeou mais uma torrente de ressentimento, antipatia e desconfiança. Ele convocou o adido militar britânico, o coronel sir James Grierson, e lhe disse calmamente que lhe seria impossível comparecer à festa de aniversário da avó ou visitar a Inglaterra enquanto Salisbury, "seu constante inimigo",47 com sua "lamentável" política externa, continuasse como primeiro-ministro. Há muitos anos, prosseguiu, ele vinha sendo "o único verdadeiro amigo" da Inglaterra, mas "só recebia ingratidão em troca". Um dia, disse a Grierson, a Inglaterra se arrependeria. Começou então a falar de Joseph Chamberlain e da City londrina, dizendo que queriam entrar em guerra com a Alemanha porque ela tinha menos navios que a França. O cáiser, relataria Grierson, mostrou-se absolutamente amistoso, mas "Vossa Excelência não deixará de perceber que Sua Majestade falava um tanto a esmo". Em privado, Grierson disse ao amigo Arthur Bigge, vice-secretário particular da rainha, que não havia relatado tudo que Guilherme dissera e que se perguntava seriamente se o imperador não podia estar meio demente.48

A rainha observou com sarcasmo que se Guilherme se recusava a visitá-la enquanto Salisbury não deixasse o cargo, teria de esperar muito tempo. Mas escreveu lembrando-lhe que o havia convidado a Osborne em agosto. Salisbury disse-lhe: "Não posso deixar de temer que isto indique, da parte de Sua Majestade, a consciência de que nutre alguma intenção de que deva tornar-me seu inimigo. (...) É uma grande contrariedade que um dos principais fatores nos cálculos europeus deva ter um caráter tão ultra-humano. Ele se mostra ciumento como uma mulher por achar que a rainha não lhe dá a devida atenção."49

Não havia como aplacar a indignação de Guilherme com Salisbury e o aniversário perdido. Duas semanas depois, ele escreveu à rainha uma furiosa carta de nove páginas, acusando Salisbury de emperrar deliberadamente as negociações com a Alemanha, o que se manifestara recentemente em desacordos em torno das ilhas de Samoa.

> Essa maneira de tratar os sentimentos e interesses da Alemanha atingiu a população como um choque elétrico, dando a impressão de que lorde Salisbury se importa tanto conosco quanto com Portugal (...) se esse tipo de tratamento prepotente das questões alemãs por parte do governo de lorde Salisbury tiver prosseguimento, receio que se instaure uma permanente fonte de mal-entendidos e recriminações entre os dois países, o que no fim pode levar a um mau relacionamento.

> Eu, naturalmente, me tenho mantido calado a respeito do que tenho passado *pessoalmente* nos seis últimos meses, a vergonha e a dor que sofri e como meu coração sangrou quando, para meu desespero, tive de assistir à destruição do árduo trabalho de tantos anos para fazer com que os dois países se entendessem e respeitassem os respectivos desejos e aspirações. (...) O governo de lorde Salisbury precisa aprender a nos respeitar e a nos tratar como iguais, e enquanto ele não puder ser levado a fazê-lo, as pessoas aqui continuarão desconfiadas e o resultado inevitável será uma espécie de frieza. (...) Agora a senhora poderá entender, querida Vovó, por que eu desejava tão ardentemente comparecer ao seu aniversário. Essa visita teria sido perfeitamente entendida aqui como um dever do neto em relação à avó.[50]

Ele acrescentava que até então guardara um digno silêncio na esperança de que Salisbury se corrigisse, "e assim engolia tudo e segurava a língua".

Não havia precedente de um monarca atacando o principal ministro de outro monarca numa carta pessoal, em contravenção do que o próprio Guilherme considerava "as normas europeias de civilidade". A rainha reuniu forças para uma admoestação. Ela já sentia o peso da idade. Quase cega, completamente manca, cada vez mais cansada, ela vinha gradualmente se retirando da vida pública, evitando os ministros e até os secretários particulares, sob a alegação de que não suportava mais discutir com eles. (Insistia, em vez disso, em que sua filha Beatriz lesse suas cartas oficiais, o que dera origem a incômodos mal-entendidos, quando, por exemplo, Beatriz era chamada a explicar importantes questões de política externa ou vacinação à rainha.)

"Pergunto-me", escreveu ela, com frieza, "se algum soberano jamais escreveu em termos semelhantes a outro soberano, sendo este outro sua própria avó, a respeito do primeiro-ministro. Eu jamais seria capaz de fazer algo assim, e nunca critiquei ou me queixei pessoalmente do príncipe Bismarck, embora soubesse perfeitamente que era um feroz inimigo da Inglaterra e de todo o mal que causou".[51] A verdade, contudo, era que Salisbury estava de novo emperrando as negociações, dessa vez para saber quem deveria administrar Samoa, onde a Alemanha e a Grã-Bretanha se haviam posicionado em lados opostos numa guerra civil. E sua atitude distante durante as negociações não só havia tirado o cáiser do sério como provocara séria decepção numa das mais influentes vozes pró-britânicas do Ministério do Exterior alemão, Fritz Holstein.[52]

"A rude carta da velha Vitória o magoou de uma maneira indizivelmente profunda!",[53] escreveu Eulemburgo a Bülow do iate de Guilherme, em sua viagem escandinava anual, em julho. Ele se preocupava novamente com

Guilherme, que parecia constantemente à beira da histeria. Eulemburgo o via intimidando seu entourage, tendo acessos de raiva e se lançando em surtos de uma retórica terrivelmente violenta, exigindo que fossem abatidos os socialistas que mais uma vez se haviam saído bem nas eleições alemãs. Há anos Guilherme se comprazia nesse tipo de retórica sanguinolenta; mas raramente agia de acordo com ela, se é que chegava a fazê-lo alguma vez. O que inquietava Eulemburgo era a constatação de que o cáiser jamais cresceria. "Em termos psicológicos, não se constata a menor mudança",[54] escreveu ele, inconformado, a Bülow. "Ele continua a mesma criatura explosiva, se não mais violento e irresponsável. (...) Quando um temperamento tão fortemente excêntrico domina um ambiente, não pode deixar de haver convulsões." Como um pai indulgente, Eulemburgo tolerara a criança mimada que havia em Guilherme, ao mesmo tempo alimentando a convicção de que se todos os obstáculos fossem afastados do caminho do cáiser ele de alguma forma haveria de se tornar o monarca e o homem que ele próprio, Eulemburgo, sinceramente desejava que fosse. Escrevia a Bülow cartas tristes, desiludidas e decepcionadas, descrevendo o comportamento imprevisível de Guilherme e suas próprias tentativas fracassadas de modificá-lo. Nada amistoso em relação à Grã-Bretanha nem, especialmente, à Rússia, ele se preocupava particularmente com a raiva de Guilherme em relação aos dois países. Ainda era melhor, pensava, "*correr atrás* da Rússia *e* da Inglaterra do que irritar as duas".[55]

No fim do verão de 1899, os britânicos deram uma incrível meia-volta que desarmou da noite para o dia a raiva de Guilherme. De uma hora para outra, Salisbury concordou em abrir mão das exigências britânicas em Samoa, em troca de que a Alemanha fizesse o mesmo com suas pretensões a algumas poucas ilhas do Pacífico e partes da África Ocidental e concordasse em se manter neutra caso alguma coisa desse errado no Transvaal. O cáiser ficou encantado. Tendo-se recusado rispidamente a ir à Inglaterra em agosto, ele propôs uma visita a Windsor em novembro. O motivo mais provável da mudança de posição dos britânicos ficou evidente seis semanas depois do acordo sobre Samoa, quando estourou a guerra entre os ingleses e os bôeres, a 11 de outubro.

O alegado *casus belli* britânico era a recusa dos bôeres de conceder direitos básicos a imigrantes britânicos que haviam chegado ao Transvaal para a mineração de ouro. Os bôeres o recusavam porque, se o fizessem, imediatamente

ficariam em enorme inferioridade numérica. O verdadeiro motivo da entrada da Grã-Bretanha na Guerra dos Bôeres ainda gera polêmica: integrar o Estado livre de Orange e o Transvaal à África do Sul, botar a mão no ouro dos bôeres, dar-lhes uma lição. Qualquer que fosse a razão, tratava-se de uma perversa e onerosa guerrinha estimulada por Cecil Rhodes e Joseph Chamberlain, e que em épocas anteriores poderia ter sido evitada por Salisbury. Ao contrário de Chamberlain, que se empolgava com o imperialismo, ele sempre considerara a guerra uma prova de fracasso: "Tenho a profunda convicção de que nada que seja violento pode ter resultados permanentes."[56] Imperialista no terreno econômico, ele no entanto deplorava a crescente onda de patriotismo exaltado e estridente nacionalismo articulada por Chamberlain. Dizia que era como ter "um gigantesco asilo de lunáticos nas próprias costas". Mas a época cada vez menos o favorecia, sua idade começava a transparecer e sua mulher estava doente — ela morreria seis semanas depois do início da guerra. O entusiasmo político de Salisbury começava a desvanecer e ele permitira que o governo resvalasse para um conflito por ele mesmo chamado de "guerra do Joe".

A campanha rapidamente infligiria à Grã-Bretanha uma série de intensos e terríveis choques. Para começar, houve uma sucessão de derrotas humilhantes: os bôeres dispunham do primeiro contingente adequadamente armado que os britânicos enfrentavam em décadas, e sua eficácia deixou patentes insuficiências flagrantes e incompetência nos mais altos escalões. Em segundo lugar, houve o horror da situação em que se encontravam os voluntários britânicos: entre 40% e 60% deles estavam mal nutridos e inaptos para a ação, evidenciando níveis de abjeta pobreza e enfermidade num país que se considerava o mais bem governado e, a se dar crédito a tais critérios, a mais avançada de todas as raças. Esses fatos tiveram um efeito absolutamente devastador no mito da invencibilidade imperial da Grã-Bretanha. Depois do primeiro surto de entusiasmo pela guerra, veio a hipocrisia do governo conservador, que defendia os direitos fundamentais dos imigrantes britânicos no Transvaal, ao mesmo tempo negando-os aos próprios súditos na Irlanda. (Naturalmente, ninguém se interessava muito pela população negra nativa, muito mais numerosa, muito mais maltratada — tanto pelos bôeres quanto pelos britânicos — e que, pelos critérios raciais da Europa, não chegava propriamente a contar como gente.)

No exterior, a guerra desencadeou o que Eduardo considerou uma "incessante

tempestade de insultos e interpretações equivocadas (...) em todas as partes do continente"[57] — em parte por ressentimento com a condição britânica de superpotência, em parte por desaprovação de seus métodos de intimidação. Os bôeres eram saudados como heróis e vítimas. Na França, um cartunista de *Le Rire* foi condecorado pelo Ministério das Belas-Artes pela publicação de caricaturas obscenas de dirigentes britânicos. Na Alemanha, grupos coloniais exigiam que fossem enviadas armas e ajuda aos bôeres, e a grande imprensa, que passara o verão queixando-se do comportamento britânico em Samoa, assumiu uma posição ardorosamente acusadora. Vários oficiais alemães foram lutar ao lado dos bôeres, o que Guilherme reiteradamente negaria à avó. Na Rússia, destacados membros do governo exigiam que o país explorasse a vulnerabilidade da Grã-Bretanha e criasse problemas no Afeganistão e na fronteira da Índia. Embora considerasse, como o resto da elite russa, que se tratava de uma "guerra desigual e injusta",[58] Nicolau garantiu à rainha que não permitiria que seu governo se prevalecesse da situação da Grã-Bretanha e que não tinha o menor desejo de envolver a Rússia em questões africanas. As garantias pareciam decorrer antes de pragmatismo e do fato de a Rússia já estar sobrecarregada na China do que dos laços de família, pois ele chegou a brincar com a ideia. "Minha querida", escreveu à irmã Xênia, decididamente pró-bôer, "você sabe que não estou orgulhoso, mas gosto de saber que depende exclusivamente de mim, em última análise, mudar o curso da guerra na África. O meio para isto é muito simples: telegrafar uma ordem para que todo o exército do Turquistão se mobilize e marche em direção à fronteira da Índia. É tudo".[59] Em Windsor, a rainha quis "declarar a dedicação do tsar a ela e à Inglaterra como apenas genuína".[60]

Enquanto Salisbury parecia sair de cena, a guerra reanimou a rainha, que se armou para ela de um derradeiro elã de esplêndida certeza. Ela não tinha a menor dúvida de que era uma guerra justa, tendo sido convencida pelo governador geral da África do Sul, o visconde Milner, de que os "*Uitlanders*"******** ingleses eram exatamente como os "servos oprimidos da antiga Esparta".[61] (A analogia era surpreendente da parte de Milner — um dos instigadores da guerra —, considerando-se que no momento ele estimulava o uso de autênticos servos, trabalhadores chineses avassalados, nas minas da África do Sul.) Além disso, ela alegava que seria bom que os "jovens ociosos perdessem

uma temporada para se esfalfar com as tropas".[62] Em meados de dezembro, quando os britânicos sofreram três derrotas na "semana negra", ela disse a um ministro que ousou oferecer sua comiseração: "Por favor entenda que não há ninguém deprimido nesta casa."[63]

Na Alemanha, a primeira visita do cáiser à Grã-Bretanha em cinco anos não agradou nada. Dona — geralmente um modelo de obediência e submissão — de tal maneira se posicionou contra que chegou a alegar estar muito doente para viajar, dizendo que a viagem teria de ser cancelada. Ela disse a Bülow que a "ganância" britânica estava estrangulando "os corajosos e devotos bôeres".[64] Considerando que era tarde demais para cancelar a visita, Bülow acompanhou Guilherme, para ficar de olho nele, e Holstein foi convocado para convencer o cáiser a manter sob controle suas tendências anglofílicas. Ele escreveu um lisonjeiro memorando garantindo a Guilherme que era "mais bem-dotado" que os parentes, mas por demais honesto e aberto com eles. O texto sugeria que se fizesse de difícil, exortando-o a "evitar toda conversa política", especialmente com Salisbury. "A impressão nele causada [em Salisbury] será tanto maior se Vossa Majestade não manifestar o desejo de recebê-lo (...) mas (...) simplesmente descartá-lo rapidamente e com imaculada polidez." No fim das contas, a mulher de Salisbury morreu no dia da chegada de Guilherme à Inglaterra, de modo que ele estava ausente, motivo de alívio para ambos os lados.

Guilherme via a visita numa névoa de devaneios conflitantes. Considerava-se o solitário cavaleiro branco da Grã-Bretanha na Europa continental. Ao mesmo tempo, decidiu explorar a hostilidade à Grã-Bretanha no Reichstag, ordenando a Tirpitz que antecipasse em um ano a próxima etapa da expansão naval, embora isto só viesse a ser anunciado *depois* da visita. E insistiu também em ser acompanhado por dois membros de seu entourage que eram detestados por Eduardo: Kessel, reconhecido anglófobo, que havia perseguido Vicky após a morte de Fritz, e Senden-Bibran, que no ano anterior acusara o príncipe de lhe ter feito deliberadamente uma desfeita.

Ele chegou à Inglaterra a 20 de novembro de 1899, acompanhado da relutante mulher e de dois dos filhos. Imediatamente a Inglaterra começou a exercer sua magia. Havia tropas de robustos guardas montados, multidões em aclamação. E nem a mais leve impressão de arrogância. Primos e tios em desfile vieram manifestar sua gratidão por ele ter vindo naquele momento. Eduardo pronunciou

discursos generosos. Os jornais, que sempre se haviam mostrado suscetíveis ao talento do cáiser para se exibir em público e estavam perfeitamente cônscios das condenações à Guerra dos Bôeres no resto da Europa, cobriram-no com uma chuva de elogios — o telegrama Kruger decididamente havia ficado para trás. "A tenacidade de sua vontade, sua capacidade de adaptação política, seu autêntico talento para a eloquência, sua extraordinária versatilidade, sua clara visão de algumas das tendências de nossa época não podem deixar de causar impressão",[65] derramava-se o *Daily News*. "Um homem cujas notáveis qualidades pessoais não chegam a ser menos plenamente apreciadas na Inglaterra do que na própria Alemanha",[66] entusiasmava-se o *Times*. A única sombra, para Guilherme, foi descobrir o conselheiro da legação alemã, um homem baixo e míope, o conde Karl Puckler, trajando um fraque azul com botões dourados — doloroso passo em falso para alguém que, como observaria Bülow, "na Inglaterra (...) se sentia, em todo caso na aparência, inteiramente inglês".[67] O cáiser recuou. Bülow discretamente recomendou a Puckler que se cobrisse com um sobretudo. Mas Puckler, que também estava muito nervoso, perdera o sobretudo na viagem, e ainda conseguiria causar perplexidade no cáiser duas outras vezes antes da chegada a Windsor.

Num solene banquete em St George’s Hall — ao qual a rainha chegou numa liteira carregada por quatro "hindus" cobertos de joias —, o jantar foi servido em pratos de ouro. (Bülow comentou com impertinência que a rainha parecia um "cogumelo" — presumivelmente por estar pálida e inchada — e que a maneira como ela cortava as batatas para ver se estavam macias lhe lembrava "uma boa e velha alma" em Hanôver.) "É a mais bela recepção e a impressão mais inspiradora de minha vida", disse Guilherme a Bülow. "Aqui, onde na infância eu passeava segurando a mão de minha mãe e me sentindo maravilhado, modesta e timidamente, com todo o esplendor, não me hospedo como imperador-rei." Seu séquito não pensava o mesmo. "Toda manhã", escreveu Bülow, "Guilherme II aborrecia os cavalheiros de seu entourage militar apontando para a Torre de Windsor e dizendo-lhes: ‘Desta torre o mundo é governado’". Seu humor foi abalado pela visão do infeliz Puckler, ainda trajando seu fraque azul de botões dourados, "tentando arrastar-se por entre os cavaleiros, perturbando alguns dos cavalos". O conselheiro, definitivamente condenado aos olhos de Guilherme, seria discretamente transferido para a embaixada em Viena.

A guerra praticamente não era mencionada, embora todos, a começar pela rainha, interpelassem Guilherme e Bülow a respeito das "declarações malévolas" e do "tom chocante" da imprensa alemã.[68] Guilherme afirmou que era tudo obra de Bismarck, que apesar de aposentado continuava dirigindo uma série de jornais. Bülow observou que os britânicos eram muito menos antialemães do que os alemães, antibritânicos.

Da comitiva em Windsor fazia parte Joseph Chamberlain, que ficou impressionado, como acontecia com muitas pessoas no primeiro encontro, com a franqueza de Guilherme e sua capacidade de percorrer com conhecimento de causa uma enorme variedade de temas. Chamberlain havia sido diretamente atacado na imprensa alemã, mas apesar disso estava mais convencido que nunca de que a Grã-Bretanha precisava da Alemanha como aliada, e contava com o apoio da maioria do gabinete. Na ausência de Salisbury, ele disse a Guilherme que desejava muito um "amplo entendimento" entre a Alemanha e a Grã-Bretanha. O cáiser fora advertido por Holstein a se esquivar às seduções de Chamberlain, que era incrivelmente impopular na Alemanha por causa da Guerra dos Bôeres. Para alívio de Bülow, o cáiser observou que a Grã-Bretanha tradicionalmente não firmava alianças formais, e que a Alemanha estava muito próxima da Rússia para contemplar tal possibilidade (o que não era verdade). Mas ele reconheceu que talvez pudessem chegar a acordos em várias questões relevantes, caso a caso. Os britânicos, acrescentou, deviam ter em mente que "o alemão" era suscetível, precisavam evitar "testar sua paciência" e deviam "mostrar-lhe boa vontade até nas pequenas coisas".[69] No dia seguinte, Chamberlain encontrou-se com Bülow e propôs uma união entre os Estados Unidos, a Alemanha e a Grã-Bretanha contra a França e a Rússia. Bülow sugeriu que Chamberlain falasse publicamente em termos positivos das relações anglo-alemãs para gerar um clima propício no qual pudessem ter início as negociações.

A visita terminou com três dias de mimos e caçada em Sandringham. Era a primeira visita de Guilherme à casa do tio desde 1880. Eduardo mostrou-se impecavelmente solícito. Há algum tempo ele fazia saber à embaixada alemã que estava disposto a "fazer tudo que estivesse em seu poder para acabar com todo mal-entendido, fosse de natureza pessoal ou política".[70] Como a mãe, queria muito ver a melhora das relações anglo-alemãs. Ele e Bülow, contudo, não se davam. Eduardo chamava Bülow de "trapaceiro".[71] Bülow considerava que

Eduardo e Guilherme juntos pareciam "um gato gordo e malicioso brincando com um camundongo".[72] Jorge, convocado para levar Guilherme para caçar, escreveu, cheio de aprovação, que ele "atirava extraordinariamente bem, considerando que tem apenas um braço".[73] No ano seguinte, ele e May convidaram Guilherme a ser o padrinho de seu terceiro filho, Henrique, e compareceram às comemorações da maioridade do filho mais velho do cáiser, "Willy".

No dia da partida de Guilherme, Joseph Chamberlain fez publicamente um grande gesto de abertura em direção à Alemanha num discurso pronunciado em Leicester, no qual disse que "nenhum estadista inglês de visão podia ficar satisfeito com o permanente isolamento da Inglaterra no continente europeu. (...) A aliança natural é entre nós e o grande Império Alemão".[74] Apenas duas semanas depois, introduzindo no Reichstag a nova legislação sobre a marinha, de uma só penada dobrando o tamanho da marinha alemã, Bülow, aclamado, falou da arrogante inveja da Grã-Bretanha, de seu crescente ódio à Alemanha e de sua vergonhosa conduta na Guerra dos Bôeres. Não surpreende que Chamberlain tenha ficado profundamente insultado.

Mas Guilherme, que cuidara pessoalmente para que o projeto de lei da marinha fosse levado adiante, estava agora engolfado em mais uma anglopaixão, como sempre motivada pela habitual combinação de entusiasmo, falta de tato e animosidade que seu entourage, exasperado, tentava ocultar. Quando as derrotas britânicas chegaram ao auge na "semana negra", duas semanas após sua partida, ele escreveu exultante ao tio: "Em vez da canção do Anjo, ‘Paz na Terra aos homens de boa vontade’, o novo século será saudado pelos gritos dos que morrem abatidos e mutilados pelas balas e bombas!"[75] Mas não importava, concluía ele, pelo menos a "aristocracia britânica" estava mostrando "ao mundo que sabe morrer cumprindo o seu dever". E ele acrescentava uma série de "aforismos", segundo dizia, fazendo recomendações a Bertie sobre a maneira como a Grã-Bretanha poderia sair-se melhor. Mandou mais duas séries dois meses depois, em fevereiro de 1900, acompanhadas de uma carta comparando a mais recente humilhação britânica a uma derrota da Austrália no cricket. Bertie e a rainha ficaram furiosos com sua presunção, mas Bertie tomou o cuidado de agradecer ao cáiser, embora se queixasse da inadequação da metáfora esportiva do sobrinho.[76] Uma versão possivelmente apócrifa afirma que nessa época o

cáiser apareceu certa manhã no quarto de sir Francis Lascelles quando ele ainda estava na cama para oferecer-lhe uma estratégia capaz de derrotar os bôeres. O embaixador, terrivelmente embaraçado, tentou levantar-se: "Ele me empurrou de volta aos travesseiros e chegou mais perto, desenrolando e estendendo diante de mim uma série de documentos e mapas."[77] Lascelles tentou recobrar a dignidade e recompor o pijama enquanto o cáiser exigia que seu plano fosse enviado a Londres. Em sua carta seguinte a Eduardo, ele disse que estava muito satisfeito porque lorde Roberts, o novo comandante na África do Sul, seguira seu conselho: "Isto mostra com toda a clareza a correção dos meus cálculos em meus últimos *Gedankensplitter* [aforismos]."[78]

Enquanto isso, Rússia, França e Alemanha discutiam secretamente como intervir para impor à Grã-Bretanha um acordo entre as grandes potências ou mesmo explorar sua vulnerabilidade. No ano-novo de 1910, Muraviev propôs que a Rússia lançasse uma cabeça de ponte na Pérsia enquanto a Grã-Bretanha enfrentava problemas, com um grande empréstimo e bem aplicadas pressões, e começasse a causar problemas na fronteira noroeste.[79] Mas os russos entenderam que precisavam ser cuidadosos. O custo de manutenção da Manchúria tornara-se proibitivo. A nova "fronteira" entre a China ocupada pela Rússia e o resto e as linhas ferroviárias exigia muitos soldados em patrulha, e o fato de haver apenas um trilho na grande ferrovia Transiberiana significava que o transporte de homens e produtos para a China era lento e dispendioso. Os chineses achavam os produtos russos caros e de má qualidade, de modo que o dinheiro não estava entrando. Todo o projeto colonial tornava-se terrivelmente oneroso. A longo prazo, irritar demais os britânicos podia representar um equívoco ainda mais caro. Os russos limitaram-se a conceder um grande empréstimo ao governo persa e ficaram movimentando suas tropas na fronteira afegã, o que sempre alarmava os britânicos. Enquanto isso, Guilherme se oferecia para guardar a fronteira, caso os russos atacassem o norte da Índia.[80] Os russos receberam a oferta sem entusiasmo, considerando-a uma provocação. As relações russo-alemãs não tinham se recuperado desde a tomada de Kiaochow pela Alemanha no fim de 1897, e desde então se arrastavam com dificuldade, pontuadas pelas estranhas exigências de atenção de Nicolau por parte do cáiser e por propostas de que agissem juntos contra a França ou a Grã-Bretanha. Bernhard von Bülow afirmava desejar a melhora das relações com a Rússia, mas não conseguira

reunir os dois imperadores. Em 1899, permitira que uma visita do tsar a Potsdam — em nome da qual amolara os russos durante meses — fosse completamente eclipsada pela assinatura do acordo sobre Samoa com a Grã-Bretanha. E Dona deliberadamente insultara Alix ao se recusar a acompanhá-la até a estação ferroviária no momento da partida do casal imperial.

Até que, em fevereiro de 1900, Muraviev sugeriu que a Rússia, a Alemanha e a França se associassem para impor uma solução diplomática na Guerra dos Bôeres. Guilherme agora dizia que precisava sondar Londres primeiro, o que deixou os russos ainda mais enfaticamente convencidos de que ele estava preparando alguma.[81] Dias depois, o cáiser escreveu a Eduardo, advertindo que "diversos povos preparam-se em silêncio para tomar liberdades e gerar crises e surpresas em outras partes do mundo. (...) Esteja atento! (...) Trapaceiros! Cuidado com o lobo!! Precisamos ambos manter-nos vigilantes!".[82]

Duas semanas depois, ele escrevia: "Minhas advertências não foram precoces. Ontem à noite, recebi uma nota de São Petersburgo na qual o conde Mouraview me convida formalmente a participar de uma ação coletiva com a França e a Rússia contra a Inglaterra, para estabelecer a paz e ajudar os bôeres! Eu declinei. (...) Sir Frank foi informado por mim dessa iniciativa afrontosa da forma *mais confidencial*."[83] O cáiser disse a Lascelles que a Rússia havia feito um importante empréstimo à Pérsia para tentar conseguir vantagem sobre a Grã-Bretanha nesse país, e que se a Inglaterra entrasse em guerra com a França "ele manteria suas baionetas no lado terrestre".[84]

No fim de março, Guilherme garantiu à avó que havia salvado a Inglaterra "de uma situação muito perigosa".[85] "Persiste no espírito de lorde Salisbury", dizia o primeiro-ministro à rainha, "uma dúvida sobre se a França e a Rússia realmente chegaram a fazer à Alemanha uma proposta de se associarem contra a Inglaterra; ainda assim, entretanto, é muito satisfatório receber do imperador alemão expressões tão claras de boa vontade".[86] Em abril, quando Eduardo foi alvejado na Bélgica por um adolescente pretensamente anarquista, Guilherme acorreu: os interesses nacionais podiam dividir as famílias reais, mas todo mundo na classe dirigente detestava um anarquista. Em Copenhague, para onde se dirigiu em seguida, contudo, Eduardo parece ter recebido papéis indicando que a Alemanha é que havia inicialmente feito aberturas na direção da França e da Rússia para formar uma coalizão, tendo estimulado a Rússia a invadir a

Índia.[87]

A maneira como Guilherme relatava ter salvado a Inglaterra de uma conspiração russa viria a tornar-se mais elaborada com o passar dos anos. Em 1908, ele disse a um jornal britânico que havia impedido uma tentativa russa de "jogar a Inglaterra humilhada no chão".[88] Quando afinal veio a escrever suas memórias, ele já havia neutralizado uma conspiração franco-russa para atacar a Grã-Bretanha, ameaçando entrar em guerra com os dois países. Ao mandar um telegrama com as notícias para a rainha, ele alegou ter ela dito que jamais se esqueceria de sua ajuda.

Nos últimos meses de 1900, a rainha-imperatriz, com 82 anos, começou a decair. Quase simultaneamente, logo depois da eleição geral de outubro, vencida pelos conservadores com uma campanha orquestrada por Chamberlain, Salisbury abriu mão do cargo de secretário do Exterior, sinal incontornável de que suas forças se esvaíam. O surto de fervor justiceiro que se apoderara da rainha nos primeiros meses da Guerra dos Bôeres gradualmente se havia evaporado. E no início de 1900, Affie morreu de câncer na garganta, chegando também a notícia de que o câncer de Vicky entrava numa virulenta fase final. A rainha se esforçara por preservar uma fachada positiva ao longo da guerra, mas com o passar dos meses vinha se tornando, segundo observavam os da casa, "chorosa por causa do absurdo desperdício de vidas humanas".[89] Ela começou um álbum sobre os mortos, mas o abandonou por achá-lo triste demais. Suas damas de companhia a encontravam chorando por causa das listas de baixas. Em dezembro, escondida em Osborne, o mausoléu, ela estava quase completamente cega e cada vez mais fraca. No ano-novo de 1901, estava morrendo.

Em Berlim, Guilherme comemorava o 200º aniversário da coroa prussiana. Ao receber a notícia, largou tudo e acorreu ao leito de morte da avó. Ninguém queria que ele fosse: Bülow e Eulemburgo temiam o efeito de sua partida na opinião pública alemã — com as notícias dos êxitos britânicos na África do Sul, a imprensa alemã voltara a sua atitude de hostilidade, publicava caricaturas da rainha condecorando um soldado britânico por estuprar jovens bôeres e se referia a Chamberlain como o demônio e a Kitchener, a essa altura incumbido da condução da guerra, como um carniceiro — e receavam que Guilherme sucumbisse às tentações da Inglaterra. Na semana anterior, Joseph Chamberlain fizera nova proposta de uma aliança anglo-alemã. "Penso em todas as coisas que

ele dirá!", escreveu Eulemburgo, preocupado. "Ele será como uma criança em meio a todas essas pessoas."[90] Bülow enviou um lembrete diplomático para que se ficasse de olho nele.

A iminente chegada do cáiser também deixou todos preocupados na família inglesa. As filhas de Vitória, Helena e Luísa, que vinham supervisionando seu tratamento, enviaram telegramas frenéticos, tentando detê-lo. Guilherme limitou-se a achar graça, dizendo que "as anáguas" estavam "isolando a pobre vovó do mundo".[91] Ele desembarcou na estação Victoria, onde foi recebido por Eduardo e Jorge. Em suas memórias, Guilherme escreveu que, ao descer do trem, um "homem comum" disse: "Obrigado, cáiser!" Bertie assentiu: "'É o que todos eles acham, todos sem exceção, e jamais esquecerão essa sua vinda.' Entretanto, o fato é que esqueceram", escreveria Guilherme, amargurado, anos depois, "e esqueceram rápido".[92]

Eles partiram para Osborne no dia seguinte. Para surpresa geral, Guilherme foi impecável. "Ele se comportou da maneira mais digna e admirável. Disse às princesas: 'Meu primeiro desejo é não chamar a atenção, e se quiserem retornarei a Londres. Gostaria de ver Vovó antes de sua morte, mas, se não for possível, entenderei perfeitamente.'"[93] Eduardo escreveu a Vicky, que a essa altura estava por demais doente para comparecer: "Guilherme foi a própria bondade, e tocante em sua dedicação."[94]

Agravando-se o estado da rainha, cada membro da família tinha alguns minutos com ela. "Ela parecia exatamente a mesma, sem ter mudado nada", escreveu Jorge em seu diário, "estava quase adormecida e tinha os olhos fechados. (...) Beijei sua mão, Mamãe querida estava comigo". Na tarde de 22 de janeiro, a família inteira reuniu-se ao redor de sua cama. "Ela ficou consciente até as cinco da manhã e chamou cada um de nós pelo nome, e nós nos despedimos dela. Jamais esquecerei aquela cena em seu quarto, com todos nós soluçando e de coração partido em torno de sua cama. Foi terrivelmente doloroso."[95] Guilherme gostava muito de dizer, mais tarde, que a rainha "faleceu tranquilamente em meus braços"[96] (ou braço). Numa proeza de energia física muito notada na casa, ele se ajoelhou a sua cabeceira e a susteve por duas horas e meia sem se mexer. Ele providenciou para que a rainha fosse depositada na mesa de jantar e, a seu pedido, seu caixão foi coberto com a bandeira britânica. Ele a teria depositado sozinho no caixão se Eduardo e os irmãos não tivessem se

adiantado para reivindicá-lo como um direito seu.

Mensagens de condolências e pesar chegaram de todo o planeta. Em São Petersburgo, Alix irrompeu em prantos no serviço religioso em memória da avó, em rara demonstração pública de emoção que não contribuiu propriamente para melhorar sua imagem na Rússia. Ela não via a rainha havia quatro anos, mas as cartas que recebia da avó tinham representado uma sólida ligação com a Europa e sua antiga vida. A reação do resto da família russa à morte da rainha foi um autêntico paradigma de suas confusas atitudes em relação à Grã-Bretanha. Ardorosamente pró-bôer, Xênia escreveu: "A rainha era tudo que de melhor havia na Inglaterra; era tão amada e exalava uma calma tão grande!"[97] Vicky escreveu a Eduardo: "Ela foi incrivelmente boa e tocante comigo desde a primeira vez que a vi. (...) Guardarei sua lembrança para sempre no coração. Tenho certeza de que, com sua ajuda, querido Bertie, as relações de amizade entre nossos dois países haverão de se tornar ainda mais próximas (...) não obstante os pequenos atritos ocasionais no Extremo Oriente."[98] Na Manchúria, a Rússia mobilizava um exército de 170 mil homens para chantagear o governo chinês e conquistar vantagens às custas da Grã-Bretanha. Witte exigira que ele reconhecesse formalmente a anexação russa da província, fazendo do banco russo-chinês o único banco estrangeiro junto ao qual tomaria empréstimos. Exigiu também direitos exclusivos de concessões ferroviárias e matérias-primas em províncias vizinhas como a Mongólia, além de uma concessão para construir um ramo ferroviário do norte até Pequim.******** Naturalmente, ao serem perguntados pelos britânicos, os russos negavam que fizessem tais exigências. "É a mentira num nível inédito até mesmo nos anais da diplomacia russa",[99] reclamava o secretário de Estado britânico para a Índia.

Os jornais britânicos cobriram Guilherme de elogios. "Não temos culpa se não conseguimos deixar de considerá-lo meio inglês", escrevia o *Telegraph*. "(...) Nunca perdemos nosso secreto orgulho pelo fato de a mais impressionante e bem-dotada personalidade a ocupar um trono europeu desde Frederico, o Grande, ter também o nosso sangue."[100] Até o *Daily Mail*, o jornal mais nacionalista do país, referiu-se a ele como "um amigo necessitado". (A imprensa de esquerda não se mostrou tão impressionada: *Justice* criticou a maneira como a grande imprensa mostrou adoração por "esse imperador presunçoso e meio louco (...) por ter mostrado respeito e um comportamento elegante".)[101] Era

extremamente tentador prolongar a estada. Os dias se transformaram em uma semana, uma semana, em duas. No funeral, Guilherme montou um grande cavalo branco ao lado de Eduardo, à frente do cortejo. Jorge, que caíra de cama com sarampo, estava ausente. Henry James, assistindo à derradeira viagem da rainha de sua pátria adotiva, identificou no cáiser, com seu reluzente capacete wagneriano, a figura mais inspiradora ali presente: "Aparentemente ganhamos de uma hora para outra uma espécie de primo insuspeitado na pessoa do bigodudo *Guilherme,* que se mostrava esplêndido e vigoroso no cortejo e se refestelou aqui com sua longa visita e seu comportamento visivelmente filial com a velha rainha. (...) Possa tudo isto contribuir para a paz!"[102]

Eduardo deu largas ao sobrinho. Providenciou para que percorresse Londres numa carruagem aberta e pudesse ser aclamado pelo público, que não deixou de fazê-lo. Condecorou-o com a Ordem da Jarreteira, incrustada de diamantes, e o fez marechal de campo do exército britânico. E o apresentou ao novo secretário do Exterior, o irretocavelmente aristocrático lorde Lansdowne. Seguindo as instruções de Bülow, Guilherme evitou o convite implícito a relações mais próximas, preferindo sermonear Lansdowne: "A velha estratégia inglesa de manter a Europa na balança, tentando jogar um país contra o outro em benefício da Inglaterra, foi ‘explodida’. Ninguém mais no continente caía nessa."[103] Ele mesmo, explicava Guilherme, era agora "a balança do poder na Europa". Mas ele também conferiu a lorde Roberts, o comandante que havia liderado o exército britânico no Transvaal, a Ordem da Águia Negra.

Na Alemanha, ouviu-se um clamor de fúria. Bülow considerou o gesto "um tapa na cara"[104] para a opinião pública alemã. A imprensa criticou sua ausência: "Oh! Se pelo menos o cáiser se desse conta dos tesouros de amor e confiança que põe a perder com o próprio povo ao manifestar tão abertamente seu afeto por um povo *estrangeiro*."[105] Vários importantes projetos de lei do governo foram derrubados no Reichstag ao se dissolver enfurecida a bancada agrária anglofóbica de direita, que vinha sendo zelosamente cultivada pelo chanceler. Ninguém entendeu muito bem a importância da visita para Guilherme. Sua avó era reconhecida como a mais veterana monarca da Europa. O cáiser acreditava que, assim como a Alemanha era a herdeira natural da posição da Grã-Bretanha, ele também — e não o "Gordo Eduardo" — deveria ser considerado o sucessor natural da avó entre os reis e imperadores da Europa. Ele não fora à Inglaterra

apenas para se despedir da avó, mas também para receber o que esperava ser o beijo de unção da monarca moribunda.

Num almoço especial oferecido em Marlborough House na véspera de sua partida, contudo, ele não resistiu a fazer um apaixonado discurso exortando à união entre "as duas nações teutônicas"[106] (ele fora apresentado recentemente a Houston Stewart Chamberlain, o autor inglês de *The Foundations of the 19th Century* [As fundações do século XIX], uma síntese do pensamento novecentista sobre raça, defendendo agressivamente a primazia da "raça teutônica"). Mantendo-se unidas, elas contribuiriam para "a paz no mundo. Devemos formar uma aliança anglo-germânica, vocês para guardar os mares, ao passo que nós seríamos responsáveis pela terra; com uma aliança assim, nem um rato poderia se mexer na Europa sem a nossa permissão". A ausência de repercussão desse discurso ele atribuiria ao fato de os britânicos não o terem tornado público.

A morte de Vitória deixou a Grã-Bretanha se sentindo intensamente vulnerável. "Quem pode pensar na nação e na raça sem ela?", perguntava o *Daily Mail*. A nação, escrevia Henry James, sentira-se "segura e protegida"[107] pela "velha rainha de classe média que mantinha a nação aquecida debaixo de sua grande e horrível manta escocesa". "Em suma, sua morte liberará forças incalculáveis de possibilidade do mal. Sinto-me muito pessimista."[108] A mesma empatia não se manifestava no resto da Europa; caricaturas cruéis e mesmo obscenas dela continuavam a ser publicadas. Na Alemanha, a revista satírica *Simplicissimus* publicou uma caricatura da rainha morta tentando vencer um mar de sangue para chegar à praia onde São Pedro e o presidente dos bôeres, Kruger, se postavam no portão do céu.[109]

********* Os dois comandantes, Marchand e Kitchener, tomavam chá juntos.

********* Mas a conferência de fato adotou, contra toda probabilidade, uma série de regras de guerra, criando uma corte permanente de arbitragem.

********* O príncipe Alfred deu um tiro em si mesmo no dia do 25º aniversário de casamento dos pais, em janeiro de 1899, morrendo duas semanas depois. Comentava-se que ele estava no último estágio de uma sífilis terciária e que recebera ordens de se afastar da amante.

********* Forasteiros, estrangeiros, no idioma da África do Sul. (N. do T.)

********* Na verdade, o plano russo de anexar a Manchúria simplesmente ruiria na primavera seguinte, derrotado pela oposição coletiva de Grã-Bretanha, Japão, França e Alemanha, e — de maneira ainda mais incisiva — pelos maciços problemas econômicos da própria Rússia e o custo do projeto.

PARTE III

Um promissor novo século

10. O quarto imperador (1901-4)

Ninguém parecia particularmente feliz com o fato de Eduardo, "o arquivulgar", como o chamava Henry James, finalmente ter subido ao trono. O país perdera sua todo-poderosa avó; um playboy de 59 anos não parecia propriamente o melhor dos substitutos. Não seria absurdo dizer que quase todo mundo esperava que ele se revelasse um fracasso como rei. O próprio Eduardo mostrava-se ambivalente quanto a seu novo papel. À morte da mãe, ele estivera mergulhado em depressão — legado, como seu temperamento, da infância infeliz. Sua saúde era fraca, ele se recuperava de uma pleurisia, sua bronquite tornava-se crônica e uma rótula quebrada o fazia andar com dificuldade. Paralelamente à morte da mãe, houvera a do irmão Affie no ano anterior, e agora Vicky entrava numa sombria e dolorosa fase terminal do câncer. A Guerra dos Bôeres continuava fazendo estragos, o moral no país estava baixo, para dizer o mínimo, e o resto do mundo parecia uniformemente hostil.

As reservas não eram injustificadas. Não só a rainha negara a Eduardo qualquer experiência formal de governo como ainda, aos 59 anos, ele continuava sendo um homem mimado, autocomplacente, obcecado com roupas e irritável quando não conseguia as coisas do seu jeito. Gostava, por exemplo, de viajar incógnito, mas não incógnito *demais*: detestava ficar esperando num restaurante ou num hotel. Continuava apavorado com o tédio e precisava de constantes estímulos externos para mantê-lo a distância. Embora tivesse mais ou menos se acomodado numa espécie de monogamia com a amante Alice Keppel — trinta anos mais moça e felizmente discreta —, ele também estava acostumado à vida de um super-rico aristocrata hedonista, "um mundo no qual o prazer parecia um pêssego maduro ao alcance da mão", onde tudo era permitido — à parte o pecado de expor o próprio círculo e a própria classe ao escrutínio e opróbrio do resto do mundo. Um mundo que era, nas palavras de Vita Sackville-West, "imoral, perdulário e feudal".[1] Chegaram a nós relatos nada atraentes do rei — ou "Kinki", como era conhecido por alguns — fazendo horríveis comentários e "insinuações"[2] para o marido da amante, Jorge, enquanto este ostentava um estoico sorriso forçado; ou então achando graça, em jantares em Marlborough House, das palhaçadas obsequiosas do bobo da casa, Christopher Sykes, que

rastejava bêbado embaixo da mesa de jantar lambuzado de brandy, fungando "como Sua Alteza Real gosta".[3] Sob certos aspectos, ele não era totalmente diferente do sobrinho Guilherme — diversão às custas dos outros, impaciência, inquietação, suscetibilidade aos ricos e lisonjeiros —, embora certamente detestasse a comparação. E havia também seu apetite gargantuesco. O novo rei fumava vinte cigarros e 12 charutos por dia, sendo dois daqueles e um destes antes do café da manhã, e ingeria cinco refeições gigantescas. O jantar costumava ter 12 pratos, com direito a ostras, caviar, ovos de maçarico, hortulana, linguado escaldado no creme, faisão recheado com trufas, codorna recheada com *foie gras*, pernas de rã em geleia. Dizia-se que ele levava uma galinha assada inteira para a cama. Não surpreende, assim, que a essa altura mal conseguisse subir um lance de escada.

Entretanto, como observaria a ex-amante do rei, Frances Warwick, em seus anos de ociosidade forçada Eduardo ansiara "por algum contato íntimo com as questões do mundo lá fora".[4] Ele era fascinado pela política internacional, e embora a mãe tivesse tentado restringir seu acesso ao governo, alguns políticos liberais há anos vinham lhe enviando documentos do gabinete. Agora ele se deleitava com seu novo papel, ansioso por mostrar que podia dar uma contribuição. Suas primeiras investidas nas iniciativas governamentais, todavia, não foram das mais impressionantes. Ele logo haveria de entrar em desacordo com o governo conservador. Para este, a monarquia perdera todo real poder constitucional e não poderia recuperá-lo. Além disso, nos dez anos anteriores os procedimentos governamentais de tal maneira haviam ganhado complexidade e volume que era impossível que um monarca — especialmente se passava três meses por ano de férias — fosse consultado ou até informado a respeito de tudo. Eduardo, contudo, considerava que certas prerrogativas reais cruciais — o direito de ser informado de debates no gabinete antes da tomada de decisões, o direito de conduzir as nomeações oficiais e o de dissolver ou convocar o parlamento — deviam ser reafirmadas depois de caírem em desuso nos últimos anos de vida da mãe.

Lorde Salisbury não tinha muito respeito por Eduardo, talvez por ter sido obrigado ao longo dos anos a livrá-lo de situações extremamente embaraçosas e comprometedoras. O sucessor de Salisbury, seu inteligente e despreocupado sobrinho Arthur Balfour, que assumiu o posto logo depois do fim da Guerra dos

Bôeres em julho de 1902, num movimento que foi na verdade um surpreendente pequeno golpe antidemocrático,******** tratava o rei com mal disfarçada condescendência, o que Eduardo detestava. As divergências também eram tribais: Eduardo fazia parte da elite aristocrática mais pretensiosa, badalada e preconceituosa. Salisbury (mesmo gostando de parecer diferente) e Balfour eram basicamente intelectuais aristocratas que olhavam todo mundo com desprezo.

O conflito chegou ao auge em agosto de 1902, logo depois de Balfour tornar-se primeiro-ministro. Na tentativa de conter a influência russa na Pérsia — onde a Grã-Bretanha estava de olho nas reservas petrolíferas —, o Ministério do Exterior atraíra o xá à Inglaterra com promessas de glamorosos bailes na corte, jantares de gala e a Ordem da Jarreteira. Eduardo, todavia, não fora consultado sobre a Ordem, que só ele podia conferir. Retaliou com mau humor, dizendo que não podia conferir uma ordem cristã a um "ímpio" (embora sua mãe a tivesse conferido ao pai do xá e ele próprio não costumasse dar importância a questões religiosas). O secretário do Exterior, lorde Lansdowne, enviou-lhe desenhos de uma Jarreteira despojados dos motivos cristãos. Eduardo, que estava em seu iate em Cowes, atirou-os no mar. Disse então a Lansdowne que devia resolver a questão da Pérsia chegando a um acordo com a Rússia. O xá, que não tinha apreciado a visita tanto quanto esperava — o tempo estava horrível, ele detestava ópera, os trens o deixavam enjoado —, voltou para casa de cara feia. Lansdowne ameaçou renunciar. Balfour firmou pé. Escreveu a Eduardo informando polidamente que se Lansdowne se fosse, todo o gabinete renunciaria, gerando uma crise constitucional. O rei, furioso, recuou. Cabe notar que essas disputas de influência não deixavam de se assemelhar — num tom muito mais pálido — aos conflitos que opunham seus sobrinhos aos próprios ministros.

A impotência de Eduardo o levava com frequência a perder as estribeiras. Para os membros da realeza britânica, era difícil aceitar esta situação. Os hábitos de deferência e cortesia ao seu redor faziam com que a realidade de sua ausência de poder não se refletisse na maneira como as pessoas se sentiam obrigadas a tratá-lo. Era muito desconcertante. O competente secretário particular de Eduardo, sir Francis Knollys, que o acompanhava desde 1870, juntamente com Fritz Ponsonby, reformulava discretamente os memorandos um tanto ríspidos, ainda que não rudes, que ele ditava quando estava com raiva. E, tal como os

sobrinhos imperiais, Eduardo tampouco parecia capaz de diferençar entre o importante e o trivial. Quando Salisbury, famoso por se vestir mal, aparecia num compromisso oficial metido num par de calças que não combinava com o fraque, Eduardo se lamuriava diante de vinte embaixadores: "O que não pensarão, o que *podem* eles pensar de um primeiro-ministro que não sabe se vestir?"[5] Salisbury retrucava: "Receio que minha mente tenha estado ocupada com algo menos importante." Como tantas vezes acontecia com Eduardo, o lado menos atraente e as qualidades cativantes revelavam-se peculiarmente próximos. "Ele tinha o cérebro mais curioso", escreveu Fritz Ponsonby, "e num momento se apresentava como um homem grande, forte e de visão, capturando a situação de um só lance e abarcando-a de maneira ampla; em outro, quase nos surpreendíamos com a pequenez de sua mente. Revelava-se quase infantil em seus pontos de vista e se recusava obstinadamente a entender a questão em pauta". Apesar disso, Ponsonby, cuja franqueza nem sempre era do agrado da rainha Vitória ou de Jorge, gostava do rei. Considerava-o "muito prático mas exigente", porém "muito mais atencioso e humano que a rainha (...) sempre preocupado com pequenos gestos de gentileza", ao passo que ela "raramente levava em consideração os sentimentos dos da casa" ou se perguntava se suas necessidades pessoais "podiam causar algum incômodo".[6]

Eduardo não tinha o menor desejo de disputar com o governo o direito de formular políticas; na maioria dos casos, seus pontos de vista refletiam os do governo conservador. Mas ele exigia respeito. Suas preocupações eram as tradicionais da monarquia europeia: o exército, a marinha, as relações exteriores. Ele levava a sério seu papel — com a seriedade possível no caso de alguém que passava um quarto do ano fora e basicamente se vinculava a uma tradição novecentista amadorística de governo. Eduardo considerava que a Grã-Bretanha precisava mostrar presença mais forte na Europa, e também de paz. Seus instintos o direcionavam para o acordo e o compromisso; ele gostava de se considerar um conciliador e acreditava que a coroa devia ser um símbolo popular de unidade, mesmo — ou sobretudo — numa sociedade que passava por uma extraordinária mudança social e profundas reformas políticas. Depois de um encontro com Kier Hardie, o parlamentar socialista que se posicionava como declarado crítico dos privilégios sociais e com o qual o rei se mostrava extremamente solícito, seu amigo, o almirante Jackie Fisher, ficou ao mesmo

tempo impressionado e perplexo quando, reagindo a seu mordaz comentário a respeito de Hardie, Eduardo lançou: "Você não me entende! Eu sou rei de TODOS!"[7] Mas o dia a dia da política interna não o interessava muito, e ele não se envolvia com a situação dos pobres ou o fato de a Guerra dos Bôeres ter evidenciado espantosos níveis de pobreza e privação no país mais rico do mundo. No terço mais pobre da população, a expectativa de vida era de 45 anos — ou apenas 35 no caso dos estivadores, o que explicava por que seu sindicato era um dos mais combativos. Um terço da população morria na primeira infância; um terço dos que chegavam a mais de 75 anos de idade acabava em asilos de pobres; e nas favelas das grandes cidades até o ar causava doenças.[8] Como o próprio Kier Hardie frisara no parlamento, o príncipe era proprietário de "algumas das favelas mais sórdidas"[9] do país e com elas lucrava anualmente 60 mil libras. Mas a solidariedade com os pobres — sobretudo os pobres politicamente ativos — não era muito disseminada no governo conservador e entre seus simpatizantes, que continuavam considerando os grevistas arruaceiros preguiçosos. Em 1901, ele moveu o chamado processo de Taff Vale, ação judicial que responsabilizou legalmente os sindicatos pelos prejuízos sofridos pelos patrões nas greves, inviabilizando-as de uma só tacada.*********

A lição era clara: se Eduardo quisesse exercer influência, teria de encontrar maneiras mais informais — e foi o que fez. Ele sempre tivera um especial encanto pessoal, era muito bom no estabelecimento de contatos e sabia cultivar as pessoas certas. Como príncipe de Gales, reunira ao seu redor um grupo informal de homens em ascensão que o mantinham atualizado em questões governamentais e de política externa, enquanto ele tratava de fazer-lhes o elogio nos salões da Inglaterra aristocrática: os talentos respectivos de cada um deles e os seus encômios não permitiam distinguir quem estava beneficiando quem, tendendo a mostrar que a proteção real ainda tinha certo peso na política britânica. Entre esses homens estavam o almirante Jackie Fisher, o excêntrico mas persuasivo arquiteto da reforma da Marinha Real; o diplomata furiosamente antialemão sir Francis Bertie; o futuro ministro da Guerra sir Richard Haldane; o repulsivamente obsequioso Reginald Brett, visconde de Esher, autoproclamada eminência parda que merecia a confiança de três primeiros-ministros, mas era fascinado com a realeza e estimulava Eduardo a exigir o respeito a suas prerrogativas.

Ele também demonstrava grande confiança e era dotado de um raro — especialmente na família real britânica — talento para o desempenho público. Os membros da alta aristocracia do fim do século XIX passaram a ser considerados "grandes objetos decorativos", pois seu efetivo poder declinava e eles se tornavam meros símbolos do orgulho cívico. Eduardo era o mais decorativo de todos eles. Cultivou uma persona pública de exagerada cordialidade e bom humor, que viria a se revelar, fosse em casa ou no exterior, um substituto mais que adequado da longevidade impassível da mãe, criando uma imagem pública glamorosa para a monarquia. Ele gostava de se exibir, orgulhava-se de ser sempre afável e cortês em público (embora nem sempre se sentisse assim) e estava decidido a manter um alto nível de visibilidade, como raramente fazia a mãe. Talvez por ter sido uma das primeiras personalidades públicas a resistir à força do escrutínio e da grosseria da imprensa, tinha um certo entendimento do que a imprensa era capaz de fazer e — ao contrário de ambos os sobrinhos — alguma ideia de como enfrentá-la. Jogava com as primeiras manifestações da cultura da celebridade. Dizia-se chocado com seu passado de escândalos, mas muita gente gostava das corridas, dos iates, das idas ao teatro e até das mulheres sofisticadas: os jornais nunca deixavam clara a natureza de sua relação com elas. Ele permitiu que o *Daily Mail* tirasse e publicasse fotos suas em companhia dos netos. Para reforçar a pretensão de aparecer como um homem de conteúdo, cultivava a reputação de falar de improviso em público em três línguas. Historiadores menos generosos têm assinalado que os discursos eram escritos por outros e decorados, mas testemunhas da época o negam.[10] E na Europa, onde os monarcas dotados de efetivo poder tratavam de demonstrá-lo com ostentação e cerimonial, o talento de Eduardo para a publicidade e as demonstrações públicas conferia uma dimensão totalmente diferente a seus atos.

Para Jorge, o novo século trouxe algumas mudanças, embora não propriamente decisivas. Ele adotara toda uma série de novos passatempos na moda: golfe, ciclismo, bridge e o novo *sine qua non* da vida de luxo na realeza, os carros, dos quais Eduardo já acumulava uma frota em 1903. Como príncipe de Gales, ele adquiriu duas novas residências: Abergeldie, perto de Balmoral, e Frogmore, a cerca de um quilômetro do Castelo de Windsor; foi nomeado conselheiro do Museu Britânico, pelo qual não se interessava; e deram um jeito de encaixá-lo no Comitê de Alimentos em Tempo de Guerra. Eduardo instalou uma escrivaninha

junto à sua para se certificar de que o filho tivesse a experiência de governo que a mãe lhe havia negado. Ele passou a contar com um secretário particular, Arthur Bigge, que trabalhara por breve período para a rainha, um ex-soldado eficiente, culto, organizado e eleitor dos conservadores, que instruiu Jorge a não se mostrar contrariado nem entediado em público. Jorge rapidamente tornou-se tão dependente dele quanto era de May, eventualmente também mostrando com ele a mesma grosseria. "Receio que às vezes perca a paciência com você e não raro me mostre muito rude, mas estou certo de que a essa altura já me conhece o suficiente para saber que não é intencional. (...) Não sou muito bom quando se trata de dizer o que sinto, mas agradeço a Deus por ter um amigo como você, no qual deposito a mais plena confiança."[11]

O que a nova posição de fato descortinou para Jorge foi o império. Após a morte da rainha em 1901, ele e May foram enviados à Austrália para participar da inauguração do primeiro parlamento do país e sua transformação de seis colônias em um membro da "Comunidade de Nações". Eduardo quisera cancelar a viagem, mas Balfour argumentou que ele devia ir. A Guerra dos Bôeres, tendo gerado tanta hostilidade na Europa, paradoxalmente voltara a Grã-Bretanha para seu império, levando o governo a enfatizar ainda mais a importância dos vínculos da colônia com a "Pátria Mãe". Balfour propunha um papel de maior visibilidade da monarquia no império. "O rei não é mais apenas o rei da Grã-Bretanha e da Irlanda e de alguns territórios que servem apenas para prover a riqueza e a segurança da Grã-Bretanha e da Irlanda", disse ele a Eduardo. "Ele se tornou o grande elo constitucional que mantém coesas num só império comunidades de homens livres separados pela metade da circunferência do Globo." Os cidadãos da Austrália conheciam "pouco e pouco se importam com os ministérios britânicos (...) mas eles conhecem e se importam com o Império (...) e o soberano que o governa".[12] A visita de Jorge, sustentava Balfour, era uma grande oportunidade de tornar real esse vínculo. Mas a guerra, juntamente com a questão da autonomia na Irlanda e o crescente movimento independentista na Índia, também levantara questões relativas ao real desejo das colônias de fazer parte do império. E por mais grandiosa que parecesse a concepção de Balfour, tratava-se na verdade de mais um papel decorativo, uma função que antes implicava ser do que fazer. Jorge e May partiram para uma viagem de oito meses em março de 1901 — Jorge estava tão incomodado de se separar dos

parentes que mal conseguia falar e teve de se refugiar em sua cabine — com um séquito de 22 pessoas. Passaram por Cingapura e a Nova Zelândia, com paradas também na África do Sul e no Canadá. Em sua ausência, Eduardo e Alexandra mimavam seus filhos de maneira flagrante. Em seu diário, Jorge registrou a experiência em termos estritamente numéricos: 72 mil quilômetros viajados, 21 pedras fundamentais lançadas, 544 discursos ouvidos, 4.329 medalhas conferidas, 24.855 mãos apertadas em recepções oficiais. Ele considerava uma provação estar constantemente se exibindo. Queixou-se a Nicolau, numa das muito eventuais cartas que continuavam a trocar (em 1902, Jorge chegou ao recorde de três enviadas ao primo), sobre os "eventos cansativos"[13] a que tinha de comparecer, mas também ficava, quase a despeito de si mesmo, empolgado com o império. Sua imensidão, suas multidões em aclamação de uma hora para outra tornavam-se reais, e ele voltou convencido de que havia "um forte sentimento de lealdade à Coroa e uma profunda ligação com a Pátria Mãe na Austrália".[14]

No exterior, a fama de playboy de meia-idade adquirida por Eduardo fazia com que sua subida ao trono fosse saudada com entusiasmo não muito maior que o merecido em casa. E os sentimentos a respeito da Guerra dos Bôeres e do fato de a Grã-Bretanha levá-la adiante tornavam-se tão exaltados na Europa que, ao viajar ao exterior, era mais provável que o rei fosse vaiado do que qualquer outra coisa. Especialmente na Alemanha e na França, publicavam-se caricaturas mostrando soldados britânicos trucidando bebês com suas baionetas; o próprio Eduardo era apresentado de pé sobre corpos mutilados de mulheres e crianças bôeres. Quando a guerra entrou em seu segundo ano, o exército britânico, sob a liderança de lorde Kitchener, tornara-se absolutamente implacável na tentativa de acabar com os derradeiros guerrilheiros bôeres. Ele incendiava fazendas, abatia prisioneiros a tiros e internava mulheres e crianças bôeres e negras em campos de concentração, uma eficiente invenção lançada pelos espanhóis alguns anos antes durante a guerra com os Estados Unidos. Neles, os internados morriam em quantidades vergonhosas, de fome, sede, cólera e maus-tratos. As condições eram tão espantosas que as críticas começavam a chegar aos ouvidos dos principais políticos britânicos. O líder do Partido Liberal, Henry Campbell-Bannerman, considerou os métodos do exército britânico "bárbaros. (...) O vulgar e bastardo imperialismo da irritação e da provocação e da agressão (...) de

nos apoderarmos de tudo, mesmo que não tenha uso para nós".[15]

Na Rússia — onde Eduardo esperava que sua cordialidade surtisse efeito —, a Grã-Bretanha inspirava ressentimento não só por causa da guerra, mas por ter tomado a frente de uma coalizão com o Japão, a França e a Alemanha na primavera de 1901, conseguindo com suas pressões fazer com que a Rússia desistisse de anexar a Manchúria e intimidar o governo chinês — embora, aqui, os custos absurdos do projeto também tivessem desempenhado um papel crucial. "Receio", escreveu Eduardo a lorde Lansdowne no fim de 1901, "que dificilmente se encontre um país a cujo respeito a Inglaterra e a Rússia tenham pontos de vista semelhantes, e as duas não confiam uma na outra".[16] Ao visitar São Petersburgo em dezembro desse ano, o irmão de Guilherme, Henrique, ouviu de Nicolau que não confiava nas políticas britânicas e "desprezava" o exército britânico e o sistema político do país. Ele gostava pessoalmente do tio, acrescentou, mas pouco respeito tinha por ele como monarca: "Ele não tem nada a dizer no próprio país." Henrique, patriótico mas também anglófilo e verdadeiramente afeiçoado aos parentes ingleses, era praticamente a única pessoa que não entendia por que os três países simplesmente não se davam. Ele se mostrava, segundo observaria Bülow, "muito pró-Inglaterra, por isso lamentando as atitudes anti-inglesas de Nicolau".[17] Henrique era considerado muito ingênuo em Berlim. Eduardo, enquanto isso, considerava Nicolau bem inclinado em relação à Grã-Bretanha, mas "fraco como a água"[18] e completamente à mercê dos ministros. "Os russos perderam o controle na China", observou ele quando os britânicos e outras potências europeias deram aos russos um ultimato para retirar seus soldados da Manchúria. "(...) O imperador parece absolutamente destituído de poder, pois estou convencido de que a ideia de uma guerra entre nossos dois países o deixaria horrorizado."[19]

Atitudes assim levavam os políticos britânicos a se sentir cada vez mais isolados e vulneráveis. Lorde Lansdowne, o novo secretário do Exterior, examinava seriamente a necessidade de uma aliança com uma potência estrangeira. Um lugar onde aparentemente havia possibilidades era a Alemanha. Embora a opinião pública fosse virulentamente antibritânica, Guilherme ainda resplandecia do sucesso de sua visita ao leito de morte da avó, e uma semana antes do falecimento da rainha Joseph Chamberlain mais uma vez propusera uma aliança ao governo alemão. Os entendimentos tiveram início na primavera

de 1901.

Eduardo fez o que pôde para capitalizar a relação. Após o retorno de Guilherme à Alemanha, escreveu para agradecer-lhe pelo apoio e sugeriu que criassem um canal direto de comunicação para "acalmar as coisas".[20] Visitou a Alemanha duas vezes nesse primeiro ano, mais de uma vez sendo recebido com vaias nas ruas. Da primeira vez, para ver a irmã gravemente doente, quando tentou convencer os médicos a aliviar mais sua dor (os alemães pareciam mais puritanos a esse respeito do que os britânicos, entusiásticos consumidores de láudano), e novamente depois de sua morte, em agosto de 1901. Mas sempre era necessário um esforço para dominar sua irritação com o cáiser. A cada vez que encontrava Guilherme, ele tentava não deixar transparecer que estava furioso quando o cáiser, cedendo a seus hábitos, ignorava os pedidos de Eduardo para que as visitas fossem de caráter privado e informal, preferindo invariavelmente aparecer uniformizado da cabeça aos pés, forçando o rei a inspecionar 15 mil soldados e atrasando o almoço por horas.

Ao ter uma oportunidade de se comportar como um verdadeiro estadista internacional, Eduardo não soube aproveitá-la. A ocasião foi um almoço com Guilherme várias semanas após a morte de Vicky em agosto de 1901. O secretário do Exterior, lorde Lansdowne, tomara a inusitada medida de preparar um memorando para ele, resumindo a política externa britânica, passando em revista as áreas de conflito e sugerindo o que poderia dizer a respeito de várias questões. Era um lisonjeiro reconhecimento do possível papel de Eduardo nas relações internacionais. Ao terminar o almoço, contudo, em vez de se valer do documento de Lansdowne como lembrete numa conversa séria sobre política externa, Eduardo o tirou do bolso e o entregou tal qual a Guilherme. Foi um passo em falso que teria resultado na demissão de qualquer diplomata. Lansdowne não achou a menor graça. Tratando-se de um rei que dizia pretender assumir um papel na condução do governo, ficava evidenciada uma carência de energia. O Ministério do Exterior alemão considerou o documento como um conjunto de diretrizes das políticas britânicas e preparou uma resposta formal.

Talvez Eduardo estivesse com preguiça ou por demais consternado com a morte da irmã para realmente se dar o trabalho. Parece provável que simplesmente não suportasse a ideia de passar um par de horas discutindo detalhes da política externa britânica com o sobrinho. No almoço, Guilherme

havia se queixado constantemente de que os britânicos estavam criando obstáculos na mais recente rodada de negociações com a Alemanha sobre uma possível aliança. Também parecia exaustivamente informado sobre coisas a respeito das quais Eduardo não fora instruído: planos britânicos para conceder autonomia à ilha de Malta, aberturas britânicas em direção do Japão. Também é provável que Eduardo tivesse ouvido sobre as derradeiras agressões de Guilherme a sua falecida mãe. No momento em que Vicky morrera, ele mandara cercar e dar busca em Friedrichshof (nada foi encontrado: graças à ajuda extraoficial de Fritz Ponsonby, Vicky já havia secretamente retirado seus documentos durante a visita anterior de Eduardo). Em seguida, espalhou o boato de que no fim ela havia revelado sua verdadeira lealdade, exigindo que seu corpo nu fosse envolto na bandeira britânica[21] e enviado à Inglaterra para lá ser enterrado. Não só se tratava de uma mentira — ela pedira para ser sepultada em Potsdam pelo marido — como o detalhe da nudez era de uma cruel invasão de privacidade. Mas seria avidamente repetido na corte alemã, configurando o último e danoso golpe do cáiser contra a mãe.

A complicada relação entre os dois ficou evidente para todos. "O rei Eduardo nunca gostou dele", escreveu Fritz Ponsonby, "e portanto, embora em público as conversas fossem aparentemente muito amistosas, sempre se percebia que os dois tinham de se esforçar para mantê-las assim".[22] Um primo inglês observou: "Tio Bertie considerava Guilherme pretensioso e cansativo e Guilherme achava que Bertie era arrogante com ele."[23] Bülow dizia que em certos momentos Guilherme literalmente odiava o tio. Mas Eduardo longe estava de ser o único monarca que achava Guilherme difícil. À parte Nicky, o cáiser alienara muitas das cabeças coroadas da Europa com seu excesso de familiaridade e sua grosseria. Deu um tapa no traseiro de Ferdinando da Bulgária durante uma visita oficial, chamava-o pelas costas de "Fernando naso", por ser narigudo, e afirmava que ele era hermafrodita. Referia-se ao minúsculo rei da Itália, Humberto I, como "o anão",[24] ao alcance dos ouvidos do entourage do próprio Humberto. A família real grega o detestava de modo cortês e sua prima Maria da Romênia o achava insuportavelmente condescendente. O paradoxo, naturalmente, estava no fato de que, sendo tão destrutivo nas relações pessoais, Guilherme acreditasse tão profundamente na condução das relações internacionais através dos relacionamentos pessoais.

Mas os esforços de Eduardo não tiveram qualquer efeito na mais recente rodada de negociações anglo-alemãs. Bülow dissera a Guilherme que se se mostrasse ligeiramente frio em relação às propostas de Joseph Chamberlain, a Alemanha conseguiria condições melhores, e no devido momento os entendimentos haviam entrado em colapso, exatamente como das vezes anteriores. Os alemães exigiam mais do que os britânicos estavam dispostos a dar: uma longa lista de colônias no sul da África e na China, além da insistência em que, em vez de um tratado de defesa bilateral, a Grã-Bretanha entrasse para a Tríplice Aliança — o bloco da Alemanha — e se comprometesse igualmente com a defesa da Itália e da Áustria-Hungria. As condições pareciam concebidas para afastar os britânicos, o que pode ter sido a expectativa de Bülow. Gradualmente, o secretário do Exterior, lorde Lansdowne, foi recuando. Fritz Holstein culpou Bülow por se agarrar "a todos os obstáculos que se apresentavam no caminho de uma aliança",[25] mas também ele se mostrou ríspido e hostil com os britânicos. Por natureza incapaz de deixar de ver motivos escusos e conspirações em toda parte, ele passara a desconfiar dos britânicos e achava que Salisbury o havia deliberadamente iludido em negociações anteriores e se comportara de maneira desonrosa em relação a Samoa. Quanto a Guilherme, foi informado por Bülow de que a obstrução partia sempre dos britânicos. O cáiser queixou-se ruidosamente das postergações britânicas e se referiu ao gabinete britânico como "um bando de simplórios incorrigíveis",[26] fórmula a que se afeiçoou tanto que a usou várias vezes. O gabinete britânico ignorou suas palavras, mas Eduardo não gostou, e não parava de se queixar ao vice de Hatzfeldt na embaixada alemã, Hermann von Eckhardstein, de que "já tivera de aguentar muito essas piadas do cáiser e até piores do que esta, e creio que ainda terei de aguentar muitas".[27] Mesmo sem as intrigas de Bülow, havia, tal como no passado, uma defasagem fundamental entre as expectativas dos dois lados, o que tornava muito difícil qualquer acordo. Os alemães estavam convencidos de que a Guerra dos Bôeres deixara a Grã-Bretanha esgotada, de que assinalava um verdadeiro declínio, e esperavam que o desespero britânico lhes permitisse barganhar pesado por sua amizade. Os britânicos, que ainda eram o país mais rico do mundo, não estavam tão desesperados assim. Mas ficaram perplexos com a rispidez dos alemães.

Em outubro de 1901, Joseph Chamberlain, que — para sua contrariedade —

havia se tornado o alvo preferido dos ataques alemães contra a guerra, fez um discurso em defesa da política governamental e do comportamento do exército britânico na África do Sul, alegando que certamente não era pior do que o que faziam quaisquer outras Grandes Potências, citando entre os exemplos os soldados prussianos na Guerra Franco-Prussiana. Embora Chamberlain também tivesse provocado os russos e os austríacos, foi a imprensa alemã que ficou furiosa. É importante entender que na Alemanha o exército havia se tornado quase sagrado e inviolável. Era muito respeitado e considerado o veículo da unificação alemã, e na ausência de muitas outras instituições nacionais com as quais o país inteiro pudesse se identificar, ele parecia encarnar a dignidade e a identidade da nação. Bülow exigiu um pedido de desculpas. Chamberlain, sem a menor vontade de recuar — o que de qualquer maneira nunca gostava de fazer —, disse que não tivera a intenção de ofender e portanto não havia necessidade de se desculpar. Na Alemanha, sua efígie foi queimada nas ruas e, em Berlim, judas com o seu rosto foram muito vendidos. Em Londres, o *Times* publicou uma reportagem sobre a anglofobia alemã, ilustrando-a com algumas das caricaturas mais chocantes.

Apesar dos atritos pessoais, Eduardo e Guilherme se esforçavam conscientemente para se manter em bons termos. O rei enviou ao cáiser uma mensagem de Natal frisando que desejava muito uma *entente cordiale* com a Alemanha e que, não obstante a anglofobia da imprensa alemã, a Inglaterra pretendia manter-se em bons termos com a Alemanha "e caminhar harmoniosamente de mãos dadas em nome da paz e do bem-estar da humanidade".[28] A resposta de Guilherme foi pomposa, mas amistosa: "A imprensa é terrível de ambos os lados, mas aqui nada tem a dizer, pois sou eu o único árbitro e senhor da Política Externa alemã, e o Governo e o País *têm* de me seguir, ainda que eu tenha de enfrentar a música [*sic*]! Que seu governo não se esqueça disto e nunca me ponha na perigosa posição de ter de escolher um caminho que venha a representar um infortúnio para eles e para nós."[29]

No ano-novo de 1902, todavia, Bülow — contrariando as recomendações do Ministério do Exterior alemão — não resistiu a dar uma resposta pública a Chamberlain. Ele disse que o exército alemão era irrepreensível e que as palavras de Chamberlain constituíam um ultrajante ataque à heroica luta da Alemanha pela independência. Ele ilustrava o motivo pelo qual a Alemanha

precisava mostrar-se forte, para que "ninguém possa ficar indiferente à nossa inimizade".[30] A resposta de Chamberlain, em discurso pronunciado em Birmingham, foi igualmente grandiloquente: "Eu nada retiro, nada retifico, nada defendo." Os principais especialistas dos dois governos entraram em confronto direto. Em um sinal do crescente ressentimento subjacente contra a Alemanha na Grã-Bretanha, Chamberlain tornou-se de uma hora para outra — tal como Bülow — o indivíduo mais popular em seu país e o mais vilipendiado no outro.

Os protestos de boa vontade entre os dois monarcas fracassaram. O cáiser denunciou no discurso de Chamberlain "um amontoado de blefes, arrogância e insulto velado",[31] dizendo que o ministro das Colônias devia ser abatido a tiros. Mas disse ao embaixador Lascelles que apesar do obstrucionismo e das calúnias dos britânicos, *ele* ainda estava cheio de boa vontade — embora Londres devesse lembrar-se de que não era uma "*quantité negligeable*".[32] Em Londres, Salisbury recomendou que o discurso de Bülow fosse ignorado e que o desagrado britânico ficasse registrado com o cancelamento do programado comparecimento de Jorge à festa de aniversário de Guilherme em Berlim no fim de janeiro, visita arranjada meses antes para demonstrar a nova proximidade das duas famílias. "Creio que nas atuais circunstâncias seria melhor para ele não ir a um lugar onde pode ser insultado ou tratado pelo público de uma maneira que, estou convencido, ninguém lamentaria mais que você mesmo",[33] escreveu Eduardo a Guilherme. O cáiser não respondeu. "Isto é muito desagradável, especialmente para mim, se no fim das contas tiver de ir", queixou-se Jorge ao secretário Arthur Bigge. "Odeio a simples ideia de ter de ir."[34] Quando Lascelles abordou a questão cheio de dedos com Guilherme, dias antes da prevista chegada de Jorge, o cáiser alegou que não tinha recebido a carta de Eduardo e ameaçou com uma terrível crise diplomática — "uma outra Fashoda" — se a visita fosse cancelada.[35] Quatorze anos antes, em circunstâncias igualmente difíceis, Guilherme alegara que uma carta crucial havia se perdido. Ninguém, sobretudo Eduardo e Lascelles, acreditou nele. O rei cedeu, mas exigiu um polido telegrama de Guilherme assegurando que Jorge seria tratado com respeito. O telegrama não foi enviado.

Jorge partiu para Berlim em janeiro de 1902 com compreensível apreensão, mas informou que todos, dos príncipes aos oficiais do quartel do 8º de Encouraçados, do qual foi feito coronel por Guilherme, haviam se mostrado

"extremamente corteses", e que seu primo, com quem jantava e tomava o café da manhã, era "a gentileza em pessoa".[36] Em suas memórias, nem sempre dignas de confiança, Bülow alegava que uma "conversa franca" com "o perceptivo, sensível e másculo" (uma mistura quase irreconhecível) Jorge servira para amainar as discordâncias e o ressentimento dos meses anteriores. "Devemos esquecer o passado e buscar apenas ser amigos no futuro",[37] teria dito o príncipe, assegurando a Bülow que seu pai o considerava um amigo — o que não era verdade. As cartas de Jorge para casa eram cheias de autocomiseração. "A quantidade de coisas que esperam de nós e que temos de fazer é simplesmente assustadora", resmungava. Seu capacete dos Encouraçados "parecia um extintor numa vela", seu uniforme não entrava direito e ele tinha "simplesmente caminhado quilômetros dentro do castelo, pois os lavatórios ficam do outro lado e a cada minuto preciso voltar e vestir outro uniforme".[38] Pior ainda, suas novas botas "machucam terrivelmente".[39]

Era do interesse de Bülow que a visita transcorresse bem. Tirpitz e ele acreditavam ser vital manter-se em termos razoáveis com a Grã-Bretanha enquanto a marinha alemã estivesse em sua atual fase crítica: suficientemente grande para atrair a curiosidade da Inglaterra, mas pequena o bastante para ser mobilizada com facilidade. Por baixo da cortesia e dos sorrisos, a má vontade em relação à Grã-Bretanha podia ser encontrada em toda parte na corte alemã, segundo Anne Topham, a governanta britânica que foi trabalhar para Guilherme em 1902. Embora os ingleses ainda achassem que eram "admirados e amados" em Berlim, escreveu ela, "não era nada disso. Eles eram vistos com desconfiança e ódio como possíveis rivais, não raro com desprezo por pertencerem a uma nação cuja glória estava em declínio, cuja época ficara para trás".[40] Na Alemanha, Jorge aparentemente era considerado um nacionalista tacanho — "não passa de uma patrioteiro inglês", segundo descrição de um diplomata alemão feita mais tarde nesse mesmo ano, à qual Guilherme apôs o comentário: "Exatamente."[41] Sabe-se que ele fez comentários indelicados sobre o passado do cáiser, mas era evidente que não sentia a exaltação dos pais em relação a ele,[42] e May — meio alemã e antirrussa — gostava de Guilherme e da atenção que lhe dedicava, embora também reconhecesse que ele às vezes tornava a "realeza ridícula".[43] Guilherme aparentemente sentia certo desprezo pelo primo, mas o fato é que desprezava muitos dos primos. Por outro lado, não via nele uma

ameaça pessoal e achava fácil mostrar-se polido. "Jorge", escreveu ele a Eduardo, partiu "em toda segurança, e sentimos muito ter de nos separar tão cedo de um convidado tão alegre e cordial".[44]

Dias depois da visita de Jorge, contudo, a 30 de janeiro de 1902, os britânicos lançaram uma bomba no cenário internacional, revelando que estavam assinando uma aliança defensiva com o Japão. O mundo — especialmente a Rússia e a Alemanha — foi totalmente apanhado de surpresa. Durante décadas, a Grã-Bretanha se mantivera à distância desse tipo de acordo, e seu novo aliado, o Japão, era considerado uma potência de segunda ordem, uma das "raças amarelas" que Guilherme, com clássica lógica racista, dizia desprezar, ao mesmo tempo que considerava o "perigo amarelo" — é a ele que se atribui a expressão, tão evocadora do medo e do fascínio pelo Oriente na virada do século — "como o maior perigo que ameaça a raça branca".[45] Não que os britânicos fossem imunes a esse tipo de avaliação: o primeiro-ministro britânico, Arthur Balfour, com sua lânguida sofisticação, não considerava os japoneses tão "civilizados"[46] quanto os britânicos, embora jamais tivesse coragem de dizê-lo em público. Entretanto, sua marinha não era desprezível e sua proximidade com a China transformava a aliança numa maneira fácil e barata de defender os interesses britânicos no Extremo Oriente frente à Rússia, com a qual os japoneses reiteradas vezes haviam entrado em confronto por causa da Manchúria e da Coreia. Os japoneses também estavam suficientemente longe para fazer com que esse primeiro esboço de alinhamento não parecesse demasiado dramático. Os efeitos foram gratificantes. Os russos ficaram ao mesmo tempo indignados e ameaçados. Quase imediatamente, Lamsdorff, o ministro do Exterior russo, prometeu aos britânicos que todas as tropas russas seriam retiradas da Manchúria até 1903, concordando com uma política comercial de portas abertas na China e na Coreia, que os russos haviam bloqueado durante anos. Os alemães ficaram surpresos por constatar que suas negociações com a Grã-Bretanha não eram assim tão centrais nem se mostrava a Grã-Bretanha tão desesperada ou sem amigos, como imaginavam. Eduardo, com a cortesia possível, se certificara de que Guilherme fosse o primeiro chefe de Estado estrangeiro a ser informado do tratado de defesa com o Japão. Willy respondeu, elegante, que seu governo considerava a nova aliança uma "garantia de paz no Oriente",[47] embora quase certamente não fosse isso que os alemães realmente pensavam.

Como para confirmar que os britânicos de fato estavam botando a casa em ordem, em maio a Guerra dos Bôeres finalmente chegou a seu melancólico fim. "Graças a Deus que por fim terminou",[48] escreveu Jorge em seu diário. Quase imediatamente o governo britânico liberou mais de 3 milhões de libras para indenizações e reconstrução dos dois estados bôeres, prometendo aos habitantes autonomia no interior do império britânico — gesto que deu início à reabilitação internacional do país, mas também chamou a atenção para a falta de sentido da luta, pela primeira vez levantando a questão de saber se o império era mais oneroso que enriquecedor para a Grã-Bretanha. O custo havia sido monstruoso. Uma fortuna despendida, a boa vontade da Europa alienada, a ideia da Grã-Bretanha como potência invulnerável e força do bem caída por terra e um número de mortos estimado em 75 mil[49] — entre 22 e 28 mil soldados britânicos, 7 mil soldados bôeres, 20 a 28 mil civis bôeres (sendo a maioria crianças com menos de 16 anos), algo entre 14 e 20 mil africanos negros não combatentes.

Com o fim da guerra, presumia-se que os motivos da hostilidade entre a Alemanha e a Grã-Bretanha diminuiriam e seriam aplacados. Afinal, os dois países ainda tinham fortes laços comerciais, muitos alemães e britânicos frequentavam as universidades do outro país, a esquerda britânica tinha relações mais próximas com os social-democratas alemães do que com qualquer outro partido de esquerda europeu e, naturalmente, havia os laços de sangue da família real. Num setor da imprensa britânica, todavia, a antipatia não se dissipou. Nos jornais de direita, começou a surgir um novo tipo de matéria sobre a Alemanha, dando a entender que ela há muito alimentava intenções hostis em relação aos britânicos e registrando com certa ansiedade que estava superando a Grã-Bretanha: sua população era maior, a produção de seus estaleiros pela primeira vez ultrapassava a dos britânicos. As reportagens estavam certas: em 1913, a Alemanha teria uma população de 65 milhões, contra 46 milhões na Grã-Bretanha; e ao passo que em 1870 o PNB da Grã-Bretanha fora 40% maior que o da Alemanha, em 1913 seria 6% menor. Mais gravemente, o correspondente do *Times* em Berlim, George Saunders, que vivera na Alemanha durante anos, estava convencido da existência de uma má vontade institucionalizada contra a Grã-Bretanha no governo alemão. A Alemanha, dizia ele a seu editor, era "uma potência *nova*, rude, ambiciosa, radicalmente *indigna de confiança*", além de

insidiosa em seus métodos: "Não estamos falando de *negócios*, mas de *jantares*, *caçadas*, *brindes*, *finanças*, *honrarias*, *casamentos*, *amizades dinásticas*. Não estamos falando de duro aço, como Joe Chamberlain. (...) Não é nada *inglês*."[50] A cobertura de Saunders de tal maneira alarmou Bülow que em meados de 1902 o governo alemão tentou sem êxito fazer com que o jornalista fosse chamado de volta a seu país. O novo embaixador alemão, o conde Paul von Wolff Metternich zur Gracht, um raro anglófilo no serviço diplomático alemão, foi conversar com Eduardo a respeito. A título de resposta, o rei acenou com um artigo alemão agressivamente antibritânico reproduzido no *Times*. Na verdade, ele ficara consternado com as reportagens do *Times*, tendo abordado pessoalmente o editor para pedir que a cobertura sobre a Alemanha fosse modificada, exatamente como fizera sua mãe cinco anos antes. O editor, Charles Moberly Bell, recusou-se a se dobrar diante dessa sutil humilhação.

Motivos de preocupação a respeito da Alemanha também tinham começado a germinar em vários departamentos governamentais. O Almirantado convocou em 1902 uma conferência sobre a súbita expansão da marinha alemã e seus eventuais objetivos. No Ministério do Interior, a Seção Especial, o serviço de inteligência da Polícia Metropolitana, informava que a inteligência do exército alemão começara recentemente a coletar informações sobre as defesas litorâneas britânicas, embora anteriormente os alemães livremente trocassem informações sobre as russas e as francesas. No Ministério do Exterior, o antigo braço direito de Salisbury, Thomas Sanderson, que sempre considerara toda a gesticulação da Alemanha mais irritante que de fato ameaçadora, comentou preocupado com seu amigo Francis Lascelles que estava sentindo que uma "firme aversão"[51] e desconfiança em relação à Alemanha começavam a se firmar na geração mais jovem.

Guilherme e Eduardo, enquanto isso, continuavam se prodigalizando em demonstrações de amabilidade em público. No outono de 1902, contrariando as recomendações de seu entourage, Guilherme convidou o "herói" britânico da Guerra dos Bôeres, lorde Roberts, para manobras do exército, recusando-se a receber três generais bôeres que percorriam as capitais europeias, decisão impopular que indispôs Bülow. Eduardo, considerado por Saunders excessivamente pró-alemão, convidou Guilherme a Sandringham para seu aniversário em novembro, providenciando para que o regimento britânico do

cáiser ficasse por breve período estacionado perto de Dover, a fim de que ele pudesse inspecioná-lo.

O cáiser ficou chocado com a nova onda de hostilidade que encontrou nos jornais britânicos, embora fosse gratificante constatar que continuavam fazendo uma distinção entre ele e o governo alemão. A acolhida que recebera, disse ele a Bülow, fora "como sempre sincera e afetuosa", e eram o chanceler e seu governo "que eles gostariam de mandar para o diabo".[52] Ele e Jorge foram à caça e mataram 2.201 faisões[53] num só dia. "Ele se mostrou extremamente agradável ao vir aqui",[54] disse Jorge a Nicolau. A interação entre os monarcas, todavia, era como sempre espinhosa. Quando o rei orgulhosamente mostrou seu novo carro a motor, Guilherme fez questão de exibir seus próprios conhecimentos no terreno. Que combustível o alimentava? Eduardo — detestando ser levado pelo sobrinho a parecer ignorante — teve de reconhecer que não tinha a menor ideia. Ah, aguardente de batata era a última palavra, anunciou Guilherme. Muito melhor que gasolina. Não obstante os protestos de Eduardo, ele prometeu que seus especialistas até o fim da semana produziriam uma amostra para ele. À partida de Guilherme, um diplomata alemão afirmou ter ouvido Eduardo resmungar: "Graças a Deus ele se foi."[55]

A força do novo antigermanismo ficou evidente de maneira alarmante no fim de 1902. Os governos britânico e alemão enviaram uma flotilha de navios de guerra para bloquear o litoral da Venezuela, que — como costumavam fazer os países sul-americanos — ameaçava dar um calote nas enormes dívidas contraídas com os dois países. Como certos membros do governo britânico — entre eles Chamberlain, a essa altura furiosamente antialemão — e a imprensa conservadora, liderada pelo *Times*, armassem um escarcéu, os navios britânicos foram quase imediatamente retirados. Na verdade, a situação era mais complicada do que parecia: o governo conservador também cedia a pressões americanas pela retirada, e, como era muito impopular, sentiu-se mais compelido a ouvir seus elementos mais para a direita; muitos liberais não se opunham a uma colaboração com os alemães. E a mesma coisa voltou a acontecer meses depois. O governo organizou uma conferência com o governo alemão para que financistas britânicos pudessem investir na ferrovia de Bagdá, apoiada pelos alemães, a imprensa de direita voltou a chiar e o governo recuou. A nova hostilidade britânica foi ainda mais insuflada em fevereiro de 1903, quando o

National Review, o periódico mais ardorosamente antialemão do país, publicou um artigo alegando que no verão anterior, a bordo de um iate de ricos americanos, o cáiser se havia lançado numa invectiva contra a Grã-Bretanha e seu tio, externando sua antipatia "com uma franqueza tão brutal"[56] que os circunstantes ficaram chocados. O cáiser negou, mas até Lascelles, tentando em vão minimizar os estragos — "Devemos lembrar que ele sempre exagera e que as pessoas que não lhe querem bem mostram-se inclinadas a interpretá-lo mal"[57] —, acreditou que tivesse ocorrido. Verificou-se um novo surto de retórica antialemã na imprensa britânica, e dessa vez o dedo apontava para o cáiser e sua nova marinha. "Constata-se a leste o surgimento de uma ameaça que não pode ser ignorada e que significa que uma esquadra adequada deve ser estacionada em algum ponto estratégico de nossas águas territoriais",[58] afirmava o *Morning Post*, jornal de direita que no passado elogiara Guilherme ardorosamente.

Quando as relações com a Grã-Bretanha não iam bem, a Alemanha via melhorar o seu trato com a Rússia. Isto se tornara praticamente um clichê, e foi assim também desta vez. Em setembro de 1901, depois de quase quatro anos de frieza da parte da Rússia, Guilherme e Nicolau, acompanhados de Bülow e Lamsdorff, se encontraram na cidade setentrional alemã de Danzig. A essa altura, os alemães sabiam que o tsar considerava o cáiser difícil, e assim o tio de Guilherme, o duque de Baden — a quem se dizia que eventualmente dava ouvidos —, tratara de se sentar antes com ele para cautelosamente sugerir que se mostrasse simplesmente amistoso, sem fazer nenhuma exigência declarada. Aparentemente, funcionou. Nicolau escreveu à mãe com certo alívio que Guilherme estava "de bom humor, calmo e muito afável".[59] Ele disse a Bülow que esperava que os dois países "sempre combatessem ombro a ombro",[60] demonstrando certa receptividade quando os alemães propuseram uma liga continental com a França. Melhor ainda, a imprensa russa publicou uma cobertura favorável do encontro.

Na verdade, o ímpeto original do degelo russo não derivava de algum sentimento de anglofobia, mas de um pragmático cálculo financeiro efetuado pelo novo ministro do Exterior, o conde Vladimir Lamsdorff, que assumira o cargo em junho de 1910, quando Muraviev caíra morto subitamente aos 55 anos. (Houve quem dissesse que o motivo fora excesso de champanhe, embora também pudesse se tratar de pura e simples exaustão; seus dois antecessores

tinham sofrido colapsos na função.) Indivíduo baixo e tímido (usava saltos altos), conhecido pelas maneiras elegantes — um diplomata britânico o considerava "o homem mais polido do mundo"[61] —, Lamsdorff fizera longa carreira como assessor sem poder decisório no Ministério do Exterior russo, tendo atuado como substituto imediato de Muraviev, mais exibido porém menos preparado. Ele também era considerado no governo russo como o homem de Serguei Witte.[62] Como este, considerava que as boas relações com a Alemanha eram uma questão de bom-senso, já que a defesa da fronteira comum por parte da Rússia representava a essa altura uma considerável mordida em seu orçamento de defesa. Em 1900, a Rússia gastara dez vezes mais com o exército do que com a educação e mais com a marinha do que com os ministérios da Agricultura e da Justiça juntos. Antes de caducar o Tratado de Resseguro russo-alemão em 1890, esses valores eram quase desprezíveis. Parecia evidente que a melhora das relações teria um efeito tangível no orçamento de defesa da Rússia.

Bülow ficou encantado. Há anos ele almejava um entendimento entre o tsar e o cáiser, muito embora, tendo impedido a entrada de cereais russos na Alemanha com a adoção de tarifas excepcionalmente altas, para atender ao lobby dos proprietários fundiários junkers, pudesse ser considerado tão responsável quanto qualquer outro pelos motivos mais profundos da rixa entre a Rússia e a Alemanha.******** Como observaria o jornal russo de maior tiragem, *Novoe vremia*, dificilmente poderia haver um relacionamento mais próximo "entre povos com relações econômicas tensas".[63]

Guilherme imediatamente voltou-se contra Lamsdorff — como fizera com todos os ministros russos do Exterior desde Lobanov — e o transformou em alvo de suas "piadas" durante toda a reunião. Aparentemente o cáiser imaginava que ele próprio e Nicolau haveriam de consertar o mundo sozinhos, ressentindo-se da presença do ministro do Exterior. O desconforto de Lamsdorff — considerável — era compartilhado por todo o entourage imperial, que considerava as reuniões com o cáiser "um verdadeiro martírio". Ele lhes fazia preleções sobre o balé russo, surpreendia com súbitas perguntas de caráter pessoal ou deliberadamente errava seus nomes, para em seguida rir às gargalhadas. Pior ainda, fazia na frente deles humilhantes brincadeiras de mau gosto com o seu próprio séquito — dando palmadas no traseiro do chefe do estado-maior ou retalhando as braçadeiras de alguém —, deixando os russos sem saber o que fazer. O ministro da Corte,

Fredericks, declarou que cada encontro com o cáiser o deixava "completamente arrasado".[64]

Semanas depois, para demonstrar sua boa vontade, Guilherme atravessou a fronteira russa em direção a uma aldeia chamada Wyshctyten, recentemente arrasada por um incêndio devastador. Na praça local, distribuiu várias bolsas de dinheiro aos habitantes, em sua maioria judeus, e fez um discurso em alemão que ninguém entendeu. A intenção era fazer um gesto amigável — embora seja difícil deixar de encará-lo como uma tentativa inconsciente de invadir e usurpar o espaço do outro monarca —, e foi como Nicolau o encarou, embora aparentemente o considerasse um pouco estranho.[65]

A partir daí, a relação parecia melhorar aos saltos. Na primavera de 1902, com a discussão entre Bülow e Chamberlain que tanta animosidade causou entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, Bülow adoçou a pílula do mais recente aumento das tarifas alemãs sobre os cereais russos com um generoso empréstimo oficial de 2 milhões de rublos à Rússia. Em agosto, como os alemães se queixassem da hostilidade da imprensa britânica, os dois imperadores voltaram a se encontrar em seus iates, no porto estoniano de Reval (atual Tallinn), num dos Estados russos do Báltico. Em seu foro íntimo, não era por um encontro que Nicolau ansiava. "Seja amistoso mas severo, para que *ele* perceba que *não pode* brincar com você", dissera-lhe Alix antes do encontro, "e aprenda a *respeitá-lo* e a temê-lo — isto é *o principal*. Como eu gostaria de estar com você".[66] No dia do encontro, Guilherme referia-se constantemente a si mesmo como "o almirante do Atlântico"[67] e a Nicolau como "o almirante do Pacífico", o que deixou o tsar profundamente irritado. Ao partir em seu iate, Guilherme disse, mais uma vez: "O almirante do Atlântico despede-se do almirante do Pacífico." Nicolau comentou com os seus: "É um doido varrido!"[68] Mais uma vez, o cáiser em nada ajudou ao insultar Lamsdorff, recusando-se a conferir-lhe a condecoração que lhe fora prometida, a Ordem Alemã da Águia Negra. Alegou que Lamsdorff estava fazendo intrigas contra a Alemanha,******** o que não fazia sentido, pois ele é que havia dado início ao degelo entre os dois países, e disse a Bülow que Nicolau não gostava do seu ministro do Exterior e que ele logo seria demitido. "Vou resolver tudo diretamente com o tsar."[69]

Era, da parte de Guilherme, uma típica confusão da realidade com seus próprios desejos, mas ele não deixara de ferir uma nota verdadeira a respeito de

Nicolau. Depois de oito anos como tsar, ele começava a se sentir mais confiante, e desde o início de 1902 mostrava-se nitidamente pouco afeito a ouvir seus principais ministros. Tendo concordado com a retirada das tropas da Manchúria e não obstante a situação cada vez mais precária das finanças russas, ele interrompeu a evacuação, fechou os portos controlados pelos russos ao comércio exterior e tirou o controle da administração civil e diplomática da Manchúria das mãos de Witte e Lamsdorff, entregando-o a um general, Alekseev, ambicioso mas sabidamente incompetente. Foi realmente uma péssima ideia: todo o plano relativo à Manchúria se havia transformado num projeto de pura vaidade imperial que devorava dinheiro. Entre 1897 e 1903, a Rússia gastou 1,14 bilhão de rublos na China, pouco menos que todo o orçamento oficial de 1903. Recuperaria apenas um décimo desse valor em tarifas alfandegárias chinesas e só um pouco mais com a venda de produtos russos. Parece improvável, contudo, que Nicolau tivesse noção da verdadeira catástrofe financeira que a Manchúria representava. Seu entendimento das questões econômicas era muito superficial. Ele disse a Mossolov, que estava à frente da chancelaria do tsar, que não tinha ideia do que valia mais, 25 rublos ou um relógio de ouro. (O relógio valia centenas de rublos.) "É uma das maiores falhas da minha educação", pontuou, alegremente, "(...) não sei o preço das coisas; nunca tive motivos para pagar pessoalmente por nada".[70]

O plano da Manchúria fez com que Nicolau e os seus achassem que a Rússia ainda era uma grande potência, deixando furiosos os britânicos e todas as outras potências com interesses na China. Mas o momento escolhido dificilmente poderia ter sido pior. Desde a primavera vinham ocorrendo sublevações camponesas e greves gerais em toda a Rússia. Até as regiões mais férteis sofriam uma crise agrícola que o governo não tinha a menor ideia de como enfrentar. Nas cidades, os preços dos alimentos aumentavam e as condições de vida estavam entre as piores do mundo. Os assassinatos de funcionários do governo haviam se tornado endêmicos, as universidades estavam mergulhadas em agitação. ("Lamento muito que os estudantes mais uma vez estejam criando caso em diferentes universidades", escreveu Jorge a Nicolau no início de 1902, "pois sei que para você deve ser motivo de grande preocupação".[71]) Na Páscoa, um pogrom levado a efeito com a conivência da polícia em Kishinev, na Bessarábia, causando a morte de grande número de judeus (as estimativas variam entre 47 e

120), provocou tal indignação internacional que o governo russo se sentiu obrigado a publicar uma condenação oficial. Comentava-se — sem fundamento — que o tsar se envolvera pessoalmente. As coisas tinham ficado tão feias que o grande santo secular da Rússia, Liev Tolstói, escreveu uma carta aberta ao tsar, implorando que desse ouvidos ao sofrimento de seu povo e reconsiderasse as próprias bases do sistema autocrático. Não surpreende que a carta servisse apenas para irritar Nicolau; Tolstói viria a ser excomungado, o que por sua vez fez com que o governo ficasse parecendo vingativo e do lado errado. Em setembro, Nicolau demitiu Serguei Witte, confinando-o numa posição destituída de poder no Conselho de Ministros. Witte se opunha à política para o Extremo Oriente e sua política econômica nem de longe poderia ser considerada um sucesso incontestável, mas ele também era o único ministro com ideias a respeito da melhor maneira de lidar com a crise agrícola. O afastamento de Witte transformou seu rival, Viacheslav Plehve, o ministro do Interior, de ação profundamente repressora, no ministro mais graduado e influente de Nicolau. O tsar não estava apenas sendo incoerente, mas jogando os ministros uns contra os outros para se manter por cima.

Donald Mackenzie Wallace, o ex-editor internacional do *Times*, que falava russo e começara a enviar relatórios regulares a Eduardo através de seu secretário particular, sir Francis Knollys, considerava que o governo russo tornava-se "cada vez mais conservador",[72] inclinando-se para um certo antiocidentalismo atávico. A nova palavra de ordem na corte russa era: "A Rússia não deve adotar certas peculiaridades da civilização europeia que costumam ser consideradas na Europa ocidental um sintoma do progresso nacional." Ele achava, contudo, que o governo estava mergulhado no "caos", informando que seus amigos russos previam "uma grande mudança política".[73]

No início de 1903, a cordialidade pública de Eduardo começara a conquistar o público britânico, e na primavera ele finalmente fez sua grande entrada no palco europeu. Em março, iniciou um cruzeiro de cinco semanas pelo Mediterrâneo, com paradas em Lisboa, Gibraltar, Malta, Sicília, Nápoles e Roma, e, por sua própria iniciativa, uma visita oficial de última hora a Paris. Recusou-se a levar consigo um ministro do governo, como de hábito, preferindo fazer-se acompanhar de sir Edward Hardinge, ambicioso jovem diplomata com boas ligações na corte, através da esposa. Em termos europeus, era como se Eduardo

se tivesse dotado de um ajudante de campo diplomático, como faria o cáiser, um gesto de autoafirmação que não foi muito do agrado do secretário do Exterior, Lansdowne. Hardinge era inteligente, confiante, tinha um talento especial para agradar as pessoas certas e, segundo alguns, "um grau inaceitável de amor-próprio".[74] Fazia parte de uma nova geração de profissionais do Ministério do Exterior que sustentava que a Grã-Bretanha precisava reconstruir suas pontes em direção à França e à Rússia, desconfiando da Alemanha. A proteção de Eduardo teria profundo efeito em sua carreira: em questão de apenas três anos, ele seria sucessivamente nomeado embaixador na Rússia e o mais graduado funcionário civil do Ministério.

O rei partiu no *Victoria and Albert* com um pequeno grupo exclusivamente masculino do qual fazia parte Fritz Ponsonby. O iate era acompanhado por oito couraçados, quatro cruzadores, quatro contratorpedeiros e um navio de aviso, o que comprometeu ligeiramente o efeito pretendido quando ele insistiu em entrar "incógnito" em Nápoles. Desde o início, contudo, ficou claro que Eduardo esbanjava talento e entusiasmo por esse tipo de projeto. Fritz Ponsonby descobriu surpreso que ele havia "tomado todas as providências e supervisionado cada detalhe".[75] Em público, Eduardo mostrava incansável bom humor, ficava de pé durante horas, lembrava-se dos nomes. Caminhava em meio às multidões e recusava proteção policial. Por toda parte, a opinião pública delirava, a imprensa entoava loas. Os italianos simplesmente amaram: pela primeira vez um monarca britânico visitava o país desde a Idade Média. Pequenos gestos suscitavam reconhecimento delirante: em Roma, ele se deteve e descobriu a cabeça ao passar pela Porta Pia, e se encontrou com o papa, apesar da ressalva de Balfour de que o encontro não surtiria bom efeito em casa.

Paris foi o maior sucesso de todos. Na verdade, o ministro francês do Exterior, Théophile Delcassé, é que havia proposto a visita. Durante dois ou três anos ele fora de opinião de que chegara o momento de resolver as velhas e cansativas disputas dos dois países. A Alemanha era o mais perigoso inimigo europeu da França e o antagonismo com a Grã-Bretanha, que havia alcançado níveis de verdadeira histeria por causa de Fashoda, representava um motivo de dispersão indesejado para a França. Lorde Lansdowne, o secretário britânico do Exterior, entendia as vantagens de um acordo com a França, que permitiria à Grã-Bretanha economizar um bocado de dinheiro e pôr fim às disputas em torno

do Egito. No entanto, ele se mostrava cauteloso. Nos dois países, a opinião pública ainda era muito hostil em relação ao outro, de tal maneira que os gestos de aproximação na direção da França haviam sido feitos em total segredo, e o gabinete britânico ainda precisava ser convencido. Delcassé considerava que uma visita de Eduardo, o mais famoso francófilo britânico, podia contribuir para um clima favorável. Lansdowne relutava. Preocupava-o a eventualidade de que Eduardo fosse vaiado (ele próprio não tinha a menor vontade de fazer a viagem); Balfour considerava que as visitas oficiais de nada serviam. O rei, contudo, parece ter apoiado desde o início a ideia do *rapprochement*, e em março de 1903 decidiu que queria ir a Paris.[76] Passando por cima ao mesmo tempo de Lansdowne e do embaixador britânico em Paris — que não era apreciado por nenhum dos dois —, Eduardo tomou as providências diretamente com o presidente francês, Émile Loubet, através do adido militar britânico. A visita foi mantida em segredo até o último minuto. "Em sua maioria", recordaria Fritz Ponsonby, "os membros do séquito não tinham a menor ideia de aonde estavam indo".

Foi como um conto de fadas. O rei foi saudado na chegada com vaias e apupos. Multidões gritavam nos Champs-Élysées "Viva Fashoda!" e até "Viva Joana D'Arc", o que, como observaria Ponsonby, nervoso, "parecia uma volta e tanto na história".[77] O jornal nacionalista *L'Autorité* publicou uma carta aberta que começava assim: "Sua presença em Paris choca, ofende e revolta a nós, patriotas (...)";[78] *La Patrie* enumerou cada uma das disputas anglo-francesas desde a Idade Média. Ao deixar Paris três dias depois, Eduardo era aclamado delirantemente pelas multidões. E ele ofereceu uma performance irretocável, ajudado pelo fato de o governo francês ter transformado em feriado o segundo dia de sua visita. A cidade inteira apareceu para vê-lo e os jornais parisienses cobriram cada gesto seu nos mínimos detalhes. Numa perfeita reviravolta, eles simplesmente pareciam ter esquecido Fashoda e os bôeres. Eduardo caminhava em meio à multidão, dizia em perfeito francês o quanto amava a cidade e como se sentia em casa, parecendo constantemente encantado. Os parisienses, que, como tantos na Europa, sentiam uma curiosa mistura de fascínio e aversão pela Grã-Bretanha, há muito tinham um certo fraco por um "milord" inglês, e embora não tivesse voltado desde meados da década de 1890, Eduardo estava envolto num glamour equivalente ao de uma estrela de cinema desde suas aventuras com

atrizes na capital francesa na década de 1860.

Depois de Paris, Eduardo foi a Dublin e em seguida a Viena, para se encontrar com o imperador Francisco José. Embora praticamente nada tivessem em comum — Francisco José era conhecido por se levantar às quatro horas da manhã, almoçar ao meio-dia, jantar às cinco da tarde e estar na cama às sete; Eduardo às dez horas da manhã mal tinha tomado sua primeira xícara de café —, Eduardo admirava o imperador Habsburgo. Ele optara por se posicionar acima das confusões da política, assumindo o papel de um líder cerimonial e zeloso, e era quase universalmente respeitado. Seu famoso temperamento insondável dava a Eduardo ainda mais vontade de seduzi-lo.

De Viena, o rei seguiu para Marienbad, a estação termal mais na moda na Europa, um verdadeiro bazar diplomático de príncipes, aristocratas, estadistas e seguidores de dietas, que ficou ainda mais em vista por causa das subsequentes visitas anuais de Eduardo. Lá, ele fez contatos, causou impressão e foi seguido por toda parte por multidões entusiásticas. Poucos outros membros da realeza tinham o apetite de Eduardo pela vida em público — Guilherme era praticamente o único. "Ainda me lembro de tio Bertie sentado imperturbável em frente a seu hotel", escreveria mais tarde Olga, a irmã de Nicolau, "fumando um charuto enquanto hordas de alemães o contemplavam embasbacados e cheios de curiosidade. ‘Como é que você aguenta, tio Bertie?’, perguntei-lhe certo dia. ‘Ora, para mim é tão divertido contemplá-los quanto para eles contemplar a mim’, respondeu o rei".[79]

Guilherme acompanhava o sucesso de Eduardo com crescente inveja e irritação. Dias depois de ter o rei partido de Roma, em abril de 1903, ele chegou à cidade anunciando que também viera se encontrar com o papa — enquanto Bülow fazia questão de informar, com uma certa insistência, que a viagem estava sendo planejada há meses. Quando Eduardo deixou Viena, mais uma vez lá estava Guilherme para se encontrar com o velho amigo Francisco José. O único lugar que Eduardo deixou de visitar foi Berlim, alegando que estava por demais ocupado. A verdade era que, quando entrava em cena Guilherme, sua cordialidade lhe faltava. Guilherme armou uma cena com o mais recente adido militar britânico, que entoava loas ao coronel Wallscourt Hely-Hutchinson Waters, enumerando seus infindáveis atos de sacrifício pela Grã-Bretanha, e se declarou magoado com o fato de a Alemanha não mais estar nas graças do rei.

Em outubro, muito ressentido com Eduardo, Guilherme foi espreitar Nicolau em sua visita anual a Hesse. Deixando transparecer uma agradável preocupação com a direção tomada pelas relações anglo-francesas, Nicolau disse a Guilherme que "precisava manter em bom nível as relações com a França e impedir que os franceses se juntassem aos ingleses".[80] Posteriormente, Guilherme escreveria a Nicolau. O mundo se polarizava, dizia, com "os países democráticos governados por maiorias parlamentares contra as monarquias imperiais".[81] Em abril do ano seguinte, quando a Grã-Bretanha e a França assinaram a Entente Cordiale, suas palavras pareceriam ainda mais justificadas.

Embora fosse essencialmente um acordo sobre disputas coloniais, sobretudo no Egito, onde a França reconhecia a influência dominante da Grã-Bretanha, e no Marrocos, onde se aplicava a recíproca, a Entente Cordiale não podia deixar de parecer uma substancial transformação nas relações anglo-francesas. Ela prometia uma nova era de cooperação entre as duas principais potências democráticas da Europa, aparentemente pondo de lado mil anos de hostilidade, e seria difícil deixar de perceber que em certa medida se devia à desconfiança de ambos os países em relação à Alemanha. Embora não tivesse participado das negociações nem proposto a política, Eduardo recebeu boa parte do crédito pela Entente, não mostrando qualquer inclinação a desiludir ninguém a esse respeito. A milagrosa reviravolta propiciada por sua visita a Paris certamente representara um incrível golpe de relações públicas e um elemento catalisador de negociações sérias. Ela ajudou a convencer os que ainda duvidavam no gabinete britânico. Mas se Delcassé e Lansdowne não se tivessem disposto a entrar em conversações sérias, o efeito da visita, como de tantas outras visitas reais, como a subsequente viagem do rei a Dublin nesse mesmo ano, teria sido negligenciável. Para ilustrar o novo status de Eduardo, o conde Osten Sacken, o embaixador russo em Berlim, enviou ao Ministério do Exterior russo o resumo de um artigo publicado na revista alemã *Der Tag* logo depois da divulgação da Entente em abril de 1904. Nele se afirmava que Eduardo, outrora "encarado com ceticismo",[82] era no momento considerado "uma das mais sábias personalidades oficiais de nossa época. Graças a um manejo inteligente das circunstâncias, o rei Eduardo conseguiu restabelecer o prestígio da Inglaterra como senhora do destino da Europa". Parecia dolorosamente irônico, acrescentava o artigo, que as fracassadas tentativas de Bülow de promover os interesses alemães "tivessem

contribuído grandemente" nesse sentido. "A Alemanha não conseguiu defender seus interesses no golfo Pérsico, no Extremo Oriente ou no litoral norte da África."

Em pouco mais de um ano, Eduardo firmou-se como o rosto da política externa britânica, além de marcar presença como o mais glamoroso monarca da Europa. Finalmente parecia eficaz e bem-sucedido. Ele gostava dessa nova reputação, que tinha sua utilidade para a Grã-Bretanha. O país precisava de um representante na Europa, e Eduardo se adaptava perfeitamente ao papel. Com exceção de Chamberlain — que renunciaria ao governo em 1903 para a campanha eleitoral e desperdiçaria o resto de sua carreira correndo atrás da popularidade com uma proposta de reforma fiscal —, o governo britânico nitidamente carecia de figuras ou estadistas carismáticos que levassem a sério a comunicação com a opinião pública. Lansdowne não viajava e a única língua estrangeira que dominava era o francês. Seu sucessor, sir Edward Grey, mostrava-se ainda menos inclinado a viajar. Os dois seriam crescentemente tragados pelo puro e simples volume de papelada no Ministério do Exterior. Frederick Ponsonby achava que o secretário do Exterior se ressentia do reconhecimento recebido pelo rei por iniciativas na realidade tomadas por Lansdowne;[83] por outro lado, gostava de explorar o acesso e a influência facultados pela nova reputação do rei. No fim de 1903, quando Lansdowne resolveu que nada havia a perder com a sugestão de uma Entente semelhante com a Rússia, Eduardo foi convocado para assegurar que as propostas chegassem pessoalmente a Nicolau. Todo mundo sabia que era difícil ter acesso ao tsar. O rei também tratou de seduzir o novo embaixador russo, o conde Alexandre Benckendorff, que convidou a Windsor, falando-lhe de seu entusiasmo pela proposta e voltando a convidá-lo para jogar bridge. Após o anúncio da Entente Cordiale, foi Eduardo que percorreu a Europa assegurando aos diferentes monarcas e presidentes que ela teria exclusivamente implicações pacíficas.

Os historiadores ainda hoje debatem as contribuições de Eduardo à política externa. Os monarquistas sentimentais invariavelmente superestimam sua importância. Os historiadores políticos mais rigorosos o descartam como um simpático sibarita apoiado num eficiente círculo de assessores, como Knollys e Hardinge, que geria as coisas para ele. As palavras de Arthur Balfour a lorde

Lansdowne após a morte de Eduardo são frequentemente citadas: "Até onde me lembro, durante os anos em que o senhor e eu fomos ministros, ele nunca fez uma sugestão importante de qualquer natureza nas grandes questões da política oficial."[84] A política oficial nunca era a preocupação de Eduardo. Sir Edward Grey chegou mais perto de acertar ao escrever que, embora Eduardo não fosse homem de "longos debates sobre aspectos relevantes da política oficial", tinha uma notável capacidade de "projetar sua personalidade numa multidão"[85] e um real talento para os relacionamentos pessoais. Seu efeito era quase comparável ao de Ronald Reagan. Também existe uma ponta de ciúme nas palavras de Balfour: seu período como primeiro-ministro não mereceu avaliações propriamente brilhantes. A verdade era que Eduardo podia ser egoísta, preguiçoso, indulgente, trivial. Pensava de maneira convencional e era um amador. Mas, dentro de suas próprias limitações e considerando-se as necessidades da época, deu uma contribuição significativa para o avanço da política externa britânica, com consequências que nem de longe seriam em todos os casos benéficas.

******** Salisbury estava mal de saúde e deprimido com a morte da mulher, e morreria pouco mais de um ano depois.

******** A jurisprudência de Taff Vale seria derrubada em 1906 pelo novo governo liberal.

******** Embora deixasse feliz a direita no Reichstag, essa política também alienara as classes urbanas pobres da Alemanha, que votavam cada vez mais nos socialistas.

******** Um ambicioso adido militar russo vinha intrigando Lamsdorff com os alemães, mas a intriga era endêmica tanto na corte russa quanto na alemã, e Bülow considerava essas histórias absurdas.

11. Consequências inesperadas (1904-5)

Para a Rússia, ainda mais que para a maioria dos outros países, a guerra muitas vezes se revelara desastrosa. A Guerra da Crimeia e a Guerra Russo-Turca da década de 1870 tinham sido verdadeiros desastres. Ambas deixaram a Rússia em débito e perto da bancarrota, comprometendo o desenvolvimento, gerando descontentamento interno e uma duradoura hostilidade em relação a potências estrangeiras. O governo e suas instituições não estavam em condições de suportar as pressões de uma guerra, e, ao contrário, por exemplo, da Grã-Bretanha, o país não podia arcar com os custos. Era uma lição que o governo russo deveria ter recordado antes de entrar em guerra com o Japão em fevereiro de 1904.

Os dois países entraram em confronto por disputas em torno da Coreia — o país que fica entre a Sibéria e o Japão, ligado como um pequeno apêndice à extremidade norte da China — e da Manchúria. Na verdade, a maioria dos ministros do governo russo se opunha à guerra, enquanto a corte a saudava. Nicolau constantemente negava a debilidade das instituições da Rússia. No ano anterior, o tsar dissera a seu ministro da Guerra que sonhava ampliar o império russo à China, ao Tibete, ao Afeganistão e à Pérsia,[1] e seus atos haviam contribuído diretamente para as hostilidades. Ele tirara a gestão do Extremo Oriente das mãos de seus ministros para transferi-la ao incompetente general Alekseev, representante da linha dura que, segundo se dizia, devia sua posição de destaque no exército ao fato de ter resgatado o tio preferido de Nicolau, o grão-duque Alexis, de um bordel francês;[2] confiara o traçado das políticas oficiais a um "comitê especial", um grupo de aristocratas inexperientes e excitados do qual fazia parte seu primo Sandro, favorável à anexação da Coreia; e, deliberadamente ou por pura e simples incompetência, permitira que as negociações com o Japão anteriores à guerra resvalassem para os insultos. Segundo Eduardo VII, cujo país tinha uma aliança com o Japão, o tsar recusara suas tentativas pessoais de promover uma solução diplomática.[3]

A verdade era que os russos esperavam derrotar os japoneses. Nenhuma grande potência jamais fora derrotada por uma menor, muito menos contando com um exército gigantesco como o da Rússia, e a maioria dos russos

considerava os japoneses uma "raça inferior": Nicolau referia-se a eles como "macaquinhos de rabo curto".[4] O comandante do exército na Manchúria, general Alekseev, dizia precisar apenas de dois soldados russos para cada três japoneses. No mundo das grandes potências, qualquer demonstração de agressividade parecia uma maneira infalível — e talvez fácil demais — de lembrar a todo mundo seu próprio status ou mesmo de restabelecê-lo, especialmente quando não se sentia suficientemente respeitada.

Quando os japoneses enviaram torpedeiros a Port Arthur, o quartel-general militar russo na China, em fevereiro de 1904, afundando os dois navios mais modernos da marinha russa e em seguida declarando guerra, todo o governo e os militares pareceram completamente surpreendidos e despreparados. O governo só ficou sabendo do episódio pelo telefonema de um comerciante russo em Port Arthur a Serguei Witte. A partir daí, o esforço de guerra russo iria por água abaixo. As derrotas se sucediam. A cada etapa, o conflito deixava evidente a impressionante incompetência de instituições russas superadas pelas circunstâncias — sobretudo o exército. O planejamento de guerra praticamente inexistia. Os generais russos, com uma idade média de 69 anos, passavam mais tempo divergindo do que de fato combatendo. O conflito custaria 2 bilhões de rublos, todo o dinheiro que Witte tinha posto de lado para estabilizar a economia russa. Ainda assim, não havia o suficiente para proporcionar desjejuns quentes aos soldados ou fornecer pólvora para suas armas. Não obstante um surto inicial de entusiasmo patriótico, o apoio à guerra logo começou a se esvair. Em maio de 1904, o novo embaixador britânico em São Petersburgo, sir Charles Hardinge, o antigo protegido de Eduardo, informava que 75% da população eram "absolutamente indiferentes"[5] à guerra e em sua maioria os membros das classes educadas estavam furiosos com a incompetência e os gastos; a crescente oposição se fazia notar numa série de assassinatos de altos funcionários impopulares.

Uma das consequências previsíveis da guerra foi um surto de virulenta anglofobia na Rússia. Era quase fácil demais atribuir a culpa pelas calamidades da Rússia ao secreto apoio da Grã-Bretanha a seu aliado. Na corte, Nicolau e a camarilha pró-guerra de que estava cercado cuspiam fogo contra a Grã-Bretanha. O tsar começou a se referir aos ingleses como "jids"[6] — judeus. Sandro, seu primo, resmungava ameaçadoramente sobre "as belonaves de fabricação

britânica do mikado",[7] e em São Petersburgo o embaixador britânico era boicotado pela sociedade. Guilherme, tão eficiente quando se tratava de identificar as vulnerabilidades dos outros monarcas, desde 1903 escrevia a Nicolau informando que os britânicos estavam ajudando "a mobilização japonesa".[8] Mandou-lhe cópias de artigos de jornais britânicos exigindo que o governo ajudasse o bravo Japão contra o bestial Leviatã russo. "Para nós (...) essa hipocrisia e esse ódio são absolutamente odiosos e incompreensíveis", escreveu ele. "Todo mundo aqui entende perfeitamente que a Rússia está seguindo as leis de expansão."[9]

A guerra também deixou clara a ambivalência dos sentimentos britânicos em relação à Rússia. Inicialmente, o governo britânico ficou preocupado com a eventualidade de que a guerra pusesse a perder a Entente Cordiale, forçando a França e a Grã-Bretanha a apoiar seus aliados, mas ao mesmo tempo começou a brincar com a ideia de ajudar os japoneses. Ele esperava que a Entente aproximasse a Grã-Bretanha da Rússia, mas a essa altura também esperava que a guerra atrapalhasse a Rússia na Ásia. No fim das contas, a Grã-Bretanha, tal como a França, optara por uma amistosa neutralidade. No dizer de Balfour, ainda que o Japão fosse derrotado — como contavam inicialmente os britânicos —, "nada poderia ser melhor para nós que o envolvimento da Rússia nos custos e nos problemas de uma aventura coreana".[10] Para se garantir, entretanto, Eduardo, por sugestão de Lansdowne, mandou uma mensagem pessoal a Nicolau, assegurando a boa vontade e a não intervenção britânicas.[11] A versão britânica da "amistosa neutralidade" não parecia particularmente amistosa. Em todo o mundo, os navios russos tinham vedado o acesso a portos britânicos para reabastecimento. Anunciada em abril de 1904, a Entente Cordiale parecia agora aos russos, assediados e vulneráveis, uma tentativa de afastá-los da França.[12] E assim como a Rússia havia explorado a vulnerabilidade britânica durante a Guerra dos Bôeres, o vice-rei da Índia, lorde Curzon, enviou em março de 1904 uma força militar ao Tibete, comandada pelo soldado e explorador britânico sir Francis Younghusband.

Guilherme, em contraste, mal podia esperar a hora de ajudar o primo russo. Ofereceu a Nicolau o uso de estações alemãs de suprimento de carvão, ao mesmo tempo que dizia reiteradamente que os britânicos o pressionavam a não fazê-lo. Prometeu também "garantir" a frente ocidental russa contra um ataque.

Mas o apoio alemão tinha um preço: Bülow exigia um enorme aumento das tarifas alemãs sobre importações russas.[13]

Lorde Lansdowne, o secretário do Exterior britânico, com fama de hábil negociador internacional desde seus acordos com o Japão e a França, continuava considerando que um pacto com a Rússia sobre questões coloniais, no espírito da Entente, seria uma perspectiva interessante. Uma guerra de resultados desastrosos poderia deixar a Rússia de cabeça tão baixa que finalmente sucumbisse às aberturas britânicas. Ele tratou então de mobilizar Eduardo para amolecer os parentes russos. Durante a primavera e o verão de 1904, o rei demonstrou sua boa vontade vigorosamente — tão vigorosamente quanto possível para um homem muito grande de 62 anos. Escreveu a Nicolau para tranquilizá-lo a respeito da Entente, oferecendo-se como mediador junto ao Japão — oferta previsivelmente recusada por Nicolau. Em Copenhague com Alexandra, Eduardo aproximou-se do conde Aleksandr Izvolski, o ministro russo na Dinamarca,******** nome em ascensão na política russa, inclusive por sabidamente desfrutar da proteção de Minny — que pode ter chamado a atenção do rei para sua utilidade. Como a maioria dos principais ministros do governo de Nicolau, Izvolski se opunha à guerra com o Japão; também considerava que um acordo com a Grã-Bretanha seria futuramente necessário para a paz. E era *muito* ambicioso. O rei manifestou seu desejo de um acordo, e Izvolski mostrou-lhe uma cópia da carta imoderadamente lisonjeira que pretendia mandar a Lamsdorff a respeito de seu encontro, dizendo que os pontos de vista de Eduardo a respeito de um acordo com a Rússia eram tão importantes "que preciso transmiti-los a Vossa Excelência tão literalmente quanto possível" e atribuindo a Entente Cordiale "acima de tudo à forte influência pessoal de Sua Majestade".[14] Quando Hardinge assumiu as funções de embaixador em São Petersburgo, em maio, o rei entregou-lhe uma carta para Nicolau na qual recomendava pessoalmente Izvolski como "um homem de notável inteligência e (...) estou convencido, um dos seus mais capazes e dedicados servidores". Acrescentava ser seu "sincero desejo (...) que ao terminar a guerra nossos dois países possam chegar a um acordo satisfatório a respeito de muitas questões difíceis".[15] E a 30 de julho, logo depois da ceia na residência de verão do casal imperial em Peterhof, quando Alix, aos 32 anos, finalmente deu à luz um menino, Alexis, Eduardo se ofereceu como padrinho.

Enquanto a guerra tivesse prosseguimento não poderia haver uma real solução. A proteção de Eduardo podia permitir a Hardinge entradas nos mais altos círculos sociais russos, inclusive o próprio casal imperial. "(...) Sou considerado o portador de um ramo de oliveira",[16] disse ele ao rei. Mas quando navios de guerra russos do mar Negro entraram no canal de Suez e começaram a capturar navios cargueiros britânicos, alegando que transportavam contrabando para o Japão, a imprensa britânica estrilou e Lansdowne ameaçou com represálias se as embarcações não fossem liberadas.******** E em setembro de 1904, Hardinge descobriu certa noite um intruso escondido debaixo de um sofá na sala de estar da embaixada e quase o matou com uma trave de cortina.[17] Transpirou que se tratava de um dos empregados tentando arrombar o cofre da embaixada para encontrar provas de que a Inglaterra estava ajudando os japoneses. O tsar, além disso, observaria Hardinge, estava profundamente comprometido com a guerra com o Japão e cercado de anglófobos. Nesse mesmo mês, tendo matado algo em torno de dois milhares de tibetanos, a expedição Younghusband assinou um acerto com os governantes do Tibete garantindo concessões comerciais e a exclusão de outras potências — especificamente a Rússia. A imprensa russa cuspiu fogo. Na Grã-Bretanha, a expedição se revelara extremamente polêmica. Desde a Guerra dos Bôeres, o "direito" do país de matar alguns nativos para promover seus negócios já não era dado como certo — mas Eduardo, o suposto campeão de um *rapprochement* com a Rússia, encontrou-se com Younghusband e lhe disse: "Aprovo tudo que fez."[18]

Para os alemães, as notícias de São Petersburgo sobre as aberturas de Eduardo em direção dos russos subitamente lançavam uma nova luz sobre a Entente Cordiale.[19] Embora certos observadores alemães a considerassem uma perigosa mudança de rumo, Bülow decidira inicialmente não se preocupar — tratava-se, afinal, de um acordo puramente colonial — e disse ao cáiser que ela não poderia durar.[20] Também pode ter pensado que qualquer coisa que pudesse alienar a Rússia da França seria bem-vinda. Agora, a diplomacia britânica — e os esforços de Eduardo — já não parecia tão inócua. Guilherme começou a se queixar de que Eduardo aparentemente queria alianças com todo mundo, exceto ele.

Para aplacar os sentimentos de rejeição frequentemente externados pelo

sobrinho, Eduardo aceitou comparecer em junho de 1904 à regata de Kiel. Considerada por ambos os lados uma oportunidade de diminuir o atrito entre o rei e o cáiser, assim como entre a Inglaterra e a Alemanha, a visita teria uma importante consequência imprevista.

Os preparativos para a viagem adquiriram dimensões épicas. Ficou evidente para o entourage de Guilherme que, por mais que não gostasse do tio, o cáiser estava desesperadamente desejoso de impressioná-lo bem. O novo e atento superintendente fiscal da casa imperial, Robert zu Zedlitz-Trützschler, mantinha um diário no qual dava vazão à sua perplexidade ante os excessos da criança grande cuja casa geria. "A importância atribuída pelo imperador a essa visita era extraordinária",[21] escreveu ele. "Ele interferia nos menores detalhes da decoração." O *Hohenzollern* foi adornado com grandes tendas e repuxos de água. Estavam presentes todos os ministros do gabinete, todos os secretários de Estado, e "todo um plantel de excelências, magníficas com suas ordens e galardões dourados, foi disposto de maneira solene à beira-mar. Todos os príncipes reais haviam sido convocados para aumentar a guarda de honra".[22] Guilherme ficou tão empolgado que vestiu seu uniforme de gala horas antes e começou a andar para cima e para baixo no convés, "mal conseguindo esperar pela hora marcada". Quando Eduardo finalmente chegou, recordaria Bülow de maneira cruel, Guilherme ficou agitado, enquanto Eduardo parecia decididamente tranquilo. Ele estava no seu apogeu: até para o pessoal de Guilherme, seu glamour parecia palpável. Ele era "um homem do mundo, dez vezes temperado na fornalha e controlando com a ponta dos dedos cada movimento do jogo", escreveu Zedlitz-Trützschler. Guilherme, em contraste, era "uma criança grande idealista, tendo crescido cercado de aduladores e na ignorância do mundo". A vida privada do rei podia ser objeto de críticas, "mas hoje ele tem todo o glamour de uma personalidade que conquistou a mais alta estima de seu país. Creio que ele adquiriu em sua vida uma experiência do mundo que raramente está ao alcance de um personagem real. Tem dos homens um conhecimento profundo, cujo valor não poderia ser superestimado no caso de um príncipe".[23]

Eduardo falou de paz — "uma necessidade universal", disse, "já que todos os países igualmente vergam ao peso da tributação para armamentos" — e dos objetivos pacíficos da Entente. Seu "único desejo", acrescentou, era "reduzir

todos os pontos de atrito entre as grandes potências".[24] "A visita de Bertie, naturalmente, está correndo bem", escrevia Guilherme, ao influxo do forte desejo de ter um autêntico relacionamento com o tio que costumava acometê-lo quando se encontravam. "Ele está muito animado e ativo e se mostra muito afável. Seu desejo de paz é evidente, assim como suas motivações para a tendência que evidencia de oferecer seus serviços sempre que constata confrontos no mundo."[25]

Mas todos sabiam que sua afabilidade era fingida. "Todo mundo finge que estamos nos melhores termos possíveis com a Inglaterra. Na verdade, contudo, todas as divergências entre os ingleses e o povo alemão continuam como eram",[26] escreveu Zedlitz-Trützschler. O sorridente verniz entre os dois monarcas rachou apenas uma vez, na discordância a respeito da Guerra Russo-Japonesa. Guilherme falava do "perigo amarelo" e da necessidade de esmagá-lo. Eduardo afirmava que não havia nada disso. Os japoneses estavam certos do ponto de vista moral, Nicolau rejeitara suas propostas diplomáticas e eles haviam se saído de forma brilhante. Eram "um povo corajoso, cavalheiresco e inteligente — tão civilizados quanto os europeus, dos quais se distinguiam apenas pela cor da pele".[27] Bülow observou que Eduardo se referia ao tsar "com toda a afeição dos laços de parentesco", notando como gostava de "dar uns cascudos" no sobrinho alemão.

Guilherme, enquanto isso, simplesmente não resistia ao impulso de impressionar Eduardo. Tirpitz e Bülow teriam preferido que a visita ocorresse em praticamente qualquer lugar do mundo que não fosse Kiel, onde estava sendo construída a esquadra alemã. Haviam tentado obter do cáiser a promessa de que conteria seu desejo de exibir o crescimento da marinha e de que sua expansão seria tão minimizada quanto possível. Na noite anterior à revista naval, contudo, ele instruiu pessoalmente seu gabinete naval a enviar "tudo, até a menor das embarcações, para Kiel". No dia seguinte, durante um jantar de gala para 180 pessoas, ele frisou o considerável crescimento da marinha, observando que o rei Eduardo fora "saudado pelo troar dos canhões da esquadra alemã".[28] E, com lágrimas nos olhos, contou que seu desejo de construir uma marinha surgira ao visitar Portsmouth na infância: "Ali nasceu em mim o desejo de um dia construir navios como aqueles."[29]

A nova marinha alemã certamente causou impressão nos espectadores

britânicos, mas não no bom sentido. Em suas memórias, Bülow escreveu que o rei o advertiu para o fato de que havia uma crescente "convicção na Inglaterra de que os alemães estão construindo sua esquadra exclusivamente com a intenção de atacar a Inglaterra assim que a tiverem tornado suficientemente forte, de arruiná-la para sempre, seja impedindo o seu comércio ou mesmo com uma invasão". Naturalmente, *ele* não pensava assim, mas, como a segurança da Inglaterra dependia de sua esquadra, o Almirantado britânico haveria sempre de construir duas novas embarcações inglesas para cada uma que os alemães construíssem. Era um conselho que Bülow e Tirpitz talvez devessem ter seguido. Do séquito de Eduardo faziam parte lorde Selbourne, o primeiro lorde do Almirantado — que redigira em 1902 um documento oficial do gabinete sustentando que a marinha alemã estava sendo expandida para atacar a Marinha Real britânica —, e Luís de Battemburgo, que dirigia a inteligência naval britânica. Um mês depois da visita, Selbourne apoiou formalmente um projeto de radical modernização e ampliação da Marinha Real apresentado pelo enérgico e excêntrico almirante Jackie Fisher, cada vez mais antialemão. Desses planos constava a encomenda do Dreadnought, um novo tipo de enorme navio de guerra encouraçado destinado a tornar obsoletas todas as outras belonaves, o que desencadeou entre a Grã-Bretanha e a Alemanha uma nova onda paranoica e onerosa de rivalidade na construção naval.

Os maus eflúvios entre a Grã-Bretanha e a Rússia transformaram-se em crise a 21 de outubro de 1904, depois que a esquadra russa disparou contra uma flotilha de barcos pesqueiros de Hull, afundando dois deles e matando dois pescadores. Nicolau ordenara que a esquadra russa do Báltico desse a volta ao mundo até o Pacífico para tomar o lugar da esquadra russa do Pacífico, destruída pelos japoneses. O almirante russo no comando entrou em pânico e não parou para recolher os sobreviventes ou informar o próprio governo. Eduardo, recebendo a notícia quando acompanhava seus cavalos na corrida de Newmarket, disparou uma série de cartas indignadas para Lansdowne, exigindo satisfações: "Não aceitaremos meras desculpas. Alguma punição deve ser aplicada aos oficiais russos", escreveu. Ele enviou um telegrama a Nicolau, falando da "dolorosa impressão"[30] causada pelo fato de a esquadra não ter se detido. Os russos não mostravam qualquer arrependimento. O fato de os britânicos não permitirem que navios russos entrassem em seus portos tornava muito mais árdua a viagem da

esquadra, e São Petersburgo estava às voltas com um alerta de espionagem japonesa. Circulavam boatos de que torpedeiros japoneses estavam acompanhando a esquadra do Báltico, motivo pelo qual seus navios disparavam com tanta facilidade. "Essas suspeitas", escreveria um ministro russo anos depois, "naturalmente, existiam apenas na imaginação",[31] mas o governo não conseguia livrar-se da desconfiança de que os britânicos de alguma forma estavam se entendendo com os japoneses. Nicky insistiu com Eduardo em que os japoneses estavam "atraindo"[32] os barcos pesqueiros para camuflar seus torpedeiros. Até Lamsdorff, geralmente pragmático, dirigiu-se à embaixada britânica, acusando Hardinge de "perfídia inglesa".[33] "O homem mais polido do mundo quase chegou a se mostrar rude comigo", escreveu Hardinge. "Se eles acharam que se tratava de contratorpedeiros japoneses", disse Jorge ao pai, "posso apenas dizer que deviam estar bêbados ou então em tal estado que não têm condições de se lançar ao mar num navio de guerra".[34]

Durante cinco dias, o clima entre os dois países ficou extremamente tenso. "Os ingleses estão muito zangados e quase chegando ao ponto de fervura", disse Nicky à mãe. "Comenta-se até que estariam preparando a esquadra para entrar em ação. Ontem, enviei um telegrama ao tio Bertie manifestando meu pesar, mas não pedi desculpas — não creio que os ingleses tenham peito de ir além de algumas ameaças."[35] Lamsdorff, todavia, desculpou-se com Hardinge por ter perdido a paciência. Por irritados que estivessem, os russos não podiam se dar ao luxo de arranjar mais um inimigo. Enquanto isso, Eduardo, perplexo diante de uma violenta reação da imprensa britânica, acalmou-se. "Desaprovo enfaticamente pressões pela punição do almirante. A Rússia não aceitaria tal humilhação",[36] telegrafou ele a Lansdowne, e Nicky tinha de "enfrentar uma violenta pressão militar". Numa iniciativa para salvar a face, os russos propuseram que a questão fosse levada a arbitragem em Haia, acabando por pagar 65 mil libras de indenização.

Uma escalada fora evitada, mas Nicolau continuava furioso. "Não tenho palavras para expressar minha indignação com o comportamento da Inglaterra",[37] escreveu a Guilherme, que se havia mostrado terrivelmente solidário. A opinião pública britânica parecia sobrepujar "a atitude mais razoável do governo", escreveu Nicolau. As tentativas britânicas de impedir que a Alemanha abastecesse os navios russos de carvão eram indefensáveis.

"Certamente chegou o momento de pôr cobro nisto. A única maneira, como propõe, seria que a Alemanha, a Rússia e a França logo chegassem a um acordo para acabar com a arrogância e a insolência anglo-japonesas. Não gostaria de traçar as linhas gerais de um acordo nesse sentido e comunicá-las a mim?"

Não foi preciso repetir a proposta a Guilherme. Dois dias depois, ele enviava a Nicolau um esboço de tratado, assegurando-lhe que era absolutamente secreto — embora na verdade tivesse sido redigido por Bülow. Acrescentava que uma "fonte privada" lhe havia garantido que a flotilha pesqueira de Hull tinha efetivamente avistado navios estrangeiros, "e portanto houve má-fé". A aliança, dizia ele a Nicolau, seria "puramente defensiva, voltada exclusivamente contra um agressor ou agressores europeus (...) uma companhia de seguros mútuos contra fogo causado por incendiários".[38] A ideia central era que, se qualquer dos dois países fosse atacado por uma terceira potência europeia, o outro socorreria o aliado com todas as suas forças, embora ambos soubessem que na verdade o alvo era a Grã-Bretanha.

Mas o tratado deixava sem resposta muitas perguntas. E se a França atacasse a Alemanha ou a Áustria atacasse a Rússia? Passadas duas semanas, os dois lados hesitavam. Nicolau queria mostrar o texto aos franceses antes de assiná-lo. Guilherme respondeu que não, pois o presidente e o ministro do Exterior da França, "não sendo príncipes ou imperadores, não posso colocá-los (...) na mesma posição que o senhor, como meu igual".[39] Ele também dizia a Nicolau que estava preocupado com a eventualidade de que os britânicos vissem no tratado uma "provocação direta".[40] Os dois monarcas trocavam garantias urgentes de absoluta lealdade para com o outro,[41] e antes do Natal a ideia estava enterrada.

Um dos motivos foi que Guilherme foi tomado por uma paranoica convicção de que a Grã-Bretanha estava para atacar a Alemanha. Desde a visita de Eduardo a Kiel em 1904, os britânicos mostravam-se cada vez mais sensíveis ao crescimento da marinha alemã. Na verdade, o primeiro lorde do Mar, o emocional almirante Jackie Fisher, que assumira o posto em outubro, no dia do incidente do Dogger Bank, fizera um discurso preconizando uma "Copenhagueada", ou seja, um ataque preventivo contra a esquadra alemã. Fisher era considerado capaz mas excêntrico, e embora o governo com toda a evidência não aprovasse, a imprensa de direita gostou da ideia. Em seguida,

tendo os russos concordado com a arbitragem, os jornais britânicos de repente se voltaram contra a Alemanha, acusando seu governo de incitar os russos contra a Grã-Bretanha. E era precisamente de incitação que se tratava no caso de Guilherme. Aparentemente ele temia que o teor de suas cartas a Nicolau tivesse vazado. Em novembro, disse ao seu entourage que estava "convencido de que o objetivo da Inglaterra é provocar um grave conflito".[42] A essa altura, os oficiais de Guilherme certamente já entediam, como dissera Bülow, que os britânicos estavam "absolutamente informados de seu hábito de provocar pelas suas costas".[43]

"O imperador com frequência (...) se tem expressado sem peias, para não dizer com vulgaridade, a respeito de Suas Majestades", escreveu Zedlitz-Trützschler, "e isto naturalmente chegou aos ouvidos deles".[44] Como para confirmá-lo, Eduardo disse ao embaixador francês em meados de novembro que estava perfeitamente informado das intrigas de seu sobrinho, especialmente com a Rússia, e vinha escrevendo ao tsar para neutralizá-las.[45] A preocupação do cáiser também pode ter decorrido de suas próprias e vívidas fantasias, cheias de culpa, a respeito da Inglaterra. No início de dezembro, ele disse ao seu entourage que sonhara com a esquadra russa do Báltico chegando à Asia e atacando a Índia britânica.[46]

A outra razão para o fracasso da ideia de um tratado germano-russo foi o fato de a Rússia estar mergulhada no Natal numa crise total. O grão-duque Constantino, primo de Nicky, escreveu em seu diário que o país era como um pedaço de pano "que começa a se esgarçar e rasgar nas costuras".[47] A guerra era uma verdadeira catástrofe. Port Arthur rendera-se aos japoneses, depois de um assédio de 156 dias, a 21 de dezembro de 1904 (2 de janeiro de 1905 no calendário russo). "Um acontecimento terrível e doloroso",[48] escreveu Nicky. "(...) É a vontade de Deus!" Duas semanas depois, a guarda imperial atirou contra uma grande e pacífica manifestação de trabalhadores e suas famílias reunidos em frente ao Palácio de Inverno para apresentar um abaixo-assinado, pedindo que o tsar os ajudasse e apoiasse suas reivindicações de reconhecimento dos direitos dos trabalhadores. Foram mortas aproximadamente mil pessoas. "Um dia terrível", escreveu em seu diário Nicolau, que havia se ausentado e autorizado as tropas a atirar, mas "(...) a guarda tinha de atirar".[49] Nem mesmo o sempre diplomático Hardinge conseguiu disfarçar sua repulsa ao massacre do Palácio de Inverno. Era

"inquestionável", escreveu, que a multidão se mostrava "ao mesmo tempo pacífica e inofensiva". Ele mencionava os homens "trágicos" que haviam ficado de pé durante horas num frio enregelante com as cabeças descobertas, "temendo que o ‘Paizinho’ pudesse chegar à janela e vê-los de pé na rua com o chapéu na cabeça". Hardinge considerava que o imperador havia "perdido a oportunidade de sua vida (...) se tivesse recebido no Palácio de Inverno uma pequena comissão, prometendo dar-lhes o que lhes era sinceramente prometido em seu nome, teria conquistado eterna lealdade e admiração das classes inferiores".[50] O massacre do Palácio de Inverno foi o momento na Rússia em que a lealdade até mesmo daqueles que tinham interesse em preservar o sistema se rompeu irrecuperavelmente. Foi uma ocasião em que Eduardo não enviou mensagens de apoio. Guilherme, todavia, o fez. "Fico feliz de saber que seus soldados se mostraram dignos de confiança e fiéis ao serviço e ao juramento ao imperador."[51] Posteriormente, todavia, ele também daria a entender que Nicolau poderia ter feito diferente: devia ter se apresentado à multidão — como ele próprio, Guilherme, adorava fazer —, pois "isto teria acalmado as massas".[52]

Depois do massacre do Palácio de Inverno, Nicolau recebeu uma pequena delegação de trabalhadores cuidadosamente escolhidos, dizendo-lhes que haviam sido "enganados" pelos "traidores e inimigos do país"[53] e que precisavam ter "paciência e consideração com seus empregadores". No fim de janeiro de 1905, 400 mil trabalhadores estavam em greve nas proximidades de São Petersburgo. Em fevereiro, Sérgio, o tio de Nicolau, odiado governador-geral de Moscou, foi mandado pelos ares com uma explosão em sua carruagem. Suas botas aparentemente foram tudo que restou intacto. O país estava mergulhado numa revolução, mas "o tsar encarava o tumulto interno com indiferença; (...) ficava repetindo que ele se alastrara apenas por uma pequena parte do país e não podia ser muito grave".[54] Aparentemente, nada conseguia penetrar a carapaça de inescrutabilidade e preconceitos do imperador. "Ele dá um jeito de passar ao largo de tudo que seja desagradável",[55] suspirava, exasperado, o mais novo ministro do Interior. Hardinge ficou pasmo ao constatar que nem mesmo a terrível derrota em Mukden em fevereiro de 1905 — com 90 mil baixas — pareceu ter algum efeito sobre ele. Enquanto isso, o resto do mundo tratava de aceitar o fato de que uma grande potência estava para ser derrotada por uma potência de segunda.

O embaixador britânico disse a Eduardo que o tsar estava quase ridiculamente desligado dos acontecimentos. "Lamento muito pelo imperador e a imperatriz", escreveu ele a Knollys, o secretário do rei. "Eles vivem em Tsarskoe Selo num mundo completamente à parte, e quase poderiam ser considerados prisioneiros, pois nem mesmo ir a São Petersburgo é considerado seguro." As cercas ao redor de Tsarskoe Selo tornavam-se cada vez mais altas, até que, em julho de 1905, o arame farpado já alcançava 3 metros de altura, com reforço de grades com estacas. Parecia "uma área delimitada para animais selvagens no zoológico". "Muitas vezes me pergunto", acrescentava ele, "se o imperador se dá conta de que está sentado em cima de um vulcão. Sou informado de que ele nunca fala da guerra ou da situação interna do país se pode evitá-lo, mas que parece perfeitamente feliz, interessando-se por todo tipo de questões triviais, e que a imperatriz irradia felicidade".[56] Também se observara que a imperatriz exercia crescente influência sobre o imperador, exortando-o — com o zelo dos convertidos — a jamais ceder e dirigindo-lhe "seu terrível olhar"[57] quando achava que ele podia estar fraquejando. Quando visitantes ingleses lhe perguntavam sobre a situação da Rússia, o que acontecia com certa frequência, a imperatriz, que fora criada num dos estados mais liberais da Alemanha, dizia que os "russos analfabetos"[58] simplesmente não estavam preparados para "a liberdade de pensamento".

Por baixo de sua habitual inescrutabilidade, Nicolau sentia-se profundamente confuso e impotente. Invectivava e culpava seus ministros. "Fico doente de ler as notícias",[59] escreveu à mãe. "Greves em escolas e fábricas, policiais assassinados, cossacos, badernas. Mas os ministros, em vez de agirem com rapidez e determinação, limitam-se a se reunir em conselho como um bando de galinhas para cacarejar." Mas esse estranho desligamento dos acontecimentos exteriores a Tsarskoe Selo tinha outros motivos. A felicidade com o nascimento de seu filho Alexis dera lugar a uma forte preocupação ao se descobrir, seis semanas depois, que a criança era hemofílica: seu sangue não coagulava, ou pelo menos levava dias para fazê-lo. Pequenas pancadas e quedas provocavam horríveis inchações azuladas no corpo do menino, e dores terríveis. O gene provinha da rainha Vitória, e aparentemente o assunto não podia ser mencionado entre os membros da família real na Europa, muito embora o filho menor da rainha, Leopoldo, tivesse morrido dessa doença, assim como um dos irmãos e

um sobrinho de Alix. Como pai e marido, Nicolau mostrava-se incansavelmente amoroso, generoso, caloroso e solidário. O contraste entre suas reações sensíveis em seu pequeno mundo doméstico e a tacanha insensibilidade fora dele quase chega a ser doloroso. Tragicamente, o casal decidiu manter a doença em segredo. Os médicos eram obrigados a prestar juramento de silêncio; a criadagem do palácio não era informada do que estava errado com Alexis, e tinha de descobri-lo por si mesma. A instintiva tendência do casal imperial a manter o mundo a certa distância, associada a uma etiqueta que proibia falar da saúde da família real na corte, é que fez com que decidisse não revelar o problema. Também pode tê-los preocupado a hipótese de que, sendo conhecido o problema de Alexis, sua capacidade de subir ao trono viesse a ser contestada. Jorge e May tomaram uma decisão semelhante alguns anos depois, ao descobrir que seu filho menor, João, um ano mais jovem que Alexis, era epiléptico e provavelmente também o que hoje chamaríamos de autista. Jorge sabia que Alexis tinha uma saúde frágil, mas aparentemente jamais mencionou João em conversa com Nicolau; o menino aparentemente não estava presente quando os Romanov visitaram a ilha de Wight em 1909. Seja como for, a decisão de manter as aparências, de certa forma tão característica da realeza *fin de siècle*, pode ter privado a família imperial da solidariedade e do apoio de que poderiam desfrutar.

Só depois que a esquadra do Báltico, tendo atravessado o mundo, veio a ser aniquilada pelos japoneses em Tsushima, na maior batalha naval desde Trafalgar, é que Nicolau concordou, relutante, com uma conferência de paz. Admitir a derrota era algo que ele dificilmente suportaria. "Todos os relatos parecem convergir no sentido de que ele é favorável a dar prosseguimento à guerra a qualquer custo",[60] escreveu Hardinge. "O governo e a grande maioria da população são rigorosamente favoráveis à paz." Semanas depois, Hardinge dava conta de que as classes governantes haviam entrado em pânico com o motim no Potemkin. Elas partiam do princípio de que, enquanto se pudesse contar com o exército e a marinha, "a agitação e os distúrbios através do país não apresentavam real perigo para a dinastia".[61] Campeavam os motins, acrescentava ele. Um oficial russo amigo seu disse-lhe que os militares "já teriam se livrado do imperador há muito tempo se pelo menos houvesse um grão-duque realmente capacitado a tomar seu lugar". Apesar de ter concordado com uma conferência de paz, Nicolau ainda falava em mandar mais 200 mil homens à Manchúria, e

em agosto disse aos ministros que São Serafim lhe havia aparecido num sonho para dizer que a Rússia derrotaria o Japão e a Grã-Bretanha, afirmando-se mais forte que nunca. "Tais absurdos não merecem crédito",[62] comentava Hardinge secamente, "mas sabe-se que o imperador é místico e portanto tudo é possível".

Nicolau foi protelando, mas no outono enviou Serguei Witte à conferência de paz em Portsmouth, New Hampshire, com a intermediação do presidente Roosevelt, que se queixou o tempo todo do comportamento caótico da Rússia e de sua "falsidade literalmente impenetrável". A Rússia continuava em queda livre. Nem tudo que dera errado era culpa de Nicolau: os militares vinham sendo humilhados há décadas, a fome de sucessos imperiais como remédio para os fracassos internos estava profundamente enraizada no governo e nas classes educadas, as instituições governamentais há muito se mostravam incapazes de administrar o país, a repressão fazia as vezes de uma verdadeira capacidade de governar e um Estado dessas proporções e complexidade simplesmente não podia funcionar direito com decisões tomadas por um só homem. Mas Nicolau, o homem errado no momento errado, levando seu país a uma guerra que não podia sustentar e podia ter sido evitada, estimulando os recursos de repressão do sistema, permitindo que sua aversão pessoal às reformas se impusesse à realidade, certamente havia contribuído para mergulhar o país na crise.

Foi algo que Guilherme não quis realmente fazer que levou sua relação com Eduardo ao ponto mais fraco. A 31 de março de 1905, durante um cruzeiro pelo Mediterrâneo, o cáiser fez de improviso uma visita a Tânger, na extremidade norte do Marrocos, que a França vinha secretamente tentando transformar em protetorado seu. O plano, traçado por Bülow e Holstein, consistia em dar uma demonstração da força alemã para assustar a França no momento em que sua aliada, a Rússia, estava envolvida em graves problemas, além de humilhar a França e quem sabe obter uma ou duas concessões, criando divisão na Entente — os britânicos, segundo acreditavam, não sairiam em defesa da França, pois suas tentativas de adquirir controle por baixo do pano desrespeitavam acordos internacionais e também porque a Alemanha pareceria não estar blefando. A ideia era que se a Alemanha parecesse perigosa e ameaçadora — disposta inclusive a arriscar uma guerra —, todos haveriam de recuar. Parecia o perfeito exemplo do que Bülow pretendia fosse uma "Weltpolitik". Como tentativa de ganhar prestígio e status, não diferia muito do mergulho inicial e quase

entusiástico da Rússia na guerra com os japoneses, e, como acontecera com este conflito, o episódio teria devastadoras consequências imprevistas e de longo prazo para a Alemanha.

Mas o cáiser inicialmente se recusou a fazer a viagem. Ele não estava interessado no Marrocos e vinha brincando com a ideia de se aproximar da França para formar uma aliança europeia contra a Grã-Bretanha. Além disso, a ideia de desembarcar num lugar estranho e montar um cavalo estranho o assustava. Bülow, contudo, estava decidido, e o bombardeou com telegramas dizendo que se ele não fosse ao Marrocos seria visto como vítima das pressões francesas, ao passo que se fizesse a viagem apareceria como um herói para o povo alemão. Guilherme cedeu. No porto de Tânger, diante de uma multidão e suando abundantemente, ele desceu com dificuldade a escada do navio, trajando uniforme completo e espada e se agarrando com a única mão saudável. Para chegar lá embaixo, ele praticamente teve de ser carregado até o cais, visivelmente pálido e trêmulo. Acompanhado do cônsul da Alemanha, montou com nervosismo um grande cavalo branco até o palácio do sultão, onde fez um discurso prometendo mobilizar todo o poderio alemão para defender a independência do Marrocos. Quando o cáiser foi atingido no rosto por um buquê de flores, o animal — já agitado por causa dos tiros e rojões disparados pela multidão em delírio — quase o jogou no chão: "O cavalo chegou a um centímetro de me custar a vida", diria ele posteriormente a Bülow. Em questão de poucas horas ele estava em Gibraltar, o quartel-general da Marinha Real mediterrânea, jactando-se do incidente com Luís de Battemburgo e alegremente se responsabilizando por ele.

A visita provocou uma crise internacional, unanimemente vista como uma perigosa provocação. Lamsdorff considerou-a gratuita. Lorde Lansdowne classificou-a de "inábil".[63] Eduardo disse que se tratava do "mais perverso e desnecessário ato praticado pelo imperador alemão desde que subiu ao trono (...) não se pode confiar em qualquer das suas garantias".[64] Mas não parou por aí; ele disse a Luís de Battemburgo que a visita fora "um insulto gratuito, com um canhestro aspecto teatral que seria motivo de riso se o assunto não fosse tão sério. (...) Venho procurando me entender com ele e até o fim darei o melhor de mim oficialmente, mas confiança — nunca. Ele é profundamente falso e o *inimigo mais feroz* da Inglaterra".[65] Eduardo considerava que um ataque contra a

Entente era um ataque pessoal a ele próprio. E não serviu propriamente para ajudar o fato de ele ter descoberto recentemente que Guilherme o caluniava junto ao presidente Roosevelt,[66] ao qual os dois vinham escrevendo simultaneamente.********

A essa altura, a vertente pessoal e a política já estavam confusa e prejudicialmente imbricadas tanto para Eduardo quanto para Guilherme. Provavelmente ele não seria capaz de dizer se estava indignado porque Guilherme havia atacado a Entente ou a ele próprio. Considerava que os monarcas podiam ter um relacionamento independente das fronteiras nacionais, mas qualquer sentido de parentesco familiar com Guilherme, numa relação que outrora chegara a constituir um forte vínculo entre a Alemanha e a Grã-Bretanha, estava agora rompido. A título de reação ao gesto de Guilherme, ele também tomou uma medida de provocação e alinhamento. Viajando a Paris, enviou a Delcassé — pressionado pela esquerda francesa a renunciar, por inflamar as relações com a Alemanha — um telegrama pessoal exortando-o a permanecer no cargo. Assim que Eduardo deixou Paris, todavia, o governo alemão exigiu que Delcassé renunciasse e o governo francês aceitasse uma conferência internacional para decidir sobre a situação do Marrocos, caso contrário estaria em guerra com a Alemanha na África *e* na Europa. Delcassé renunciou a 6 de junho e o governo francês aceitou a realização de uma conferência sobre o Marrocos. O governo britânico ficou consternado, por ver nisso um gesto de fraqueza dos franceses. A intervenção dos alemães tinha funcionado magnificamente. O cáiser conferiu a Bülow o título de príncipe. Mas praticamente pôs a perder o efeito de toda a operação ao dizer posteriormente a um general francês que não tinha intenção de entrar em guerra por causa do Marrocos — um desmentido da atitude ameaçadora da Alemanha que fez Bülow morder a língua. Na verdade, o afastamento de Delcassé foi o elemento catalisador que firmou a resolução dos franceses. Em julho, a França perguntou a lorde Lansdowne se os britânicos estavam dispostos a discutir secretamente uma estratégia de cooperação militar em caso de guerra. Ele concordou. O passeio de Guilherme por Tânger gerara terríveis e perigosas tensões na Europa. A Entente, que era vista por Eduardo como um veículo para a paz na Europa, não fora capaz de neutralizá-las. O gesto do cáiser fizera com que a Entente ficasse parecendo um tratado baseado em prioridades europeias, e não coloniais. De uma hora para

outra, o foco da política internacional aparentemente deixava de lado os conflitos imperiais, retornando ao continente europeu.

Em consequência do episódio de Tânger, a relação entre o rei e o cáiser resvalou para um distanciado toma lá, dá cá. Jorge pretendia comparecer ao casamento do príncipe herdeiro alemão, mas Eduardo cancelou a visita, alegando um compromisso anterior do filho. O cáiser por sua vez não permitiu que seu filho, o príncipe herdeiro, fosse à Inglaterra para o aniversário do rei. Acusou o tio de tentar "dividir pai e filho" e de corromper a moral do seu filho: da última vez que o "Pequeno Willy" estivera com Eduardo, houvera "traquinagens inconvenientes em corredores escuros" e uma dama havia "tirado a sapatilha".[68] Aos 23 anos, Willy, decepcionado com o rigor e a distante falta de interesse do pai, estava em meio a uma dessas rebeliões filiais bem conhecidas dos Hohenzollern. Ele conseguira ao mesmo tempo identificar-se com a extrema direita que criticava o cáiser por não se mostrar suficientemente nacionalista e agressivo e indispor o pai ainda mais por seguir deliberadamente o exemplo de Eduardo, com seu estilo de playboy inglês. No casamento de Willy, Guilherme afrontou com seu desprezo sir Francis Lascelles, que ficou tão indignado que imediatamente apresentou sua renúncia. Bülow o dissuadiu. Em junho, durante a regata de Kiel, o cáiser fez comentários de mau gosto sobre a relação de Eduardo com Alice Keppel, e eles chegaram aos ouvidos do interessado.[69] Em meados de 1905, o encarregado de negócios francês em Londres informava a Paris que não restava qualquer traço da simpatia pela Alemanha que prevalecera na corte inglesa na época da rainha Vitória. Mas o que deixava preocupados diplomatas da velha geração como Lascelles, que pareciam cada vez mais destoantes no Ministério do Exterior britânico, não era a briga de família, mas o fato de refletir uma generalizada perda de confiança na Alemanha entre os políticos e diplomatas britânicos. Ela podia ser constatada em Jorge, que havia trocado uma certa antipatia por Guilherme por um desapreço pela Alemanha. "Embora aprecie muito Lascelles", escreveu ele, "receio que, para o meu gosto, tenha se tornado demasiado alemão em suas ideias".[70]

Havia na Alemanha diplomatas e funcionários mais velhos que se mostravam tão preocupados quanto Lascelles com essa mudança. Em agosto de 1905, o conde Gotz von Seckendorff, antigo membro da casa de Vicky que sempre mostrara lealdade, sentiu-se tão inquieto com o mau rumo que tomavam as

relações reais que escreveu pessoalmente a Eduardo, implorando-lhe que se encontrasse com Guilherme ao retornar de sua viagem anual de veraneio a Marienbad. Um encontro, dizia ele, "poderia gerar maravilhas".[71] Eduardo considerou a carta uma impertinência, incumbindo Knollys de redigir uma resposta terrivelmente arrogante. Ele insistia em que não havia qualquer desentendimento com Guilherme, mas se recusava a "correr atrás [dele] (...) não seria digno dele [Eduardo] desempenhar semelhante papel, e tampouco mereceria a aprovação do governo britânico ou da nação britânica".[72] Acrescentava que já não sabia se Guilherme tinha "algum afeto por ele, mas, com base em uma ou duas coisas ouvidas recentemente, diria que não". Não restava a menor dúvida de que os dois não estavam longe de se odiar. Lorde Lansdowne escreveu a Eduardo: "Ele fala e escreve sobre seu irmão real em termos de causar arrepios."[73] Quanto a Guilherme, seus comentários a respeito de Eduardo eram considerados irreproduzíveis.[74]

No dia 24 de julho de 1905, Guilherme e Nicolau se encontraram secretamente ao largo da cidade setentrional sueca de Björkö. Guilherme trazia o projeto de tratado que havia discutido com Nicolau no ano anterior, sem dizê-lo a Bülow. Nicolau por sua vez se esgueirara em seu iate da residência de verão de Peterhof, no golfo da Finlândia, sem informar seus ministros. Os dois haviam planejado tudo como crianças travessas tramando cabular aula. "Em casa, ninguém tem conhecimento",[75] escrevia Nicolau. "Estou muito contente de poder encontrá-lo." Ambos fugiam de problemas espinhosos: Nicolau enfrentava o colapso do Estado russo e adiava o fim de uma guerra que deixara o país de joelhos, e Guilherme fugia de todas as decepções e frustrações, assim como das piores greves desde 1888, de manifestações em Berlim exigindo a reforma do Landtag prussiano******** e da iminente perspectiva de que os social-democratas do Partido Socialista conquistassem a maior representação no Reichstag.

Os dois se encontraram para jantar no *Hohenzollern*. Segundo relato de Guilherme escrevendo a Bülow, eles concordaram em que Eduardo era "o maior criador de caso e o mais perigoso semeador de intrigas do mundo".[76] O tsar, dizia ele, ficara furioso com o caso do Dogger Bank, dizendo que o fato de a França não ter apoiado a Alemanha nesse incidente era uma prova de que os britânicos estavam usando a Entente para afastar a França dele.[77] Queixou-se amargamente de que o rei promovera a Entente sem nada dizer-lhe. Na opinião

de Guilherme, Bertie desenvolvera uma "paixão absoluta por fazer um ‘acordozinho’ com todos os países, em toda parte".[78] Nesse momento, segundo Guilherme, Nicolau deu um murro na mesa e disse: "Muito bem, posso apenas dizer que nunca conseguirá um de minha parte, e nunca jamais contra a Alemanha — dou minha palavra de honra." Guilherme propôs que fizessem um "acordozinho" entre eles. "Seria mesmo esplêndido", disse Nicolau, "concordo inteiramente". Guilherme então tirou o tratado do bolso. "Gostaria de assinar?", perguntou timidamente. "Sim, vou assiná-lo!", respondeu Nicolau. "Você é o único amigo da Rússia neste mundo." O ato de aposição das duas assinaturas foi testemunhado pelo mais recente ministro do Exterior de Guilherme, Heinrich von Tschirrsky, e por um dos homens de Nicolau, Birulov, que não foi autorizado a ver o que o tsar assinava. Ao depositar a pena, Guilherme disse a Bülow que "um raio de sol atravessava a janela da cabine e vinha se projetar na mesa (...) foi como se o seu avô Guilherme I e o tsar Nicolau I apertassem as mãos no Céu, contemplando com satisfação os netos".[79]

O acordo declarava que se um país fosse atacado por outra potência europeia o outro iria em sua ajuda com todas as suas forças disponíveis no continente europeu. Havia uma cláusula extra segundo a qual o governo russo mostraria o tratado aos franceses, aos quais seria facultada a adesão ao acordo. A França, segundo escrevia Guilherme a Nicky três dias depois, "deve se lembrar de que está casada com você e é obrigada a se deitar na cama com você, eventualmente dando um abraço ou um beijo em mim também, sem no entanto se esgueirar até o quarto do eterno e intriguista *touche-à-tout* [enxerido] da ilha" — ou seja, Eduardo.

Björkö foi uma fantasia de eficácia autocrática. Os dois foram atraídos pela sensação de controle se esvaindo, por frustrações e fracassos pessoais e pelo desejo de se sentirem eficientes. "O 24 de julho de 1905 é uma pedra angular da política europeia, virando uma nova página na história do mundo",[80] escreveu Guilherme, pomposo, a Nicolau. Ele voltou à Alemanha convencido de que obtivera uma grande vitória, revivificando as relações russo-alemãs, desferindo um golpe mortal contra a aliança franco-russa e livrando a Alemanha "das abomináveis tenazes da Galo-Rússia".[81] Não que ele estivesse muito certo se queria desferir outro golpe violento contra a França ou aliar-se a ela, pois ainda fantasiava sobre a formação de uma união internacional contra a Inglaterra. Com

o tempo, especulava, "até o Japão pode se sentir inclinado a aderir. (...) Isto serviria para esfriar a arrogância e a impertinência inglesas".[82] Quanto a Nicolau, perseguido pelas infindáveis provas da própria ineficácia, não é difícil entender o interesse do tratado. Ele lhe permitia sentir-se independente dos ministros em seus atos, enfrentando a burocracia com resolução imperial e fazendo algo que podia ter algum efeito. Além disso, a vida de um autocrata era solitária. Guilherme era um dos poucos que o entendia. "Você era para mim como um irmão querido", disse-lhe Guilherme posteriormente. "Sempre retribuirei seus sentimentos com o mesmo afeto e a mesma intensidade, e pode contar comigo como um amigo certo." Mas devia haver em Nicolau uma parte que sabia que a coisa não poderia funcionar. Em seu diário, ele não menciona a assinatura do tratado, e de retorno a São Petersburgo, ao mostrá-lo a Lamsdorff, parecia "muito preocupado e até embaraçado".[83]

Lamsdorff ficou horrorizado com Björkö, considerando o acerto uma grosseira tentativa de Guilherme de isolar a Rússia da França, no exato momento em que esta se mostrava mais vulnerável. Como Serguei Witte, ele era favorável a um acordo com a Alemanha, mas era evidente que a França — forçada pelas ameaças alemãs a participar de uma conferência sobre o Marrocos e ainda sentindo o cano da pistola alemã nas têmporas — jamais concordaria em assinar. Nicolau protestou sem muita convicção que havia assinado o papel e portanto ele devia valer, mas o país estava engolfado numa revolução e ele não insistiu muito.

Quando o cáiser orgulhosamente mostrou o tratado a Bülow, o chanceler ameaçou renunciar. Disse que Guilherme havia feito no texto original do tratado emendas que o tornavam imprestável. O cáiser limitara as obrigações da Alemanha a defender a Rússia frente à Europa, e não igualmente frente à Ásia. Como Bülow fizera da melhora das relações com a Rússia uma das pedras angulares de sua política, sua reação foi inesperada. Parece mais provável que o tenha feito para punir Guilherme por mais uma vez ter agido à sua revelia. Ele já estava farto de ter de administrar o cáiser, queixando-se a Tirpitz de sua "infinita vaidade",[84] de sua "excepcional falta de lógica" e de sua "incessante jactância". Além disso, Eulemburgo caíra de novo nas graças imperiais depois de vários anos de afastamento, e Bülow estava furioso com a ideia de que seu antigo chefe viesse a se tornar um rival. Guilherme ficou perplexo com a reação de Bülow e

resvalou para a histeria. "Ser tratado dessa maneira pelo melhor e mais íntimo amigo que eu tenho (...) representou para mim um golpe tão duro que eu simplesmente caí das nuvens!" Escreveu então a Bülow, implorando que não o deixasse na mão. "A uma coisa assim eu não sobreviveria. (...) Na manhã seguinte a seu pedido de renúncia, o cáiser não estaria mais vivo. (...) Pense na minha pobre mulher e nos meus filhos."[85] Bülow cedeu, concordando com a ratificação do tratado. Mas, quando os russos disseram que o tratado não poderia ser ratificado, o Ministério do Exterior alemão não levou a questão adiante, e como Guilherme insistisse junto a Nicolau, quase queixoso, em que o tratado devia prevalecer — "Nós demos as mãos e assinamos *diante de Deus*, que ouviu nossas promessas!"[86] —, Nicolau respondeu que ele só poderia entrar em vigor se a França o assinasse. Em questão de poucos meses, as respostas de Nicolau às cartas de Guilherme demoravam cada vez mais a chegar e Guilherme já estava insultando abertamente o primo.

Em outubro de 1905, não restava a menor dúvida de que a guerra com o Japão fora um desastre sem equivalente para a Rússia. Ela levara a derrota, dívidas, humilhação e já agora uma revolução total. Os trens pararam, as fábricas deixaram de produzir, revoltas explodiam por toda parte. Terríveis pogroms ocorriam na Ucrânia e na Rússia Branca. "Na Inglaterra, naturalmente",[87] escrevia Nicolau cheio de ressentimento, "a imprensa afirma que essas desordens foram organizadas pela polícia; eles continuam repetindo essa desgastada invenção". O governo perdia o controle da situação. Foi Serguei Witte, retornando triunfalmente da conferência de paz de Portsmouth, onde obtivera termos extraordinariamente bons para a Rússia, que redigiu o Manifesto de Outubro. Ele prometia liberdades civis — liberdade de religião, de expressão, de reunião e associação — e também uma assembleia eleita, incumbida de autorizar a entrada em vigor das leis, e o sufrágio masculino universal, embora tudo isto estivesse sujeito ao veto do tsar. Nicky hesitou em assiná-lo; queria que o primo, o grão-duque Nicolau, chefiasse o exército, para esmagar a rebelião à força, mas ele se recusou. "Ou você o assina ou eu me mato com um tiro",[88] teria dito o grão-duque. "Só havia duas possibilidades", escreveu o tsar à mãe, justificando-se.

Encontrar um soldado enérgico e esmagar a rebelião pela pura e simples força (...) isto significaria

rios de sangue, e no fim das contas estaríamos de volta ao ponto de partida. (...) A outra saída seria conceder ao povo seus direitos civis, liberdade de expressão e de imprensa e também fazer com que as leis fossem promulgadas pela Duma de Estado — o que naturalmente significaria uma constituição. É o que Witte defende com toda a energia.

De todos os recantos da Rússia eles clamavam por isto, implorando, e ao meu redor muitas pessoas — muitas mesmo — sustentavam o mesmo ponto de vista. (...) Não havia outra saída senão fazer o sinal da cruz e conceder o que todo mundo estava pedindo. Meu único consolo é que será esta a vontade de Deus, e essa grave decisão permitirá a minha amada Rússia sair do intolerável caos em que mergulhou há quase um ano.89

Para Nicolau, o manifesto, que assinou a 30 de outubro (17 de outubro no calendário juliano), significava um completo fracasso e o abandono de um sagrado direito hereditário de seiscentos anos.

********* Só as grandes potências eram consideradas suficientemente importantes para merecer "embaixadores"; os países menores se contentavam mesmo com "ministros".

********* A situação só foi resolvida quando os americanos e os alemães começaram a se queixar de que a definição russa de contrabando — que redundava em praticamente tudo que pudesse ser posto num barco — era por demais elástica e eles também queriam seus navios de volta.

********* Roosevelt, que entendeu perfeitamente o caso de Guilherme apesar de nunca tê-lo encontrado, disse ao diplomata britânico Cecil Spring-Rice, seu amigo: "É mesmo um pesadelo delirante achar que pode me usar em detrimento de qualquer outro país."67

********* A câmara de representantes prussiana, que ainda tinha direitos limitados, reservando um número de assentos igual para a aristocracia junker e para as camadas inferiores.

12. Mudanças no continente (1906-8)

O problema com programas agressivos de expansão imperial em lugares distantes é que, quando dão errado, as consequências são sentidas muito mais perto de casa. A Rússia já experimentara os amargos resultados de uma aventura imperial malsucedida; agora chegava a vez da Alemanha. No início de 1906, as grandes potências se reuniram na cidade espanhola de Algeciras para resolver numa conferência a situação de Marrocos e das tentativas sub-reptícias da França de transformá-lo num protetorado francês. A conferência ocorreu porque a visita de Guilherme a Tânger e as subsequentes ameaças alemãs haviam chantageado a França no sentido de aceitá-la — o que não era um começo propriamente auspicioso para uma reunião dessa natureza. E assim foi efetivamente: para a Alemanha, o que começara parecendo um golpe de mestre, para denunciar as ambições imperiais da França, derrotá-las e ao mesmo tempo mostrar a própria força militar, acabaria na maior reviravolta diplomática desde a unificação. Na segunda semana da conferência, a Alemanha já alienara quase todos os outros delegados, dando a impressão de estar muito satisfeita por poder manter a Europa refém de suas ameaças de guerra, parecendo declaradamente oportunista, agindo com rispidez e incoerência e rejeitando as propostas dos demais. "O comportamento da Alemanha", escreveria o chefe da delegação americana ao presidente Roosevelt, foi "mesquinho e indigno de uma grande potência".[1] Os britânicos, que os alemães esperavam indispor com a França, haviam se aliado aos franceses desde o início, convencidos de que a coisa toda não passava de uma conspiração para acabar com a Entente Cordiale.

A linha de conduta da delegação alemã em Algeciras — ou sua inexistência — era um exemplo da confusão que parecia reinar nas mais altas esferas do governo alemão. Não estava claro o que eles queriam. Uma guerra? Humilhar a França? Livre comércio? Ou um papel na administração do Marrocos? O Ministério do Exterior britânico não entendia nada. O ministro do Exterior alemão, Oswald von Richthofen, morrera de sobrecarga de trabalho no ano anterior. Seu substituto, Tschirrsky, um favorito de Guilherme, não estava à altura e era odiado por Bülow. Holstein estava cansado, frustrado e farto da vaidade de Guilherme e de Bülow — o chanceler parecia fundamentar suas

decisões na cobertura de sua ação pessoal que aparecia na imprensa europeia. Ninguém estava satisfeito com a volta de Eulemburgo e o fato de aparentemente estar de novo aconselhando Guilherme. O único consenso era que um comportamento de intermediação representaria um sinal de fraqueza.[2] A posição da Alemanha levou o novo governo liberal britânico, que obtivera vitória arrasadora nas eleições de janeiro, a se jogar direto nos braços da França. Na verdade, o novo secretário do Exterior, sir Edward Grey, imediatamente convocou Metternich, o embaixador alemão, para dizer-lhe que na eventualidade — Deus nos livre — de a Alemanha entrar em guerra com a França, a Grã-Bretanha acharia muito difícil manter-se ao largo sem nada fazer. A agressão alemã liberava os italianos, aliados da Alemanha na Tríplice Aliança, a passarem para o outro lado. Ela acabaria forçando também os russos a aderir ao campo francês. Em Algeciras, os russos haviam se mostrado desesperados por não tomar partido, pois a Rússia ainda estava tentando esmagar a revolução interna e precisava manter-se em bons termos com todo mundo. Mas também precisava de um empréstimo, que os franceses habilmente se recusaram a fechar até o fim da conferência. Em fevereiro de 1906, quando os russos pediram aos alemães que estudassem a possibilidade de ceder um pouco, para que os entendimentos chegassem a bom termo, Bülow reagiu furiosamente, dizendo ao embaixador russo que, depois de se ter forçado a França a sentar à mesa, não poderia haver concessões. Era "uma questão de honra para nós e especialmente para o cáiser";[3] os russos deviam, isto sim, pressionar os franceses. Mas o fato é que ele poderia ter conquistado o apoio de que a Alemanha tanto precisava com um pouco mais de tato e uma oferta de empréstimo alemão. Como a conferência começasse a se estender pelo mês de abril, Serguei Witte e Vladimir Lamsdorff chegaram à conclusão de que deviam apoiar a França simplesmente para que ela chegasse ao fim. Isolada, exceto pelo apoio da Áustria e do Marrocos, a Alemanha finalmente teve de concordar com uma solução para salvar a face, praticamente transformando o Marrocos num protetorado francês, mas garantindo aos alemães livre comércio e investimentos.

Algeciras foi um total desastre para os alemães: representava uma humilhação pública e contribuiu incomensuravelmente para a coesão da Entente. Tschirrsky queixou-se de que toda a Europa se havia voltado contra eles. O país estava indignado e decepcionado. A imprensa responsabilizou Bülow e Guilherme.

Setores consideráveis do estado-maior alemão achavam que fora malbaratada uma oportunidade de entrar em guerra com a França para "resolver" a coisa de uma vez por todas ou pelo menos não perder a face, e que isto acontecera porque Guilherme e Bülow não haviam pensado nas consequências lógicas de seus atos. Eulemburgo disse a Guilherme que devia demitir Bülow pela má condução do caso, insinuando que Bülow o fizera para forçar Guilherme a fazer o que ele queria. Muito convenientemente, Bülow sofreu um dramático colapso no Reichstag quando fazia um discurso no qual alegava que a Alemanha estava tão satisfeita com o resultado quanto a França — palavras recebidas com vaias de escárnio. Ele se manteve afastado da política até o mês de outubro, mas não sem antes fazer de Holstein — que no fim da conferência exigira que fossem mandadas tropas para a França — o bode expiatório oficial, forçando-o a renunciar. Desconhecendo o que realmente se passara, Holstein culpou Eulemburgo por sua derrota.

De sua habitual perspectiva, Guilherme disse que fora traído por toda a Europa — especialmente os monarcas, não obstante "suas tentativas de conquistar seus favores" — e que era "imperdoável" que a Rússia se tivesse alinhado "precipitadamente com as potências hostis à Alemanha". Mas acima de tudo ele estava convencido de que o resultado comprovava as "maquinações"[4] do tio contra ele.

Durante a conferência, Eduardo escrevera a Guilherme para cumprimentá-lo, ao completar 42 anos de idade. "Nós somos — meu caro Guilherme — tão velhos amigos e parentes tão próximos que estou certo de que os sentimentos de afeto que sempre existiram podem prosseguir inalterados, e esteja certo de que este país jamais teve sentimentos agressivos em relação ao seu e de que as vãs intrigas e as fofocas absurdas a esse respeito partem de pessoas mal-intencionadas e jamais devem ser ouvidas."[5] Guilherme respondeu: "A carta toda estava envolta em tal atmosfera de bondade e calorosa e solidária amizade que representa o mais caro presente entre aqueles que recebi (...) meu mais sério compromisso e desejo é permanecer em paz com *todos os países*, especialmente meus vizinhos!"[6] Autênticos paradigmas de insinceridade, as duas cartas serviam apenas para demonstrar o quanto os dois se detestavam e o pouco que tinham a dizer um ao outro.

Quando Afonso XIII, o rei da Espanha, anunciou que se casaria em março

com uma princesa britânica, Guilherme concluiu que Eduardo havia manipulado o monarca espanhol no sentido de apoiar os franceses na conferência (ele próprio vinha tentando convencer Afonso a se casar com uma princesa alemã, por motivos semelhantes). "Os desprezíveis e degenerados povos latinos se transformaram em instrumentos nas mãos da Inglaterra, para combater o comércio alemão no Mediterrâneo."[7] Quando Eduardo foi a Roma em seu anual cruzeiro mediterrâneo, Guilherme, num crescente estado de quase histeria, disse a seu séquito que o tio continuava "se movimentando contra ele. (...) Toda a imprensa internacional, inclusive a norte-americana, já fora mobilizada contra ele pelo dinheiro inglês, e era extraordinário o quanto de animosidade pessoal era revelado pela atitude de seu tio".[8] E acrescentava: "Ele é um Satã; mal daria para acreditar o Satã que ele é." Mas havia um motivo justificado para essa ansiedade com os planos britânicos: em fevereiro, a Grã-Bretanha havia lançado o Dreadnought, uma nova geração de navios de guerra — enormes, blindados e transportando canhões de grande porte — que imediatamente ameaçava tornar obsoleto tudo que viera antes.

Até a equipe de Guilherme considerou Algeciras uma vitória para Eduardo, muito embora ele não tivesse desempenhado papel algum na conferência. O rei tinha "um conhecimento claro e prático dos homens e dos fatos",[9] escreveria em seu diário o inspetor da casa real de Guilherme, Robert zu Zedlitz-Trützschler. "O imperador, por outro lado, manteve-se totalmente alheio às realidades da vida, e o valor da pureza e da virtude de sua vida privada vem a ser neutralizado na verdade pela sua hipocrisia e farisaica falsidade."

Depois de Algeciras, o governo alemão parecia dividir-se em duas direções: de um lado estavam os que reconheciam que as ameaças militares não tinham funcionado e que era preciso fazer algo para desarmar as tensões geradas pela conferência; de outro, o sentimento de que a Alemanha não se mostrara suficientemente dura e de que o governo havia recuado de maneira pusilânime frente à consequência lógica de sua política: a guerra com a França. Tschirrsky, Metternich, o ponderado e franco embaixador em Londres, e Eulemburgo estavam no primeiro campo; no segundo encontravam-se muitos da classe militar alemã. Depois de 15 anos sob a chefia do general Alfred von Schliefen, o alto-comando do exército era formado por uma pequena elite junker obcecada com os próprios privilégios e superioridade, temendo e se defendendo de uma

impregnação pelas classes médias, radicalmente oposta ao socialismo, por ela considerado uma degenerescência, saturada das ideias do historiador nacionalista Treitschke — que via a Europa como um campo de batalha hobbesiano onde o poder era tudo e os eslavos, o inimigo — e militando em favor de uma guerra como elemento capaz de purificar a Alemanha por dentro e por fora. Guilherme acabara de substituir o já idoso Schlieffen — a nomeação era da sua exclusiva alçada — por Helmuth von Moltke, sobrinho daquele mesmo Moltke que comandara as vitórias prussianas da década de 1860. No exército, Moltke era considerado uma escolha polêmica: insuficientemente duro e um pouco artístico demais — ele tocava violoncelo, gostava de pintar e lia Goethe. Sob outros aspectos, era um perfeito produto do mundo solipsista do estado-maior alemão; diferia apenas pelo fato de não desejar uma guerra europeia, que no entanto considerava inevitável. Dissera a Guilherme que ela seria horrivelmente apocalíptica e que até o vitorioso sairia completamente exaurido. Mas considerava que quanto mais cedo ocorresse, melhor, e que a Alemanha provavelmente teria de atacar primeiro. O cáiser respondera que concordava plenamente. É difícil deixar de achar que ele considerava o sombrio fatalismo de Moltke revigorante; e também o fazia sentir-se sério e fatalista.

Mas apesar da violenta retórica, Guilherme, como a maior parte de seus concidadãos, inclusive no governo e na imprensa, estava na realidade apanhado entre os que queriam promover negociações e os favoráveis à guerra: furiosamente decepcionados, oscilando entre o desejo de melhores relações com o resto da Europa e a persistente sensação de que, se tivessem arriscado um pouquinho mais, teriam obtido o que queriam. "Bem lá no fundo do coração, é verdade que o imperador não quer a guerra",[10] escreveu Zedlitz-Trützschler, quase o lamentando, "pois sabe perfeitamente bem que a crise seria maravilhosa, mas ele sempre quer alcançar grandes objetivos com o mínimo trabalho possível, conquistando louros sem correr riscos (...) ele nunca aprende; engana a si mesmo e é enganado pelos outros".

Ao longo do verão de 1906, a linguagem da moderação voltou gradualmente às relações exteriores. O novo secretário do Exterior britânico, sir Edward Grey, garantiu a Metternich que não queria um conflito com a Alemanha, e fez-se uma tentativa de consertar a relação entre Eduardo e Guilherme, que se reconhecia publicamente ter se tornado tão ruim que, em agosto de 1906, foi publicada na

revista alemã *Lustige Blätter* uma caricatura mostrando Eduardo a examinar com atenção um mapa da Europa na tentativa de encontrar um caminho que o levasse a Marienbad sem ter de se encontrar com Guilherme, indo afinal parar em Berlim. "Tenho certeza de que não o encontrarei lá." Organizou-se então um breve encontro dos dois em meados de agosto na estação termal alemã de Homburg, quando Eduardo estivesse a caminho de Marienbad.

Nenhum dos dois estava ansioso pelo encontro. "Os encontros com Eduardo não têm realmente grande valor, pois ele é invejoso",[11] anotaria Guilherme. Eduardo queixou-se de que Guilherme inevitavelmente haveria de jogar em cima dele alguma terrível surpresa. O cáiser passou a maior parte do tempo provocando Lascelles e achando graça da mais recente conferência de paz de Haia. Disse que não tinha "a menor intenção de diminuir o arsenal da Alemanha de qualquer maneira que fosse, e de que estava absolutamente convencido de que se o fizesse haveria uma guerra com alguma potência europeia". Depois do almoço, levou Eduardo de carro para mostrar sua mais recente paixão, um forte romano que havia "escavado" e reconstruído em Saalberg. Possivelmente porque Eduardo a essa altura já não conseguia abordar com Guilherme "temas difíceis", como os políticos, a visita foi considerada um sucesso. Mas Fritz Ponsonby considerou que "o céu estava carregado de trovões".[12] (No verão seguinte, em 1907, o cáiser mobilizou 50 mil soldados e providenciou um desfile de três horas, o que deixou Eduardo furioso à espera do almoço. Mais uma vez, os dois evitaram cuidadosamente qualquer referência a questões políticas.) Uma breve visita não seria capaz de desalojar a crescente convicção, na Alemanha, de que Eduardo constituía a ponta de lança de uma política externa britânica empenhada em isolar a Alemanha, numa revivescência do antigo medo da vulnerabilidade bem no meio da planície europeia central. Já agora, cada visita de Eduardo ao continente gerava notícias na imprensa alemã de que ele estava negociando um novo pacto secreto. Na primavera de 1907, quando ele se encontrou em Roma com o rei da Itália, o *Neue Freie Presse* escreveu:

> Quem poderia escapar à impressão de que está em curso um duelo diplomático entre a Inglaterra e a Alemanha, diante dos olhos de todo o mundo? O rei da Inglaterra, todavia, está levando muito a sério o duelo e já não tem medo de parecer estar jogando toda a influência de sua personalidade na balança sempre que se trata de frustrar os objetivos da política alemã (...) por toda parte, as pessoas já se perguntam, preocupadas: O que significa essa constante atividade política, levada a efeito com evidente imprudência, com o objetivo de encerrar a Alemanha num círculo estreito?[13]

Outro jornal alemão referiu-se a Eduardo como um "Napoleão do século XIX", trocando as armas pela diplomacia para subjugar a Alemanha. Quando ele foi ao encontro de Francisco José depois da visita alemã de 1907, a corte de Berlim estava cheia de boatos de que ele tentava agora distanciar a Áustria da Alemanha.

Eduardo raras vezes estava de fato fazendo política, mas em certas ocasiões realmente induzia à confusão. Imediatamente depois de se encontrar com Guilherme em 1907, ele foi visto em Marienbad com o primeiro-ministro francês, Georges Clemenceau, e logo em seguida com o ministro do Exterior russo. Além disso, o rei havia publicamente se associado a personalidades britânicas declaradamente antigermânicas, como o almirante Jackie Fisher, que tinha o mau hábito de propor ataques preventivos contra a marinha alemã; sir Charles Hardinge; e lorde Esher, que participou do Comitê de Defesa Imperial, a instituição incumbida de estabelecer a estratégia militar do país. Depois de Algeciras, Esher anotava em seu diário: "*L'Allemagne, c'est l'Ennemie*[14] [A Alemanha é o inimigo], e não resta a menor dúvida a este respeito. Eles pretendem dispor de uma esquadra poderosa e nos derrotar no terreno comercial em menos de dez anos." Esses homens não encaravam a guerra com o entusiasmo de certos membros do estado-maior alemão, mas de fato consideravam a Alemanha uma ameaça a ser enfrentada com energia.

Sir Edward Grey nada fez para neutralizar a impressão causada pela influência de Eduardo ou de que a Grã-Bretanha se mostrava cada vez mais desconfiada da Alemanha. Aristocrata de 44 anos, tímido, ascético e trabalhador originário de Northumberland, cujas maiores paixões eram a ornitologia e a pesca, ele detestava ainda mais que Lansdowne viajar ao exterior e não falava nenhuma língua estrangeira. Ficava satisfeito por se incumbir o próprio rei das visitas enquanto ele mourejava em meio a montanhas de documentos no Ministério do Exterior, pois em última análise não acreditava que as viagens fossem realmente importantes. "A Alemanha", escreveu, depois de Algeciras, "é nosso pior inimigo e nosso maior perigo. (...) A maioria [dos alemães] nos detesta tão intensamente que a amizade do seu imperador ou da corte não pode realmente nos ser útil". Sob certos aspectos, ele estava certo — Eduardo não determinava as políticas oficiais e a antipatia dos alemães em relação à Grã-Bretanha se havia espraiado muito além da corte —, mas as viagens do rei

efetivamente contribuíam para concentrar e focalizar melhor as preocupações alemãs em relação à Grã-Bretanha. Grey, enquanto isso, encarara Algeciras como uma deliberada tentativa dos alemães de sabotar a Entente, e não confiava na Alemanha. Ainda jovem ministro no início da década de 1890, ele tivera contato direto com as tentativas do Ministério do Exterior alemão de se valer de ameaças para conseguir o que queria. Sua equipe concordava com ele. Em 1907, Eyre Crowe, especialista em Alemanha no Ministério do Exterior, redigiu um relatório concluindo que esse país estava "conscientemente objetivando o estabelecimento de uma hegemonia alemã na Europa, primeiro, e eventualmente em todo o mundo".[15] Durante a conferência de Algeciras, Grey tomara a importante decisão de concordar com negociações secretas entre os militares franceses e britânicos a respeito da maneira como o exército britânico poderia ajudar se a França fosse atacada pela Alemanha. Foram informados apenas o primeiro-ministro liberal, Henry Campbell-Bannerman, um outro ministro e o rei. Grey impôs a condição de que a Grã-Bretanha não interviria automaticamente se a Alemanha atacasse a França, pois considerava que isto poderia estimular os franceses a instigar um conflito. Eduardo não gostou de manter segredo; Campbell-Bannerman se preocupava com a eventualidade de que o simples fato de promover negociações gerasse um entendimento de que haveria uma obrigação em relação à França — como de fato sucedeu. Era uma questão que Grey teria de enfrentar pelo resto da vida. "Com mais experiência", reconheceria ele anos depois, "eu talvez tivesse compartilhado essa preocupação".[16]

Já bem entrado o ano de 1906, o governo russo ainda lutava por esmagar a revolução. E o fazia, segundo diria o diplomata britânico Cecil Spring-Rice ao rei Eduardo, recorrendo "aos mais violentos e inescrupulosos métodos",[17] entre eles o estímulo para que grupos de extrema direita atacassem revolucionários esquerdistas e a exploração do antissemitismo como meio de arregimentação de "russos patrióticos": ocorreram 690 pogroms nas duas semanas posteriores ao anúncio do Manifesto de Outubro.[18] O pior deles, em Odessa, foi insuflado por panfletos financiados pelo governo e impressos pela polícia local. Nicolau, racionalizando os pogroms com um misto de ingenuidade e cegueira voluntária, disse à mãe que resultavam de "toda uma massa de pessoas leais que de repente fazem sentir sua presença (...) nove décimos dos desordeiros são judeus, e toda a

raiva da população voltou-se contra eles. Foi assim que sucederam os pogroms. É incrível que tenham ocorrido simultaneamente em todas as cidades da Rússia e da Sibéria".[19]

À medida que o governo restabelecia o controle, Nicolau passou a esperar que a Rússia voltasse ao que era antes. Mas não estava entendendo nada do que acontecia. A revolução havia liberado um anseio de democracia e representatividade que não podia ser negado. Mas o tsar recusava-se a ver o entusiasmo e a intensa expectativa política de seus súditos cujos direitos acabavam de ser reconhecidos. De tal maneira ele se havia recolhido ao casulo de Tsarskoe Selo que tinha agora menos ideia ainda do que acontecia do que antes da revolução. A casa real e seu entourage — o enclave mais conservador do país — revelavam-se absolutamente incapazes de lhe dar uma ideia da hostilidade ao regime, que tão extraordinariamente se disseminara em todas as classes e regiões. E o isolamento servia apenas para intensificar sua tendência a rechaçar qualquer um que lhe trouxesse notícias que não queria ouvir ou tentasse pressioná-lo a fazer coisas que não queria fazer. Nicolau disse à mãe que ele e Alix eram "praticamente prisioneiros"[20] na propriedade, mas em abril de 1906 Cecil Spring-Rice, encarregado de negócios na embaixada britânica e um dos mais atilados observadores britânicos, escreveu: "O imperador está perfeitamente feliz em Tsarskoe, onde leva a vida que melhor lhe convém, brincando com os filhos e vendo apenas aqueles que deseja encontrar."[21] E no início de 1907, o embaixador britânico observaria: "Os contatos pessoais com a corte são extremamente raros, provavelmente muito mais esporádicos do que em qualquer outro país."[22] Depois de um ano e meio na função, ele encontrara o tsar apenas três vezes. Enquanto a imprensa russa, agora desfrutando de uma nova liberdade, estava cheia de informações sobre motins navais, batalhas de rua entre a polícia e a multidão, execuções em massa e gigantescas manifestações, o diário do tsar tratava do clima, de suas caminhadas, de revistas de tropas e jantares em família.

Nas semanas que se seguiram ao Manifesto de Outubro, como as revoltas não cessassem, a lição tirada por Nicolau foi de que a iniciativa não fizera a menor diferença; ele desconfiava de que a autocracia não estivera realmente ameaçada e de que não devia tê-lo assinado. Começou a se ressentir de Serguei Witte por lhe ter imposto a constituição. Voltou a se afirmar o velho excesso de zelo pelos

próprios poderes e prerrogativas. Era fácil criticar Witte, indivíduo difícil, ríspido, que fazia inimigos com facilidade e nem de longe podia ser considerado sempre bem-sucedido. "Nunca vi um sujeito tão camaleônico",[23] escreveu Nicolau em janeiro de 1906. "É este, naturalmente, o motivo pelo qual ninguém mais acredita nele. Está absolutamente desacreditado com todo mundo, exceto talvez os judeus no exterior." Quando Witte retornou triunfalmente de Algeciras em abril de 1906, depois de negociar um grande empréstimo francês — o maior da história da Rússia — para manter o governo em funcionamento, Nicolau o demitiu. Lamsdorff renunciou dias depois, cansado e temendo a nova constituição. Morreria no ano seguinte.

Alix tampouco sentia muita falta do mundo lá fora. Era ela que erguia as muralhas do casulo da família, passando dias inteiros na sala de estar roxa, com as paredes cobertas de ícones e fotografias da família, cercada dos filhos e das poucas pessoas que considerava aliadas. O nascimento de Alexis a havia envelhecido e sua saúde parecia cada vez mais frágil. Ela estava constantemente exausta, queixava-se de falta de fôlego e seus lábios ficavam azuis com alarmante rapidez, mas ninguém conseguia diagnosticar o que acontecia. O médico da família imperial, Botkin, aparentemente considerava que eram sintomas psicossomáticos, referindo-se a eles como "histeria progressiva".[24] A participação da imperatriz na vida pública reduziu-se a praticamente zero, e, quando ela de fato aparecia, ficava sempre evidente que se sentia extremamente desconfortável, fosse mental ou fisicamente. Em 1906, os vínculos formais com São Petersburgo e a sociedade em geral tinham decididamente definhado. A temporada de inverno, com suas recepções e os bailes imperiais, fora cancelada em 1904 por causa da guerra, e o casal real não via motivos para restabelecê-la. Olga, a irmã de Nicolau, preocupava-se com o mal-estar que seu afastamento causava na capital. Mas Nicky e Alix pareciam igualmente decididos a afastar a família. Minny queixava-se de que Alix cada vez menos se interessava em vê-la, e Nicolau praticamente já não a ouvia. Xênia, a outra irmã de Nicolau, que se considerava uma leal defensora de Alix, ficou profundamente abalada quando a imperatriz deu a entender que ela e Sandro tinham fugido do país durante a revolução — eles estavam na França. "Só aqueles que lá se encontravam sabem o que de fato foi", disse a imperatriz intencionalmente. "Fiquei calada e minha cabeça começou a doer",[25] escreveu Xênia. Quando Miguel, o irmão de Nicolau,

se apaixonou por uma plebeia, o tsar mandou prendê-la quando tentava deixar o país, para impedir que os dois se casassem. E mandou para o exílio dois primos em primeiro grau por terem contratado casamentos que considerava inadequados.

A família não aceitava o intenso interesse de Alix por curandeiros e milagreiros. Como tantos outros centros sofisticados da Europa, São Petersburgo estava mergulhada na moda dos carismáticos, do misticismo e do ocultismo. Cada vez mais apaixonadamente envolvida no misticismo da Igreja Russa, Alix mostrava-se extremamente suscetível. Em 1900, desesperada por um filho, ela fora apresentada a um autoproclamado curandeiro conhecido como M. Philippe, que lhe prometeu um herdeiro. Durante algum tempo, para contrariedade de Minny, ele estava sempre presente, até que, em 1902, Alix não conseguiu ter o seu filho, e ele caiu em desgraça. "É Alicky que está sob a influência desse sujeito horrível, e não Nicky", informava May a Jorge.[26] "Tia Minny está desesperada." Mais preocupante ainda, no entanto, seria sua substituição, em 1905, por Grigori Rasputin.

Rasputin era um autoproclamado "starets" (homem santo e curandeiro), um camponês da Sibéria que havia causado sensação em São Petersburgo. Famoso por seus olhos azul-claros supostamente hipnóticos, ele se dizia um pecador reformado — o nome "Rasputin" significa "degenerado" — tocado pela graça de Deus e capaz de operar milagres. O segredo da relação íntima de Rasputin com a família imperial estava no fato de aparentemente conseguir aliviar a hemofilia de Alexis. É provável que mediante algum tipo de leve hipnose ele acalmasse e tranquilizasse o tsarévitch. Mas o que quer que fizesse, em várias oportunidades sua simples proximidade de Alexis parecia suscitar recuperações milagrosas: as dolorosas inchações cediam, o sangramento interno cessava. Ele conquistou ainda mais a confiança do casal imperial ao se apresentar como a encarnação do ideal que eles tinham de um camponês simples, efusivo, piedoso e terra a terra. Nicolau dizia que Rasputin o fazia sentir-se em paz. Alix o chamava de "nosso amigo", concluindo que havia sido enviado por Deus para ajudá-los. Nenhum dos dois, no entanto, se dispunha a explicar a quem quer que fosse, além de um círculo muito estreito, por que motivos Rasputin era tão importante para eles: fazê-lo seria revelar a verdade sobre a hemofilia de Alexis.

Longe da família imperial, Rasputin era outra pessoa: manipulador, grosseiro,

intimidador, cercado de todo um séquito de clientes e seguidores. Os relatos sobre encontros com ele transmitem a imagem de um homem agressivamente insinuante, iludindo suas vítimas com um bombardeio de perguntas sobre questões íntimas. Seu prestígio junto à família imperial fazia com que todos se sentissem na obrigação de ouvi-lo. Naquele momento, todavia, sua reputação limitava-se à família real e criadagem.

Quando Nicolau e sua corte se reuniram pela primeira vez com os integrantes da primeira assembleia eleita da Rússia, a Duma, a 27 de abril pelo calendário russo, no Salão de São Jorge do Palácio de Inverno, encararam o momento como uma terrível derrota, uma oposição que precisava ser detida. Para Nicolau, seus membros refletiam sua própria e ignóbil incapacidade de defender trezentos anos de uma tradição sagrada. O chefe da casa imperial, o conde Fredericks, declarou: "Eles davam a impressão de um bando de criminosos que apenas esperam um sinal para se lançar sobre os ministros e cortar-lhes a garganta. Que rostos perversos! Jamais voltarei a me aproximar dessas pessoas."[27] Xênia referiu-se a "seus rostos repugnantes e suas expressões insolentes".[28] Na verdade, embora houvesse certos radicais mais furiosos, muitos dos membros recém-eleitos faziam parte do establishment tradicional, sem a menor vontade de derrubar a monarquia. O pai de Vladimir Nabokov, por exemplo, era um proprietário fundiário cuja família estava há séculos a serviço dos tsares.******** Ele considerava já a essa altura que o governo havia aberto mão cinicamente de suas responsabilidades. O que mais chocou o contingente real foi a ausência de deferência servil da parte dos membros da Duma. "Eles nos olhavam", diria a mãe de Nicolau, "como se fôssemos seus inimigos, e eu não conseguia parar de olhar certos rostos, de tal maneira pareciam refletir um ódio incompreensível por todos nós".[29] Meses depois, Sandro, o marido de Xênia, teve a mesma reação de incompreensão ao ser feito refém por breve período por "seus próprios" marinheiros durante um motim. Ele achava que era amado por eles. "Sentia-me tão orgulhoso de ser considerado seu amigo e confidente. Um refém! Achei que ia desmaiar!"[31]

Essa desilusão das expectativas de deferência, lealdade e amor da parte das classes inferiores de modo algum se limitava à Rússia. A democracia dera grandes passos em toda a Europa, e as elites aristocráticas davam-se conta com relutância da perda de sua autoridade e ao mesmo tempo do fato de que não

eram vistas com irrestrita admiração pelas camadas inferiores. A mesma perplexa surpresa (para não dizer irritante ingenuidade) seria encontrada na reação de George Wyndham, secretário-executivo da Irlanda no governo conservador britânico de 1902-6, além de membro do aristocrático grupo intelectual e político chamado "as Almas", ao perder seu assento na fragorosa derrota dos conservadores na eleição de janeiro de 1906. Ele achava até então que venceria "porque os trabalhadores me amam, simplesmente porque gostávamos uns dos outros e amamos as tradições do passado e a glória do futuro".[32]

Na Grã-Bretanha, a eleição geral de 1906 desferiu um golpe mortal contra tais presunções. Arthur Balfour, alma companheira de Wyndham, referiu-se à eleição, de maneira algo melodramática mas não destituída de verdade, como parte da mesma convulsão que havia gerado "os massacres de São Petersburgo, as revoltas em Viena e as manifestações socialistas em Berlim".[33] Depois de 12 anos no governo, os conservadores estavam exauridos como força política. Talvez fosse surpreendente que um partido tão escorado em privilégios tivesse durado tanto tempo, muito embora, como puderam constatar muitos governos desde então, seja possível fazer os eleitores votarem contra seus próprios interesses econômicos se lhes for apresentado um projeto suficientemente forte: religião, um ódio muito grande, uma aspiração coletiva (ainda que irrealista). Os tóris tinham permanecido no poder, com certa dose de perspicaz paternalismo aristocrático, porque o país se tornara mais rico e também porque haviam sido capazes de mantê-lo empolgado com o projeto imperial. Agora, todavia, haviam alienado o eleitorado com uma guerra equivocada, uma série de escândalos coloniais e leis antitrabalhistas, e pouco tinham a oferecer, à parte um irracional apoio aos privilégios. Os liberais tiveram uma vitória arrasadora e a oligarquia aristocrática perdeu o controle do governo britânico.

O novo governo liberal ainda tinha seus aristocratas — sir Edward Grey, Winston Churchill e o novo primeiro-ministro, sir Henry Campbell-Bannerman, que passava as férias em Marienbad com o rei —, mas depois de 12 anos de ostracismo já não era o mesmo partido aristocrático do início da década de 1890. Seus novos parlamentares vinham sobretudo da classe média profissional e suas estrelas em ascensão eram Herbert Asquith, que não podia ser mais classe média, e o extraordinariamente carismático, inteligente, brilhante e eventualmente

inescrupuloso David Lloyd George, que crescera na pobreza no País de Gales. Além disso, ele tinha planos radicais de transformar a vida da população trabalhadora com seguros-saúde e pensões. Com ele chegavam ao parlamento 29 representantes do Partido Trabalhista Independente. "A antiga ideia de que a Câmara dos Comuns era uma assembleia de cavalheiros definitivamente se foi",34 escreveu, enlutado, lorde Esher. Ao ser designado primeiro-ministro em 1908, Asquith dava como certo que os ministros dos principais setores governamentais deveriam ser representantes da Câmara dos Comuns, e não dos Lordes, pois o gabinete era responsável diante do eleitorado, e não da aristocracia.******** Sob a anterior administração, muitos membros do gabinete jamais tinham se candidatado a uma eleição.

A aristocracia política conservadora, como suas congêneres na Alemanha e na Rússia, ainda não estava preparada para reconhecer que sua época havia passado. "O grande partido unionista",******** anunciava Arthur Balfour após a derrota, "deveria continuar controlando, seja no poder ou na oposição, os destinos deste Grande Império".35 Na Câmara dos Lordes, onde dispunham de maioria, os conservadores começaram deliberadamente a bloquear os projetos de lei dos liberais. Não demorou para que Lloyd George, que preparava, juntamente com Herbert Asquith, os novos planos de seguro-saúde e pensões que lançariam as bases do Estado previdenciário, perguntasse "se o país seria governado pelo rei e seus pares ou pelo rei e seu povo".36 Despudorado partidário da guerra de classes, Lloyd George não media palavras: "Ao longo da história, nove décimos da humanidade têm moído milho para o restante décimo, sendo remunerados com as cascas e convidados a dar graças a Deus pelas cascas."37 Eduardo, que na juventude gostava de afirmar que o estadista francês Léon Gambetta quase o havia convertido ao republicanismo, detestava a retórica de Lloyd George, considerando-a perigosamente desagregadora. Knollys, o secretário particular do rei, logo estaria se queixando das falhas de Lloyd George em matéria de "bom gosto e conveniência",38 exigindo que deixasse o nome do monarca fora de suas "violentas tiradas".

Exteriormente, a relação de Eduardo com o novo governo era sob certos aspectos melhor do que a que mantivera com os conservadores. Havia certas áreas de convergência: a reforma do exército e da marinha, os objetivos da política externa, e Knollys, há muito aliado dos liberais, tinha bons contatos no

partido. Mas o rei lastimava seus frequentes crimes contra a moda, suas ideias modernas sobre o sufrágio feminino, a nova cultura da franqueza e seus hábitos plebeus. Winston Churchill, segundo confidenciaria Eduardo discretamente ao filho, quase se revelava "mais sem educação no governo do que na oposição".[39] Herbert Asquith era "deploravelmente comum, para não dizer vulgar!".[40] Jorge, com sua crescente reputação de falta de tato, disse a Churchill que Asquith não era "exatamente um cavalheiro"[41] — comentário que Churchill de caso pensado passou adiante. Asquith encarava as exigências do rei de ser consultado sobre as decisões do gabinete com mal disfarçada condescendência. "Essa gente não tem o direito de interferir de forma alguma em nossas deliberações",[42] disse, embora alegasse considerar o rei perspicaz.

Da Birmânia, onde abatia tigres, Jorge, tradicionalmente um tóri, escreveu depois da eleição de 1906: "Constato que grandes números de membros trabalhistas retornaram, o que é um indício perigoso, mas espero que nem todos sejam socialistas." Ele rapidamente desenvolveria autêntica aversão a Lloyd George, não se eximindo de expressá-la livremente. Depois de testemunhar uma das tiradas do príncipe contra os galeses, o escritor Edmund Gosse referiu-se a ele como "um escolar grande, ruidoso e estúpido, que não perde a menor oportunidade de difamar o governo".[43] Ao subir ao trono, George disse ao secretário permanente do próprio Lloyd George que não conseguia imaginar "como o senhor continua servindo a esse maldito camarada Lloyd George".[44]

A diferença entre a Grã-Bretanha e a Rússia estava no fato de que as instituições políticas obrigavam Jorge a se encontrar com Lloyd George e mostrar-se cortês. Na Rússia, Nicolau, dispondo agora de um generoso empréstimo francês, podia recusar-se a trabalhar com a Duma e vetar suas decisões. Ele descartou suas propostas de anistia e redistribuição de terras, ignorou seu programa de reformas e a dissolveu em julho de 1906. Mandou para a cadeia seus membros que protestaram e alterou os requisitos para o sufrágio, de tal maneira que as posteriores Dumas haveriam de se mostrar mais conservadoras e deferentes. Por mais conservadoras que se tornassem, porém, as Dumas não deixavam de insistir em que tinham o direito de participar do governo do país. Nicolau continuou a se ofender e a dissolvê-las. "Devemos deixá-los fazer algo patentemente estúpido ou mau", disse à mãe, "e então — uma bofetada, e eles se foram!".[45]

Para a Rússia, as desastrosas consequências da tentativa de mostrar seu destino manifesto no Oriente não foram apenas uma mal contida revolução, mas também a humilhante necessidade de procurar a Grã-Bretanha de cabeça baixa, além de concordar com uma Convenção Anglo-Russa, iniciativa que revertia cinquenta anos de política externa e sonhos imperiais. O governo britânico vinha propondo uma Entente desde o fim da Guerra Japonesa em 1905. Os russos fingiam estar de acordo, mas a pílula era amarga demais, e ainda enorme a indignação com o papel da Grã-Bretanha na guerra. O exército russo, em particular, detestava a ideia de qualquer reconciliação com a Grã-Bretanha ou qualquer contenção da expansão territorial na Ásia. A corte russa ainda pendia instintivamente para a Alemanha. O acordo finalmente foi firmado porque os russos precisavam dele, os franceses — que controlavam suas finanças — o queriam e o novo ministro do Exterior russo, o conde Aleksandr Izvolski, o diplomata que havia atraído a atenção de Eduardo em Copenhague, tendo substituído Lamsdorff em 1906, pressionou em favor dele. Ele argumentou que a Rússia estava tão vulnerável que precisavam ser eliminados todos os motivos de um conflito externo. Não haveria mais aventuras asiáticas no futuro próximo, de modo que era vital que a influência da Rússia e a posição do país na Ásia fossem assegurados contra futuras incursões, inclusive dos britânicos.

Ainda assim, as negociações secretas foram tortuosas, e várias vezes a pura e simples discordância ideológica quase chegou a pôr a perder os entendimentos. Em julho de 1906, uma delegação de membros da Duma viajou a Londres para a conferência interparlamentar, sendo recebida com uma mensagem especial do rei Eduardo. Na véspera da conferência, contudo, chegou a notícia de que Nicolau dissolvera a Duma. O primeiro-ministro, Henry Campbell-Bannerman, devia fazer o discurso de abertura da conferência. Não sem razão, declarou que não poderia dirigir-se a uma conferência sobre a democracia parlamentar e ignorar o ato do tsar. No fim de seu discurso, ele disse: "*La Douma est morte! Vive la Douma!*"[46] A Duma está morta! Viva a Duma! Estas palavras suscitaram um coro de aclamações na conferência e uma queixa formal do embaixador russo, o conde Benckendorff. Grey recusou-se a pedir desculpas e as negociações caíram em ponto morto. Até que, em setembro de 1906, alguns parlamentares liberais decidiram visitar a Rússia em apoio à Duma dissolvida. Nicolau ficou profundamente ofendido. "Uma grotesca representação está chegando da

Inglaterra. (...) Tio Bertie nos informou de que lamentava muito, mas não podia impedir a viagem. É sua famosa ‘liberdade’, naturalmente! Como eles não ficariam indignados se uma representação nossa fosse aos irlandeses desejar-lhes êxito em sua luta contra o governo britânico!"[47] Grey conseguiu dissuadir o grupo de viajar. Izvolski enviou seus agradecimentos e disse que a decisão poupara grande embaraço, pois os visitantes certamente teriam sido impedidos de entrar no país.[48] Até que, apenas dois meses antes da assinatura da Convenção, o embaixador britânico foi convocado a Londres em meio a boatos de que os russos tinham decidido suspender tudo.

A Convenção Anglo-Russa finalmente foi assinada em agosto de 1907 e publicada em setembro, não sendo propriamente saudada com entusiasmo. Já retirado da vida pública, Serguei Witte referiu-se a ela amargamente como "um triunfo da diplomacia britânica".[49] Grey, enquanto isso, viu-se forçado a assumir o papel de apologista do governo russo, tendo de minimizar notícias desagradáveis. "O despotismo russo repugnava aos ideais britânicos",[50] escreveu, "e na Rússia estava sempre acontecendo alguma coisa que alienava a simpatia britânica ou provocava indignação". A Convenção estabelecia fronteiras e esferas de influência no Afeganistão, no Tibete e na China, e a Pérsia era dividida em três: os russos ficavam com o terço setentrional, os britânicos com o terço meridional, e o xá e o Majlis, a assembleia democrática, ficavam espremidos no meio. Os britânicos reconheceram informalmente que já não se sentiam obrigados a bloquear a influência da Rússia nos Bálcãs, concordando em contemplar seriamente a possibilidade de apoiar a abertura do Bósforo para embarcações russas. Ainda havia muita gente na Rússia profundamente contrária à ideia da imposição de restrições à expansão russa na Ásia. Na Inglaterra, causou grande indignação entre parlamentares liberais e no Partido Trabalhista o fato de a Grã-Bretanha ter assinado um tratado com um regime como o da Rússia. Entre os negociadores havia um descompasso de intenções, devidamente disfarçado: os russos consideravam que a Convenção tinha sobretudo o objetivo de assegurar suas fronteiras asiáticas, ao passo que Grey e o Ministério do Exterior britânico a encaravam do ponto de vista da política europeia. "Ela completará e fortalecerá a Entente com a França", escreveu Grey, "aumentando consideravelmente o conforto e a força de nossa posição".[51] Não era em absoluto assim que os russos queriam vê-la. Eles não queriam alienar ninguém,

especialmente os alemães. Mas quando Izvolski começou a negociar um acordo com os alemães no outono de 1907 em torno do controle do Báltico e sir Edward Grey o descobriu, ficou furioso; Izvolski recebeu uma dura lição sobre como seria difícil encontrar um rumo equilibrado numa Europa cada vez mais polarizada.

Como se poderia prever, os alemães atribuíram a Convenção às manipulações políticas de Eduardo. A aristocrata de origem inglesa Daisy, princesa de Pless, ouviu de um conhecido alemão que tinha perguntado a conhecidos russos se agora estavam rezando diante de pequenos ícones de Eduardo.[52] Um dos mais antigos ministros de Guilherme escreveu, no dia da publicação, que a Convenção nitidamente era produto do temor em ambos os países "do exército alemão, da marinha alemã, do nosso tino para os negócios e do potencial do povo alemão como um todo".[53] Ao lado, o cáiser anotou que Izvolski "sempre fora anglomaníaco e hoje o é mais que nunca", e que os dois países com toda a evidência estavam "contra a nossa nação como um todo". Na Grã-Bretanha, certas pessoas, como o jornalista W. T. Stead e David Lloyd George, começavam a se perguntar se o rei e o "bando Hardinge",[54] longe de assegurar a paz na Europa, não estariam na verdade prejudicando as relações com a Alemanha.

Na verdade, o papel de Eduardo na Convenção foi muito limitado. Ele e Jorge continuaram eventualmente a escrever cartas a Nicolau. ("Quanto tempo desde que nos encontramos",[55] escreveu Jorge ao primo no fim de 1907, "você está sempre em meus pensamentos, querido Nicky — estou certo de que sabe que eu nunca mudo e sempre sou o mesmo com os velhos amigos. Confio em que a sua Duma trabalhará melhor que as duas últimas e que o país gradualmente se acalmará e lhe dará menos problemas e preocupações que nos últimos anos!".) O rei encantou as irmãs de Nicolau e Sandro, com os quais se encontrou em Biarritz na primavera de 1907, o que pode ter contribuído para interessar Nicolau pela ideia, embora o tsar já não estivesse tão próximo deles quanto antes. A personalidade de Bertie, segundo alegava agora Sandro — anteriormente um notório anglófobo —, "fazia com que tudo ficasse diferente".[56] "Ninguém o superava em clareza de ideias ou habilidade política. Não me surpreende que o cáiser Guilherme o detestasse. Não poderia ser de outra maneira, pois com toda a sua insana prepotência o irrequieto Billy******** deve ter se sentido um miserável anão ao lado desse inato governante de esmagadora

grandeza." Pode-se dizer que Minny trabalhou com tanto afinco quanto Eduardo para fazer com que os vínculos de família dessem fruto. Em fevereiro de 1907, ela foi à Inglaterra pela primeira vez em 34 anos, e as duas irmãs, tal como haviam feito em 1873, se apresentaram juntas em público, permitindo que os jornais publicassem reportagens cheias de admiração sobre a proximidade da rainha com a imperatriz herdeira da Rússia. "Tudo é feito com tanto gosto e senso artístico",[57] escreveu ela de Londres, empolgada. "(...) Ficamos com a boca cheia d'água diante de tanta magnificência! (...) Todo mundo se mostra tão amável e amistoso comigo. (...) Gostaria que você também pudesse vir um pouco para respirar o ar e viver algum tempo num ambiente diferente. Como seria bom para você!"

Como aplacar as inevitáveis acusações dos alemães de que a Convenção estava voltada contra eles? À falta de outras ideias, o governo britânico recorreu ao comprovado, confiável e absolutamente insatisfatório método da visita oficial. Hardinge pressionou Eduardo a convidar Guilherme para uma visita em novembro, logo depois da publicação da Convenção. O entusiasmo não era propriamente flagrante dos dois lados. O Ministério do Exterior britânico propôs a visita, entre outros motivos, para fazer frente às críticas da ala esquerda dos partidos Liberal e Trabalhista.

E, para variar, Guilherme não estava tão desejoso assim de fazer a viagem. Ele fora engolfado num escândalo sexual desesperadoramente embaraçoso, cujas ramificações não pareciam tendentes a se aplacar. Em abril, *Die Zukunft*, jornal altamente crítico do "domínio pessoal" do cáiser e de seu hábito antidemocrático de dar ouvidos a favoritos e conselheiros extraoficiais como Eulemburgo, lançara uma campanha contra Eulemburgo e seu círculo — do qual vários integrantes tinham sido assessores no entourage de Guilherme —, acusando Eulemburgo de deter verdadeiramente o poder por trás do domínio de Guilherme, exercendo sua influência através do clientelismo, "cordinhas que estão estrangulando o Reich". Mais chocante ainda era o fato de acusar diretamente Eulemburgo e seu círculo de homossexualidade, "degenerescência moral" e até de transmitir segredos de Estado aos franceses. O cáiser não era mencionado, mas seu nome inevitavelmente pairava sobre o escândalo, embora as revelações aparentemente representassem para ele um autêntico choque. "Pequeno Willy", o príncipe herdeiro, relataria em suas memórias que teve de

contar ao pai sobre as acusações contra Eulemburgo: ele jamais esqueceria a expressão "desesperada, horrorizada"[58] em seu rosto. Guilherme deliberadamente ignorara durante vinte anos a homossexualidade de Eulemburgo; ela jamais era comentada em sua presença, embora nos círculos diplomáticos fosse mais ou menos um segredo de polichinelo. A negação lhe permitia demonstrar sem qualquer embaraço seus sentimentos em relação a Eulemburgo. Em suas memórias (escritas sete anos depois), Serguei Witte recordaria com certa perversidade ter se encontrado com Guilherme e Eulemburgo ao retornar à Rússia depois de negociar um empréstimo francês em 1906. "Ele [Guilherme] estava sentado no braço da cadeira do príncipe, com a mão direita sobre o ombro de Eulemburgo, quase como se o estivesse envolvendo com seu braço."[59] Rapidamente o assunto centrou-se na homossexualidade, e não na influência de Eulemburgo, que havia chegado ao auge no fim da década de 1890. Mais que em qualquer outro país da Europa, a homossexualidade era um tabu na Alemanha, onde — talvez por causa da obsessiva admiração pelas virtudes militares — era intensa no establishment a ênfase na masculinidade e no comportamento viril. Escreveu um historiador: "A repressão do feminino foi levada a um extremo desconhecido em qualquer outro lugar da Europa."********[60] A simples ideia de uma exposição pública era impensável: ao ser acusado de homossexualidade em 1902, Fritz Krupp, amigo de Guilherme e herdeiro da fortuna do setor de armas, suicidou-se; o irmão do imperador Francisco José, Luís Vítor (conhecido, incrivelmente, como "Luzi-Wuzi"), foi mandado para o exílio depois de ter um caso com um massagista. O irmão do próprio Eulemburgo fora acusado de homossexualidade em 1898. Guilherme proibira o amigo de voltar a vê-lo — ordem que deu início ao processo de desilusão de Eulemburgo com o cáiser. Ao ser informado a respeito de Eulemburgo, Guilherme imediatamente o afastou, privando-se de uma das poucas pessoas que genuinamente se preocupavam com ele e eventualmente conseguiam contê-lo.

Guilherme piorou ainda mais as coisas ao forçar os acusados a abrir processos por difamação — pela "honra" do governo. Em seguida — fortemente pressionado pelo entourage militar, que há muito odiava Eulemburgo porque sua influência sobre o cáiser rivalizava com a dele —, permitiu que o amigo fosse levado aos tribunais por falso testemunho. Os processos se arrastariam

indefinidamente. Talvez o aspecto mais cruel de todo o caso — e um natural corolário da maneira como Guilherme permitira que seu governo viesse a ser dominado pela intriga e a competição — fosse o fato de a informação sobre Eulemburgo ter partido do próprio governo: do entourage de Guilherme, de Holstein, que responsabilizava Eulemburgo por sua demissão, e de Bülow, que começara a temer o ressurgimento de Eulemburgo como rival.

Naturalmente, um material tão picante acabaria em todos os jornais da Europa. A notoriedade da história pode ser constatada na maneira como a palavra alemã *Homosexualität* passou a ser a designação popular das relações homossexuais na Europa, substituindo *inversion* [inversão], adotada por Proust, e *sodomy* [sodomia], expressão favorita dos britânicos. Uma semana antes da chegada do cáiser à Inglaterra, o *Times* publicou um artigo sobre Eulemburgo e as "repugnantes orgias"[61] das quais teria participado, ao lado de outro que atacava Bülow por se associar a nacionalistas alemães radicais e anglofóbicos.

Embaraçado e preocupado com a eventualidade de que sua recepção na Grã-Bretanha pela primeira vez fosse de fato hostil, Guilherme tentou cancelar a viagem. "Acometido há uma semana de bronquite e forte tosse, resultado de virulento surto de gripe, que muito tem abalado meu estado físico",[62] informava ele a Eduardo. Como Lascelles acabara de ver o cáiser galopando no Tiergarten "muito animado",[63] Eduardo não se sentiu inclinado a liberá-lo. "Seu telegrama me preocupou muito — pois o fato de não vir à Inglaterra seria uma terrível decepção para todos nós — minha família — e a nação britânica. Rogo que reconsidere sua decisão."[64]

Não houve vaias. As multidões inglesas adoravam um espetáculo e ainda tinham um fraco pelo espalhafatoso cáiser, que sorria com tanto prazer quando estava em público. Jorge, que recebeu Willy e Dona******** em seu uniforme de marechal de campo prussiano na estação Victoria, escreveu: "Havia uma enorme multidão nas ruas e eles tiveram uma esplêndida recepção."[65] Em Windsor, a municipalidade preparou um desfile medieval para Guilherme, que disse à multidão que se sentia como se estivesse "voltando para casa".[66] Eduardo fez o papel do anfitrião solícito, evitou temas políticos, mas observou que Suas Majestades de repente pareciam em "excelente saúde". Membros do novo governo liberal que ainda não conheciam o cáiser pessoalmente ficaram impressionados. "Até aqueles que se mostravam mais céticos quanto a qualquer

resultado favorável reconhecem agora que a visita tem sido vantajosa sob todos os aspectos",[67] escreveu John Morley, uma das figuras mais respeitadas do partido. Sir Richard Haldane, ministro da Guerra e um autêntico germanófilo, ficou encantado quando o cáiser Guilherme o convidou a participar de um debate, tarde da noite, sobre a antiga oposição britânica a que a ferrovia Berlim-Bagdá passasse pela Pérsia. "Seja esta noite um membro do meu gabinete",[68] disse o cáiser. Haldane saiu convencido de que, ao fim da discussão, havia-se chegado ao germe de uma solução. Mas nem todos ficaram impressionados. Escreveu lorde Esher: "Nosso rei faz melhor figura que Guilherme II. Mostra mais generosidade e dignidade. Guilherme é desajeitado, nervoso e banal. Não tem ‘aura’. Não causou boa impressão em Grey."[69]

Apenas três dias depois do retorno de Guilherme à Alemanha, foram publicadas as propostas do Projeto de Lei da Marinha alemã para 1908. Contemplavam a encomenda de mais quatro encouraçados por ano nos três anos subsequentes, assegurando que os navios seriam substituídos em períodos de vinte, e não mais de 25 anos. Era um aumento considerável, uma resposta direta aos novos Dreadnoughts da marinha britânica. Na Grã-Bretanha, a indignação com essa iniciativa levou à criação de um grupo de pressão no setor naval, a Liga Marítima Imperial. Nada mais se ouviu a respeito da solução entrevista por Haldaner, naquela noite, sobre o impasse em torno da ferrovia de Bagdá. Transpirou que o cáiser havia deliberadamente atrasado a publicação do novo projeto de lei até seu retorno da Inglaterra.[71] Holstein escreveu que ninguém, "exceto talvez o próprio cáiser", poderia negar que isto havia tornado "todas as suas gentilezas inúteis e sem sentido, conferindo-lhes até um certo ar de fraude".[72] John Morley ficou decididamente perplexo: estava até então convencido de que o cáiser queria "a paz". "Talvez achem graça disso, em vista do belo e recentíssimo programa naval lançado pelos alemães",[73] escreveu em seu diário.

Em fevereiro de 1908, o visconde de Esher permitiu que uma carta que havia escrito à recém-fundada Liga Marítima Imperial fosse publicada no *Times*. Nela, ficava perfeitamente claro que Esher considerava que a marinha alemã tinha intenções malignas em relação à Grã-Bretanha, e ele acrescentava: "Não há na Alemanha um só homem, do imperador para baixo, que não deseje a queda de sir John Fisher." Guilherme — que pela primeira vez não dava mais atenção à

imprensa britânica do que à de seu país — decidiu que era necessário protestar contra a carta. Entretanto, como mandava a etiqueta, não escreveu ao rei, mas ao ministro da Marinha, o primeiro lorde do Almirantado, lorde Tweedmouth. Em sua prosa mais exaltada e altissonante, criticou a carta como "consumado disparate", considerando "afrontoso deduzir" que o governo alemão pudesse conspirar contra Fisher. "É tão ridículo quanto inverídico, e quero aqui repudiar semelhante calúnia." Em sua "humilde" opinião, a obsessão britânica com o "perigo alemão" era "quase ridícula. (...) Mais uma vez, a Lei Naval alemã não está voltada contra a Inglaterra e não representa um desafio à supremacia britânica no mar".[74]

Como tantas iniciativas de Guilherme na política externa, a carta saiu espetacularmente pela culatra — e não apenas por não ter ele encaminhado suas queixas através do soberano, embora isto enfurecesse Eduardo. Lorde Tweedmouth sofria na época de um tumor cerebral ainda não diagnosticado, do qual viria a morrer no ano seguinte, e seu comportamento não era dos mais equilibrados. Enviou ao cáiser as mais recentes estimativas de gastos da marinha britânica, que ainda não haviam sido apresentadas ao parlamento, e mostrou a carta a praticamente todo mundo que encontrava. A história foi parar no *Times*; o correspondente militar do jornal considerou-a uma ultrajante tentativa de influenciar a política britânica. A carta do cáiser levou a marinha alemã às primeiras páginas de todos os jornais britânicos durante meses: Esher não poderia ter esperado melhor resultado. Em meados de março de 1908, Arthur Balfour obtivera do primeiro-ministro Herbert Asquith, que acabava de substituir Campbell-Bannerman, gravemente doente, a promessa de que a Grã-Bretanha construiria encouraçados em número suficiente para preservar sua superioridade naval sobre a Alemanha — exatamente o que Tirpitz queria evitar.

Guilherme concluiu que toda aquela indignação fora orquestrada por Eduardo, embora Metternich lhe assegurasse que o rei havia censurado Esher por começar a coisa toda. "Só agora! Depois de cinco semanas!", anotou Guilherme no relatório de Metternich. "Ele não moveu uma palha quatro ou cinco semanas atrás, quando ocorreu o ataque de seu amigo e funcionário a mim, para deixar clara sua insatisfação e seu pesar!"[75] No rodapé do memorando, ele anotou: "Não é nossa esquadra que é responsável, mas a política absolutamente enlouquecida do ‘Dreadnought’ promovida por sir John Fisher e Sua Majestade."

A imprensa britânica — especialmente a de esquerda — também estava indignada com o rei pela notícia de que Eduardo faria uma visita oficial à Rússia em junho de 1908, ou antes, de que se encontraria com Nicolau ao largo do litoral da Rússia. O governo britânico manteve a viagem à Rússia em segredo até o último minuto, precisamente para evitar críticas internas. E tinha motivos para estar apreensivo. O parlamentar trabalhista Ramsay MacDonald publicou um artigo intitulado "Um insulto a nosso país", no qual censurava o rei por "associação com uma criatura suja de sangue"[76] — o tsar — e um grupo de parlamentares trabalhistas e liberais assinou uma moção deplorando a visita. A reação no parlamento foi tão negativa que Grey teve de negar publicamente que o governo tivesse planos de quaisquer novos acertos formais com a Rússia e concordar com um debate sobre a visita na Câmara dos Comuns. Vários parlamentares mostravam-se altamente críticos de Eduardo, e Kier Hardie, o líder do Partido Trabalhista, fez um discurso relatando a maneira como o governo tsarista tratava e executava prisioneiros políticos e dando a entender que o rei tolerava a prática de atrocidades. O governo venceu o debate, mas Eduardo ficou ofendido por ter sido criticado. Assumiu a posição de que não lhe cabia julgar outros monarcas (pelo menos não em público); segundo ele, a lealdade de uma monarca a outro "não podia ser posta a perder pelos erros de um regime".********[77] Ele reagiu cancelando o convite aos parlamentares responsáveis pela ofensa — entre eles Hardie e o irmão de Fritz Ponsonby, Arthur, deputado liberal radical altamente crítico da política externa antigermânica de Grey — para uma festa ao ar livre no Palácio de Buckingham. Hardie declarou que a coroa se mantinha longe da política desde Carlos I e devia continuar assim. Toda a bancada parlamentar do Partido Trabalhista assinou uma resolução condenando o comportamento de Eduardo e devolveu seus convites. As relações dinásticas e a política interna entravam em colisão direta, e o parlamento, como se poderia esperar, saiu vencedor. O rei foi obrigado a convidar novamente aqueles cujos convites havia retirado, e tentou sem êxito manter de fora Ponsonby, que segundo ele "devia saber o que estava fazendo".[78]

A 9 de junho de 1908, Eduardo, Alexandra e seu séquito chegaram a bordo do *Victoria and Albert* a Reval (atual Tallinn), no golfo da Finlândia, para se encontrar com Nicolau, Alix, a irmã dele, Olga, e os filhos a bordo do *Standart* e do *Polar Star*. O tempo estava bom e o sol só se pôs às 23h30. Em seu uniforme

dos Dragões de Kiev, Eduardo disse a Nicolau que ele estava com excelente aparência em seu uniforme dos Scots Grey. Impulsivamente, nomeou o tsar almirante da marinha britânica (e por isto, não tendo consultado antecipadamente seu governo, seria repreendido por Asquith). Embora pudesse considerar Nicky "lastimavelmente desprovido de sofisticação, imaturo e reacionário", Eduardo aprendera a dar valor ao tato. Sabia eximir-se de dar conselhos não solicitados e disse que não tinha "qualquer desejo de desempenhar o papel do imperador alemão, que sempre se imiscui nos negócios de outros".[80] Nicky ficou visivelmente grato — e sua palpável satisfação terá sido talvez o resultado mais importante de todo o evento. O mais recente ministro-chefe de Nicolau, Piotr Stolipin, observou em conversa com Hardinge a "visível diferença"[81] de "estado de ânimo e atitude [do tsar] durante a visita do rei a Reval, em comparação com o que se verificou durante a recente visita do imperador ao imperador alemão em Swinemünde, onde o tempo todo ele se mostrou preocupado com o que poderia inesperadamente aparecer no seu caminho". (Sem a mesma dose de tato, o rei, a pedido de seus amigos, os Rothschild, levantou a questão da perseguição dos judeus em conversa com Stolipin, que se mostrou polidamente reservado. De maneira algo deselegante, também pediu ao tsar que recebesse seu amigo Ernest Cassel, que queria entrar nos mercados financeiros russos, e disse a Alix que as crianças falavam inglês com um sotaque *déclassé*.[82] Ela ficou tão mortificada que quase imediatamente contratou um tutor inglês.)

Os russos ficaram impressionados com o que lhes pareceu uma incrível informalidade dos britânicos. A bordo do *Victoria and Albert*, Mossolov observou que o rei se sentava numa poltrona tendo ao lado uma cadeira vazia, na qual alguém podia ser convidado a sentar-se. "Exceto em situações oficiais, ninguém se preocupava com hierarquia. Que enorme contraste entre as visitas de Guilherme II e a recepção do rei e da rainha da Inglaterra em Reval! Como todos ficavam à vontade em sua companhia!"[83] Eduardo lisonjeou Stolipin (cuja imponente barba era particularmente admirada pelos britânicos), soltou distraidamente na conversa os fatos russos que havia extraído do embaixador Nicolson na viagem e saudou os marinheiros do *Standart* em russo. Olga riu tão estrepitosamente das piadas do almirante Fisher que se sentiu na obrigação de pedir desculpas ao tio.

Já bem tarde na primeira noite, depois do jantar a bordo do *Standart*, sir Charles Hardinge aproximou-se de Alix, que soluçava sozinha no convés.[84] Ela declinou sua oferta de ajuda.

O que impressionou os britânicos foram as montanhas de sanduíches de caviar e a obsessão dos russos com a segurança. Durante os preparativos para a chegada da família imperial a Reval, todas as casas e embarcações haviam sido revistadas, e durante a visita ninguém, nem mesmo os britânicos, era autorizado a desembarcar. Como uma sociedade coral local, convidada a "cantar canções russas esquisitas",[85] não pudesse ser ouvida por se encontrar em outra embarcação, o encarregado da segurança russa comunicou alegremente ao chefe do destacamento de polícia de Eduardo que não haveria perigo em trazer a bordo o coro — formado essencialmente por senhoras da sociedade local —, pois providenciara para que todos os seus membros fossem despidos e revistados. Antevendo as manchetes dos jornais britânicos, Ponsonby conseguiu que ele fosse convencido a desistir.

Na Rússia, o encontro foi um enorme sucesso, sendo chamado de "banquete da paz".[86] À parte um pequeno e desprezível setor da corte, a opinião pública russa, tal como se apresentava, desenvolvera um grande interesse pela Convenção nos nove meses desde a publicação. Até os constitucionalistas mais conservadores consideravam o acordo com a Grã-Bretanha um sinal de que o regime tsarista gradualmente se movia na boa direção, e de que a Grã-Bretanha abrira mão de sua histórica oposição à influência da Rússia nos Bálcãs — em contraste com a Alemanha. A verdade era que o principal motivo da nova popularidade da Entente era uma crescente hostilidade em relação à Alemanha. Desde 1906, a nova imprensa independente russa tornara-se nitidamente antialemã, expressando ressentimento com o sucesso da Alemanha, sua riqueza, seu domínio econômico e suas tarifas agressivamente elevadas, além do medo de a Rússia ser dominada pela Alemanha, sugada até a morte e transformada num vassalo dependente. A cobertura deixava transparecer uma sensação de terrível vulnerabilidade, excitada xenofobia, que a essa altura parecia comum a todos os países da Europa, e uma revivescência do sentimento de territorialidade em relação aos Bálcãs. Agora que os planos de expansão asiática da Rússia acabavam de ser tão sumariamente podados, nacionalistas, imperialistas e patriotas voltavam novamente sua atenção para as tradicionais preocupações

russas com o mundo eslavo. E lá estavam a Alemanha e a Áustria, mais poderosas que nunca, com suas próprias doutrinas pangermanistas e antieslavas.

Quando o embaixador alemão queixou-se da cobertura, Izvolski foi obrigado a "confessar sua impotência no atual sistema de liberdade".[87]

Aproximando-se a visita já agora anual de Eduardo a Guilherme no verão, em agosto, sir Edward Grey considerou que se o rei falasse diretamente ao cáiser talvez o convencesse de que um arrefecimento da construção naval seria bom para todos. Não sabemos com clareza até que ponto ele realmente tinha conhecimento do estado das relações de Eduardo com o cáiser. O que os britânicos também subestimaram foi o grau de irritação que a viagem russa de Eduardo causara em Guilherme. Ele a considerara uma prova cabal de que o acordo com os russos dizia respeito a uma aliança militar contra a Alemanha. O fato de o almirante Jackie Fisher, que dera para sugerir que os britânicos incendiassem a esquadra alemã, ter participado da viagem simplesmente o confirmava. Metternich foi enviado para a dizer a sir Edward Grey que a Alemanha acompanhava a visita "com muita atenção, pois vários acordos internacionais já foram associados a suas [de Eduardo] viagens".[88] Em junho, Guilherme disse durante uma revista da cavalaria que a França, a Rússia e a Inglaterra estavam conspirando para isolar a Alemanha.[89] Depois da visita, em reação, ele ordenou que nenhum oficial britânico fosse autorizado no futuro a entrar para o exército alemão. Grey, no entanto, estava suficientemente esperançoso para preparar dois diferentes memorandos para Eduardo a respeito da construção naval, de maneira a poder escolher no devido momento — iniciativa que serviu apenas para irritar o rei.

Os dois monarcas passaram a manhã juntos em Kronberg, a residência anterior de Vicky. Decidiram quem seria o substituto de sir Francis Lascelles, que se aposentava: sir Edward Goschen, o embaixador em Viena. Sua escolha devia-se em grande medida à influência de Eduardo, que o conhecia muito melhor que Grey. Goschen encarou a designação como "a mais negra e nauseante pílula";[90] em seu diário, chamava o cáiser de "Bill Alemão",[91] e só aceitou o posto por ser um fervoroso monarquista e ter sido pessoalmente convidado por Eduardo. "Eu não resisto ao rei", disse a um jornalista britânico. "Mas (...) estou convencido de que minha missão em Berlim terminará em fracasso, pois não haverá meios de evitar uma catástrofe."[92] Ele haveria de se

revelar uma deplorável expressão das novas atitudes britânicas em relação à Alemanha.

Eduardo levantou uma vez a questão da marinha, dizendo que tinha um memorando a respeito. Guilherme imediatamente mudou de assunto, e Eduardo não teve ânimo de trazê-lo de novo à baila. Depois do almoço, encaminhando-se para o charuto no terraço, ele disse a sir Charles Hardinge que cabia a ele discutir a questão da marinha com o cáiser.

Guilherme convidou Hardinge a conversar com ele. Hardinge começou a falar das preocupações dos britânicos com a esquadra alemã. Ficava difícil, disse, conciliar as garantias oferecidas pelo cáiser com os constantes avanços no programa naval alemão, e se a Alemanha continuasse a construir no atual ritmo, a Grã-Bretanha se sentiria forçada a acompanhá-la, o que levaria a um clima ruim. A Grã-Bretanha, enfatizou, nada tinha a dizer quanto às proporções dos exércitos terrestres da Alemanha, mas, sendo uma ilha, considerava que precisava de uma marinha maior para se defender. Ele queria que Guilherme concordasse com uma proporção de superioridade naval britânica em relação à Alemanha: por exemplo, cinco navios britânicos para cada três alemães. Quase imediatamente Guilherme perdeu as estribeiras. Recusou-se a aceitar os números de Hardinge sobre a construção naval alemã. "É um total absurdo. Quem lhe contou essas histórias ridículas? (...) Seus documentos estão errados. Eu sou um almirante da Marinha Britânica, sobre a qual sei tudo e a qual conheço melhor que o senhor, que é um civil sem a menor ideia sobre essas questões." Acrescentou que não havia motivo para os britânicos temerem um ataque alemão, nem para ampliarem sua esquadra, e que essa conversa de invasão era "puro absurdo, e nenhuma pessoa séria na Alemanha jamais contemplara semelhante ideia".[93] De qualquer maneira, a Inglaterra começara a coisa toda ao construir os Dreadnoughts, e Fisher é que dera início a essa conversa de guerra com suas ameaças de incendiar a marinha alemã. E Guilherme encerrou pomposamente, afirmando que preferiria ir à guerra a contemplar um arrefecimento da construção naval.

No jantar, o cáiser, todo sorrisos, convidou Hardinge a sentar-se ao seu lado. No relato deste, Guilherme disse "um monte de absurdos sobre seus sentimentos amistosos em relação à Inglaterra. (...) ‘O futuro do mundo’, disse, ‘estava nas mãos da raça anglo-teutônica, e a Inglaterra sem um exército poderoso não

poderia defender-se sozinha na Europa, precisando contar com uma potência continental, e essa potência devia ser a Alemanha!'".[94] Mais tarde, Guilherme disse a Bülow que "a conversa franca comigo, na qual pude mostrar-lhe os dentes, não deixou de ter seus efeitos. É assim que os ingleses devem ser sempre tratados".[95]

Mas não eram apenas os ingleses que queriam que o cáiser diminuísse seu programa naval. "O único resultado de nossos armamentos navais no momento é que conseguimos despertar a inveja e a desconfiança de todo o mundo",[96] escrevera Robert zu Zedlitz-Trützschler em seu diário em 1907. "A Inglaterra, não sem razão, vê em nossa marinha uma ameaça. (...) Qual a utilidade de todos esses enormes gastos e de despertar suspeita e inveja?" Havia muitos ministros e homens influentes que consideravam que, assim como Tânger demonstrara que a agressão alemã tendia a sair pela culatra, assim também a corrida naval fora longe demais. Tschirrsky, o antigo ministro do Exterior, recomendara depois de Algeciras um acordo de cotas navais. Em Londres, Metternich fora convencido de que o único motivo da deterioração das relações anglo-alemãs era a rivalidade naval, e se mostrou suficientemente corajoso para dizê-lo, o que lhe valeu o respeito, mas também a impaciência de Guilherme. Albert Ballin, o milionário judeu que era diretor da companhia marítima Hamburgo-América, e que Guilherme gostava de chamar de amigo, recomendara recentemente que a crise nas relações anglo-alemãs fosse resolvida mediante um acordo sobre a construção de navios de guerra.[97] Dissera também que, embora Eduardo pudesse mostrar-se rude a respeito de Guilherme, não restava dúvida de que queria a paz.

Para alguém que mudava de ideia quase com a mesma frequência com que mudava de roupa, Guilherme mostrava-se extraordinariamente teimoso na questão da marinha. Recusava-se a reconhecer seu custo: quando Tirpitz solicitou quatro navios a mais do que os que haviam sido orçados para 1907, ele lhe dissera que era "uma mera bagatela".[98] E se recusou a aprovar qualquer arrefecimento.

Seria difícil entender por quê. A marinha era muito popular em certos setores da sociedade alemã, mas também se sabia que era muito dispendiosa, e em 1908 seu custo havia causado uma crise financeira, além da perspectiva de um enorme aumento de impostos. De alguma maneira, os navios tinham ficado estreitamente associados ao senso de identidade de Guilherme, a seu profundo anseio de se

sentir ligado à Grã-Bretanha, de atacá-la, de forçá-la a lhe dar atenção, assim como a seu desejo de mostrar que não era um monarca irremediavelmente indeciso. A inflexível recusa de Tirpitz de admitir quaisquer limites diplomáticos ou financeiros ao programa naval aumentou a resolução de Guilherme e aparentemente voltou a despertar seu constante desejo de mostrar que era o perfeito e implacável soldado alemão. E ele parecia realmente adorar seus navios. Tirpitz referiu-se, cortante, ao amor do cáiser por seu "brinquedo mecânico".[99] Mas é possível que, acima de tudo, a humilhação de Algeciras o fizesse achar que não podia dar a impressão de estar reagindo a pressões britânicas — sentimento compartilhado por muitos alemães.

Eduardo ficou verdadeiramente perplexo com a absoluta recusa de Guilherme a discutir o programa naval. Dias depois, ao se encontrar com Francisco José, então com 80 anos, pediu-lhe sem rodeios que levantasse a questão dos navios com o cáiser, pedido que Francisco José, há muito tendo aprendido a se manter distante dos detalhes sujos da política, polidamente declinou. Em Marienbad, o rei encontrou-se com o primeiro-ministro francês, Georges Clemenceau, e lhe disse que estava muito decepcionado com o fato de Guilherme recusar-se a discutir um acordo naval, acrescentando que, embora a paz pudesse sustentar-se na Europa pelos próximos cinco ou seis anos, um certo "soberano impulsivo"[100] com quase toda a certeza acabaria fazendo algo que levaria à guerra. A Grã-Bretanha, garantiu ele a Clemenceau, continuaria construindo navios para superar a Alemanha. De volta a Londres, ele disse a lorde Esher que Guilherme se mostrara "'impossível. (...) O dobro de barcos — é a única solução correta e segura', disse o rei!".[101] Em Berlim, Guilherme rabiscou num documento que "Conter o rei!"[102] devia ser o objetivo da política alemã.

******** O tio-avô de Nabokov só se livrou de ser lançado pelos ares com seu amigo, o grão-duque Sérgio, porque recusou oferta de uma carruagem para levá-lo em casa. (Ele também recusou uma passagem para a viagem do *Titanic*.)[30]

******** Ao retornarem ao poder em 1918, os conservadores também apresentavam uma configuração social diferente e seu líder era um rude empresário escocês.

******** Os conservadores e os unionistas liberais — ou seja, liberais que se opunham à autonomia da Irlanda, como Chamberlain — começaram a atuar juntos em 1895.

******** Bill ou Billy: diminutivos em inglês para William (Wilhelm em alemão, Guilherme em português). (N. do T.)

******** Não deixa de ser uma ironia que ao mesmo tempo, na outra Alemanha, a Alemanha da inovação,

do pensamento criativo e da investigação intelectual, Magnus Hirschfeld e Krafft-Ebing estivessem levando a efeito a pesquisa mais avançada, explícita, séria e desarmada jamais realizada sobre orientação sexual.

******** Podemos apenas especular quais seriam os sentimentos de Dona a respeito do escândalo Eulemburgo. Ela se comportou em público com a irretocável dignidade que a tornara tão popular na Alemanha — mais ou menos como o autodomínio de Alexandra lhe rendera admiradores na Grã-Bretanha —, mas o caso deve tê-la abalado. O casal estava preso numa relação dolorosamente desequilibrada. Guilherme, segundo observaria Zedlitz-Trützschler, achava opressiva a companhia dela, e ela por sua vez se agarrava a ele e desejava que lhe desse atenção. "Ele está sempre querendo se afastar, mas o único desejo de sua esposa é mantê-lo à vista o máximo possível."[70]

******** Anteriormente nesse mesmo ano, todavia, quando o rei de Portugal nomeou para chefiar o governo um ditador de extrema direita extremamente impopular, Eduardo disse a seu médico: "Um monarca constitucional não deve fazer coisas assim."[79] O rei e a rainha de Portugal seriam assassinados num atroz atentado a bomba.

13. Crise nos Bálcãs (1908-9)

Em certa medida, a lógica e a tragédia dos impérios estão na constante busca de expansão, jamais podendo ficar parados. Os impérios europeus buscavam suas conquistas sobretudo em regiões distantes. Mas uma grande oportunidade de expansão mais perto de casa se ofereceu com a derrocada do Império Otomano, que ainda dominava vastas extensões dos Bálcãs. O governo do Império Otomano — corrupto, caótico e aparentemente impossível de reformar — estivera à beira do colapso por décadas. Os atrativos, contudo, seduziam muitos candidatos à construção de impérios, o que significava que a disputa por territórios nos Bálcãs sempre gerava conflitos. Algumas vezes, todavia, uma oportunidade parecia boa demais para ser ignorada. Em meados de 1908, uma revolta da oposição liberal dos "jovens turcos" em Constantinopla virou o governo otomano de ponta-cabeça. Vários países europeus resolveram se arriscar. No dia 6 de outubro de 1908, a Áustria-Hungria anunciou ao mundo que estava formalmente anexando o pequeno Estado balcânico da Bósnia-Herzegovina, que integrava o Império Otomano. A Bulgária declarou sua independência do Império Otomano (e seu governante, Ferdinando, proclamou-se "tsar") e a Grécia reclamou a ilha de Creta. Desses episódios, o de maior potencial explosivo e aquele que com mais probabilidade poderia desencadear um conflito mais amplo era a apropriação da Bósnia pela Áustria, pois — embora a Áustria viesse há trinta anos administrando esse Estado — a iniciativa certamente enfureceria a Rússia, que se considerava a protetora dos Estados balcânicos independentes (quisessem eles essa proteção ou não), e a Sérvia, o mais ambicioso e agressivo deles, que pretendia absorver a Bósnia em seu próprio império eslavo, sendo ao mesmo tempo o mais próximo aliado balcânico da Rússia.

Os russos imediatamente manifestaram sua profunda indignação com a perversa apropriação germânica da pobre Bósnia eslava por parte da Áustria. Foi então que os austríacos anunciaram que Aleksandr Izvolski, o ministro do Exterior russo, dera sua incondicional aprovação à anexação. Era embaraçoso, mas verdadeiro. Em setembro, os austríacos tinham convocado Izvolski a uma reunião secreta, dizendo-lhe que anexariam a Bósnia com ou sem a aprovação da

Rússia. Sabendo que isto causaria indignação na opinião pública russa, Izvolski tentara obter algum benefício para a Rússia, oferecendo uma aprovação formal da anexação em troca de a Áustria concordar com a abertura do Bósforo para os navios russos. Ele achou que voltava para casa com um acordo, mas os austríacos anunciaram a anexação e a aprovação da Rússia sem mencionar a questão do Bósforo. Izvolski ficou profundamente humilhado; o governo russo, indignado por ser deixado em posição difícil; e a imprensa russa, furiosa com o fato de o governo ter se metido numa escusa transação política, deixando de cumprir seu dever de defesa de um Estado eslavo. A Sérvia, enquanto isto, declarou que se a Áustria não se retirasse, mobilizaria seu exército. Os dois países já tinham uma história algo acidentada. Depois de um sangrento golpe de Estado em 1903, a Sérvia deixara de ser um obediente satélite da Áustria para se transformar num Estado independente cheio de fome territorial, se autoproclamando líder dos eslavos do sul, não só fora da Áustria-Hungria, mas, ainda mais perigosamente, dentro também. Os austríacos consideravam a Sérvia um autêntico câncer ameaçando seu império multiétnico. Se as coisas esquentassem, parecia inevitável que a Áustria solicitasse apoio da Alemanha, enquanto os russos haveriam de apoiar a Sérvia.

Desesperado por evitar uma guerra — e por salvar a própria carreira —, Izvolski implorou ao governo britânico que apoiasse uma conferência sobre a anexação e a abertura dos estreitos de Bósforo e Dardanelos, na Turquia. Os britânicos não se mostraram propriamente entusiasmados. Os russos vinham recentemente desrespeitando sem a menor cerimônia os termos da Convenção, levando tropas à Pérsia para esmagar uma rebelião de inspiração democrática contra o xá e mobilizando soldados na fronteira com o Afeganistão. Grey concordou em apoiar uma conferência, mas os austríacos e os alemães se recusaram. Só o rei, tradicionalmente protetor de Izvolski, emprestou-lhe todo o apoio. "A menos que se dê alguma esperança à Rússia", escreveu ele, ansioso, ao primeiro-ministro Asquith, "Izvolski voltará ao seu país desacreditado (...) e seria impossível dizer quem pode ser o seu sucessor".[1] Com o apoio de Grey, ele afinal escreveu ao tsar, dizendo que os britânicos consideravam Izvolski vital para as relações anglo-russas.

Para surpresa geral, Izvolski continuou no cargo, embora o ministro-chefe da Rússia, Stolipin, passasse a mantê-lo sob rédea curta: nada mais de negociações

secretas. Sua sobrevivência devia-se à conclusão de Stolipin, como não parecesse ceder a ameaça de uma guerra, de que a Rússia precisava da Grã-Bretanha. O tsar subitamente resolveu conceder ao embaixador britânico, sir Arthur Nicolson, uma rara audiência, dizendo-lhe, sorridente, que esperava que os dois países se aproximassem muito mais.[2] Profundamente lisonjeado, Nicolson informaria que o tsar era "um homem muito franco e honrado".[3] (Na verdade, Nicolau desde o início estava perfeitamente informado da anexação, tendo estimulado Izvolski a fazer um acordo sobre os estreitos. Agora, contudo, negava que tivesse conhecimento, dizendo-se revoltado com o fato de o ministro do Exterior ter agido de maneira que o envergonhasse.) Quase simultaneamente, Izvolski perguntou a Nicolson — e Benckendorff, o embaixador russo em Londres, perguntou a Grey — o que a Grã-Bretanha faria se houvesse uma guerra nos Bálcãs e a Alemanha apoiasse a Áustria. Grey, que já se acostumava a responder a perguntas dessa natureza, jamais se comprometeu a entrar em guerra. Ele respondeu que a Grã-Bretanha não entraria automaticamente em combate ao lado da França ou da Rússia, mas, naturalmente, haveria de se posicionar contra o "agressor".[4]

Persistindo a sombria configuração do panorama internacional, Guilherme conseguiu providenciar um certo alívio — exceto para os alemães. No dia 28 de outubro, o *Daily Telegraph* publicou uma entrevista do cáiser ao coronel Edward Montagu-Stuart-Wortley, eminente figura do exército e campeão não muito inteligente das relações anglo-alemãs, que havia efetuado uma montagem de uma série de conversas que tivera com Guilherme quando o cáiser se hospedara em sua residência, o Castelo de Highcliffe, perto de Bournemouth, no inverno anterior.******** A entrevista era uma sincera tentativa de mostrar ao público britânico que o imperador alemão era um grande anglófilo. O autêntico Guilherme era inconfundível: pomposo, invariavelmente destituído de tato, razoavelmente iludido e involuntariamente engraçado. "Esses seus ingleses são loucos, loucos como a Lebre de Março",******** disse ele. "Que diabos aconteceu com vocês, para alimentarem semelhantes suspeitas em relação a nós!?" As suspeitas britânicas eram um "insulto pessoal", estimulado pelas reiteradas "distorções" da imprensa britânica sobre suas "insistentes ofertas de amizade". Vinha então a velha ladainha dos atos de desprendimento que ele tivera em favor da Grã-Bretanha, a essa altura repetidos com tanta frequência

que ele próprio passara a acreditar: Guilherme lembrava que havia pessoalmente impedido a França e a Rússia de se associar para atacar a Inglaterra durante a Guerra dos Bôeres, que havia concebido a estratégia com a qual lorde Roberts vencera essa mesma guerra. Ele concluía garantindo aos leitores que a marinha alemã existia apenas para defender o comércio alemão de adversários como os japoneses. Com isto, caluniava, entre outros, os russos e os japoneses — que se sentiram, ambos, ofendidos — e dava a entender que, à parte ele próprio, o resto da Alemanha odiava a Grã-Bretanha.

Na Inglaterra, a entrevista provocou risos. O cáiser parecia genuinamente desejar mostrar-se amigo da Grã-Bretanha, mas soava ridículo, observação a que não resistiam nem mesmo os mais favoravelmente inclinados na imprensa britânica: o *Nation* considerou a entrevista "sincera e impulsiva";[5] a *Westminster Gazette*, "bem-intencionada",[6] mas "embaraçosa".[7] Lorde Esher classificou-a de "espantosa", acrescentando: "Ele se considera imortal e onipotente."

Na Alemanha, contudo, o artigo desencadeou um frenesi de indignação e ressentimento contra o cáiser, tanto pela revelação de que havia apoiado a Grã-Bretanha durante a Guerra dos Bôeres quanto — o que parecia ainda mais doloroso para uma nação em sua suscetível adolescência — por ter transformado a si mesmo e ao país em motivo de riso. Em suas memórias, Bülow referia-se à entrevista como uma "bomba de dinamite (...) uma triste tagarelice, que dificilmente poderia ser superada em matéria de estupidez e falta de tato".[8] A entrevista do *Telegraph* parecia a última gota, depois dos boatos sobre a insanidade de Guilherme, os discursos descontrolados e o escândalo Eulemburgo. O caso só chegara ao fim em julho, com um desmaio de Eulemburgo durante o julgamento por perjúrio, em meio a uma profusão de lamentáveis histórias apenas parcialmente documentadas de sexo com pescadores e leiteiros, datando da década de 1880.******** "De todas as gafes políticas cometidas por SM, esta é a maior",[9] disse Eduardo a Hardinge.

Dias depois da publicação da entrevista, a imprensa, o Reichstag e até os príncipes do império alemão no Bundesrat e os ministros do governo prussiano se apressaram a manifestar sua mais calorosa indignação. Houve pedidos de abdicação de Guilherme ou no mínimo de uma limitação constitucional de seus poderes. Bülow disse ao cáiser que precisava de carta branca para enfrentar a crise e lhe ofereceu sua renúncia só para deixá-lo bem claro, mandando-o às

pressas para a Áustria, para se encontrar com seu novo amigo, o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do Império Austro-Húngaro. Divulgou então uma declaração no *Norddeutsche Allgemeine Zeitung*, afirmando que nada tinha a ver com o artigo, que estivera por demais ocupado com outras questões de Estado para examiná-lo e que a culpa toda era do Ministério do Exterior. Na verdade, ele estava profundamente implicado no episódio. O cáiser havia pessoalmente pedido a alguns que lessem o rascunho, tendo ouvido de Tirpitz e outros a recomendação de que não fosse publicado. Bülow o havia lido, sugerindo alguns cortes, e partira de férias, entregando a questão ao Ministério do Exterior.[12] O artigo foi passando de um subordinado a outro, e aparentemente os vários cortes e sugestões de edição não foram levados em consideração, e assim ele retornou às mãos do autor inglês. Não temos como afirmar com certeza se se tratou de negligência de Bülow, de uma deliberada decisão de permitir que Guilherme se complicasse ou de pura e simples desorganização institucional. Provavelmente, as três coisas. O novo embaixador britânico, sir Edward Goschen, informava que havia encontrado "mais desordem — mais confusão [no governo alemão] — do que em qualquer outro país ao longo de meus 35 anos de experiência. A única palavra para defini-lo é caos".[13] Ele se perguntava o que poderia estar, se é que estava, chegando ao conhecimento de Guilherme.

No debate de 10 de novembro no Reichstag, os parlamentares criticaram o imperador, um após o outro, com uma franqueza absolutamente inédita. Bülow falou apenas uma vez. Parecia que estava assumindo a responsabilidade pela gafe, mas ficou evidente para a audiência que dizia na verdade simpatizar plenamente com os críticos do cáiser. Sua fala fazia Guilherme parecer um fantasista infantil, especialmente quando explicou que aquilo que o cáiser apresentava como uma estratégia vitoriosa na Guerra dos Bôeres não passava na verdade de uma série de "aforismos" surrados. Ele prometeu que no futuro Guilherme agiria "com moderação"[14] e, para oferecer uma garantia, declarou que se o cáiser extrapolasse de suas funções ele se sentiria obrigado a renunciar. Ao tomar conhecimento do discurso de Bülow, Guilherme derramou-se em lágrimas e o denunciou como uma completa traição.[15]

Na tentativa de distraí-lo, o entourage do cáiser resolveu envolvê-lo em alguma forma de entretenimento que costumava diverti-lo: um espetáculo de balé estrelado pelos membros de meia-idade de seus diferentes gabinetes. O

clímax era uma apresentação do marechal de campo e conde Dietrich von Hülsen-Haeseler, o corpulento chefe do gabinete militar de Guilherme, de 56 anos. Trajando segundo certas fontes um tutu cor-de-rosa ("não pela primeira vez", escreveu Zedlitz-Trützschler), segundo outras, um vestido de baile cor-de-rosa — não restando dúvida de que estava travestido — com uma grande pluma no cabelo, ele efetuou uma série de enérgicas piruetas, saltos e cambalhotas, jogando beijos para o público, deixou aos tropeços o palco e sofreu um violento ataque cardíaco que o matou na hora.[16] Informou-se que, ao chegarem os médicos, o *rigor mortis* estava tão adiantado que foi extremamente difícil despir o tutu de Hülsen e vesti-lo com seu uniforme militar.[17] A história fez com que Guilherme ficasse parecendo ainda mais irresponsável e esquisito; nos jornais franceses, italianos e britânicos, não faltaram satisfeitas dissertações sobre a decadência moral da Alemanha.

De volta a Berlim a 17 de novembro, quatro dias depois da morte de Hülsen, Guilherme, excepcionalmente calado e chocado, foi convencido, depois de horas de catilinária da parte de Bülow, a divulgar o que redundava num pedido de desculpas por seu comportamento, numa admissão de que violara sua responsabilidade constitucional, de que tinha confiança em seu chanceler e não voltaria a fazê-lo. Quase imediatamente ele haveria de lamentá-lo.

Deve ter parecido como se as coisas não pudessem piorar. Até que, a 22 de novembro, o jornal londrino *Observer* publicou um relato sobre uma entrevista inédita que Guilherme havia concedido no mês de julho a um jornalista americano, aparentemente contradizendo tudo que havia dito ao *Telegraph*: os Estados Unidos e a Alemanha, dizia, eram as duas grandes potências do futuro. A Inglaterra estava "podre e caminhando para a ruína, e devia ser varrida do mapa".[18] A Alemanha estava "pronta para a guerra com ela a qualquer momento, e quanto mais cedo, melhor". Ele também manifestou "o maior desprezo" por Eduardo. Bülow imediatamente repudiou o artigo, dizendo tratar-se de uma falsificação, mas todo o Ministério do Exterior britânico e o rei haviam visto o original. Eduardo disse a Knollys: "Sei que o I[mperador] *me detesta* e jamais perde uma oportunidade de dizê-lo (...) embora eu sempre tenha me mostrado cortês e gentil com ele."[19]

No dia em que foi publicada a matéria do *Observer*, Guilherme anunciou que não aguentava mais, que teria de abdicar e desmoronou.[20] O entourage levantou-

o do chão e o levou para a cama. Segundo escreveria mais tarde a governanta inglesa de sua filha, Anne Topham, ele passou as duas semanas seguintes "numa espécie de agitado torpor (...) esmagado ao peso do universal desagrado".[21] Durante algumas semanas, o príncipe herdeiro, Willy, assumiu suas funções oficiais — revista de soldados, comando de paradas, encontros com Bülow, embora não tomasse decisões importantes —, enquanto o cáiser caminhava para cima e para baixo durante horas, calado, pela primeira vez em décadas, mas eventualmente cedendo às lágrimas. "A gente sentia pena daquele homem torturado, sofrendo tanto com o golpe para sua autoestima, sua infalibilidade." Em suas memórias, Topham recordaria "o horror dos terríveis almoços dos dias seguintes (...) o silêncio era apavorante". Volta e meia, Guilherme queixava-se da traição de Bülow.

Ele parecia exausto. Fritz Ponsonby entendeu a que ponto a identidade marcial de Guilherme era um disfarce, enxergando por baixo dela o homenzinho confuso e cansado. "Ele era uma criatura dos próprios alemães",[22] escreveu. "Eles queriam um autocrata ameaçador de gestos teatrais, tentando dominar a Europa, mandando telegramas e fazendo discursos bombásticos, e ele deu o melhor de si para lhes proporcionar o super-homem que exigiam."

Masoquista, Guilherme desnudou-se diante dos membros da família que menos gostavam dele e por cuja aprovação e solidariedade possivelmente mais ansiava. Enviou um telegrama a Alexandra e Eduardo no início de dezembro, perguntando por Eduardo, que tivera uma forte gripe. Quando Alexandra respondeu, perguntando com todo tato pela "gripe" do próprio Guilherme, ele respondeu, de maneira que todos pudessem ler: "Não estou acometido de gripe, mas de um completo colapso." Eduardo comentou: "Realmente vivemos numa época maravilhosa."[23]

Sir Edward Grey escreveu a um velho amigo depois da entrevista ao *Daily Telegraph*.

> O imperador alemão está me envelhecendo; ele é como um encouraçado com o vapor a toda e os parafusos funcionando, mas sem leme, e um dia vai dar de frente com alguma coisa e provocar uma catástrofe. Dispõe do mais forte exército do mundo e os alemães não gostam de ser motivo de riso e estão em busca de alguém em quem descarregar sua raiva e usar sua força. Depois de uma grande guerra, uma nação fica uma geração ou mais sem querer outra. Já se passaram 38 anos desde que a Alemanha teve sua última guerra, e ela se mostra muito forte e muito inquieta, como uma pessoa de botas muito apertadas. Não creio que ocorra no momento uma guerra, mas será difícil manter a paz

na Europa por mais cinco anos.[24]

A Sérvia e a Alemanha continuavam a trocar ameaças. Com o cáiser numa espécie de quarentena, Bülow decidira que a Áustria precisava ser apoiada, pois era a essa altura o único aliado confiável da Alemanha e não podia ser considerada fraca — reação com a qual o ministro do Exterior austríaco, Aloys von Aehrenthal, contara —, embora ao mesmo tempo dissesse que a Alemanha precisava tomar cuidado para não ser arrastada a uma guerra por causa da Bósnia. Guilherme, contudo, mostrara-se inicialmente indignado com a anexação — considerando-a "um ato de banditismo"[25] — e disse que se sentia "ferido em meus mais profundos sentimentos" pelo fato de Francisco José sequer lhe ter dado alguma indicação nesse sentido. Tampouco estava absolutamente certo de que a Áustria merecia o apoio alemão. Bülow, no entanto, disse-lhe que a Alemanha devia estimular a Áustria a não recuar. Se viesse a ocorrer futuramente uma "conflagração europeia",[26] disse ele a Guilherme, os dois países combateriam juntos e a Áustria poderia "concentrar toda a sua força contra a Rússia". Era um sinal de como se havia tornado fácil falar de guerra nos círculos governamentais alemães. Helmuth von Moltke, o chefe do estado-maior alemão, foi mais longe.[27] Disse ao seu colega do exército austríaco que a Alemanha protegeria a Áustria mesmo que ela invadisse a Sérvia e provocasse uma guerra. Moltke estava ativamente interessado numa guerra com a Rússia; considerava que o momento e as circunstâncias, estando a Áustria disposta a participar, eram "propícios". Seus pontos de vista eram compartilhados por muitos graduados oficiais alemães, como o chefe do gabinete militar de Guilherme, Moritz von Lyncker, que falava abertamente de uma guerra como solução para as "dificuldades internas e externas" da Alemanha.[28]

Na Rússia, enquanto isso, a imprensa exigia ação contra a Áustria com insistência cada vez maior. O governo, dolorosamente consciente da fraqueza da Rússia desde a guerra, sabia que simplesmente não poderia oferecer apoio militar à Sérvia. No fim de dezembro, Nicolau escreveu diretamente a Guilherme, pedindo que usasse sua influência junto à Áustria para resolver a crise de uma vez por todas.[29] Guilherme recusou-se, mas insistiu em que a anexação fora para ele uma autêntica surpresa — como de fato fora —, acrescentando, num tom que combinava queixumes e leveza de maneira inconvincente, que embora entendesse perfeitamente por que a Rússia precisava

se aproximar da Grã-Bretanha, estava decepcionado por constatar que desde 1906 ela vinha se afastando "cada vez mais" da Alemanha.[30] Perguntava a Nicky como podia apoiar a Sérvia, uma nação que havia assassinado seu monarca.******** Se pelo menos o tsar tivesse se aproximado dele antes, dizia, talvez pudesse ter ajudado.

Semanas depois, em fevereiro de 1909, Eduardo e Alexandra chegaram a Berlim para a muito adiada visita oficial. O rei se empenhara tenazmente em não fazer a viagem, mas Grey declarou que o momento exigia que as "relações informais" fossem o mais amistosas possível. "O Ministério do Exterior, para alcançar seus objetivos, não dá a mínima para a humilhação que eu deva suportar",[31] resmungou o rei.

Eduardo não estava em boa forma. "O rei da Inglaterra está tão pesado que perde completamente o fôlego quando tem de subir escadas",[32] escreveu Zedlitz-Trützschler em seu diário. "O imperador nos disse que no primeiro jantar da família ele adormeceu (...) ele come, bebe e fuma enormemente." Eduardo estava com 68 anos, e a bronquite crônica e o excesso de peso começavam a fazer-se sentir. A impressionante energia de alguns anos antes desaparecia. A única concessão que fazia em vista do agravamento de sua saúde era prometer ao médico — que, acompanhado de uma enfermeira, estava entre os 13 membros de seu séquito — que fumaria apenas dois charutos antes do desjejum. Contrariando sua preferência, solicitou que os discursos fossem lidos, em vez de improvisados — temendo que Guilherme se saísse inesperadamente com algum horror ao qual tivesse de responder.[33] Mas o comportamento de Eduardo não se devia exclusivamente à doença. Ele ficara terrivelmente perturbado com o que via como desonestidade da parte de Francisco José.[34] Em agosto de 1908, pouco antes da Bósnia, o imperador Habsburgo e seu ministro do Exterior, Aehrenthal, tinham se dado o trabalho de lhe assegurar seu desejo da "mais estreita cooperação entre os dois países, especialmente nos Bálcãs",[35] insistindo em que estavam empenhados em promover a estabilidade. Posteriormente, Eduardo convencera o imperador a fazer sua primeira viagem num automóvel motorizado. Os dois haviam alcançado a magnífica velocidade de 48 quilômetros por hora. O rei ficara orgulhoso de sua relação com Francisco José, "o mais querido e cortês velho cavalheiro que se conhece",[36] no dizer de Hardinge. Considerava-a um excelente exemplo de sua diplomacia, uma

amizade autêntica que abrandava em parte a hostilidade com que ele era visto na Europa germanófona. Mas agora tudo isto parecia de nada ter valido. Seus sonhos de paz aparentemente se esvaneciam, e na frente interna ele assistira à explosão de um cisma no governo em torno da gravidade da ameaça alemã.

Guilherme, em contraste, parecia ter se recuperado admiravelmente de seu colapso. Apesar de tudo, continuava a se sentir empolgado. Disse ao tsar que esperava que a visita tivesse "resultados úteis para a Paz do Mundo".[37] Embora ainda estivesse chamuscado pelo caso do *Daily Telegraph*, o novo ano trouxera uma nova onda de simpatia por ele em setores da imprensa, nos quais se dava a entender que o chanceler não tinha dado todo o necessário apoio ao seu imperador. Ele se mostrava extremamente solícito com o tio e a tia, embora Fritz Ponsonby o achasse frágil e sempre cheio de "piadas forçadas".[38]

Verdade seja dita, a visita tinha um certo ar farsesco e mesmo catastrófico. Quando o trem entrou na estação de Berlim, o rei estava no vagão da rainha, e o imperador, a imperatriz e seu entourage tiveram de se apressar nada condignamente pela plataforma para cumprimentá-los. Mais adiante, os cavalos que puxavam a carruagem de Alexandra e Dona na procissão até o Castelo de Berlim empacaram, dois cavaleiros foram atirados no chão e o cortejo todo teve de ser reorganizado. Guilherme e Eduardo chegaram ao Castelo de Berlim sem o seu séquito. No segundo dia, depois de um longo almoço na embaixada britânica, Eduardo sentou-se num sofá com um charuto ao lado da glamorosa aristocrata inglesa Daisy de Pless, começou a tossir horrivelmente e desmaiou, enquanto o charuto caía de seus dedos. Daisy e Alexandra pelejaram para afrouxar suas roupas — mais apertadas ainda que o habitual —, e o médico de Eduardo entrou apressado no quarto, ordenando que todos saíssem. O rei reapareceu 15 minutos depois, insistindo em que estava tudo bem. Mas a pretendida viagem a Potsdam foi reduzida a um dia em Berlim, visitando os estábulos de Guilherme, os automóveis de Guilherme, o balé de Guilherme (uma coreografia por ele "concebida") e o museu Hohenzollern, notável sobretudo — à parte a coleção de caixinhas de rapé de Frederico, o Grande — pelos suvenires relativos a Guilherme. Eduardo recobrou seu velho encanto natural apenas uma vez: ao se dirigir a uma grande multidão de berlinenses na sede da prefeitura em discurso improvisado em alemão fluente, saudado — para alívio geral — com aplausos entusiásticos. O cáiser, enquanto isso, ficava magoado com o

esnobismo de parte do entourage britânico. Queixou-se de que se haviam comportado como se a Alemanha estivesse na Idade da Pedra; uma dama "manifestou abertamente seu espanto" por ter encontrado "banheiros, sabão e toalhas". Uma outra achou incrível que Berlim "de fato tivesse ruas onde era possível encontrar hotéis elegantes e grandes lojas".[39]

O rei e rainha partiram a 14 de fevereiro, escoltados pelo cáiser até a estação de Berlim. Os dois monarcas se abraçaram. Eduardo entrou no trem. Nunca mais voltariam a se ver.

Ambos contribuíram para a ficção de que o encontro servira para algo. Eduardo disse ao banqueiro Ernest Cassel que fora "sob todos os aspectos um sucesso";[40] Guilherme disse a seu novo amigo e correspondente Francisco Ferdinando que "tivera um efeito altamente aliviador e satisfatório".[41] Fritz Ponsonby, todavia, ficou convencido de que "o efeito dessa visita foi nulo. Deu para sentir que alguns homens encantadores realmente gostavam de nós, mas com a maioria, ficava-se com a impressão de que nos odiavam".[42]

No início de março de 1909, o exército austríaco se mobilizava para atacar a Sérvia. Em resposta, a Rússia — cuja imprensa já espumava de raiva pelo fato de o país não ter defendido os eslavos da Bósnia-Herzegovina diante do império Habsburgo — começou a mobilizar soldados na fronteira da Áustria. O governo russo sabia que não tinha condições de entrar em guerra, mas estava desesperado para colher alguns farrapos de dignidade na crise. Apelou então para que o governo alemão interviesse em seu nome, na verdade para intermediar algum arranjo com os austríacos que lhes permitisse salvar a face.

Bülow e Moltke resolveram que a solicitação devia ser recusada. A possibilidade de que a Alemanha negociasse um acordo entre os dois países, surgindo como o grande fiel da balança do poder na Europa central, nem de longe estava nos cálculos do Ministério do Exterior alemão. Em vez disso, a 22 de março, a Alemanha enviou ao governo russo um rude ultimato que deixou a Rússia sem possibilidade de uma saída elegante, insistindo em que recuasse e aceitasse incondicionalmente a anexação, caso contrário estaria em guerra com a Alemanha. "Esperamos uma resposta precisa, sim ou não, qualquer reação vaga, complicada ou ambígua será considerada uma recusa."[43] Bülow aprovou o tom da mensagem, presumivelmente achando que uma demonstração de dureza conferiria ao governo um ar de brutal eficiência de que precisava urgentemente.

"Tendo sido a questão colocada de maneira tão definitiva e inequívoca, nada restava senão engolir o orgulho, ceder e concordar", escreveu Nicolau, amargurado, à mãe, que se hospedava com a irmã em Londres. A capitulação do governo russo pôs fim à crise, mas a opinião pública russa ficou furiosa, sem entender por que motivo o governo recuara. Parecia mais um sério golpe à posição ocupada pelo país no cenário internacional. "Vergonha! Vergonha! Seria melhor morrer! (...)",[44] deplorava em seu diário o principal pan-eslavista russo, o general Kireev. "Tornamo-nos uma potência de segunda categoria." Na Duma, o principal partido, o dos Octobristas, acusou o governo de ter traído a missão histórica da Rússia nos Bálcãs. O *Novoe vremia* considerou a decisão de não lutar uma Tsushima******** diplomática, e começou a preconizar laços mais fortes com a França e em particular com a Inglaterra: "Os inimigos dos inimigos são amigos."[45] Após o episódio da Bósnia, sociedades eslavas surgiriam em toda a Rússia ocidental, exigindo um apoio formal do governo aos eslavos frente às potências germânicas, a imposição da influência imperial da Rússia nos Bálcãs e a conquista dos estreitos da Turquia. "Considerava-se não só na imprensa",[46] escreveria o embaixador britânico em São Petersburgo a sir Edward Grey, "como também, até onde pude observar e verificar, em todas as classes da sociedade que (...) nunca houve anteriormente um momento em que o país tivesse passado por semelhante humilhação".

Para variar, Nicolau estava sintonizado com a opinião pública russa — se assim podia ser considerada —, embora nada pudesse fazer a respeito. "A forma e o método da ação da Alemanha — quero dizer, em relação a nós — tem sido simplesmente brutal, e nós não o esqueceremos. Creio que estavam mais uma vez tentando nos afastar da França e da Inglaterra — mas, uma vez mais, indubitavelmente fracassaram. Métodos dessa natureza tendem a gerar resultados opostos."[47] Guilherme enviou a Nicolau um ovo de Páscoa — "sinal de perene amor e amizade"[48] — e lhe agradeceu "sinceramente pela maneira leal e nobre como abriu caminho para ajudar a preservar a paz. Graças à sua elevada e altruísta iniciativa é que a Europa foi poupada dos horrores de uma guerra universal". A título de resposta, Nicolau convocou o embaixador britânico, dizendo-lhe que queria ver o fortalecimento da relação da Rússia com a Inglaterra e que a Entente devia enfrentar a Alemanha. Dessa vez, o embaixador Nicolson considerou não restar dúvida de que o tsar solicitava que a Convenção

se transformasse numa aliança militar.[49] O cáiser e o tsar se encontraram durante um dia em Björkö em junho, mas no fim do ano o embaixador alemão em São Petersburgo informava que não fazia sentido o cáiser continuar escrevendo ao tsar, pois suas manifestações de simpatia pela Rússia eram consideradas sem o menor valor.[50]

Para Guilherme, o ultimato — no qual não desempenhara qualquer papel — fora profundamente embaraçoso. Ao se configurar a ameaça de uma guerra, Lyncker, o chefe de seu gabinete militar, observara decepcionado que o cáiser carecia de qualquer apetite nesse sentido — em contraste com seu entourage militar e os generais.[51] Posteriormente, contudo, quando ele passou a ser festejado na corte alemã como um "grande triunfo diplomático",[52] Guilherme sentiu-se na obrigação de demonstrar que havia liderado o tempo todo a atitude agressivamente pró-austríaca da Alemanha. Em Viena, no ano seguinte, declarou-se o cavaleiro de reluzente armadura encarregado da defesa da Áustria. Disse a um diplomata austríaco que seu país devia ter ido em frente e invadido a Sérvia. "Eu odeio os eslavos, sei que é um pecado, mas não posso evitar."[53] "Quando a Alemanha decidia avançar em determinada direção", diria Theodore Roosevelt a respeito do cáiser, "ele só podia manter-se à frente dos acontecimentos correndo para assumir a liderança".[54]

Os britânicos ficaram intrigados e preocupados com a maneira como os alemães se comportaram no caso da Bósnia. O ex-primeiro-ministro Arthur Balfour observou que Herbert Asquith dissera-lhe depois do episódio que, "por incrível que possa parecer, o governo não conseguia formular uma teoria da política alemã que combinasse com todos os fatos, exceto que eles queriam uma guerra".[55] Ele acrescentava que as condições internas na Alemanha eram tão insatisfatórias que o país poderia ser "levado às mais absurdas aventuras para redirecionar o sentimento nacional para um novo canal". Ao viajar a Marienbad nesse verão, Eduardo recusou convites tanto de Francisco José quanto do novo chanceler alemão.

De volta a Londres após a visita a Berlim, Eduardo jogou todo o seu peso na campanha, liderada pelo Almirantado e o Partido Conservador, para intensificar a construção naval britânica e manter a marinha nacional à frente da alemã. A questão dividia o governo. Jackie Fisher estava convencido de que a Alemanha construía mais navios do que reconhecia, e comunicou a Eduardo que os alemães

compravam mais materiais de construção do que o requerido por seus planos oficiais.[56] O Almirantado exigiu seis ou, melhor ainda, oito novos Dreadnoughts para se manter à frente. Muitos membros do Partido Liberal viam nisso uma paranoica dissipação que acabaria consumindo o dinheiro separado para novas pensões e planos de seguridade traçados por David Lloyd George e Winston Churchill. Os debates começaram a azedar. Jackie Fisher e o ministro da Marinha, Mckenna, ameaçaram renunciar. O secretário de Eduardo, Knollys, escreveu que Churchill não podia estar agindo por "convicção ou princípio. A simples ideia de que ele possa ter qualquer dessas duas coisas basta para nos fazer rir".[57] Grey, enquanto isso, aderira ao ponto de vista do Almirantado: reiteradamente solicitara a Metternich os dados corretos sobre a marinha, ao mesmo tempo garantindo-lhe que a Grã-Bretanha diminuiria o ritmo de sua construção naval se a Alemanha o fizesse também. O embaixador gostaria de atendê-lo, mas não podia. Recebera do cáiser instruções para obstruir qualquer tentativa de descobrir os dados reais.[58] Nos relatórios que enviava aos superiores, Metternich dizia que a reação britânica era compreensível, considerando-se que a Alemanha parecia ter algo a esconder, e, até onde ele podia ver, de fato dava sinais de estar construindo mais navios clandestinamente. Guilherme anotou: "Absurdo! (...) Absolutamente inverídico!"[59]

A situação só foi resolvida quando Asquith propôs uma acomodação: encomendar quatro navios em 1909 e mais quatro em 1910. A ironia, contudo, era que, embora de fato Tirpitz tivesse começado a construir mais navios do que autorizado pelo Reichstag — ou mesmo pelo cáiser —, as finanças do governo alemão não podiam suportar o peso de gastos de defesa que a essa altura comprometiam quase 90% do orçamento do Reich. Apesar de um novo projeto de lei naval para tentar acompanhar os aumentos britânicos em 1912, Tirpitz jamais alcançaria sua meta.******** É o que acontece nas corridas armamentistas. O projeto de lei naval britânico, enquanto isso, conseguiu assustar e alarmar os alemães exatamente como o projeto alemão havia alarmado os britânicos. Durante visita a Londres em 1909, o irmão notoriamente anglófilo de Guilherme, Henrique, disse a Fritz Ponsonby que na Alemanha as pessoas estavam convencidas "de que a Inglaterra se aproveitaria da menor desculpa para esmagar a esquadra alemã, e que no momento eles estavam à nossa mercê".[60] E Henrique acrescentava — num reconhecimento inconsciente da tensão

subjacente e do clima de agressão entre os dois países — que os alemães "haviam estudado a história europeia e sabiam que sempre que uma potência europeia alcançava predominância, nós [os britânicos] a esmagávamos. Ele dava como exemplo os holandeses, os espanhóis e, mais tarde, os franceses. Na Alemanha, eles não queriam seguir o exemplo dos outros. Não desejavam guerra, mas não pretendiam deixar de se defender nem ficar à nossa mercê".

Na Grã-Bretanha, o custo dos navios adicionais, somado às novas pensões e à seguridade nacional, obrigou David Lloyd George a buscar uma nova fonte fiscal. Ele a encontraria entre os ricos e os aristocratas, que lhe deram a oportunidade de promover um confronto com a Câmara dos Comuns, dominada pelos conservadores. Na Alemanha, num estranho paralelo, Bülow viu-se numa situação semelhante — e ainda mais urgente —, com uma crise fiscal provocada pelos enormes gastos de defesa. A Alemanha tinha um sistema fiscal incrivelmente iníquo e ultrapassado, exonerando amplamente os junkers. Fazendo eco à iniciativa de Lloyd George, a solução de Bülow consistiu em tentar impor impostos fúnebres e novas taxas fundiárias que oneravam como nunca antes a aristocracia.

Na primavera de 1909, Bülow lutava por sua sobrevivência política. O cáiser estava a ponto de demiti-lo. O caso do *Daily Telegraph* acabara com a confiança que Guilherme depositava nele, e o cáiser decidira mantê-lo no cargo somente enquanto estivesse encaminhando as necessárias reformas financeiras ao Reichstag. Bülow vinha ansiosamente procurando uma maneira de garantir sua posição sem o cáiser. Ao que parece, considerou seriamente a possibilidade de tentar instituir alguma forma de governo constitucional, ocupando ele próprio a posição de chanceler. Escreveu a Fritz Holstein: "Se eu contar com o apoio do Reichstag, existe a possibilidade de termos a partir de agora um tipo diferente de governo."[61] Bülow pediu aos partidos conservadores alemães que concordassem em dar uma justa contribuição às finanças do país em troca de real poder no governo: aparentemente, esperava conseguir com sua ajuda arrancar a Guilherme essa iniciativa constitucional e estabelecer um sistema parlamentar no qual ele próprio, Bülow, governaria à frente de uma coalizão de partidos representados no Reichstag, plano que na verdade haveria de fazer com que deixassem de ser grupos de pressão para se transformarem em autênticos partidos, com responsabilidade perante o governo e o eleitorado.

Em contraste, o orçamento apresentado em 1909 por Lloyd George constituía verdadeiro ataque aos privilégios aristocráticos e aos figurões conservadores não eleitos da Câmara dos Lordes, mais que um convite à participação no poder. No fim, ele foi imposto aos pares não eleitos, e sua resistência resultou na perda do direito dos lordes a vetar projetos de lei, que representava a derradeira prerrogativa do poder aristocrático na Grã-Bretanha. A aristocracia britânica permaneceria intacta como classe, e em 1918 ainda existia. Na Alemanha, Bülow não conseguiu convencer os partidos junker a abrir mão de seus privilégios e isenções, suas reformas financeiras foram derrotadas no Reichstag em junho de 1909, sua coalizão se desfez e Guilherme o demitiu dois dias depois. O sistema continuou iníquo, os junkers continuaram agarrados a seus privilégios e as finanças do governo continuaram capengas, situação que haveria de contribuir para a revolução alemã em 1918.

Para mostrar à luz do dia o calor de suas relações com a Grã-Bretanha e sem dúvida também para ostentá-lo diante dos alemães, em agosto de 1909 a família imperial russa, acompanhada de Stolipin e Izvolski, viajou à Grã-Bretanha. Na verdade — talvez como resposta à relutância de Eduardo em pisar solo russo —, o que aconteceu foi que os iates reais *Standart* e *Polar Star* ancoraram ao largo da ilha de Wight. Em Londres, setenta parlamentares e dois bispos apresentaram queixas formais no dia da chegada dos russos, não obstante o fato de sir Charles Hardinge, para tentar adoçar a pílula, ter divulgado uma série de relatórios relacionando aperfeiçoamentos absolutamente fictícios no panorama das liberdades civis na Rússia.[62] Em caráter confidencial, o embaixador britânico observara recentemente que o regime havia executado 2.835 pessoas nos três anos anteriores a outubro de 1908.[63]

"O querido Nicky está com excelente aparência e Alicky também",[64] escreveu Jorge. Não encontramos em seu diário qualquer comentário sobre sentimentos ou o que havia de estranho em tudo aquilo: 11 anos se haviam passado desde que os vira pela última vez. Jorge levou a família imperial para inspecionar 24 encouraçados e 16 cruzadores pesados ancorados em Spithead; a bordo do *Victoria and Albert*, eles passaram por entre três fileiras de embarcações. Os canhões lançavam salvas e as tripulações saudavam a sua passagem, numa demonstração de força e coordenação que se dirigia tanto aos alemães quanto aos russos. À parte algumas viagens a Hesse e Kiel, era a primeira vez que as

crianças dos Romanov saíam da Rússia. Não que pudessem ver muita coisa. Foram autorizadas a pisar em terra firme exatamente uma vez, fazendo um passeio ao redor de Osborne House, a essa altura uma casa de repouso para oficiais da marinha. O tsar e o príncipe de Gales ainda eram incrivelmente parecidos. Fazendo pose em seus uniformes brancos de almirantes da marinha britânica, com seus olhos tristes e as barbas ao estilo Vandyke, quase poderiam ser tomados por gêmeos. Mas David, o filho de 13 anos de Jorge, que era afilhado do tsar, praticamente nada lembraria dele mais tarde, embora recordasse com vividez sua "sofisticada guarda policial".65

Alix foi visitar a antiga imperatriz francesa Eugênia, de 82 anos, que cumpria seu 38º ano de exílio britânico, na cidade de Farnborough, em Hampshire. Ela parecia particularmente fascinada por rainhas depostas e tinha vários suvenires de Maria Antonieta, entre eles uma série de quatro tapeçarias que lhe haviam pertencido. Como sempre, Nicolau mostrou-se polido e impenetrável. Na corte russa, último bastião da germanofilia russa, dizia-se que Izvolski tivera de forçá-lo a fazer a viagem e que o tsar ainda tinha lá suas reservas quanto a uma relação mais próxima com a Grã-Bretanha. O oficial de corte favorito do tsar, o velho conde Fredericks, advertiu que a visita a Cowes irremediavelmente envolveria o casal imperial na briga da democracia britânica com o cáiser. "A Grã-Bretanha jamais seria uma aliada leal", teria dito Fredericks, "e ele vaticinou os mais graves riscos para o nosso país".66

******** Guilherme propusera alugar o castelo por várias semanas para caçadas; Stuart-Wortley insistiu em que se hospedasse a seu convite.

******** Personagem de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. (N. do T.)

******** Eulemburgo passaria os restantes 12 anos de vida mergulhado em isolamento, depressão e hipocondria. Escreveu ele: "O imperador é a maior decepção da minha vida, eu esperava tudo dele, e ele não atendeu a uma sequer de minhas expectativas."10 Quanto a Guilherme, lamentava de vez em quando consigo mesmo: "Pobre Phili."11

******** O rei da Sérvia fora assassinado em 1903.

******** Do nome da devastadora derrota infligida pelos japoneses à marinha russa em 1905.

******** Em 1912, a Alemanha tinha 13 Dreadnoughts, contra 22 da Grã-Bretanha.

14. O manto de Eduardo (1910-11)

Eduardo morreu a 6 de maio de 1910. Acabava de voltar de sua visita primaveril anual a Biarritz com Alice Keppel, na qual a tosse e a respiração difícil se haviam manifestado com tal intensidade que ele praticamente não deixou o hotel em seis semanas. De volta à Inglaterra, ele parecia restabelecer-se, jogando bridge até meia-noite, conseguindo acompanhar por cinco horas uma ópera de Wagner, reunindo-se com vários ministros. Mas no domingo, 1º de maio, saiu para dar uma caminhada em Sandringham, expôs-se ao vento frio e apanhou um resfriado. Na sexta-feira seguinte, depois de uma série de pequenos ataques cardíacos, ficou inconsciente. Pode parecer apropriado que a última coisa que Jorge conseguiu dizer-lhe foi que seu cavalo, Bruxa do Ar, havia vencido em Kempton Park.[1]

Na Grã-Bretanha, Eduardo havia tornado a realeza visível, glamorosa e imensamente popular. Os mesmos jornais que cobriam seus vícios com profusão de detalhes libidinosos quando ele era príncipe de Gales se derramavam agora em elogios. Centenas de milhares de britânicos enlutados desfilaram diante de seu caixão em Westminster Hall. Pela Europa, ecoavam homenagens grandiloquentes. Na Rússia, o *Novoe vremia* escreveu que Eduardo havia "moldado o destino do seu reino". Um jornal vienense referiu-se a ele como "o homem mais influente do momento. E seu próprio ministro do Exterior". Na Alemanha, o *Rhenische-Westfälische Zeitung* falava do "grande opositor. (...) Colocamo-nos junto a seu ataúde como sendo o de um poderoso e vitorioso antagonista".[2] "Ele poderia ter sido uma mistura de Sólon e Francisco de Assis, se fossem autênticas as descrições de suas características",[3] comentou com ironia o poeta anti-imperialista e diplomata Wilfrid Scawen Blunt.

Sob certos aspectos, todavia, Eduardo não conseguira ser o que havia pretendido: um pacificador. Ajudara a integrar novamente a Grã-Bretanha à Europa, estimulara a conclusão dos acordos com a França e a Rússia, mas havia se transformado na encarnação do velho medo da Alemanha de ser apanhada numa armadilha e se ver cercada por forças hostis — e, embora a acusação fosse ridícula, não foi capaz de reunir energia ou disposição para enfrentá-la. Sua ligação com os falcões do partido antialemão na Grã-Bretanha e o flagrante

fracasso de sua relação com Guilherme haviam agravado esse panorama. Meses antes de morrer, ele dissera em caráter confidencial a um jornalista britânico que, numa guerra europeia, a Grã-Bretanha se sentiria obrigada pela "honra e o interesse"[4] a sair em ajuda da França contra a Alemanha.

Antes de ir para o funeral, Guilherme fez um julgamento do tio. "Pode-se esperar que as maquinações e intrigas (...) que por tanto tempo causaram inquietação no exterior e levaram a Europa a prender a respiração terão fim", disse ele ao novo chanceler, Theodore von Bethmann-Hollweg. "Todas as alianças de gabinete e as coalizões privadas ruirão sem um homem no alto para mantê-las coesas." Eduardo, dizia ele, faria falta apenas para "os franceses e os judeus". A Europa ficaria "muito mais calma".[5] Quanto a Jorge, Guilherme o considerava, com inesperada argúcia, "um cavalheiro do interior inglês sem interesses políticos (...) que acabará se inclinando, dado seu sumário talento linguístico, a ficar em casa".[6] Finalmente, ponderava Guilherme, era ele o monarca mais destacado da Europa. E as relações com a família real britânica seriam mais amenas, pois Jorge se mostrava perfeitamente amistoso. Era improvável, todavia, que isso fizesse alguma diferença no caráter tenso das relações anglo-alemãs.

Jorge ficou arrasado com a morte do pai, embora o puro e simples medo de subir ao trono estivesse inextricavelmente imbricado no sentimento de perda. "Perdi o meu melhor amigo e o melhor dos pais",[7] escreveu em seu diário. "Estou de coração partido e arrasado de dor. Fiquei completamente perplexo com esse terrível golpe." Nicolau escreveu-lhe: "Sinto *muito profundamente* por você; que terrível perda para você e a Inglaterra! E por experiência eu sei, infelizmente!, o que isto não nos custa. Aí está você com o coração doído e sangrando, mas ao mesmo tempo o dever se impõe e as pessoas e os negócios aparecem para afastá-lo da sua dor. (...) Como eu gostaria de poder estar agora perto de você!"[8]

Mesmo sem Nicolau, uma boa quantidade de membros da realeza europeia compareceu ao funeral: sete reis (da Bélgica, Grécia, Noruega, Espanha, Bulgária, Dinamarca e Portugal), um imperador (Guilherme) e trinta príncipes e herdeiros europeus, entre eles Francisco Ferdinando da Áustria, o irmão de Alix, Ernesto de Hesse, o irmão menor de Nicolau, Miguel, e a mãe dos dois, Minny. Os Estados Unidos foram representados por Theodore Roosevelt, que recente e

relutantemente havia deixado a presidência. Só os gastos de alimentação dos reis teriam chegado a 4.644 libras (aproximadamente 325 mil libras em valores de hoje).[9] Nada foi dito ou sugerido que tivesse alguma importância política. Os reis trocavam de uniformes, cuidavam de seus impressionantes bigodes e barbas, jantavam, posavam para fotografias. Regimentos de guardas britânicos marchavam impecavelmente pelas ruas; segundo escreveria Minny a Nicolau, o funeral foi "lindamente organizado, na mais perfeita ordem, muito comovente e solene. A pobre tia Alix suportou tudo maravilhosamente até o fim. Jorge também se comportou muito bem e com muita calma".[10]

Passados apenas cinco meses, o primeiro dentre os convidados reais perderia o trono: Manuel de Portugal, deposto por um país cansado de sua vinculação à extrema direita. Ele fugiu para Gibraltar e foi levado para o exílio na Inglaterra no iate de Jorge, o *Victoria and Albert*. Em 1912, o rei da Itália, Vítor Emanuel, cujo pai fora assassinado, escaparia por pouco ao mesmo destino. O tio de Jorge, Jorge da Grécia, seria vitimado por um ataque em Salônica em 1913. Francisco Ferdinando morreria em Sarajevo em 1914. Miguel seria assassinado um dia depois do irmão em 1918. Os reis estavam se distanciando da história.

Mais uma vez as multidões londrinas aclamaram Guilherme — mas o fato é que as multidões londrinas aclamavam quase todo mundo: pompa era sinônimo de entretenimento. Na Alemanha, as infindáveis exibições, as revistas, as inaugurações de monumentos, as procissões e os discursos que haviam se tornado uma característica tão forte da era guilhermina gradualmente vinham gerando tédio, apatia ou zombaria no público, mas na Grã-Bretanha Guilherme ainda era um valor seguro. Em paralelo ao antagonismo tão vividamente manifestado na imprensa, suas viagens à Inglaterra suscitavam o anseio de que as tensões na Europa simplesmente desaparecessem. Ele parecia tão poderoso e eficiente com seu capacete de esporões, tão satisfeito de encontrar os parentes ingleses, que certamente aquilo tudo devia dar em alguma coisa. O *Telegraph* manifestou o piedoso desejo de que Guilherme, "o grande árbitro da paz e da guerra",[11] herdasse o manto de Eduardo como pacificador internacional: "Se o imperador da Alemanha assumir decididamente o papel moral nas relações internacionais", poderá tornar-se "a nova esperança do mundo".[12] Ele acompanhou Jorge até Westminster Hall, "onde depositamos coroas de flores no caixão do querido Papai, muito comovente ver milhares de pessoas desfilando

em absoluto silêncio".[13] O cáiser sempre tivera o senso do grande gesto público, embora jamais de suas consequências. Apertou a mão do rei sobre o caixão. A imprensa não deixou escapar esse "símbolo",[14] como diria o *Daily Chronicle*, "da amizade que deveria unir para sempre os dois grandes impérios que eles representam pelos laços da paz". "Ninguém que a tenha presenciado ficou indiferente a essa demonstração de simples afeto entre primos",[15] emocionou-se o *Daily Mail*, comentando um gesto que "jamais seria esquecido".

Guilherme escreveu a seu chanceler, em Berlim, que o fato de encontrar-se novamente em Windsor revivera todas as suas felizes lembranças da infância, e muito embora os anos desde então decorridos tivessem sido "particularmente difíceis de suportar", ele se sentia "orgulhoso de chamar este lugar de minha segunda pátria e de ser um membro de sua família real".[16] Em pouco dias, ele se sentia em casa. Como Alexandra, viúva há duas semanas, não desse sinais de querer deixar o Palácio de Buckingham nem de abrir mão das prerrogativas de sua posição e Jorge parecesse relutar em abordar a questão, o cáiser decidiu cuidar ele mesmo da coisa. "Willie, querido", disse Alexandra ao sobrinho com o qual antipatizava há trinta anos, "você sabe que sempre se expressa confusamente, receio não ter ouvido uma única palavra do que disse".[17]

Era tudo muito diferente do que sucedia na Alemanha, onde metade do país a essa altura desprezava as gafes de Guilherme, sua instabilidade, sua trivialidade, sua submissa identificação com o exército e a classe prussiana dos junkers, e pelo menos metade da imprensa o tratava como uma piada de mau gosto. Além disso, o conceito de "governo pessoal" evaporara com a aposentadoria de Bülow. A relação de Guilherme com seu novo chanceler, Bethmann-Hollweg, era muito diferente. Ele não fora a primeira nem mesmo a segunda opção de Guilherme e se considerava um administrador profissional e um servidor do Estado, e não um cortesão. Tinha todas as características de um típico "prussiano" — antidemocrático, antissocialista, pró-agrário, nacionalista —, mas não cultivava a lisonja nem a subserviência, e a essa altura o cáiser mais ou menos permitia que levasse adiante suas políticas e nomeasse ministros como bem quisesse. A nova paixão do cáiser era a arqueologia. Na primavera, ele invariavelmente desaparecia em Corfu, onde seu indignado entourage se via obrigado a escavar durante horas. "Deixem-no", disse Bethmann-Hollweg a um colega, "pois enquanto está escavando ele não manda telegramas nem interfere na política".[18]

Não que Guilherme tivesse parado de fazer discursos ou de tentar manter de pé publicamente a ficção de que ainda estava no controle. Nem haveria ele — apesar de todas as boas recordações — de permitir que Bethmann-Hollweg em absoluto interferisse no programa naval. Ao ser feito chanceler em 1909, este tentara enfrentar a questão do que considerava um preocupante isolamento internacional da Alemanha. Propusera conversações anglo-germânicas sobre a marinha, mas imediatamente se deparara com a teimosia de Guilherme e Tirpitz. Bethmann-Hollweg considerava a política naval de Tirpitz a "eterna pedra no sapato" que impedia uma reaproximação com a Grã-Bretanha. Mas tudo que podia oferecer era um arrefecimento da construção, e não um reconhecimento da superioridade numérica da Marinha Real britânica, e em troca queria um tratado diplomático pelo qual a Grã-Bretanha prometesse não interferir na Europa na eventualidade de uma guerra europeia, gesto que insistia em considerar vital para assegurar a aprovação do cáiser e da opinião pública alemã. Não surpreende, assim, que a reação britânica fosse morna e os entendimentos esmorecessem.

Embora o pai tivesse tentado prepará-lo para reinar, Jorge sentia-se profundamente despreparado. Em Sandringham e no convívio com a aristocracia das caçadas, ele se mantivera isolado do século XX, da atenção pública e do complicado mundo da política. Ao subir ao trono, foi projetado num mundo estranho e assustador. Confidenciou a Esher que se surpreendia às cinco horas da manhã rabiscando anotações ansiosamente.[19] Declarou que o encontro com os conselheiros particulares do pai no dia seguinte à morte deste fora "a mais penosa provação por que jamais tive de passar".[20] Aparecer em público era uma tortura. A leitura de seu discurso na abertura do parlamento — "uma terrível provação" — fazia suas mãos tremerem de tal maneira que o texto tinha de ser impresso em caracteres excepcionalmente grandes. A coroação em junho de 1911 não foi menos ruim. Sua ansiedade era evidente. Max Beerbohm, satirista e figura da sociedade, observando-o na abertura do parlamento, sentiu uma pontada de piedade por ele: "O reizinho, com a grande coroa de diamantes cobrindo-lhe as sobrancelhas e os olhos deixando transparecer tão tragicamente tanto do esforço, da vontade de agradar (...) da vontade de ser tudo que ele não é e que seu Papai *era*. (...) Oh, que figurinha lamentável, boa, frágil, heroica."[21]

Apesar das angústias da subida ao trono e de sua inocência quando se tratava de política, Jorge — tal como os primos — tinha pontos de vista muito

conservadores e um feroz senso dos próprios direitos. A estreiteza de sua educação naval e sua aversão quase patológica à mudança o faziam pender para o lado da reação. O novo mundo eduardiano o deixava desnorteado e alarmado. Se pudesse, teria derrubado todas as decisões políticas que o partido no governo, o Liberal, adotou em seus primeiros anos de reinado: teria mantido a Câmara dos Lordes tal como era, impedido a autonomia da Irlanda e patrocinado leis contrárias aos sindicatos, embora sofrendo terrivelmente com cada decisão. Encarava os socialistas e a ala radical do Partido Liberal como o inimigo, interpretando tudo que faziam como um ataque contra ele e o seu mundo. Achava incompreensíveis as greves e os sindicatos. Em 1912, pediu que Asquith propusesse uma lei para acabar com os piquetes pacíficos, que considerava deploráveis; durante a greve geral de 1926, propôs que o governo prendesse os líderes sindicais. Desaprovava até as reformas da Marinha Real apoiadas pelo pai, particularmente a transferência da esquadra do Mediterrâneo para o mar do Norte; desagradava-lhe em especial a pessoa do almirante Fisher, que considerava sorrateiro.

Onde de fato podia exercer controle — na corte e na casa real —, Jorge mostrava-se um autocrata. Sempre conseguia o que queria. Com a subida do marido ao trono, May decidiu que precisava mostrar-se ainda mais deferente e aquiescente diante dele; já agora nunca o contradizia em qualquer assunto, nem mesmo na família. O custo, como observariam seus velhos amigos, era alto. Sua amiga Mabell, condessa de Airlie, escreveu que "sua dedicação à monarquia exigia o sacrifício de boa parte de sua felicidade pessoal".[22] E ela também estimulava todo mundo a ceder. Fritz Ponsonby, com quem Jorge se indispôs por um momento por discordar dele com demasiada frequência e muito diretamente, considerava que a casa real se submetia espantosamente a ele. Contou que certa vez derrotou o rei no tênis. Jorge ficou emburrado e se recusou a "tentar". Estava acostumado a ver sua vitória facilitada. "Disse-nos que não entendíamos o jogo e que devíamos mandar bolas fáceis. Fiquei furioso, pois o jogo combinado é uma chatice."[23] Era um exemplo sem grande importância, mas a ausência de desafios fazia com que nada confrontasse seu mau humor e sua resistência a novas ideias.

O desapreço de Jorge por tudo que o biógrafo de sua mulher viria a chamar de "coisas complexas"[24] o levaria a insistir em que May optasse por um apenas de seus dois nomes de batismo, Vitória Maria, como rainha. Ela escolheu Maria.

Ele insistia em se vestir no estilo do fim da década de 1890 e exigiu que Maria, que secretamente gostaria de usar roupas mais na moda, o fizesse também, e assim ela para sempre permaneceria confinada nos coercivos chapéus, anquinhas e espartilhos de uma senhora do fim da era vitoriana. Saudoso das certezas do mundo da avó, ele restabeleceu na corte a solenidade da década de 1890. "Estamos de volta à era vitoriana",[25] escreveu o visconde de Esher em seu diário. O estilo mais aberto e menos ortodoxo da corte e da vida social de Eduardo desapareceu quase da noite para o dia. A corte do novo rei era enclausurada e irretocavelmente correta. ("Já tivemos o suficiente das intrigas e intromissões de certas damas, não estou interessado em nenhuma esposa, senão na minha própria",[26] disse Jorge. Foi o mais perto que jamais chegou de algum dia criticar o pai.) E era também de um tédio mortal. Até lorde Esher, grande admirador de tudo que fosse real, começou a lastimar a perda "daquela curiosa corrente elétrica que impregnava o ambiente do rei Eduardo".[27]

Como tantos ansiosos, Jorge se sentia explorado, tanto mais porque o "dever" era verdadeiramente o seu mantra. O resultado disso era uma certa tendência à autocomiseração — não raro incongruente —, favorecida pela cultura da deferência em sua mulher e na casa real. "Mas não vai exigir demais de mim?",[28] queixou-se quando foram constatados erros nas ordens cerimoniais estabelecidas para o funeral de Eduardo — embora houvesse um cortesão e quatro funcionários destacados para passar o dia resolvendo o problema. Em 1914, quando fracassou a conferência convocada no Palácio de Buckingham para resolver o conflito entre os nacionalistas irlandeses e os legalistas do Ulster, ele escreveu: "Atualmente, quero simpatia, e não posso deixar de pensar que estou sendo maltratado."[29]

Desde o início ficou claro que Jorge não arquitetaria para si próprio um papel ativo, como haviam feito o pai e a avó. Não tinha para isto a energia, a imaginação e o charme necessários. E tampouco podia ser considerado um mediador muito eficaz, pois — como os primos — não era capaz de distinguir entre o trivial e o importante. Como o pai, era obcecado com a correção na indumentária e podia disparar páginas e páginas de queixas — ou, de preferência, seu secretário particular, Bigge, se encarregava de fazê-lo — quando um parlamentar não se apresentava no parlamento trajando devidamente sobrecasaca e um chapéu adequado, ou se algum ministro dissesse uma frase que

o ofendesse. Quando Winston Churchill redigiu um relatório para ele sobre um dia de debates na Câmara dos Comuns, acrescentando, a propósito de uma legislação sobre o emprego, que havia tantos "preguiçosos e vadios"[30] no alto da hierarquia social quanto na base, Jorge queixou-se furiosamente a Asquith, e a quem mais quisesse ouvir, que a frase de Churchill fora "muito socialista e extremamente inconveniente". Ninguém fazia reparos a suas próprias manifestações de falta de tato. Ele descompunha Lloyd George na presença da equipe e de colegas do próprio chanceler: em certa ocasião, por ter feito mais um discurso atacando grandes senhores de terras que mantinham vastas propriedades sem cultivo. O que realmente irritara Jorge era o fato de Lloyd George ter afirmado que os faisões comiam campos inteiros de "beterrabas",[31] e os faisões não podiam comer beterrabas.

Ele não gostava quando se deixava claro demais que seu papel era puramente simbólico. Em 1914, o visconde de Esher falava de sua indignação com "a incrível suposição de seus ministros de que concordaria com qualquer proposta que fizessem".[32] Ele se sentia ao mesmo tempo intimidado por seus ministros e no dever de lhes passar sermões — o que não se eximia de fazer, não raro longamente. Durante as audiências, os ministros mal conseguiam enunciar uma palavra, enquanto Jorge lhes dava suas opiniões. Por sua vez, eles quase chegavam a achá-lo uma piada. "O rei é um sujeito muito legal",[33] escreveu Lloyd George depois de se encontrar com Jorge e Maria pela primeira vez no outono de 1910, "mas graças a Deus não tem muita coisa na cabeça. Eles são pessoas simples, muito, muito comuns, e talvez seja mesmo assim que deve ser". "Creio que é a sua vez de ir a Balmoral na semana que vem",[34] escreveu o primeiro-ministro, Asquith, a Winston Churchill. "Ofereço-lhe então uma palavra de amistosa advertência. Encontrará o espírito real obcecado e a língua real excepcionalmente solta e volúvel." "Ele é um homenzinho agradável, de bom coração, e faz o possível para se mostrar justo e de mente aberta. É uma pena que não tenha tido melhor educação",[35] disse Asquith a sua confidente Venetia Stanley. "O rei disse mais tolices a respeito da marinha do que jamais o ouvi dizer antes", escreveu Churchill em 1912. "É realmente desalentador ouvir essas baboseiras baratas e tolas de que ele se deixa emprenhar."[36]

No que diz respeito às relações exteriores, jamais ocorreu a Grey que o novo rei tentaria desempenhar o papel que o pai assumira. Jorge detestava viajar ao

exterior; não falava línguas estrangeiras; não tinha real interesse pelas questões internacionais e às vezes manifestava nostalgia pelo "esplêndido isolamento".[37] Além disso, a situação internacional mudara muito deste 1901; parecia impossível que a relação entre duas pessoas pudesse ter algum efeito na relação entre dois países. A situação com a Alemanha sofrera o impacto de fortes e arraigadas hostilidades nacionais e do impasse em relação à marinha. Jorge considerava os franceses afeminados e pronunciava palavras francesas incorretamente de propósito. Condenava o republicanismo e dizia não gostar de Paris — o que podia decorrer do fato de a cidade ter sido cenário de algumas das mais notórias infrações do pai. Quanto à Rússia, a relação de Jorge com Nicolau parecia uma das mais calorosas e descomplicadas envolvendo membros das famílias reais europeias ampliadas, mas sempre se mantivera em termos estritamente apolíticos. Mas já agora as questões internacionais começavam a se infiltrar nas amáveis e banais expressões de afeto, e a correspondência adquiriu um tom oficial ligeiramente desajeitado e eufemístico. As cartas do rei também se tornaram mais frequentes, talvez quatro ou cinco por ano, no lugar das habituais duas ou três. "Espero que sempre mantenhamos nossa velha amizade recíproca",[38] escreveu ele após o funeral de Eduardo. "Você sabe que eu nunca mudo e sempre gostei muito de você (...) pode estar certo de que demonstrarei pela Rússia o mesmo interesse que ele (...) pode haver dificuldades com a Alemanha, mas creio que podem ser superadas, e se a Inglaterra, a Rússia e a França se mantiverem unidas, a paz na Europa estará garantida. Deus o abençoe, meu velho e querido Nicky, e lembre-se de que sempre poderá contar comigo como amigo." E em março de 1911: "Receio no momento que a Alemanha esteja tentando isolar a França, posso estar errado, mas é o que penso. Não resta dúvida de que a Alemanha se ressente do amistoso entendimento que existe entre a Inglaterra, a Rússia e a França."[39]

Mas Jorge de fato tinha uma ambição. Meses depois de subir ao trono, ele disse a lorde Esher que queria "fazer pelo império o que o rei Eduardo fez pela paz na Europa".[40] Arthur Balfour afirmara em 1901 que o monarca britânico era o único símbolo com que se identificava todo o império em sua heterogênea incoerência. Jorge considerava-se o elemento de união que o mantinha coeso — uma argamassa das mais necessárias, considerando-se as novas reivindicações de autonomia na Irlanda e na Índia. No outono de 1905, ele visitara a Índia e

simplesmente adorara: as grandes concentrações cheias de pompa; a opulência dos marajás, que vinham fazer a corte com espadas incrustadas de joias; as caçadas ao tigre e ao elefante; as multidões enormes, compactas, em perene aclamação; e a impressão de que a Índia, com seu sistema educacional, suas universidades e seus burocratas, constituía uma prova de que o império civilizava e melhorava a vida dos povos a ele integrados. A Índia motivava nele superlativos inesperados: ele disse a Nicolau que era "um país maravilhoso". Na verdade, na época da visita de Jorge, o país acabara de passar pela desastrosa partilha de Bengala. Ele começara a se ressentir do autor da iniciativa, o altivo vice-rei que estava para deixar o cargo, lorde Curzon. Funcionários do Raj******** lhe asseguraram que a indignação com a partilha e o desejo de autonomia encarnado no recém-fundado Partido do Congresso tinham sido muito superestimados. E ele queria muito acreditar neles. "Eu entendo a expressão no olhar dos indianos", dissera Jorge a Gokhale, o líder do Partido do Congresso indiano, com incrível presunção. "Os povos da Índia seriam mais felizes se o senhor governasse o país?" Gokhale respondeu: "Não digo que seriam mais felizes, mas teriam mais respeito próprio." Jorge voltara para casa convencido de que uma união mais estreita entre "a Pátria Mãe e seu Império Indiano"[41] resolveria tudo. Ser o imperador da Índia excitava Jorge como poucas outras coisas em seu novo papel. Era tão diferente do papel limitado e acanhado que ele desempenhava na Grã-Bretanha! Propiciava uma ideia menos complicada e circunscrita da realeza, na qual os súditos eram simples e sorridentes em sua lealdade.

Pouco depois de subir ao trono, Jorge manifestou o desejo de voltar à Índia, para ser coroado imperador num durbar, o antigo festejo mogul adotado pelos britânicos. O gabinete mostrou-se cético, querendo saber de onde viria o dinheiro necessário para financiar a festança imperial. "Acho uma magnífica ideia", escreveu Nicolau. "(...) Não tenho dúvida de que causará tremenda impressão em todo o mundo!"[42] Jorge foi persistente, e ninguém se saiu com uma ideia melhor para fazer frente ao movimento independentista indiano. Um gesto de confiança da metrópole, na forma de uma visita do monarca, associado a certas reformas, poderia ajudar. Decidiu-se que o rei teria o seu durbar e anunciaria o fim da partilha de Bengala e a transferência da capital de Calcutá para Déli. Mas Jorge foi desencorajado a levar adiante sua autocoroação

napoleônica: com muito tato, a ideia foi posta a pique pelo arcebispo de Cantuária, sob a alegação de que poderia ficar deslocada num país não cristão.

Cem mil pessoas participaram do durbar. Foi, segundo diria Jorge a Nicolau, "uma visão esplêndida e praticamente todos os marajás da Índia estavam presentes".[43] Ele e Maria sentaram-se em tronos prateados, sob uma cúpula dourada, trajando reluzentes túnicas de coroação, enquanto marajás indianos cobertos de joias vinham prestar-lhes homenagem. Jorge envergava uma nova coroa confeccionada para a ocasião, cravejada com 6.170 diamantes lapidados, safiras, esmeraldas e rubis, ao custo de 60 mil libras. Quarenta mil tendas foram instaladas nas colinas ao redor para acomodar a multidão que chegava para ver o novo imperador. Dali, ele seguiu por duas semanas para o Nepal, onde, acompanhado do marajá local, de seiscentos elefantes e 1.400 batedores, abateu 21 tigres, oito rinocerontes e um urso. Estava convencido de que sua presença na Índia surtira importante efeito. Mas os resultados desse tipo de espetáculo nunca eram duradouros, e em matéria de simbolização eficaz e unificadora do império Jorge estava pelo menos uma década atrasado. Um ano depois, um integrante do movimento independentista indiano, vestido de mulher, lançou uma bomba contra sir Charles Hardinge, a essa altura vice-rei da Índia, no momento em que entrava em Déli montado num elefante, matando seu criado e deixando-o gravemente ferido. O gabinete não mais seria convencido a repetir a prática: as viagens reais a recantos distantes do império eram dispendiosas e levavam meses. Quando Jorge começou a falar de uma viagem à África do Sul, um ministro observou: "Decidimos que era muito melhor que ele ficasse em casa, para não mostrar a todo mundo como a máquina funciona bem sem um rei."[44]

A morte de Eduardo teria sido traumática para Jorge em qualquer momento de sua vida. Tendo ocorrido em maio de 1910, mergulhou-o na mais grave crise constitucional para a política britânica em décadas, uma crise que tinha paralelo nas lutas constitucionais da Alemanha e da Rússia. A Câmara dos Comuns tentava abolir o veto da Câmara dos Lordes, a arma que a aristocracia conservadora — que tinha assento na Câmara dos Lordes por força de seus títulos hereditários — vinha usando para bloquear leis e reformas liberais já aprovadas pelos Comuns. A questão transformou-se em crise no fim de 1909, quando os lordes derrubaram o orçamento de David Lloyd George, o qual, por ampliar impostos fundiários e encargos fúnebres, era por eles visto como um

ataque a seus interesses. A aristocracia conservadora não contribuiu exatamente para a própria causa diante da opinião pública ao reagir com uma histeria quase cômica — muito embora, como suspeitavam ambos os lados, os valores a serem efetivamente apurados fossem bastante modestos. O duque de Buccleuch, proprietário entre outras coisas de uma grande coleção de quadros de Poussin, alegava não dispor dos guinéus necessários para a subscrição do Clube de Futebol Dumfries.[45] O conde de Onslow botou à venda vastas extensões do condado de Surrey, e o duque de Rutland, que, como muitos outros tóris, aparentemente considerava que os parlamentares liberais e trabalhistas eram a mesma coisa, declarou que todos os membros trabalhistas do parlamento deviam ser amordaçados. Na qualidade de príncipe de Gales, a solidariedade de Jorge estava com os lordes. O detestado Lloyd George apresentara seu orçamento e o havia lançado com discursos nos quais assinalava alegremente e sem rodeios a defasagem entre ricos e pobres, de uma maneira como nenhum estadista britânico jamais havia feito, com grande desenvoltura e humor. "Um duque com tudo a que tem direito apresenta o mesmo custo de manutenção que dois Dreadnoughts e é mais difícil de descartar",[46] disse ele. A Câmara dos Lordes era formada por "quinhentos homens comuns escolhidos ao acaso entre os desempregados". Na imprensa conservadora, ele era apresentado como um anarquista lançador de bombas ou um bandoleiro — o que adorava.

A rejeição do orçamento de Lloyd George na Câmara dos Lordes forçara a convocação de uma eleição geral no início de 1910. Os liberais, que obtiveram apenas dois assentos a mais que os conservadores, mantiveram o poder numa coalizão com os nacionalistas irlandeses e o Partido Trabalhista, o que lhes conferiu uma maioria de 113 assentos. Por diferentes motivos, cada partido estava louco para acabar com o veto dos lordes, e foi exatamente neste sentido que a Câmara dos Comuns apresentou um projeto de lei. Todos sabiam que os lordes o rejeitariam. A solução do primeiro-ministro Asquith foi ameaçar encher a Câmara dos Lordes de pares liberais, criados pelo rei. Eduardo detestara ser colocado em semelhante posição. Em sua avaliação e na de seus assessores, uma investida contra os lordes chegava perigosamente perto de um ataque contra a monarquia. Ele morrera furioso tanto com Asquith quanto com os lordes conservadores por se terem recusado a uma acomodação. Certos tóris mais radicais chegaram a alegar que as ameaças do primeiro-ministro haviam matado

o rei.

A falta de jeito e de experiência de Jorge era tão palpável que Asquith prometeu-lhe seis meses de moratória, durante os quais ele tentou em vão chegar a um acordo com os lordes. Mas em dezembro de 1910 ele foi obrigado a convocar nova eleição, e foi ao encontro do rei para pedir-lhe uma garantia de que instituiria os novos pares se os liberais saíssem vitoriosos. A interação dos dois foi uma comédia de erros que deixou dolorosamente claro que Jorge pouco entendia de política. Sabendo que o rei detestava a ideia, Asquith pediu-lhe essa garantia em linguagem tão alusiva e exageradamente cautelosa que Jorge ficou achando que estava salvo, dando-se conta do que realmente acontecera só três dias depois. Ao retornar para pedir a garantia em termos mais diretos, Asquith levou outro ministro, lorde Crewe. Assim como Jorge interpretara mal as tentativas anteriores de Asquith, cheias de tato e cautela, assim também achou dessa vez que Crewe estava presente porque Asquith não confiava em sua palavra — ao passo que Asquith tomara a iniciativa na verdade como uma cortesia com Jorge. Quando o primeiro-ministro sugeriu que a garantia fosse mantida em segredo até ser realmente necessária, Jorge concluiu que estava sendo convidado a fazer algo por baixo do pano. "Nunca na vida eu fiz algo que tivesse vergonha de confessar, e não tenho o hábito de esconder nada."[47] Ele não entendeu que o primeiro-ministro tentava mantê-lo longe da controvérsia, a menos que fosse absolutamente necessário. Jorge alegaria mais tarde que Asquith o havia pressionado pela garantia, ameaçando renunciar e convocar nova eleição em torno da questão dos reis e dos pares contra o povo. Durante anos ficou obcecado com o episódio, imaginando que poderia ter havido uma alternativa. Ao descobrir em 1913 que Arthur Balfour, líder da oposição dos lordes, se oferecera na ocasião para formar um governo conservador e que ele não fora informado, ficou furioso, dizendo que podia ter convidado Balfour a formar uma administração e salvado o veto dos lordes. Isto, no entanto, poderia ter sido um gesto muito mais intervencionista e partidário do que aquilo que Asquith pedia que ele fizesse. Balfour automaticamente teria perdido sua primeira votação nos Comuns, o que teria provocado uma outra eleição em torno de um tema de que o país estava farto. Essa eleição teria sido um voto de confiança na decisão do rei de apoiar os conservadores, envolvendo a coroa na política de uma maneira que não acontecia havia mais de um século.

A abolição do veto — e do poder dos lordes — finalmente seria aprovada, em clima de grande acrimônia, em julho de 1911, sem que Jorge tivesse de criar novos pares, mas durante todo o processo ele se mostrou preocupado, e tentava tranquilizar-se bombardeando Asquith com memorandos e diariamente convocando ministros e lordes para externar suas preocupações.

Um dos biógrafos de Nicolau escreveu que, "na Inglaterra, onde um soberano precisava apenas ser um homem bom para ser um bom rei, Nicolau II teria sido um admirável monarca".[48] Talvez estivesse mais perto da verdade dizer que, na Rússia, Jorge talvez se revelasse tão desastroso quanto Nicolau, e que na Grã-Bretanha não importava como era o soberano, desde que estivesse sóbrio e seguisse as regras. A debacle dos lordes foi um início nada auspicioso para o reinado de Jorge; mas ele haveria de se revelar um bom rei. O sistema o tornaria eficiente quase contra a vontade, obrigando-o a fazer coisas que jamais teria decidido por conta própria — por exemplo, receber e mostrar-se polido com o homem que detestava, Lloyd George (e forçar o chanceler radical a fazer o mesmo). Em dado momento, Lloyd George viria a tornar-se o seu primeiro-ministro. Não era exatamente como se Nicolau tivesse sido obrigado a encontrar-se, por exemplo, com Lênin, ou se Guilherme tivesse convivido socialmente com a marxista alemã Rosa Luxemburgo, mas, pelo menos na cabeça de Jorge, não ficava muito longe. Em setembro de 1911, Lloyd George hospedou-se em Balmoral por vários dias. Os dois lados foram obrigados a mostrar o melhor comportamento. Lloyd George foi a piqueniques com a família real e Jorge presenteou-lhe uma das bengalas do pai. Passados alguns dias, Lloyd George não aguentava mais. "Não fui talhado para a vida na corte", escreveu à mulher, "eu a detesto. O clima é carregado de conservadorismo tóri. Dá para sentir no ar, o que me deixa deprimido e nauseado. Todo mundo é muito cortês comigo, como se eu fosse um perigoso animal selvagem que inspira medo e talvez um pouco de admiração por sua flexibilidade e força".[49] Ele não era nem de longe o único a considerar o estilo de vida da realeza — não apenas as opiniões, mas os rituais e regras arbitrários, as mudanças obrigatórias de roupa (pelo menos quatro por dia) e as horas despendidas em caçadas — anacrônico e irritante. O líder do Partido Conservador que o sucedeu, Andrew Bonar-Law, austero empresário escocês que nada tinha em comum com os velhos figurões da aristocracia, considerava "insuportáveis"[50] seus fins de semana obrigatórios com a família real em

Balmoral.

O país levou algum tempo para se acostumar a Jorge. Com seu melancólico olhar direto e sua postura invariavelmente tesa, uma gardênia branca recém-colhida eternamente na lapela, um chapéu (*homburg* ou cartola: ele preferia sair de casa nu a sair sem um dos dois) e seus trajes de corte imaculadamente fora de moda, sua figura elegante e cautelosa transmitia respeitabilidade, decoro, estabilidade e valores antiquados. Num mundo que parecia tornar-se mais rápido, mais confuso e mais perigoso, havia em tudo isso algo de tranquilizador. Como rei, ele seria um lançador de pedras fundamentais, um visitante de escolas, cidades de mineração, obras ferroviárias e eventualmente cabanas de trabalhadores, embora não encontremos em seus diários qualquer revelação do que aprendia com esses lugares. Sua monarquia era do tipo doméstico e sem ostentação, uma monarquia aparentemente preocupada em funcionar com o apoio dos súditos e em manter-se em contato com eles. Sob Jorge, a monarquia britânica realmente haveria de se tornar, como diria Walter Bagehot em seu livro *The English Constitution* [A constituição inglesa], "grave" e "simbólica".

******** Expressão da língua híndi, significando "reino", que designa historicamente o domínio britânico, entre meados do século XIX e meados do século XX, sobre uma região do sul da Ásia que abriga territórios hoje ocupados por países como Índia, Paquistão, Bangladesh e Birmânia. (N. do T.)

15. Comemorações e advertências (1911-14)

A realidade da política europeia era que as relações anglo-alemãs estavam mais estagnadas que nunca — assim como as relações russo-alemãs. Entretanto, cada país, cada imperador continuava tratando de encobrir as fendas com pequenos gestos de amizade, cada um deles mais irrelevante do que o outro. Em maio de 1911, Jorge convidou o cáiser para a inauguração do memorial de mármore da rainha Vitória em frente ao Palácio de Buckingham. "Você está perfeitamente certo ao se referir à minha devoção e reverência à minha amada avó, com a qual sempre tive uma relação tão boa", escreveu Guilherme a Jorge. "(...) Eu jamais esquecerei as horas solenes em Osborne junto a seu leito de morte, quando ela exalou seu último suspiro em meus braços! Aquelas horas sagradas prenderam meu coração firmemente à sua casa e à sua família."[1] Seria a derradeira visita de Guilherme à Inglaterra, e o relato que fez a respeito em suas memórias — páginas sobre os guardas e os regimentos das Terras Altas, a família reunida ao redor do monumento, as boas-vindas que recebeu — parecia quase terno e cheio de saudade.[2] No Teatro Real de Drury Lane, onde Jorge e Guilherme viram a peça do dia, *Money* [Dinheiro], o público ofereceu-lhes uma ovação de pé, e numa cortina especialmente concebida para a ocasião se viam os dois imperadores dirigindo-se a cavalo um para o outro e batendo continência. O ministro da Guerra, o germanófilo sir Richard Haldane, ofereceu um almoço para o cáiser, convidando os mais eminentes e famosos homens da Inglaterra: lorde Kitchener, lorde Curzon, J. A. Spender, o editor do *Manchester Guardian*, o parlamentar trabalhista Ramsay MacDonald, o escritor Edmund Gosse, o veterano general sir Henry Wilson, o pintor John Singer Sargent e Baden Powell, o herói de Mafeking e autor do recente best-seller *Scouting for Boys* [Escotismo para garotos]. Guilherme estava cheio de animação. "Acho que nunca vi um homem tão tomado pelo prazer de viver e tão ansioso por mostrá-lo e compartilhá-lo com outras pessoas",[3] declarou sir John Morley.

Devia ter significado alguma coisa, mas nada significou. Nenhum político britânico estava preocupado em obter favores de Guilherme ou desafiá-lo na questão da corrida naval. "Sua visita, naturalmente, terá um caráter absolutamente privado e não tem qualquer significado político",[4] escreveu Jorge

a Nicolau. "(...) Queria informá-lo disto para a eventualidade de os jornais publicarem um monte de besteiras." Em seu último dia, o cáiser ficou enfurecido em conversa com Luís de Battemburgo a propósito dos acordos da Grã-Bretanha com a França e a Rússia: "Vocês precisam entender na Inglaterra que a Alemanha é o único árbitro da paz ou da guerra no continente. Se quisermos lutar, haveremos de fazê-lo sem o seu consentimento."[5] Ele parecia particularmente irritado com a proximidade da Grã-Bretanha com a Rússia.

Era como se a posição de cada país tivesse ficado tão definitivamente fixada que não houvesse maneira de preencher as brechas cada vez mais profundas de desconfiança e tensão. A Alemanha se aferrava à sua necessidade não atendida de reconhecimento, à sua marinha e ao compromisso com a Áustria; a Grã-Bretanha estava decidida a preservar sua posição internacional e manter-se ligada à França; a Rússia continuava dividida entre a convicção de que não podia enfrentar um conflito e a necessidade desesperada de recuperar sua posição de grande potência através de alguma manifestação de expansão imperial. Em contraste, bastava um pequeno gesto de agressividade no cenário internacional para gerar toda uma crise europeia. Ninguém queria que fosse assim (exceto possivelmente o exército alemão) — inclusive porque em 1911 cada país enfrentava um cenário de depressão econômica e considerável agitação social —, mas ninguém queria ceder. O chanceler alemão, Bethmann-Hollweg, logo vira limitada sua margem de manobra: a direita alemã — altamente crítica do governo — gostava da marinha, e o cáiser deixou claro que se ele pressionasse demais por cortes poderia ser demitido. Para aplacar seus críticos, o chanceler insistiu em que, em troca de uma redução da fabricação de navios na Alemanha, a Grã-Bretanha se comprometesse com a neutralidade numa eventual guerra europeia, o que os britânicos consideraram uma prova de que os alemães queriam tirá-los do caminho para atacar a França. Asquith e Grey não viam sentido em novas conversações, embora reconhecessem da boca para fora a ideia de uma aproximação, para calar seus críticos nas bancadas liberal e trabalhista. Até David Lloyd George, constante adversário da expansão naval e crítico de Grey, começava a questionar as intenções alemãs.******** O Ministério do Exterior alemão, enquanto isso, estava à espreita de alguma cartada diplomática que proporcionasse ao governo uma aprovação que já se fazia muito necessária em casa.

Foi então que, dois meses apenas após o retorno de Guilherme da Inglaterra, a 1º de julho de 1911, a Alemanha enviou uma canhoneira, o *Panther*, ao porto marroquino de Agadir, para onde os franceses haviam recentemente mandado tropas numa iniciativa ilegal, alegando que eram necessárias para esmagar uma rebelião local. Pelos termos da conferência de Algeciras, a Alemanha tinha direito de alguma compensação se os franceses alterassem a natureza de sua presença no Marrocos. Tendo-se no litoral a ameaçadora presença do *Panther* (que, um tanto ironicamente, não era um novo e reluzente navio de guerra, mas um velho, sujo e achatado cruzador que há muito devia ter sido aposentado), o Ministério do Exterior alemão exigiu que a França entregasse todo o Congo francês, acrescentando que se isto não acontecesse a Alemanha poderia ser forçada a adotar medidas extremas.

O fato de o Ministério do Exterior alemão estar usando um navio de guerra como alavanca diplomática pareceu um perigoso precedente ao Ministério do Exterior britânico e a Asquith: não apenas mais um golpe contra a França, mas um desafio direto à supremacia naval britânica e, portanto, à sua posição de grande potência — a diplomacia da canhoneira sempre fora uma particular especialidade britânica. Sua reação foi de contundente agressividade. No dia 21 de julho, em discurso na Mansion House da City londrina, David Lloyd George anunciou que a Grã-Bretanha estava decidida a preservar seu "lugar e prestígio" entre as grandes potências do mundo, ainda que isto levasse a uma guerra. "Se nos fosse imposta uma situação na qual a paz só pudesse ser preservada abrindo-se mão da importante e benéfica posição que a Grã-Bretanha conquistou em séculos de heroísmo e realizações, permitindo que ela fosse tratada (...) como se não tivesse qualquer importância no concerto das nações, devo dizer enfaticamente que a paz a este preço seria uma humilhação intolerável para um grande país como o nosso."[6]

O governo alemão ficou perplexo com o discurso — pelo fato de ser tão direto e de ter sido pronunciado por Lloyd George —, mas se recusou a recuar. Em questão de dias, as duas esquadras foram postas em alerta; uma disputa colonial se transformava numa crise internacional. A imprensa alemã expressou indignação com o fato de a Grã-Bretanha estar ditando regras à Alemanha. Em Londres, o *Times* alegava que a esquadra alemã havia desaparecido do mar do Norte e poderia estar a ponto de atacar. (Na verdade, ela estava a caminho da

Noruega para participar de manobras amistosas com a esquadra britânica do Atlântico.) A escalada da tensão com a Grã-Bretanha não era em absoluto o que os alemães pretendiam. Por trás do pano, os dois lados negociaram um arrefecimento da crise, estabelecendo-se planos para entendimentos franco-alemães. Mas os franceses, estimulados pelas ameaças inglesas, rechaçaram as exigências alemãs de indenização. As conversações e os constantes boatos de guerra se arrastaram pelos meses de agosto e setembro. Em outubro, o ministro alemão do Exterior perdeu a paciência e finalmente concordou em aceitar 260 mil quilômetros quadrados de floresta equatorial praticamente sem utilidade no Congo francês. Um acordo foi assinado a 4 de novembro.

Mais uma vez a provocação alemã levava a uma derrota. "Essa montanha da crise gerada pela Alemanha pariu um rato de território colonial",[7] escreveu Grey. A imprensa nacionalista alemã e as ligas nacionalistas da Alemanha, cujas expectativas coloniais haviam sido de tal maneira insufladas e constantemente frustradas, clamaram sua raiva e decepção. Guilherme foi acusado de covardia: um jornal alemão chegou a chamá-lo de "*Guillaume le timide, le valeureux poltron!*" [Guilherme o tímido, valoroso covarde!]. Os partidos alemães de centro e de esquerda criticaram com escárnio a inépcia e a absurda agressividade do governo. Oficiais alemães de alta patente lastimavam que o mais alto comando se mostrasse tão pusilânime quando se tratava de tomar medidas extremas: em seu foro íntimo, Moltke esperava um "acerto de contas com os ingleses".[8] O ministro alemão das Colônias renunciou.

O próprio cáiser se mostrara extremamente relutante em enviar o *Panther* e ansioso quanto à reação britânica. Como se poderia prever, quando a iniciativa suscitou inicialmente uma reação de aprovação popular, ele se apressou a se identificar como seu autor. Ao longo dos meses subsequentes, contudo, oscilou cheio de escrúpulos entre a ansiedade com o caso e seu habitual exibicionismo marcial. Em dado momento, o ministro alemão do Exterior, Alfred von Kiederlen-Wächter, tinha de ameaçar com a renúncia para mantê-lo na linha, e no seguinte Guilherme anunciava publicamente que estava disposto a usar sua espada se os franceses não atendessem às exigências da Alemanha.[9]

Ele também alegou que, durante sua visita a Londres em maio, falara a Jorge de sua intenção de enviar um navio de guerra à França e que Jorge havia concordado — sendo portanto pura hipocrisia a reação do governo britânico. Era

um território já bem conhecido de Guilherme: alegar que um acordo havia sido feito com outro monarca para em seguida acusá-lo de traição. Mas era novidade para Jorge, que ficou revirando minuciosamente as lembranças. Ele declarou que Guilherme havia levantado a questão do Marrocos ao deixar Londres; podia até ter dito alguma coisa sobre algum navio — mas Jorge não se lembrava. "De maneira alguma manifestei a ele o meu consentimento ou do meu governo." De sua parte, considerava que Guilherme era "um homem da paz", pressionado por "seus próprios militaristas". "Nenhum homem gosta de ser considerado um covarde."[10]

Um deprimente indício do impasse entre os dois países foi o fato de dois milionários empresários internacionais, desligados da política, terem tomado a iniciativa de uma tentativa final de alcançar um acordo. Albert Ballin era diretor da maior empresa de navegação do mundo, a Hamburgo-América, e um dos poucos amigos judeus de Guilherme; Ernest Cassel fazia parte do círculo de financistas judeus de Eduardo; seus empréstimos e transações haviam impedido que vários países entrassem no vermelho, e ele era amigo de Churchill e Asquith. Ambos consideravam que o programa naval alemão havia ido longe demais, gerando um clima de hostilidade sem sentido. Em janeiro de 1912, Ballin convenceu Guilherme a convidar um membro do gabinete britânico a ir a Berlim para tratar da corrida naval, enquanto Cassel estimulava os britânicos a reagir. Grey e Asquith mandaram sir Richard Haldane a Berlim na segunda semana de fevereiro, mas sem lhe conferir autoridade para chegar a um acordo. Todo mundo fez questão de manifestar a expectativa de que se chegasse a um acordo, mas, como não poderia deixar de ser, os entendimentos fracassaram, entre recriminações recíprocas e disputas para saber quem havia oferecido o quê. Mais uma vez, Bethmann-Hollweg insistiu numa declaração britânica de neutralidade antes mesmo de começar a discutir a questão dos navios, e não estava em condições de prometer cortes no programa de defesa, apenas um arrefecimento temporário.

Haldane ficou pasmo com o aparente caos nos escalões superiores do governo alemão. O cáiser, o chanceler e Tirpitz discordavam sobre praticamente tudo no terreno da política externa, da expansão naval e do que esperavam das negociações. Ele reconheceu que Bethmann-Hollweg queria negociar, mas Tirpitz se opunha a qualquer acomodação. Ele nem de longe podia ser

considerado o primeiro visitante britânico a perceber essa confusão. Quanto a Guilherme, parecia totalmente entusiasmado num momento, e no seguinte submisso a Tirpitz. Haldane não sabia que no dia de sua chegada Guilherme dera a público o novo projeto de lei da marinha, dizendo a Metternich que mobilizaria a marinha alemã se os britânicos levassem a efeito seu plano de concentrar a esquadra no mar do Norte (onde ela estaria às portas da Alemanha). Haldane se foi depois de três dias levando debaixo do braço um busto do cáiser presenteado pelo próprio e um exemplar do novo projeto de lei sobre a marinha alemã. No dia seguinte, Guilherme disse ao industrial alemão Walter Rathenau que no verão iria a Cowes "e então resolveria tudo. O rei confiava nele. Seu plano era o seguinte: os Estados Unidos da Europa contra a América. Os ingleses não se mostram avessos".[11]

Quando Haldane voltou a Londres, o gabinete britânico examinou o projeto de lei sobre a marinha e descobriu que tornava absolutamente irrelevante o arrefecimento oferecido por Bethmann-Hollweg.[12] Além de solicitar novos encouraçados, o projeto anunciava um aumento de 20% no número de combatentes para cada navio e um enorme aumento de submarinos e navios de guerra menores. Aproveitando o momento do fracasso das negociações com a França no verão anterior, quando o cáiser se vira acusado de covardia, Tirpitz o convencera de que um novo projeto de lei sobre a marinha poderia reconquistar o apoio da direita alemã, de que manter a pressão sobre a Marinha Real assustaria os britânicos, obrigando-os a adotar uma atitude de sábia neutralidade na eventualidade de uma guerra europeia — argumento cuja falsidade podia ser facilmente demonstrada — e de que quaisquer cortes significariam uma desmoralização internacional. Nas eleições de janeiro de 1912, todavia, aconteceu que o Partido Social-Democrata alemão — os socialistas —, que se opunha ao aumento dos gastos de defesa, obteve sua maior votação de todos os tempos, tornando-se o maior partido no Reichstag, com um terço dos assentos.

As negociações finalmente deram em nada a 19 de março, quando Grey afirmou categoricamente que a Grã-Bretanha não podia prometer manter-se neutra numa guerra europeia. Foi o suficiente para mergulhar Guilherme em depressão. Dona disse a Tirpitz que ele estava à beira de um colapso nervoso. "No fundo", disse ela, "ele é um entusiasta da Inglaterra e tudo que diz respeito à Inglaterra, está no sangue".[13] Era como se os dois impulsos opostos no seu

temperamento tivessem diretamente causado o colapso. Ele denunciou os "canalhas" do gabinete britânico e disse que Grey era um "Shylock".********14 Demitiu então Metternich, não mais suportando ouvir suas explicações sem rodeios sobre os motivos da hostilidade dos britânicos. Quando Grey elogiou Bethmann-Hollweg, que a essa altura era considerado pelos britânicos um elemento de sobriedade e uma força positiva no governo alemão, Guilherme resmungou: "Nunca ouvi falar de um acordo que tivesse sido feito em função de determinado estadista, independentemente do soberano reinante. É evidente que Grey ainda não entendeu quem manda aqui, ou seja, eu. Ele quer determinar antecipadamente quem será o meu ministro se eu chegar a um acordo com a Inglaterra."15 O projeto de lei naval de Tirpitz seria apresentado ao Reichstag em sua integralidade dias depois.

Não obstante a oposição da esquerda, ele seria aprovado em abril de 1912, embora numa versão ligeiramente podada. Paradoxalmente, haveria de se revelar a longo prazo um importante revés para a marinha alemã e Tirpitz. Levou os britânicos a retirar seus navios do Mediterrâneo e a concentrar a esquadra no mar do Norte e no canal da Mancha, evidenciando que a esquadra de Tirpitz não estava à altura da marinha britânica nem poderia estar por décadas ainda. E também indispôs o exército alemão, que considerava que a marinha absorvera uma parte excessiva do orçamento militar por um tempo muito longo, mostrando muito pouco resultado. Ele agora exigia receber a parte do leão dos futuros gastos de defesa; Moltke, observando que o exército russo estava crescendo dramaticamente, tinha planos de aumentar o exército alemão em 25%, o equivalente a 136 mil homens. Mais preocupante ainda era o fato de que os britânicos também concordavam em defender o litoral francês no canal da Mancha em troca do policiamento do Mediterrâneo pela marinha francesa — acerto que tornava um pouco mais provável um eventual envolvimento britânico numa guerra europeia.

Os russos não tinham as mãos menos atadas pelas próprias prioridades. Desde 1905, fazia parte da ortodoxia do governo que a Rússia tinha de estar em bons termos com todas as grandes potências e que guerras externas inevitavelmente levariam a uma revolução, devendo ser evitadas a qualquer preço. Em 1911, o ministro-chefe de Nicolau, Piotr Stolipin, o novo ministro russo do Exterior, Serguei Sazonov — que, não por coincidência, era cunhado de Stolipin —, e até

o próprio Nicolau queriam que a Grã-Bretanha se comprometesse com uma aliança defensiva. Contando com o apoio da Grã-Bretanha, eles acreditavam que a Alemanha e a Áustria hesitariam em ameaçá-los ou intimidá-los. Não que a Rússia pudesse se dar ao luxo de não se manter em bons termos com a Alemanha também. Ao ser nomeado ministro do Exterior no outono de 1910, Sazonov levou a Potsdam um Nicolau que inicialmente se mostrou relutante ("Não entendo como é que ele se mostra tão cego para as consequências do que está fazendo",[16] queixava-se, sombrio, o embaixador britânico) e retornou sem nenhum acordo.[17] "Fiquei muito feliz com minha visita a Guilherme, que estava de excelente ânimo, calmo e satisfeito",[18] escreveu Nicolau a Jorge. O acordo autorizava os alemães e sua ferrovia até o norte da Pérsia, em troca do compromisso de não apoiar as ambições austríacas nos Bálcãs. Mais ou menos uma semana depois, Guilherme, num acesso de entusiasmo, passou pelo Hesse, onde Alix se hospedava com os filhos, levando "montes de presentes". "Para eles, ele é ‘o tio alemão’", escreveu Nicolau, "e ele adora brincar com eles. Parece estar bem, mas ficou mais velho e mais sossegado".[19] Alix mal suportava que Guilherme tocasse seus filhos, mas sabia que era necessário se entender com a Alemanha. As comunicações entre Berlim e São Petersburgo eram mais cordiais que nunca em anos, e a Rússia destacou-se pela omissão no momento da condenação internacional do episódio de Agadir.

Mas também ainda era ortodoxia na Rússia que se precisava restaurar a posição de grande potência do país, então comprometida, e a única maneira de fazê-lo era ampliando o império e impondo as pretensões russas de influência imperial nos Bálcãs. Como se poderia esperar, este último imperativo constantemente ameaçava comprometer a busca da paz. Em 1912, o ministro russo da Sérvia, um militante pan-eslavista chamado Nicolau Hartwig, mediou secretamente um pacto entre os Estados balcânicos da Sérvia, da Grécia, da Bulgária e de Montenegro. Hartwig era um perigoso operador independente que pretendia unir as nações eslavas para que dessem início a uma guerra de recuperação dos últimos territórios europeus do Império Otomano, com isto permitindo que a Rússia assumisse o controle do Bósforo e abrisse os estreitos da Turquia. Sua tentativa de unir os Estados balcânicos — o que representava um feito considerável, pois eram todos extremamente brigões e competitivos uns com os outros — fora parcialmente ocultada do governo russo, e Nicolau e seus

ministros trataram o que conseguiam enxergar com uma espécie de cegueira voluntária, pois não podiam deixar de apreciar que a influência russa fosse restabelecida nos Bálcãs. Todos sabiam que uma guerra na região seria excepcionalmente perigosa, pois a Áustria e a Rússia, ambas profundamente conscientes da vulnerabilidade de seu status de grande potência, se sentiriam obrigadas a intervir, e que a Alemanha com quase toda a certeza se alinharia com a Áustria se esta entrasse num conflito militar.

Em junho de 1912, os imperadores russo e alemão e seus principais ministros se encontraram em seus iates em Swinemünde, no mar Báltico, num dia de calor escaldante. Guilherme encheu os filhos de Nicolau de presentes e disse ter achado muita graça quando oficiais russos conseguiram acabar com sessenta garrafas do seu champanhe. "Tudo correu muito bem e de maneira absolutamente informal",[20] diria Nicolau à mãe. "Ele estava muito alegre e afável e fez a sua brincadeira com Anastácia." Mas a principal conversa do dia pode ter ocorrido entre o novo ministro-chefe de Nicolau, Vladimir Kokovtsov, e Bethmann-Hollweg, e seria posteriormente relatada pelo primeiro em suas memórias. Os dois manifestaram o sentimento de terem sido apanhados numa corrida armamentista que não tinham como deter. Kokovtsov queixou-se de que a Alemanha parecia estar se "armando num ritmo febril". Explicou que lhe seria impossível resistir a exigências de aumentos equivalentes no exército russo. Bethmann-Hollweg respondeu com igual franqueza, afirmando que a "sua própria posição estava longe de ser influente e independente como poderia parecer. (...) Também ele tinha de levar em consideração os pontos de vista pessoais do imperador (...) e especialmente a peculiar organização do Ministério da Guerra, cuja atitude era das mais preocupantes". A Duma efetivamente aprovaria grandes somas para o exército russo em 1913, elevando o número de soldados de 1,3 milhão para 1,75 milhão. Isto, por sua vez, levaria o Reichstag a aprovar ainda mais dinheiro para o exército alemão em 1913.

Após a partida de Guilherme, Nicolau disse a seu ministro-chefe: "Graças a Deus! Agora não precisamos mais ficar vigiando cada palavra para não ser interpretada de uma maneira que sequer havíamos sonhado." Tal como Eduardo, ele aprendera a evitar falar muito diretamente de política com Guilherme, mas também disse a Kokovtsov várias vezes, traindo considerável ansiedade a respeito dos Bálcãs, "que o imperador Guilherme lhe havia positivamente

assegurado que não permitiria que as complicações nos Bálcãs se transformassem numa conflagração mundial".[21]

Três meses depois, em setembro, Serguei Sazonov foi a Balmoral tentar convencer sir Edward Grey a aceitar "discussões" — foi o eufemismo adotado — militares e navais como as que haviam ocorrido entre a Grã-Bretanha e a França. Stolipin achava que o apoio da Grã-Bretanha poderia convencer a Alemanha e a Áustria a se manterem fora da guerra que fermentava nos Bálcãs. Ele esqueceu de mencionar que os russos é que haviam contribuído secretamente para criar as condições para a guerra. "Ele [Sazonov] é um homem franco e honesto e eu o aprecio muito",[22] escreveu Nicolau a Jorge, acrescentando: "Eu sempre leio o *Daily Graphic* e portanto acompanho de perto todos os seus movimentos e tudo que tem a fazer. E muitas vezes fico perplexo de ver como (...) você e May são resistentes!" Tratava-se de uma cortesia com Jorge, pois ele não tinha qualquer papel nas negociações.

Sazonov com toda a evidência estava otimista. A atitude britânica em relação à Rússia havia mudado. Em 1912, o país tornara-se fascinado com o possível aliado. Em janeiro de 1912, o *Times* publicou uma "edição russa" e um grupo de parlamentares liberais visitou a Rússia, viagem qualificada por sir Charles Hardinge como "a peregrinação do amor".[23] A literatura russa estava em toda parte: não apenas Tolstói, mas também Dostoiévski, Tchekhov e Turguêniev acabavam de ser traduzidos para o inglês. O bife Stroganov se tinha insinuado nos cardápios elegantes da Grã-Bretanha. Os Ballets Russes haviam trazido uma fantasia de exotismo russo e modernidade a Londres; Jorge foi assistir a eles na véspera de sua coroação em 1911. Mas o fascínio cultural não tinha paralelo em nenhuma simpatia política. Os jornalistas britânicos continuavam relatando os mesmos terríveis atos de repressão na Rússia e, suprema provocação, tropas russas se haviam deslocado até a esfera neutra da Pérsia, onde o xá, antigo cliente russo, liderava uma guerra civil contra o parlamento democrático patrocinado pelos britânicos, o Majlis. Já era uma situação suficientemente ruim, mas o Ministério do Exterior britânico, que apesar disso gostaria de se aproximar da Rússia, desconfiava da possibilidade de uma tentativa de anexação. A opinião pública britânica simplesmente não aprovaria uma relação mais estreita, e o episódio persa agravou ainda mais as coisas. Mas não importava o que o novo embaixador britânico, sir George Buchanan, dissesse, tanto Nicolau quanto

Sazonov se recusavam a reconhecer que sua política na Pérsia pudesse ter algum efeito na Grã-Bretanha.

Buchanan era a nova arma secreta britânica na Rússia. Diplomata da velha escola que já servira como ministro junto a Ernesto, o irmão de Alix, em Hesse-Darmstadt, ele tinha fama de charme e cortesia ao velho estilo, passeando tranquilamente por entre os conflitos e mal-entendidos que regularmente pontuavam a relação dos britânicos com a Rússia. Sob muitos aspectos, São Petersburgo era o último lugar em que gostaria de estar — ele detestava o clima e só via na corte russa motivo de tensão —, mas cedera inteiramente ao discreto e sorridente feitiço de Nicolau. "Pessoalmente, fiquei extraordinariamente afeiçoado a ele. Sua Majestade tinha um trato pessoal tão maravilhosamente encantador que, quando me recebia em audiência, quase me fazia sentir como se estivesse tratando com um amigo, e não com o imperador. Havia, se posso dizê-lo sem parecer presunçoso, o que redundava num sentimento de simpatia mútua entre nós."[24] Buchanan divertia-se em especial com a disposição do tsar de falar de praticamente tudo, menos de política.

Como se poderia esperar, Grey rejeitou as discussões militares solicitadas por Sazonov. Ele queria falar da Pérsia. O sentimento da opinião pública a respeito era tão forte, e tão grande a preocupação de que o Ministério do Exterior britânico viesse a agir unilateralmente e firmar um acordo secreto sem consultar o parlamento, que a chegada do ministro do Exterior russo havia desencadeado em Londres uma reação tão indignada da bancada liberal no parlamento que Grey teve de prometer que sequer usaria a expressão "tríplice entente" para se referir à informal aproximação entre a Grã-Bretanha, a Rússia e a França. Sazonov fez vagas promessas sobre retirada de tropas, mas Grey não acreditou realmente.

A guerra nos Bálcãs estourou poucas semanas depois. Na Rússia, a imprensa exigia que o país saísse em ajuda de seus "irmãozinhos" — os Estados dos Bálcãs. Mas os "irmãozinhos" não precisavam da ajuda do irmão maior, pois dentro de um mês haviam tomado todos os territórios europeus da Turquia. A Sérvia, em particular, fora extremamente bem-sucedida; praticamente dobrara a extensão de seu território e ameaçava anexar parte do litoral do Adriático, o que deixou a Áustria alarmada. Em meados de novembro, a Áustria começou a mobilizar um exército perto da fronteira russa. Mais uma vez, um conflito local

assumia conotações muito mais amplas e assustadoras. Convocados certa manhã a uma audiência em Tsarskoe Selo, Kokovtsov e Sazonov descobriram que o tsar alegremente se preparava para mobilizar o exército contra a Áustria. Em sua companhia estava o ministro da Guerra, Vladimir Sukhomlinov, por eles detestado, pois se prevalecia do tsar enviando-lhe relatórios breves, simples e cheios de piadas. Os dois conseguiram dissuadir Nicolau, assinalando que isto provocaria a guerra europeia que ele tanto temia, e que a França não teria condições de ajudar, pois estaria absolutamente despreparada.

Sir Edward Grey, enquanto isso, tentava fazer com que as grandes potências forçassem os Estados dos Bálcãs a sentar na mesa de negociações e impedissem a Áustria e a Rússia de procurarem obter vantagem — o que serviria apenas para prolongar o conflito. Nicolau — vendo recuar a perspectiva de controle russo dos estreitos turcos — reclamou da "interferência" britânica, que estava "dificultando nossa vida mais que ninguém".[25] Escreveu ele a Guilherme: "Tenho certeza de que você também se interessa intensamente pela guerra nos Bálcãs. Admiro as magníficas qualidades de combate dos búlgaros, dos sérvios etc., mas os turcos caíram completamente no meu conceito. Deus permita que não tenhamos todos dificuldades no fim!"[26]

Para surpresa da Europa, Grey encontrou um aliado em Bethmann-Hollweg. Os dois agiram em conjunto para levar todo mundo a se sentar à mesa. Um armistício foi assinado a 3 de dezembro de 1912, sendo convocada uma conferência em Londres duas semanas depois para resolver as reivindicações em conflito. Seu eventual êxito — apesar de ter irrompido um segundo e breve conflito nos Bálcãs em julho de 1913 e de meses de contendas em seguida — aparentemente demonstrava que, juntas, a Grã-Bretanha e a Alemanha podiam afinal trabalhar pela manutenção da paz na Europa.

Tudo parecia indicar que as forças da paz haviam levado a melhor no governo alemão. Nos bastidores, todavia, isto não era nem de longe evidente. No dia em que se decidiu pelo armistício, Bethmann-Hollweg anunciou no Reichstag que se a Áustria fosse inesperadamente atacada pela Rússia, a Alemanha combateria ao seu lado. Era uma estranha iniciativa, já que havia termos de paz na mesa, e no dia seguinte sir Edward Grey e sir Richard Haldane se sentiram na obrigação de responder às palavras de Bethmann-Hollweg com uma declaração ao embaixador alemão, segundo a qual, se a Alemanha e a Áustria-Hungria

acabassem numa guerra contra a França e Rússia, a Grã-Bretanha lutaria ao lado da França. Para os britânicos, a questão acabava ali.

Henrique, o irmão de Guilherme, estava na Inglaterra e foi visitar Jorge em York Cottage. Há muito Henrique esperava por uma resolução entre sua pátria e a Grã-Bretanha. Não conseguia se eximir de achar que se pelo menos a Grã-Bretanha mudasse um pouquinho sua posição, os problemas dos dois países poderiam ser resolvidos. Ele perguntou a Jorge se, entrando a Alemanha e a Áustria numa guerra com a Rússia e a França, a Inglaterra ajudaria estas. "Eu respondi", diria Jorge posteriormente a sir Edward Grey, "indubitavelmente, sim — sob certas circunstâncias. Ele [Henrique] manifestou surpresa e pesar, mas não perguntou quais seriam essas circunstâncias. Disse que relataria ao imperador o que eu lhe havia dito. Naturalmente, a Alemanha precisa saber que não permitiremos que nenhum de nossos amigos seja ferido. Considero necessário que você fique sabendo o que se passou a esse respeito entre mim e o irmão do imperador".[27]

Como tantas pessoas que conheciam Guilherme, Henrique achava difícil dizer ao irmão o que ele não queria ouvir. O que ele disse a Guilherme foi quase o oposto do que Jorge havia dito. Ele relatou que os britânicos não queriam uma guerra, que se houvesse guerra, a Alemanha teria de contar "talvez com a neutralidade da Inglaterra, certamente não com seu alinhamento com a Alemanha, e provavelmente com que jogasse o seu peso em favor do lado mais fraco". O cáiser resolveu considerar que Jorge havia dado garantias de que a Grã-Bretanha se manteria neutra — o que o rei certamente não tinha autoridade para fazer. Rabiscou então na carta: "Isto resolve a questão (...) agora podemos ir em frente com a França."[28] Era provavelmente mera pose, pois a essa altura todo mundo, inclusive os alemães, concordara em enviar seus embaixadores à conferência de paz em Londres.

Dois dias depois, Guilherme foi informado da declaração de Haldane de que a Grã-Bretanha lutaria. Ficou terrivelmente decepcionado. Os britânicos encaravam a advertência como uma maneira de amortecer o apetite por uma guerra na Europa. Ele a via de maneira diferente: os britânicos estariam jogando agressivamente para o público, o que insuflaria tanto a Rússia quanto a França a se envolverem numa questão específica entre a Áustria e a Sérvia. Segundo ele, tratava-se de uma "declaração moral de guerra".[29] Ficou tão indignado que

imediatamente convocou seu estado-maior militar e naval. A reunião daí resultante — o "conselho de guerra" de 8 de dezembro de 1912, para o qual o chanceler não foi convidado — é às vezes considerado o momento em que a liderança alemã começou a contagem regressiva para a guerra. Na verdade, parece ter sido sobretudo uma oportunidade para Guilherme desabafar, mas também permitiu aos militares reiterar seu desejo de uma guerra preventiva, embora não chegassem a um acordo sobre quem seria o inimigo. Moltke declarou na reunião: "Considero que a guerra é inevitável, e quanto mais cedo melhor."[30] Para ele, era evidente que devia ser uma guerra terrestre contra a Rússia, e não a Grã-Bretanha. A essa altura, ele estava convencido de que as forças armadas e a economia russas se desenvolviam com tal rapidez que, até 1917, a Rússia estaria por demais fortalecida para ser derrotada pela Alemanha. Tirpitz, por outro lado, queria postergar; a marinha não estaria preparada para desafiar a Grã-Bretanha pelo menos até 1917. Nada específico foi planejado, mas se decidiu na reunião que o povo alemão devia ser "preparado" para a possibilidade de uma guerra no futuro. Sentindo-se culpado por sua intervenção não propriamente útil, Henrique escreveu a Jorge, explicando que havia transmitido "suas instruções ao pé da letra", mas talvez tivesse omitido "o único ponto sensível (...) segundo o qual eu entendi que se a Alemanha fosse arrastada a uma guerra com a Rússia e talvez, em consequência disto, com a França, a Inglaterra *poderia* manter-se neutra, mas que eu temia que ela *podia* também, *conforme as circunstâncias*, alinhar-se com nossos inimigos. (...) Continuamos", prosseguia ele, "— e eu continuo — na esperança de que a Inglaterra e a Alemanha possam estar juntas, em nome da paz mundial!". E ele pedia a Jorge: "Por favor considere a situação mais uma vez, antes que seja tarde demais! Se a Inglaterra e a Alemanha estivessem juntas, até mutuamente, quem neste mundo ousaria provocar?"[31] Parecia uma solicitação da década de 1890. Em outra época, um pedido dessa natureza teria pelo menos suscitado uma conversa séria entre a rainha Vitória e lorde Salisbury. Mas não mais.

Publicamente, os britânicos e os alemães se entendiam melhor que nunca em muitos anos. Ao longo dos 18 meses subsequentes, Bethmann-Hollweg manteve sob sua orientação as relações internacionais, e o novo embaixador alemão em Londres, o príncipe Karl Max Lichnowsky, acabou se revelando — para surpresa geral — um anglófilo gregário apaixonado pela sociedade britânica. Estabeleceu

um bom relacionamento com Edward Grey e logo estaria categoricamente afirmando ao Ministério do Exterior alemão, tal como seu antecessor, que os britânicos jamais aceitariam a neutralidade numa guerra europeia. No início de 1913, o mais novo ministro alemão do Exterior, Gottlieb von Jagow, disse no Reichstag que estava encantado com as "tenras plantas"[32] da cooperação com a Inglaterra. Os dois países tinham começado a negociar quem poderia comprar as colônias africanas de Portugal e de que maneira a ferrovia de Bagdá há tanto planejada poderia atravessar a Pérsia controlada pelos britânicos. Nos círculos próximos de Guilherme, contudo, o tema da guerra com a Rússia estava sempre próximo da superfície.

A desvinculação entre a vida pública e cerimonial dos monarcas e as realidades da política e da economia ficou mais claramente demonstrada que nunca pela pletora de comemorações dinásticas ocorridas em 1913. Na Alemanha, Guilherme comemorou 25 anos como cáiser e rei da Prússia, o 100º aniversário da vitória prussiana sobre Napoleão em Leipzig e o casamento de sua filha única, Vitória Luísa. Em São Petersburgo, Nicolau comemorou o aniversário de 300 anos da dinastia Romanov. Multidões desceram às ruas para aclamar a ambos. A imprensa oficial alemã não se eximiu dos esperados elogios, referindo-se ao cáiser como a pedra angular da nação alemã. Na Rússia, a família imperial empreendeu uma viagem de São Petersburgo a Moscou. "Aonde quer que fôssemos", recordaria Olga, "éramos recebidos com manifestações de lealdade que beiravam o delírio".[33] Nicky e Alix estavam convencidos de que as comemorações haviam estabelecido uma nova relação entre a família imperial e o povo. "Basta que nos mostremos uma única vez, e imediatamente seus corações nos pertencem",[34] disse Alix a uma de suas damas de companhia. "Os amigos mais próximos do tsar na corte", rememoraria seu ministro-chefe, Vladimir Kokovtsov, "convenceram-se de que o soberano podia fazer qualquer coisa escorado no amor ilimitado e na absoluta lealdade do povo".[35] Nos círculos da direita, falava-se do restabelecimento da comunhão direta entre o povo russo e o tsar contra a modernidade depravada da esquerda e dos sindicatos, do fechamento definitivo da Duma e até da eliminação do Conselho de Ministros. Havia outros motivos de comemoração. O país tivera um impressionante crescimento industrial e a manufatura também aumentara enormemente. Ele se aproximava da Alemanha e dos Estados Unidos em produção de aço e carvão.

Parecia estar se saindo tão bem que os britânicos se preocupavam com a possibilidade de que a Rússia já não se sentisse necessitada da Convenção. E na Alemanha, Bethmann-Hollweg e o comandante do exército, Moltke, estavam obcecados com a ideia de que o futuro pertencia à Rússia e de que pelo fim da segunda década do século o país se revelasse tão poderoso que a Alemanha ficasse à sua mercê.

A um exame mais atento, todavia, as duas frentes de comemorações dinásticas proporcionavam uma outra lição: a de que as nações estavam divididas; os regimes, desacreditados; e os cidadãos, decepcionados e indignados. Embora um grande número de alemães ainda se sentisse "monarquicamente inclinado", como observou o *Berliner Tageblatt*, na Alemanha as comemorações chamaram a atenção para fortes divisões e um certo cansaço com o cáiser. "Nunca na história do povo alemão, o mais monárquico povo por convicção e caráter, por hábitos e costumes",[36] escrevia o *Kreuzzeitung*, firmemente alinhado com o establishment, durante as comemorações, em junho de 1913, "a ideia monárquica terá sido tão atacada, e a monarquia, enfrentado semelhante frente de adversários declarados e ocultos". Na extrema direita e no exército, Guilherme era encarado com intensa decepção por não ter sido capaz de proporcionar a forte liderança que havia prometido. Em 1912, valendo-se de um pseudônimo, o líder da Liga Pangermânica, Heinrich Class, publicara *Wenn Ich Kaiser Wäre* [Se eu fosse o cáiser], descrevendo nostalgicamente um "líder forte e capaz",[37] sem temor de limitar os direitos, fazer aprovar legislação antijudaica e antissocialista e impor a censura à imprensa. Num verdadeiro dilúvio de livros, a direita alemã exigia guerras, expansão e a hegemonia alemã na Europa. Os alemães do sul, enquanto isso, queixavam-se da sufocante influência "da Prússia e sua classe de junkers"[38] e do sentimento de exclusão do Reich. Até a *Bürgertum*, a vigorosa classe média prussiana, enxergava as insuficiências do cáiser na vida pública, e o *Berlin Tageblatt* queixou-se, em seu nome, de que fora "tratada como uma *quantité negligeable* durante 25 anos"; agora, acrescentava o jornal, a *Bürgertum* "clamava por reformas".[39]

A esquerda tinha disputado a eleição de 1912 com uma plataforma republicana e havia conquistado 35% dos votos, ou 110 assentos, tornando-se a maior bancada do Reichstag. O Partido do Centro, católico, com o qual

Guilherme e seu governo se haviam recusado a negociar, ficou em segundo lugar, com 91 assentos. A eleição assumiu contornos de referendo sobre o reinado de Guilherme, suas despesas extravagantes, seu sistema fiscal injusto, a prática de preços altos para os alimentos e a incapacidade de enfrentar um crescente desemprego. Em consequência, Bethmann-Hollweg já não controlava o Reichstag, tendo sido forçado a administrar o país por decreto, financiando o governo com empréstimos estrangeiros. A vitória da esquerda provocou verdadeira histeria na elite política e industrial alemã, e na corte como no exercício se começou a falar de golpes para descartar o sufrágio universal — propostas cortadas pela raiz por Bethmann-Hollweg. Mas ela deu ao chanceler, assim como ao exército, uma sensação de sombrio pessimismo quanto às divisões no país e ao seu futuro, que parecia comprometido tanto interna quanto externamente.

Na Rússia, as multidões haviam aclamado as comemorações dos Romanov porque um acontecimento real era uma forma de entretenimento, além de uma visão rara. Como escreveu o ministro-chefe Kokovtsov, no entanto, "no sentimento da multidão havia apenas superficial curiosidade".[40] Não era difícil entender por quê. Manifestara-se a esperança de uma anistia, de novas iniciativas para restabelecer a confiança da vida pública, até mesmo a sensação de que a ocasião não dizia respeito apenas aos Romanov, mas também ao povo — mas nada disso resultara. Houve apenas manifestações convencionais do ritualismo real: procissões, jantares de gala, serviços religiosos. As instituições ao redor do tsar haviam tratado a ocasião com uma rigidez absolutamente destituída de humor. Quando foram postos à venda pratos, xícaras e selos comemorativos com imagens do tsar e sua família, o Ministério da Corte Imperial advertiu que não era permitido que a cabeça do tsar aparecesse em "objetos utilitários",[41] e o Sínodo protestou, considerando inadequado que o rosto do soberano fosse marcado com um carimbo de correio. Nem mesmo a aristocracia da sociedade de São Petersburgo parecia muito entusiasmada com a ocasião. No baile que ofereceu ao casal imperial, o clima, segundo observariam as irmãs de Nicolau, fora "esvaziado"[42] e "forçado".[43]

A realidade é que a administração da Rússia estava mais emperrada que nunca; seu governo, mais brutal; sua liderança, mais perdida. Até os avanços industriais haviam sido feitos a um enorme custo social. No resto da Europa, as

condições de trabalho vinham gradualmente melhorando. Mas não na Rússia. Nicolau continuava isolado em Tsarskoe, preocupado com o filho doente, acompanhando ansioso sua mulher inválida, cada vez mais distante e alienado de tudo ao seu redor, à parte a minúscula corte, angustiado com a situação do país, mas paralisado pela indecisão. Ele brincaria com a ideia de derrubar a nova ordem política, mas se limitou na verdade a queixar-se à boca pequena. Detestava o atrevimento da Duma, que, como quer que o governo manipulasse os direitos civis, mostrava-se irrefreavelmente crítica e determinada a apoiar o governo representativo. E ele tampouco se sentia muito mais satisfeito com os ministros. Depois de saudar Piotr Stolipin em 1906 como o salvador da Rússia, em 1911 já desconfiava profundamente dele. Conservador pragmático, Stolipin dera-se conta de que teria de conviver com os *zemstvos* — os conselhos locais detestados pelo pai de Nicolau — e negociar com a Duma. Tal como acontecera com Witte, Nicolau gradualmente viria a nutrir desconfiança e antipatia por ele. Era comentário geral que o tsar estava para demitir Stolipin quando ele foi assassinado na Ópera de Kiev — em frente de Nicolau e de suas duas filhas maiores — em setembro de 1911. Correram boatos de que ele havia sido assassinado pela direita, pois se revelou que o assassino era ao mesmo tempo um radical de esquerda e informante da polícia, e não fez menção de atacar também o tsar.

"Estou convencida de que Stolipin morreu para abrir caminho para o senhor", disse Alix a seu sucessor, Vladimir Kokovtsov, algo sinistramente, "o que é para o bem da Rússia".[44] Mas Kokovtsov também pôde constatar que o tsar discretamente insuflava facções ministeriais contra ele. Toda vez que o fazia, Nicolau comprometia e solapava um pouco mais a estabilidade e a eficácia do governo. Depois de demitir Kokovtsov no início de 1914, ele passou um sermão no Conselho de Ministros sobre a necessidade de união. Sua necessidade de se sentir no controle sobrepujava tudo mais, até mesmo a eficiente gestão do governo. "O imperador longe está de ser um tolo, fala bem e com pertinência e tem plena consciência do que está fazendo",[45] relatava em 1916 um diplomata britânico particularmente arguto, "(...) é obstinado e vingativo, e absolutamente obcecado com a ideia de que a autocracia lhe pertence e aos filhos por direito divino".

As histórias que chegavam da Rússia davam do regime uma imagem cada vez

mais detestável e indefensável. Em 1912, soldados tsaristas abateram a tiros quinhentos mineiros em greve, ferindo centenas de outros nas minas de ouro de Lena, na Sibéria. As condições na mina eram indescritíveis: os homens trabalhavam 15 a 16 horas por dia, com um índice de acidentes de setecentos para mil trabalhadores. Os alimentos que recebiam de fora muitas vezes estavam podres ou eram insuficientes. Os grevistas reivindicavam jornada de oito horas, aumento salarial de 30% e a melhora da alimentação. Em questão de dias, São Petersburgo viu-se engolfada numa gigantesca greve geral. Recém-eleita, a quarta Duma exigiu explicações. Mas não ficou impressionada com a resposta do novo ministro do Interior: "Assim tem sido, assim sempre será."[46] As relações se deterioraram de tal maneira que no verão de 1912 os ministros e a Duma mal se comunicavam. E houve também, em 1913, o terrível caso Beiliss, no qual um escriturário judeu absolutamente inocente foi levado a julgamento pelo assassinato ritualístico de uma criança. As acusações quase comicamente absurdas contra ele haviam sido forjadas com pleno conhecimento do governo e do tsar, na expectativa de que o antissemitismo popular contribuísse para mobilizar os russos leais ao governo. O próprio Nicolau enviou ao juiz um relógio de ouro na véspera do julgamento, na expectativa de um veredito de culpa. Durante todo esse tempo, as greves prosseguiam: entre 1912 e 1914, elas chegaram a 9 mil, muitas organizadas pelos ativistas bolchevistas, até que, entre janeiro e julho de 1914, havia um milhão e meio de trabalhadores em greve.

E havia também Rasputin, cujas proezas adquiriam contornos macabros. Gradualmente, Alix passara a confiar nele e a contar com seus conselhos não só a respeito da doença de Alexis. Ela o considerava um enviado de Deus. Atraíra-o para o coração da família, permitindo que acompanhasse os preparativos das filhas para se deitar — o que deixava profundamente chocadas sua mãe e sua cunhada — e em cartas a Nicolau se referia a ele como "nosso amigo". Em 1911, começara a consultá-lo sobre os ministros de que não gostava, e disse a Nicolau que devia pentear-se com o pente de Rasputin antes de tomar decisões difíceis. Seguro das boas graças do casal imperial, Rasputin explorava sua posição. O chefe da chancelaria imperial, Mossolov, era assediado por clientes de Rasputin munidos de bilhetes do *starets* exigindo cargos. Kokovtsov e Stolipin entraram em conflito com ele. Kokovtsov teria sido demitido por Nicolau pelo menos parcialmente por não ter sido capaz de impedir que histórias a respeito de

Rasputin chegassem à imprensa — histórias que contornavam as leis de censura por não mencionarem nominalmente a família imperial. Era provavelmente inevitável que a partir de 1911 histórias a seu respeito começassem mesmo a circular fora de Tsarskoe Selo. Em 1912, ele já era alvo de discursos de denúncia na Duma, e em 1914 sua fama era espalhada pela Rússia em artigos de jornal. Essas histórias mostravam dolorosamente que o mundo até então fechado da corte russa não podia mais manter o resto do mundo a distância, mas ao mesmo tempo, paradoxalmente, o quanto a família imperial se havia isolado do mundo exterior e era mantida na ignorância do que nele acontecia. A cobertura de imprensa sobre Rasputin fez com que ele deixasse de ser apenas um favorito da corte e objeto de comentários da elite para se transformar num símbolo nacional e logo também internacional dos males e perversões do sistema. Começaram a proliferar boatos escandalosos sobre seu apetite em matéria de sexo, bebidas e geração de caos.

O incidente mais notório ocorreria em 1915, quando ele apareceu bêbado no Yar, um famoso restaurante moscovita outrora frequentado por Púchkin, acompanhado de duas mulheres, e deu início a uma briga. Chamou um editor de jornal para testemunhar a cena e, como *pièce de résistance*, pôs o pênis para fora, depositou-o na mesa e disse que podia fazer o que bem quisesse com a "velha menina"[47] — referindo-se à tsarina. Ninguém ousou afastá-lo, até que o Ministério do Interior foi convocado a autorizar sua detenção. Na ausência de outras explicações sobre sua influência na família imperial, seria quase fácil demais atribuí-la à alarmante credulidade de seus membros ou a alguma sinistra forma de submissão sexual. Segundo rumores em São Petersburgo, Rasputin dormia com a tsarina e sua amiga Anna Virubova e havia estuprado todas as filhas do tsar — servindo sua profanação como uma espécie de metáfora da degradação do próprio regime. Nicolau e Alexandra foram reiteradas vezes advertidos a respeito de Rasputin por criados, funcionários, a polícia, personalidades da Igreja e finalmente até pela própria família. Mas se recusavam a ouvir. Haviam se tornado peritos em ignorar os que lhes diziam coisas que não queriam ouvir.

Até a estável Grã-Bretanha parecia sucumbir a um novo nível de insatisfação pública e desordem violenta. Greves de mineiros e ferroviários ameaçaram paralisar o país em 1912 e 1913, e a campanha das sufragistas pelo voto

feminino alcançou novos níveis de violência. Janelas do Castelo de Windsor foram quebradas em 1912, e em 1913 Emily Davidson martirizou-se no Derby, atirando-se embaixo do cavalo de Jorge. Este, que não tinha a menor simpatia por grevistas ou sufragistas, ficou chocado e revoltado. Disse a Asquith que devia fazer aprovar uma lei contra os piquetes. "O rei é hostil até a medula a todos aqueles que trabalham para tirar os trabalhadores da lama",[48] escreveu Lloyd George, que convencera os grevistas a voltar ao trabalho. "E também a rainha. Eles falam exatamente como o falecido rei e o cáiser me falavam (...) ao se referir à antiga greve dos ferroviários. 'O que é que eles querem com essa greve? São muito bem remunerados.'"

Assim como na Rússia e na Alemanha, também na Grã-Bretanha falava-se nos meios de direita de alguma iniciativa radical contra a esquerda. Quando o projeto de lei do governo liberal para conceder autonomia à Irlanda foi apresentado na Câmara dos Comuns em maio de 1912, Andrew Bonar-Law, o novo líder do Partido Conservador (cujo nome completo, Partido Conservador Unionista, denotava seu compromisso de preservar a união com a Irlanda a todo custo), disse a George que, eliminado o poder dos lordes, o rei deveria recorrer ao veto para impedir a aprovação da lei, livrar-se dos ministros liberais e escolher novos ministros — conservadores, naturalmente. Pelos padrões britânicos, não era pouca coisa: esperava-se que o monarca se mantivesse acima da política; nenhum monarca havia demitido qualquer ministro desde 1830 nem recorrera ao veto real desde 1708. A coisa tinha cheiro de golpe palaciano, indo totalmente de encontro ao espírito da democracia parlamentar. Jorge recusou-se a fazê-lo, mas o pedido imediatamente desencadeou um aluvião de autopiedade. "O que quer que eu faça, estarei desagradando metade da população. (...) Nenhum soberano jamais esteve em tal posição",[49] e a ideia do veto o fascinava. Em agosto de 1913, ele enviou a Asquith uma carta de 1.500 palavras, citando Bagehot e invocando o direito de dispensar assessores e dissolver o parlamento por iniciativa própria — o que o primeiro-ministro ignorava. O rei também detestava a ideia da autonomia irlandesa. Na verdade, não passava da forma de autogoverno de que a Austrália e o Canadá já desfrutavam, mas para o rei e o Partido Conservador parecia o primeiro passo para a dissolução do império britânico, e assim — inclusive por ter o governo britânico resistido por tanto tempo — haveria de ser. Enquanto o projeto de lei da autonomia era debatido no

parlamento, Jorge começou a enviar cartas "neuróticas" a Asquith, convocando-o para entrevistas nas quais se queixava de "sua própria posição, e do terrível fogo cruzado ao qual se considera exposto".[50]

Em maio de 1913, no casamento da caçula de Guilherme, Vitória, sua única filha mulher, os três imperadores se reuniram pela segunda vez em suas vidas desde 1889. O casamento seria a última daquelas grandes reuniões reais que supostamente geravam tanta harmonia na Europa. Era considerado um feliz desenlace da velha disputa na qual a Prússia havia engolido o reino de Hanôver em 1866: Vitória casava-se com o príncipe Ernesto Augusto de Cumberland, filho da irmã de Minny, Thyra, e neto do rei de Hanôver, primo da rainha Vitória. Era a última vez que os três se reuniam, a última vez que qualquer deles encontrava outro.

Houve as habituais recepções e revistas, um jantar de gala para 1.200 pessoas. Como sempre presente, Fritz Ponsonby observou que Guilherme estava "muito animado",[51] que era mais difícil que de hábito falar com os alemães e que todo mundo tinha de ficar em pé por mais tempo do que esperava.

Ainda assim, a oportunidade suscitou nos protagonistas alguma fragrância daquela velha expectativa de que as reuniões reais surtissem algum efeito. O cáiser, como sempre, via no acontecimento um momento de diplomacia pessoal. Relataria posteriormente ao arquiduque Francisco Ferdinando: "Tudo transcorreu de maneira extremamente agradável e favorável. O rei Jorge V, o imperador e eu chegamos a uma concordância absolutamente total a respeito das questões dos Estados balcânicos. (...) O rei da Inglaterra e o tsar estão em total acordo comigo e firmemente decididos a manter nos estritos limites necessários o desenfreado desejo da Bulgária de ampliação territorial às custas da Turquia e outros Estados."[52] Ele chegou à conclusão de que se havia dado tão bem com Jorge que seria providenciada uma visita de retribuição à Grã-Bretanha. Podia até ter uma autêntica chance de enfraquecer a Entente.

Na verdade, Guilherme ficara dividido durante o casamento entre a satisfação com o comparecimento e o ciúme dos primos. Deixou claro que Jorge não seria bem recebido na estação quando foi receber Nicolau, que chegava no trem de São Petersburgo, pois não queria que lhe fizesse sombra. E estava decidido, conforme recordaria Jorge, a não permitir que os dois primos ficassem sozinhos, por medo de que cochichassem por suas costas. Quando os dois efetivamente

conseguiram ficar alguns momentos sozinhos, Jorge tinha certeza de que "o ouvido de Guilherme estava colado no buraco da fechadura".[53] Um ano depois, quando a Europa se encaminhava para o conflito, Guilherme insistiu em que os primos — dois homens que nunca falavam de política, se podiam evitá-lo — tinham conspirado contra ele no casamento.

Na verdade, Jorge fora ao casamento com uma pontinha de expectativa. No último mês de dezembro, Henrique dissera-lhe que ainda alimentava "esperanças de que a Inglaterra e a Alemanha pudessem se unir, em nome da paz mundial!",[54] rogando-lhe que fizesse uma visita oficial à Alemanha. "Por favor, pense seriamente a respeito — poderia fazer um bem extraordinário!" Mas as ambições do rei rapidamente seriam postas a perder pela proximidade de Guilherme. Segundo observação de um cortesão alemão, Jorge sentia-se à vontade sobretudo discutindo a alimentação dos cavalos com o chefe da cavalariça do cáiser.[55] Mas ficou verdadeiramente contente por se encontrar com Nicolau, que chegou de trem acompanhado de cem policiais.[56] "Tive uma longa e satisfatória conversa com o querido Nicky, que era o mesmo de sempre",[57] anotou em seu diário. O mesmo, naturalmente, era uma boa coisa. Jorge escreveria mais tarde que Nicolau e ele haviam "concordado inteiramente quanto à grande importância de manter as mais amistosas relações entre nossos dois países", para assegurar "a paz da Europa".[58] Considerando-se a banalidade das cartas que trocavam, fica difícil imaginar que Guilherme tivesse algo com que se preocupar. Seja como for, os três há muito se haviam fechado nas respectivas ortodoxias nacionais. Nicolau queixava-se de que as iniciativas britânicas e alemãs para resolver a guerra dos Bálcãs haviam acabado com a mais recente esperança da Rússia de tomar os estreitos, e na corte russa se intensificavam visivelmente as atitudes pan-eslavistas e antigermânicas. O governo alemão se comprometera a apoiar a Áustria nos Bálcãs, e Guilherme gostava de dizer aos emissários austríacos que deviam ir em frente e resolver de uma vez por todas a questão com os sérvios.

Como para confirmar a irrelevância do acontecimento, mal se passaram seis meses e a Rússia e a Alemanha viram-se outra vez trocando ameaças, quando mais uma vez um episódio insignificante assumiu importância assustadora. Um general de brigada alemão chamado Liman von Sanders foi designado instrutor do exército turco e comandante do 1º Corpo Otomano do Exército, a guarnição

que guardava Constantinopla. Os russos imediatamente viram na designação um passo para submeter os estreitos ao controle alemão. Nicolau pediu a Kokovtsov, que se encontrava em Berlim, que exigisse uma explicação do governo alemão. Numa cena ensaiada muitas vezes, Guilherme garantiu ao ministro russo que a questão havia sido exaustivamente discutida quando Nicolau estivera no casamento em maio. Nicolau "não apresentara qualquer objeção (...) sua interferência, agora que todos os detalhes haviam sido providenciados, era, no mínimo, incoerente".[59] O cáiser perguntava-se então se devia considerar essas queixas como "um ultimato". Ainda não habituado ao jeito de Guilherme, Kokovtsov não soube o que dizer; não poderia pôr em questão a palavra de um imperador. No almoço, sentia calafrios ao ver Guilherme oscilando entre a jovialidade e a indignação — relacionando os bons atos que havia praticado pela Rússia e queixando-se de sua "ingratidão" — e também advertências: "Apesar de tudo isto, as investidas da imprensa de vocês (...) tornaram-se insuportáveis; inevitavelmente levarão a uma catástrofe, que eu não terei condições de impedir."

Indignado, Nicolau "negou categoricamente que algum acordo tivesse sido alcançado".[60] O governo da Rússia exigiu a remoção de Liman von Sanders, enquanto a imprensa russa fazia acusações indignadas. Os alemães se recusaram a recuar, protestando que a designação não passava de uma troca de pessoal. Havia uma longa tradição de treinamento do exército turco por parte dos militares europeus; oficiais navais britânicos acabavam de ser destacados para apoiar a marinha do país. Na verdade, nem os britânicos nem os franceses entenderam por que os russos estavam tão indignados.

Numa reunião de emergência do Conselho de Ministros do tsar, decidiu-se que se os alemães se recusassem a voltar atrás, a Rússia consideraria a possibilidade de uma ação militar, com direito inclusive à captura de portos turcos, e buscaria ajuda militar da França e da Grã-Bretanha, para forçar a Alemanha a capitular. Por trás da precipitação da reação estava o medo de que a Alemanha quisesse exercer influência nas questões do Oriente Próximo. A designação de Sanders, como a ferrovia de Bagdá, parecia comprovar as intenções alemãs.******** Kokovtsov lembrou aos participantes da reunião que a guerra era a maior desgraça que poderia acontecer à Rússia, mas suas palavras foram ignoradas. Tratava-se de uma reviravolta sísmica, para não dizer

totalmente inesperada, na orientação do governo russo. O axioma fundamental de sua política era que a guerra significava catástrofe. Agora ficava parecendo que a humilhação e a possível perda do status de grande potência por parte da Rússia representavam uma prioridade maior. Felizmente, os alemães recuaram em janeiro de 1914 e os turcos promoveram Liman von Sanders a marechal de campo, o que o situava numa posição hierárquica por demais alta para comandar um corpo do exército turco. "Agora tenho apenas sorrisos amistosos para a Alemanha",[61] disse Nicolau ao conde Pourtalès, o embaixador alemão, depois que os alemães voltaram atrás.

Na verdade, o caso Sanders parecia acabar com os últimos farrapos da fé de Nicolau na boa vontade alemã. Ele estava convencido de que tinha ficado comprovada a realidade da ameaça alemã. No fim de janeiro de 1914, concedeu uma audiência ao antigo ministro do Exterior francês Théophile Delcassé, dizendo-lhe que antevia "um choque talvez inevitável e iminente entre as ambições alemãs e os interesses russos",[62] acrescentando que a Rússia não se deixaria pisotear. Em março, ele disse ao embaixador britânico, Buchanan, que "não tinha motivos para acreditar que a Alemanha pretendesse dotar-se em Constantinopla de uma posição que a capacitasse a isolar completamente a Rússia no mar Negro. Se ela tentasse efetivar esta política, ele teria de resistir com todas as suas forças, ainda que uma guerra fosse a única alternativa".[63] Ele não estava sozinho. Como observaria um de seus cortesãos, a convicção "de que a guerra é inevitável vem crescendo cada vez mais em todas as classes".[64] A intensidade dos sentimentos antialemães entre os russos levou um antigo ministro, Durnovo, a mandar um memorando ao tsar expondo com detalhes terrivelmente prescientes os desastres que uma guerra com a Alemanha causaria, argumentando que os laços com a Grã-Bretanha — que não haviam gerado benefícios reais para a Rússia — estavam simplesmente acelerando a probabilidade desse confronto. Para Nicolau, contudo, a Alemanha tinha enfim e indubitavelmente assumido o lugar da Grã-Bretanha como principal inimigo da Rússia. Tratando-se dos britânicos, todavia, os conflitos tinham sido enfrentados a distância, na Ásia. A Alemanha estava na porta de casa.

Entretanto, as tentativas russas de atrair a Grã-Bretanha para uma aliança continuaram fracassando. Em maio de 1914, Nicolau convocou Buchanan e disse que queria ver França, Grã-Bretanha e Rússia trabalhando muito mais

estreitamente. Mas a Rússia se comportava tão mal na Pérsia que a Convenção quase estava entrando em colapso. Além disso, o Ministério do Exterior britânico suspeitava de que a Rússia estava agora de olho na Armênia turca. Quando Buchanan expôs a posição britânica — com todo o cuidado possível —, o tsar recusou-se a aceitá-la: "Posso apenas dizer-lhe, como tantas vezes já disse, que meu único desejo é manter uma sólida amizade com a Inglaterra, e, se depender de mim, nada impedirá o mais íntimo entendimento possível entre nossos dois países."[66] Finalmente, em junho, Jorge foi convocado por Grey a expor o assunto ao tsar — ou, por outra, o Ministério do Exterior redigiu uma carta e Jorge a copiou. Dizia que estava agora "tão ansioso com essa questão, que escrevo esta carta privada para explicar o que está me causando ansiedade. Trata-se do atual estado insatisfatório das questões na Pérsia. Meu maior desejo é ver a preservação de um sentimento amistoso em relação à Rússia na opinião pública britânica e nos dois partidos políticos (...) fico assim muito preocupado que nossos dois governos tenham uma franca e amistosa troca de pontos de vista sobre a situação na Pérsia".[67] Ele sabia, acrescentava, que podia contar com a amizade de Nicky para acabar com quaisquer mal-entendidos.

Na Alemanha, enquanto isso, persistiam as conversas de "lutas inevitáveis" e "guerras preventivas". A ideia de uma guerra iminente tinha ganhado impulso próprio. Em novembro de 1913, Bethmann-Hollweg fizera no Reichstag um discurso advertindo contra uma guerra preventiva. A Liga Pangermânica anunciou em abril de 1914 que "a França e a Rússia estão se preparando para a luta decisiva contra a Alemanha e a Áustria-Hungria, e pretendem atacar na primeira oportunidade".[68] Moltke, o chefe do estado-maior, reuniu-se nessa primavera com o ministro do Exterior, Jagow, dizendo-lhe que, embora a essa altura a Alemanha ainda fosse um adversário à altura de seus inimigos, em um par de anos eles estariam por demais fortalecidos. "Assim foi que o chefe do estado-maior propôs que eu adotasse uma política com o objetivo de provocar uma guerra em futuro próximo."[69] O próprio cáiser disse ao banqueiro Max Warburg, de Hamburgo, que os russos estavam se preparando para uma guerra em 1916, perguntando-se se não seria melhor atacar primeiro. A 27 de junho, o enviado especial americano, coronel Edward House, que fora à Europa tentar mediar um acordo entre os Estados Unidos, a Alemanha e a Grã-Bretanha para prevenir uma grande guerra, chegou da Alemanha para se encontrar com sir

Edward Grey em Londres. Ele falou a Grey do "militante espírito de guerra na Alemanha e da alta tensão da população. Achei que a Alemanha haveria de atacar com rapidez quando se decidisse. (...) Achei que o próprio cáiser e a maioria de seus assessores imediatos não queriam uma guerra (...) mas o exército se mostrava militarizado e agressivo e pronto para uma guerra a qualquer momento".

No dia seguinte, o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do império da Áustria-Hungria, e sua mulher, Sofia, foram assassinados em Sarajevo.

******** A visão de Lloyd George começara a mudar depois de uma visita particular à Alemanha no verão de 1908. Declaradamente, ele viajara para conhecer o sistema de seguridade social alemão, mas na verdade para ver se conseguia, contornando o Ministério do Exterior britânico, descobrir qual era a verdadeira atitude do governo alemão em relação à Grã-Bretanha e à redução de armas. Ficara perplexo com a disseminação da cultura militarista e a admiração pelo exército, e decepcionado com a recusa do governo alemão de responder à sua aproximação. O único ministro que se dispôs a recebê-lo, um Bethmann-Hollweg então ainda não promovido, não quis falar de armamentos, e depois de uma ou duas cervejas começou a acusar a Grã-Bretanha de odiar a Alemanha.

******** Personagem do *Mercador de Veneza*, de Shakespeare, conhecido como implacável usurário. (N. do T.)

******** Na verdade, Guilherme efetivamente alimentava fantasias de assumir o controle do exército turco. Na cerimônia de despedida da missão von Sanders, ele dissera que sua missão consistia na "germanização do exército turco através da liderança e do controle direto da atividade organizacional do Ministério da Guerra turco",65 acrescentando que esperava que "a bandeira alemã venha em breve a tremular sobre as fortificações do Bósforo" — mas isto, como tantas vezes, expressava antes uma aspiração que um plano.

16. Julho de 1914

O mês transcorrido entre o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e o início da Primeira Guerra Mundial terá talvez demonstrado melhor que qualquer outra coisa como o controle dos acontecimentos havia escapado a Guilherme, Nicolau e Jorge. O cáiser estava participando da regata de iates de Kiel ao receber a notícia. Vinha acompanhando a visita de uma esquadra de cruzadores de batalha britânicos, e a cidade estava cheia de oficiais britânicos e alemães em confraternização. Ele ficou nitidamente perturbado com a notícia. "Este crime covarde e detestável me abalou até o fundo d'alma", telegrafou a Bethmann-Hollweg. Nos últimos anos, Francisco Ferdinando havia se tornado um de seus amigos mais próximos — na semana anterior, estavam caçando juntos —, muito embora, como acontecia com tantas relações de Guilherme, ele considerasse a amizade um instrumento: gostava de afirmar que tinha o herdeiro dos Habsburgo no bolso.

O tsar estava em seu cruzeiro anual de verão no Báltico. Alexis, então com 9 anos, caíra ao pular de uma escada e torcera o tornozelo. Sofria hemorragias e chorava de dor; Alix estava lívida de preocupação. Chegou então a notícia de que Rasputin tinha sido apunhalado por uma louca. No iate, todos, à parte a família imperial, esperavam que ele estivesse morto. O assassinato de Francisco Ferdinando mal foi notado.

Jorge também ficou preocupado. O mais recente capítulo na questão da autonomia irlandesa fora dominado por violenta polêmica em torno do destino dos seis condados setentrionais da Irlanda, predominantemente protestantes, que ameaçavam se rebelar se fossem separados da Grã-Bretanha. Grande quantidade de armas havia sido contrabandeada para o norte. Jorge estava obcecado com o que poderia acontecer se o exército britânico — o *seu* exército — tivesse de atirar contra cidadãos britânicos, e se queixava constantemente a Asquith do "'terrível fogo cruzado' ao qual se considerava exposto".[1] "Terrível choque para o velho e querido imperador",[2] escreveu em seu diário. Na verdade, Francisco José mostrou notável sangue-frio. Não gostava muito do sobrinho e sequer foi ao funeral.

Ninguém esperava que o assassinato resultasse numa guerra. Inicialmente, foi

generalizada a indignação com o ato, assim como a solidariedade com a Áustria. Ainda que o crime pudesse ter suas origens identificadas na Sérvia — o assassino, Gavril Princip, de 19 anos, afirmara ter matado "um inimigo dos eslavos do sul" para "vingar o povo sérvio" —, todos esperavam que a coisa fosse esquecida. "O cáiser Guilherme vai mostrar os dentes",[3] disse o antigo ministro russo do Exterior Aleksandr Izvolski a Sandro, o primo de Nicolau. "E tudo estará esquecido até o dia 15 deste mês!" Guilherme de fato mostrou os dentes, ao seu estilo bem característico. Em memorando do embaixador alemão em Viena, ele escreveu que era preciso cuidar dos sérvios "agora ou nunca (...) é preciso dar um destino aos sérvios, e isto *para breve*".[4]

O governo austríaco, contudo, via no assassinato uma oportunidade. Mais que nunca, considerava a Sérvia, que havia duplicado de tamanho depois das guerras balcânicas e constantemente se proclamava líder dos eslavos do sul, uma ameaça ao império Habsburgo. Solicitara apoio à Alemanha para esmagar a Sérvia três vezes desde meados de 1913; a cada uma delas, Guilherme recusara. Os militares austríacos mostravam-se tão entusiásticos com a ideia da guerra quanto os mais ferozes oficiais alemães. Como Moltke, o chefe do estado-maior austríaco, Conrad von Hötzendorf, era um convicto darwinista social que acreditava que a luta era um princípio fundamental da vida, e há anos se coçava por uma guerra com a Sérvia. Só em 1913, ele pedira uma guerra 29 vezes.[5]

Uma semana depois do crime, a 5 de julho, o embaixador austríaco procurou Guilherme com uma carta confidencial do imperador Francisco José, afirmando que se havia estabelecido uma ligação do assassinato com uma conspiração organizada pelo governo sérvio, e que a Sérvia devia ser "eliminada". A carta pedia apoio da Alemanha. A dedução era que a Áustria lançaria uma rápida guerra para punir a Sérvia, enquanto a Europa desfrutava das férias de verão. Tudo estaria terminado antes que alguém pudesse queixar-se. O papel da Alemanha seria assegurar-se de que nenhuma outra potência se sentisse tentada a se envolver. Guilherme hesitou. Assinalando que uma iniciativa contra a Sérvia poderia "provocar uma grave complicação europeia",[6] ele continuou saboreando seu almoço. Em seguida, disse ao embaixador austríaco que a Áustria podia contar com pleno apoio da Alemanha contra a Sérvia, ainda que a guerra ameaçasse disseminar-se, mas que a Áustria devia agir com rapidez. Bethmann-Hollweg foi convocado, e concordou plenamente.

Por que teria concordado? Guilherme estava consternado com a morte do amigo; considerava que a Áustria era a parte lesada e achava que a Sérvia representava um veneno nos Bálcãs. Antes, porém, quando a coisa ficava feia, ele sempre tratara de evitar um confronto. E muitas vezes via isto como uma fraqueza. "Desta vez não cederei",[7] disse ao fabricante de armas Krupp. Quanto a Bethmann-Hollweg, passara quatro anos tentando conter as exortações à guerra dos militares. Sua decisão aparentemente decorreu da sensação profundamente desalentada de que a Alemanha não tinha saída e praticamente nada mais podia fazer: suas tentativas de melhorar as relações externas haviam fracassado, ao passo que as divisões internas do país o tornavam cada vez mais ingovernável. E, tal como o exército, ele começava a ficar obcecado com uma futura ameaça representada pela Rússia. "A Rússia não para de crescer, e pesa sobre nós como um pesadelo", disse. Enquanto isso, a Áustria, como único aliado constante da Alemanha, precisava de apoio. Uma breve guerra lhe permitiria recuperar a dignidade e eliminar a ameaça da Sérvia. O que aparentemente os convenceu a ambos foi a percepção de que qualquer guerra seria rápida e localizada — era quase como se, depois de toda aquela conversa de conflagrações europeias, fosse fácil concordar com uma pequena guerra da qual a Alemanha não participasse efetivamente. Mas sempre havia um risco. Era crucial o fato de ambos estarem convencidos de que a Rússia não estava, como disse Guilherme, "pronta para uma guerra e pensaria duas vezes antes de recorrer às armas".[8] Não era um pressuposto absurdo. Durante meses, o embaixador alemão em São Petersburgo vinha mandando relatórios sobre os problemas na Rússia: os milhões de trabalhadores em greve, as barricadas nas ruas de Moscou. Além disso, Guilherme estava convencido de que Nicolau não se alinharia com os regicidas. Ele disse a seus chefes políticos e militares que não queria preparativos para uma guerra, tão convencido estava de que bastaria a ameaça. No dia seguinte, partiu para sua viagem anual de iate pelo litoral da Noruega.

Duas semanas depois, os austríacos não tinham conseguido exatamente nada. Não haviam encontrado qualquer prova incriminando a Sérvia no assassinato. Não haviam redigido um ultimato. E transpirou que não conseguiriam mobilizar um exército antes do fim da colheita, em meados de agosto. Lá se ia a guerra rápida por água abaixo. Finalmente, a 19 de julho, o Ministério do Exterior alemão enviou ao cáiser um telegrama informando que os austríacos

apresentariam um ultimato aos sérvios no dia 23 de julho, e que ele precisava estar acessível, em caso de necessidade de tomar decisões importantes. Ao se configurar subitamente como real a possibilidade de uma guerra europeia, Guilherme foi tomado de ansiedade. Queria voltar a Berlim, mas Bethmann-Hollweg — apavorado com a ideia de o cáiser voltar a Berlim fazendo pronunciamentos inflamados — insistiu em que ele permanecesse, dizendo-lhe que a antecipação do fim de sua viagem poderia alarmar a marinha britânica.

À meia-noite do dia 23 de julho, os austríacos entregaram seu ultimato à Sérvia. Deliberadamente o haviam adiado porque o presidente da França, Raymond Poincaré, estava visitando o tsar em São Petersburgo, e eles quiseram esperar até que ele estivesse fora de alcance, para que a França e a Rússia não coordenassem uma reação. O ultimato exigia que oficiais austríacos fossem autorizados a entrar na Sérvia para investigar, que fosse suspensa toda propaganda nacionalista sérvia e que as sociedades nacionalistas sérvias fossem extintas, reformando-se os oficiais militares sérvios considerados "antiaustríacos". E dava aos sérvios 48 horas para responder. Sir Edward Grey considerou que nenhum Estado soberano o aceitaria.

Um dia depois de ser entregue o ultimato dos austríacos, Serguei Sazonov convocou uma reunião do Conselho de Ministros russo. Disse aos colegas estar convencido de que a Áustria havia sido estimulada pela Alemanha, que queria dominar o continente, e que os dois países consideravam que poderiam vencer uma guerra contra a Rússia. Queria desesperadamente evitar uma guerra, mas ao mesmo tempo estava certo de que se ela ocorresse e a Rússia não se posicionasse em favor da Sérvia, deixando de "cumprir sua missão histórica, seria considerada um Estado decadente e portanto ficaria relegada a uma segunda posição entre as potências".[9] Mais uma "humilhação" seria simplesmente insuportável. Além disso, a "opinião pública" — ou o que passava por tal — exigia ação. A imprensa russa insistia quase à beira da histeria em que o episódio não podia se configurar como uma outra Bósnia. Sabendo que se a Rússia entrasse em guerra ela poderia acabar em revolução, os ministros também se convenceram de que, se não o fizesse, o país poderia se levantar contra eles numa revolta patriótica.

Ainda assim, Sazonov tentou evitar um conflito. Pediu aos austríacos que estendessem o prazo à Sérvia e a Grey que fizesse o mesmo. Recomendou então aos sérvios que aceitassem o máximo possível de exigências austríacas,

propondo que tudo mais fosse resolvido em Haia. Sazonov solicitou ao Ministério do Exterior alemão que interviesse como mediador, sem saber que ele secretamente apoiava a Áustria. O embaixador alemão insistiu em que a Alemanha nada sabia e que a questão era apenas entre a Áustria e a Sérvia. Disse a Sazonov que a Áustria simplesmente queria dar uma lição na Sérvia e que ele deveria tentar negociar diretamente com os austríacos. Estes por sua vez rejeitaram todas as propostas de Sazonov.

Nicolau tinha horror da ideia de um conflito e estava convencido de que o mesmo ocorria com Guilherme. Disse ao embaixador francês em São Petersburgo, Maurice Paléologue: "Não acredito que o imperador queira uma guerra. (...) Se o conhecesse como eu conheço! Se soubesse como as atitudes que assume são teatrais!"[10] Um de seus ministros recordaria mais tarde:

> Ele me disse que achava que Sazonov estava exagerando a gravidade da situação e perdendo o controle. (...) Uma guerra seria desastrosa para o mundo, e uma vez iniciada seria difícil pôr fim a ela. O imperador não considerava provável que a nota tivesse sido enviada depois de consultas com Berlim. O imperador alemão frequentemente lhe dera garantias de seu sincero desejo de salvaguardar a paz na Europa, e sempre se havia revelado possível entrar em acordo com ele, mesmo em casos graves. Sua Majestade falava da atitude leal do imperador alemão durante a Guerra Russo-Japonesa e no decorrer dos problemas internos que a Rússia havia enfrentado posteriormente. Teria sido fácil para a Alemanha desferir um golpe decisivo contra a Rússia em tais circunstâncias.[11]

O tsar tentou tocar a vida como antes: partidas de tênis, canoagem com as filhas, chá com os parentes, encontro com o chefe da cavalariça da corte de Mecklemburgo-Strelitz. Mas estava doente de preocupação e lutava por se manter alegre. "Bastava vê-lo naquela terrível última semana de julho", escreveria mais tarde o tutor de seu filho, "para perceber a tortura mental por que havia passado".[12]

Ao retornar a Potsdam em 27 de julho, Guilherme ficou abalado ao ser informado de que a Áustria determinara mobilização parcial de seu exército, antes da resposta da Sérvia ao ultimato. Também encontrou os chefes do exército alemão esgrimindo argumentos sobre o que a Alemanha devia fazer em seguida. Em contraste com o governo civil alemão, que se tornara caótico e dividido, tornando muito difícil a coordenação da oposição à guerra, os chefes do exército estavam bem organizados e falavam com uma só voz. Tinham sido autorizados e

mesmo encorajados a se manter totalmente à parte do controle ou fiscalização de qualquer autoridade civil, desprezavam a cultura civil e estavam convencidos de que a guerra era um bem em si mesma, ao passo que a cultura civil estava saturada de admiração por eles.

Embora a Áustria tivesse sido uma grave decepção, os comandantes do exército estavam convencidos de que chegara o momento de lutar, e decididos a não permitir que a pusilanimidade do cáiser impedisse uma guerra. Moltke tinha planos ainda mais ambiciosos. Desde o início da crise, ele sustentava que o assassinato representava perfeita oportunidade para uma guerra diferente, a grande guerra de acerto de contas com a Rússia. Há semanas vinha secretamente encorajando seu colega austríaco, Conrad von Hötzendorf. A ideia em certa medida o preocupava, e ele oscilava entre a exortação e a argumentação contrária. O ministro da Guerra, Falkenhayn, e o chefe do gabinete militar de Guilherme, Lyncker, também concordavam que era um bom momento, considerando que a guerra calaria ou mesmo descartaria completamente os elementos socialistas degenerados da Alemanha. Crucial para o plano de Moltke — que ficaria conhecido como o Plano Schlieffen******** — era o fato de a Áustria dispor-se a combater ao lado da Alemanha. O plano partia do princípio de que numa guerra a Alemanha teria de enfrentar dois agressores — a França e a Rússia — simultaneamente. A estratégia era que o exército neutralizaria a França rapidamente, antes que suas forças pudessem ser mobilizadas, e em seguida se voltaria para atacar a Rússia, que sabidamente mobilizava com lentidão o seu gigantesco exército. Guilherme teria batizado a ideia, inicialmente proposta por volta de 1905, de "Almoço em Paris, jantar em São Petersburgo". A Áustria era necessária para manter os russos acuados até que a Alemanha estivesse pronta.

O plano tinha implicações devastadoras: em primeiro lugar, independentemente do fato de estar ou não envolvida de alguma maneira, a França seria invadida. O mesmo se aplicava aos Estados neutros da Bélgica e de Luxemburgo, que ficavam no caminho da França. Um conflito na Europa oriental imediatamente se transformaria numa guerra europeia. Em segundo lugar, o plano obrigava a Alemanha a se mobilizar e tomar a decisão pela guerra antes de qualquer outro país, apressando o início das hostilidades para eliminar a França a tempo. Em consequência, Moltke tinha pressa. O plano era bem

característico da maneira como o corpo de oficiais alemães passara a encarar os problemas estratégicos num vazio, estritamente do seu exclusivo ponto de vista, sem tomar conhecimento das nuanças da diplomacia ou das necessidades da política. Resultava igualmente da convicção de Moltke de que de qualquer maneira estava se aproximando a guerra que decidiria o destino da Europa, e de que a França teria de ser enfrentada, tal como a Rússia. Mas o mais significativo terá sido talvez que não tivesse sido dado ao conhecimento do governo civil.

Bethmann-Hollweg, ao mesmo tempo decepcionado e aliviado pelo fato de os austríacos não terem agido, questionara a necessidade de uma guerra, mas no momento do retorno de Guilherme estava sendo convencido, embora ainda quisesse que as hostilidades fossem limitadas. Os valores do exército alemão de tal maneira haviam permeado o governo que a diplomacia quase ficava parecendo uma maneira covarde de resolver problemas internacionais. Talvez fossem necessárias medidas extremas e arriscadas para solucionar problemas difíceis. Entre perplexo e conformado com a situação, ele ofereceu sua renúncia. Guilherme recusou: "Você cozinhou esse caldo, agora terá de tomá-lo."[13]

A resposta dos sérvios ao ultimato chegou a 28 de julho. Chegava a ser emocionante em sua humildade e aquiescência; aceitava tudo que os austríacos pudessem razoavelmente ter pedido e virava a opinião pública internacional novamente em favor da Sérvia. Guilherme ficou incrivelmente aliviado. Escreveu a seu ministro do Exterior, Jagow: "Um grande sucesso moral para Viena; mas com ele se esvai qualquer motivação para a guerra."[14] De sua parte, ele considerava que a Áustria talvez pudesse ocupar uma parte da Sérvia, até que os sérvios cumprissem o que haviam prometido. "Estou pronto para mediar pela paz", disse, ordenando a Jagow que notificasse aos austríacos que não deviam entrar em guerra. Suas ordens foram ignoradas. Bethmann-Hollweg mandou o telegrama a Viena, mas não disse aos austríacos que suspendessem os preparativos de guerra. Na véspera, na verdade, Jagow os havia encorajado a declarar guerra à Sérvia imediatamente. Quando Guilherme disse aos ministros que queria evitar a guerra, o ministro da Guerra, Falkenhayn, disse-lhe que "não mais tinha nas mãos o controle da questão".[15] Era uma manifestação do generalizado desprezo com que as mais altas patentes do exército haviam passado a encarar o cáiser. Não sabemos o que Guilherme respondeu, mas o fato é que não contestou a decisão.

O governo austríaco rejeitou a resposta sérvia, recusou a solicitação de negociações com a Rússia feita por Sazonov e declarou guerra à Sérvia. Em São Petersburgo, o embaixador alemão, Pourtalès, almoçou com o embaixador britânico, Buchanan, explicando-lhe que os alemães presumiam que os russos não se envolveriam porque ele próprio lhes havia assegurado que a Rússia não era capaz de entrar em guerra pela Sérvia. Buchanan não podia acreditar que o colega alemão de tal maneira se equivocasse a respeito do clima político.[16]

Nesse dia, Nicolau ordenou a parcial mobilização das tropas russas. A ideia era deslocar soldados russos para a fronteira com a Áustria, ao mesmo tempo tratando de mantê-los à distância das fronteiras da Alemanha, para não pisar em calos. Mas ele estava preocupado e pensou em cancelar a ordem.

Só a 27 de julho Jorge parece ter registrado a crise nos Bálcãs. "Parece que estamos à beira de uma guerra europeia generalizada, causada pelo envio do ultimato da Áustria à Sérvia, situação muito grave",[17] escreveu em seu diário. O governo britânico estivera tão preocupado com a perspectiva de uma guerra civil na Irlanda que o ultimato austríaco o havia apanhado de surpresa. Na verdade, o Ministério do Exterior alemão contava que a Irlanda mantivesse a Grã-Bretanha completamente fora da crise sérvia. Asquith dissera ao rei que era "o acontecimento mais grave em muitos anos na política europeia".[18] Também garantiu a Jorge que não havia muitos motivos pelos quais "devêssemos ser mais que meros espectadores". Praticamente ninguém na Grã-Bretanha jamais ouvira falar da Sérvia, e o governo de modo algum se sentia inclinado a entrar em guerra pela Rússia. Não terá surpreendido, talvez, que, ao ser visitado por Henrique a 26 de julho, quando ele retornava a seu país depois da mais recente visita à Inglaterra, o rei lhe garantisse — pelo menos segundo as lembranças de Henrique — que "faremos todo o possível para ficar fora disso e nos manter neutros".[19]

Inicialmente solidário com o desejo da Áustria de levar a Sérvia a responder por seu papel no assassinato (que havia encorajado os alemães), sir Edward Grey estava a essa altura decidido a impedir a guerra. Chegara à conclusão, contrariando a opinião de vários de seus funcionários mais graduados, de que as intenções de Berlim eram honrosas e que a Alemanha não tinha intenção de apoiar uma guerra. Apoiou a proposta de Sazonov de que a questão fosse levada ao tribunal de Haia, e quando os austríacos a rejeitaram, sugeriu uma conferência

como a que havia resolvido a Guerra dos Bálcãs, envolvendo a Inglaterra, a Alemanha, a França e a Itália. Lichnowsky, o embaixador, que nada sabia das decisões do governo alemão, comunicou a ideia ao Ministério do Exterior alemão com entusiástico endosso.[20] Bethmann-Hollweg deu-se conta de que a proposta de Grey podia de fato impedir a guerra. Sentiu-se na obrigação de transmiti-la à Áustria, para evitar que a Alemanha fosse acusada de querer a guerra, mas disse ao Ministério do Exterior austríaco que a ignorasse. A 27 de julho, ele próprio rejeitou a proposta, alegando que injustamente imporia uma decisão à Áustria — mas tratou de dourar a pílula com a afirmação de que a Áustria e a Rússia estavam para entrar em negociações. No dia seguinte, os austríacos declararam guerra.

Ainda a essa altura, os britânicos continuavam achando que tinham poucos motivos para se envolver. Três quartos dos membros do gabinete se posicionavam contra a ideia, e Asquith comentou que "ainda não era uma guerra britânica".[21] Mas Grey disse ao parlamento que no momento em que o conflito se espraiasse além da Áustria e da Sérvia, haveria de se tornar "a maior catástrofe que jamais se abateu sobre o continente europeu". Mas ele não informou o parlamento das negociações militares e navais que vinham transcorrendo com a França havia oito anos, e que em sua opinião punham a Grã-Bretanha na obrigação de ir em ajuda da França.

Jorge queixou-se ao filho menor de que tivera de cancelar seu comparecimento anual às corridas de Goodwood,[22] e lastimava que não pudesse velejar no fim de semana em Cowes.

No fim do dia 28, depois da declaração de guerra austríaca e parecendo já inexorável o advento de uma guerra europeia, Guilherme e Nicolau trocaram telegramas, cada um apelando ao outro para que impedisse o conflito. Nicolau ainda esperava que, se a Alemanha conseguisse impedir a Áustria de atacar Belgrado, a guerra seria evitada: "Peço-lhe que me ajude. (...) Antevejo que muito em breve estarei assoberbado pelas pressões que sobre mim recaem, sendo forçado a tomar medidas extremas que levarão a uma guerra."[23]

Guilherme apelaria pela última vez à solidariedade monárquica: "(...) Você certamente concordará comigo em que ambos, você e eu, temos interesse comum, assim como todos os soberanos, em insistir em que todas as pessoas moralmente responsáveis pelo covarde assassinato recebam a merecida punição.

Neste caso, a política não tem papel a desempenhar." Ele assegurava a Nicolau que a Alemanha estava fazendo o melhor para tentar conseguir um acordo entre Viena e São Petersburgo — embora não pudesse prometer que impediria o ataque à Sérvia.

> Compreendo perfeitamente como é difícil para você e o seu governo enfrentar a tendência da opinião pública. Desse modo, em deferência à sincera e terna amizade que há tanto tempo nos une por fortes vínculos, tenho mobilizado minha máxima influência para induzir os austríacos a agir diretamente para chegar a um entendimento satisfatório com você. Espero confiante que me ajude em meus esforços para aplanar as dificuldades que venham a surgir.
>
> Do seu mui sincero e dedicado amigo e primo Willy[24]

Guilherme não sabia que seu Ministério do Exterior recomendara aos austríacos que entrassem em guerra, e que Bethmann-Hollweg fizera acompanhar sua exigência de que os austríacos se detivessem em Belgrado de uma nota segundo a qual ela não devia ser levada a sério, servindo apenas a objetivos de propaganda.

Nicolau também escreveu a Jorge, pedindo o apoio da Grã-Bretanha se a Rússia de fato se visse em guerra, e assegurando-lhe que estava fazendo o possível para evitá-la.

***

> A Áustria se atirou numa guerra precipitada, que poderá facilmente terminar em conflagração geral. É terrível! Meu país está confiante na própria força e na causa acertada que abraçou. (...) Agora somos forçados a tomar medidas decisivas em caso de emergência — por nossa própria defesa. (...) Se houver uma guerra generalizada, sei que contaremos com o pleno apoio da França e da Inglaterra. Como último recurso, escrevi a Guilherme para que pressione fortemente a Áustria de modo a podermos discutir as questões com ela.[25]

"Onde vai acabar tudo isso?", escrevia Jorge, lastimoso. "(...) Winston Churchill veio me ver, a marinha está totalmente mobilizada para a guerra, mas queira Deus que ela não aconteça. Estou passando por dias de grande ansiedade."[26]

A 29 de julho, Guilherme convocou seus comandantes militares. Em sua maioria, os chefes do exército estavam ansiosos por passar ao nível seguinte de preparativos para a mobilização — *Kriegsgefahr*, ou "estado de guerra iminente", o estágio anterior à mobilização —, mas Bethmann-Hollweg e Moltke, mergulhado num de seus momentos de ansiedade, argumentaram contra e Guilherme acabou se alinhando com eles. Ele também anunciou que recebera

uma mensagem de Henrique relatando as palavras de Jorge dias antes, segundo as quais a Grã-Bretanha tentaria manter-se fora do conflito. Interpretou o gesto como uma garantia oficial da neutralidade britânica. Quando Tirpitz deu a entender que ele poderia ter interpretado mal, Guilherme respondeu, grandiloquente: "Tenho a palavra de um rei, e isto me basta."[27] Mas à tarde Lichnowsky enviou ao Ministério do Exterior alemão um telegrama relatando um encontro com Grey, o qual, depois de dar a entender que os austríacos deviam deter-se em Belgrado, acrescentou que se a Alemanha e a França se envolvessem numa guerra, a Grã-Bretanha não poderia manter-se a distância.

A mensagem de Grey estava longe de configurar uma ameaça explícita — ele não tinha como saber que a reação alemã a um conflito nos Bálcãs contemplaria um ataque à França —, mas chocou Bethmann-Hollweg, que ainda esperava uma guerra apenas localizada. A notícia de que os russos começavam a se mobilizar e a repreensão recebida de Guilherme quando sugeriu que a Alemanha sacrificasse a esquadra para manter a Grã-Bretanha neutra o convenceram de que o conflito estava escalando com excessiva rapidez e indo longe demais. Contrariando suas mensagens anteriores, ele mandou a Viena três telegramas em tom de crescente desespero, pedindo que o exército austríaco se detivesse ao chegar a Belgrado. Horas antes, contudo, Moltke mandara um telegrama a Conrad von Hötzendorf, o chefe do estado-maior austríaco, ordenando total mobilização. Os austríacos bombardearam Belgrado; Bethmann-Hollweg chegava tarde demais. Era um terrível exemplo da confusão reinante no governo alemão. Até Moltke estava longe de ter ficado encantado com o que havia feito. Mandou nesse dia ao governo um memorando descrevendo uma guerra "que aniquilará a civilização de quase toda a Europa por décadas".[28]

Numa última tentativa de impedir o envolvimento da Grã-Bretanha, Bethmann-Hollweg convocou o embaixador britânico, Edward Goschen, afirmando que, se os britânicos concordassem em permanecer neutros, os alemães não invadiriam a Holanda e, embora talvez invadissem a França, não tentariam se apoderar de qualquer de seus territórios. Os britânicos ficaram pasmos com fato de o chanceler praticamente ter reconhecido que a Alemanha invadiria a França. Grey disse que era "uma vergonha".[29]

Enquanto isso, ainda alimentando a ilusão de que poderia mediar entre a Rússia e a Áustria, de que os austríacos haviam acatado seu pedido para se deter

em Belgrado, e convencido de que a Rússia podia ser impedida de se envolver, Guilherme respondeu ao telegrama de Nicolau. Disse ao tsar que a Rússia poderia facilmente "manter-se como espectadora sem envolver a Europa na mais terrível guerra que jamais conheceu. (...) Naturalmente, quaisquer medidas militares da parte da Rússia seriam encaradas pela Áustria como uma calamidade que ambos desejamos evitar".[30]

Em São Petersburgo, o embaixador alemão, Pourtalès, procurara Sazonov duas vezes para dizer que qualquer mobilização parcial da Rússia significaria guerra entre os dois países. Suas palavras pareciam contradizer a "mensagem conciliadora e amistosa" de Guilherme, e Nicolau mandou um telegrama pedindo esclarecimentos e propondo que a disputa fosse levada a Haia. E se despedia assim: "Confio em sua sabedoria e amizade, seu afetuoso Nicky."[31] Não houve resposta. O estado-maior russo o pressionava para que mobilizasse tropas na fronteira da Áustria em retaliação pelo bombardeio de Belgrado. Nicolau enviou a Guilherme outro telegrama, explicando que autorizara mobilização parcial, ordem originalmente datada de vários dias antes. Prometeu que as tropas russas não tomariam a ofensiva, enquanto prosseguissem os entendimentos com a Áustria. "Espero de todo o coração que essas medidas não interfiram em sua ação como mediador, que considero muito valiosa. Precisamos de sua forte pressão sobre a Áustria para chegar a um entendimento."[32]

Ao receber o telegrama, Guilherme considerou que Nicolau dera um passo de deliberada provocação. Deduziu que os russos a essa altura estavam à frente em matéria de mobilização, ou talvez simplesmente buscasse um motivo para se indignar. Rabiscou nele a anotação: "E essas medidas são de defesa contra a Áustria, que de maneira nenhuma o está atacando!! Não posso concordar com novos gestos de mediação, pois o tsar, que a solicitou, ao mesmo tempo se mobilizou secretamente pelas minhas costas."[33] Junto às últimas frases de Nicky sobre a mediação, ele escreveu: "Não, não há hipótese de nada do gênero!!!" Na manhã de 30 de julho, Guilherme escreveu de volta a Nicolau:

> A Áustria limitou-se a se mobilizar contra a Sérvia & apenas uma parte de seu exército. Se, como se constata agora, de acordo com o comunicado seu & de seu governo, a Rússia se mobilizar contra a Áustria, o papel de mediador que generosamente me confiou, & que aceitei a seu pedido, ficará comprometido, se não arruinado. O peso da decisão recai agora exclusivamente sobre seus ombros, e terá de arcar com a responsabilidade pela paz ou a guerra
>
> Willy[34]

Em Tsarskoe Selo, Sazonov e os generais russos passaram horas tentando convencer Nicolau a permitir que o exército entrasse em mobilização geral. Se o fizesse, disseram-lhe, ele restabeleceria o vínculo com seu povo; caso contrário, o Estado seria prejudicado internamente e no exterior. Ele ficaria parecendo fraco e o povo russo jamais o perdoaria. Nicolau parecia à beira das lágrimas. Acabou cedendo. Enviou a Guilherme outro telegrama:

> É tecnicamente impossível deter nossos preparativos militares, que são incontornáveis, considerando-se a mobilização da Áustria. Longe estamos de desejar uma guerra. Enquanto tiverem prosseguimento as negociações com a Áustria em função da Sérvia, minhas tropas não empreenderão qualquer ato de provocação. Dou-lhe minha solene palavra nesse sentido. Deposito toda a minha confiança na misericórdia de Deus e espero que sua mediação em Viena tenha êxito, pelo bem-estar de nossos países e pela paz na Europa.
>
> Do seu afetuoso Nicky[35]

Guilherme teve um acesso de fúria, gritando que Nicolau se revelava um partidário de bandidos e regicidas. A verdade, contudo, era que a mobilização russa não era o mesmo que uma mobilização alemã, como explicavam os russos e todo mundo sabia fartamente. Como os austríacos, os russos levavam semanas para se preparar para combate; a mobilização era uma postura, uma advertência. Eles podiam ficar marchando quase indefinidamente para baixo e para cima por trás de suas fronteiras, ao passo que para o exército alemão, treinado e organizado nos mínimos detalhes, a mobilização significava guerra iminente. A mobilização russa era um presente para o governo alemão. "Em meu empenho no sentido de preservar a paz mundial, cheguei ao máximo limite possível",[36] dizia Guilherme a Nicolau. "A responsabilidade pelo desastre que agora ameaça todo o mundo civilizado não recairá sobre meus ombros. Neste momento, ainda está em seu poder evitá-lo." Bethmann-Hollweg pôde argumentar que a Rússia fizera o primeiro movimento. A discussão pôs em cena a imprensa e até a esquerda alemã.*********

À noite, finalmente foi mostrado a Guilherme o telegrama de Lichnowsky sobre a advertência de Grey de que se a França fosse envolvida a Grã-Bretanha não poderia ficar à parte, dois dias depois de sua chegada. Ele explodiu de raiva, acusando Jorge de renegar sua "promessa" de neutralidade. De ambos os lados do documento Guilherme denunciava os ingleses como "um mesquinho bando de comerciantes exposto em suas ‘verdadeiras cores’. (...) Grey demonstra que o

rei é um mentiroso, e suas palavras a Lichnowsky decorrem de consciência culpada, pois sabe que nos decepcionou. Além disso, trata-se de fato de uma ameaça combinada com um blefe, para nos distanciar da Áustria e impedir a nossa mobilização, além de transferir a responsabilidade pela guerra".[37] Já agora havia alguém mais a ser responsabilizado se a guerra se agravasse: Grey. Se ele "dissesse uma única, séria e contundente palavra de advertência a Paris e São Petersburgo, advertindo-as a se manterem neutras, ambas imediatamente haveriam de se aquietar. Mas ele tem o cuidado de não pronunciar a palavra, preferindo nos ameaçar! Que patife! A Inglaterra é a única responsável pela paz ou a guerra, e não mais nós!".[38]

A ideia de que os britânicos podiam ter impedido os russos de ir à guerra não passava de uma fantasia, além de configurar um típico exagero da influência da Grã-Bretanha na Europa. Os russos estavam convencidos de que seu futuro estaria na balança se deixassem a Áustria castigar os sérvios; a neutralidade britânica não bastaria para detê-los. Era verdade, todavia, que durante oito anos Grey havia transformado a Grã-Bretanha no fulcro da Europa, dando a entender em momentos cruciais que se houvesse uma guerra Londres ficaria do lado da vítima da agressão. Mas sempre evitara comprometer-se completamente, para evitar o risco de que o apoio britânico de fato encorajasse a França ou a Rússia a dar início a um conflito. Sua posição estimulou ambos os lados a solicitar um comprometimento, num caso, de ajuda, no outro, de neutralidade. Houve quem considerasse que se Grey tivesse anunciado a 28 ou 29 de julho que a Grã-Bretanha decididamente combateria com a França e a Rússia se houvesse uma guerra, a Alemanha poderia ter sido intimidada, recuando. Ele próprio, afinal, considerava que a Grã-Bretanha contraíra a obrigação de defender a França se ela fosse atacada. O problema era que ele não podia fazer o anúncio, pois a maioria dos membros do gabinete britânico era contrária à ideia de adesão aos combates. Além disso, como o resto do gabinete, ele não tinha a menor vontade de apoiar a Rússia. Cabe notar também que embora Bethmann-Hollweg e Guilherme se preocupassem com um eventual envolvimento britânico, os militares alemães já não pareciam importar-se. Eles sabiam que a guerra seria combatida em terra e calculavam que os navios britânicos seriam irrelevantes e que o exército britânico mal contava 70 mil homens.

Para Guilherme, a advertência de Grey, juntamente com a mobilização russa,

trouxe de volta todas as velhas angústias. Ele via a Europa inteira, liderada pela Inglaterra, conspirando contra ele, e enxergava aí a mão do tio falecido:

> Assim é que o famoso cerco da Alemanha finalmente tornou-se um fato estabelecido, e a política puramente antialemã que a Inglaterra vem promovendo em todo o mundo obteve a mais espetacular vitória. A Inglaterra mostra-se insolente, brilhantemente bem-sucedida; sua política puramente antialemã, longamente meditada, suscita admiração até mesmo naquele que destruirá cabalmente! O falecido Eduardo é mais forte que eu, que continuo vivo. (...) Nossos agentes e quejandos precisam inflamar todo o mundo maometano numa frenética rebelião contra essa detestável e traiçoeira nação de comerciantes sem consciência; pois se tivermos de sangrar até a morte, a Inglaterra haverá de perder a Índia a qualquer custo.[39]

Na Grã-Bretanha, a maioria das pessoas, inclusive o gabinete e Jorge, continuava acreditando que o país não se envolveria em guerra alguma. O Partido Liberal permanecia firmemente contrário, os conservadores ainda estavam indecisos.

Mesmo a essa altura, todavia, Guilherme hesitava. Foi Bethmann-Hollweg que insistiu em que era preciso declarar guerra ainda que a Rússia concordasse com negociações. Foi Falkenhayn, o ministro da Guerra, que pressionou o cáiser a autorizar a *Kriegsgefahr* e a ordenar que um ultimato alemão fosse entregue à Rússia para deter sua mobilização em prazo de 12 horas, caso contrário a Alemanha declararia guerra. Quando Pourtalès, o embaixador alemão, chegou para entregar o ultimato, o chefe da chancelaria da corte do tsar, Mossolov, disse-lhe que seria impossível. "Não se pode deter um carro que está correndo a 100 quilômetros por hora. Ele infalivelmente capotaria."[40]

No dia seguinte, 1º de agosto, Nicolau enviou um último telegrama pedindo a Guilherme que continuasse a negociar: "Entendo que está obrigado a mobilizar, mas desejo ter as mesmas garantias que lhe dei, de que essas medidas não significam guerra. (...) Nossa velha e comprovada amizade precisa conseguir, com a ajuda de Deus, evitar derramamento de sangue. Ansioso e cheio de confiança aguardo sua resposta."[41] Mas a mobilização alemã era de fato diferente. Na Alemanha, a mobilização de guerra levava à ação imediata, e não era portanto uma garantia que o cáiser pudesse dar. Mas ele efetivamente redigiu um telegrama sugerindo que poderia haver negociações se a Rússia suspendesse a sua mobilização. Mas ele só seria mandado tarde da noite, muito depois de Pourtalès, em prantos, ter entregado a declaração alemã de guerra a Sazonov.

Nicolau estava "orando com todo o fervor de seu temperamento para que Deus impedisse a guerra que ele sentia iminente". O tutor de seu filho, Pierre

Gilliard, ficou impressionado com "o ar de absoluta exaustão que ele apresentava. (...) As bolsas que sempre surgiam sob seus olhos quando ele estava cansado pareciam nitidamente maiores". Depois de receber a notícia de Sazonov, "o tsar apareceu, muito pálido, e lhes disse que fora declarada guerra, numa voz que traía sua agitação, não obstante todos os seus esforços".[42] Ao ser informada, Alix começou a chorar, e todas as filhas, vendo-a assim, começaram a chorar também. O telegrama atrasado de Guilherme chegou tarde da noite. Nicolau o considerou uma prova de sua duplicidade, embora fosse antes um sinal de sua impotência. Ele escreveu, amargurado:

> Ele nunca foi sincero; nem por um só momento. (...) No fim das contas, estava irremediavelmente emaranhado na teia de suas próprias mentiras e perfídias (...) era uma e meia da manhã de 2 de agosto. (...) Não restava dúvida de que o objetivo desse estranho e farsesco telegrama era abalar minha resolução, desconcertar-me e me compelir a algum ato absurdo e desonroso. Mas ele gerou o efeito contrário. Ao deixar o quarto da imperatriz, senti que tudo se havia acabado para sempre entre mim e Guilherme. Dormi extremamente bem.[43]

Nas primeiras horas de 1º de agosto, o Ministério do Exterior britânico fez uma derradeira tentativa de impedir a guerra. Ele havia recebido um telegrama de Berlim, informando que, apesar da disposição de Guilherme de mediar, a Rússia se havia mobilizado contra a Áustria: "Não podemos manter-nos inativos. (...) Comunicamos portanto à Rússia que, a menos que se disponha a suspender dentro de 12 horas as medidas bélicas contra a Alemanha e a Áustria, seremos obrigados a nos mobilizar, o que significaria guerra."[44] Asquith e Grey decidiram recorrer a Jorge para chegar ao tsar. "O pobre rei foi arrancado da cama", escreveu Asquith, "e uma de minhas mais estranhas experiências (...) foi ficar sentado ao seu lado — ele com um roupão marrom sobre a camisola de dormir, dando abundantes sinais de ter sido tirado do primeiro sono — ao passo que eu lia a mensagem e a ‘pretendida’ resposta".[45] Jorge considerou o telegrama "um último recurso para tentar impedir a guerra".[46] Segundo Asquith, a contribuição de Jorge foi acrescentar "meu querido Nicky"[47] e assinar.

A mensagem de Jorge encaminhava o telegrama alemão e acrescentava:

> Não posso deixar de pensar que este impasse foi gerado por algum mal-entendido. Estou ansioso por não perder qualquer possibilidade de evitar a terrível calamidade que no momento ameaça todo o mundo. Dirijo-lhe, portanto, um apelo pessoal, meu querido Nicky, para acabar com o equívoco que sinto deve ter ocorrido e continuar deixando aberto o terreno para negociações e a possibilidade de paz. Se achar que eu posso de alguma maneira contribuir para esse objetivo tão importante, tudo

> farei que estiver ao meu alcance para contribuir para a reabertura das conversações interrompidas entre as potências envolvidas.[48]

A mensagem foi confiada a Buchanan e um telegrama mais curto foi mandado a Tsarskoe Selo, solicitando ao tsar que recebesse o embaixador britânico tão logo possível. Mas o tsar era um homem difícil de alcançar. Quando Buchanan conseguiu ser recebido por ele, era tarde da noite e a Alemanha já havia declarado guerra à Rússia. "Se seremos arrastados a isso, só Deus sabe", escreveu Jorge, "mas não mandaremos uma Força Expedicionária do Exército agora. A França nos implora ajuda. No momento, a opinião pública aqui é radicalmente contrária a que entremos na guerra, mas acho que será impossível ficar fora dela, pois não podemos permitir que a França seja esmagada".[49]

A resposta de Nicolau ao telegrama de Jorge chegou no dia seguinte. "Eu teria de bom grado aceitado suas propostas, não tivesse o embaixador alemão apresentado esta tarde uma Nota ao meu Governo declarando guerra",[50] escreveu ele. Ele havia feito "tudo que estava ao meu alcance para impedir a guerra", enquanto a Alemanha e a Áustria rejeitavam "todas as propostas". Havia determinado mobilização geral exclusivamente "em virtude da rapidez com que a Alemanha pode mobilizar-se, em comparação com a Rússia. (...) Que eu tinha motivos para fazê-lo é provado pela súbita declaração de guerra da Alemanha, que foi absolutamente inesperada para mim, pois eu havia oferecido ao imperador Guilherme as mais categóricas garantias de que minhas tropas não se deslocariam enquanto prosseguissem as negociações de intermediação". Ele acrescentava esperar que a Grã-Bretanha os apoiasse.

A justificativa do governo russo para entrar em guerra era que o povo o exigia — alegação realmente extraordinária da parte de um Estado autocrático que menos de dez anos antes sequer reconhecia a existência de uma opinião pública. De alguma maneira Nicolau acreditava nisso, mas é claro que a "opinião pública" não era formada pelas centenas de milhares de grevistas nem pelos resistentes das barricadas de Moscou. Era verdade, contudo, que, com uma única exceção — a minúscula facção pró-alemã da corte —, todo o governo, a burocracia, as classes educadas e os leitores de jornais exigiam uma intervenção na guerra da Áustria com a Sérvia, o que deu à Alemanha uma desculpa para atacar. Ainda que não houvesse um Nicolau, a Rússia teria entrado na guerra. Embora tivesse lá suas dúvidas, Nicolau não era forte o bastante para fazer frente

a esse sentimento. Por outro lado, em seus vinte anos no poder, ele tanto fizera para enfraquecer e atrofiar o surgimento de um governo moderno capaz de funcionar adequadamente, para se certificar de que ele fosse o mais caótico possível, que podemos especular que um governo mais profissional talvez tivesse conseguido levar em conta o fato óbvio de que uma guerra constituía uma ameaça à sua própria existência, e que essa realidade devia impor-se a quaisquer outras considerações.

Nicolau achou que fora forçado a fazê-lo, e culpou a Alemanha. "O imperador alemão sabia perfeitamente que a Rússia queria a paz", disse amargurado a Buchanan, "que sua mobilização não poderia ser concluída por pelo menos mais uma quinzena, mas havia declarado guerra com grande açodamento para impossibilitar qualquer nova discussão".[51]

Ainda a essa altura, Guilherme, Bethmann-Hollweg e Lichnowsky, o embaixador em Londres, continuavam na esperança de que a Grã-Bretanha se mantivesse à parte, de que a guerra não precisasse espraiar-se além do leste.

No dia 1º de agosto, o embaixador Lichnowsky informava excitado que Grey havia perguntado se, mantendo-se a França neutra, a Alemanha a deixaria em paz. Lichnowsky respondeu que sim, considerando que se tratava de uma oferta de se manter de fora caso a Alemanha não atacasse a França. Guilherme recebeu a mensagem logo depois de ter relutantemente entregado a Moltke a ordem assinada de mobilização geral — significando que os exércitos logo estariam entrando na França. O cáiser e o chanceler logo trataram de agarrar a oferta. Guilherme enviou um telegrama a Jorge dizendo que acabara de receber "o comunicado do seu Governo, oferecendo a neutralidade francesa sob a garantia da Grã-Bretanha".[52] Ele assegurava a Jorge que não atacaria a França se ela propusesse neutralidade e isto fosse garantido pelo exército e a esquadra britânicos. "Espero que a França não fique nervosa, as tropas nas minhas fronteiras estão sendo impedidas por telégrafo e telefone de atravessarem para a França." O cáiser disse a Moltke que os soldados poderiam ser todos mandados para a Rússia. Moltke praticamente caiu em lágrimas. Insistiu em que a mobilização não podia ser suspensa, em que seria uma loucura deixar a Alemanha exposta à França. Guilherme respondeu com tristeza: "Seu tio me teria dado uma resposta diferente."[53] Ordenou então que a ordem de parar na fronteira de Luxemburgo fosse dada às tropas por telefone. "Achei que meu

coração ia se partir", lamuriou-se Moltke, o guerreiro, ao voltar acabrunhado para o quartel-general, arrasado porque o cáiser "ainda tinha esperança na paz".********54

A resposta de Jorge, quando chegou, não era o que Guilherme esperava. "Creio que deve ter havido algum mal-entendido de uma sugestão transmitida em conversa amigável entre o príncipe Lichnowsky e sir Edward Grey esta tarde, quando estavam discutindo como poderia ser evitado o início de combates entre os exércitos alemão e britânico."55 Os franceses tinham recusado a neutralidade. Usando um sobretudo militar sobre a camisola de dormir, Guilherme convocou Moltke. "Agora pode fazer o que bem entender",56 resmungou. Às 19h, o exército alemão estava em Luxemburgo. A França estava na guerra na tarde seguinte. O embaixador francês em Berlim, Paul Cambon, disse a Edward Goschen que havia em Berlim três pessoas que lamentavam o início da guerra: "O senhor, eu e o cáiser Guilherme."57

No dia seguinte, Lichnowsky foi ao encontro do primeiro-ministro Asquith em prantos. O cáiser não mais respondia aos seus telegramas. Os alemães agora ameaçavam entrar na Bélgica. O rei da Bélgica havia apelado ao governo britânico, através de Jorge, para que garantisse a neutralidade de seu país. A ocupação alemã provocava uma extraordinária reviravolta na opinião pública britânica. Também fornecia ao gabinete — que aos poucos se havia aproximado do argumento de Grey segundo o qual a Grã-Bretanha não só estava obrigada a defender a França, como não podia, estrategicamente, permitir que a França fosse invadida pela Alemanha — uma justificativa para entrar em ação: a defesa da "pequena e brava Bélgica". A decisão de entrar na guerra foi extraordinariamente coesa. Só dois membros do gabinete renunciaram, e só um parlamentar, o trabalhista Ramsay MacDonald, pronunciou-se contra Grey, que disse ao parlamento que a Grã-Bretanha tinha de entrar na guerra para defender a Bélgica por uma questão de "honra". MacDonald observou: "Nunca houve crimes dessa natureza cometidos por estadistas sem que esses estadistas invocassem a honra de seu país"59 — tanto a guerra da Crimeia quanto a dos Bôeres tinham sido justificadas em termos de "honra".

No dia 2 de agosto, Jorge escreveu em seu diário: "Às 10h30, uma multidão de cerca de 6 mil pessoas se reuniu em frente ao palácio, vibrando e cantando. May e eu fomos à sacada e eles nos deram uma grande ovação."60

No dia seguinte, ele acrescentava, quase entusiasticamente: "A opinião pública, desde que Grey fez sua declaração na Câmara hoje, dizendo que não podemos permitir que a Alemanha atravesse o canal da Mancha ou chegue ao mar do Norte para atacar a França, e que não devemos permitir que suas tropas entrem na Bélgica, mudou completamente (...) e agora todo mundo está a favor da guerra e de que ajudemos nossos amigos." A 4 de agosto, ele prosseguia: "Muito calor, pancadas d'água e vento. (...) Reuni o Conselho às 10h45 para declarar guerra à Alemanha, é uma terrível catástrofe, mas não é nossa culpa. (...) Queira Deus que tudo termine logo." A declaração de guerra abrangia o império; com uma assinatura, 450 milhões de súditos estavam envolvidos no conflito.

Guilherme passaria o resto da vida apontando culpados pela Primeira Guerra Mundial. Dez dias depois do início do conflito, ele escreveu ao presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, alegando que Jorge havia prometido neutralidade e recuado. Profundamente afetado pela acusação de que teria dado garantias que não lhe cabia dar, Jorge sempre sustentou que jamais fizera semelhante promessa. Até o último momento Guilherme insistiu em que Nicolau o tempo todo quisera a guerra, em que a Rússia há meses se preparava secretamente para a guerra e em que a Entente vinha acumulando ouro desde abril de 1913.

Nem Jorge, nem Nicolau, nem mesmo Alix acreditavam que Guilherme fosse pessoalmente responsável pela guerra. "Não creio que Guilherme quisesse a guerra",[61] disse Jorge ao embaixador austríaco que se despedia. Alix disse ao tutor do filho, Pierre Gilliard, que embora nunca tivesse gostado de Guilherme — "no mínimo por não ser sincero" —, estava "convencida de que acabou sendo induzido à guerra contra a vontade".[62]

E era verdade. No frigir dos ovos, Guilherme não quisera a guerra. Mas não foi capaz de impedi-la. Na semana que antecedeu seu início, ele foi reiteradamente caluniado e ignorado por sua equipe civil e militar. Forças além do seu controle haviam começado a ditar a direção a ser tomada pelo país. Mas sob muitos aspectos ele havia provocado essa situação. Vinte e seis anos de intervenções caóticas haviam deixado um perigoso legado. Ele havia estimulado o desenvolvimento de um poderoso exército, consciente de sua força e convencido dos benefícios e da inevitabilidade de uma guerra europeia, e o havia

mantido fora do controle do governo. Havia empreendido um programa de construção naval que gerara forte hostilidade com a Grã-Bretanha, recusando-se a moderá-lo de alguma maneira. A insistência em que seu governo tratasse apenas com a direita o havia transformado em refém de grupos de interesses nacionalistas, alienando o resto do país. A adoção e o estímulo de uma retórica pública cheia de violência, estereótipos raciais e ameaças havia contribuído para criar no exterior a imagem de um país sedento de conflito. E finalmente ele permitira que as cadeias de comando e decisão no governo civil se tornassem caóticas e confusas, pois lhe convinha que assim fosse. Praticamente todas as suas posições resultavam de fraqueza e imaturidade, do cultivo de apetites e desejos sem pensar nas consequências: excesso de entusiasmo com a ideia do poderio do exército e de seu suposto controle sobre ele; a ânsia de parecer poderoso e forte e de se identificar com os estereótipos masculinos agressivos do exército alemão; e acima de tudo, o desejo de ser popular.

******** Acreditou-se a certa altura que o plano de guerra alemão conhecido como Plano Schlieffen teria sido formulado em 1905-6, e por isso tenha levado o nome do chefe do estado-maior da época. Sabe-se hoje que ele só seria adotado como único plano de guerra alemão em 1913, na época em que Moltke ocupava o cargo.

******** O Partido Socialista alemão aos poucos se deixara contaminar pelo medo e a antipatia em relação à Grã-Bretanha e à Rússia que se haviam disseminado em quase todas as classes na Alemanha. Em 1907, num congresso da Internacional Socialista em Stuttgart, sua delegação votara contra a ideia de recorrer a uma greve geral para tentar impedir uma guerra europeia. Em anos posteriores, alguns de seus mais importantes membros, como August Bebel, tinham começado a declarar que o patriotismo não era incompatível com o socialismo e que, se houvesse uma guerra, haveriam de empunhar uma arma para lutar pela pátria.

******** Moltke escreveria mais tarde: "Algo em mim se quebrou, e eu nunca mais seria o mesmo."[58] Incapaz de suportar a tensão do comando da guerra, ele teve um colapso nervoso imediatamente depois de seu início e renunciou ao cargo.

PARTE IV

Armagedom

17. Uma guerra (1914-18)

Em Londres, Berlim e São Petersburgo, os três monarcas foram delirantemente aclamados; naquele momento, os três pareciam o próprio símbolo da nacionalidade e da unidade. "May e eu saímos para um breve passeio na carruagem russa, descendo pelo Mall até Trafalgar Square, passando pelo Park e voltando por Constitution Hill",[1] escreveu Jorge a 3 de agosto de 1914. "Uma enorme multidão em todo o percurso, aclamando ruidosamente. (...) Fomos obrigados a aparecer na sacada três vezes."[2] Quando Nicolau apareceu na sacada do Palácio de Inverno no dia 2 de agosto, a enorme multidão caiu de joelhos. "A Rússia parecia ter se transformado completamente",[3] admirava-se o embaixador britânico. A Duma declarou seu incondicional apoio e aprovou um maciço orçamento de guerra. As barricadas desapareceram e os revolucionários simplesmente sumiram. Todos concordavam em que o país não se sentia tão vibrantemente vivo nem tão unido desde a invasão de Napoleão em 1812. E na Alemanha as multidões berlinenses aclamavam Guilherme no Portão de Brandemburgo. Numa onda de entusiasmo, o Reichstag votou pelo restabelecimento do poder do Bundesrat, o conselho de príncipes alemães, efetivamente conferindo a Guilherme e ao exército o poder de fazer o que bem quisessem, inclusive na cobrança de impostos. Até os socialistas votaram a favor. O revolucionário russo Bukharin considerou "a traição dos alemães (...) a maior tragédia da nossa vida".[4] No dizer de um jornal alemão, a guerra prometia "uma ressurreição, o renascimento de uma nação. De uma hora para outra deixando para trás, em estado de choque, os problemas e prazeres da vida cotidiana, a Alemanha levanta-se unida com a força do dever moral".[5]

Em Moscou, Nicolau disse durante audiência no Kremlin: "Um magnífico impulso apoderou-se de toda a Rússia, sem distinção de tribo ou nacionalidade."[6] O *Utro Rossii*, o jornal de centro-esquerda russo, escreveu: "Já não existem mais esquerdas e direitas, nem governo ou sociedade, mas apenas uma Nação Russa Unida."[7] Guilherme valeu-se praticamente das mesmas palavras ao declarar ao Reichstag no dia 4 de agosto: "Na luta que temos pela frente, não mais reconheço partidos no seio de meu povo. Existem apenas alemães."[8] Ele convocou os líderes partidários a vir apertar sua mão, e, quando

eles se afastavam, levantava o punho fechado e novamente o abaixava, como num gesto de golpear com a espada. O cáiser, suspirava um jornal, era "hoje verdadeiramente um cáiser do Povo". Quanto a Jorge, embora não fosse obrigado a dizer nada, vestiu um uniforme militar, abriu mão das roupas civis e se apresentou diante de seu povo como a encarnação dos valores pelos quais ele combatia: "Um bom esportista, um grande trabalhador e um homem profundamente bom."[9]

A grande família real ampliada da Europa, contudo, podia ser tudo, menos unida: fora dilacerada pelas divisões nacionais. Na Rússia, Alix estava afastada da irmã Irene e do amado irmão Ernesto. Ernesto de Cumberland, primo de Jorge e Nicky e já agora duque de Brunswick, tendo-se casado com Vitória, filha de Willy, alinhou-se com o lado alemão. O mesmo fez Carlos Eduardo, o primo britânico que herdara o ducado de Saxe-Coburgo-Gotha após a morte de Affie em 1900, tendo aceitado um posto no exército alemão. Luís de Battemburgo, nascido alemão, naturalizado inglês desde os 14 anos de idade e casado com uma alemã (Vitória, irmã de Alix), foi forçado a renunciar à posição de mais graduado almirante da marinha britânica por causa de uma campanha xenófoba da imprensa de direita. (Também mudaria seu nome para Mountbatten.) O governo britânico forçaria Jorge a retirar todos os títulos britânicos concedidos a parentes alemães. Quando ele se encontrou com um casal de primos gregos houve uma grita: embora a Grécia fosse neutra, o fato de o primo Constantino ser casado há 25 anos com Sofia, a irmã de Guilherme, levantava objeções entre os britânicos.

Em questão de pouco tempo, cada um dos imperadores havia se tornado quase completamente irrelevante.

Jorge e Maria se atiraram de corpo e alma no esforço de guerra, mas seu empenho servia apenas para enfatizar a incapacidade de Jorge de distinguir entre o trivial e o importante, e de modo geral os resultados foram insignificantes. O rei deixou de lado o teatro, fechou Balmoral, passou a cultivar batatas nos jardins de Frogmore, desligou as luzes e o aquecimento no Palácio de Buckingham, usava os guardanapos mais de uma vez para economizar na lavagem, insistia em que se cozinhasse galinha e carneiro, em vez de frango e cordeiro, e a pedido de Lloyd George comprometeu-se em abril de 1915 a abandonar o álcool enquanto a guerra durasse, para dar o exemplo às classes

trabalhadoras. O primeiro-ministro Asquith queixou-se em caráter privado de ter de dar ouvidos a "esses problemas infinitesimais que deixam perplexa e perturbada a corte — se ele deve dirigir-se a Westminster na velha carruagem (...) ou (...) montar seu cavalo pelas ruas cheias de homens alinhados em seus uniformes cáqui. Não é maravilhoso que coisas assim sejam consideradas merecedoras de cinco minutos de discussão? Devo ir ao seu encontro [do rei] amanhã de manhã para resolver esta e outras questões igualmente momentosas".[10] Como um visitante em York Cottage chegasse tarde para o café da manhã e pedisse ovos cozidos, o rei "o acusou de ser um escravo de si mesmo, de comportamento impatriótico, e chegou a dar a entender que poderíamos perder a guerra por causa de sua gula".[11] O país de modo geral não estava submetido a racionamento, o que só aconteceria no último ano da guerra. Quanto à iniciativa de Lloyd George, foi um completo fracasso; praticamente nenhuma outra personalidade pública concordou em assumir o mesmo compromisso, e as classes trabalhadoras não ficaram propriamente impressionadas.

Houve gestos admiráveis: o empenho de austeridade permitiu a Jorge devolver ao Tesouro 100 mil libras em economias; oficiais em convalescença e suas famílias eram convidados a usar as instalações do Palácio de Buckingham, embora o palácio se mostrasse estranhamente relutante em divulgá-lo, invocando a maneira como o rei tratava a imprensa, à qual se referia como "trapos imundos".[12] O rei continuou sem beber, embora o duque de Windsor alegasse que depois do jantar o pai se retirava a seu gabinete "para resolver um pequeno negócio",[13] o que todos interpretavam como um copo de vinho do Porto.

A guerra de Jorge logo haveria de se reduzir a uma constante movimentação cuidadosamente agendada: sete inspeções de bases navais, cinco visitas à frente francesa, 450 inspeções militares, trezentas visitas a hospitais, 50 mil condecorações e medalhas pessoalmente conferidas, além de uma quantidade não contabilizada de viagens a fábricas de munição e áreas bombardeadas. Era um trabalho que ele executava com grande e soturna diligência.[14] "O rei veio nos ver esta manhã", escrevia da França o filho do primeiro-ministro, Raymond Asquith, "parecendo como sempre taciturno e dispéptico".[15]

Em dezembro de 1916, o secretário de Jorge, Stamfordham, perguntou ao secretário do gabinete se o rei "deve ter uma participação mais ativa no governo

do país".[16] A resposta foi um retumbante não. Jorge, contudo, ansiava por deixar de ser mera figura decorativa. "Estou perfeitamente disposto a me sacrificar, se necessário, desde que vençamos esta guerra",[17] disse à mãe em 1917. À parte sua posição constitucional, sabia-se que o rei, apesar de sincero, honrado e honesto, era quase obsessivamente resistente a toda mudança e pautado pelos próprios preconceitos. Ele se opôs em 1915 à recondução do almirante Fisher ao seu cargo por não gostar dele nem confiar nele. Manteve-se leal a Asquith quando muitos no governo há muito tinham perdido a confiança no estilo negligente e um tanto passivo do primeiro-ministro, pois este se havia tornado útil a ele, que não suportava a ideia de vê-lo partir. Incapaz de enxergar as qualidades de Lloyd George e ofendido com seus métodos decididamente brutais, ele o criticava publicamente. (Lloyd George também se mostrava discretamente desdenhoso: referiu-se certa vez a um memorando enviado por Jorge em 1915 como "o documento mais fútil que tenho visto (...) tudo que vem da corte é assim. Mas, como me disse Balfour certa vez, ‘que haveríamos de fazer se tivéssemos um monarca dotado de cérebro?’".)[18] Ele resistiu às tentativas de Lloyd George de defenestrar Asquith e assumir o controle do esforço de guerra em dezembro de 1916, considerando-as uma injusta traição. E acabou num violento confronto com Andrew Bonar-Law, o líder conservador, quando este insistiu em que Lloyd George era o homem do momento. "O rei manifestou seu total desacordo com esse ponto de vista",[19] anotaria Stamfordham, eufemisticamente. Mas ele não podia fazer nada. Lloyd George desalojou Asquith numa espécie de golpe palaciano; Asquith por sua vez contribuiu para o próprio ostracismo recusando-se a servir sob outro primeiro-ministro. O novo governo de Lloyd George — um novo gabinete de guerra formado por seis ministros — redundava no que Beatrice Webb chamaria de "uma ditadura de um só homem, possivelmente três".[20] Não pode ter lhe passado despercebida a ironia contida no fato de que dispunha de mais poder como primeiro-ministro do que qualquer monarca britânico jamais havia acumulado em 250 anos.

Nas situações em que o rei podia exercer alguma influência, era sempre com efeitos potencialmente trágicos. Ele apoiava constantemente o general Haig, comandante do estado-maior, contra Lloyd George. A insistência de Haig e de seu colega, o general Robertson, na guerra de trincheiras — na crença de que o

treinamento dos soldados conscritos não lhes permitiria nada além de perfilar-se em formação e caminhar em frente — teve um efeito devastador no número de baixas. Lloyd George considerava que devia haver outra maneira de empregar aqueles homens que Haig parecia quase alegremente atirar no beco sem saída dos campos de batalha. Já o rei, fazendo eco à deferência dos primos para com os militares, acreditava que os profissionais sabiam o que estavam fazendo. Ele gostava de Haig, cuja mulher fora dama de companhia de Maria. E Haig não se eximia de explorar esse vínculo, já se tendo valido dele para defenestrar o antecessor, o general French. Quando Lloyd George tentou livrar-se de Haig, o rei disse explicitamente ao general que não renunciasse, pedindo-lhe que lhe escrevesse secretamente sempre que quisesse. Em outras circunstâncias, o apoio de Jorge pouco efeito teria tido, mas o partido e a imprensa conservadores também apoiavam Haig, e Lloyd George — integrando a essa altura uma coalizão de ministros majoritariamente conservadores — precisava de seu apoio. A intervenção de Jorge deu lastro à posição de Haig. Ao longo de 1916 e 1917, nas batalhas do Somme e de Paschendaele, Haig mandou centenas de milhares de homens para o combate nas trincheiras. Em Paschendaele, houve entre 240 e 260 mil baixas britânicas, mal se podendo dizer que um metro de território foi conquistado para justificá-las. Haig queixou-se de não ter tido sucesso porque não havia disponibilidade suficiente de homens. O rei, considerando que os militares não podiam ser contestados, escreveu a Nicolau: "Os franceses e nós fizemos bons progressos no Somme e esperamos continuar assim."[21] Lloyd George não conseguiu livrar-se de Haig e levou vários anos para neutralizar sua ação.

Na Rússia e na Alemanha, contudo, a classe aristocrática dos oficiais mostrava-se ainda menos preocupada com a bucha de canhão. O príncipe herdeiro alemão, Pequeno Willy, acabou com a vida de um milhão de homens tentando tomar a fortaleza de Verdun. Após as terríveis derrotas russas de Tannemberg e dos Lagos da Masúria, em 1914, que custaram 250 mil vidas, o grão-duque Nicolau disse aos franceses: "Ficamos felizes de fazer esses sacrifícios por nossos aliados."[22]

O ponto em que Jorge não seguia seu povo era na repulsa ao surto de xenofobia que se manifestava na Grã-Bretanha, para o qual não influíra pouco a propaganda antialemã extraordinariamente eficaz circulante em cartazes e na

imprensa de massa. A invasão da Bélgica rendeu em diários como o *Daily Mail* reportagens monstruosas sobre mulheres estupradas, crianças com as mãos decepadas, padres assassinados, bibliotecas incendiadas e até um soldado canadense crucificado por tropas alemãs. Nenhum desses relatos era comprovado. Guilherme, que tanto desejava ser amado pelos britânicos, foi transformado em objeto de ódio da opinião pública, retratado como verdadeira encarnação dos males do militarismo alemão e amplamente considerado responsável pela guerra. Nos cartazes de propaganda, ele aparecia coberto de sangue, debruçado sobre cadáveres de mulheres belgas, ou então marchando em passo de ganso em frente a bibliotecas em chamas. Em 1900, ele fizera um discurso superexcitado e totalmente equivocado na despedida de um esquadrão de soldados alemães enviado para esmagar a rebelião dos boxers na China, dizendo-lhes que passassem os rebeldes na espada "como os hunos sob o comando de seu rei Átila há mil anos (...) não haverá perdão, não serão feitos prisioneiros. Quem quer que caia em suas mãos cairá sob suas espadas".[23] O discurso foi desencavado pelos propagandistas de guerra britânicos, que passaram a caracterizar os alemães como "os imundos hunos", os bárbaros inimigos da civilização — o que vinha a ser um contrassenso histórico: as tribos germânicas é que haviam derrotado os hunos.

Jorge tentou resistir quando o Departamento da Guerra — reagindo a uma campanha do *Daily Mail* — pediu-lhe que destituísse Guilherme e os parentes alemães de seus comandos militares honoríficos, retirando seus estandartes da capela de São Jorge, no Castelo de Windsor. Quando sir Richard Haldane, ex-ministro da Guerra, fundador da London School of Economics e conhecido germanófilo, foi afastado do cargo por uma campanha histérica da imprensa de direita, Jorge conferiu-lhe a Ordem do Mérito. Ele ficou indignado com os maus-tratos infligidos a prisioneiros alemães de guerra e a internação em campos de supostos inimigos "estrangeiros". E quando, durante uma visita à frente de batalha, Ponsonby lamentou a simpatia demonstrada por ele a um soldado ferido que acabara por se revelar alemão, o rei reagiu: "Afinal de contas, era apenas um pobre ser humano moribundo."[24] Com o prosseguimento da guerra, todavia, Jorge já encontrava dificuldades em não odiar os alemães. "Esses ataques de zepelins", escreveu ele a Nicolau, "(...) assassinam mulheres e crianças e não causaram qualquer dano a oficinas ou estabelecimentos militares; mostram que

eles são simplesmente selvagens e bárbaros".[25]

O eclipse de Guilherme foi mais dramático. Dias depois do início da guerra, ele integrou-se ao exército, no quartel-general, como fizera seu avô na Guerra Franco-Prussiana de 1870, e logo em seguida teve um colapso e caiu de cama. Durante anos ele cultivara uma retórica raivosa, afirmando que em caso de guerra seria seu próprio chefe de estado-maior. Falara de comandar suas tropas em batalha como se fosse uma real possibilidade. Uma semana depois do início da guerra, o supremo comandante militar, o *Oberster Kriegsherr*, disse ao estado-maior que este era o responsável pela guerra, e não ele, e deu a Moltke autorização para emitir ordens em seu nome, ao mesmo tempo prometendo não interferir nas operações. Ele parecia totalmente incapaz de enfrentar a situação. O que deveria estar acontecendo, perguntava-se o almirante Muller, que chefiava seu gabinete naval, "dentro da cabeça desse homem, para quem a guerra é basicamente algo repulsivo"?[26] Em outubro de 1914, do quartel-general do exército alemão, o príncipe de Pless escreveu a sua mulher inglesa, Daisy: "Ele está extremamente nervoso e a coisa só piora, quanto mais a guerra se arrasta. É difícil encontrar outro tema de conversa, pois ele raramente dá ouvidos a algum outro assunto. Se pelo menos pudéssemos convencê-lo a jogar bridge. (...)"[27]

Ele oscilava entre a euforia, a fúria e dramáticos períodos de depressão. Num dado momento, exigia que seus soldados não fizessem prisioneiros; no seguinte, proclamava com sua velha pompa que se uma única família alemã passasse fome por causa do bloqueio naval britânico, ele "enviaria um zepelim para sobrevoar o Castelo de Windsor e mandar pelos ares toda a família real da Inglaterra".[28] Em seguida, mergulhava em depressão e desandava a tomar remédios para dormir. O entourage e Dona, empenhados em proteger o cáiser e os principais generais, decidiram impedi-lo de interferir, tratando de protegê-lo das más notícias e de reduzir ao mínimo seus passos em falso. Ele era diariamente informado pelos generais, mas, como observaria o ministro da Guerra, Falkenhayn, semanas depois do início do conflito, "a esta altura ele já não é informado de nada que esteja em fase de planejamento, e fica sabendo apenas do que já aconteceu, e mesmo assim só dos acontecimentos favoráveis".[29] Em 1916, a guerra mal chegava a ser mencionada nas reuniões do governo quando ele estava presente: "A Conferência (...) limitou-se a histórias das colheitas em Pless, ao nascimento de um filhote de zebra em Cadinen e às instruções que ele havia passado a

Hindenburg",[30] observaria Muller. Seu entourage o conduzia das frentes de batalha aos quartéis-generais do exército para aplacar sua permanente inquietação, permitindo que desfilasse diante das tropas em seus esplêndidos uniformes e fizesse discursos de encorajamento. Ele espetava medalhas e apertava mãos. Foi incumbido de projetos sem sentido, para manter-se ocupado — a construção de uma extravagante fonte em Homburg, financiada por um empreiteiro da guerra —, e era censurado por excesso de entusiasmo na confraternização com prisioneiros de guerra britânicos. Em momentos de autocomiserativa clareza, Guilherme lastimava sua posição. "O estado-maior nunca me diz nada nem pede minha opinião. Se as pessoas na Alemanha acham que eu sou o comandante supremo, estão redondamente enganadas",[31] disse ele em novembro de 1914. "Eu bebo chá, corto lenha e faço caminhadas, o que agrada aos cavalheiros." Em 1916, ele queixou-se de ter tomado conhecimento pelos jornais do mais recente ataque em Verdun. Mas era de vital importância para ele parecer que estava no comando: "Meto minha colher o mínimo possível, mas para o mundo exterior Falkenhayn tem de manter a ficção de que todas as ordens são pessoalmente dadas por mim."[32]

Sua assinatura era necessária para a emissão de ordens e decretos, de modo que os generais, para conseguir dele o que queriam, o mantinham por perto e isolado de sua equipe civil, quase invariavelmente tendo êxito, ainda que inicialmente ele discordasse. Encontrando-o no quartel-general do exército, o ministro do Exterior austríaco considerou que ele estava "vivendo uma ilusão", referindo-se a ele como "prisioneiro de seus generais".[33] À medida que a guerra avançava, ele ia sendo gradualmente privado de um ministro da Guerra de que gostava, Falkenhayn, de um chanceler que queria manter no cargo, Bethmann-Hollweg — que considerara leal e a quem havia apoiado durante meses —, e se manteve distante dos planos de paz que poderia ter fomentado. Finalmente, seria convencido a concordar com uma política de guerra submarina contra embarcações neutras, algo de que discordava profundamente e que acabou envolvendo os Estados Unidos na guerra. "Nenhum cavalheiro seria capaz de matar tantas mulheres e crianças",[34] disse ele, embaraçado, ao embaixador americano, depois do afundamento do *Lusitania* por um submarino alemão em 1915, o que resultou na morte de mil civis.

A ironia é que havia um papel importantíssimo para ser desempenhado pelo

cáiser, fosse ele capaz. O Estado e os militares precisavam de uma figura de coordenação que mantivesse o equilíbrio entre os dois, alguém capaz de tomar importantes decisões políticas. Pela constituição, o governo não tinha autoridade sobre as forças armadas, só o cáiser — situação que havia sido estimulada por Guilherme ao longo de seu reinado. Entretanto, ele era incapaz disso, totalmente superado pelas circunstâncias e refém do glamour do exército. Sua incapacidade teria um efeito devastador no esforço de guerra e no futuro da Alemanha. O exército e o governo se distanciavam cada vez mais, divergindo radicalmente quanto às metas essenciais da guerra, sobre a anexação ou não dos territórios invadidos e os critérios a serem adotados para o restabelecimento da paz. Não seriam as autoridades civis a preencher o vazio deixado por Guilherme, e sim o exército, a instituição mais concentrada e obstinada da Alemanha, e que havia sido deliberadamente mantida longe do controle do parlamento pelo próprio Guilherme.

Quanto à marinha alemã, ficou evidente durante a guerra que sempre fora um puro projeto de vaidade. Depois de todo o desgaste e dos custos, ficou imediatamente claro que o poderio naval não seria capaz de vencer a guerra. A marinha foi mobilizada uma única vez, na Batalha da Jutlândia, em maio de 1916, para nunca mais levantar âncora. Ficou aprisionada pelo bloqueio naval britânico, que aos poucos foi deixando a população civil da Alemanha sem alimentação, e Guilherme relutava em sacrificar um único que fosse de seus reluzentes navios para rompê-lo. Os navios enferrujaram e os marinheiros perderam a motivação. No fim da guerra, em novembro de 1918, quando os comandantes navais tentaram promover uma última "investida mortal", os marinheiros se amotinaram. "A Marinha me abandonou",[35] queixou-se Guilherme ao embarcar no trem para deixar a Alemanha. "Não tenho mais uma Marinha."

Como Jorge e Guilherme, Nicolau limitava-se a passar tropas em revista, espetar medalhas, visitar fábricas de munição e hospitais — chegando às vezes a ver 3 mil feridos num só dia. Como Guilherme, havia fantasiado sobre o comando dos exércitos, perspectiva menos realista na Rússia, onde o comando militar supremo fora confiado a seu primo, o grão-duque Nicolau Nicolaevich, figura eminentemente decorativa mas popular de quase 2 metros de altura. Do mesmo modo como Guilherme, ele se instalou no ambiente peculiarmente irreal do

quartel-general do exército russo, um imponente galpão de oficiais debaixo de pinheiros e bétulas em Baranovich, Polônia, cheio daquela elite de oficiais aristocráticos de regimentos de cavalaria com os quais Nicolau sempre gostara de se misturar. Ali, convenceu-se de que estava no calor da ação, cercado de oficiais que em sua maioria deviam suas promoções a contatos na corte. Dava longas caminhadas, almoçava lautamente, cultivava os prazeres do charuto e da conversa, organizava corridas de barco e fazia charme para visitantes estrangeiros. Stavka, como era conhecido esse acampamento, estava para os comandos da frente de guerra, onde os homens morriam aos montes, mais ou menos como o monte Olimpo para um monte de pedras, e praticamente não tinha nenhuma função, revelando-se perfeitamente incapaz de abastecer adequadamente as diferentes frentes ou coordená-las.

A fuga de Nicolau talvez fosse compreensível. O esforço de guerra russo deu terrivelmente errado em questão de apenas três meses. Enormes somas haviam sido destinadas ao exército, que no entanto continuava sendo gerido por cortesãos. O planejamento de guerra fora mínimo. Ninguém esperava um conflito prolongado e os periclitantes mecanismos do Estado simplesmente não serviam para sustentar uma guerra prolongada. Várias derrotas devastadoras — consequência tanto da eficácia alemã quanto das ideias irremediavelmente arcaicas do alto-comando russo — foram seguidas pela convocação de reservistas mal treinados e por uma crise de abastecimento. O Ministério da Guerra não fizera provisões de uniformes e botas para o inverno; a munição começou a acabar. No início de 1915, os soldados eram instruídos a usar apenas dez balas por dia.[36] As perdas eram enormes e sem sentido. Um observador britânico viu 1.800 novos recrutas chegarem à frente de guerra sem um único fuzil.[37] Eles tinham de esperar pelas armas deixadas pelas baixas. Em seguida, ele assistiria à morte de 1.600 deles. Olga, a irmã de Nicolau, trabalhando como enfermeira na frente austríaca, ficou sabendo que os soldados russos enfrentavam as metralhadoras alemãs "com paus nas mãos".[38] Cirurgiões vinham a ela implorar que interviesse junto ao tsar por suprimentos médicos, e os generais pediam reforços. Como no caso de Guilherme, Nicolau era poupado das piores notícias. Um soldado recordaria a visita do tsar a sua unidade.[39] Os restos mais apresentáveis de uniformes foram pescados um a um nos demais regimentos para vestir uma companhia inteira, enquanto os outros homens

tremiam de frio nas trincheiras sem calças, botas ou muita coisa que restasse. Na estação ferroviária de Varsóvia, o presidente da Duma, Mikhail Rodzianko, ficou horrorizado ao dar com 17 mil soldados feridos jazendo na chuva.[40] Não havia para onde pudessem ser mandados.

À medida que as baixas aumentavam e o moral ruía, o exército, na vívida formulação de um historiador, era "gradualmente transformado numa enorme multidão revolucionária".[41] Nove milhões de homens foram convocados no primeiro ano da guerra. As baixas de oficiais eram enormes, inclusive por seu hábito de comandar ataques usando seus uniformes mais vistosos. Os soldados sobreviventes viam-se privados de seus tradicionais líderes aristocráticos, alienados e enfurecidos com as enormes e absurdas perdas, começando então a se perguntar por que estavam lutando, para início de conversa. Em 1915, o novo corpo de oficiais russo — os de patente inferior à de capitão, que de fato participavam dos combates — logo viria a constituir a maior meritocracia jamais vista na Rússia: jovens de origem camponesa com talento para a sobrevivência e a liderança, perfeitamente conscientes do desinteresse da elite militar pelas condições dos homens e suas perdas.

Na Rússia, como na Alemanha, haveria um papel para Nicolau como líder civil, coordenando as ações do governo, assegurando o abastecimento do exército, o atendimento dos feridos e refugiados e o adequado funcionamento do país. Mas Nicolau, como Guilherme, estava nas malhas do romance do exército, desprezava a administração civil e se via por demais assoberbado pela incompetência do governo para sequer saber por onde começar. Já a União Zemstvo fornecia suprimentos e ajuda, transformando-se numa formidável máquina, e a Duma, trabalhando discretamente com alguns ministros do governo, conseguiu que a indústria fosse novamente mobilizada. Incapaz de passar por cima das velhas ortodoxias autocráticas, Nicolau recusava-se a encarar tais iniciativas senão como desafios à sua autoridade cada vez mais comprometida. Em meados de 1915, quando a Duma exigiu uma coalizão com o governo para restabelecer a confiança da nação e gerir a guerra, Nicolau a fechou.

Sua solução para a crise consistiu em assumir o comando supremo do exército em setembro de 1915. Num lance de desesperada confusão da realidade com seus próprios desejos, ele se convencera de que isto representaria a cura

para todos os males da Rússia: se ele assumisse o comando, Deus salvaria a Rússia, e os devotados camponeses combateriam com ainda maior afinco. Ele adorava a ideia de combater ao lado de seus soldados, com isto escapando às intrigas, cabalas e "baixos interesses pessoais"[42] de São Petersburgo — a essa altura rebatizada de Petrogrado, para dissipar toda conotação germânica. "Na frente de batalha", confidenciaria ele ao tutor de seu filho, Pierre Gilliard, "existe apenas um pensamento: a determinação de vencer". Alix há meses o vinha exortando a fazê-lo, dizendo que ele era o salvador da Rússia e Deus o protegeria. Era tão patentemente uma má ideia que, quando Nicolau a anunciou, todo o Conselho de Ministros fez silêncio. "Isto é tão terrível",[43] escreveu Sazonov em seu diário, "que minha mente está mergulhada no caos". No desdenhoso comentário de um outro ministro, era uma decisão "perfeitamente sintonizada com suas tendências espirituais e sua visão mística do chamamento imperial".[44] O Conselho de Ministros, depois de anos de lutas intestinas endêmicas, tomou a inédita iniciativa de mandar-lhe uma carta coletiva, implorando que não o fizesse. Até Goremikin, o perfeito submisso, a assinou. Até a mãe de Nicolau e mesmo sua irmã Olga consideraram que seria uma "catástrofe".[45] Mas ele foi em frente. Totalmente inexperiente em matéria de estratégia ou combates, Nicolau logo passaria a ser considerado irrelevante no quartel-general. Sua decisão teve o efeito previsto, apresentando-o mais que nunca como diretamente responsável pelo agravamento do desastre militar da Rússia.

A partida de Nicolau de Petrogrado e seu afastamento do governo civil deixaram um vazio que Alix sentiu-se obrigada a preencher. Deixando o leito de doente, ela decidiu proporcionar à Rússia algo que visivelmente considerava uma autêntica aula de autocracia. Apenas quatro dias após a partida de Nicolau, ela começou a demitir ministros com alucinante velocidade. Como percebia até mesmo o pessoal da casa real, ela "transformava a política numa questão de sentimento e personalidades". Todo o esforço de guerra do governo foi transformado numa luta pessoal entre aqueles que ela considerava favoráveis e os que considerava desfavoráveis. Os ministros que haviam pedido ao tsar que não assumisse o comando do exército eram sistematicamente afastados. Qualquer um que desse a entender que talvez fosse sensato trabalhar com a Duma era demitido. Todo aquele de que ela não gostasse ou que em sua opinião

se opunha a ela ou criticava Rasputin — cujo aconselhamento em questões políticas ela passara a buscar ativamente, e que, como observaria Pierre Gilliard, simplesmente confirmava seus "desejos secretos"[46] — era dispensado. Suas cartas a Nicolau — ainda escritas em inglês — eram cheias de referências a "nosso amigo" e exigências de afastamento de ministros. "Como eu gostaria de poder enforcar Rodzianko [o presidente da Duma]",[47] escrevia ela, "um homem terrível, & um sujeito tão insolente". Ela o exortava a se mostrar assertivo e autocrático. Colecionava ministros com uma velocidade quase cômica, passando por quatro ministros-chefe — cada qual mais à direita e menos eficiente que o anterior — em 16 meses, desesperada por encontrar um ministro "leal", alguém que evidenciasse suficiente ódio da Duma e respeito por Rasputin. Seu ministro favorito era Aleksandr Protopopov, antigo representante na Duma que prosperava à sombra de Rasputin e era em geral considerado mentalmente instável, se não pura e simplesmente louco. A imperatriz o promoveu — apesar de reconhecer que ele era "extremamente nervoso e muitas vezes perde o fio da meada" — porque "ouvia" Rasputin e era, segundo ela, "tão dedicado a nós!".[48] Protopopov aparentemente andava pelos derradeiros estágios de uma sífilis terciária.

Pierre Gilliard, que compreendia perfeitamente o drama de Alix com a doença do filho, chegaria à conclusão de que ela talvez tivesse perdido um pouco o juízo: "Ela tinha frequentes períodos de êxtase místico nos quais perdia totalmente o senso da realidade."[49] Enquanto isso, sua visão de mundo obsessivamente polarizada a levava a promover publicamente Rasputin e fechar os olhos ao fato de estar cada vez mais abertamente explorando sua posição privilegiada. Figuras com longos serviços prestados à corte, como Mossolov, chefe da Chancelaria imperial, assistiam impotentes enquanto o governo mergulhava no caos. Cargos e sinecuras subitamente passaram a ser ocupados por aduladores e clientes de Rasputin, e aparentemente nada se podia fazer a respeito senão aceitar. Já sob sequestro, o governo tornou-se ainda mais ineficiente, ridículo e corrupto. A seu lado, a Duma e o movimento dos *zemstvos* pareciam eficazes e interessantes. Paralelamente ao fato de Nicolau ter assumido o comando do exército, o efeito de tudo isso na reputação do casal imperial foi devastador. Alexandra, há muito caída no desapreço das classes superiores russas, logo passaria a ser francamente odiada. Nicolau parecia um fracassado. O

ressentimento com as tensões e desastres da guerra começou a se misturar a histórias de corrupção e caos e mesmo traição na alta cúpula. Considerando-se as catástrofes na frente de guerra e a aparente indiferença e incapacidade do governo de resolver os problemas mais elementares, talvez não fosse surpreendente que os mais absurdos boatos sobre supostas simpatias alemãs de Alix e sua estranha relação com Rasputin começassem a se disseminar ainda mais, além da esfera da elite, chegando ao exército, já insatisfeito, e ao país como um todo. Em 1916, muita gente acreditava que Rasputin e seus seguidores eram agentes alemães, planejando entregar a Rússia nas mãos dos alemães, e que a imperatriz, nascida alemã, trabalhava com eles.

Os boatos e a desconfiança deterioravam as relações da Rússia com a Grã-Bretanha e a França. Desde o início da campanha, os russos queixavam-se de que seus enormes sacrifícios não eram devidamente reconhecidos pelos aliados. Acusavam os britânicos de usá-los para arcar com o peso maior do ataque alemão. Preocupado, Lloyd George escrevia que, segundo os russos, "não estamos fazendo o suficiente e estamos ‘querendo levar vantagem’".[50] (Era uma queixa muitas vezes centenária nas guerras europeias: a ilha britânica ficava tranquila e segura, de braços cruzados, enquanto o continente enfrentava terríveis combates.) O governo russo acusava os britânicos de reter suprimentos urgentemente necessários, e nas ruas da Rússia ocidental dizia-se que a Grã-Bretanha havia arrastado o país à guerra, com a qual nada tinha a ganhar. Os britânicos, por sua vez, ficavam exasperados com o colapso russo no leste, a incapacidade da Rússia de coordenar suas ações com a Entente e as constantes queixas e exigências de dinheiro e suprimentos; em 1915, a Grã-Bretanha havia de fato se transformado no banqueiro e principal fornecedor de munições da Rússia. Ela emprestou 40 milhões de libras ao longo de 1914 e 1915,[51] apoiou um novo empréstimo de 100 milhões de libras e enviou o equivalente a milhões de libras em suprimentos. Em 1916, quando Alix assumiu as rédeas do governo, os britânicos o viram mover-se ainda mais para a direita, com o afastamento de todos os ministros de tendências liberais. Eles ouviam histórias sobre Rasputin e se perguntavam, perplexos, se seu dinheiro não estava sendo encaminhado a um regime que representava tudo aquilo que julgavam estar combatendo.

As relações entre as duas famílias reais eram um dos raros pontos positivos — além da calorosa relação que Nicolau aparentemente desenvolvera com o

embaixador britânico, sir George Buchanan. Várias grã-duquesas haviam fixado residência na Inglaterra, e as duas famílias constantemente trocavam telegramas, apresentando ao mundo uma imagem da guerra como empreendimento familiar: "Tia Alix telegrafou dizendo que estão sabendo que os alemães pretendem atacar Varsóvia esta semana e ela espera que não o ignoremos. (...) Será que Nikolacha [o grão-duque Nicolau] sabe?";[52] "Acabo de receber um telegrama da tia Alix desesperada porque eles perderam seis couraçados. Mas espero que as perdas alemãs sejam ainda *maiores.*"[53]

"É tão bom nos mantermos em contato, agora que se tornou tão difícil a comunicação entre nossos países",[54] escrevia Nicolau a Jorge no início de 1916. "Todos nós admiramos muito a maneira extraordinária como as tropas aliadas deixaram Galípoli." (Toda a campanha de Galípoli fora um desastre, embora em certa medida concebida desde o início para desviar a tensão da frente oriental.) Depois da batalha naval da Jutlândia, Jorge escreveu a Nicolau: "O discurso de Guilherme em Kiel sobre a grande vitória naval da esquadra alemã me fez rir. Estou perfeitamente convencido de que eles perderam mais navios e mais homens que nós, e de que os mandamos de volta aos seus portos."[55]

Essa relação, todavia, seria cada vez mais permeada pelas questões políticas e as desconfianças da guerra. As cartas vinham sempre carregadas de coisas não ditas e explicações não solicitadas. "Estive muito ocupado com certas mudanças entre os ministros, das quais provavelmente ouviu falar",[56] escreveu Nicolau após as desastrosas retiradas russas de meados de 1915. "(...) Essa retirada na Galícia (...) teve de ser efetuada para salvar nosso exército — exclusivamente por causa da falta de munições e fuzis. E este motivo é dos mais dolorosos. Mas o meu país o entendeu perfeitamente, e por toda parte as pessoas se põem a trabalhar para atender às necessidades do exército com redobrada energia (...) logo se completará um ano dessa terrível guerra e só Deus sabe quanto poderá durar — mas *haveremos de lutar* até o fim!" A resposta de Jorge levava em conta outra crítica implícita: "Posso assegurar-lhe que na Inglaterra tensionamos no momento cada nervo para produzir as necessárias munições e pistolas e também fuzis, e estamos enviando as tropas de nossos novos exércitos à frente de batalha com a rapidez possível."[57] Enquanto isso, Minny, cuja relação com Alix tinha degenerado terrivelmente desde que a tsarina começara a demitir ministros — "ela está arruinando ao mesmo tempo a dinastia e a si mesma",[58] disse ela a

Kokovtsov —, transmitia à irmã histórias sobre seus excessos. "Tenho certeza de que ela se acha como a imperatriz Catarina deles",[59] disse Alexandra a Jorge. As atitudes em relação a Alix começaram perceptivelmente a endurecer na família britânica.

Sucumbindo a velhos temores do Ministério do Exterior, sir George Buchanan começou a levar a sério os rumores sobre Alix e suas supostas simpatias alemãs. Estava convencido de que ela afastava moderados pró-ingleses como Sazonov, demitido em 1915, para substituí-los por direitistas pró-alemães que desvinculassem a Rússia da Entente. Perguntava-se se ela não seria uma conspiradora, mas acabou se convencendo de que estava mais para joguete de Rasputin. Suas preocupações acabaram chegando ao coração do governo britânico. "Os pró-germânicos do governo russo conseguiram afastar o general Alexaeff [*sic*], a única esperança do exército russo",[60] dizia Lloyd George a seu secretário pelo fim de 1916. "Eles estão se livrando um por um dos homens honrados na Rússia, substituindo-os por canalhas ou pró-alemães." Buchanan estava profundamente enganado. O casal imperial estava totalmente comprometido com a guerra. A nação é que se voltava violentamente contra ela. Nicolau não suportava a ideia de mais uma derrota. Alexandra renegara seu país de origem. A Alemanha, diria ao tutor do filho, tornara-se "um país que não conheço nem nunca conhecera".[61] Segundo observação do embaixador francês, ela passou a se apresentar como uma inglesa "na aparência, no comportamento, em uma certa inflexibilidade e no puritanismo".[62] Ninguém acompanhava com mais desvelo a situação dos exércitos britânicos. Quando seu irmão Ernesto tentou contactá-la através de um antigo criado que vivia na Áustria, ela o rechaçou.

Os britânicos, contudo, continuaram preocupados com a eventualidade de que a Rússia os deixasse na mão. Em agosto de 1916, com quase toda a certeza estimulado pelo governo, Jorge escreveu a Nicolau para manifestar sua preocupação e advertir. "Agentes alemães na Rússia têm envidado recentemente grandes esforços para semear a divisão entre seu país e o meu, provocando desconfiança e disseminando informações falsas. (...) Ouvi dizer que se afirma e em certos meios na Rússia se acredita que a Inglaterra pretende se opor à posse ou retenção de Constantinopla pela Rússia [o que Grey havia prometido em 1915]. Não pode haver suspeita dessa natureza da parte do seu governo." Ele

implorava a Nicolau, caso tivesse a menor preocupação, que "a qualquer momento instrua seus ministros a entrar nas mais francas explicações com o meu Governo ou se comunique diretamente comigo. Bem sabe, meu querido Nicky, como lhe sou devotado, e posso assegurar-lhe que meu Governo encara o seu País com sentimentos igualmente fortes de amizade".[63] Em outubro, ele voltou a escrever, pedindo garantias: os alemães consideravam que poderiam "'desvincular a Rússia e estão trabalhando duro nesse sentido'. Que absurdo, realmente muito pouco conhecem você e o seu povo".[64]

No fim de 1916, a guerra já tivera efeitos devastadores nos três monarcas. Para Guilherme, as pressões haviam sido fortes demais desde o início. Em 1916, ele costumava ser descrito por militares graduados e assessores políticos como "um homem alquebrado". A depressão o deixava letárgico, e seu entourage se preocupava com a possibilidade de um total colapso, assim como com sua aparência doente e desgastada. "Violento e imprevisível", anotou um desses observadores, "dominado por uma ideia fixa: 'Deixem-me em paz'".[65] As más notícias e as decisões difíceis inevitavelmente se insinuavam nos quartéis-generais do exército. Os generais queriam que ele apoiasse a guerra submarina e demitisse Bethmann-Hollweg. Suas tentativas de resistir o deixavam ansioso e de mau humor. Ao contrário dos primos, ele raramente se referia às baixas e sofrimentos dos súditos — no exército alemão, não se podia ser pessimista sobre os efeitos da guerra, mas Guilherme sempre tivera dificuldade de entrar em empatia com as dificuldades dos outros. Escreveria a seu respeito o industrial e escritor Walter Rathenau: "O imperador não tinha consciência da tragédia, sequer um sentimento inconsciente do problema."[66]

Jorge aparentava pelo menos dez anos mais do que tinha: a barba tornara-se quase branca, o rosto estava vincado e inchado, e ele parecia, observou alguém, uma moeda velha e gasta. Seu olhar parado, melancólico e tristonho estava presente em todos os momentos. "Ele sente profundamente", escreveria lorde Esher, referindo-se ao rei, "cada dor que a guerra pode infligir".[67] Todo ano ele fazia uma visita cada vez mais penosa à frente ocidental. Quanto mais via, mais deprimido ficava. "Muitas vezes caio em desespero",[68] escreveu a Maria em 1918. Em outubro de 1915, sofreu numa dessas visitas um grave acidente, quando seu cavalo se assustou, cabreou-se e caiu sobre ele. Num gesto de preocupação típico da família real britânica, ele acompanhou com desvelo a

situação do animal; as fraturas nas costelas e na pelve dele próprio só seriam diagnosticadas dias depois. Jorge nunca mais se recuperaria totalmente dessas lesões; a dor o tornava ainda mais irritadiço, mas pelo menos ele agora era autorizado eventualmente a um pequeno trago com finalidade medicinal. "Ainda preciso caminhar com uma bengala",[69] diria ele a Nicolau no início de 1916. "Um cavalo caindo sobre alguém é algo muito pesado, e eu tive muita dor, pois fui muito comprimido e machucado." Em julho de 1917, a rainha e sua velha amiga Mabell, condessa de Airlie, acompanharam Jorge em sua quarta visita à frente ocidental. O casal real, ao que parece, considerava seu dever não reconhecer muito patentemente como tudo aquilo era terrível: uma exaustiva sucessão de depósitos de munição, depósitos ferroviários, hospitais e caminhadas — ao som de bombardeios de artilharia ao longe — por uma terra de ninguém salpicada de enormes crateras. A condessa de Airlie não tinha esse tipo de prurido. "A visão mais assustadora (...)", escreveu,

> uma vasta extensão de terra outrora fértil e coberta de colheitas, mas agora reduzida a um amontoado de terra escurecida, orlada por árvores esparsas e despedaçadas. (...) Escalamos um montículo formado por corpos de alemães (...) tudo que restava de um regimento inteiro dizimado ao tomar uma faixa de terra às nossas tropas, para em seguida perdê-la de novo. (...) Lá estávamos nós, sem conseguir dizer nada. Era impossível encontrar palavras. O rosto da rainha estava pálido, e ela tinha os lábios comprimidos. Percebi que, tal como eu, ela temia não aguentar.[70]

Nos hospitais, a condessa ficava impressionada com "a terrível monotonia dos rostos jovens e dos corpos quebrados". Até o reticente Jorge escreveu sobre sua passagem por "aldeias e cidades em ruínas, completamente destruídas pelo fogo dos bombardeios". Descreveu a morte num ataque noturno, durante a visita, de 25 pacientes e três membros da equipe de um hospital próximo. E registrou a história que ouvira a respeito do primeiro-ministro de Nova Gales do Sul,[71] de pé ao lado de um general australiano que veio a ser morto por uma bomba a poucos metros de distância. A carnificina que presenciou na França o deixou arrasado; a xenofobia o deprimia, o republicanismo o alarmava. "Você não pode imaginar o que eu sofri percorrendo esses hospitais durante a guerra",[72] diria anos mais tarde.

No fim de 1916, Nicolau estava um graveto de tão magro e parecia esvaziado.[73] Ao vê-lo pela primeira vez em um ano em janeiro de 1917, seu antigo ministro-chefe, Kokovtsov, ficou sinceramente consternado. Não era só o

envelhecimento. Os famosos "olhos bondosos" do tsar estavam encarquilhados, amarelados e "sem vida". Ele ostentava um terrível e permanente sorriso vazio, quase "doentio", sempre olhando ao redor com nervosismo. No meio de uma conversa, perdia completamente o fio da meada. Fazia-se um silêncio constrangido. Uma simples pergunta o reduzia "a um estado perfeitamente incompreensível de desamparo".[74] Quase em lágrimas, Kokovtsov disse ao médico de Nicolau, Botkin, que estava convencido de que o tsar só podia estar à beira de um colapso nervoso. Botkin sorriu, respondendo que ele estava apenas cansado. Mas o embaixador francês chegara a conclusão semelhante. "Desânimo, apatia e resignação podem ser percebidos em seus atos, sua aparência, sua atitude e em todas as manifestações de seu íntimo",[75] escreveria ele no outono de 1916.

Nos últimos meses de 1916 e no início de 1917, um após o outro, os interlocutores tentavam advertir Nicolau para a bomba que tinha debaixo do trono: a indignação do país e o agravamento acarretado pela maligna influência de Rasputin e as desastrosas interferências da imperatriz. Mas ele se mantinha surdo a todas as advertências. Qualquer oposição, a essa altura, era sinônimo de traição. Vladimir Orlov, um de seus poucos amigos, foi exilado em suas propriedades por criticar Rasputin. O devotado chanceler da corte do tsar, Fredericks, rompendo o hábito de uma vida inteira, pronunciou-se e foi advertido: "Vamos ficar amigos e nunca, mas nunca mais volte a falar desse assunto."[76] O grão-duque Nicolau Mikhailovich, irmão de Sandro, conhecido por suas convicções constitucionais liberais, retornou da Inglaterra em novembro de 1916 com a notícia de que Jorge estava muito preocupado porque "agentes bem informados do Serviço Secreto britânico previram uma revolução em futuro muito próximo".[77] O grão-duque escreveu a Nicolau uma carta exortando-o a se livrar de Rasputin e promover as reformas propostas pela Duma antes que fosse tarde demais. Nicolau entregou a carta a Alix, que se declarou enojada e lhe disse que mandasse Mikhailovich para a Sibéria. No fim de 1916, Ella, a irmã de Alix, deixou o convento onde vivia desde 1905 para exortá-la a mandar Rasputin embora. "Ela me despachou como um cão",[78] informaria Ella. Alix escrevia a Nicolau alternando relatos sobre os novos gatinhos escalando a lareira do palácio com denúncias histéricas contra membros da Duma e exigências de demissão de ministros. "Seja o chefe, & todos se inclinarão diante de você." Ele assinava suas

cartas a ela como "o pobrezinho do seu maridinho, de vontade tão pequenininha".[79]

Três dias depois, a 17 de dezembro de 1916, Rasputin foi assassinado. Os assassinos eram o príncipe Félix Iusupov, bissexual de 29 anos praticante do travestimento e formado em Oxford, que era filho da mulher mais rica da Rússia e se casara com uma sobrinha de Nicolau, Irene; o grão-duque Dmitri Pavlovich, primo de Nicolau em primeiro grau; e Vladimir Purichkevich, monarquista antissemita de extrema direita. A ideia era salvar a monarquia e a nação matando Rasputin e confinando Alix numa instituição psiquiátrica. Eles atraíram Rasputin para uma "festinha", com a promessa de que encontraria a grã-duquesa Irene, e tentaram envenená-lo. Como vários pedaços de bolo com cianeto e um copo ou dois de Madeira envenenado não bastassem, eles atiraram nele pelas costas. Como ainda assim ele continuasse cambaleando, entraram em pânico, descarregaram nele toda a munição, envolveram o corpo em correntes e o atiraram no Neva. Na Inglaterra, Alexandra — informada por Minny — disse a Jorge: "O desgraçado desse monge russo provocou uma tremenda sensação em todo o mundo! Mas só é lastimado pela pobre e querida Alix, que poderia ter arruinado o futuro da Rússia com a influência dele."[80] O assassinato teve efeito totalmente oposto ao desejado. Serviu apenas para reforçar o sentimento do casal imperial de que o mundo estava contra eles, unindo-os ainda mais. "Não acredito em ninguém, apenas em minha mulher", disse Nicolau "gelidamente", após o crime, ao primo Sandro (sogro de Iusupov).[81]

Em meados de janeiro, várias conspirações da família Romanov para se livrar de Alix e depor Nicolau eram tão amplamente discutidas nos salões de Petrogrado que o general Henry Wilson, membro da delegação britânica que chegara à Rússia numa derradeira tentativa de coordenar alguma estratégia, observou que "todo mundo — oficiais, comerciantes, senhoras — fala abertamente da absoluta necessidade de descartá-los".[82] Até Minny e Xênia, a irmã de Nicolau, discutiram um plano para mandar Alix e sua odiada melhor amiga, Anna Virubova, para um convento. "Se as coisas não mudarem, será o fim de tudo",[83] escreveu Xênia à mãe. O presidente da Duma, Rodzianko, solicitou uma audiência ao tsar e disse a Nicolau, com muito tato, que o país queria um novo governo e que a imperatriz era universalmente detestada, devendo ser destituída de toda autoridade. Rodzianko alegaria que o tsar levou

as mãos ao rosto e perguntou: "Será possível que durante 22 anos eu tenha tentado fazer o melhor e durante 22 anos estivesse tudo errado?"[84] Ao que Rodzianko respondeu: "Sim."

Uma das pessoas que, no seu dizer, fizeram "uma última tentativa de salvar o imperador de si próprio"[85] foi o embaixador britânico, sir George Buchanan. Como tantos outros, ele se deixara seduzir por Nicolau e viera a nutrir por ele um sentimento próximo da proteção. Em sua última audiência com o tsar, plenamente consciente de estar extrapolando sua função, ele disse a Nicolau que se sentia "como um homem tentando salvar um amigo que vê caindo de um precipício".[86] Disse que Protopopov estava "levando a Rússia à beira da ruína",[87] que a imperatriz estava "desacreditada e acusada de trabalhar pelos interesses da Alemanha" e o advertiu a respeito dos rumores em Petrogrado, pedindo-lhe que desse à Duma o que ela pedia: um governo representativo. Buchanan sabia estar andando sobre o fio da navalha, mas considerou que, no cômputo final, a entrevista foi bem — Nicolau apertou sua mão ao se despedir. Na verdade, o tsar, tão caracteristicamente encobrindo seus verdadeiros sentimentos, ficou indignado com a presunção de Buchanan. Segundo duas das damas de companhia de Alix, ele se voltara contra o embaixador meses antes, ao descobrir que vinha procurando vários importantes membros da Duma e portanto havia, do ponto de vista de Nicolau, aderido ao outro lado.[88] Em suas memórias, Anna Virubova acusou Buchanan de ter estado "pessoalmente" envolvido na conspiração de grão-duques para derrubar Nicolau,[89] com isto "enfraquecendo" a Rússia quando sobreviessem negociações de paz. Ao que parece, Nicolau contemplara a possibilidade de pedir a Jorge que o chamasse de volta, chegando no entanto à conclusão de que era melhor não tornar pública sua desconfiança em relação aos aliados britânicos.

O nível de recusa de encarar os fatos parece incrível. Cerca de duas semanas antes do fim, Nicolau repreendeu irritado o cortesão Mossolov quando ele fez um comentário casual traindo preocupação com o futuro: "O quê!? Você, Mossolov, também vai me falar dos riscos em que incorre a dinastia? As pessoas estão continuamente insistindo nesse suposto perigo. Meu Deus, você esteve comigo e viu como eu era recebido pelas tropas e o povo! Será que também estaria entrando em pânico?"[90] Mossolov respondeu: "Vi tudo isto, majestade, mas também os vejo quando não estão na presença de Vossa Majestade. Perdoe

minha liberdade de expressão." Nicolau se recompôs e retomou seu habitual "sorriso" para denotar que não estava aborrecido.

Por que terá Nicolau tão persistentemente resistido às advertências? Porque elas atacavam sua mulher. Porque se habituara a descartar o resto do mundo, considerando todos errados. Porque se convencera de que o Manifesto de Outubro, que considerava seu maior fracasso, fora desnecessário e arrancado mediante fraude, e de que, se tivesse sido capaz de enfrentar a situação, jamais teria sido obrigado a concordar com ele. Porque, estimulado por Protopopov, se persuadira de que os alarmantes informes sobre crescente insatisfação não passavam de um truque para obrigá-lo a adotar novas reformas que não pretendia promover. E talvez porque, em algum nível, quisesse uma crise, algo tão terrível, uma catástrofe nacional tão grave, que seria forçado a abdicar, passando adiante o encargo de reinar, que de tal maneira o deprimia, assoberbava e esmagava, e podendo dizer a si mesmo que não o fizera por vontade própria. Isto não quer dizer que o tsar tenha suscitado a revolução, mas que nada fez para detê-la. Vários observadores de alguma maneira suspeitavam de algo dessa natureza. Algumas semanas antes do fim, seu primo Sandro sentiu que ele havia desistido, refugiando-se em seu exasperante fatalismo. "Será feita a vontade de Deus", disse-lhe Nicky. "Eu nasci no dia 6 de maio, o dia de Jó, o sofredor, estou pronto a aceitar meu destino."[91] O embaixador da França, Paléologue, encontrando-se com o tsar pela última vez, escreveu que ele "se sente assoberbado e dominado pelos acontecimentos, que perdeu a fé em sua missão";[92] ele havia "(...) abdicado interiormente e agora está conformado com o desastre".

Em fevereiro de 1917, Petrogrado era um fervilhante foco de raiva e desespero. Era o terceiro ano da guerra, e toda a Europa estava cansada daquele horror. Milhões haviam morrido nos campos de batalha em todo o continente; as populações civis da Rússia e da Alemanha sofriam terríveis problemas de escassez. Em Petrogrado, não havia alimentos nem combustíveis em quantidade suficiente para abastecer a população, que aumentara em um terço desde 1914. A falta de combustível paralisara a indústria em dezembro de 1916. Em janeiro de 1917, 150 mil pessoas marcharam pela capital, assustadas com os boatos de que a população da cidade morreria de fome. A rede ferroviária não dava conta ante as exigências da frente de guerra. E tampouco conseguia abastecer a população civil. Em sua última carta a Jorge, Nicolau falava do "mau estado"[93] das

ferrovias. "A questão do transporte de estoques e alimentos tornou-se aguda." A temperatura chegava a -35 graus. "As crianças passam fome no sentido mais literal da expressão", afirmava um relatório secreto da polícia. Os preços de certos alimentos haviam mais que quadruplicado desde 1914 — era o caso, por exemplo, dos ovos —, ao passo que os salários tinham seu valor real diminuído em 20%.

No dia 8 de março de 1917, pelo calendário ocidental, um grupo de operárias têxteis enfurecidas marchou pela Nevsky Prospekt exigindo pão. Multidões aderiram, descendo às ruas. Em questão de poucos dias, reinava a anarquia. A 10 de março, a maioria dos trabalhadores de Petrogrado estava em greve, os bondes tinham parado de circular e os jornais não eram impressos. Trancada em seu palácio, como o resto da Petrogrado aristocrática, Xênia ouvia tiros e gritos. As multidões entoavam slogans contra "a alemã", Protopopov e a guerra. O Conselho de Ministros mandou um telegrama ao tsar, implorando que retornasse a Petrogrado. Com a exceção de Protopopov, todos ofereceram sua renúncia, pedindo-lhe que nomeasse um ministério aceitável para a Duma.

No quartel-general do exército, Nicolau insistia em que os distúrbios não eram graves. Seus filhos haviam contraído sarampo,[94] e ele só pensava na eventualidade de vir a perdê-los e se preocupava com Alexis. Enviou então um telegrama ao governador militar de Petrogrado, ordenando que fizesse "essas desordens pararem imediatamente".[95] No dia seguinte, 11 de março, duzentas pessoas foram abatidas a tiros pelos soldados, que no entanto não conseguiram dispersar a multidão, e alguns regimentos começaram a se recusar a atirar contra civis, retirando-se para os quartéis. Numa tentativa de chamar a atenção para a gravidade da situação, o presidente da Duma, Rodzianko, mandou um derradeiro telegrama a Nicolau, dizendo que as tropas estavam aderindo à revolução e implorando que nomeasse alguém da confiança do país para chefiar o governo. Nicolau disse a seu principal comandante, Alekseev: "O gordo do Rodzianko me escreveu uns absurdos a que sequer me darei o trabalho de responder",[96] e suspendeu a Duma.

A 12 de março, as guarnições de Petrogrado se amotinaram, aderindo à revolução. Na igreja do quartel-general do exército, nessa manhã, Nicolau foi acometido de uma "dor excruciante bem no meio do peito",[97] que quase o impediu de ficar de pé por 15 minutos. Nessa noite, o Conselho de Ministros,

perdendo toda a esperança na ação do tsar, transferiu-se para a Duma e lhe entregou seus poderes — inclusive Protopopov, que inicialmente resmungou que estava saindo para se matar. A Duma, nem de longe certa de poder controlar a multidão e os soldados, anunciou que formaria um governo e que os trabalhadores e soldados seriam representados por um Soviete, seu próprio conselho. As comemorações nas ruas de Petrogrado adquiriram uma intensidade assustadora. Várias unidades fuzilaram os oficiais no comando. Os últimos soldados abandonaram a defesa do Palácio de Inverno. Em Stavka, Nicolau escreveu em seu diário que seus oficiais estavam inquietos[98] e decidiu tomar o trem imperial para Tsarskoe Selo na manhã seguinte. A caminho de Tsarskoe Selo, os generais de Nicolau o sequestraram, conduzindo-o por uma linha secundária, e disseram-lhe que abdicasse. O general Alekseev estivera em contato com Rodzianko e o novo governo provisório, ainda frágil no poder. As multidões em Petrogrado estavam sedentas do sangue do casal imperial, o novo Soviete dos trabalhadores parecia desconcertantemente poderoso e o governo provisório concordara em que o tsar devia partir. Uma abdicação voluntária poderia ajudar a estabilizar a situação. Alekseev sabia que seria necessário dar um empurrão em Nicolau. Assim foi que tratou de buscar o alinhamento dos generais nas frentes de batalha. E eles foram unânimes em sua resposta: o tsar devia partir, para salvar o esforço de guerra.

Até o grão-duque Nicolau "implorou de joelhos"[99] que Nicolau abdicasse. Nicolau assumiu um ar vago. Foi dar sua caminhada vespertina. Voltou para o chá. E concordou. "Minha abdicação é necessária", escreveu em seu diário, "(...) para a salvar a Rússia e restabelecer a ordem nos exércitos na frente de batalha". Ao longo de todo esse processo, ele parecia, na opinião de todos os oficiais, irritantemente calmo, mesmo ao assinar o documento de abdicação na noite de 15 de março. Em seu diário, contudo, ele escreveu: "Tudo em mim é traição, covardia e fraude."[100] Incapaz de suportar a ideia de se separar de Alexis e a pressão sobre sua saúde, Nicolau decidira abdicar também em nome do filho. Com isto, o irmão menor, Miguel, era feito herdeiro do trono, e também ele, defrontando-se com as assustadoras multidões nas ruas de Petrogrado, exigindo a proclamação da república, rapidamente tratou de abdicar.

"Más notícias da Rússia", anotara Jorge em seu diário a 13 de março, "praticamente irrompeu uma revolução em Petrogrado, e alguns integrantes do

Regimento de Guarda se amotinaram, matando seus oficiais. Essa sublevação", prosseguia ele, "é contra o governo, e não contra a guerra". A 15 de março, chegaram mais informações. "Receio que Alicky seja a causa de tudo e que Nicky se tenha revelado fraco. (...) Perdi toda a esperança."[101]

Ele era praticamente o único. Pelas ruas do império russo, de Moscou a Tiflis, o fim da autocracia era saudado com sinos, cantos, vivas e bandeiras. Os símbolos do poder imperial, as insígnias e estátuas, eram arrancados de prédios e pedestais. Na França e na Grã-Bretanha, a queda do tsar foi recebida com alívio. Os excessos do regime haviam se transformado em motivo de embaraço, e se esperava que uma Rússia democrática tivesse muito menor probabilidade de entrar num acordo com a Alemanha. Os Estados Unidos, que acabavam de entrar na guerra, reconheceram entusiasticamente o novo governo uma semana depois da abdicação. Lloyd George, que se empenhava em combater o desencanto com a guerra com a ideia de que os sacrifícios da Entente serviam à grande causa da Liberdade e da Democracia, mandou um telegrama de cumprimentos pela revolução, "o maior serviço que o povo russo já prestou à causa pela qual os Aliados estão combatendo".[102] Ela demonstrava "a verdade fundamental de que essa guerra vem a ser no fundo uma luta pelo governo popular, assim como pela liberdade. Mostra que, através da guerra, o princípio da liberdade, a única real salvaguarda da paz do mundo, já obteve uma nova e estrondosa vitória".

Jorge detestou o telegrama, incapaz de enxergar que fora escrito tanto para o consumo interno quanto para o novo governo russo (formado, por sinal, por um número consideravelmente maior de integrantes muito mais entusiastas das tradições políticas britânicas do que qualquer um no regime tsarista). Stamfordham foi instruído a se queixar de que era "um pouco forte demais",[103] especialmente partindo de um governo monárquico. Lloyd George lembrou ao secretário do rei que a própria constituição britânica fora baseada numa revolução — a revolução incruenta de 1688.

Jorge decidiu mandar sua própria mensagem de apoio a Nicolau: "Os acontecimentos da última semana me abalaram profundamente. Meus pensamentos estão constantemente com você e sempre serei seu verdadeiro e dedicado amigo, como sabe que fui no passado."[104] O ministro do Exterior do governo provisório, Pavel Miliukov, ex-integrante da Duma que tinha verdadeira reverência por sir Edward Grey e admirava as tradições liberais da Grã-

Bretanha, disse a Buchanan que ela não poderia ser entregue. O novo Soviete dava preocupantes sinais de querer executar o tsar. O clima político em Petrogrado era tão incerto que o telegrama de Jorge agravaria as coisas. A solução proposta por Miliukov era retirar o imperador da Rússia o mais cedo possível.[105] A 21 de março, quando Buchanan entregou uma advertência de que "qualquer violência contra o imperador ou sua família teria o mais lamentável efeito e deixaria profundamente chocada a opinião pública em nosso país",[106] Miliukov perguntou-lhe se a Grã-Bretanha ofereceria asilo aos Romanov. Ao relatar a resposta do ministro do Exterior, Buchanan acrescentou sua opinião de que devia ser levada em consideração.

Nesse mesmo dia, a antiga família imperial foi posta em prisão domiciliar. Soldados haviam chegado a Tsarskoe Selo uma semana antes, cercando o palácio e suspendendo o abastecimento de água. Alix ficou sem qualquer notícia de Nicolau durante três dias. Alexis contraíra sarampo e sofria dores terríveis. A tsarina quase desmaiou ao tomar conhecimento da abdicação, mas acabou reagindo com típico fatalismo: "É para o bem. É a vontade de Deus. Deus garantirá que a Rússia seja salva. É a única coisa que importa."[107] O governo provisório informou aos prisioneiros que a detenção era apenas uma precaução para sua própria segurança. O plano, ficaram sabendo eles, era conduzi-los até a fronteira e o litoral da Finlândia, a poucas horas de distância, e embarcá-los num cruzador britânico em direção à Inglaterra.[108] Nicolau, que foi autorizado a se despedir de Stavka antes de retornar a Tsarskoe Selo, disse ao adido militar britânico que esperava retirar-se para a Crimeia, mas, "caso contrário, preferiria ir para a Inglaterra do que para qualquer outro lugar".[109]

Lloyd George não adorou propriamente a ideia de dar acolhida ao desacreditado autocrata de todas as Rússias, mas, consultando o velho conselheiro de Eduardo, sir Charles Hardinge, e Stamfordham, concordou em que "a proposta (...) não podia ser recusada". Stamfordham acrescentou que Buchanan devia "dar uma indireta" no sentido de que o governo russo fornecesse dinheiro para o sustento do antigo tsar. Como Lloyd George sugerisse (sem dúvida de maneira deliberadamente provocativa) que o rei emprestasse "uma de suas residências", ele respondeu, cortante, que o rei "não tinha residências, à parte Balmoral",[110] que se revelava inteiramente inadequada.

Nicolau retornou a Tsarskoe Selo nesse mesmo dia, passando constrangido

por compartimentos cheios de curiosos soldados que não tinham mais qualquer motivo para tomar posição de sentido ou prestar continência. Ao chegar aos aposentos privados da família, desmoronou, soluçando.[111] No relato de um outro cortesão, ele "parecia um velho".[112] Como tentasse sair para uma caminhada, foi cercado por seis soldados, que o empurraram com seus fuzis. "Não pode passar, *gospodin polkovnik*",******** disseram. "Recue ao ser mandado, *gospodin polkovnik*."[113] Nicolau ficou parado, baixo, tranquilo e sem qualquer expressão. Mais tarde nessa noite, três tanques blindados cheios de soldados superexcitados de Petrogrado chegaram, anunciando que levariam o antigo tsar para a Fortaleza de São Pedro e São Paulo — mais uma indicação do tênue controle que o governo provisório exercia sobre o exército. Eles acabaram sendo convencidos a partir, depois de autorizados a ver o tsar. Em algum momento depois da meia-noite, outro grupo de soldados irrompeu no túmulo de Rasputin no parque imperial, exumou o cadáver e o queimou.

Miliukov garantiu a Buchanan que o governo russo financiaria o asilo do tsar, mas pediu que não revelasse que o pedido de refúgio partira deles, por medo de inflamar a opinião pública e o Soviete de Petrogrado. Era evidente que não seria nada fácil contrabandear a família imperial para a Finlândia. Passou-se uma semana. A Inglaterra e Jorge estavam com toda a evidência no espírito da família. Nicolau escreveu em seu diário que planejava começar a embalar as coisas que levaria para a Inglaterra,[114] Alix começou a falar constantemente de suas lembranças de Osborne e as crianças perguntavam aos tutores como seria a vida lá.

Em Londres, Jorge começava a ter sérias dúvidas sobre a conveniência de trazer o primo para a Inglaterra. A 30 de março, Stamfordham escreveu ao antigo primeiro-ministro Arthur Balfour, que fora nomeado secretário do Exterior por Lloyd George:

> O rei tem pensado muito na proposta do governo de que o imperador Nicolau e sua família venham para a Inglaterra. Como certamente sabe, o rei tem um forte sentimento pessoal de amizade pelo imperador e portanto ficaria feliz de fazer qualquer coisa para ajudá-lo nesta crise. Mas Sua Majestade não pode deixar de ter dúvidas, não só em virtude dos riscos da viagem, como também, em termos de conveniência de modo geral, se seria recomendável que a Família Imperial passasse a residir em nosso país.[115]

Balfour mandou uma resposta intransigente. Miliukov acabara de despachar

outro telegrama pedindo que o tsar deixasse imediatamente a Rússia, e acrescentando que, embora "os ministros de Sua Majestade saibam perfeitamente das dificuldades a que se refere em sua última carta (...) não consideram, a menos que a posição seja alterada, ser atualmente possível retirar o convite já enviado, e portanto confiam em que o rei consentirá em respeitar o convite original, que foi enviado por recomendação dos ministros de Sua Majestade".116

No dia 3 de abril, duas das damas de companhia de Alix, Lili Dehn e a muito odiada Virubova, foram detidas e levadas a Petrogrado para interrogatório, sendo o casal instruído a viver separadamente enquanto a questão da traição de Alix fosse investigada.

A 6 de abril, Stamfordham escreveu a Balfour insistindo em que o convite fosse retirado. "A cada dia", escrevia,

> o rei se mostra mais preocupado com a questão do estabelecimento do imperador e da imperatriz em nosso país. Sua Majestade recebe cartas de pessoas de todas as camadas sociais, conhecidas ou não, dizendo o quanto a questão tem sido debatida, não só em clubes como também na classe trabalhadora, e que os membros trabalhistas da Câmara dos Comuns estão expressando opinião contrária à proposta. (...) Tenho certeza de que o senhor entende como seria embaraçoso para nossa família real, estreitamente ligada tanto ao imperador quanto à imperatriz. (...) O rei deseja que eu lhe pergunte se, após consultar o primeiro-ministro, sir George Buchanan não deveria ser informado, com o objetivo de abordar o governo russo para providenciar algum outro lugar como futura residência de suas majestades imperiais.117

Horas depois, ele enviou outra carta:

> Ele deve rogar-lhe que faça ver ao primeiro-ministro que, com base em tudo que ouve e lê na imprensa, a residência do antigo imperador e da imperatriz em nosso país encontraria forte oposição do público, e certamente comprometeria a posição do rei e da rainha, dos quais já se deduz amplamente que o convite partiu. (...) Buchanan deve ser instruído a dizer a Miliukov que a oposição à vinda do imperador e da imperatriz é tão forte que precisamos retirar o consentimento anteriormente dado à proposta do governo russo.118

A 10 de abril, Stamfordham enfrentou Lloyd George em Downing Street,******** "para transmitir-lhe a decidida opinião do rei de que o imperador e a imperatriz da Rússia não deviam vir para o nosso país, e que", acrescentava, "seria muito injusto com o rei (...) se suas majestades imperiais viessem, quando se mostra tão pronunciado o sentimento popular em sentido contrário".119 Ele passava então a se queixar de Buchanan, que "com toda a evidência deu como certo que o imperador e a imperatriz viriam para a Inglaterra, sendo apenas uma

questão de tempo". O rei achava que Buchanan já devia ter sido instruído a retirar o convite.

As arengas de Stamfordham feriram uma nota sensível no governo. Lloyd George sabia que dar refúgio aos Romanov não seria uma medida popular na Grã-Bretanha, e nada queria fazer que alienasse a simpatia de um governo russo cada vez mais instável — temia sobretudo que ele tomasse a decisão de sair da guerra, expondo a frente ocidental a todo o peso do ataque alemão. Balfour refletiu que o rei havia sido "colocado numa posição delicada".[120] Ninguém acreditaria que o convite não havia partido da corte. Será que os Romanov não deveriam ir para o sul da França? O Ministério do Exterior emitiu uma declaração: "O governo de Sua Majestade não insiste em sua oferta anterior de hospitalidade à família imperial."[121] Balfour mandou um telegrama a Buchanan, dizendo-lhe que nada mais declarasse a respeito do convite. O embaixador obedeceu, há alguns dias Miliukov não falava mais do assunto, a questão com toda a evidência se transformara numa batata quente dentro do governo russo, e estava claro que, se houvesse "algum risco de um movimento antimonarquista",[122] a Inglaterra não seria o melhor lugar para o tsar. Ele sugeria que o ministro do Exterior viesse a sondar os franceses. Em casa, contudo, segundo escreveria mais tarde sua filha, ficou evidente que ele estava profundamente contrariado.[123]

Em Tsarskoe Selo, "os dias se passavam e nossa partida era sempre adiada".[124] O tema da ida para a Inglaterra gradualmente foi esquecido.

A presença de Nicolau na Grã-Bretanha teria posto em risco o trono de Jorge? Retrospectivamente, parece altamente improvável. Era verdade que a Grã-Bretanha não ficara imune às greves e revoltas que haviam irrompido em toda a Europa desde a Revolução Russa. Pequenas questões provocavam súbitas greves. Em 1918, 12 mil operários da fabricação de aviões em Coventry cruzaram os braços por causa de falsos boatos de que estariam para ser conscritos. Além disso, a Inglaterra, como o resto da Europa, assistira a uma onda de retórica esquerdista exigindo mudanças, revolução e até uma república. Uma semana depois de o Ministério do Exterior ter retirado o convite ao tsar, H. G. Wells escreveu ao *Times* declarando que a Grã-Bretanha devia livrar-se dos "velhos paramentos do trono e do cetro",[125] propondo a formação de sociedades republicanas em todo o país. (Ficara famosa a referência de Wells ao círculo de

Jorge como uma "corte de estrangeiros nada inspiradora", ao que Jorge retrucou com sua única resposta sardônica jamais registrada: "Eu posso não ser inspirador, mas quero ser fulminado por um raio se for um estrangeiro.")[126] Não havia, entretanto, qualquer onda correspondente de republicanismo revolucionário — nada, por exemplo, nas dimensões das centenas de clubes republicanos surgidos na década de 1870. De todas as populações civis da Europa envolvidas na guerra, os britânicos eram os que menos sofriam em termos de escassez e número de mortos — o número de mortes de civis alemães era muito maior que o de britânicos******** — e os que estavam mais afastados dos combates. Lloyd George enfrentava as eventuais manifestações de agitação com mais êxito que qualquer outro dentre os mais destacados estadistas da Europa. Embora seu ministério fosse dominado pelos conservadores, sua enorme popularidade pessoal e seu histórico de ações em favor da promoção social davam-lhe credibilidade junto aos grevistas, e seus instintos políticos o levavam a fazer um movimento na direção deles, ao passo que outros governos europeus reagiam com pesada repressão. O tempo todo, ele dizia ao país que estava lutando na defesa da Liberdade — tal como se manifestava no sistema britânico — e para acabar com a casta militar alemã e sua opressão sobre o povo alemão.

Se Lloyd George e os demais políticos realmente achassem que a presença do antigo tsar na Inglaterra representaria uma ameaça à coroa e à estrutura constitucional da Inglaterra — algo que nenhum deles desejava —, jamais teriam concordado em recebê-lo, para começo de conversa. Era mais uma grande ironia que passava despercebida de Jorge que Lloyd George, o homem cuja política era para ele verdadeiro anátema, fosse aquele que mantivesse seguro o seu trono. Ele também seria responsável pelo acobertamento do envolvimento de Jorge na rejeição dos Romanov, omitindo completamente seu papel ao relatar o episódio em suas *War Memories* [Memórias de guerra] e chamando a si as eventuais críticas — embora também negasse, sem qualquer fundamento, que a Grã-Bretanha tivesse retirado o convite, afirmando, mais próximo da verdade, que não tinha ficado claro se o governo provisório seria capaz de retirar o tsar da Rússia.[127] Buchanan também seria responsabilizado pelo fato de os britânicos não o terem feito: passaria o resto da vida tentando em vão exonerar-se de culpa, igualmente presumindo que a decisão de revogar o convite partira de Lloyd George.

A verdade era que Jorge tornara-se extremamente sensível a quaisquer críticas a ele próprio ou à monarquia — nesse sentido, mostrava-se a essa altura muito mais atento à opinião pública ou com ela sintonizado que os dois primos. Qualquer sussurro nesse sentido "irritava exageradamente",[128] deixando-o profundamente deprimido. O grau de ansiosa suscetibilidade de Jorge seria bem ilustrado alguns meses depois, em julho de 1917, quando ele ficou tão contrariado com insinuações de que a família real talvez não fosse assim tão leal, em virtude de seus nomes e antecedentes alemães, que mudou o nome da família de Saxe-Coburgo-Gotha para "Windsor", tirado do nada. Jorge não se equivocava ao supor que a acolhida ao primo seria uma iniciativa extremamente impopular num país cujo governo a essa altura justificava a guerra como uma forma de lutar pela liberdade, contra a autocracia. Mas é extremamente improvável que lhe tivesse custado o trono. Ele entrou em pânico e deu prioridade a suas preocupações em detrimento das relações familiares, que sempre dissera serem tão importantes, e do primo, com o qual dizia preocupar-se tanto. Foi um golpe final no culto da família tão entusiasticamente cultivado por sua avó, a rainha imperatriz. Foi também uma decisão que revelou uma monarquia consciente da necessidade de vender a própria imagem aos súditos, se quisesse sobreviver.

Ao longo dos 14 meses subsequentes, a onda de ceticismo a respeito de Jorge sofreria uma reviravolta: as visitas de rosto compungido às frentes, aos hospitais, às fábricas, as histórias que gradualmente foram vazando sobre as medidas de contenção de despesas da realeza começaram a parecer um testemunho de seu compromisso com o dever, o trabalho duro e a partilha das dificuldades e encargos dos longos anos de luta. A mediocridade desgastada mas estoica de Jorge parecia um anteparo e mesmo uma reprovação frente à exagerada arrogância wagneriana, às místicas pretensões de perfeição das monarquias absolutistas europeias que o país sentia estar combatendo. No fim da guerra, o *Times* falaria da "maravilhosa popularidade junto aos londrinos — e, estamos convencidos, junto a todo o país — de SUAS MAJESTADES o REI e a RAINHA (...) essa extraordinária erupção do sentimento de lealdade nasce da convicção de que a COROA é o símbolo e a salvaguarda da unidade, não só aqui na Inglaterra como nos domínios livres de além-mar e na Índia".[129]

Em julho de 1917, o mês em que Jorge mudou de nome, houve uma onda de

indignados protestos em Petrogrado — as "jornadas de julho". Aleksandr Kerenski, recém-nomeado chefe do governo provisório, decidiu que era preciso tentar novamente tirar a família imperial do país. Procurou então Buchanan, que respondeu — segundo Kerenski com lágrimas nos olhos — que o governo britânico retirara sua oferta de asilo. Um mês depois, em agosto, a família foi mandada para Tobolsk, um pequeno fim de mundo na Sibéria ocidental.

O antigo tsar revelara-se invariavelmente paciente, elegante e polido diante de seus captores. Incrivelmente, não parecia amargurado, aceitando suas "limitações com extraordinária serenidade e grandeza moral. Nenhuma palavra de censura jamais saiu de seus lábios".[130] Kerenski, incumbido da investigação e da segurança do antigo tsar e sua família, achou-o "um homem extremamente reservado e reticente, com muita desconfiança e um infinito desprezo pelos outros",[131] ficando impressionado com sua "extrema indiferença ao mundo ao seu redor, como se não amasse nem valorizasse ninguém, não se surpreendendo com nada que acontecesse". Os empregados da casa achavam Kerenski insuportavelmente arrogante, mas Nicolau resolveu confiar nele.[132] Uma passiva e fatalista aceitação estava perfeitamente de acordo com a corrente de ortodoxia russa mística que havia inspirado Alix e a ele próprio, mas caberia talvez concluir que o antigo tsar quase chegava a se sentir aliviado pelo fato de o terrível peso da responsabilidade ter sido retirado de seus ombros. Era certamente o que achava Kerenski. À parte certas limitações impostas a sua movimentação — ele não era autorizado a sair para longas caminhadas —, a rotina de sua vida não mudou tanto assim. O governo provisório assumira a manutenção da casa do imperador (implicando gastos tão descomunais que se decidiu mantê-los em segredo), mas já não havia decisões, reuniões nem a necessidade de ficar ofendido com manifestações de desrespeito a suas prerrogativas por parte de outros. Ele passava o tempo com a família, brincava com as crianças, lia em voz alta, fumava e dormia bem. Ao chegar a primavera, cultivava o jardim e jogava tênis. Alexandra, contudo, não se conformava. Amargurada, passava a maior parte dos dias na cama ou em sua *chaise longue*.

Julho de 1917 foi o mês em que Guilherme se viu eclipsado pelo estado-maior imperial. Passados três anos de guerra, as divisões da sociedade alemã geravam seu próprio caos; o país estava mergulhado em greves e protestos contra a desvalorização dos salários e a escassez de alimentos. No Reichstag, a esquerda

exigia o fim da guerra; nas ruas, os manifestantes clamavam por reformas políticas, enquanto a direita e o exército insistiam em que a Alemanha continuasse combatendo e anexasse a Polônia e os países bálticos.

À medida que a guerra avançava, o alto-comando alemão gradualmente viera a assumir o controle do Estado. Em agosto de 1916, com a guerra num impasse, escassez no país e o governo e a nação cada vez mais divididos, Guilherme fora pressionado, contra a vontade, a demitir Falkenhayn (nomeado chefe do estado-maior em virtude dos problemas de saúde de Moltke em setembro de 1914), promovendo em seu lugar os dois heróis da frente oriental alemã, os generais Hindenburg e Ludendorff. A iniciativa agravava a irrelevância de Guilherme, assinalando o início de seu total eclipse. Os generais mais bem-sucedidos da guerra tinham seus próprios planos. Eram Napoleões incipientes, convencidos de que a guerra devia ser vencida na frente oriental contra a Rússia, impacientes por considerarem que o governo civil não se mostrava suficientemente aquiescente com suas necessidades e sem o menor receio de interferir na política. Guilherme os admirava e ao mesmo tempo se ressentia deles: eram enormemente populares e ele temia sua influência.

No início de 1917, Ludendorff e Hindenburg só pensavam em afastar Bethmann-Hollweg, que consideravam muito difícil e alarmantemente identificado com as exigências de reforma política. A esquerda, a essa altura dominando o Reichstag, queria paz sem anexações nem indenizações. Um mês depois da abdicação de Nicolau, em abril de 1917, Bethmann-Hollweg, acreditando que seria a única solução, convenceu um Guilherme profundamente relutante a se comprometer depois da guerra com a reforma política dos direitos civis profundamente injustos na Prússia. Em julho, Ludendorff e Hindenburg passaram à iniciativa, ameaçando renunciar se o chanceler não fosse demitido. Em pânico, Guilherme recusou-se, mas Bethmann-Hollweg também perdera todo o apoio do Reichstag, e se conformou. O novo chanceler, escolhido com arbitrariedade quase cômica, era um administrador chamado Michaelis, que Guilherme havia encontrado uma única vez, referindo-se a ele como "um homenzinho insignificante".[133] "Agora posso perfeitamente abdicar",[134] disse Guilherme a seu antigo chanceler. Ele passava o tempo fazendo caminhadas, jogando cartas, discutindo com Dona. Em setembro de 1917, Hindenburg assumiu o título de comandante supremo até então detido por Guilherme, e a

agência de imprensa do exército enviou seu retrato para todo o país. Aos olhos da nação, Hindenburg gradualmente substituía Guilherme como o homem forte, o líder absoluto, o substituto do cáiser — do qual o país aparentemente se sentia saudoso. Em janeiro de 1918, como Guilherme tentasse desafiar os planos dos generais de anexar a Polônia, eles o puniram forçando o afastamento dos oficiais da sua maior confiança, os chefes de seus gabinetes civil e militar, Valentine e Lyncker, e entronizando seu próprio candidato, Friedrich von Berg zu Markienen, que nunca tirava os olhos de Guilherme. A Alemanha tornara-se basicamente uma ditadura militar; Guilherme não passava de um mero disfarce.

Em Tobolsk, os Romanov viviam na mansão do governador, talvez não desfrutando de padrões imperiais de conforto, mas com um aparato doméstico que de qualquer forma incluía seis camareiras, dez lacaios, três chefes de cozinha e um sommelier. Havia espaço para exercícios físicos e os circunstantes mostravam-se respeitosos, tirando o chapéu e fazendo o sinal da cruz quando viam o antigo tsar. A vitória bolchevista no início de novembro de 1917 praticamente passara despercebida — levou uma semana para que a notícia chegasse. O que mais desagradou a Nicolau foi o fato de Lênin ter imediatamente iniciado negociações de paz com a Alemanha, o que era temido pelo governo britânico, cujo contato com os bolcheviques era mínimo. Felizmente para eles, os americanos haviam entrado na guerra. Embora Lênin considerasse a guerra uma luta burguesa impingida aos camponeses e operários, o acordo de paz era uma pílula amarga até para os bolcheviques: com seus êxitos militares e o colapso do exército russo, a Alemanha ficava com a Polônia, a Finlândia, os países bálticos, a Ucrânia, a Crimeia — onde estavam isoladas as irmãs e a mãe de Nicolau — e a maior parte do Cáucaso, mais de um milhão e meio de quilômetros de território russo contendo praticamente todo o carvão e o petróleo, metade das indústrias e um terço da população. Para Nicolau, ele anulava completamente a justificação de sua abdicação — um sacrifício importante, desde que outros países vencessem a guerra e salvassem a Rússia. "Agora era doloroso para ele ver que sua renúncia fora em vão",[135] escreveu Pierre Gilliard, que acompanhara a família à Sibéria. Ao ser assinada em março de 1918 a Paz de Brest-Litovsk, Nicolau ficou arrasado: "É uma desgraça para a Rússia, um verdadeiro suicídio. (...) Eu jamais imaginaria que o imperador Guilherme e o governo alemão seriam capazes de se rebaixar e apertar as mãos

desses miseráveis traidores."

O cativeiro tornou-se mais severo nesse mês. Os soldados mostravam-se nitidamente menos amistosos, os luxos desapareceram da mesa. Criados e membros do séquito gradualmente eram dispensados. Dois dias antes da assinatura do Tratado de Brest-Litovsk, o tutor Gilliard anotou em seu diário: "Suas Majestades ainda nutrem a esperança de que algum de seus amigos leais ainda venha a tentar sua libertação."[136] Depois de discussões sobre a conveniência ou necessidade de levar Nicolau a julgamento em Moscou — Trótski já se via como o principal promotor —, a família foi transferida em abril de 1918 para Ecaterimburgo, o centro da militância bolchevique nos Urais. Foram recebidos por uma multidão enfurecida e aprisionados numa mansão rapidamente delimitada por uma cerca de madeira alta. As vidraças das janelas foram pintadas; a família ficava confinada em seus aposentos a maior parte do dia, e Alix e as meninas eram acompanhadas ao banheiro por guardas que pichavam suas paredes com desenhos de Rasputin fazendo sexo com ela. A antiga imperatriz a essa altura mal conseguia caminhar, passando dias inteiros na cama. As filhas se incumbiam das tarefas domésticas e Nicolau lia *Guerra e paz* pela primeira vez na vida, sonhando com um bom banho quente. Os mandachuvas em Ecaterimburgo queriam uma execução, mas a ordem de matá-los veio de Lênin em Moscou: ele decidira — no momento em que as tropas contrarrevolucionárias dos brancos, representando uma frágil coalizão de grupos antibolchevistas, e um regimento tcheco se aproximavam de Ecaterimburgo, em julho de 1918 — que eles não podiam se dar ao luxo de permitir que o tsar fosse usado como uma "bandeira viva".[137]

A 3 de julho, pelo antigo calendário (16 de julho pelo calendário ocidental), à 1h30 da manhã, os prisioneiros — o tsar, sua família e os criados restantes, seu médico, o valete, o cozinheiro e a camareira de Alix — foram despertados e conduzidos ao porão, informados de que houvera um tiroteio na cidade e de que ali estariam mais seguros. Nicolau levava no colo o filho adormecido. A seu pedido, foram trazidas cadeiras para Alix e Alexis. Anastácia trazia seu cão. Depois de vários minutos, o chefe local da polícia secreta, Iakov Iurovski, entrou no compartimento com um pelotão de 11 homens, cada um deles incumbido de abater uma vítima. O espaço era muito exíguo, contudo, e os carrascos se viram defrontados com as vítimas erradas. Iurovski leu em voz alta a ordem de

execução dos Romanov. Como Nicolau, incrédulo, soltasse um "O quê?",[138] Iurovski atirou nele à queima-roupa. Seus homens começaram a atirar. Os adultos em sua maioria rapidamente morreram, mas Alexis, protegido pelos braços do pai, sobreviveu à primeira rajada, assim como as filhas, protegidas pelas joias que haviam costurado nos espartilhos para mantê-las em segurança. Eles foram apunhalados com as baionetas. Os corpos foram conduzidos a uma distância de pouco mais de 20 quilômetros de Ecaterimburgo e queimados, sendo os restos atirados num poço de mina com os rostos deliberadamente desfigurados para não haver identificação caso fossem encontrados. Oito dias depois, a cidade caiu nas mãos dos brancos.

Dispomos hoje de um relato tão terrivelmente vívido da morte dos Romanov porque um dos carrascos, Medvedev, veio a ser capturado pelo exército russo branco e relatou cada detalhe a Nikolai Sokolov, investigador designado pelos brancos para revelar o destino do antigo tsar. O pavoroso realismo do relato conferiu à morte dos Romanov uma terrível pungência. Na morte — como nunca acontecera em vida — eles representavam os milhões de vítimas dos assassinatos e massacres anônimos e desconhecidos que seriam cometidos pelo regime soviético e outros regimes totalitários do século XX, regimes que haveriam de se revelar muito eficientes nas matanças, mas em muito pouco mais. Na morte, Nicolau tornar-se-ia também o tsar-mártir, uma fachada útil para os brancos, que não haviam encontrado utilidade para ele em vida.

Nos meses anteriores, houvera várias tentativas tragicamente baldadas de planejar um resgate. Com autorização de Alix, o tutor inglês dos Romanov, George Gibbes, que os acompanhou à Sibéria, escreveu uma carta destinada a Jorge, apesar de endereçada à antiga governanta inglesa da tsarina, com uma planta detalhada da residência da família em Tobolsk e detalhes de sua rotina diária. Não temos qualquer indicação de que ela tenha chegado a ele. Vários grupos monarquistas conseguiram levantar fundos, mas não foram capazes de apresentar algo parecido com um plano; dinheiro era enviado a Tobolsk, mas nunca chegava. Circularam boatos de que as condições alemãs do Tratado de Brest-Litovsk contemplavam a exigência de que a família imperial fosse entregue desarmada à Alemanha. Nicolau sequer fora capaz de suportar a ideia: "Só pode ser uma manobra para me desacreditar ou um insulto." Revelou-se, entretanto, que os boatos não tinham fundamento. Em Moscou, o velho

chanceler da corte de Nicolau, Benckendorff, irmão do antigo embaixador britânico, tentou conseguir que o embaixador alemão, Mirbach, apoiasse uma missão de resgate. Em Kiev, a essa altura ocupada pelos alemães, Mossolov tentou convencer os comandantes alemães a apoiar um plano de incursão pelo Volga até Ecaterimburgo. Escreveu pessoalmente ao cáiser a esse respeito. Mas não recebeu resposta. Um antigo embaixador alemão em Petrogrado disse-lhe muito embaraçado que o cáiser não podia responder sem consultar o governo, e que os comandantes alemães locais se recusaram a ajudar.

Depois da guerra, Guilherme jurou que tentara resgatar o tsar. "Fiz tudo que era humanamente possível pelo desgraçado tsar e sua família, e fui vigorosamente apoiado por meu chanceler",[139] disse ele ao general H.-H. Waters, que conhecera como adido militar britânico em Berlim na década de 1930. Declarou que Bethmann-Hollweg o havia procurado com um plano dinamarquês de resgate do tsar. "Como poderia fazê-lo? Temos duas linhas de combate de tropas alemãs e russas se defrontando entre mim e ele!", citaria Guilherme a si mesmo. "Ainda assim, ordenei a meu chanceler que tentasse entrar em contato com o governo de Kerenski através de canais neutros, informando que se um único fio de cabelo da família imperial russa fosse arrancado, eu o responsabilizaria pessoalmente se tivesse a possibilidade de fazê-lo." Na versão de Guilherme, Kerenski respondeu que teria o maior prazer em fornecer um trem. Guilherme disse que informou a Bethmann-Hollweg que ordenaria ao comandante supremo da frente oriental que providenciasse um salvo-conduto para o trem do tsar, e disse a seu irmão Henrique que escoltasse o transporte do tsar pelos terrenos minados. "O sangue do desgraçado tsar não está *na minha porta*; nem *nas minhas mãos*", disse ele a Waters, embora não pudesse explicar por que um plano tão infalível acabou fracassando.

O que Guilherme certamente fez foi dar sua permissão a 24 de março de 1917 para que Vladimir Lênin — um político mais radical que qualquer social-democrata alemão — viajasse para a Rússia através da Alemanha, com a explícita intenção de promover no país o maior nível possível de caos e desestabilização.******** As autoridades alemãs já haviam gastado centenas de milhares de marcos no financiamento de *agents provocateurs* que fomentassem as greves e a agitação na Rússia, assim como no círculo dos próprios bolcheviques de Lênin.[140] Lênin foi conduzido da fronteira suíça pela Alemanha

num trem "lacrado" — isento de inspeções de passaportes ou bagagem — "como um bacilo de peste", na famosa frase de Winston Churchill.

A 16 de julho, dia do assassinato de Nicolau, Jorge foi a Roehampton assistir a manobras da esquadra de treinamento de balões da Força Aérea Real. A notícia da morte do antigo tsar seria dada oficialmente três dias depois. Os bolcheviques afirmavam que o resto da família continuava vivo. No dia 25 de julho, Jorge decretou luto oficial de um mês na corte e escreveu que ele e May haviam comparecido a "um serviço na igreja russa da rua Welbeck em memória do querido Nicky, que receio tenha sido fuzilado no mês passado pelos bolchevistas. Eu era muito afeiçoado a Nicky, que era o mais bondoso dos homens, um autêntico cavalheiro: amava seu país e seu povo". Três dias depois, ele observava que o antigo vice-cônsul britânico em Moscou, Robert Bruce Lockhart, informara que o "querido Nicky" fora executado a tiros pelo Soviete local em Ecaterimburgo. "Foi simplesmente um brutal assassinato."[142] No fim de agosto, ele escreveu: "Fico sabendo da Rússia que há toda probabilidade de que Alicky e as quatro filhas e o menininho tenham sido assassinados junto com Nicky. É terrível demais, mostrando que monstros são esses bolchevistas. Para a pobre Alicky, talvez tenha sido melhor assim. Mas essas pobres crianças inocentes!"[143]

Jorge e Stamfordham parecem ter decidido tacitamente por uma espécie de amnésia voluntária. Logo se apressaram também a culpar o governo pela inércia. No dia do serviço religioso em memória de Nicolau, Stamfordham escreveu a lorde Esher em tom de indignação:

> Cabe perguntar se jamais houve um assassinato mais cruel e se nosso país alguma vez demonstrou indiferença tão insensível a uma tragédia desta magnitude. Que significa tudo isto? Fiquei tão grato por terem o rei e a rainha comparecido ao serviço religioso. Ainda não tive confirmação de que o primeiro-ministro (...) sequer [tenha sido] representado. Onde está nossa simpatia nacional, nossa gratidão, nossa decência? (...) Por que o imperador alemão não fez da libertação do tsar e família uma condição da paz de Brest-Litovsk?[144]

Havia aí um certo grau de hipocrisia, pois apenas três dias antes Stamfordham dissera a Balfour que Jorge não poderia comparecer ao serviço religioso, para não indispor a opinião pública.[145]

O filho de Jorge, o duque de Windsor, disse que o assassinato abalou "a confiança [do pai] na decência intrínseca da espécie humana.[146] Havia um elo

muito concreto entre ele e Nicky, seu primo em primeiro grau". Alegava que o pai "planejara pessoalmente resgatá-lo com um cruzador britânico, mas de alguma forma o plano fracassara. Seja como for, meu pai ficou magoado pelo fato de a Grã-Bretanha não ter levantado um dedo para salvar seu primo Nicky. ‘Esses políticos’, costumava dizer. ‘Se se tratasse de algum deles, teriam agido com toda pressa’".

A vez de Guilherme chegou três meses depois da morte de Nicolau. Em agosto de 1918, Ludendorff exigiu mais do que o exército alemão podia dar na frente ocidental e a Entente — ou os Aliados, como eram agora conhecidos — começou a ganhar terreno. Guilherme passava a maior parte do tempo no quartel-general militar alemão em Spa, na Bélgica, numa villa ao estilo Maria Antonieta que parecia feita de algodão-doce. Entretinha-se cavando pequenas trincheiras e desviando uma represa. O industrial Albert Ballin encontrou-o pela última vez no fim de setembro, quando até o alto-comando alemão já admitia que tudo estava praticamente acabado. Ele estava acompanhado de um inspetor militar.

> O imperador estava muito mal orientado e naquele estado de ânimo exaltado que afetava na presença de terceiros. As coisas tinham sido de tal maneira distorcidas que até o terrível fracasso da ofensiva, que inicialmente lhe havia causado grave depressão, fora transformado num sucesso (...) a ofensiva resultara apenas na perda de cerca de 100 mil valiosas vidas. A coisa toda foi apresentada ao pobre monarca de tal maneira que ele sequer se havia dado conta da catástrofe.[147]

No início de outubro, estando Guilherme de volta a Berlim, um novo chanceler, Max von Baden, seu primo, formou um governo que dizia representar pela primeira vez a maioria de esquerda liberal do Reichstag, solicitando um armistício aos Aliados. Estes impuseram termos muito duros. O presidente americano, Woodrow Wilson, emitiu uma série de "notas" insistindo em que a Alemanha se tornasse uma democracia parlamentar de pleno direito e se livrasse do imperador. "Isso visa diretamente a queda da minha casa e acima de tudo a eliminação do monarca!",[148] bradou Guilherme a respeito da nota emitida por Wilson a 14 de outubro. Ninguém o informou de que sua abdicação era debatida em toda a Alemanha.

A 29 de outubro, estimulado por Dona e o entourage, Guilherme deixou Berlim em direção ao quartel-general do exército em Spa. Foi uma ideia

equivocada; ficava parecendo que o cáiser fugia em busca da proteção do exército. A Áustria chegou a um acordo nessa semana, e toda a Alemanha — praticamente com a única exceção do entourage de Guilherme, de sua família e de alguns poucos no alto-comando — chegou à conclusão de que o cáiser devia sair de cena. Uma vez em Spa, todavia, Guilherme começou a postergar indefinidamente, cortando lenha para se acalmar e dizendo que se os "bolcheviques" tentassem fazê-lo abdicar, ele assumiria o comando do exército, marcharia para Berlim e enforcaria os traidores, ou pelo menos haveria de "aterrorizar a cidade".[149] Os comandantes do exército e da marinha estavam cheios de planos enlouquecidos: uma marcha sobre Berlim; uma carga de cavalaria suicida comandada por Guilherme para salvar a honra da monarquia; uma derradeira "investida mortal" da amada marinha do cáiser.

Com uma ironia quase requintada, foi esse plano da "investida mortal" que desencadeou a revolução alemã. A 4 de novembro, em Kiel, os marinheiros dos preciosos navios de Guilherme se amotinaram. Exigiam reformas políticas e o afastamento da família real. Revoltas de trabalhadores se espraiaram pela Alemanha. No início de novembro, houve uma greve geral em Berlim. Os revolucionários ameaçavam levantar barricadas se Guilherme não abdicasse. O Reichstag estava apavorado com a eventualidade de que os conselhos operários assumissem o controle do país, como acontecera na Rússia. Ainda assim, Guilherme se aferrava. No dia 9, o mais recente ministro da Guerra disse ao cáiser que o exército não lutaria por ele se houvesse uma guerra civil, e que ele devia abdicar. Durante o almoço, Guilherme, de olhar perdido, mordia os lábios. Disse que abdicaria como imperador mas permaneceria como rei da Prússia, e mandou alguém cuidar dos papéis. Meia hora depois já estava se perguntando se realmente precisava abdicar. Chegou a notícia de que o chanceler Max von Baden perdera a paciência. Estando Berlim à beira de um pandemônio e os dois telefones do cáiser ocupados, ele anunciou que Guilherme e o filho mais velho renunciavam ao trono, e em seguida renunciou também, entregando o poder ao líder dos socialistas no Reichstag, Friedrich Ebert. Ao receber a notícia, Guilherme clamou: "Traição, traição, que traição infame e vergonhosa!"[150]

Em Londres, Jorge escrevia em seu diário:

> Recebemos a notícia de que o imperador alemão abdicou, e também o príncipe herdeiro. "Caídos estão os poderosos." Ele foi imperador por pouco mais de trinta anos, fez grandes coisas por seu

> país, mas sua ambição era tão grande que queria dominar o mundo e criou sua máquina militar com este objetivo. Nenhum homem pode dominar o mundo, já se tentou antes, e agora ele arruinou completamente seu País e a si próprio, e eu o vejo como o maior dos criminosos, conhecido por ter mergulhado o mundo nesta guerra apavorante, com todas as suas desgraças.[151]

Enquanto seus generais tentavam convencê-lo a se exilar na Holanda, neutra, a apenas 50 quilômetros de distância, Guilherme fumava, sentado, recusando-se a arredar pé, insistindo em que retornaria a Berlim ou permaneceria com as tropas, e ao mesmo tempo queixando-se de seus antigos súditos. "O povo alemão é um bando de porcos" disse, e "não existe outro caso na História de um ato universal de traição de uma nação contra seu governante".[152] Na capital, os revolucionários invadiram o Castelo de Berlim e, muito significativamente, roubaram as roupas do imperador.

Guilherme seria afinal convencido a deixar Spa às primeiras horas de 10 de novembro. Dizia-se que havia tropas estrangeiras a poucos quilômetros de distância. Ele foi discretamente conduzido até a fronteira da Holanda num automóvel do qual haviam sido retiradas previamente todas as insígnias imperiais. Chegou à Holanda nas primeiras horas de 11 de novembro. Parecia absolutamente arrasado e ansioso por não ser deixado sozinho, dizendo ao entourage que era um homem alquebrado. Finalmente chegou a mensagem de que os holandeses lhe ofereceriam asilo, pelo menos temporariamente. Decidiu-se que Guilherme seria transferido de trem para um pequeno solar seiscentista chamado Amerongen, em Utrecht.

Suas primeiras palavras em Amerongen foram: "Que tal uma xícara de um bom e autêntico chá inglês bem quente?"[153] No momento em que se sentava para contemplar as perspectivas de sua nova vida, o armistício era assinado no trem do marechal Foch na floresta de Compiègne.

"Guilherme chegou à Holanda ontem", anotou Jorge em seu diário. "Hoje foi de fato um dia maravilhoso, o maior na história de nosso país."[154] Em outras partes da Europa, não era um bom momento para as monarquias. Na Alemanha, os reis da Baviera e de Vurtemberga haviam sido depostos; os grão-duques governantes de Coburgo, Hesse e Mecklemburgo-Strelitz tinham todos abdicado; este último se havia então suicidado com um tiro. O imperador Carlos da Áustria-Hungria, declarado herdeiro após a morte do tio-avô Francisco José em 1916, abdicara no Dia do Armistício. Ferdinando, autoproclamado "tsar" da

Bulgária, que aliara sua sorte à da Alemanha no auge de seus êxitos, também se foi nesse mês. "Tino", o rei da Grécia, primo de Jorge, abdicara em 1917 em favor do filho menor, que pouco mais seria que um fantoche, morrendo em 1920 de uma mordida de macaco. Na Turquia, o sultão Mehmed V morrera em maio; seu irmão e sucessor, Mehmed VI, seria deposto em 1922.

No Dia do Armistício, quando a multidão foi ao Palácio de Buckingham aclamar, Jorge era o único imperador que continuava de pé na sacada.

******** "*Gospodin*": senhor, a nova forma de tratamento semi-honorífica que havia substituído os antigos títulos imperiais; "*polkovnik*": coronel.

******** A sede do governo britânico. (N. do T.)

******** As estimativas sobre morte de civis durante a Primeira Guerra Mundial variam muito, mas todos os registros convergem no sentido de que os civis alemães mortos eram pelo menos duas vezes mais numerosos que os britânicos, e talvez até quatro vezes. Ver, por exemplo, o website "20th century Atlas — death tolls".

******** Lênin, não esperando ajuda do governo alemão, pretendera a certa altura atravessar a Alemanha disfarçado como um sueco cego, surdo e mudo.141

Epílogo

Oito milhões e meio de soldados morreram (segundo as estimativas, 750 mil britânicos, 2 milhões de alemães, 1,8 milhão de russos — embora os dados variem[1]), assim como pelo menos outro milhão de civis — cerca de 700 mil só na Alemanha. Outros 21 milhões de soldados ficaram feridos. O mundo do pós-guerra era muito diferente do mundo do pré-guerra, nada condescendente com as velhas hierarquias e os caprichos dos reis; sob muitos aspectos, um mundo feio. A Europa não fora "purificada" e o pior nem de longe ficara para trás. O violento desmoronamento da monarquia na Rússia e na Alemanha deixara buracos que seriam preenchidos pelo extremismo e por mais violência. A Rússia já estava mergulhada numa nova guerra civil que duraria cinco anos, adquirindo uma escala ainda mais pavorosa que a antecedente. Ela deixaria algo entre 8 e 10 milhões de vítimas de massacres, pogroms, doenças e fome, em circunstâncias e quantidades que só pareciam demonstrar que a crueldade e a destrutividade humanas alcançavam seu nível mais terrível. A Alemanha passava por uma cruel e efêmera revolução comunista. Sua brutal repressão veio a ser o difícil berço em que a democracia alemã nasceu, com a República de Weimar, em janeiro de 1919, em circunstâncias que serviam apenas para agravar as pavorosas fraturas da sociedade alemã. A esquerda radical sentiu-se traída pelos social-democratas, agora no governo. A extrema direita, os nacionalistas e o exército continuaram a sonhar com o passado autoritário, cunhando o poderoso mas falso mito de que não eram eles os responsáveis pela queda da Alemanha, mas os revolucionários e amotinados que haviam apunhalado o país pelas costas exatamente no momento em que ele estava vencendo. Esse mito contribuiria para levar a Alemanha a uma outra guerra mundial.

Logo depois do armistício levantaram-se vozes exigindo que o antigo cáiser fosse punido por seu envolvimento na guerra. Achava-se que alguém devia responder pela carnificina. A 7 de dezembro, David Lloyd George, disputando uma eleição geral em Londres, declarou que o antigo cáiser devia ser enforcado e que pretendia levá-lo a julgamento em Westminster Hall. Imediatamente a imprensa britânica abria manchetes: "Enforquem o cáiser!", "Que a Alemanha pague!". Em fevereiro de 1919, os Aliados tentaram pressionar os holandeses a

entregá-lo. O Tratado de Versalhes exigia a extradição de mais de mil criminosos de guerra alemães para julgamento, entre eles Guilherme.

Guilherme estava convencido de que seria executado se fosse julgado no exterior. Preocupava-o a possibilidade de ser sequestrado e conduzido a Haia, e ele já pensava em providenciar uma guarda pessoal. Ele sabia que sua presença não era do agrado da população na Holanda. Houvera algumas tentativas de botar as mãos nele, nenhuma delas com muita convicção. Com uma incompetência típica do estilo opereta, seu entourage discutia planos para disfarçá-lo e mandá-lo para um esconderijo. Guilherme recusou-se a tirar o bigode, embora dissesse que poderia voltar as pontas para baixo, e assinalou que as pessoas o reconheceriam pelo braço atrofiado — numa das raras oportunidades em que mencionou o assunto diretamente. Resolveu então deixar crescer a barba e ficar de cama durante seis semanas, usando uma atadura na cabeça, na esperança de que os holandeses sentissem pena dele. Dona, contudo, é que estava realmente doente. Tinha uma doença cardíaca, o que constantemente tratara de minimizar, para não se tornar um peso ainda maior para o marido; depois da chegada a Amerongen, ela passaria a maior parte do tempo na cama.

O entourage do antigo cáiser estudou a possibilidade de pedir a Jorge que protestasse contra a extradição de Guilherme. O rei ficou indignado com o fato de o primo ser tratado como um criminoso de guerra, tendo submetido Lloyd George a uma "violenta arenga"[2] a esse respeito. Mas não se dispunha a intervir em favor de Guilherme. Nos quatro anos da guerra, ele perdera toda simpatia pelo primo. Quando seu filho Bertie encontrou Vitória, a filha de Guilherme, semanas depois do armistício, ouviu dela que esperava "que voltemos a ser amigos". Bertie respondeu que não achava possível. Jorge concordou: "Quanto mais cedo ela se convencer do real sentimento de amargura que existe entre nós em relação a seu país, melhor." Até o fim da vida, ele se recusou a qualquer contato com Guilherme.

O governo holandês rechaçou toda e qualquer tentativa de extraditar o antigo cáiser; havia na Holanda leis de proteção a estrangeiros que buscassem refúgio no país por motivos políticos. Depois de Versalhes, além disso, as exigências de punição a Guilherme jamais seriam levadas adiante com real energia, pelo menos da parte de Lloyd George. Ele as considerava mera retórica para aplacar a

indignação do público interno, e esperava que servissem para desviar as críticas do novo governo alemão.

Quando o presidente americano, Woodrow Wilson, foi a Londres em dezembro de 1918, Jorge imediatamente antipatizou com ele. Wilson, ainda mais desajeitado e tímido que Jorge, tornara-se, com sua conversa de Estados livres, o porta-estandarte do republicanismo e da independência. O rei também achava que o presidente era arrogante, que exagerava quanto à responsabilidade dos Estados Unidos na vitória e não reconhecia os sacrifícios feitos pelas tropas britânicas. É possível que, em suas conversas, sentisse que a iniciativa nas questões mundiais passava da Grã-Bretanha para os Estados Unidos, discretamente, mas sem retorno. Quando sugeriu que Wilson mandasse suas tropas para a Rússia, para "proteger o país do bolchevismo",[3] o presidente disse-lhe que o exército americano viera para a Europa com um único objetivo. "Depois disso, nunca tive o sujeito em muito alta conta. (...) Não o suportava, um professor acadêmico e totalmente frio — um homem detestável."

Pelos padrões russos e alemães, a Grã-Bretanha estava calma e estável. A monarquia mantivera-se intacta. A guerra na verdade aumentou o tamanho do império britânico. Como seus exércitos controlavam o Oriente Médio, ela tornou-se a potência dominante na região. Na Conferência de Versalhes, abiscoitou as antigas colônias alemãs na África. E como a guerra fora combatida com tropas imperiais — soldados canadenses, dos polos, sul-africanos e indianos haviam participado —, ficava parecendo uma vitória imperial, um triunfo que tornava o império mais coeso que nunca.

A sensação de euforia pelo fim da guerra logo deu lugar a um sentimento de decepção e frustração: toda uma geração de jovens havia morrido e não se divisava no horizonte nenhuma perspectiva paradisíaca. Havia indignação com o baixo valor das pensões de guerra, a escassez de habitações, a inflação alta. Pouco depois da guerra, Jorge foi ao Hyde Park com seu filho e herdeiro, David, príncipe de Gales, passar em revista um desfile de 15 mil soldados mutilados na guerra. Como pôde constatar David à medida que o pai inspecionava a tropa, havia algo errado, "uma sombria indiferença"[4] em todos aqueles homens. De repente, surgiram estandartes. Alguém gritou: "Onde está a terra dos heróis?" Um grupo de soldados saiu da formação e correu na direção de Jorge. Ele foi isolado do entourage e já estava a ponto de ser jogado no chão. Verificou-se

então que os homens queriam apenas tocar sua mão. Mas o susto foi grande. O rei não tinha palavras para descrever o que presenciara. "'Aqueles homens estavam num estado bem estranho', disse. E, sacudindo a cabeça, como se quisesse livrar-se de uma lembrança desagradável, entrou."

A guerra assinalou o ponto alto das aquisições territoriais britânicas e também o início do fim do império. Na Irlanda, o governo britânico envolveu-se numa guerra entre janeiro de 1919 e 1920, finalmente consentindo com a independência irlandesa, de má vontade, em 1922. A Conferência de Versalhes confirmou o direito dos domínios (as colônias brancas) de se constituírem em nações autônomas no interior da Comunidade Britânica, direito que julgavam ter conquistado lutando. Nunca mais um rei britânico poderia declarar guerra em seu nome. Os 800 mil soldados indianos (dos quais 60 mil morreram) que haviam combatido na guerra encorajaram o movimento independentista do país a sustentar que a Índia também havia conquistado seu direito à autonomia, incitando-o a dar início a uma campanha de desobediência. A reação do governo colonial britânico — impondo em 1918 um regime ditatorial digno da Rússia tsarista, com direito a censura de imprensa, detenção sem mandado, prisão sem julgamento, lei marcial e um terrível e perfeitamente evitável massacre de 379 civis em Amritsar, em abril de 1919 — serviu apenas para fortalecer essa convicção, causando na Grã-Bretanha um sentimento tão forte de vergonha que acabou lentamente conduzindo a Índia ao caminho da independência.

Quando a irmã de Nicolau, Xênia, e sua mãe, Maria, fugiram da Crimeia num barco cheio de parentes dos Romanov, em 1919, Jorge ofereceu asilo às mulheres, sendo os homens informados de que "sua presença poderia ser atribuída à influência do rei".[5]******** Maria retirou-se para a Dinamarca, onde enfurecia seu sobrinho, o rei, com sua extravagância. Jorge concedeu-lhe uma pensão (por cujo pagamento viriam a se queixar vários dos parentes de sua mulher), mas não lhe deu um talão de cheques, para que não a gastasse toda de uma vez. Para Xênia, também desastrosa com o dinheiro (que costumava distribuir entre os parentes Romanov mais pobres), Jorge deu uma pensão e o uso gratuito de uma residência em Windsor e mais tarde em Hampton Court. Após a morte de Maria em 1928, sua famosa coleção de joias, a certa altura avaliada, segundo Fritz Ponsonby, em algo entre 350 e 500 mil libras, foi vendida para o sustento das duas filhas. Rendeu pouco mais de 100 mil libras,

tendo sido comprada em grande parte por Maria, mulher de Jorge. A diferença de valor podia ser atribuída à recessão e ao fato de o mercado estar inundado de relíquias de famílias russas, mas as irmãs não conseguiam livrar-se do sentimento de que havia algo estranho no fato de a prima por afinidade, de quem a família agora dependia, comprar as joias da família a um preço vil.

Separados por um pequeno canal de água e uma guerra em escala jamais vista antes, Jorge, com 53 anos, e Guilherme, aos 60, contemplavam o futuro no início de 1919. Nicolau jazia num túmulo anônimo na Sibéria oriental.

Guilherme passou o resto da vida na Holanda. Transferiu-se em 1920 para Haus Doorn, modesto solar do século XVII, comprado com o produto da venda de dois iates. Ali viveu por 23 anos com uma pequena corte de 46 pessoas, entre elas 26 criados. A casa estava apinhada com o conteúdo de 23 vagões ferroviários, 25 vagões de móveis e 27 vagões de pacotes (inclusive um carro e um barco) enviados da Alemanha pelo governo de Weimar. O governo alemão também reconheceu propriedades fundiárias de Guilherme em Berlim no valor de 2 milhões de marcos, e em 1926 providenciou a transferência de milhões de marcos em dinheiro e algo entre 10 e 12 milhões de marcos em ações e obrigações. Guilherme, no entanto, sempre se queixou de ter sido tratado de maneira mesquinha pelo governo alemão; sempre que recebia algum pedido de ajuda financeira, respondia que mal tinha o suficiente para viver por conta própria. Ao morrer, seus bens valiam cerca de 14 milhões de marcos. O equivalente em valores de hoje seriam aproximadamente 62,5 milhões de dólares.[6] Talvez não parecesse tanto assim no caso de um imperador da Alemanha.

Como símbolo do que havia perdido, ele abandonou os uniformes militares que trajava desde os 18 anos e adotou trajes civis: ternos de sarja azul, capas de chuva, um pequeno chapéu de caça e um alfinete de gravata com uma miniatura da rainha Vitória. Desistiu das caçadas e cavalgadas — levando seu entourage a fazer o mesmo — e passou a caminhar ao redor da propriedade, alimentando os patos no canal, e a dar muito eventualmente passeios pelos campos próximos em seu conversível Mercedes. Deve ter sido extremamente opressivo para um homem que se acostumara a fugir de si mesmo — e dos sentimentos difíceis — viajando incessante e compulsivamente. Ele então passou a relaxar cortando árvores (com a ajuda de alguns criados), hábito que se transformou em autêntico

vício. Ao completar 70 anos em 1929, ele havia cortado 20 mil árvores. A lenha era distribuída aos pobres ou transformada em palitos de fósforo e oferecida como objeto de decoração aos curiosos e fiéis que o visitavam. Em setembro de 1920, o filho menor de Dona e Guilherme, o favorito dela, Joaquim, mergulhado em depressão, matou-se com um tiro. Era viciado em jogo e havia sido abandonado pela mulher. Arrasada, Dona morreria sete meses depois, em abril de 1921. Guilherme recebeu 10 mil mensagens de condolências, o que talvez se devesse antes ao respeito com que Dona era tratada na Alemanha do que a alguma verdadeira afeição por ele. Não chegou qualquer mensagem de Jorge, o que magoou Guilherme particularmente. O único membro da família britânica que efetivamente escreveu foi sua tia Beatriz, dois anos mais velha, de quem ele nunca gostara. O cáiser, observaria seu jovem auxiliar Sigurd von Ilsemann, ficou arrasado durante duas semanas. Depois, queixar-se-ia de se sentir solitário. Voltaria a se casar 18 meses depois, em 1923. A noiva, a princesa Hermínia de Schönaich-Carolata, era trinta anos mais moça, uma decidida viúva com cinco filhos que resolvera fisgar o antigo cáiser e gostava de ser chamada de "imperatriz". O entourage e os filhos de Guilherme a consideravam uma descarada caçadora de dote de rosto desagradável. Havia quem considerasse que os dois se mereciam, mas pelo menos ela tornava um pouco mais fácil a vida com o antigo cáiser.

Incapaz de aprender e de mudar, enjaulado em Haus Doorn sem poder fugir de si mesmo, Guilherme mostrava-se de convívio muito difícil. Indignado com a injustiça do destino e as "mentiras de Versalhes", estava sempre se justificando, reescrevendo o passado, culpando todo mundo pela queda da Alemanha, o fim dos Hohenzollern e os fracassos do seu reinado e esperando que o povo alemão — pelo qual só manifestava desprezo — caísse em si para afinal "me implorar que volte para salvá-lo".[7] Em 1922, seu valete há vinte anos, não mais aguentando, fugiu em prantos. Nenhum dos filhos quis compartilhar o exílio com ele, e, com uma única exceção, retornaram à Alemanha, onde Willy, Eitel Frederico e Augusto Guilherme "Auwi" se envolveram com círculos monarquistas e de extrema direita, na esperança de ver restabelecida a monarquia, e mais tarde flertaram com o nazismo. Adalberto, o terceiro filho, desvinculou-se dos parentes e era considerado um convicto antinazista. Mudou-se discretamente para a Suíça. Era difícil fugir à impressão de que o elo familiar

se rompera. Um grupo de remanescentes do entourage, habituado a vida inteira à deferência e à obediência, incapaz de sequer imaginar uma república alemã, ficou a seu lado, continuando a ouvir de pé, por horas e horas depois do jantar, exasperado mas sem se queixar, enquanto Guilherme monologava infindavelmente sobre a maneira como Eduardo VII conspirara contra ele; como Tirpitz e Ludendorff e Hindenburg e Max von Baden o haviam traído; como Jorge entrara em guerra para aprofundar o plano de isolamento da Alemanha traçado por Eduardo; como os maçons, os católicos, os franceses, os britânicos, os bolcheviques e, com intensidade cada vez mais sombria com o passar dos anos, especialmente os judeus haviam conspirado para acabar com ele. Lendo no fim da década de 1920 as memórias de Bernhard von Bülow, Sigurd von Ilsemann, o jovem ajudante de paciência infinita que acompanhara Guilherme no exílio depois de ter entrado em seu serviço apenas poucas semanas antes, em 1918, ficou "impressionado reiteradas vezes com o pouco que o cáiser havia mudado desde essa época. Quase tudo que acontecia então continua acontecendo, e a única diferença é que seus atos, que tinham grande significado e consequências práticas, agora não causam danos".[8]

Ao abrigo da ameaça de um julgamento, o antigo cáiser começou a escrever — ou fazer que escrevessem — sua versão dos acontecimentos que haviam levado à guerra. *Ereignisse und Gestalten* [Fatos e figuras], foi publicado em 1922; *Aus Meinem Leben* [Minha vida] saiu na Grã-Bretanha com o título de *My Early Life* [Meus primeiros anos] em 1927. Como se poderia prever, esses livros eram ladainhas sobre as injustiças cometidas contra ele — das pressões da mãe e intimidações do tutor à criminosa inconstância dos ministros britânicos e do povo alemão, passando pelas traições de seus chanceleres, ministros e parentes —, banhadas em autocomiseração e aqui e ali involuntariamente muito cômicas. Em momento algum Guilherme chegou a aceitar que fosse de alguma forma responsável pelo fim da dinastia Hohenzollern. Convencera-se de que era um mártir do seu povo, vencendo a guerra até que Hindenburg o forçasse a abandonar suas tropas e fugir para a Holanda. Durante os anos de exílio, ninguém jamais ouviu Guilherme manifestar qualquer remorso ou tristeza ou empatia pela maneira como seu povo sofrera, passando fome e morrendo durante a guerra.

A guerra mudou Jorge de maneira definitiva. Ele não mais perderia aquela

aparência cansada e de olhos inchados. "Essa guerra terrível e desnecessária"[9] o obcecava, e para ele o mundo do pós-guerra era estranho, frio, um mundo onde já não influíam tanto os códigos pelos quais fora criado. Ele detestava a ideia de perder a Irlanda, mas também detestava os métodos brutais empregados pelos britânicos para sufocar a resistência. Mais que nunca, refugiava-se no passado e no familiar. Continuava vestindo-se à moda de 1900; na corte, insistia em que todos trajassem os casacos, jaquetas e chapéus que haviam sido *de rigueur* na época do pai. No fim da guerra, lorde Esher escreveria, com certa exasperação: "Ou bem o mundo parou, ou então o Palácio de Buckingham se manteve inalterado. A mesma rotina. Uma vida feita de coisas insignificantes, mas ainda assim movimentada. Constantes mensagens telefônicas sobre trivialidades."[10] A resistência à mudança parecia estreitamente associada à rejeição da "alegria" ou da vitalidade, do estilo ou da curiosidade. "Não havia qualquer senso de diversão",[11] escreveria a biógrafa de Maria. Para o país, contudo, o apego de Jorge ao passado era um fator de popularidade, assim como sua simplicidade. Ele parecia uma âncora de estabilidade, confiabilidade e valores antiquados. Identificava-se firmemente com o "espírito de trabalho duro e sacrifício pessoal que nos permitira vencer a guerra",[12] como escreveria em 1919 o jovem pensador socialista Harold Laski, acrescentando: "A monarquia, para falar francamente, foi vendida à democracia como símbolo de si mesma."

Ainda assim, Jorge nunca perdeu a sensação da fragilidade de sua posição, e depois da guerra tomou com seus assessores a decisão muito consciente de articular novamente a coroa ao país. Stamfordham escreveu que a monarquia precisava justificar-se

> de uma vez por todas como força viva, com uma aptidão receptiva para informações a respeito dos interesses e do bem-estar social de todas as classes, e não só disposta a entrar em empatia com essas questões como também ansiosa por contribuir para sua solução (...) se forem aproveitadas as oportunidades, durante as visitas de Sua Majestade aos centros industriais, em conversas com trabalhadores, para demonstrar seu interesse pelos problemas que os empregadores e os empregados tenham de resolver, esses homens haverão de reconhecer na Coroa aquelas características — diria, talvez, "virtudes"? — que me arrisquei a enumerar acima. Em outras palavras, como uma instituição imparcial mas envolvida com o povo, especialmente as classes trabalhadoras.[13]

Foi Jorge que estabeleceu a monarquia britânica como a instituição doméstica, decorativa, cerimonial e algo impassível que é hoje. Ele se atirou nesse projeto, preparou-se para se tornar mais visível para o seu povo, visitou as regiões

industriais pobres de Gales do Sul, Potteries e do nordeste e cooperou com a imprensa de que tanto desgostava. Instituições caritativas foram criadas, adotaram-se projetos filantrópicos. Ao chegarem à maioridade, os filhos também foram cooptados para o projeto familiar: David, naturalmente bem-apessoado, foi incumbido de se encontrar com os desempregados e percorrer a Comunidade Britânica; o segundo filho, Alberto, visitou fábricas e estaleiros e emprestou seu nome a um acampamento no qual podiam conviver meninos das escolas públicas e das classes trabalhadoras. Com o passar do tempo, Jorge montaria no Palácio de Buckingham um mapa salpicado de bandeiras assinalando os locais das visitas dos membros da família, e ao fim de cada ano estabelecia um quadro para mostrar quem fizera mais. Quando os filhos se casavam, membros trabalhistas do parlamento eram convidados. Em 1932, Jorge participou de sua primeira transmissão radiofônica, com texto escrito por Rudyard Kipling. Detestou aquilo, e o papel ainda tremia em sua mão, mas, para sua enorme surpresa, sua elocução lenta e pausada fez enorme sucesso.

Já agora habitualmente cauteloso, ele não mais forçava nem desafiava os limites de seu papel constitucional, esforçando-se por se manter afastado da política partidária. Paralelamente às graduais mudanças políticas dos vinte anos anteriores, isto o tornava uma figura muito mais marginal que seu pai ou sua avó, e ele se viu à frente de mudanças sociais e políticas que desaprovava profundamente. Em 1918, as mulheres de mais de 30 anos conquistaram o direito de voto. Em dezembro de 1923, tendo o Partido Conservador perdido a maioria na Câmara dos Comuns, transformando-se o Partido Trabalhista na maior agremiação política, Jorge não hesitou em pedir ao seu líder, Ramsay MacDonald, que formasse o governo. O fato de não ter hesitado provavelmente contribuiu para tornar essa mudança política menos traumática do que poderia ter sido, assentando o Partido Trabalhista definitivamente na tradição política britânica. Ele decidiu mostrar-se elegante frente à situação. "Devo dizer que todos eles parecem muito inteligentes e levam as coisas muito a sério", anotou em seu diário. "(...) Eles merecem uma chance."[14] Em particular, contudo, ele e Maria continuavam a se referir a Keir Hardie******** como "aquele animal", e em seu diário ele se perguntava o que Vitória teria pensado. Num momento em que muitos dos reis sobreviventes na Europa — na Itália, na Sérvia, na Espanha e na Romênia — enfrentavam reformas sociais e constitucionais e até abriam

caminho pessoalmente para ditaduras fascistas, Jorge não mostrava qualquer interesse pelas pequenas organizações neofascistas inglesas que na década de 1920 diziam pretender restabelecer a monarquia.

Certas coisas ele não fazia. O Partido Trabalhista queria restabelecer relações com a União Soviética. Jorge declarou que não apertaria a mão dos "assassinos dos seus parentes". "O rei ficou muito exaltado a respeito da Rússia, falando muito das bobagens do homem da rua sobre os bolcheviques etc.",[15] escreveu Ramsay MacDonald. Quando uma delegação russa foi a Londres em 1924 discutir questões comerciais e de indenização por bens britânicos confiscados, Jorge não a recebeu. Alegou doença quando o novo embaixador russo foi ao Palácio de Buckingham em 1929 apresentar suas credenciais, e ficou furioso ao ser obrigado a apertar a mão do comissário soviético do Exterior, Litvinov, em 1933.

Ao se agravar a situação na década de 1930, Jorge via com enorme apreensão a possibilidade de uma outra guerra. Não tinha a menor dúvida de que Hitler coisa boa não seria. Menos de um ano antes de morrer, em 1935, o rei encontrou-se com Lloyd George. Veio à baila Mussolini, que acabara de enviar tropas italianas à Etiópia. "Sua Majestade exaltou-se e falou com veemência: ‘Não tolerarei uma outra guerra, não tolerarei. Não tive a menor responsabilidade na última guerra, e se houver outra e formos ameaçados de envolvimento, preferirei ir pessoalmente a Trafalgar Square agitar uma bandeira vermelha do que permitir que nosso país seja envolvido.’"[16]

Guilherme, enquanto isso, flertava com os nazistas. Certas figuras de destaque do partido esperavam conseguir uma útil bênção do antigo cáiser, e Hermann Göring visitou Guilherme em Doorn duas vezes em 1931, falando vaga e lisonjeiramente de restauração. Guilherme gostava de imaginar que os nazistas poderiam patrocinar seu retorno, e quatro de seus filhos se envolveram com o partido no início da década de 1930. Willy, o antigo príncipe herdeiro, publicou artigos de apoio a Hitler na imprensa britânica e Eitel Frederico e Oscar ao que parece aderiram por breve período aos camisas pardas nos anos 30. Mas acabaram se afastando, ao ficar evidente que os nazistas não pretendiam a restauração dos Hohenzollern. Auwi, contudo, foi escalando a hierarquia nazista até cair em desgraça com Hitler em 1942. Nenhum dos dois lados tinha qualquer respeito pelo outro. Em caráter privado, Göring considerava Guilherme um "tolo

incorrigível"; Hitler, que não tinha a menor intenção de restaurar a monarquia, o acusava de "pró-judeu".[17] Guilherme parecia alternadamente enciumado do sucesso de Hitler e horrorizado com sua ascensão — e, naturalmente, o considerava vulgar. Sentiu calafrios diante da "noite das facas longas", e chegou a falar da suspensão do direitos civis, mas não deu efetivamente o passo.

Em 1935, o Jubileu de Prata de Jorge confirmou o sucesso do projeto real no pós-guerra. Ele e Maria foram obrigados a aparecer na varanda do Palácio de Buckingham toda noite durante uma semana; foram aclamados nas ruas do East End londrino, que segundo antigo comentário de lorde Salisbury a Vitória estavam sempre tomadas de socialistas e dos irlandeses de mais baixa extração,[18] e o Fundo do Jubileu criado pela coroa para levantar dinheiro para obras de caridade apurou um milhão de libras em poucas semanas. Jorge estava com 70 anos. Fumava demais e seu coração era fraco, e no fim de 1935 sua saúde vacilava gravemente. Bem tarde da noite de 20 de janeiro de 1936, perdendo e recuperando a consciência, recebeu do médico da corte uma injeção letal de cocaína e morfina, tendo sido o momento decidido, segundo reconheceria este, pela "importância de que a morte fosse anunciada nos jornais matutinos, e não no veículo menos apropriado dos jornais vespertinos".[19] Era uma indicação do grau de sintonia que a monarquia britânica havia adquirido com as exigências do "povo".

Guilherme aproveitou a oportunidade para entrar em contato mais uma vez com a família inglesa. Escreveu a Maria e mandou o neto Fritzi ao funeral.******** Apesar de tudo, ele não conseguira desvencilhar-se da atração por tudo que fosse inglês. Continuou lendo jornais ingleses, bebia chá inglês, dava boas risadas com P. G. Wodehouse******** e salpicava a conversa com expressões como "*ripping*" [excelente], "*topping*" [supimpa] e "*damned good fellow*" [camaradinha dos diabos]. Em suas memórias, falava com saudade de sua antiga popularidade na Inglaterra. Maria ainda nutria o que um cortesão chamava de "um fraco"[20] por Guilherme e sentia pena dele. Deu a Fritzi uma caixa de ouro da escrivaninha de Jorge, como lembrança destinada a Guilherme. "Profundamente comovido com a afetuosa lembrança que a levou a me enviar este presente como recordação", escreveu-lhe o ex-cáiser, assinando "seu dedicado primo".[21]

Depois de Munique, em 1938, ele voltaria a escrever. "Não tenho a menor

dúvida de que o sr. N. Chamberlain foi inspirado pelo Céu e guiado por Deus."[22] Quando a Alemanha invadiu a Tchecoslováquia 12 dias depois, ele escreveu, demonstrando a peculiar mistura de compreensão e total incompreensão que o perseguira a vida inteira: "Estou absolutamente horrorizado com os últimos acontecimentos em casa! Puro bolchevismo!"[23] Em novembro, denunciou o pogrom da Noite dos Cristais, embora se tivesse tornado cada vez mais antissemita. Dizia aos visitantes que tudo daria errado para Hitler, assim como lhe acontecera. Ao estourar a guerra em setembro de 1939, ele escreveu a Maria sobre a "loucura política (...) Que o céu nos preserve do pior!".[24] Mas à medida que os alemães avançavam sobre a Europa, começou a parecer a Guilherme que velhas contas afinal eram gratificantemente acertadas. Quando eles marcharam sobre Paris, ele enviou um telegrama de congratulações a Hitler — o que causaria depois da guerra o confisco de Haus Doorn. Guilherme morreu de ataque do coração a 4 de junho de 1941, aos 81 anos, a mesma idade que a avó, orgulhoso de que "seus" generais tivessem conquistado metade da Europa. Ao mesmo tempo, decidido a negar a Hitler uma oportunidade de propaganda, deixara instruções para que seu corpo não fosse levado a Berlim. Foi enterrado em Doorn, sem suásticas. Dos filhos, somente dois, Vitória e Oscar, vivendo tranquila e discretamente em suas respectivas propriedades, sobreviveriam mais de dez anos a ele; o príncipe herdeiro, Eitel Frederico e Auwi, que se haviam envolvido com a política alemã, morreriam de alguma forma alquebrados pelas experiências da guerra.

No início da década de 1990, os restos de Nicolau e os de sua família foram desenterrados num bosque perto de Ecaterimburgo, sendo suas identidades confirmadas por testes de DNA. Em 1998, os corpos foram novamente enterrados, na igreja de Pedro e Paulo, em São Petersburgo. No local onde morreram, em Ecaterimburgo, existe hoje uma grande igreja branca e dourada com cúpula em forma de cebola. Em 2000, a Igreja Ortodoxa russa, estimulada por uma grande onda de patriotismo e o desejo de apagar 72 anos de domínio soviético, canonizou o último tsar e sua família.

******** Eles foram sobretudo para a França e os Estados Unidos.

******** Político socialista e trabalhista escocês (1856-1915), o primeiro representante do Partido Trabalhista Independente eleito para o parlamento britânico. (N. do T.)

******** Fritzi, o terceiro filho do príncipe herdeiro Willy, ligou-se pelo casamento à família Guinness, tornando-se cidadão britânico em 1947.
******** Pelham Grenville Wodehouse (1881-1975), autor humorístico inglês. (N. do T.)

Notas

Os títulos da maioria dos livros citados no texto foram abreviados nas Notas. Se o título completo não for mencionado, pode ser encontrado na Bibliografia. São empregadas as seguintes abreviaturas:

V — Vicky, imperatriz Frederica da Alemanha
RV — Rainha Vitória
G — Guilherme, cáiser da Alemanha
J — Jorge V
N — Nicolau, tsar da Rússia
A — Alix, Alexandra da Rússia
E — Eduardo VII
ME — Ministério do Exterior da Grã-Bretanha

Livros

GP + número de volume (ex.: *GP*, 24) — Johannes Lepsius, Albrecht Mendelssohn Bartholdy, Friedrich Thimme (orgs.), *Die Grosse Politik der Europäischen Kabinette, 1871-1914: Sammlungen der Diplomatischen Akten des Auswartigen Amtes*, 40 vols., 1922-7 (documentos diplomáticos alemães)

LQV + números de série e volume (ex.: *LQV*, 3.3) — *Letters of Queen Victoria*, vários orgs. (ver Bibliografia)

DDF + números de série e volume (ex.: *DDF*, 2.9) — *Documents Diplomatiques Français*, 3 séries (1871-1901, 16 vols.; 1901-11, 14 vols., 1911-14, 11 vols.), Paris, Imprimerie Nationale, 1929-59 (documentos diplomáticos franceses ligados à Primeira Guerra Mundial)

Introdução

1 Nicolson, *King George*, p. 309
2 13-21 de julho de 1917, Görlitz, *The Kaiser*, p. 285-9
3 Radzinsky, p. 188

1. Guilherme: uma experiência de perfeição (1859)

1 Röhl, *Young William*, p. 8-10
2 ibidem
3 Cecil, *Wilhelm*, 1, p. 13
4 25 set. 1860, RA VIC/MAIN/QVJ
5 RV a Augusta da Prússia, 30 jan. 1859, Bolitho, p. 104
6 Pakula, *An Uncommon*, p. 72-3
7 A. Ponsonby, p. 10
8 nota, princesa Maria Luísa, p. 56
9 Walpurga, lady Paget, p. 61
10 Pakula, *An Uncommon*, p. 103

11 V a RV, 23 jul. 1863, Fulford, *Dearest Mama*, p. 241
12 V a RV, 19 jul. 1862, ibidem, p. 96
13 E. F. Benson, p. 18
14 para aprofundar esse tema polêmico, ver J. Röhl, M. Warren e D. Hunt, *Purple Secret: Genes, 'Madness' and the Royal Houses of Europe*, Londres, Bantam, 1998
15 Vicky a RV, 14 mai. 1859, RA MAIN/Z/7/130
16 St Aubyn, *Edward VII*, p. 22
17 V a RV, 19 ago. 1868, Fulford, *Your Dear Letter*, p. 206
18 V a RV, 7 ago. 1872, Fulford, *Darling Child*, p. 57
19 V a RV, 23 mai. 1874, ibidem, p. 139
20 Cecil, Wilhelm, 1, p. 13
21 V a RV, 16 jul. 1859, RA VIC/MAIN/Z/2/28
22 V a RV, 23 jan. 1861, RA VIC/MAIN/Z/10/47
23 V a RV, 28 abr. 1863, RA VIC/MAIN/Z/15/15
24 Röhl, *Young William*, p. 43
25 MacDonogh, p. 23
26 V a RV, 8 dez. 1861, RA VIC/MAIN/Z/12/44
27 V a RV, 10 dez. 1866, Fulford, *Your Dear Letter*, p. 112
28 Röhl, *Young William*, p. 77
29 V a RV, 18 ago. 1860, RA VIC/MAIN/Z/3/35
30 Luísa, condessa de Antrim, p. 12
31 Balfour, *The Kaiser*, p. 75
32 Poultenay Bigelow in MacDonogh, p. 34
33 V a RV, 27 jan. 1865, Fulford, *Your Dear Letter*, p. 16
34 G a RV, 20 mai. 1869, RA VIC/MAIN/Z/78/3
35 V a RV, 16 jan. 1869, Fulford, *Your Dear Letter*, p. 218
36 V a RV, 25 mai. 1861, RA VIC/MAIN/Z/11/15
37 V a RV, 6 jul. 1864, RA VIC/MAIN/Z/16/60
38 Röhl, *Young William*, p. 267
39 Guilherme II, *My Early Life*, p. 66, 2
40 RV a V, 27 jan. 1862, Fulford, *Dearest Mama*, p. 45
41 RV a V, 8 mai. 1872, Fulford, *Darling Child*, p. 40
42 RA QV *Journal*, 28 fev. 1863
43 Guilherme II, *Aus Meinem Leben*, p. 72
44 Guilherme II, *My Early Life*, p. 46
45 fev. 1871, Röhl, *Young William*, p. 178
46 ibidem
47 V a RV, 30 jan. 1871, Fulford, *Darling Child*, p. 316
48 ver Röhl, *Young William*, p. 170
49 Guilherme II, *My Early Life*, p. 20
50 V a Fritz, 22 dez. 1870, Röhl, *Young William*, p. 171-3, 199-200
51 F. Ponsonby, *Empress Frederick*, p. 168
52 Kohut, *Wilhelm II*, p. 41
53 Röhl, *Young William*, p. 199
54 Guilherme II, *Aus Meinem Leben*, p. 30
55 Guilherme II, *My Early Life*, p. 18
56 ver Maria, grã-duquesa, *Things*, p. 5

57 Röhl, *Young William*, p. 195
58 Pakula, *An Uncommon*, p. 363
59 Anônimo, *Recollections*, p. 79
60 Röhl, *Young William*, p. 367
61 Balfour, p. 80
62 Röhl, *Young William*, p. 227
63 Cecil, *Wilhelm*, 1, p. 35
64 Cecil in Röhl e Sombart (orgs.), p. 98
65 Viereck, p. 38
66 Cecil, *Wilhelm*, 1, p. 60
67 Pless, p. 93
68 Röhl, *The Kaiser*, p. 83
69 Röhl e Bellaigue, p. 188
70 Hull, p. 199
71 Röhl, in Sombart e Röhl (orgs.), p. 33
72 Waldersee I, 26 dez. 1884, p. 247
73 6 jan. 1884, Holstein, 2, p. 46
74 V a RV, 18 jan. 1882, RA VIC/MAIN/Z/36/5
75 para o relato de Guilherme, ver Guilherme II, *My Early Life*, p. 245-7, 322
76 G ao tsar Alexandre, 13 mar. 1885, Lee, 1, p. 485-6; ver também Röhl, *Young Wilhelm*, p. 441 (para o original francês dessas cartas, citado em sir S. Lee e J. Röhl, ver Polovtsova, *Krasny Arkhiv*, 2, p. 120-26)
77 3 mai. 1885, Röhl, ibidem, p. 446
78 tsar Alexandre III a G, 7 [J]/19 mai. 1885, Geheimes Staatsarchiv, HA Rep 53 J Lit R Nº 6
79 Witte, p. 401-3
80 Röhl, *Young Wilhelm*, p. 582
81 RV a V, 13 fev. 1885, Fulford, *Beloved Mama*, p. 183
82 Röhl, *Young William*, p. 517
83 23 abr. 1887, F. Ponsonby, *Letters of*, p. 215
84 V a RV, 26 mar. 1887, RA VIC/MAIN/Z/39/13
85 Radolinsky a Holstein, 4 jul. 1887, Holstein, 3, p. 214
86 Herbert von Bismarck 1891, citado em Röhl, *Young William*, p. 688
87 1º jun. 1887, Eulemburgo, 1, p. 225
88 Radolinsky a Holstein, 10 nov. 1887, Holstein, 3, p. 227
89 Kennan, p. 366
90 Röhl, *Young William*, p. 744
91 ibidem

2. Jorge: em segundo lugar

1 ver Ferguson, *Empire*, p. 240; fonte igualmente de outros dados
2 Bagehot, *English Constitution*, OUP, 2001, p. 38, 48
3 para aprofundar a questão, ver Lieven, *Aristocracy*
4 Nabokov, p. 79
5 Plumptre, p. 24
6 Weintraub, p. 274
7 Fulford, *Dearest Mama*, p. 152
8 Zola, *Nana*, cap. 5
9 Bradford, p. 21, II
10 ibidem
11 Weintraub, *Victoria*, p. 321
12 Battiscombe, p. 216
13 lorde Greville citado em Plumptre, p. 17-18
14 Hibbert, p. 138
15 Rose, p. 1
16 RV a V, 13 fev. 1864, Fulford, *Dearest Mama*, p. 45
17 A a Dagmar, 10 fev. 1864, Klausen, *Alexandra*, p. 88
18 Maria, rainha da Romênia, p. 226-7
19 as cartas encontram-se atualmente no arquivo russo do GARF
20 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 134
21 RV a V, 2 jun. 1874, Fulford, *Darling Child*, p. 140
22 Gore, p. 14, 17 n. 1
23 RV a V, 27 jan. 1869, Fulford, *Your Dear Letter*, p. 222
24 Newnes, p. 8
25 Gore, p. 14
26 RV a V, 10 fev. 1869, Fulford, *Your Dear Letter*, p. 223
27 Owen Morshead in Lees-Milne, p. 230
28 citado em Bradford, p. 12
29 Alexandre Mikhailovich, p. 113
30 Gore, p. 9
31 Battiscombe, p. 143
32 Gore, p. 26
33 Lees-Milne, p. 224
34 Vorres, p. 53
35 Battiscombe, p. 242
36 Gore, p. 74
37 Rose, p. 53
38 Bradford, p. 18
39 Gore, p. 177
40 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 275
41 Cook, *Prince Eddy*, p. 109
42 Battiscombe, p. 121
43 ver Magnus, p. 172

44 Rose, p 8
45 Lees-Milne, p. 231
46 Rose, p. 6
47 J a RV, 20 mai. 1869, RA VIC/MAIN/Z/78/3
48 J a RV, 28 jan. 1877, RA VIC/MAIN/Z/64/104
49 RV a J, 1º jun. 1873, Nicolson, *George V*, p. 10
50 Nicolson, *George V*, p. 14
51 ibidem, p. 12-3
52 Gore, p.12
53 St Aubyn, p. 243
54 lorde Derby a Disraeli, citado em Weintraub, p. 41
55 Nicolson, *George V*, p. 15
56 Rose, p. 8
57 Nicolson, *George V*, p. 17
58 J a Alexandra, 19 set. 1880, Gore, p. 41
59 ver Magnus, p. 197
60 J a Alexandra, out. 1886, Nicolson, *George V*, p. 38
61 Nicolson, *Diaries*, p. 167
62 16 fev. 1877, *LQV*, 2.2, p. 521
63 Maria da Romênia, 2, p. 30
64 Rose, p. 15
65 Maria da Romênia, 2, p. 30
66 Eduardo, duque de Windsor, *A King's Story*, p. 37
67 Lees-Milne, p. 229
68 Maria da Romênia 2, p. 30
69 Lees-Milne, p. 237
70 E a RV, 2 mai. 1880, Nicolson, *George V*, p. 23
71 Maria, grã-duquesa da Rússia, *Things*, p. 3
72 Nicolson, *George V*, p. 35
73 Battiscombe, p. 173
74 Lees-Milne, p. 230
75 J. Morris, 2, p. 426
76 Gore, p. 148
77 21 jun. 1887, RA GV/PRIV/GVD
78 7 mai. 1884, Holstein, 2, p. 1391
79 diário de Nicolau, 9 [J]/21 jun. 1887, GARF 601/1/221(1)
80 22 jun. 1887, *LQV*, 3.1, p. 330
81 20-26 jun. 1887, RA GV/GVD/PRIV

3. Nicolau: uma torre de marfim cravejada de diamantes (1868)

1 ver Charques, p. 5
2 Bartlett, p. 27
3 Lincoln, p. 447
4 Mossolov, p. 4
5 Varres, p. 39

6 Klausen, Dagmar
7 Bokhanov, p. 18
8 Vorres, p. 56
9 Lieven, *Nicholas*, p. 30-32
10 citado em Massie, *Nicholas*, p. 10
11 Lieven, *Nicholas*, p. 30
12 Mossolov, p. 6
13 M a N, 23 abr. 1891, Bing, p. 57-8
14 Vorres, p. 59
15 ibidem, p. 25
16 duque de Windsor, *A King's*, p. 52
17 Mossolov, p. 288-9
18 Vorres, p. 37
19 Mossolov, p. 6
20 Alexandre Mikhailovich, p. 165-6
21 ibidem
22 Lieven, *Nicholas*, p. 35
23 Witte, p. 179
24 Vorres, p. 38, 62
25 Maria, grã-duquesa da Rússia, *Things*, p. 3
26 citado em M. Buchanan, p. 5
27 Maylunas, p. 7
28 Lincoln, p. 591
29 Alexandre Mikhailovich, p. 71
30 Witte, p. 37
31 Alexandre Mikhailovich, p. 67
32 ibidem, p. 71
33 ver Laqueur, p. 46
34 Klausen, Dagmar, p. 29-30
35 Van der Kiste e Hall, p. 11
36 Vorres, p. 32
37 Alexandre Mikhailovich, p. 57
38 Van der Kiste e Hall, p. 15
39 Vorres, p. 53, 52
40 A a Minny, 7 jul. 1876, citado em Van der Kiste e Hall, p. 3
41 Vorres, p. 52
42 J a Alexandre III, Natal de 1891, GARF 677/1/753
43 Vorres, p. 54
44 ver exemplos a respeito de Nicolau in Maylunas, p. 77
45 Bokhanov, p. 28
46 Donald Mackenzie Wallace, memorando sobre a política externa russa, 1903, RA VIC/MAIN/W/44/15c
47 Tchekhov a Suvorin, 9 dez. 1890, A. Tchekhov, *Letters*, Yarmolinsky (org.), Cidade do Cabo, 1997, p. 169
48 Vorres, p. 50
49 Weintraub, *Victoria*, p. 425
50 St Aubyn, p. 293

51 Weintraub, *Victoria*, p. 425, 428
52 Vorres, p. 54, 49
53 ver H. von Bismarck, 25 jul. 1888, *GP* 6, p. 328
54 Weintraub, *Victoria*, p. 291
55 Vorres, p. 237, 52
56 E a Gladstone, 10 abr. 1885, Magnus, p. 191
57 Röhl, *Young William*, p. 742
58 ver Lee, 1, p. 682
59 Nicolau, p. 12
60 Mossolov, p. 10
61 Duff, p. 250
62 Gilliard, p. 86-7
63 Minny a N, 21 jul. 1887, Bing, p. 32
64 N a Minny, 25 jun. 1887, ibidem, p. 34

4. Guilherme imperador (1888-90)

1 V a RV, 16 mar. 1888, RA VIC/MAIN/Z/41/27
2 Röhl, *Young Wilhelm*, p. 804
3 Caprivi citado 28 jun. 1887, Holstein, 2, p. 346
4 Röhl, *Young Wilhelm*, p. 764
5 Salisbury a RV, 21 abr. 1888, *LQV*, 3.1, p. 397-8
6 Malet a Salisbury, 28 abr. 1888, RA VIC/MAIN/I/56/45
7 Holstein, 2, p. 373
8 V, 25 abr. 1888, RA VIC/MAIN/Z/500/2
9 F. Ponsonby, *Letters*, p. 304
10 15 jun. 1888, RA GV/PRIV/GVD
11 E. Ludwig, p. 54
12 F. Ponsonby, *Letters*, p. 322
13 Cecil, *Wilhelm*, 1, p. 133
14 St Aubyn, p. 273
15 Nicolson, p. 40
16 F. Ponsonby, *Letters*, p. 317
17 Malet a Salisbury, 24 jun. 1888, RA VIC/Z/MAIN/68/131
18 H. Ponsonby, citado em Balfour, *The Kaiser*, p. 110
19 ver E a Cristiano de Schleswig-Holstein, 3 abr. 1889, *LQV* 3.1, p. 488
20 RV a Ponsonby, 28 jun. 1888, *LQV*, 3.1, p. 421
21 Roberts, p. 484
22 RV, *Journal*, 27 jun. 1888, *LQV*, 3.1, p. 421
23 Salisbury, *DNB*
24 Roberts, p. 511
25 Balfour, *Britain and*, p. 239
26 Frances, condessa de Warwick, *Afterthoughts*, p. 24
27 Roberts, p. 316
28 Cecil, *Wilhelm*, 1, p. 120
29 RV a J, 3 jul. 1888, *LQV*, 3.1, p. 423

30 J a RV, 6 jul. 1888, RA VIC/MAIN/I/56/84
31 Pakula, *An Uncommon*, p. 500
32 J a RV, 6 jul. 1888, RA VIC/MAIN/II/56/84
33 Guilherme II, *My Memoirs*, p. 26
34 RV a E, 24 jul. 1888, *LQV*, 3.1, p. 433
35 RV a Salisbury, 7 jul. 1888, ibidem, p. 429
36 Benson, p. 73
37 Malet a Salisbury, 14 jul.1888, RA VIC/MAIN/I/56/86
38 Viereck, p. 74
39 Herbert von Bismarck a J, 3 jul. 1888, *GP*, 6, p. 314
40 Pourtalès a Holstein, 25 jul. 1888, Holstein, 3, p. 293
41 Schweinitz a Bismarck, 25 jul. 1888, *GP*, 6, p. 334
42 H. von Bismarck, 25 jul. 1888, *GP*, 6, p. 328
43 Schweinitz a Bismarck, 25 jul. 1888, *GP*, 6, p. 334
44 Pourtalès a Holstein, 25 jul. 1888, Holstein 3, p. 290
45 ibidem, p. 335
46 Cowles, *Edward VII*, p. 89
47 E a Cristiano de Schleswig-Holstein, 3 abr. 1889, *LQV*, 3.1, p. 488; ver também Walpurga Paget, *Embassies*, 1, p. 460
48 E a RV, *LQV*, 3.1, p. 488
49 Salisbury a RV, 13 out. 1888, *LQV*, 3.1, p. 438-40
50 Paget, *Embassies*, 1, p. 461
51 RV a Salisbury, 15 out. 1888, *LQV*, 3.1, p. 440-1
52 *LQV*, 3.1, p. 440-1
53 Salisbury a RV, 15 out. 1888, *LQV*, 3.1, p. 442
54 RV a Salisbury, 24 out. 1888, RA VIC/MAIN/I/56/95
55 Salisbury a RV, 25 dez. 1888, Roberts, p. 524
56 Guilherme ao tsar Alexandre, 13 mar. 1885, Lee, 1, p. 485-6
57 Kohut, *Wilhelm II*, p. 203
58 ver Lee, 1, p. 682
59 St Aubyn, p. 278-9
60 A a J, 17 out. 1888, Rose, p. 164
61 Malet a RV, 29 mar. 1889, *LQV*, 3.1, p. 484
62 Roberts, p. 486
63 H. von Bismarck, 1891, citado em Röhl, *Young Wilhelm*, p. 688
64 RV a E, 7 fev. 1889, *LQV*, 3.1, p. 467
65 Malet a RV, 30 mar. 1889, RA VIC/MAIN/I/57/20
66 Cristiano de Schleswig-Holstein a E, 8 abr. 1889, *LQV*, 3.1, p. 491
67 Cristiano de Schleswig-Holstein a E. 13 abr. 1889, *LQV*, 3.1, p. 493, n. 1
68 G a Malet, 14 jun. 1889, *LQV*, 3.1, p. 504
69 Corti, p. 323
70 Knollys a Cristiano de Schleswig-Holstein, 8 jun. 1889, *LQV*, 3.1, p. 501
71 J a Alexandra, 2 out. 1888, RA GV/PRIV/AA/36/21
72 RV a V, 17 jul. 1889, Ramm, p. 91
73 RV, Diário, 2 ago. 1889, *LQV*, 3.1, p. 521-2
74 V a RV, 27 set. 1889, F. Ponsonby, *Letters*, p. 389-90
75 RV a V, 14 ago. 1889, Ramm, p. 90

76 Röhl e de Bellaigue, p. 102-3
77 G a RV, 17 ago. 1889, RA VIC/MAIN/I/57/53
78 G a RV, 30 out. 1889, RA VIC/MAIN/I/57/67
79 G a RV, 22 dez. 1889, RA VIC/MAIN/I/57/75
80 G a RV, 6 fev. 1891, RA VIC/MAIN/E/56/40
81 Henry Ponsonby a RV, 25 fev. 1891, RA VIC/MAIN/E/56/41
82 Salisbury a RV, 24 out. 1889, RA VIC/I/MAIN/57/66
83 Tuchman, p. 288
84 ver Pourtalès a Holstein, 22 fev. 1890, Holstein, 3, p. 327
85 Kennan, p. 398
86 Holstein, 1, p. 250
87 Waldersee, 2, p. 71-2
88 Cecil, *Wilhelm*, 1, p. 132
89 Pakula, *An Uncommon*, p. 519
90 N a Minny, 20 out. 1889, Bing, p. 39
91 26 out. 1889, RA GV/PRN/GVD
92 Mallet, p. 52
93 Waldersee, 2, p. 73
94 ibidem, p. 115-6
95 Lee, 1, p. 622
96 Alexandra a J, 11 abr. 1890, Nicolson, *King George*, p. 42
97 Airlie, p. 119
98 Guilherme a RV, 27 mar. 1890, RA VIC/MAIN/1/58/32
99 23 mar. 1890, RA GV/PRIV/GVD
100 Malet a Salisbury, 12 fev. 1890, *LQV*, 3.1, p. 565-6
101 *Daily Chronicle*, 4 jul. 1891
102 Rich, 1, p. 307
103 Salisbury a RV, 7 abr. 1890, *LQV*, 3.1, p. 591
104 sir Schomberg Mcdonnell a J, 26 out. 1914, RA PS/PSO/GV/M/688a/I

5. Jovens apaixonados (1891-4)

1 Alexandre Mikhailovich, p. 16
2 ver entradas de 1890, Nicolau II
3 ver De Jonge, p. 101
4 Zedlitz-Trützschler, p. 95
5 King, p. 246
6 Bedford, p. 24
7 St Aubyn, p. 104
8 Charques, p. 18
9 Nicolau II, p. 36
10 Nicolau II, 15 dez. 1891, GARF 60'/I/227
11 Vorres, p. 67
12 Nicolau II, p. 45
13 G a RV, 8 dez. 1891, RA VIC/MAIN/I/59/53
14 Eduardo, duque de Windsor, *A King's*, p. 27

15 J. Morris, 2, p. 425
16 St Aubyn, p. 170
17 G a RV, 18 jan. 1892, RA VIC/MAIN/Z/93/91
18 Nicolau II, 2 jan. 1892, p. 39
19 Nicolson, *King George*, p. 46
20 27 jul. 1892, RA GV/PRIV/GVD
21 ver Pakula, *The Last*, p. 53-8
22 RV a J, 6 abr.1892, citado em Rose, p. 25
23 V a RV, 26 nov. 1891, RA VIC/MAIN/Z/51/49
24 Pope-Hennessy, *Queen Mary*, p. 186
25 Balfour a Salisbury, citado em Cook, *Prince Eddy*, p. 226-7
26 ver Pakula, *The Last*, p. 53-8
27 Pope-Hennessy, *Queen Mary*, p. 247
28 ver os álbuns *Royal Family in Denmark*, Royal Collection, Windsor
29 J a Oliver Montagu, 28 set. 1892, Gore, p. 106
30 J a RV, 2 nov. 1892, RA VIC/MAIN/476/21
31 Rose, p. 27
32 Diário, 4 mai. 1893, *LQV*, 3.2, p. 253
33 21 jun. 1893, Wilfred Scawen Blunt, *Secret Memoirs XVI*, Fitzwilliam Museum, Cambridge
34 Nicolson, p. 50
35 Pope-Hennessy, *Queen Mary*, p. 262-3
36 diário de Nicolau, 1º jun. [J]/13 1884, GARF 601/1
37 ibidem, 21 dez. 1891 [J]/2 jan. 1892, ibidem
38 Buxhoeveden, p. 12, 8
39 Fulford, *Beloved Mama*, p. 24
40 Buxhoeveden, p. 15
41 Lutyens, p. 66-8
42 mar. 1888, citado em Cook, *Prince Eddy*, p. 142
43 Epton, p. 196
44 Vorres, p. 54
45 ver Rohl e de Bellaigue, p. 495-6
46 G a RV, 28 jan. 1893, *LQV*, 3.2, p. 215
47 25 jan. 1893, GARF 601/1/229
48 J a RV, 4 jun. 1893, RA VIC/MAIN/Z/476/113
49 N a J, mar. 1907, RA W 51 59/29
50 N a Minny, 24 jun. [J]/6 jul. 1893, Bing, p. 71
51 diário de Nicolau, 21 jun. [J]/3 jul. 1893, GARF 601/1/230
52 diário de Nicolau, 25 jun. [J]17 jul. 1893, ibidem
53 diário de Nicolau, 26 jun. [J]/8 jul. 1893, ibidem
54 Bing, p. 71
55 diário de Nicolau, 20 jun. [J]/2 jul. 1893, GARF 601/1/230
56 5 jul. 1893, *LQV*, 3.2, p. 273
57 1º jul. 1893, RA VIC/MAIN/QVJ
58 Weintraub, *Victoria*, p. 181
59 1º jul. 1893, RA VIC/MAIN/QVJ
60 diário de Nicolau, 19 jun. [J]/1 jul. 1893, GARF 601/1 230

61 Bing, p. 72
62 2 jul. 1893, RA/GV/PRIV/GVD
63 Pope-Henessy, *Queen Mary*, p. 286
64 Alix a Xênia, Maylunas, p. 45
65 19 abr. 1894, Lutyens, p. 65
66 N a Minny, 10 abr. 1894, Bing, p. 75
67 Viereck, p. 184
68 Bing, p. 76
69 Diário, *LQV*, 3.2, p. 395
70 Nicolau II, p. 54
71 RV a N, 10[J]/22 abr. 1894, Maylunas, p. 59
72 A a RV, ibidem, p. 57
73 J a N, 21 abr. 1894, GARF 601/1/1219
74 N a J, 14[J]/26 abr. 1894, RA GV/PRIV/AA 43/35
75 Nicolau II, p. 81
76 diário de Nicolau, 14[J]/26 jun. 1894, GARF 601/1/232
77 7 jul. 1894, Nicolau II, p. 77-8
78 11 jul. 1894, *LQV*, 3.2, p. 413
79 A a N, 10[J]/22 abr. 1894, Maylunas, p. 60
80 Nicolau II, p. 81, 78
81 Morrow, p. 49
82 Eckhardstein, p. 76
83 N a A, 16 jun. 1894, Maylunas, p. 76
84 N a Minny, 27 jun. 1894, Bing, p. 84
85 Lee, 1, p. 399
86 Cowles, p. 159
87 G a RV, 24 ago. 1894, *LQV*, 3.2, p. 423
88 20 out. [J]/2 nov. 1894, Nicolau II, p. 107
89 Vorres, p. 68
90 Alexandre Mikhailovich, p. 168
91 Vorres, p. 67
92 N a RV, 30 out. 1894, Maylunas, p. 102
93 Vorres, p. 68
94 Lee, 1, p. 268-9
95 21 jun. 1894, RA VIC/MAIN/H/46/68
96 St Aubyn, p. 299
97 22 out. [J]/4 nov. 1894, Nicolau II, p. 110
98 Ellis a RV, 23 nov. 1894, RA VIC/Z/MAIN/499/145
99 Magnus, p. 246
100 Lascelles a RV, 14 nov. 1894, RA VIC/MAIN/Z/499/120
101 Lascelles a RV, 19 nov. 1894, RA VIC/MAIN/Z/499/134
102 Magnus, p. 248
103 J a RV, 28 nov. 1894, RA VIC/MAIN/Z/274/52
104 Charlotte Knollys, citado em St Aubyn, p. 298
105 King, p. 345
106 Massie, *Nicholas*, p. 44
107 Maria, rainha da Romênia, p. 68

108 Ellis a RV, 26 nov. 1894, RA VIC/Z/MAIN/274/43
109 Vorres, p. 76
110 J a RV, 28 nov. 1894, RA VIC/MAIN/274/52
111 Gore, p. 121
112 Ellis a Knollys, St Aubyn, p. 298
113 Ellis a Bigge, 1 nov. 1894, RA VIC/MAIN/Z/499/68
114 *Daily Telegraph*, 26 nov. 1894
115 Ellis a RV, RA VIC/MAIN/Z/499/145
116 Lee, 1, p. 692
117 Neilson, p. 147
118 *The Times*, 6 dez. 1894
119 *The Standard*, 3 dez. 1894
120 J a N, 25 dez. 1894, GARF 601/1/1219

6. Guilherme o anglófilo (1891-5)

1 Paget, *Embassies*, 1, p. 496
2 citado em Rohl e de Bellaigue, p. 276
3 Clark, *Wilhelm II*, p. 62
4 *Contemporary Review*, abr. 1892, p. 458
5 MacDonagh, p. 261
6 Epkenhans, p. 27
7 *Standard*, 16 jul. 1891
8 *The Times*, 2 jul. 1891
9 *Justice*, 30 jun. 1888
10 *Daily Telegraph*, 10 jul. 1891
11 Morley, 1, p. 272
12 Arthur Balfour a lady Elcho, citado em K. Young, p. 121
13 21 abr. 1891, Mallet, p. 52
14 Maria a Carlota, c. jul. 1890, citado em Röhl e de Bellaigue, p. 641
15 Kohut, *Wilhelm II*, p. 202
16 Diário, 4 jul. 1891, *LQV*, 3.2, p. 49
17 Maria da Romênia, p. 227
18 Ernst zu Hohenlohe-Langenburg, citado em Röhl e de Bellaigue, p. 362
19 Bulow, I
20 G a RV, 28 jan. 1893, *LQV*, 3.2, p. 215
21 duque de Windsor, *A King's*, p. 15
22 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 13
23 almirante Hollman, citado em Hull, p. 204
24 G a RV, 20 jul. 1891, RA VIC/MAIN/T/59/42
25 ver Roberts, p. 486
26 G a RV, 22 mai. 1892, RA VIC/MAIN/I/59/80
27 G a RV, 15 mar. 1892, *LQV*, 3.2, p. 106
28 Malet a H. Ponsonby, 4 abr. 1892, *LQV*, 3.2, p. 110
29 22 dez. 1891, Waldersee, 2, p. 228
30 G a RV, 15 mar. 1892, *LQV*, 3.2, p. 10

31 4 out. 1890, Waldersee, 2, p. 153
32 Hohenlohe, *Denkwürdigkeiten*, 2, p. 430
33 MacDonagh, p. 220
34 17 jul. 1892, Röhl, *Germany Without*, p. 102
35 Topham, p. 125-6
36 citado em Büllow, 1, p. 3
37 anúncio da Liga Pangermânica nos jornais, 24 jun. 1890
38 Balfour, *The Kaiser*, p. 159
39 Röhl e de Bellaigue, p. 275
40 Waldersee, 2, 16 mar. 1892, p. 235
41 RV a V, 22 set. 1891, Ramm (org.), p. 132
42 Kohut, *Wilhelm II*, p. 234
43 Salisbury a RV, 14 abr. 1892, *LQV*, 3.2, p. 110
44 A. Ponsonby, p. 297
45 RV a H. Ponsonby, 15 jun. 1892, RA VIC/MAIN/I/59/86
46 H. Ponsonby a Malet, 24 jun. 1892, *LQV*, 3.2, p. 125
47 E a J, 5 ago. 1892, Magnus, p. 240
48 St Aubyn, p. 284
49 ver Ferguson, *Empire*, p. 240
50 Kennedy, *The Rise*, p. 213
51 Grey, *25 Years*, p. 15
52 Haller, 1, p. 142-3
53 Hull, p. 17
54 Haller, 1, p. 144-6
55 MacDonagh, p. 180
56 Haller, 1, p. 144-6
57 2 ago. 1893, RA VIC/MAIN/QVJ
58 Eckhardstein, p. 55
59 Röhl e de Bellaigue, p. 486
60 Rich, p. 365
61 ibidem, p. 370
62 Eckhardstein, *Lebeserinnerungen und Politische Denkwürdigkeiten II*, Leipzig 1919-20, p. 161
63 Guilherme sobre Hatzfeldt a Caprivi, *GP*, 8, p. 439
64 Athlone, p. 147
65 Henrique a J, 17 mai. 1900, RA GV/PRIV/AA/43/95
66 Röhl e de Bellaigue, p. 492
67 Benson, p. 109
68 Kennedy, *The Rise*, p. 215
69 G a RV, 24 abr. 1894, *LQV*, 3.2, p. 396
70 Malet a RV, jun. 1894, RA VIC/MAIN/I 60/77
71 *Daily Telegraph*, 7 ago. 1894
72 ver Gosselin ao ME, 5 nov. 1894, RA VIC/MAIN/I/60/100
73 nov. 1894, Kimberley, RA VIC/I/MAIN/60/102
74 Grey, p. 10
75 Craig, p. 245
76 12 out. 1896, Holstein a Radolin, Holstein, 3, p. 548

77 3 mai. 1895, Eulemburgo a Holstein, ibidem, p. 511-2
78 4 dez. 1895, Lascelles, PRO FO 800/17 F
79 Monson a ME, 8 nov. 1894, RA VIC/MAIN/I/60/101
80 Röhl, *Germany Without*, p. 73
81 Steinberg, "The Kaiser", p. 7
82 Cecil, *Wilhelm*, 1, p. 124
83 Afflerbach, p. 202
84 St Aubyn, p. 284
85 10 jun. 1895, Hohenlohe, p. 76
86 Kiderlen Wachter a Holstein, 7 ago. 1895, Holstein, 3, p. 537
87 Eckhardstein, p. 56
88 Guilherme a RV, 8 jan. 1896, RA VIC/MAIN/Z/500/5
89 Roberts, p. 612
90 RV a Salisbury, 8 ago. 1895, *LQV*, 3.3, p. 547-8
91 ver 7 ago. 1895, Holstein, 3, p. 538
92 subsecretário von Rotenhan a Holstein, Kohut, "Kaiser Wilhelm II and his parents", p. 84-5

7. A pérfida Moscóvia (1895-7)

1 Ellis a RV, 26 nov. 1894, RA VIC/MAIN/Z/274/43
2 diário de Constantino Romanov, 9 nov. 1894, Maylunas, p. 106
3 Lascelles a Kimberley, 12 fev. 1895, RA VIC/MAIN/H/46/110
4 Charques, p. 54
5 Radzinsky, p. 42
6 Lascelles, 26 fev. 1895, RA VIC/MAIN/H/46/112
7 N a E, 3 [J]/15 fev. 1895, RA VIC/MAIN/T/10/41
8 *Daily Telegraph*, 16 nov. 1895
9 Neilson, p. 155-6
10 RV a N, 15 mai. 1895, RA VIC/MAIN/H/46/121
11 N a RV, 10 [J]/22 mai. 1895, GARF 601/I/1111
12 relatório Lascelles, 9 out. 1895, RAVIC/MAIN/H/46/132
13 Neilson, p. 64
14 O'Conor, 7 set. 1896, ibidem
15 Diário, 8 abr. 1896, *LQV*, 3.3, p. 39
16 Diário, 6 abr. 1896, ibidem
17 E. Morris, p. 245
18 nota de G sobre Randolin a Holstein, 28 dez. 1897, Holstein, 4, p. 60-61
19 Randolin a Holstein, 19 nov. 1895, Holstein, 3, p. 565
20 Witte, p. 179
21 Rosen, 1, p. 101
22 Vorres, p. 108
23 Neilson, p. 82
24 G a RV, RA VIC/MAIN/I/59/98
25 G a N, 27 out. [J]/8 nov. 1894, Maylunas, p. 100-1
26 Eulemburgo a Holstein, 11 jan. 1895, Holstein, 3, p. 489
27 G a N, 7 fev. 1895, Grant, p. 7-8

28 Munster a Holstein, 11 jun. 1895, Holstein, 3, p. 517
29 G a N, 26 abr. 1895, ibidem, p. 10
30 *GP*, 9, nº 2318
31 G a N, 26 abr. 1895, Grant, p. 10
32 citado em Röhl e de Bellaigue, p. 755
33 ver Hohenlohe, *GP*, 9, 12 set. 1895, nº 2319, p. 360-1, e também McLean, p. 29-30
34 G a N, 26 set. 1895, Grant, p. 20-1
35 G a N, 25 out. 1895, ibidem, p. 23
36 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 54
37 Holstein a Radolin, 30 out. 1895, Holstein, 3, p. 556
38 18 set. 1895, Nicolau II, p. 134
39 Gefferson, p. 220
40 ver Duff, p. 192
41 Röhl e de Bellaigue, p. 650
42 G a N, 19 abr. 1896, Grant, p. 37
43 Mossolov, p. 108
44 ver Holstein a Radolin, 6 jul. 1895, Holstein, 3, p. 530
45 24 jun. 1895, ibidem, p. 137
46 Mackenzie Wallace, 1903, RA VIC/MAIN/W/44/15c
47 Kennedy, *The Rise*, p. 218-9
48 G a N, 25 out. 1895, Grant, p. 27
49 Röhl e de Bellaigue, p. 784
50 G a Marschall, 25 out. 1895, *GP*, 2, p. 8-11
51 F. Lascelles, 4 dez. 1895, PRO FO 800/17
52 Röhl e de Bellaigue, p. 764
53 G a Hohenlohe, *GP*, 10, p. 251-5
54 Holstein a Eulemburgo, 21 dez. 1895, Holstein, 3, p. 576-7
55 Chiral citado em Röhl e de Bellaigue, p. 784
56 G a N, 2 jan. 1896, Grant, p. 29
57 Balfour, *Britain and Joseph*, p. 229
58 Röhl e de Bellaigue, p. 787
59 G ao presidente Kruger do Transvaal, 3 jan. 1896, *GP*, 2, p. 31-2
60 St Aubyn, p. 285
61 Diário, 2 jan. 1896, *LQV*, 3.3, p. 6
62 Knollys a Bigge, 4 jan. 1996, ibidem, p. 7
63 Bülow, 4, p. 665
64 22 fev. 1896, lady Lytton, p. 60
65 G a RV, 8 jan. 1896, RA VIC/MAIN/Z/500/5
66 Salisbury a RV, 12 jan. 1896, *LQV*, 3.3, p. 20-1
67 Roberts, p. 626
68 Röhl e de Bellaigue, p. 789, 796-7
69 ver Holstein a Radolin, 21 mai. 1896, Holstein, 3, p. 615
70 *GP*, 2, nº 2771
71 Hatzfeldt citado em Röhl e de Bellaigue, p. 798
72 G a N, 26 abr. 1896, GARF 601/1/1219
73 ver Hatzfeldt a Holstein, 28 abr. 1896, Holstein, 3, p. 608
74 Röhl e de Bellaigue, p. 968

75 Wickham-Steed, p. 67
76 Mons a Bülow, abr. 1896, Bülow, 1, p. 32
77 Waldersee, 2, p. 356-7
78 G a N, 17 abr. 1896, GARF 601/1/1219
79 lady Lytton, p. 68
80 ver por exemplo, O'Conor a RV, 31 mai. 1896, RA VIC/MAIN/H/47/17
81 Maylunas, p. 151
82 RV a O'Conor, 3 jun. 1896, RA VIC/H/MAIN/47/19
83 O'Conor a RV, 2 jun. 1896, RA VIC/MAIN/H/47/17
84 lady Lytton, p. 36
85 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 15
86 Roberts, p. 406
87 N a Minny, 13 [J]/25 set. 1896, Bing, p. 118
88 RV a V, 25 set. 1896, Ramm, p. 195
89 Lutyens, p. 74, 80
90 N a Minny, 2 [J]/14 out. 1896, Bing, p. 119-20
91 N a Minny, 13 [J]/25 set. 1896, ibidem, p. 118
92 22 set. 1896, RA GV/PRIV/GVD
93 Observei que: Diário, 24 set. 1896, *LQV*, 3.3, p. 83
94 RV a Salisbury, 24 set. 1896, ibidem, p. 81
95 N a Minny, 2 [J]/14 out. 1896, Bing, p. 120
96 Jefferson, p. 217-8, 128
97 G ao Ministério do Exterior, 9 set. 1896, *GP*, 2, nº 2861, p. 360
98 Jefferson, p. 220
99 Diário, 28 set. 1896, *LQV*, 3.3, p. 84; ver também Jefferson, p. 216
100 27 set. 1896, Lutyens, p. 80
101 Salisbury a RV, 29 set. 1896, *LQV*, 3.3, p. 85-102
102 RV, relato sobre conversa com N, 2 out. 1896, RA VIC/MAIN/H/48/4
103 Mallet, p. 94, n. 2
104 RV a N, 5 out. 1896, RA VIC/H/MAIN/48/10
105 N a V, 10 out. 1896, GARF 601/I/1111
106 Rosen, 1, p. 128
107 Radolin a Hohenlohe, 17 jan. 1897, Hohenlohe, p. 292-4
108 N a Minny, 2 [J]/14 out. 1896, Bing, p. 125
109 G a Hohenlohe, 20 out. 1896, *GP*, 2, nº 2868
110 Kiderlen-Wächter a Holstein, 15 jan. 1907, Holstein, 4, p. 3
111 Holstein a Radolin, 10 jan. 1897, ibidem, 4, p. 1
112 Neilson, p. 65
113 O'Conor a ME, 24 jan. 1897, RA VIC/MAIN/H/48/32, ver também Buchanan, 1, p. 169
114 Cook, M, p. 135-6
115 G a RV, 2 jan. 1897, RA VIC/MAIN/I/61/1
116 Röhl e de Bellaigue, p. 967
117 G a RV, 10 abr. 1897, RA VIC/MAIN/Z/500/7
118 Diário, 29 ago. 1897, *LQV*, 3.3, p. 197
119 31 mai. 1897, Mallet, p. 21
120 J. Morris, 2, p. 28
121 Ferguson, *Empire*, p. 240

122 22 jun. 1897, RA GV/PRIV/GVD
123 J. Morris, 2, p. 422
124 *The Times*, 17 jul. 1897
125 Roberts, p. 627
126 5 nov. 1896, Mallet, p. 95
127 ver Mike Davis, *Late Victorian Holocausts*, p. 141
128 Bülow ao ME, 10 ago. 1897, *GP*, 13, p. 76
129 ver 20 ago. 1897, *GP*, 13
130 N a Minny, 23 jul. 1897, Bing, p. 128
131 G ao ME, 6 nov. 1897, *GP*, 14, p. 67
132 Bülow ao ME, 11 ago. 1897, *GP*, 14, p. 58
133 Röhl e de Bellaigue, p. 960
134 N a Jorge, 29 mar. 1898, Maylunas, p. 171
135 ver Neilson, p. 184-95
136 G a N, 1º jan. 1898, Grant, p. 44
137 Bülow, 1, p. 205
138 von Derenthall a Hohenlohe, 21 jun. 1899, *GP*, 13, p. 213
139 Cecil, "Wilhelm II and", p. 123-4

8. Por trás do muro (1893-1904)

1 Buxhoeveden, p. 245
2 Tuchman, p. 230, 2ª citação: relato de W. T. Stead sobre o encontro com Nicky, nov. 1898, RA VIC/H 48/62
3 24 out. 1894, Nicolau II, p. 134
4 ibidem, p. 125
5 10 jun. 1895, ibidem, p. 130
6 Radolin a Holstein, 19 nov. 1895, Holstein, 3, p. 565
7 Buxhoeveden, p. 52
8 ibidem, p. 58
9 Maria, grã-duquesa da Rússia, *A Romanov*, p. 82
10 Vorres, p. 73
11 Mossolov, p. 54
12 King, p. 250
13 Buxhoeveden, p. 77
14 Mossolov, p. 30
15 Buxhoeveden
16 Mossolov, p. 239
17 Radolin a Hohenlohe, 18 ago. 1897, *GP*, 13, p. 79
18 Botkin, p. 31
19 Lytton, p. 81
20 Dehn, cap. 2
21 Mossolov, p. 197
22 Ethel Howard, p. 177
23 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 257
24 conde Gleichen a E, 10 mar. 1905, RA VIC/W 45/126

25 Topham, p. 125-6
26 Görlitz, *Der Kaiser*, p. 206
27 Witte, p. 101
28 Buxhoeveden, p. 109
29 N a Minny, 7 [J]/19 ago. 1896, Bing, p. 116-7
30 Virubova, p. 57-8
31 Botkin, p. 61
32 Lamsdorff, *Dnevnik*, p. 401
33 Diário de Constantino Romanov, 27 dez. 1897, Maylunas, p. 167
34 Neilson, p. 54
35 Tschirrsky a Hohenlohe, 16 jun. 1898, Auswartiges Amtes, Russland nº 82/1/Bd 4, R10691
36 MacDonogh, p. 220
37 Mossolov, p. 127, 13
38 ibidem, p. 129
39 ver Mackenzie Wallace, 10 nov. 1902, RA VIC/W 43/149
40 Mossolov, p. 10
41 Polovtsova, *Krasny Arkhiv*, 3, p. 131
42 US Library of Congress Country Studies, 1996
43 Pares, p. 157
44 Buxhoeveden, p. 108-9
45 Witte, p. 179
46 Minny a N, 1[J]/12 out. 1902, Bing, p. 162-3
47 N a Minny, 20 out. [J]/2 nov. 1902, ibidem, p. 167
48 Nicolson, p. 51
49 Athlone, p. 123
50 Nicolson, p. 51
51 ver Gore, p. 126
52 Nicolson, *Diaries*, p. 174
53 3 dez. 1893, Nicolau II, p. 43
54 MacDonogh, p. 231
55 Cannadine, *Decline*, p. 369
56 21 mai. 1894, in St Aubyn, *Royal George*, p. 300
57 Gore, p. 126
58 A. Ponsonby, *The Decline of the Aristocracy*, p. 142-4
59 Diário, set. 1897, *LQV*, 3.3, p. 202
60 Pope-Hennessy, *Queen Mary*, p. 280
61 ibidem, p. 368
62 ibidem, p. 279
63 Airlie, p. 107
64 Pope-Hennessy, *Queen Mary*, p. 282
65 Battiscombe, p. 258
66 Pope-Hennessy, *Queen Mary*, p. 52
67 Gore, p. 129
68 Brown, p. 29
69 Pope-Hennessy, *Queen Mary*, p. 423-4
70 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 279
71 Pope-Hennessy, *Queen Mary*, p. 292

72 Rose, p. 64
73 Pope-Hennessy, *Lonely Business*, p. 214
74 J a N, 21 dez. 1901, GARF 601/I/1219
75 14 dez. 1897, Mallet, p. 121
76 3 ago. 1898, ibidem, p. 137
77 Airlie, p. 102
78 Pope-Hennessy, *Lonely Business*, p. 215
79 Windsor, *A King's*, p. 8
80 Bradford, p. 38
81 Nicolson, p. 39
82 Airlie, p. 112-3
83 Windsor, *A King's*, p. 47
84 "Prince John: The Windsors' Tragic Secret", Channel 4, 17 nov. 2008
85 Metternich a Bülow, 23 fev. 1900, Auswartiges Amtes, Russland nº 82/I/Bd 42, R10661
86 Nicolson, *King George*, p. 57
87 6 jan. 1896, RA VIC/MAIN/Z/500/6
88 5 nov. 1896, Mallet, p. 95
89 Lincoln, p. 590
90 Nicolau II, p. 141
91 Röhl e de Bellaigue, p. 758
92 O'Conor ao ME, 24 jan. 1897, RA VIC/MAIN/H/48/32
93 Röhl e de Bellaigue, p. 758
94 Bülow, 1, p. 314
95 ver Lucy Brown, p. 48-53, ver também Alan J. Lee
96 Roberts, p. 667-8
97 G a E, 30 dez. 1901, RA VIC/MAIN/X 37/51
98 Bülow, 1, p. 314
99 Lerman, p. 120
100 Rosen, 1, p. 190-1

9. Imperativos imperiais (1898-1901)

1 RV a Vicky, 18 ago. 1897, Ramm, p. 206
2 Steiner e Neilson, p. 68-9
3 Balfour, *The Kaiser*, p. 202
4 Craig, p. 273-4
5 Röhl e de Bellaigue, p. 1027
6 Tuchman, p. 227
7 Bülow, 4, p. 625
8 Kennedy, *The Rise*, p. 227
9 Bülow, 4, p. 159
10 Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 75
11 15 jun. 1897, ibidem, p. 224
12 ver Bigge a RV, 14 mar. 1898, RA VIC/MAIN/I/61/31
13 Lee, 1, p. 735
14 Warwick, p. 47

15 Balfour, *Britain and*, p. 239
16 ibidem, p. 243
17 Vicky a G, 31 mai. 1898, Röhl e de Bellaigue, p. 976
18 G a Vicky, 1º jun. 1898, Holstein, 4, p. 82
19 Kennedy, *The Rise*, p. 235
20 Röhl e de Bellaigue, p. 981
21 20 jul. 1898, Eulemburgo, 3, nº 1381
22 G a Vicky, 2 ago. 1898, *LQV*, 3.3, p. 262-3
23 Salisbury a RV, 1º ago. 1898, RA VIC/MAIN/I/61/57
24 Lascelles a Knollys, 24 mar. 1905, RA VIC/MAIN/W/45/146
25 Zedlitz-Trützschler, 10 out. 1905, p. 150-1
26 Cecil Spring-Rice, citado em Steinberg, "The Kaiser and the British", p. 124
27 Röhl e de Bellaigue, p. 983
28 G a V, 20 nov. 1898, ibidem, p. 985
29 Lascelles a Salisbury, 21 dez. 1898, Gooch e Temperley, vol. 1, p. 102-4
30 Bülow citado, 3 nov. 1904, Zedlitz-Trützschler, p. 93, 27
31 Grierson a Bigge, 1º abr. 1899, RA VIC/MAIN/I/62/9a
32 Tuchman, p. 212-3
33 Stead, ago. 1898, RA VIC/MAIN/H/48/62, ver também Tuchman, p. 230
34 Vicky a RV, 31 ago. 1898, Ramm, p. 218
35 Warwick, *Afterthoughts*, p. 138
36 Tuchman, p. 224
37 Neilson, p. 118
38 Mackenzie Wallace a E, 1903, RA VIC/MAIN/W/44/15
39 Fromkin, p. 41
40 A. J. Mahan, "The Conference and the Moral Aspect of War", *North American Review*, out. 1899
41 RV a N, 1º mar. 1899, GARF 601/I/1194
42 Diário, 17 fev. 1899, *LQV*, 3.3, p. 340
43 N a RV, 13 mar. 1899, GARF 601/I/1111
44 ver Diário, 28 out. 1898, *LQV*, 3.3, p. 300; ver também Scott a Salisbury, 17 nov. 1898, RA VIC/H 48/63
45 N a RV, 13 mar. 1899, GARF 601/I/1111
46 Neilson, p. 202
47 Grierson a Lascelles, 5 mai. 1899, *LQV*, 3.3, p. 357-9
48 Grierson a Bigge, 4 mai. 1899, RA VIC/MAIN/I/62/10a
49 P. Kennedy, *The Samoan Tangle*, Dublin, Irish University Press, 1984
50 G a RV, 18 mai. 1899, RA VIC/MAIN/I/62/14
51 RV a G, 12 jun. 1899, RA VIC/MAIN/I/62/18
52 ver Cecil, *Wilhelm*, 1, p. 326
53 Röhl e de Bellaigue, p. 998
54 21 jul. 1898, Haller, 2, p. 61-2
55 Röhl e de Bellaigue, p. 1049
56 Roberts, p. 666
57 RA VIC/MAIN/W/42/16
58 N a Minny, 9 [J]/21 nov. 1899, Bing, p. 142
59 J. Morris, *Pax Britannica*, 3, p. 91

60 19 fev. 1900, Mallet, p. 187
61 Fraser, p. 177
62 Mallet, p. 184
63 Weintraub, *Victoria*, p. 611
64 Bülow, 1, p. 301, 310
65 *Daily News*, 20 nov. 1899
66 *The Times*, 20 nov. 1899
67 Bülow, 1, p. 305
68 ibidem, p. 319, 305-6, 320
69 ibidem, p. 315
70 Eckhardstein a Hatzfeldt, 31 jul. 1899, Holstein, 4, p. 146
71 Bertie a Bigge, 28 nov. 1899, RA VIC/I 62/71
72 Bülow, 1, p. 339
73 27 nov. 1899, RA GV/PRIV/GVD
74 Lee, 1, p. 748
75 G a E, 21 dez. 1899. RA VIC/MAIN/W 160/26
76 E a G, 8 fev. 1900, Lee, 1, p. 758-9
77 Townley, p. 66-77
78 G a E, 23 fev. 1900, RA VIC/MAIN/W/60/89
79 Geyer, p. 201
80 ver Lee, 1, p. 563-5
81 ibidem, 1, p. 766-7
82 G a E, 23 fev. 1900, RA VIC/MAIN/W/60/89
83 G a E, 3 mar. 1900, RA VIC/MAIN/W 60/105
84 Lascelles a Salisbury, 9 mar. 1900, RA VIC/MAIN/I/62/83
85 G a RV, 31 mar. 1900, Lee, 1, p. 773
86 Salisbury a RV, 10 abr. 1900, *LQV*, 3.3, p. 525
87 Weintraub, *The Importance*, p. 379
88 *Daily Telegraph*, 27 out. 1908
89 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 73
90 Bülow, 1, p. 500
91 Rennell, p. 96
92 Guilherme II, *My Memoirs*, p. 99
93 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 82
94 E a V, 1º fev. 1901, St Aubyn, p. 314
95 20-22 jan. 1900, RA GV/PRIV/GVD
96 Guilherme II, *Ereignisse und Gestalten*, p. 87
97 9 jan. 1901, Maylunas, p. 204
98 N a E, 16 [J]/29 jan. 1901, GARF 601/I/1131
99 Hamilton, mar. 1901, in Neilson, p. 217
100 *Daily Telegraph*, 5 fev. 1901
101 *Justice*, 2 fev. 1901
102 3 fev. 1901, Henry James, *Letters*, Edel (org.), Belnap Press, Cambridge, MA, 1987, p. 328-9
103 G a Bülow, 29 jan. 1901, *GP*, 17, nº 4987, p. 24-9
104 Bülow, 1, p. 502
105 Kohut, "Kaiser Wilhelm II and his parents", p. 85

106 Kennedy, *The Rise*, p. 224
107 Weintraub, *Victoria*, p. 390
108 Edel, 3, p. 87
109 Waters, p. 63

10. O quarto imperador (1901-4)

1 Sackville-West, p. 15
2 Ettie Desborough a Arthur Balfour, fim de fev. 1906, Derv. C1085/10, Desborough papers, Hertford archives and county record office
3 Antrim, p. 47
4 Warwick, *Afterthoughts*, p. 16
5 J. Vincent (org.), *The Crawford Papers*, 1984, p. 39
6 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 274, 124
7 Fisher, p. 5
8 "Edwardian Winners and Losers", BBC4, 16 mai. 2007
9 Wilson, p. 582
10 ver F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 275
11 G a Bigge, 25 dez. 1907, Nicolson, *King George*, p. 65
12 Balfour a E, 6 fev. 1901, ibidem, p. 67-8
13 G a N, 3 jan. 1902, GARF 601/I/129
14 Nicolson, *King George*, p. 70
15 J. Wilson, p. 349
16 E a Lansdowne, 31 dez. 1902, Lee, 2, p. 280
17 Bülow ao ME, 4 nov. 1901, *GP*, 18(i), p. 34-5
18 Tuchman, p. 230
19 Lee, 2, p. 279
20 McLean, p. 98
21 Büllow, 1, p. 528 e Pakula, *An Uncommon Woman*, p. 597-8
22 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 122
23 Athlone, p. 148
24 ver Cecil, "Wilhelm II and his Russian colleagues", p. 99
25 Kennedy, *The Rise*, p. 246
26 ver Waters, p. 37
27 Eckhardstein, p. 217
28 E a Lascelles, 25 dez. 1901, RA VIC/MAIN/X/37/49
29 G a E, 30 dez. 1901, RA VIC/MAIN/X 37/51
30 Cecil, *William*, 2, p. 84
31 G a E, 6 jan. 1902, RA VIC/MAIN/X 37/52
32 Lascelles a Knollys, 17 jan. 1902, FO 800/10
33 E a G, 15 jan. 1902, RA VIC/MAIN/W 42/58
34 G a Bigge, 9 jan. 1902, Gore, p. 176
35 ver Knollys a Lansdowne, 22 jan. 1902, RA VIC/W 42/65
36 G a May, 27 jan. 1902, RA QM/PRIV/CC3/13
37 Bülow, 1, p. 548-50
38 G a M, 27 jan. 1902, RA QM/PRIV/CC3/13

39 26 jan. 1902, RA GV/PRIV/GVD
40 Topham, p. 197
41 Eckhardstein a Bülow, 17 set. 1902, Auswartiges Amtes, Inglaterra 78/Bd 6
42 ver Bülow, 1, p. 333
43 Pope-Hennessy, p. 289
44 G a E, 28 jan. 1902, RA VIC/MAIN/W/42/70
45 Bülow, 2, p. 61
46 Balfour, DNB
47 G a E, 26 fev. 1902, RA VIC/MAIN/X 37/55
48 1º jun. 1902, RA GV/PRIV/GVD
49 as estimativas das baixas na Guerra dos Bôeres (e outras guerras da época) variam enormemente; os dados aqui reproduzidos constam de Hobsbawm, p. 306, Ferguson, *Empire*, p. 280 e T. Pakenham, *The Boer War*, Londres, Weidenfeld, 1979
50 *History of The Times*, 3, p. 366-8
51 Neilson, p. 67
52 1º jun. 1902, Lee, 2, p. 145, 153
53 12 nov. 1902, RA GV/PRIV/GVD
54 G a N, 30 dez. 1902, GARF 601/I/1219
55 Eckhardstein, p. 245
56 3 fev. 1903, RA VIC/MAIN/43/49
57 Lascelles a Knollys, 20 mar. 1903, RA VIC/MAIN/W 43/63
58 Kennedy, *The Rise*, p. 230
59 N a Minny, 2 [J]/15 set. 1901, Bing, p. 151
60 Bülow a ME, 14 set. 1901, *GP*, 18, p. 24-9
61 Hardinge, p. 108
62 Izvolski, p. 29
63 19 jul. [J]/1º ago. 1901, Geyer, p. 166
64 Mossolov, p. 204
65 Bülow, 1, p. 541
66 Alix a N, 22 jul. 1902, Maylunas, p. 216
67 Bülow, 1, p. 573
68 Mossolov, p. 203
69 Bülow a G, 11 jul. 1902, *GP*, 18(i), p. 55
70 Mossolov, p. 246
71 G a N, 3 jan. 1902, GARF 601/1/1219
72 Mackenzie Wallace, 10 nov. 1903, RA VIC/W 43/149
73 Mackenzie Wallace a Knollys, 1º set. 1903, RA VIC/MAIN/W/43/121
74 Hardinge, *DNB*
75 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 159
76 ver Cambon, 22 dez. 1920, *The Times*
77 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 154, 170
78 Heifer, p. 188
79 Vorres, p. 88
80 Bülow, 7 nov. 1903, *GP*, 18(i), nº 5422, p. 71
81 G a N, 19 nov. 1903, Grant, p. 99
82 Osten-Sacken, 15 [J]/28 abr. 1904, GARF 601/I/703
83 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 128

84 Young, p. 202
85 Grey, p. 206

11. Consequências inesperadas (1904-5)

1 Geyer, p. 190
2 Figes, *A People's*, p. 169
3 Bülow, 2, p. 28
4 Lincoln, p. 640
5 Hardinge a Knollys, 25 mai. 1906, RA VIC/MAIN/W 144/103
6 Witte, p. 189
7 Alexandre Mikhailovich, p. 217
8 G a N, 9 jan. 1904, Grant, p. 106
9 G a N, 3 jan. 1904, ibidem, p. 105
10 Balfour, Neilson, p. 239
11 Lansdowne a Eduardo, 18 fev. 1904, RA VIC/MAIN/W/44/34
12 ver Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 389, n. 7
13 Geyer, p. 168
14 Lee, 2, p. 285
15 E a N, 12 mai. 1904, RA VIC/MAIN/W/44/95
16 Hardinge a Knollys, 25 mai. 1904, RA VIC/MAIN/W/44/103
17 Hardinge a Knollys, 19 set. 1904, RA VIC/MAIN/W/45/88
18 Patrick French, *Younghusband*, 1994, p. 253
19 ver Alvensleben a Bülow, 11 mai. 1904, *GP*, 19(i); ver também nota de G a Bülow sobre Bernstorff, 5 mai. 1904, Inglaterra, nº 81 nº 1, Bd 12, Geheimes Staatsarchiv
20 Bülow a G, *GP*, 20(i), p. 24, nº 6379
21 Zedlitz-Trützschler, 21 jul. 1904, p. 80
22 Bülow, 2, p. 23
23 Zedlitz-Trützschler, p. 80-1
24 Bülow, 2, p. 27
25 28 jun. 1904, Lee, 2, p. 295
26 Zedlitz-Trützschler, 21 jun. 1904, p. 80
27 Bülow, 2, p. 25-8, 23
28 Marder, p. 477
29 Bülow, 2, p. 30, 26
30 Lee, 2, p. 302
31 Kokovtsov, p. 46
32 N a E, 24 out. 1904, Lee, 2, p. 301
33 Hardinge, p. 108
34 G a E, 24 out. 1904, Nicolson, *King George*, p. 83
35 N a Minny, 13 [J]/26 out. 1904, Bing, p. 178
36 Lee, 2, p. 303-4
37 N a G, 16 [J]/28 out. 1904, GARF, 601/I/1200
38 G a N, 30 out. 1904, Grant, p. 139
39 G a N, 21 dez. 1904, Grant, p. 151
40 17 nov. 1904, ibidem, p. 142

41 ver N a G, 28 nov. [J]/11 dez. 1904, GARF 601/I/1200
42 21 nov. 1904, Zedlitz-Trützschler, p. 106
43 Büllow, 2, p. 83
44 Zedlitz-Trützschler, p. 161
45 ver Cambon, 17 nov. 1904, *DDF*, 2.5, p. 535
46 7 dez. 1904, Zedlitz-Trützschler, p. 109
47 29 jun. 1905, Maylunas, p. 278
48 21 dez. 1904, Nicolau II, p. 197
49 9 jan. 1905, ibidem, p. 207
50 Hardinge, p. 113-4
51 G a N, 6 fev. 1905, Grant, p. 160
52 G a N, 21 fev. 1905, Grant, p. 171
53 Nicolau II, p. 204
54 Kokovtsov, p. 50
55 Figes, *A People's*, p. 171
56 Hardinge a Knollys, fev. 1905, RA VIC/W45/109
57 E. Morris, Theodor Rex, p. 385
58 Waters a Davidson, 7 mai. 1905, RA VIC/MAIN/X/19/32
59 N a Minny, 19 out. [J]/1º nov. 1905, Bing, p. 187
60 Hardinge a Knollys, 6 jun. 1905, RA VIC/MAIN/W/46/36
61 Hardinge a Knollys, 5 jul. 1905, RA VIC/MAIN/W46/64
62 Hardinge a Knollys, 22 ago. 1905, RA VIC/MAIN/W46/144
63 Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 95
64 Lee, 2, p. 340
65 E a Luís de Battemburgo, 15 abr. 1905, Hough, p. 188
66 ver Magnus, p. 345, e Lascelles a Knollys, 24 mar. 1905, RA VIC/MAIN/W/45/146
67 Roosevelt a Spring-Rice, 16 jun. 1905, citado em Fiebig von Hase, p. 153
68 St Aubyn, p. 334
69 Bülow, 2, p. 182
70 J a Knollys, 26 mar. 1905, RA VIC/MAIN/W/45/147
71 Seckendorff a E, 15 ago. 1905, RA VIC/MAIN/W/46/231
72 Knollys a Seckendorff, 23 ago. 1905, RA VIC/MAIN/W/46/285
73 Newton, p. 330
74 Bülow, 2, p. 146-7
75 N a G, 7 [J]/20 jul. 1904, GARF 601/I/1200
76 *GP*, 19(ii), nº 6220, p. 460
77 Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 389, n. 7
78 *GP*, 19(ii), nº 6220, p. 460
79 Bülow, 2, p. 13
80 G a N, 27 jul. 1905, Grant, p. 192-4
81 *GP*, 19(ii), nº 6220
82 G a N, 27 jul. 1905, Grant, p. 192-4
83 Izvolski, p. 49; ver também Macdonald, p. 80
84 Lerman, p. 90
85 ver Bülow, 2, p. 138-47; *GP*, 19(ii), nº 6237, p. 499-500
86 G a N, *GP*, 19(ii), p. 513-4
87 N a Minny, 27 out. [J]/9 nov. 1905, Bing, p. 191

88 Witte, p. 247, Mossolov, p. 90
89 N a Minny, 19 out. [J]/1º nov. 1905, Bing, p. 186-7

12. Mudanças no continente (1906-8)

1 E. Morris, p. 441
2 Hull, "The Entourage", p. 129
3 Oppel, p. 324
4 13 mar. 1906, Zedlitz-Trützschler, p. 169, 160-2
5 Lee, 2, p. 525
6 G a E, 1º fev. 1906, RA VIC/MAIN/X/37/62
7 *GP*, 21(i), 9 mar. 1906, p. 267-8
8 19 mar. 1907, Zedlitz-Trützschler, p. 177-8
9 13 mar. 1906, ibidem, p. 162
10 13 mar. 1906, ibidem, p. 169-70
11 Lee, 2, p. 352, 528
12 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 182
13 15 abr. 1907, Lee, 2, p. 541-2
14 Esher, 2, p. 182-3
15 Steiner, p. 43
16 Grey, p. 85
17 Spring-Rice a Knollys, 1º mar. 1906, RA VIC/MAIN/W/46/75
18 Figes, *A People's*, p. 197
19 N a Minny, 27 out. [J]/9 nov. 1905, Bing, p. 190-1
20 N a Minny, 30 ago. [J]/12 set. 1906, ibidem, p. 217
21 Spring-Rice a Grey, 18 abr. 1906, FO 800/72
22 Nicolson, 2 jan. 1907, RA VIC/MAIN/W/50/152
23 N a Minny, 12 [J]/25 jan. 1907, Bing, p. 212
24 Massie, *Nicholas*, p. 153
25 Maylunas, p. 291
26 Battiscombe, p. 254
27 Mossolov, p. 139
28 Maylunas, p. 293
29 Kokovtsov, p. 131
30 Nabokov, p. 60
31 Alexandre Mikhailovich, p. 228-9
32 Tuchman, p. 344
33 Dugdale, 1, p. 335
34 Steiner, p. 139
35 Arthur Balfour, *DNB*
36 St Aubyn, p. 402
37 Bentley Brinkerhoff, p. 17
38 Plumptre, p. 189
39 E a J, 19 mar. 1906, Jenkins, p. 91
40 St Aubyn, p. 409
41 Rose, p. 71

42 Hibbert, p. 210
43 A. C. Benson, 10 nov. 1908, Rose, p. 119
44 15 mai. 1910, diários de Hobhouse, David (org.), p. 91
45 N a Minny, 29 mar. [J]/11 abr. 1907, Bing, p. 228-9
46 Grey, p. 145
47 Nicolau II, p. 219
48 Lascelles a Grey, nov. 1906, RA VIC/W 50/39
49 Witte, p. 432
50 Grey, p. 154
51 Grey a Knollys, 28 mar. 1906, Trevelyan, p. 183
52 Pless, p. 159
53 von Miquel a Bülow, 27 set. 1907, *GP*, 25(i), no. 8537, p. 45-7
54 ver Steinberg, "The Kaiser and the British", p. 130
55 J a N, 28 dez. 1907, GARF 601/I/1219
56 Alexandre Mikhailovich, p. 233
57 Minny a N, 28 fev. [J]/13 mar. 1907, Bing, p. 222
58 Guilherme, príncipe herdeiro da Alemanha, p. 15
59 Witte, p. 457
60 Sombart, in Röhl e Sombart, p. 304 *Homosexualität*: usado pela primeira vez na Grã-Bretanha em traduções e comentários do trabalho de Krafft-Ebing, ver *OED*
61 *The Times*, 25 out. 1907
62 G a E, 31 out. 1907, RA VIC/MAIN/W/52/47
63 Bülow, 2, p. 296
64 E a G, 31 out. 1907, RA VIC/MAIN/W/52/48
65 13 nov. 1907, RA GV/PRIV/GVD
66 Steinberg, "The Kaiser and the British", p. 137
67 Morley, 2, p. 237
68 Haldane, p. 221
69 Esher, 2, p. 285
70 Zedlitz-Trützschler, p. 38
71 Steinberg, "The Kaiser and the British", p. 134
72 14 dez. 1907, Holstein, 4, p. 509
73 20 dez. 1907, Morley, 2, p. 238
74 Lee, 2, p. 605
75 G sobre Metternich a Bülow, *GP*, 24, nº 8193, p. 46
76 MacDonald, *The Labour Leader*, mai. 1908
77 Plumptre, p. 208
78 Heifer, p. 253
79 Felix Semon, *Autobiography*, 1926, p. 267
80 Cecil, "William II and his Russian", p. 132-3
81 Hardinge, p. 157
82 Trewin, p. 10
83 Mossolov, p. 211, 210
84 Hardinge, p. 156
85 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 196
86 Gibbes, p. 8
87 Grey, p. 212

88 Brook-Shepherd, p. 330
89 St Aubyn, p. 363
90 12 ago. 1908, C. Howard, p. 176
91 ibidem, p. II
92 Wickham-Steed, p. 282
93 Bülow, 2, p. 313
94 Hardinge, p. 162
95 Bülow, 2, p. 313
96 Zedlitz-Trützschler, 19 abr. 1907, p. 183
97 Bülow a G, 15 jul. 1908, *GP*, 24, nº 8216, p. 96-9
98 Steinberg, "The Kaiser and the British", p. 134
99 Epkenhans, p. 15
100 Clemenceau a Pichon, 29 ago. 1908, *DDF*, 2.11, p. 749-52
101 26 set. 1908, Esher, 2, p. 343
102 G sobre Stumm a Bülow, 8 set. 1908, Auswartiges Amtes, Inglaterra nº 78, Bd 6

13. Crise nos Bálcãs (1908-9)

1 E a Asquith, 13 out. 1908, RA VIC/MAIN/R/29/53
2 Nicolson a Grey, 4 nov. 1908, Neilson, p. 58, documentos Grey, FO 8001222
3 Neilson, p. 302
4 Kokovtsov, p. 216
5 *Nation*, 31 out. 1908
6 *Westminster Gazette*, 31 out. 1908
7 Esher, 2, 28 out. 1908, p. 352
8 Bülow, 2, p. 376
9 Magnus, p. 400
10 Haller, 2, p. 72
11 Hull, "PKW and the Liebenburg Circle", p. 145
12 Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 13
13 C. Howard, p. 28
14 T. Cole, "The Daily Telegraph Affair", p. 256
15 Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 137
16 Zedlitz-Trützschler, 8 fev. 1909, p. 252-3
17 Tuchman, p. 310
18 11 nov. 1908, documentos Hardinge I, Cambridge University Library, ver também Hardinge, p. 170
19 E a Knollys, 25 nov. 1908, RA VIC/MAIN/W/53/37
20 ver Zedlitz-Trützschler, 26 nov. 1908, p. 224
21 Topham, p. 200-1
22 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 259
23 Hardinge, p. 171
24 Trevelyan, p. 154-5
25 Mansergh, p. 127
26 Bülow a G, 11 jan. 1909, Geheimes Staatsarchiv, Rep 53, Lit B 16a, Bd Iv
27 Fromkin, p. 74-5

28 Berghahn, p. 91, 93
29 N a G, 15 [J]/28 dez. 1908, *GP*, 26(i), nº 9187, p. 387-8
30 G a N, 5 jan. 1909, *GP*, 26(i), p. 388-91; G a N, 8 jan. 1909, Grant, p. 243-4
31 E a Knollys, 25 nov. 1908, RA VIC/MAIN/W/53/37
32 Zedlitz-Trützschler, 10 fev. 1909, p. 258
33 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 253
34 Redesdale, 1, p. 78
35 Hardinge, p. 163-4
36 Hardinge a Knollys, Lee, 2, p. 262
37 G a N, 8 jan. 1908, Grant, p. 242
38 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 258
39 G a Francisco Ferdinando, 12 fev. 1908, Kann, p. 332
40 McLean, p. 134
41 Kann, p. 332
42 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 258
43 Pourtalès a Izvolski, *GP*, 26, p. 693
44 Lieven, *Origins*, p. 22, 21
45 ibidem, p. 132
46 Nicolson a Grey, 29 mar. 1909, em Grey, *25 Years*, p. 189
47 N a Minny, 19 mar. [J]/2 abr. 1909, Bing, p. 241
48 G a N, 3 abr. 1909, Grant, p. 246-7
49 Hardinge a E, 7 abr. 1909, RA VIC/MAIN/W/55/16
50 McLean, p. 60
51 Zedlitz-Trützschler, 26 mar. 1909, p. 265
52 9 abr. 1909, ibidem, p. 267
53 Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 176
54 Roosevelt a sir G. O. Trevelyan, 1º out. 1911, *Letters of T. Roosevelt VII*, Morrison (org.), p. 397
55 K. Young, p. 248
56 ver RA VIC/MAIN/X/22/64
57 Massie, *Dreadnought*, p. 621
58 ibidem e n.
59 Woodward, p. 238, n. 4
60 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 264-5
61 T. Cole, "The Daily Telegraph Affair", p. 261
62 Neilson, p. 308
63 10 mar. 1909, ibidem, p. 304
64 2 ago. 1909, RA GV/PRIV/GVD
65 duque de Windsor, *A King's*, p. 69
66 Mossolov, p. 109

14. O manto de Eduardo (1910-11)

1 6 mai. 1910, RA GV/PRIV/GVD
2 Brook Shepherd, p. 536-7
3 Scawen Blunt, *My Diaries*, Londres, 1919, p. 721-2

4 Wickham Steed, p. 289
5 G a Bethmann-Hollweg, 7 mai. 1910, Abteilung 1A, Inglaterra nº 78, Secretissima, Ban 25 (R 5791)
6 Garlitz, *Der Kaiser*, p. 78
7 6 mai. 1910, RA GV/PRIV/GVD
8 N a G, 28 abr. [J]/8 mai. 1910, RA GV/PRIV/AA 43/129
9 Google, The Victorian Web: salários, custo de vida e equivalentes contemporâneos
10 Minny a N, 7 [J]/20 mai. 1910, Bing, p. 254
11 *Daily Telegraph*, 24 mai. 1910
12 ibidem, 20 mai. 1910
13 19 mai. 1910, RA GV/PRIV/GVD
14 *Daily Chronicle*, 20 mai. 1910
15 *Daily Mail*, 20 mai. 1910
16 G a Bethmann-Hollweg, *GP*, 28, p. 326
17 Battiscombe, p. 274
18 Epkenhans, p. 33
19 16 mai. 1910, Esher, 3, p. 3
20 7 mai. 1910, RA GV/PRIV/GVD
21 David Cecil, *Max*, Londres, Bodley Head, 1964, p. 331
22 Airlie, p. 128
23 F. Ponsonby a Ria Ponsonby, 4 abr. 1913, citado em Rose, p. 147
24 Pope-Hennessy, *Queen Mary*, p. 421
25 18 abr. 1911, Esher, 3, p. 48-9
26 Rose, p. 96
27 21 ago. 1910, Esher, 3, p. 15
28 Rose, p. 77
29 J a Godfrey-Faussett, 28 jul. 1914, ibidem, p. 158
30 Rose, p. 173
31 Blake, *Bonar-Law*, p. 167
32 21 jan. 1914, Esher, 3, p. 54
33 8 set. 1910, Lloyd George, *Letters*, p. 152
34 Rose, p. 110
35 Asquith a Venetia Stanley, set. 1912, Asquith, p. 42
36 12 mai. 1912, Rose, p. 160
37 ver Metternich a Bethmann-Hollweg, 25 set. 1911, *GP*, 29, p. 244-6
38 J a N, 27 mai. 1910, GARF 601/I/1219
39 J a N, 15 mar. 1911, ibidem
40 25 ago. 1910, Esher, 3, p. 17; J a N, 14 fev. 1912, GARF 601/I/1219
41 Gore, p. 197
42 N a J, 15[J]/26 jan. 1911, RA GV/PRIV/AA 43/151
43 J a N, 14 fev. 1912, GARF 601/I/1219
44 out. 1912, Hobhouse, *Diaries of Charles Hobhouse*, E. David (org.), Londres, Murray, 1977, p. 123
45 ver Tuchman, p. 362
46 Plumptre, p. 243
47 14 out. 1911, Esher, 3, p. 65
48 Massie, *Nicholas*, p. xiii

49 16 set. 1910, Lloyd George, *Letters*, p. 158
50 Adonis, *Bonar-Law*, p. 114

15. Comemorações e advertências (1911-14)

1 G a J, 15 fev. 1911, RA GV/PRIV/AA 43/152
2 Guilherme II, *My Memoirs*, p. 139-41
3 19 mai. 1910, Morley, 2, p. 344
4 J a N, 15 mar. 1911, GARF 601/I/1219
5 Hough, p. 242
6 Strachan, p. 40
7 Grey, p. 233
8 Mombauer, *Helmuth von Moltke*, p. 122
9 Massie, *Dreadnought*, p. 740
10 Nicolson, p. 186
11 H. Pogge von Strandemann (org.), Rathenau, *Notes and Diaries*, Oxford, OUP, 1985, p. 147
12 Asquith, anotações nas reuniões de gabinete, 15 fev. 1912, RA PS/PSO/GV/C/R/157
13 Epkenhans, p. 27
14 Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 172
15 G a Mettemich, *GP*, 31, p. 183
16 Neilson, p. 69
17 Sazonov, *Fateful Years*, p. 27-34.
18 N a G, 15 [J]/28 nov. 1910, RA GV/PRIV/AA 43/146
19 N a Minny, 31 out. [J]/13 nov. 1910; Bing, p. 260
20 N a Minny, 20 jun. 1912, Bing, p. 270
21 Kokovtsov, p. 320-3
22 N a G, 1º [J]/14 set. 1912, RA GV/PRIV/AA 43/187
23 Neilson, p. 323
24 Buchanan, 1, p. 170
25 N a Minny, 12 [J]/25 out. 1912, Bing, p. 279
26 N a G, 23 out. [J]/5 nov. 1912, Geheimes Staatsarchiv, BPH 53/247
27 J a Grey, 8 dez. 1912, RA PS/PSO/GV/C/M/520A/1A
28 Heinrich a G, *GP*, 39, p. 119
29 Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 186
30 Strachan, p. 42
31 Henrique a G, 14 dez. 1912, RA PS/PSO/GV/C/M/520A/2A
32 Woodward, p. 405
33 Vorres, p. 130
34 King, p. 401
35 Kokovtsov, p. 360
36 citado em Sosemann, p. 53
37 Kershaw, *Hitler*, 1, p. 80
38 *Frankische Tagespost*, 1913, citado em Sösemann, p. 54
39 *Berlin Tageblatt*, 1913, ibidem, p. 58
40 Kokovtsov, p. 360

41 King, p. 410
42 van der Kiste, p. 79
43 Vorres, p. 130
44 Kokovtsov, p. 283
45 Bruce-Lockhart a Grey, 22 jan. 1916, Neilson, p. 83
46 Kokovtsov, p. 308
47 Paléologue, 1, p. 331
48 Lloyd George, 16 set. 1911, p. 158
49 Memorando sem data, RA PS/PSO/GV/C/K/2553/1/70
50 Asquith a Venetia Stanley, 26 mar. 1914, Asquith, p. 61
51 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 299
52 G a Francisco Ferdinando, 27 mai. 1913, Kann, p. 348
53 citado em Rose, p. 166
54 Henrique a G, 14 dez. 1912, RA PS/PSO/GV/C/M/520A/2A
55 Maclean, p. 243
56 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 293
57 23 mai. 1913, RA GV/PRIV/GVD
58 J a N, 16 jun. 1914, RA PS/PSO/GV/C/M 624/3
59 Kokovtsov, p. 389
60 ibidem, p. 391, 398
61 Oldenburg, p. 133; ver Kokovtsov, p. 402-3, Macdonald, p. 193-5
62 McLean, p. 67
63 ibidem, p. 197, PRO FO 371 2.092, 15.312, 3 abr. 1914, p. 292-6
64 citação de Paul Benckendorff em Lieven, *Nicholas II*, p. 197
65 Fischer, p. 334-6
66 Buchanan, 1, p. 117
67 J a N, 16 jun. 1914, RA PS/PSO/GV/C/M 624/3
68 declaração da Liga Pangermânica, 19 abr. 1914
69 Fromkin, p. 110

16. Julho de 1914

1 J a Asquith, 26 mar. 1914, Asquith, p. 91
2 28 jun. 1914, RA GV/PRIV/GVD
3 Alexandre Mikhailovich, p. 257
4 Geiss, p. 64-5
5 Strachan, p. 11
6 Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 200
7 Fromkin, p. 164
8 Geiss, p. 77
9 Macdonald, p. 204
10 Paléologue, 1, p. 12-3
11 citado em Lieven, *Nicholas II*, p. 200
12 Gilliard, p. 100
13 Bülow, 3, p. 184
14 Geiss, p. 222

15 Fromkin, p. 219
16 Buchanan, 1, p. 198
17 25 jul. 1914, RA GV/PRIV/GVD
18 Asquith a J, 25 jul. 1914, RA PS/PSO/GV/C/R/157
19 Nicolson, *King George*, p. 246
20 Geiss, p. 206
21 Jenkins, p. 325
22 Bradford, p. 76
23 N a J, 29 jul. 1914, 1h da manhã
24 G a N, 29 jul. 1914, 1h45 da manhã
25 N a G, 16 [J]129 jul. 1914, RA PS/PSO/GV/C/Q 1549/1
26 29 jul. 1914, RA GV/PRIV/GVD
27 Nicolson, *George V*, p. 245
28 Fromkin, p. 224
29 Grey, p. 317
30 G a N, 29 jul. 1914, 6h30 da manhã
31 N a G, 29 jul. 1914, 8h20 da manhã
32 N a G, 30 jul. 1914, 1h20 da manhã
33 Massie, *Nicholas*, p. 257
34 G a N, 30 jul. 1914, 1h20 da manhã
35 N a G, 31 jul. 1914
36 G a N, 31 jul. 1914
37 Geiss, p. 290
38 Geiss, p. 288-90
39 G sobre Pourtalès a Jagow, 30 jul. 1914, Geiss, p. 295
40 Mossolov, p. 256
41 N a G, 1º ago. 1914
42 Gilliard, p. 105
43 Pourtalès, 1, p. 196-7
44 elegrama do ME, citando telegrama do governo alemão, 1º de agosto de 1914, RA PS/PSO/GV/C/Q/1549/11
45 Asquith a Venetia Stanley, Asquith, p. 140
46 31 jul. 1914, RA GV/PRIV/GVD
47 Asquith a Venetia Stanley, Asquith, p. 140
48 J a N, 1º ago. 1914, RA PS/PSO/GV/C/Q/1549/11; também arquivado em GARF, 601/1/1219
49 1º ago. 1914, RA GV/PRIV/GVD
50 N citado por Buchanan a J, 2 ago. 1914, RA PS/PSO/GV/C/Q/1549/15
51 ibidem
52 G a J, 1º ago. 1914, RA PS/PSO/GV/C/Q/1549/12
53 Tuchman, *Guns of August*, p. 80-1
54 Clark, *Wilhelm II*, p. 213
55 Jorge a Guilherme, 1º ago. 1914, RA PS/PSO/GV/C/Q/1549/1
56 Tuchman, *Guns of August*, p. 81
57 Balfour, *The Kaiser*, p. 385
58 Tuchman, *Guns of August*, p. 80-1
59 *The Times*, 4 ago. 1914

60 2-4 ago. 1914, RA GV/PRIV/GVD
61 Röhl, "Delusion or Design", p. 87
62 Gilliard, p. 107

17. Uma guerra (1914-18)

1 3 ago. 1914, RA GV/PRIV/GVD
2 Gilliard, p. 107
3 Buchanan, 1, p. 213
4 Figes, *A People's*, p. 292
5 Kershaw, *Hitler*, 1, p. 89
6 Radzinsky, p. 1, n.
7 Figes, *A People's*, p. 252
8 MacDonogh, p. 364
9 Somervell, p. 495
10 14 out. 1914, Asquith, p. 278
11 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 329
12 Rose, p. 225
13 Windsor, *Family Album*, p. 54
14 Nicolson, *King George*, p. 252
15 Rose, p. 169
16 ibidem, p. 201
17 Jorge a Alexandra, 18 nov. 1917, RA GV/PRIV/AA37/73
18 25 jan. 1915, Stevenson, p. 25
19 Nicolson, *King George*, p. 288
20 Grigg, p. 499
21 J a N, 1º out. 1916, RA PS/PSO/GV/C/Q/1550/314
22 Figes, *A People's*, p. 256
23 Balfour, *The Kaiser*, p. 226-7
24 F. Ponsonby, *My Recollections*, p. 317
25 J a N, 15 jan. 1916, RA PS/PSOIGV/C/Q 1550/302
26 Hull, p. 267
27 out. 1914, Pless, p. 295
28 Gerard, p. 237
29 Afflerbach, p. 202
30 Garlitz, *The Kaiser*, p. 190
31 6 nov. 1914, ibidem, p. 42
32 Afflerbach, p. 209
33 Clark, *Kaiser Wilhelm*, p. 227
34 Gerard, p. 179
35 Epkenhans, p. 35
36 Figes, *A People's*, p. 262]
37 Knox, 1, p. 319
38 Vorres, p. 147
39 Figes, *A People's*, p. 263
40 Rodzianko, *Rasputin*, p. 115-7

41 Figes, *A People's*, p. 263
42 Gilliard, p. 137
43 Lincoln, p. 692
44 Krivoshein, citado em ibidem
45 Vorres, p. 148
46 Gilliard, p. 205, 142
47 30 ago. 1916, Fuhrman, p. 558
48 Mossolov, p. 174
49 Gilliard, p. 143
50 17 jan. 1915, Stevenson, p. 26
51 ver Neilson, p. 351
52 Minny a N, 1º[J]/14 fev. 1915, Bing, p. 292
53 Minny a N, 22 May [J]/4 jun. 1916, ibidem, p. 297
54 N a J, 11 [J]/24 jan. 1916, RA PS/PSO/GV/C/Q 2551/5
55 J a N, 13 jul. 1916, GARF 601/1/1219
56 N a J, 25 jun. [J]/8 jul. 1915, RA PS/PSO/GV/C/Q 2551/3
57 J a N, 8 ago. 1915, GARF 601/1/1219
58 Kokovtsov, p. 296
59 Alexandra a J, RA GV/PRIV/AA35/6
60 22 nov. 1916, Stevenson, p. 127
61 Gilliard, p. 110
62 Maylunas, p. 412
63 J a N, 23 ago. 1916, RA PS/PSO/GV/C/Q/1500/313
64 J a N, 1º out. 1916, RA PS/PSO/GV/C/Q/1550/314
65 8 ago. 1916, Garlitz, *The Kaiser*, p. 191
66 Strandemann (org.), Rathenau, p. 126
67 Esher, 3, p. 207
68 Pope-Hennessy, *Queen Mary*, p. 505
69 J a N, 7 jan. 1916, GARF 601/1/1219
70 Airlie, p. 138
71 4-11 jul. 1917, RA/PRIV/GVD
72 Gore, p. 293
73 Buxhoeveden, p. 245; ver também Vorres, p. 150
74 Kokovtsov, p. 478
75 Maylunas, p. 475
76 Mossolov, p. 162
77 Alexandre Mikhailovich, p. 185
78 Iusupov, p. 157
79 14 dez. 1916, Alexandra Feodorovna, p. 456
80 Alexandra a J, RA GV/PRIV/AA35/6
81 Alexandre Mikailovich, p. 275
82 Massie, *Nicholas*, p. 368; ver também Alexandre Mikhailovich, p. 283-4
83 Xênia a Minny, 21 jan. 1917, van der Kiste, p. 97
84 Rodzianko, p. 252
85 Buchanan, 2, p. 41
86 Buxhoeveden, p. 240
87 Buchanan, 2, p. 47

88 Buxhoeveden, p. 240
89 Maylunas, p. 513
90 Mossolov, p. 131
91 Alexandre Mikhailovich, p. 186
92 Paléologue, 3, p. 151-2
93 N a J, 4 [J]/17 fev. 1917, RA PS/PSO/GV/C/Q 2551/8
94 N a Alix, Nicolau II, *Letters*, p. 313
95 Nicolau II, p. 278
96 Pares, p. 443
97 N a Alexandra, 26 fev. [J]/11 mar. 1917, Fuhrmah, p. 696
98 Nicolau II, p. 279
99 Mossolov, p. 27
100 Nicolau II, 2[J]/15 mar. 1917, p. 278
101 13-15 mar. 1917, RA GV/PRIV/GVD
102 Grigg, *Lloyd George, War Leader*, p. 58
103 Stamfordham, memorando sobre discussão com Lloyd George, 22 mar. 1917, RA PS/PSO/GV/C/M
104 J a N, 19 mar. 1917, RA PS/PSO/GV/C/Q 1550/318
105 Buchanan, 2, p. 104
106 Nicolson, *King George*, p. 300
107 Buxhoeveden, p. 262
108 ver Gilliard, p. 217, Benckendorff, p. 30-5, Hanbury Williams, p. 170
109 Hanbury Williams, p. 170
110 memorando de Stamfordham, 22 mar. 1917, RA PS/PSO/GV/C/M/M/ 1067/29
111 Virubova, p. 212
112 Dehn, p. 189
113 Virubova, p. 213
114 diário de Nicolau, 5 abr. 1917, GARF 601/1/221
115 Stamfordham a Balfour, 30 mar. 1917, citado em Nicolson, *King George*, p. 301
116 Balfour a Stamfordham, 2 abr. 1917, ibidem
117 Stamfordham a Balfour, 6 abr. 1917, LG/F/3/2/19, Parliamentary Archives
118 Stamfordham a Balfour, 6 abr. 1917, RA PS/PSO/GV/C/M/1067/52
119 memorando de Stamfordham, 10 abr. 1917, RA PS/PSO/M/1067/61
120 Balfour a Lloyd George, 6 abr. 1917, LG/F/3/2/19, Parliamentary Archives
121 Balfour a Buchanan, 13 abr. 1917, FO 800/205 PRO
122 Buchanan a ME, 15 abr. 1917, FO 800/206 PRO
123 Meriel Buchanan, p. 196
124 Gilliard, p. 217
125 *The Times*, 21 abr. 1917
126 Nicolson, *King George*, p. 308
127 Lloyd George, *War Memoirs*, 3, p. 1644
128 Nicolson, p. 309
129 *The Times*, 13 nov. 1918
130 Gilliard, p. 216
131 Kerenski, p. 125
132 Benckendorff, p. 77
133 Garlitz, *The Kaiser*, p. 285

134 Clark, *Wilhelm II*, p. 238
135 Gilliard, p. 244, 257
136 ibidem, p. 256
137 Figes, *A People's*, p. 638
138 Kerenski, p. 237
139 Waters, p. 254-5
140 ver Michael Pearson, *The Sealed Train*, Londres, Macmillan, 1975
141 Figes, *A People's*, p. 385
142 25, 28 jul. 1917, RA GV/PRIV/GVD
143 31 ago. 1918, RA GV/PRIV/GVD
144 25 jul. 1918, Stamfordham a Esher, citado em Rose, p. 217
145 Stamfordham a Balfour, 22 jul. 1917, ibidem, p. 216
146 Windsor, *A King's*, p. 131-2
147 B. Hulderman, *Albert Ballin*, Londres, Cassel, 1922, p. 375
148 MacDonogh, p. 402
149 ibidem, p. 406
150 ibidem, p. 412
151 9 nov. 1918, RA GV/PRIV/GVD
152 MacDonogh, p. 414
153 lady N. Bentinck, *The Ex-Kaiser in Exile*, Londres, Hodder, 1922, p. 23
154 11 nov. 1918, RA GV/PRIV/GVD

Epílogo

1 para um resumo dos números de baixas na Primeira Guerra Mundial, ver por exemplo o website "20th century Atlas — death tolls"
2 Rose, p. 231, 229
3 Airlie, p. 142
4 Windsor, *A King's*, p. 131
5 van der Kiste, p. 166
6 agradeço a Jasper Heinzen pelos cálculos que efetuou, valendo-se de Samuel H. Williamson, *Six Ways to Compute the Relative Value of a U.S. Dollar Amount, 1790 to Present*, MeasuringWorth, 2008; ver measuringworth.com/uscompare/
7 Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 306
8 Röhl, "The Emperor's New Clothes", p. 29
9 Rose, p. 388
10 16 fev. 1918, Esher, 4, p. 181
11 Pope-Hennessy, *Queen Mary*, p. 522
12 Harold Laski, *Authority in the Modern State*, 1919
13 Stamfordham ao bispo de Chelmsford, 25 nov. 1918, RA PS/PSO/GV/O/1106/65
14 J a Alexandra, 17 fev. 1924, RA GV/PRIV/AA/38/65
15 Rose, p. 333-4
16 10 mai. 1935, Stevenson, p. 309
17 Cecil, *Wilhelm*, 2, p. 352
18 Weintraub, *Victoria*, p. 12
19 Rose, p. 408

20 Lees-Milne, 2, p. 237
21 G a Maria, 2 fev. 1936, RA PS/PSO/GV/C/O 2572/19
22 G a Maria, 1º out. 1938, RA PS/PSO/GV/C/C 46/270
23 G a Maria, 13 out. 1938, RA PS/PSO/GV/C/C 46/272, 3
24 G a Maria, 30 ago. 1939, RA PS/PSO/GV/C/C 45/1199

Bibliografia

Afflerbach, Holger, "Wilhelm II as Supreme Warlord in the First World War", em Mombauer e Deist (orgs.)

Airlie, Mabell, condessa de, *Thatched with Gold*, Ellis, Jennifer (org.), Londres, Hutchinson, 1962

Alexandre Mikhailovich, grão-duque, *Once a Grand Duke*, Londres, Cassell, 1932

Alexandra Feodorovna, *Letters of the Tsaritsa to the Tsar 1914-1916*, Londres, Duckworth, 1923

Allrey, Anthony, *Edward VII and His Jewish Court*, Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1981

Almedingen, E. M., *An Unbroken Unity: A Memoir of Grand Duchess Serge of Russia*, Londres, Bodley Head, 1964

Anon, *Recollections of Three Kaisers*, Londres, Herbert Jenkins, 1929

Antrim, Louisa, condessa de, *Louisa Lady in Waiting*, E. Longford (org.), Londres, Cape, 1979

Asquith, Herbert, *Letters to Venetia Stanley*, M. e E. Brock (orgs.), Oxford, OUP, 1982

Athlone, Alice, condessa de, *For My Grandchildren*, Londres, Evans Brothers, 1966

Balfour, Michael, *The Kaiser and His Times*, Londres, The Cresset Press, 1964

_____, *Britain and Joseph Chamberlain*, Londres, Allen and Unwin, 1985

Bartlett, R., *Chekhov: Scenes from a Life*, Illinois, The Free Press, 2004

Battiscombe, Georgina, *Queen Alexandra*, Londres, Constable, 1969

Bedford, Sybil, *A Legacy*, Londres, Penguin, 1999 (Weidenfeld, 1956)

Benckendorff, Constantine, *Half a Life*, Londres, Richards Press, 1954

Benckendorff, conde Paul, *Last Days at Tsarskoe Selo*, Londres, Heineman, 1927

Benson, E. F., *The Kaiser and the English Relations*, Londres, Longmans, Green and Company, 1936

Bentley Brinkerhoff, Gilbert, *David Lloyd George, A Political Life*, Londres, Batsford, 1987

Berghahn, Volker, *Germany and the Approach of War in 1914*, Londres, Palgrave Macmillan, 1993

Bigelow, Poultenay, *Prussian Memories 1864-1914*, Londres, G. P. Putnam's Sons, 1916

Bing, Edward J. (org.), *The Letters of Tsar Nicholas and Empress Marie*, Londres, Ivor Nicholson and Watson, 1937

Bokhanov, A. N., Knodt, M., Oustimenko, V., Peregudova, Z. e Tyutyunnik, L., *The Romanovs: Love, Power and Tragedy*, Leppi Publications, 1993

Bolitho, Hector (org.), *Further Letters of Queen Victoria, From the Archives of the House of Brandenburg-Prussia*, Londres, Thorton Butterwood Ltd, 1938

Botkin, Gleb, *The Real Romanovs*, Nova York, Fleming H. Revell, 1931

Bradford, Sarah, *George VI*, Londres, Penguin, 2002 (Weidenfeld, 1898)

Brook-Shepherd, Gordon, *Uncle of Europe*, Londres, Collins, 1975

Brown, Lucy, *Victorian News and Newspapers*, Oxford, Clarendon Press, 1985

Brown, Tina, *The Diana Chronicles*, Londres, Century, 2007

Buchan, John, *The King's Grace*, Londres, Hodder, 1935

Buchanan, sir George, *My Mission to Russia*, 2 vols., Londres, Cassell, 1923

Buchanan, Meriel, *The Dissolution of an Empire*, Londres, John Murray, 1932

Bülow, príncipe Bernhard von, *Memoirs*, 4 vols., Londres, Putnam, 1931

Buruma, Ian, *Voltaire's Coconuts, Anglomania in Europe*, Londres, Weidenfeld, 1999

Buxhoeveden, Sophy, *The Life and Tragedy of Alexandra Feodorovna, Empress of Russia*, Londres, Longman, 1928

Byrnes, R. F., *Pobedonostsev, His Life and Thought*, Bloomington, Indiana University Press, 1968
Cannadine, David, "The Concept, Performance and Meaning of Ritual: The British Monarchy and the 'Invention of Tradition' c. 1820-1977", in *The Invention of Tradition*, E. Hobsbawm e T. Ranger (orgs.), Cambridge, CUP, 1983
_____, *The Decline and Fall of the British Aristocracy*, New Haven, Yale University Press, 1990
_____, "Kaiser Wilhelm II and the British Monarchy", in *History and Biography. Essays in Honour of Derek Beales*, T. C. W. Blanning e D. Cannadine (orgs.), Cambridge, CUP, 1996
Cecil, Lamar, *Wilhelm II*, 2 vols., Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1989
_____, "History as Family Chronicle: Kaiser Wilhelm II and the Dynastic Roots of the Anglo-German Antagonism", em Röhl e Sombart (orgs.), *Kaiser Wilhelm, New Interpretations...*
_____, "Wilhelm II and His Russian 'Colleagues'", in C. Fink, I. Hull e M. Knox (orgs.), *German Nationalism and the European Response*, Oklahoma, University of Oklahoma Press, 1985
Charques, Richard, *The Twilight of Imperial Russia*, Londres, Phoenix House, 1958
Chekhov, Anton, *Letters of*, Yarmolinsky (org.), Londres, Cape, 1997
Clark, Alan (org.), *A Good Innings: The Private Papers of Lord Lee of Fareham*, Londres, John Murray, 1974
Clark, Christopher, *Wilhelm II*, Harlow, Longman, 2000
_____, *Iron Kingdom. The Rise and Downfall of Prussia, 1600-1947*, Londres, Allen Lane, 2006
Cole, Terence, "The Daily Telegraph Affair and its Aftermath", em Röhl e Sombart (orgs.)
_____, "Kaiser versus Chancellor", in R. J. Evans (org.)
Cook, Andrew, *Prince Eddy, the King Britain Never Had*, Stroud, Tempus, 2006
Corti, Egon, *The English Empress, a Study in the Relations between Queen Victoria and her Eldest Daughter*, Londres, Cassell, 1957
Cowles, Virginia, *Edward VII and His Circle*, Londres, Hamish Hamilton, 1956
Craig, Gordon, *Politics of the Prussian Army*, Oxford, OUP, 1955
_____, *Germany 1866-1945*, Oxford, OUP, 1981
Dehn, Lili, *The Real Tsaritza*, Londres, Thornton Butterworth, 1922
Deist, Wilhelm, "Kaiser Wilhelm II in the Context of His Military and Naval Entourage", Boston, Little Brown, em Röhl e Sombart (orgs.)
Duff, David, *Hessian Tapestry*, Newton Abbot, David and Charles, 1979
Dugdale, Blanche, *Arthur James Balfour*, 2 vols., Londres, Hutchinson, 1936
Dunlop, Ian, *Edward VII and the Entente Cordiale*, Londres, Constable and Robinson, 2004
Eckhardstein, Hermann van, *Ten Years at the Court of St James*, Londres, Thornton Butterworth, 1921
Edel, Leon, *Henry James, 1901-1916*, Londres, Rupert Hart Davis, 1972
Edward, duque de Windsor, *A King's Story*, Nova York, Putnam, 1951
Eley, Geoff, *Society, Culture and the State in Germany 1870-1930*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 1996
Epkenhans, Michael, "Wilhelm II and 'His' Navy, 1888-1918", in Mombauer e Deist (orgs.)
Epton, Nina, *Victoria and Her Daughters*, Londres, Weidenfeld, 1972
Esher, Reginald, visconde de, *The Journals and Letters of Reginald, Viscount Esher*, 4 vols., Londres, Ivor Nicholson and Watson, 1934
Eulenburg, Philipp, *Philipp Eulenburgs Politische Korrespondenz*, 3 vols., Röhl, John (org.), Boppard am Rhein, 1976-83
Evans, Richard J. (org.), *Society and Politics in Wilhelmine Germany*, Londres, Croom Helm, 1978
Fehrenbach, Elizabeth, "Images of Kaiserdom, German Attitudes to Kaiser Wilhelm II", em Röhl e Sombart

(orgs.)
Ferguson, Niall, *Empire, How Britain Made the Modern World*, Londres, Allen Lane, 2003
_____, *The War of the World*, Londres, Allen Lane, 2006
Fiebig van Hase, Ragnild, "The Uses of Friendship, the 'Personal Regime' of Wilhelm II and Theodore Roosevelt, 1901-1909", em Mombauer e Deist (orgs.)
Figes, Orlando, *A People's Tragedy, the Russian Revolution, 1891-1924*, Londres, Pimlico, 1997
_____, *Natasha's Dance, A Cultural History of Russia*, Londres, Penguin, 2003
Fischer, *War of Illusions, German Policies from 1911 to 1914*, Londres, Chatto, 1975
Fisher, barão John Arbuthnot, *Memories*, Londres, Hodder, 1919
Fraser, Peter, *Joseph Chamberlain: Radicalism and Empire, 1868-1914*, Londres, Cassell, 1966
Friedman, Dennis, *Darling Georgie; the enigma of George V*, Londres, Peter Owen, 1998
Fromkin, David, *Europe's Last Summer*, Londres, Heinemann, 2004
Fuhrman, Joseph T., *The Complete Wartime Correspondence of Tsar Nicholas II and Empress Alexandra*, Westport, Connecticut, Greenwood Press, 1999
Fulford, Roger (org.), *Dearest Child, the Private Correspondence of Queen Victoria and the Crown Princess of Prussia, 1858-1861*, Londres, Evans Brothers, 1964
_____, *Dearest Mama*, 1861-1864, Londres, Evans Brothers, 1968
_____, *Your Dear Letter*, 1865-1871, Londres, Evans Brothers, 1971
_____, *Darling Child*, 1871-1878, Londres, Evans Brothers, 1976
_____, *Beloved Mama*, 1879-1885, Londres, Evans Brothers, 1981
Geiss, Immanuel (org.), *July 1914 — The Oubreak of the First World War: Selected Documents*, Londres, Batsford, 1967
Gerard, James, *My First 83 Years*, Nova York, Doubleday, 1951
Gerois, B. V., *Souvenirs de Ma Vie*, Paris, Académie, 1969
Geyer, Dietrich, *Russian Imperialism, the Interaction of Domestic and Foreign Policy, 1860-1914*, Londres e New Haven, Yale University Press, 1987
Gilliard, Pierre, *Thirteen Years at the Russian Court*, Londres, Hutchinson, 1921
Gooch, C. P. e Temperley, H., *British Documents and the Origins of the War*, II vols., Londres, Stationery Office, 1926-32
Gore, John, *King George V: A Personal Memoir*, Londres, John Murray, 1941
Görlitz (org.), *The Kaiser and His Court*, Londres, Macdonald, 1961
_____, *Der Kaiser... Aufzeichnungen des Chefs des Marinekabinetts Admiral Georg Alexander v. Müller über die Ära Wilhelms II*, Göttingen, Musterschmidt Verlag, 1965
Grant, N. F. (org.), *The Kaiser's Letters to the Tsar Copied from the Government Archives in Petrograd and Brought from Russia by Isaac Don Levine*, Londres, Hodder, 1920
Grenville, J. A. S., *Lord Salisbury and Foreign Policy*, Londres, Athlone, 1964
Grey de Fallodon, sir Edward, *25 Years*, Londres, Hodder, 1925
Grigg, John, *Lloyd George, From Peace to War*, Londres, Methuen, 1985
_____, *Lloyd George, War Leader*, Londres, Allen Lane, 2002
Guilherme, príncipe herdeiro da Alemanha, *Memoirs*, Londres, Thornton Butterworth, 1922
Guilherme II da Alemanha, *My Early Life*, Londres, 1927 (tradução inglesa de *Aus Meinem Leben 1859-1888*)
_____, *My Memoirs, 1878-1918*, Londres, Cassell, 1922
_____, *Aus Meinem Leben, 1859-1888*, Berlim, Verlag von K. F. Koehler, 1927
Hall, Coryne, *Imperial Dancer*, Stroud, Sutton, 2005

Haller, Johannes, *Philipp Eulenburg, the Kaiser's Friend*, 2 vols., Londres, Seeker, 1930
Hannaford, Ivan, *Race, the History of an Idea in the West*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1996
Harcave, Sidney, *Count Sergei Witte and the Twilight of Imperial Russia*, Londres, M. E. Sharpe, 2004
Hardie, Frank, *The Political Influence of the British Monarchy, 1868-1952*, Londres, Batsford, 1970
Hardinge, sir Charles, *Old Diplomacy*, Londres, John Murray, 1947
Heffer, Simon, *Power and Place: the political consequences of Edward VII*, Londres, Weidenfeld, 1998
Hibbert, Christopher, *Edward VIII: A Portrait*, Londres, Allen Lane, 1979
Hobsbawm, Eric, *The Age of Empire 1875-1914*, Londres, Weidenfeld, 1987 (esta edição, Cardinal, 1989)
Hohenlohe-Schillingfürst, *Denkwürdigkeiten*, 2 vols., Stuttgart, Deutsche Verlags-Anstalt, 1907
Holstein, Friedrich von, *The Holstein Papers, The Memoirs, Diaries and Correspondence of Friedrich von Holstein*, 4 vols., N. Rich e M. H. Fisher (orgs.), Cambridge, CUP, 1953-63
Hough, Richard, *Louis and Victoria*, Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1974
House, E. M., *Intimate Papers*, 4 vols., C. Seymour (org.), Nova York, Kessinger Publishing, 2005
Howard, C. (org.), *The Diaries of Sir Edward Goschen, 1900-1914*, Londres, Royal Historical Society, 1980
Howard, Ethel, *Potsdam Princes*, Nova York, Dutton, 1915
Hull, Isabel V., *The Entourage of Wilhelm II*, Cambridge, CUP, 1982
_____, "Military Culture, Wilhelm II, and the End of the Monarchy in the First World War", in Mombauer and Deist (orgs.)
Izvolski, conde Aleksandr, *The Memories of Alexander Izvolsky*, C. L. Seeger (org.), Londres, Hutchinson, 1920
Jefferson, Margaret, "Lord Salisbury's Conversations with the Tsar at Balmoral 27-29 September 1896", *The Slavonic Review*, vol. 39, nº 2, dezembro de 1960
Jelavich, Barbara, *Russian's Balkan Entanglements 1806-1914*, Cambridge, CUP, 1991
Jenkins, Roy, *Asquith*, Londres, Collins, 1964
Joll, James, *The Origins of the First World War*, Harlow, Longman, 1992 (2ª edição)
Jonge, Alex de, *The Life and Times of Grigorii Rasputin*, Londres, Collins, 1982
Judd, Denis, *George V*, Londres, Weidenfeld, 1973
Kann, Robert A., "The Emperor William II and Archduke Franz Ferdinand in Their Correspondence", *American Historical Review*, nº 57, p. 323
Kennan, George, *The Decline of Bismarck's European Order: Franco-Russian Relations 1875-1890*, Princeton, Princeton University Press, 1979
Kennedy, Paul M., *The Rise of Anglo-German Antagonism*, Londres, Allen and Unwin, 1980
_____, "The Kaiser and German Weltpolitik: Reflections on Wilhelm II's Place in the Making of German Foreign Policy", in Röhl e Sombart (orgs.)
_____, *The Rise and Fall of the Great Powers*, Londres, Unwin Hyman, 1988
Kerensky, Alexander, e Bulygin, Paul, *The Murder of the Romanovs*, Londres, Hutchinson, 1935
Kershaw, Ian, *Hitler*, vol. I, Londres, Allen Lane, 1998
King, Greg, *The Court of the Last Tsar*, Nova Jersey, John Wiley, 2006
Klausen, Inge-Lise, *Alexandra of Wales, Princesse fra Danmark*, Copenhague, Lindhardt-og Ringhof, 2001
_____, *Dagmar, Zarina fra Danmark*, Copenhague, 1997
_____, *Tak for dansen Louise*, Copenhague, Aschehoug, 2003
Knox, *With the Russian Army, 1914-1917*, 2 vols., Londres, Hutchinson, 1921
Kohut, Thomas A., *Wilhelm II and the Germans*, Oxford, OUP, 1991
_____, "Kaiser Wilhelm II and his parents", em Röhl e Sombart (orgs.)
Kokovtsov, conde Vladimir, *Out of My Past*, H. H. Hisher (org.), Stanford, Stanford University Press, 1935

Koss, Stephen E., *Lord Haldane, Scapegoat for Liberalism*, Nova York, Columbia University Press, 1969
Kschessinska, Matilde, *Dancing in Petersburg*, Londres, Dance Books, 2005 (Gollancz, 1960)
Lamsdorff, N., *Dnevnik*, Moscow, 1926
Laqueur, Walter, *Russia and Germany, a Century of Conflict*, Londres, Weidenfeld, 1965
Lee, Alan J., *The Origins of the Popular Press in England 1855-1914*, Londres, Croom Helm, 1976
Lee, sir Sidney, *Edward VII: A Biography*, 2 vols., Londres, Macmillan, 1927
Lees-Milne, James, *Harold Nicolson*, vol. 2 1929-1968, Londres, Chatto, 1981
Lepsius, Johannes, Bartholdy, Albrecht Mendelssohn, Thimme, Friedrich (orgs.), *Die Grosse Politik der Europäischen Kabinette, 1871-1914: Sammlungen der Diplomatischen Akten des Auswartigen Amtes* (reproduzido em texto como *GP* + nº do volume)
Lerman, Katherine, *The Chancellor as Courtier, Bernhard von Bülow and the Governance of Germany*, Cambridge, CUP, 1990
Lieven, Dominic, *Nicholas II, Emperor of All the Russias*, Londres, John Murray, 1993
_____, *Russia and the Origins of the First World War*, Nova York, St Martin's Press, 1983
_____, *The Aristocracy in Europe, 1815-1914*, Nova York, Columbia University Press, 1993
_____, "Pro-Germans and Russian Foreign Policy 1890-1914", in *International History Review*, 2, nº 1, janeiro de 1980
Lincoln, William Bruce, *The Romanovs Autocrats of All the Russias*, Londres, Weidenfeld, 1981
Lloyd George, David, *Letters to Family 1885-1936*, A. J. P. Taylor (org.), Oxford, OUP, 1973
_____, *War Memoirs*, 3 vols., Londres, Odhams Press, 1938
Longford, Elizabeth, *Victoria RI*, Londres, Weidenfeld, 1964
Ludwig, Emil, *Wilhelm der Zweite*, Berlin, Ernst Rowhlt Verlags, 1926
Lutyens, Mary (org.), *Lady Lytton's Court Diary*, Londres, Rupert Hart Dayis, 1961
McDonald, David, *United Government and Foreign Policy in Russia 1900-1914*, Cambridge, MA, Harvard University Press, 1992
Macdonald, Peter, *United Government and Foreign Policy in Russia 1900-1914*, Cambridge, MA, 1992
MacDonogh, Giles, *The Last Kaiser*, Londres, Weidenfeld, 2000
MacKenzie, David, *Imperial Dreams, Harsh Realities: Tsarist Russian Foreign Policy, 1815-1917*, Fort Worth, Harcourt Brace, 1994
McLean, Roderick, *Royalty and Diplomacy in Europe 1890-1914*, Cambridge, CUP, 2001
Magnus, sir Philip, *Edward VII*, Londres, John Murray, 1964
Mallet, Marie, *Life with Queen Victoria*, Londres, John Murray, 1968
Mansergh, Nicholas, *The Coming of the First World War*, Londres, Longman, 1949
Marder, Arthur, *The Anatomy of British Sea Power*, Nova York, Knopf, 1940
_____, *From Dreadnought to Scapa Flow; The Royal Navy in the Fisher Era*, vol. I (de 5), Oxford, OUP, 1978 (2ª ed.)
Marie, grã-duquesa da Rússia, *Things I Remember*, Londres, Cassell, 1930
Marie, grã-duquesa da Rússia [aparentemente outra pessoa], *A Romanov Diary*, Nova York, Atlantic, 1988
Marie, rainha da Romênia, *The Story of My Life*, Londres, Cassell, 1934
Mary Louise, princesa, *My Memories of Six Reigns*, Londres, Evans Brothers, 1956
Massie, Robert K., *Nicholas and Alexandra*, Londres, Gollancz, 1967 (reedição Indigo, 2000)
_____, *Dreadnought*, Nova York, Ballantine Books, 1992
Maylunas, Andrei, e Mirolenko, Sergei, *A Lifelong Passion, Nicholas and Alexandra Their Own Story*, Londres, Weidenfeld, 1996
Mombauer, Annika, *Helmuth von Moltke and the Origins of the First World War*, Cambridge, CUP, 2001

_____, *The Origins of the First World War: Controversies and Consensus*, Harlow, Longman, 2002
Mombauer, A. e Deist, W. (orgs.), *The Kaiser, New Research on Wilhelm II's Role in Imperial Germany*, Cambridge, CUP, 2003
Morley, John, *Recollections*, 2 vols., Londres, Macmillan, 1918
Morris, Edmund, *Theodore Rex*, Londres, HarperCollins, 2002
Morris, James (Jan), *Pax Britannica*, 3 vols., Londres, Faber, 1978 (reeditado em 1998)
Morrow, Anne, *Cousins Divided, George V and Nicholas II*, Stroud, Sutton, 2006
Mossolov, A. A., *At the Court of the Last Tsar*, trad. E. W. Dickes, Londres, Methuen, 1935
Nabokov, Vladimir, *Speak, Memory*, Londres, Vintage, 1989
Neilson, Keith, *Britain and the Last Tsar*, Oxford, Clarendon Press, 1995
Newnes, George, *HRH, the Prince and Princess of Wales*, Londres, William Clowes and Sons Ltd, 1902
Newton, *Lord Lansdowne: A Biography*, Londres, Macmillan, 1929
Nicolau II, *Journal Intime de Nicholas II*, trad. A. Pierre Agrege, Paris, Payot, 1925
_____, *The Letters of the Tsar to the Tsaritsa, 1914-1917*, trad. A. L. Hynes, Londres, Bodley Head, 1929
Nicolson, Harold, *Diaries and Letters 1945-1962*, Nigel Nicolson (org.), Londres, Collins, 1968
_____, *George V, His Life and Reign*, Londres, Constable, 1952
Nish, Ian, *The Origins of the Russo-Japanese War*, Londres, Longman, 1985
Oppel, Bernhard F., "The Waning to a Traditional Alliance, Russia and Germany during the Portsmouth Peace Conference", *Central European History* 5, dezembro de 1972
Paget, Walpurga, lady, *Scenes and Memories*, Londres, Nova York, Scribner's Sons, 1912
_____, *Embassies of Other Days*, 2 vols., Londres, Hutchinson, 1923
Pakula, Hannah J., *An Uncommon Woman, The Empress Frederick*, Londres, Weidenfeld, 1996
_____, *The Last Romantic: Marie, Queen of Roumania*, Londres, Weidenfeld, 1986
Paléologue, Maurice, *An Ambassador's Memoirs*, 3 vols., Nova York, George H. Doran, 1923-5
Pares, Bernhard, *The Fall of the Russian Monarchy*, Londres, Jonathan Cape, 1939
Penner, C. B., "The Buelow-Chamberlain Recriminations of 1901-1902", in *The Historian*, 1907, vol. 5, edição 2, p. 97-109
Pipes, Richard, *Russia under the Old Regime*, Londres, Penguin, 1982
_____, *The Russian Revolution, 1899-1924*, Londres, Penguin, 1994
Pless, Daisy, princesa de, *From My Private Diary*, Londres, John Murray, 1931
Plumptre, George, *Edward VII*, Londres, Pavilion, 1995
Ponsonby, Arthur, *Henry Ponsonby*, Londres, Macmillan, 1943
Ponsonby, Frederick (org.), *Letters of the Empress Frederick*, Londres, Macmillan, 1928
_____, *My Recollections of Three Reigns*, Londres, Odhams Press, 1935
Pope-Hennessy, James, *Queen Mary*, Londres, Allen and Unwin, 1959
_____, *A Lonely Business*, P. Quennell (org.), Londres, Orion, 1981
Pugh, Martin, *We Danced All Night*, Londres, Bodley Head, 2008
Radzinsky, Edvard, *The Last Tsar, The Life and Death of Nicholas II*, Londres, Hodder, 1992
Radziwill, princesa Catherine, *The Intimate Life of the Last Tsarina*, Londres, Cassell, 1927
Ramm, Agatha (org.), *Beloved and Darling Child, Last Letters between Queen Victoria and Her Eldest Daughter, 1886-1901*, Stroud, Sutton, 1990
Redesdale, lorde, *Memories*, 2 vols., Londres, Hutchinson, 1916
Reinermann, Lothar, *Der Kaiser in England*, Paderborn, Schoningh, 1999
Ribblesdale, lorde, *Impressions and Memories*, Londres, Cassell, 1927
Rich, Norman, *Friedrich von Holstein*, 2 vols., Cambridge, CUP, 1965

Roberts, Andrew, *Salisbury, Victorian Titan*, Londres, Weidenfeld, 1999
Rodzianko, M., *The Reign of Rasputin: An Empire's Collapse*, Londres, Philpot, 1927
Röhl, John, "The Emperor's New Clothes", em Röhl e Sombart (orgs.)
_____, *Philipp Eulenburgs Korrespondenz*, 2 vols., Boppard, 1976
_____, *Young Wilhelm, The Kaiser's Early Life, 1859-1888*, vol. 1 (de 3), trad. Gaines e Wallach, Cambridge, CUP, 1998
_____, *The Kaiser and His Court*, Cambridge, CUP, 1994
_____, *Germany without Bismarck*, Londres, Batsford, 1967
Röhl, John, e de Bellaigue, Sheila, *Wilhelm II, the Kaiser's Personal Monarchy 1888-1900*, Cambridge, CUP, 2004
Röhl, John, e Sombart, Nicolaus (orgs.), *Kaiser Wilhelm II — New Interpretations*, Cambridge, CUP, 1983
Rose, Kenneth, *George V*, Londres, Weidenfeld, 1983 (nova ed., Phoenix Press, 2000)
Rosen, R. R., *40 Years of Diplomacy*, 2 vols., Londres, Allen and Unwin, 1922
Sackville-West, Vita, *The Edwardians*, Londres, Hogarth Press, 1930
Sarolea, Charles, *The Anglo-German Problem*, Londres, Nelson, 1912
Sazonov, Sergei, *Fateful Years*, Nova York, Stokes, 1928
Snyder, Timothy, *The Red Prince*, Londres, Bodley Head, 2008
Somervell, D. C., *King George the Fifth*, Londres, Faber, 1935
Sösemann, Bernd, "Hollow-sounding Jubilees: Forms and Effects of Public Self-display in Wilhelmine Germany", em Mombauer e Deist (orgs.)
St Aubyn, Giles, *Edward VII, Prince and King*, Londres, Collins, 1979
Steinberg, Jonathan, "The Kaiser and the British: The State Visit to Windsor, November 1907", em Röhl e Sombart (orgs.)
_____, *Yesterday's Deterrent, Tirpitz and the Birth of the German Battltefleet*, Londres, Macdonald, 1965
Steiner, Zara, *The Foreign Office and Foreign Policy, 1898-1914*, Cambridge, CUP, 1969
Steiner e Neilson, *Britain and the Origins of the First World War*, Basingstoke, Palgrave Macmillan, 2003
Stone, Norman, *Europe Transformed*, Londres, Fontana, 1983
Strachan, Huw, *The First World War*, Londres, Simon and Schuster, 2003
Taylor, A. J. P., *The Struggle for Mastery in Europe, 1848-1918*, Oxford, OUP, 1971
The Times, *The History of The Times*, vol. 3, 1884-1902, The Times, 1947
Topham, Anne, *Chronicles of the Prussian Court*, Londres, Hutchinson, 1926
Townley, lady Susan, *"Indiscretions" of Lady Susan*, Nova York, Appleton, 1922
Trevelyan, G. M., *Grey of Fallodon*, Londres, Longman, 1940
Tuchman, Barbara, *The Proud Tower*, Londres, Hamish Hamilton, 1966
van der Kiste, John, e Hall, Coryne, *Once a Grand Duchess: Xenia, Sister of Nicholas II*, Stroud, Sutton, 2002
Verner, Andrew M., *The Crisis of Russian Autocracy*, Princeton, Princeton University Press, 1990
Vitória, rainha, *The Letters of Queen Victoria, first series, 1837-1861*, 3 vols., Benson, A. C. e Visconde de Esher (orgs.), Londres, John Murray, 1908 (reproduzido em texto como *LQV* 1.1 etc.)
_____, *The Letters of Queen Victoria*, segunda série, 1862-1885, 3 vols., Buckle (org.), G. E., Londres, John Murray, 1926
_____, *The Letters of Queen Victoria*, terceira série, 1886-1901, 3 vols. (vol. 1, 1886-90; vol. 2, 1891-5; vol. 3, 1896-1901), Buckle, G. E. (org.), Londres, John Murray, 1931
Viereck, Sylvester, *The Kaiser on Trial*, Londres, Duckworth, 1938
Vierhaus, Rudolf (org.), *Das Tagebuch der Baronin Spitzemberg, Göttingen*, Vandenhoek und Ruprecht,

1961
Vorres, Ian, *The Last Grand Duchess*, Londres, Hutchinson, 1964
Vyrubova, Anna, *Memories of the Russian Court*, Londres, Macmillan, 1923
Waldersee, conde Alfred, *Denkwürdigkeiten*, 2 vols., Stuttgart, Deutsche Verlags-Anstalt, 1922
Warwick, Frances, condessa de, *Afterthoughts*, Londres, Cassell, 1931
Waters, general, W. H.-H., *Potsdam and Doom*, Londres, John Murray, 1935
Weintraub, Stanley, *Victoria*, Londres, John Murray, 1897
_____, *The Importance of Being Edward, King in Waiting, 1841-1901*, Londres, John Murray, 2001
Wickham Steed, *Through 30 Years*, 2 vols., Londres, Heinemann, 1924
Wilson, A. N., *The Victorians*, Londres, Arrow, 2003
Wilson, John, *CB, A Life of Campbell-Bannerman*, Londres, Constable, 1973
Winder, Robert, *Bloody Foreigners: The Story of Immigration to Britain*, Londres, Abacus, 2005
Windsor, duque de, *A King's Story*, Londres, Putnam, 1951
_____, *A Family Album*, Londres, Cassell, 1960
Witte, conde Serguei, *The Memoirs of Count Witte*, trad. A. Yarmolinsky, Londres, Heinemann, 1921
Woodward et al., *Great Britain and the German Navy*, Oxford, OUP, 1935
Young, Kenneth, *Balfour*, Londres, Bell and Sons, 1963
Yusupov, príncipe Felix, *Lost Spendour*, Londres, Cape, 1953
Zedlitz-Trützschler, conde Robert zu, *Twelve Years at the Imperial Court*, Londres, Nisbet, 1924
Zola, Emile, *Nana*, trad., Londres, Penguin, 1973

Arquivos

RA — Arquivo Real, Castelo de Windsor
Auswartiges Amtes e Geheimes Staatsarchiv, Berlim
GARF Arquivo de Estado da República da Rússia

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Lyuba Vinogradova, sem dúvida a decana dos pesquisadores russos, por me ajudar em Moscou e por fazê-lo com tamanha perfeição. E a Philip Oltermann, por seu trabalho com os documentos e arquivos alemães, por ser de tão agradável companhia no trabalho e por não rir do meu lastimável alemão. Obrigada também a Jasper Heinzen, Charlotte Riley e Julie Elkner pela leitura do manuscrito e por algumas correções das mais necessárias. Devo também agradecer a David Cannadine. Fiquei em grande débito com meu agente e amigo Bill Hamilton e minhas brilhantes editoras Juliet Annan e Carol Janeway, cujos comentários e sugestões contribuíram incomensuravelmente para o aperfeiçoamento deste livro, e que se mostraram extremamente pacientes comigo. Fiquei também imensamente grata à minha exemplar editora de texto, Bela Cunha, que transformou uma missão potencialmente assustadora num (quase) prazer, ao mesmo tempo me dando muito prazer em trabalhar com ela. Desnecessário dizer que quaisquer erros que acaso tenham sido restabelecidos no texto são da minha inteira responsabilidade.

Documentos do Arquivo Real em Windsor são citados por generosa permissão de Sua Majestade, a Rainha. Excertos das cartas entre a rainha Vitória e a imperatriz Frederica nos quatro volumes editados por Roger Fulford e Agatha Ramm são citados por amável autorização da rainha e do landgrave Moritz von Hessen. Trechos da biografia de Jorge V escrita por Kenneth Rose são reproduzidos com autorização da Phoenix House (editora).

Gostaria de agradecer ao Geheimes Staatsarchiv e ao arquivo da Auswartiges Amtes em Berlim, assim como ao Arquivo de Estado da Federação Russa, GARF, em Moscou, por generosamente me autorizarem a citar documentos seus. Gostaria de agradecer ao Arquivo de Estado de Documentos Fotográficos e Cinematográficos de Krasnogorsk por ter encontrado magníficas imagens inéditas. No Arquivo Real em Windsor, Jill Kelsey foi de grande ajuda e paciência, e na Real Coleção Fotográfica, Lisa Heighway disponibilizou uma série de álbuns com imagens maravilhosas; devo-lhe um muito obrigada.

Este livro foi escrito em grande parte com base em pesquisas de outros autores. Devo registrar em particular meu débito com o trabalho de sir John Röhl

sobre o cáiser e a Alemanha guilhermina, especialmente sua notável biografia de Guilherme, em três partes, que oferece páginas e páginas de novos e fascinantes documentos biográficos, e o *George V* de Kenneth Rose.

Finalmente, gostaria de agradecer a meu marido, John Lanchester, pelas refeições quentes, os conselhos e o constante apoio em momentos muito difíceis, e pedir-lhe que me perdoe pelos gritos e o mau humor.

Caderno de fotos



1. Guilherme com a mãe Vicky e a irmã Carlota, 1860.



2. Guilherme aos 4 anos, de uniforme das Terras Altas da Escócia no casamento do tio Eduardo.



3. Guilherme no fim da adolescência, com Vicky, antes da separação.



4. Guilherme com seu famoso bigode e trajando um dos inseparáveis uniformes. Mesmo seu entourage o considerava “obcecado pela questão dos trajes e aparências”, 1891.



5. “Dispensando o piloto”, comentário da revista *Punch* à demissão de Bismarck por Guilherme, 1890.



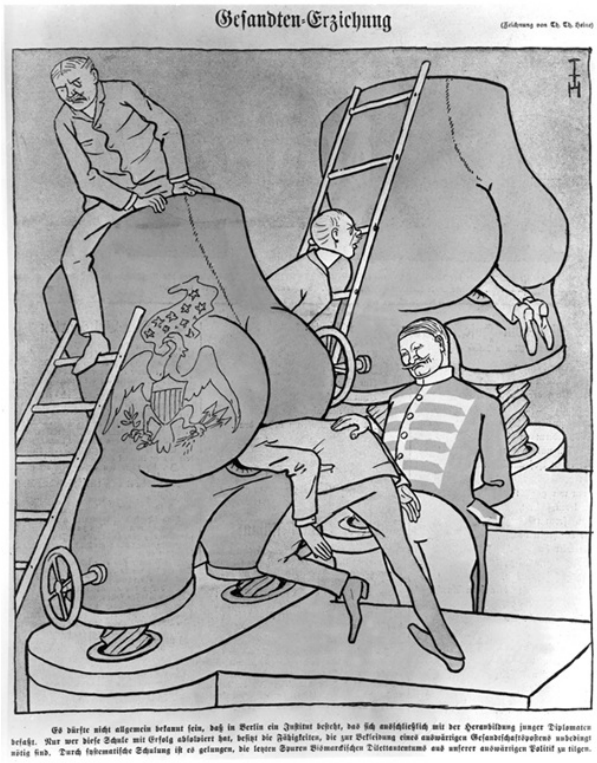
6. “Às ordens de Sua Majestade!” O cáiser como *paterfamilias* e chefe militar: desde o início do reinado de Guilherme, seus filhos eram convocados a contribuir para sua imagem pública.



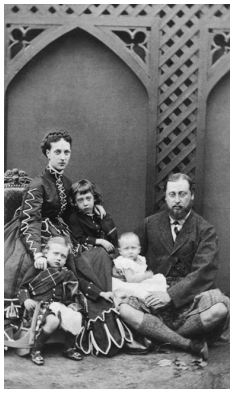
7. Augusta Vitória, mulher de Guilherme, conhecida como “Dona”. Dando-lhe incondicional apoio e dedicação, era considerada por ele terrivelmente chata.



8. Guilherme e Dona na Inglaterra durante a Guerra dos Bôeres, em 1899. Em homenagem a sua avó, o cáiser trajava excepcionalmente roupas civis.



9. Em 1903-4, a diplomacia alemã já tinha tal reputação por suas desajeitadas bajulações e intimidações que a revista satírica alemã *Simplicissimus* publicou esta caricatura sobre o treinamento dos jovens diplomatas.



10. Alexandra e Bertie com Eddy (*em pé*), Jorge (*à frente*) e a pequena Luísa, cultivando o hábito da família real de passarem-se por escoceses, c. 1868. Jorge tinha cerca de 3 anos.



11. Alexandra com Jorge, aos 13 anos, o menor e mais jovem cadete naval da Escola Naval de Dartmouth. “Ninguém pode, ou jamais irá, ficar entre mim e meu querido menino Jorge”, ela escreveu.



12. Visita de família no verão em Amalienborg, a residência em Copenhage do rei Cristiano e da rainha Luísa da Dinamarca. Presentes os britânicos, os Romanov e os membros da família real dinamarquesa. Jorge (*de pé*) e Nicolau, no carrinho de bebê (*ambos no canto esquerdo*).



13. Bertie com a família, ao fim dos anos 1870, a bordo do iate *Victoria and Albert*. Eddy, ao fundo, Jorge, à direita, e as três filhas, Luísa, Tória e Maud.



14. Alberto Vítor, “Eddy”, e Jorge, quando ainda não usava barba, ao fim da década de 1880.



15. Jorge e May após o noivado, com a rainha Vitória, 1893. A rainha, então com 74 anos, nunca olhava na direção da câmera.



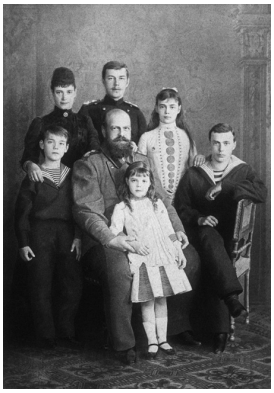
16. Depois da dominação de territórios chineses em 1898, uma caricatura francesa mostra Guilherme e a rainha Vitória disputando um pedaço de torta representando a China, enquanto Nicolau observa e um governador oficial chinês ergue os braços horrorizado.



17. As duas paixões de Jorge eram as caçadas e a coleção de selos.



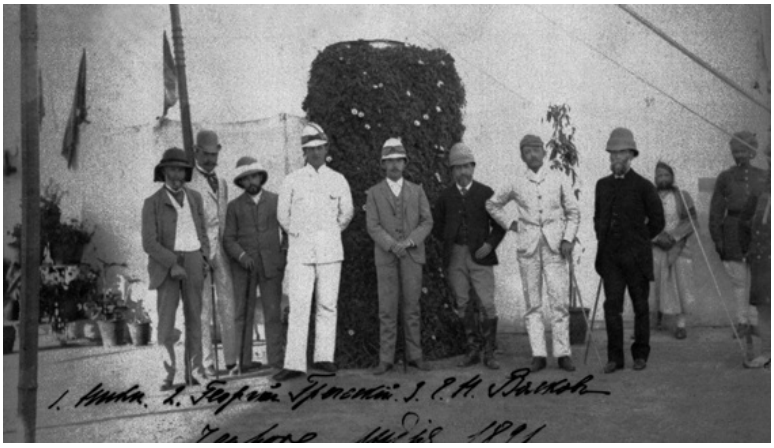
18. Nicolau com as irmãs Xênia (*centro*) e Olga (*à direita*).



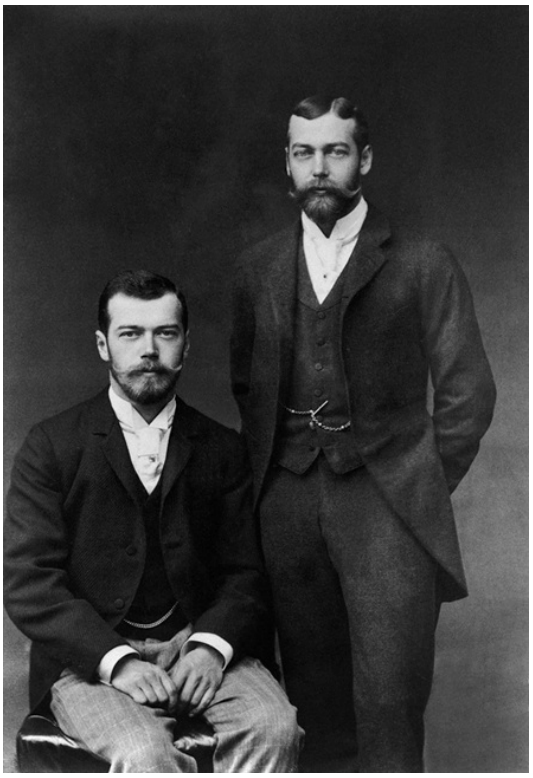
19. O tsar Alexandre III com a família, *em sentido horário, a partir do canto superior esquerdo*: Minny, Nicolau, Xênia, Jorge, Olga e Miguel.



20. Jorge e Nicolau com os irmãos de Jorge, Eddy e Luísa, em Fredensborg, a residência de verão da família real dinamarquesa, 1889.



21. Nicolau (*centro*, de terno cinza e chapéu branco) com o séquito em Jobindram durante sua viagem pela Índia, 1891. Nicolau reclamou do "fato insuportável de estar cercado mais uma vez pelos ingleses e de ver suas capas vermelhas por toda parte".



22. Nicolau e Jorge em Londres, julho de 1893. Os dois eram constantemente confundidos.



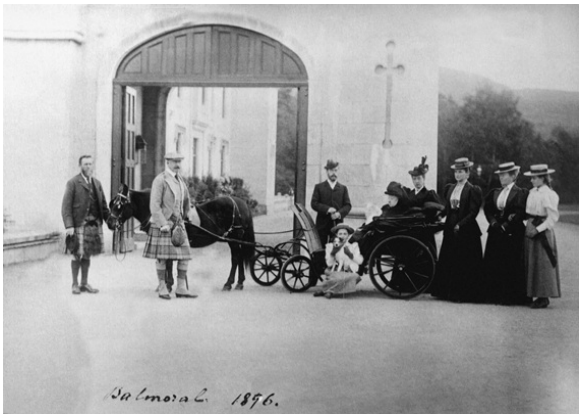
23. Alexandra, ou “Alicky”, aos 11 anos. A rainha Vitória a considerava a criança mais bela que jamais vira.



24. Nicolau e Alexandra em Coburgo, logo após ela ter aceitado seu pedido de casamento, 1894.



25. Fotografia de família em Coburgo, 1894, depois do casamento de “Ducky” e Ernesto, irmão de Alexandra, e o noivado de Nicolau e Alicky. Guilherme está no canto inferior esquerdo; Nicolau e Alicky ao seu lado; a rainha Vitória está sentada no meio, ao lado de Vicky, a mãe de Guilherme.



26. Balmoral, 1896: a rainha Vitória na carruagem puxada a pônei, com Nicolau atrás e Alix, como ele a chamava, à direita.



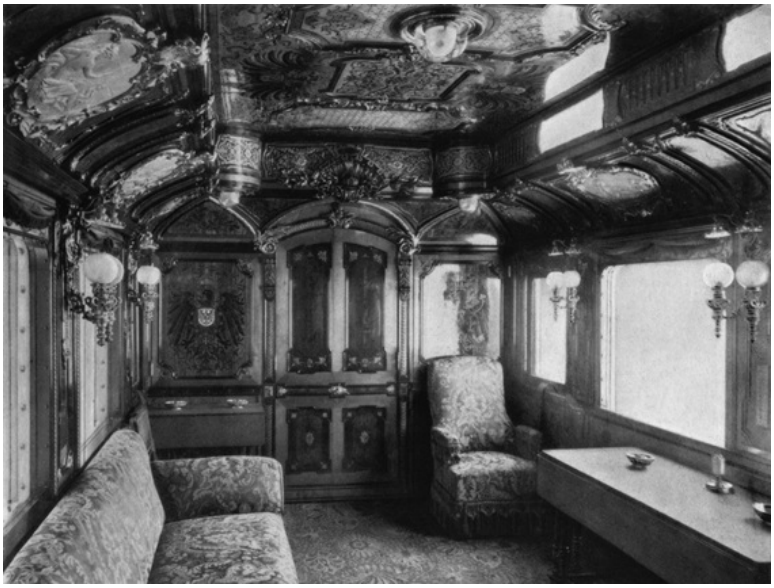
27. Nicolau e Alexandra com a primeira filha, Olga, em Balmoral na companhia da rainha Vitória e Bertie, 1896. Nicolau se referia à rainha Vitória como “uma grande bola redonda sobre pernas vacilantes”.



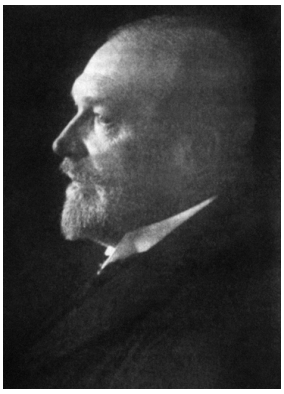
28. Nicolau e Alexandra em trajes medievais de tsar e tsarina, c. 1903.



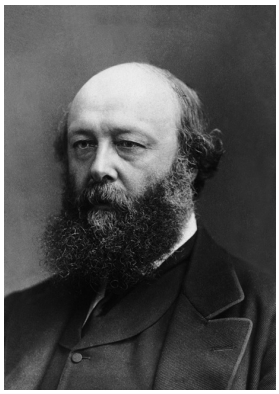
29. Guilherme com a expressão “decidida” que adotava para ser fotografado, com o famoso bigode já plenamente desenvolvido, no uniforme dos hussardos da “cabeça da morte”, o regimento prussiano famoso por infligir medo nos inimigos.



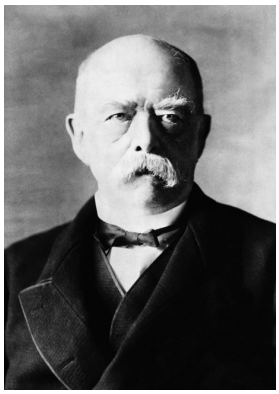
30. O salão do novo trem imperial de Guilherme, um dos 11 vagões dourados, 1891.



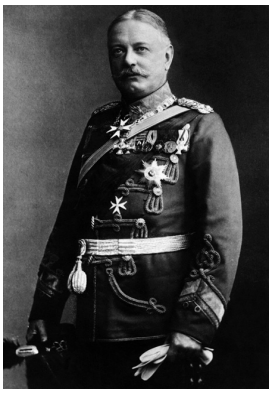
31. Filipe de Eulemburgo.



32. Lord Salisbury.



33. Otto von Bismarck.



34. Bernhard von Bülow.



35. Guilherme a bordo do *Hohenzollern*, início da década de 1900, com seu ar “decidido”. Após tornar-se cáiser, ele praticamente não voltaria a ser fotografado em atitude mais relaxada.



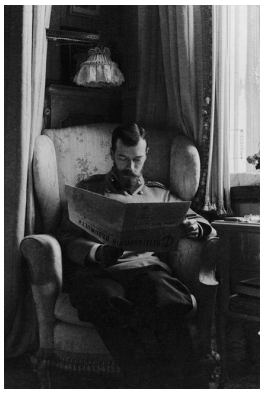
36. Eduardo, agora rei, com os filhos de Jorge, novamente em trajes escoceses, 1903.



37. Eduardo e Guilherme. Note-se que os olhares não se cruzam, c. 1901.



38. Uma de várias fotografias informais tiradas de “brincadeira” em Hesse-Darmstadt, casa do irmão de Alix, Ernie, um dos poucos lugares onde Alix (*sentada*) e Nicolau (*atrás, à esquerda*) se sentiam realmente de férias. Vitória Melita, esposa de Ernie conhecida como “Ducky” (*sentada*), fugiria com o primo de Nicolau, o grão-duque Cirilo (*à direita dele*), anos depois.



39. Nicolau no *boudoir* roxo de Alexandra, c. 1900-04.



40. Nicolau e Alexandra com seus filhos Olga, Maria, Tatiana, Anastácia e Alexis, c. 1910. Ele devia ter 42 anos e ela, 38.



41. Caricatura alemã da Entente Cordiale, 1906. John Bull, personificação nacional da Grã-Bretanha, sai com uma prostituta francesa enquanto a Alemanha (com direito ao bigode do cáiser) tenta parecer indiferente.



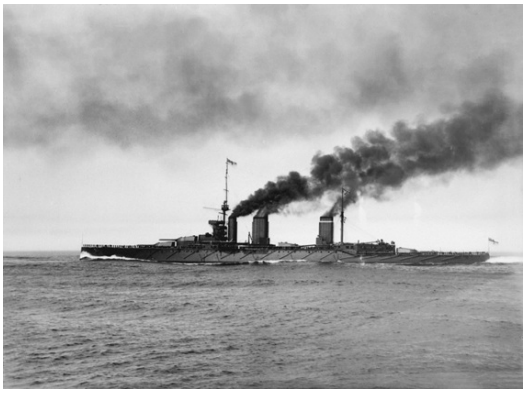
42. Nicolau, com a corte russa investida de toda pompa, inaugura Duma, a primeira assembleia eleita da Rússia, 1906. Um cortesão disse da nova Duma: “Eles davam a impressão de um bando de criminosos que apenas esperam um sinal para se lançar sobre os ministros e cortar-lhes a garganta.”



43. Nicolau e Alix recebendo Guilherme em Peterhof, c. 1912. Peterhof era famosa pelos ventos.



44. Guilherme e Nicolau caminham pelo iate imperial russo *Standart*, Swinemünde, 1907.



45. Navio de guerra britânico a caminho de Kronstadt, junho de 1914.



46. Cruzadores blindados alemães, 1907.



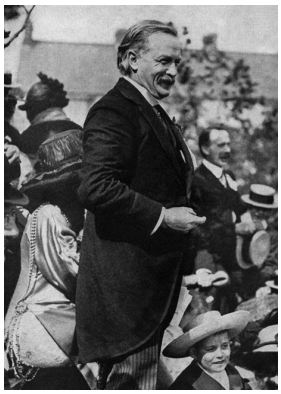
47. Guilherme e Nicolau em caçada na Alemanha.



48. Nicolau examina a lente da câmera no Parque Neskuchnoe, Moscou, maio de 1896.



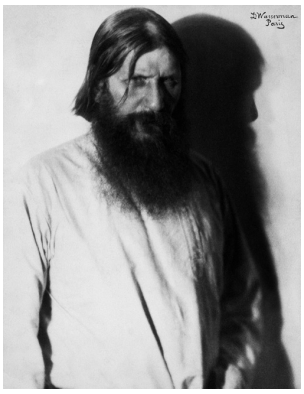
49. Serguei Witte, principal ministro de Nicolau.



50. Lloyd George, o político liberal britânico detestado por Jorge.



51. Bethmann-Hollweg, chanceler de Guilherme na época da guerra.



52. Grigori Rasputin.



53. Nicolau (*esquerda*) e Jorge (*direita*) de uniformes britânicos em Barton Manor, na ilha de Wight, julho de 1909.



54. Fotografia de família tirada na ilha de Wight em 1909. *Da esquerda para a direita, de pé*: futuro Eduardo VIII, Alexandra, Maria (filha de Jorge), Tória (irmã de Jorge), Olga, Tatiana; *da esquerda para a*

direita, sentados: May, Nicolau, Eduardo, Alix, Jorge, Maria; no chão: Alexis e Anastácia.



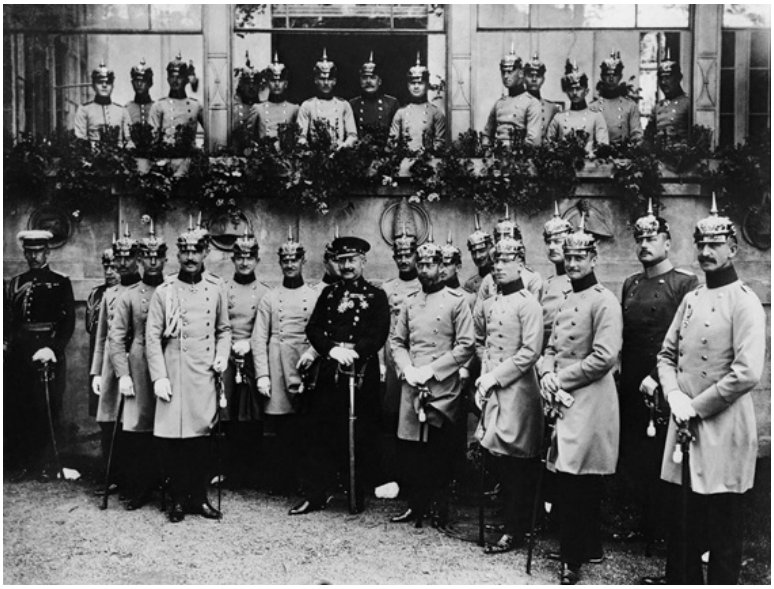
55. Nove monarcas no funeral do rei Eduardo VII. *A partir do canto superior esquerdo*: Haakon VII da Noruega, Ferdinando da Bulgária, Manuel de Portugal, Guilherme, Jorge I da Grécia, Alberto da Bélgica; *sentados*: Afonso XIII da Espanha, Jorge, Frederico XII da Dinamarca.



56. Jorge e Maria, seu novo nome, em trajes de gala.



57. Nicolau e Guilherme no casamento de Vitória, filha do cáiser, em junho de 1913. A última vez em que os três se encontraram.



58. Jorge e Guilherme com dragões prussianos, 1913.



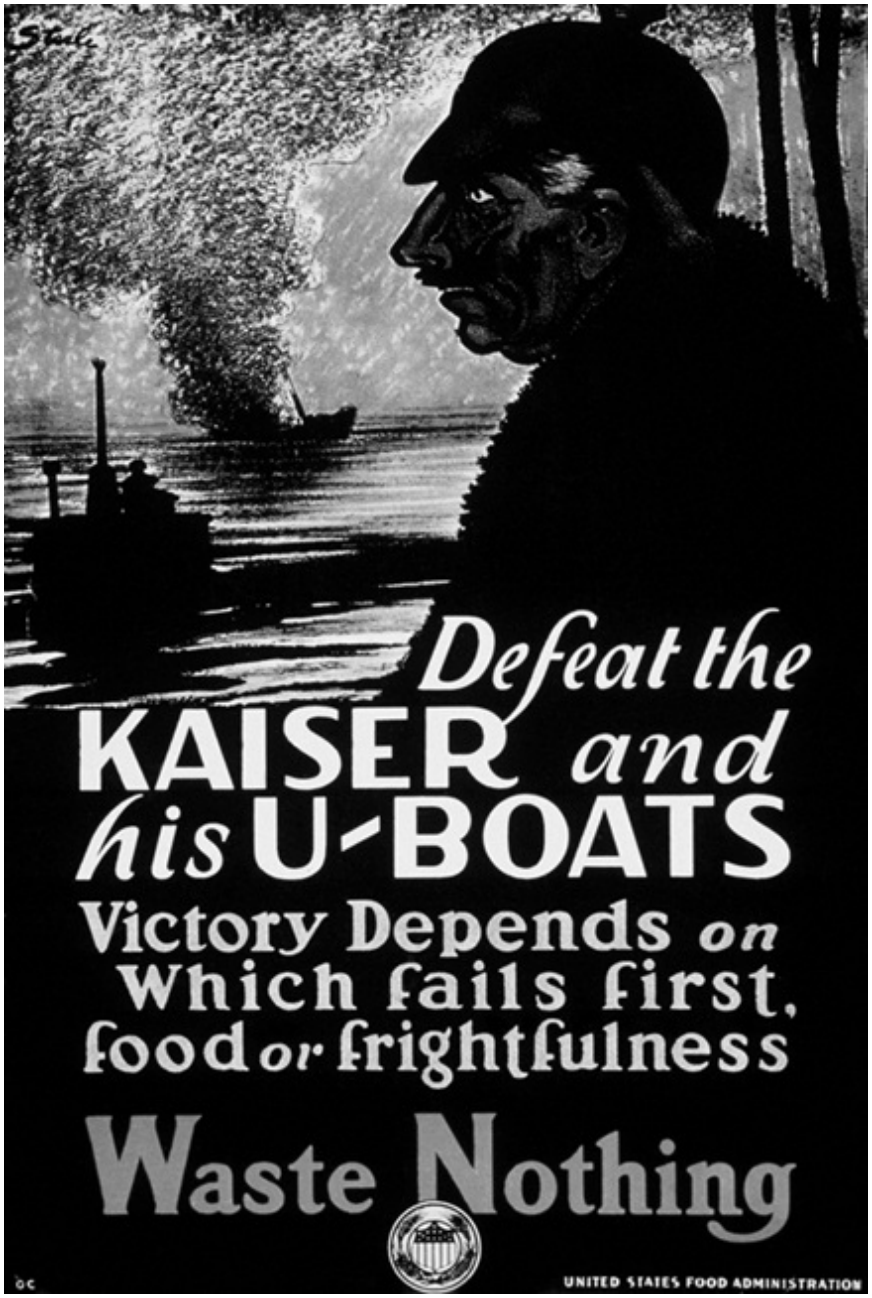
59. Nicolau e Jorge no casamento de Vitória, 1913.



60. Primeira Guerra Mundial: Guilherme com Hindenburg e Ludendorff, os dois generais que viriam a sobrepujá-lo.



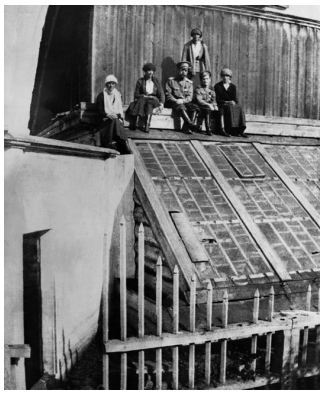
61. Jorge com (*da esquerda para a direita*) marechal Joffre, presidente da França Raymond Poincaré, marechal Foch e general Haig, que teve seu apoio frente a Lloyd George.



62. “Derrotem o cáiser e seus U-Boots. A vitória depende do que minguar primeiro, comida ou medo. Não desperdicem nada.” Propaganda britânica e americana transformava Guilherme em um monstro sinistro, insuflando suas tropas a cometerem atrocidades sempre piores.



63. Nicolau depois da abdicação. Ele passava boa parte do tempo cortando lenha.



64. Os Romanov tomando sol em Tobolsk, sua primeira parada na Sibéria antes do destino final, Ecaterinburg, onde seriam mortos em julho de 1918.



65. Jorge em 1923, a caminho da abertura do parlamento. A guerra lhe deixou cicatrizes.



66. Sempre preocupado com a pose Guilherme exilado na Holanda, 1938